



Donna Woolfolk Cross

PAPISA JOANA



GERAÇÃO

EDITORIAL

DONNA WOOLFOLK CROSS



PAPISA JOANA

ROMANCE

TRADUÇÃO

Paulo Schmidt



PAPISA JOANA

Copyright © 2009 by Donna Woolfolk Cross

4ª edição – abril de 2012

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Editor e Publisher
Luiz Fernando Emediato

Diretora Editorial
Fernanda Emediato

Produtor Editorial
Paulo Schmidt

Assistente Editorial
Diego Perandr 

Capa
Alan Maia

Imagem da capa
**Fusão das pinturas Deus Pai, de Hubert van Eyck, e
Alma Parens, de Adolphe William Bouguereau**

Projeto Gráfico
Genildo Santana/ Lumiar Design

Revisão
M rcia Benjamm

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(  mara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cross, Donna Woolfolk
Papisa Joana: romance / Donna Woolfolk Cross ; tradução de
Paulo Schmidt. -- São Paulo: Geração Editorial, 2011.

Título original: Pope Joan

ISBN 978-85-6150-125-9

1. Ficção norte-americana I. Título.

09-04361

CDD:813

 ndices para catálogo sistemático

1. Ficção: Literatura norte-americana 813

GERAÇÃO EDITORIAL

Rua Gomes Freire, 225/229 — Lapa
CEP: 05075-010 — São Paulo — SP
Telefax.: (+ 55 11) 3256-4444
Email: geracaoeditorial@geracaoeditorial.com.br
www.geracaoeditorial.com.br
twitter: [@geracaobooks](https://twitter.com/geracaobooks)

Para meu pai, William Woolfolk,
*sem mais palavras
a acrescentar*



AGRADECIMENTOS

Pela assistência na minha pesquisa sou grata a Lucy Burgess de Cornell, a Caroline Suma do Instituto Pontifício para Estudos Medievais em Toronto, a Eileen DeRycke da Universidade de Syracuse, a Elizabeth Lukacs da Faculdade Lemoyne, ao dr. Paul J. Dine, ao dr. Arthur Hoffman, ao sr. John Lawrence, bem como à equipe bibliotecária das faculdades Vassar e Hamilton, da Universidade da Pensilvânia e da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. Especiais agradecimentos a Linda McNamara, Gail Rizzo e Gretchen Roberts da Faculdade Comunitária Onondaga, que trabalharam com energia e engenhosidade inesgotáveis para obter numerosos livros raros para mim, de várias bibliotecas, tanto neste país quanto no exterior. Obrigada também a Lil Kinney, Liz Liddy e Susan Brown, pesquisadoras hábeis que conseguiram desenterrar grande quantidade de informação pouco conhecida sobre o século IX.

Várias pessoas leram o manuscrito em estágios diversos, acrescentando-lhe seus próprios conhecimentos especiais. Sou grata ao dr. Joseph Roesch, a Roger Salzmänn, Sharon Danley, Thomas McKague, David Ripper, Ellen Coin, Maureen McCarthy, Virginia Ruggiero, John Starkweather e à minha mãe, Dorothy Woolfolk. Suas sugestões tornaram o livro incomensuravelmente melhor.

Também gostaria de agradecer à minha agente, Jean Naggar, que aceitou se arriscar com um manuscrito parcial; a Irene Prokop, minha primeira editora na Crown, cujo entusiasmo pelo livro foi tão encorajador; e a Betty A. Prashker, que substituiu Irene.

Devo a mais profunda gratidão àqueles que me apoiaram e animaram ao longo de sete anos de pesquisa e de escrita: minha

filha Emily e meu marido Richard, guerreiros da vanguarda; minha cunhada, Donna Willis Cross, que acreditou em mim e neste livro mesmo quando minha própria fé em ambos vacilava; Mary Putman, que carregou fardos extras a fim de que eu pudesse estar livre para escrever; Patricia Waelder e Norma Chini, fiéis aliadas que se empenharam em fazer com que eu tivesse todo o tempo ininterrupto que precisasse; Susan Francesconi, cuja companhia durante nossas longas caminhadas juntas tanto fez para conservar minha sanidade; Joanna Woolfolk, Lisa Strick, James MacKillop e Kathleen Eisele. Como disse Shakespeare: “Sou rico em meus amigos”.

Acima de tudo, gostaria de agradecer ao meu pai, William Woolfolk, a quem este livro é justificadamente dedicado: sem sua orientação e incentivo constantes ele jamais teria sido escrito.



PRÓLOGO

Era o vigésimo oitavo dia de Wintarmanoth¹, no ano de Nosso Senhor de 814, durante o inverno mais rigoroso de que se tem lembrança.

Hrotrud, a parteira do vilarejo de Ingelheim, lutava com a neve enquanto se dirigia à *grubenhause*² do cônego. Uma lufada de vento gélido através das árvores cobriu-a de dedos de gelo, que buscavam buracos e remendos na sua roupa de lã delgada. A trilha da floresta estava bloqueada pela nevasca, a cada passo a parteira afundava quase até os joelhos. A neve endurecia suas sobrancelhas e pestanas; ela enxugava o rosto para poder enxergar. Suas mãos e pés doíam de frio, apesar das camadas de trapos de linho com que os envolvera.

Um borrão preto despontou na trilha adiante. Era um corvo morto. Até essas resistentes aves de rapina estavam morrendo de fome nesse inverno, pois seus bicos não podiam rasgar a carne dos cadáveres congelados. Hrotrud estremeceu e apressou o passo.

Gudrun, a mulher do cônego, entrara em trabalho de parto um mês antes do esperado. *Bela época para ter filhos*, pensou Hrotrud amargamente. *Cinco crianças nascidas só no último mês, e nenhuma durou mais de uma semana.*

Uma rajada de neve cegou a parteira, que por um instante perdeu de vista a trilha mal delineada. Isso lhe causou pânico. Mais de um aldeão morrera dessa forma, perdido, vagando em círculos pertinho de casa. Ela forçou a si mesma a ficar quieta enquanto a neve redemoinhava à sua volta, até que o vento amainou e ela pôde enxergar a trilha de novo e seguir em frente. Não mais sentia dor nas mãos e pés: não os sentia mais! Ela sabia o que isso significava, mas procurou manter a calma.

Uma tontura começava a acometê-la; fazia vários dias que não comia nada. *Se tudo correr bem, vou me banquetear hoje à noite. Talvez, se o cônego ficar contente, eu leve até toucinho para casa.* O pensamento renovou-lhe as energias.

Hrotrud emergiu na clareira, distinguindo logo à frente os contornos pouco nítidos da *grubenhau*. A neve era mais profunda ali, sem árvores para peneirá-la, mas ela seguiu adiante, abrindo caminho com pernas e braços fortes, confiante de que a segurança estava próxima.

Chegando à porta, bateu uma vez e já foi entrando: estava frio demais para preocupar-se com bons modos. Lá dentro, ficou piscando na escuridão, pois a única janela da casa fora vedada para o inverno, e toda a luz provinha da lareira acesa e de umas poucas velas de sebo fumegantes, espalhadas pelo aposento. Após um instante os seus olhos começaram a se ajustar, e ela discerniu dois meninos sentados perto do fogo.

— A criança já nasceu? — perguntou Hrotrud.

— Ainda não — respondeu o garoto mais velho.

Hrotrud murmurou uma prece de agradecimento a são Cosme, padroeiro das parteiras. Mais de uma vez ela fora assim privada de seu pagamento, mandada embora sem um denário sequer pelo incômodo de ter vindo.

Aproximando-se da lareira, descascou os trapos congelados das suas mãos e pés, gritando de aflição ao ver a doentia cor azul esbranquiçada. *Nossa Senhora, não deixe que congelem!* Pouca serventia teria uma parteira aleijada no vilarejo. Elias, o sapateiro, havia perdido seu ganha-pão dessa forma. Apanhado por uma nevasca quando voltava de Mainz, as pontas dos seus dedos caíram depois de uma semana. Agora, esquelético e esfarrapado, estava sempre agachado à porta da igreja, forçado a viver de esmolas.

Sacudindo a cabeça com apreensão, Hrotrud beliscou e esfregou seus dedos e artelhos dormentes, observada em silêncio pelos meninos. Vê-los deixou-a mais confiante. *Será um parto simples*, disse a si mesma, tentando não pensar no pobre Elias. *Afinal, ajudei Gudrun a dar à luz esses dois com bastante facilidade.* O mais velho devia estar com quase seis invernos, um garoto robusto, de

expressão inteligente e atenta. Seu bochechudo irmão mais novo, de uns três anos, balançava-se para frente e para trás, chupando o dedo morosamente. Ambos eram morenos como o pai; nenhum herdara o extraordinário cabelo dourado-branco da sua mãe saxã.

Hrotrud lembrou-se com que perplexidade os aldeões haviam encarado o cabelo de Gudrun quando o cônego a trouxera, voltando de uma de suas viagens missionárias à Saxônia. Inicialmente, causara forte comoção o cônego ter tomado uma mulher. Alguns diziam que era contra a lei, que o imperador emitira um decreto proibindo homens da Igreja de terem esposas. Outros achavam que não, que sem uma esposa um homem ficava sujeito a todo tipo de tentação e perversidade. Vejam os monges de Stablo³, diziam, que envergonham a Santa Igreja com suas fornicações e bebedeiras. Ao passo que o cônego era, com certeza, um homem sóbrio e trabalhador.

O aposento estava aquecido, a grande lareira com uma pilha de toras de bétula e carvalho, grandes ondas de fumaça elevando-se ao buraco no teto de colmo. Era uma morada aconchegante. As vigas que formavam as paredes eram de madeira pesada e grossa, e as frestas entre elas calafetadas com palha e argila, para manter o frio do lado de fora. A janela única havia sido vedada com sólidas tábuas de carvalho, uma proteção adicional contra os *nordostroni* ou frígidos ventos inverniais soprados do nordeste. A casa era grande o bastante para ser dividida em três compartimentos separados, um contendo o dormitório do cônego e sua mulher, um para os animais que se abrigavam do inverno rigoroso — Hrotrud ouviu ruído de cascos à sua esquerda — e aquele, o aposento central, onde a família trabalhava, comia, e onde as crianças dormiam. À exceção do bispo, cuja casa era feita de pedra, ninguém em Ingelheim possuía uma casa melhor.

Os membros de Hrotrud começaram a comichar e pulsar com renovada intensidade. Ela examinou seus dedos: estavam ásperos e secos, mas o tom azulado fora substituído por um saudável tom vermelho rosado. Ela suspirou aliviada, decidida a fazer uma oferenda a são Cosme em ação de graças. Por alguns minutos, Hrotrud desfrutou o calor do fogo; depois, com um aceno de cabeça

e um afago encorajador na cabeça dos meninos, deu a volta na divisória, ao encontro da parturiente, que aguardava.

Gudrun jazia numa cama de turfa encimada com palha fresca. O cônego, um homem trigueiro cujas grossas sobrancelhas juntas davam-lhe uma permanente expressão de severidade, estava sentado ali, à parte. Ele cumprimentou Hrotrud com a cabeça e voltou a atenção para o grande livro com capa de madeira sobre o colo. Hrotrud já vira o livro em visitas anteriores ao chalé, mas a visão dele ainda a deixava repleta de temor religioso. Era uma cópia da Bíblia Sagrada, e era o único livro que ela tinha visto na vida. Como os demais aldeões, ela não sabia ler nem escrever. Sabia, entretanto, que o livro era um tesouro, cujo valor em soldos de ouro superava o que o vilarejo todo ganhava em um ano. O cônego o trouxera consigo de sua Inglaterra natal, onde os livros não eram tão raros quanto na Francônia.

Hrotrud imediatamente viu que Gudrun encontrava-se em péssimo estado. Seu fôlego estava curto, sua pulsação perigosamente acelerada, seu corpo todo inchado. A parteira reconheceu os indícios. Não havia tempo a perder. Ela apanhou sua bolsa e tirou certa quantidade de esterco de pomba, o qual, voltando à lareira, atirou ao fogo, observando com satisfação a fumaça escura que se elevava, purificando o ar de espíritos malignos.

Ela precisaria aliviar a dor para que Gudrun pudesse relaxar e parir a criança. Para isso, usaria meimendo. A parteira apanhou um feixe de florzinhas amarelas com veios roxos, colocou-as num almofariz de barro e habilmente reduziu-as a pó, franzindo o nariz ante o odor acre que se desprende. Em seguida ela misturou o pó num copo de vinho tinto e o trouxe para Gudrun beber.

— O que é isso que pretende dar a ela? — perguntou bruscamente o cônego.

Hrotrud sobressaltou-se; quase se esquecera que ele estava lá.

— Ela está enfraquecida pelo trabalho de parto. Isto vai aliviar-lhe a dor e ajudar a criança a sair.

O cônego franziu o cenho. Ele apanhou o meimendo das mãos da parteira, deu a volta na divisória e atirou-o ao fogo, onde sibilou brevemente e depois sumiu.

— Isso é blasfêmia, mulher!

Hrotrud ficou horrorizada. Havia-lhe custado semanas de laboriosa busca juntar aquela pequena porção do precioso medicamento. Ela se voltou para o cônego, pronta para dar vazão à sua raiva, mas deteve-se ao ver o olhar empedernido dele.

— Está escrito — ele bateu no livro com a mão para dar ênfase —: “Entre dores darás à luz os filhos”. Esse remédio é pecaminoso!

A parteira estava, agora, indignada. Não havia nada de anticristão em seu remédio. Ela não tinha rezado nove padre-nossos cada vez que puxara uma das plantas da terra? O cônego, no entanto, nunca reclamou quando ela lhe deu meimendro para aliviar a dor das frequentes dores de dente dele. Mas ela preferiu não discutir. Ele era um homem influente. Uma palavra dele sobre práticas “pecaminosas”, e Hrotrud estaria arruinada.

Gudrun gemeu, sacudida por outro espasmo de dor. *Pois bem*, pensou a parteira. Se o cônego não permitia o meimendro, ela deveria recorrer a outra alternativa. Tirou de sua bolsa um longo pedaço de tecido, cortado no Verdadeiro Comprimento de Cristo, e amarrou-o apertado em volta do abdômen de Gudrun, que gemeu quando Hrotrud tentou mexê-la. Movimentos eram dolorosos para ela, mas não podiam ser evitados. A parteira também tirou da bolsa um pequeno pacote, cuidadosamente embrulhado num pedaço de seda, para proteção. Dentro dele estava um de seus tesouros: o osso do tornozelo de um coelho morto no dia de Natal. Com o maior cuidado, Hrotrud aparou três finas fatias e as colocou na boca da parturiente.

— Mastigue isto devagar — ela instruiu Gudrun, que acedeu fracamente. Hrotrud pôs-se a esperar. Com o rabo do olho, espiou o cônego, de cenho franzido sobre o seu livro, num estado de profunda concentração.

Gudrun gemeu de novo e contorceu-se de dor, mas o cônego nem ergueu os olhos. *Que sujeito frio*, refletiu Hrotrud. *Contudo, algum fogo ele deve ter, ou não a teria tomado como esposa.*

Quanto tempo transcorrera desde que o cônego havia trazido a mulher saxã para sua casa? Dez, onze invernos? À época Gudrun não era jovem, para os padrões francos, tinha já uns vinte e seis ou vinte e sete anos, mas era muito bonita, com seu longo cabelo auribranco e olhos azuis dos *aliengenæ*. Ela tinha perdido toda a

sua família no massacre em Verden. Milhares de saxões foram mortos nesse dia por não aceitar a verdade de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Bárbaros idiotas, Hrotrud pensou. *Comigo isso não teria acontecido*. Ela teria jurado qualquer coisa que lhe exigissem, ela o faria agora, inclusive, se os bárbaros invadissem de novo a Francônia, juraria por quaisquer deuses esquisitos e horrorosos que eles quisessem. Não mudaria nada. Quem haveria de saber o que se passava no coração de uma pessoa? Uma mulher sábia guardava segredo.

O fogo fischou e bruxuleou: estava enfraquecendo. Hrotrud foi à pilha de lenha amontoadada num canto, escolheu duas toras de bétula de bom tamanho, e colocou-as na lareira, observando enquanto assentavam, sibilantes, sobre as chamas que começavam a lambê-las, subindo e envolvendo-as. Depois, a parteira voltou para cuidar da parturiente.

Fazia meia hora que Gudrun ingerira as aparas de osso de coelho, sem melhora alguma no seu estado. Até aquele remédio milagroso havia falhado! As dores permaneciam insistentes e inúteis, debilitando a mulher.

Hrotrud suspirou pesadamente: teria de recorrer a medidas mais drásticas.

O cônego revelou-se um problema quando Hrotrud lhe disse que precisaria de ajuda para fazer o parto.

— Mande buscar as mulheres da aldeia — falou ele peremptoriamente.

— Impossível, senhor. Mandar quem? — Hrotrud ergueu as palmas de modo expressivo. — Eu não posso ir, pois sua esposa precisa de mim aqui. Seu filho mais velho não deve ir, pois embora pareça um garoto esperto, poderia se perder num clima desses. Eu mesma quase me perdi.

O cônego encarou-a por debaixo das sobrancelhas escuras.

— Pois muito bem — ele disse —: eu irei.

Levantou-se da cadeira, mas Hrotrud sacudia a cabeça impacientemente.

— Não vai adiantar. Quando o senhor voltar, será tarde demais. É da *sua* ajuda que eu preciso, e rápido, se quiser que sua esposa e seu bebê vivam.

— *Minha* ajuda? Ficou maluca, parteira? Isso — ele apontou com repugnância para a cama — é assunto sujo de mulher. Não quero nada com isso.

— Então, sua esposa morrerá.

— Está nas mãos de Deus, não minhas.

Hrotrud deu de ombros.

— Para mim dá no mesmo. Mas o senhor não vai achar fácil criar dois filhos sem uma mãe.

O cônego encarou Hrotrud.

— Por que eu deveria dar ouvidos a você? Ela deu à luz antes, sem problemas. Eu a fortaleci com minhas orações. Você não tem como saber se ela vai morrer.

Aquilo foi demais: cônego ou não, ninguém tinha o direito de pôr em dúvida a perícia dela como parteira.

— É o senhor que não sabe nada! — ela redarguiu asperamente.

— O senhor nem sequer a olhou. Olhe para ela primeiro, depois venha me dizer que ela não está morrendo!

O cônego foi até a cama e contemplou sua mulher. O cabelo úmido dela estava colado à pele, que havia ficado branco-amarelada, os olhos de pestanas escuras profundamente encovados. Se não fosse pela respiração vacilante, ela já poderia ser dada como morta.

— Então? — alfinetou Hrotrud.

O cônego voltou-se para ela.

— Pelo sangue de Jesus, criatura! Por que não trouxe as mulheres com você?

— Como o senhor mesmo disse, sua esposa deu à luz antes sem problema algum. Não vi motivo para esperar que desta vez haveria. Além disso, quem teria vindo com um tempo destes?

O cônego foi até a lareira e começou a andar de um lado para outro, agitado. Por fim, parou.

— O que você quer que eu faça?

Hrotrud sorriu amplamente.

— Ah, pouca coisa. — Ela o conduziu de volta para a cama. — Para começar, ajude-me a levantá-la.

Cada um de um lado dela, eles a seguraram por debaixo dos braços e ergueram. O corpo de Gudrun estava pesado, mas juntos conseguiram colocá-la em pé, ao que ela oscilou para o lado do marido. O cônego era mais forte do que Hrotrud havia pensado. Isso era bom, pois ela precisaria de toda a força dele para o que vinha a seguir.

— Precisamos posicionar o bebê para baixo. Quando eu mandar, levante-a o mais alto que puder, e sacuda-a com força.

O cônego concordou com a cabeça, a boca rigidamente fechada. Gudrun pendeu como um peso morto entre eles, a cabeça descaída sobre o peito.

— Levante! — gritou Hrotrud. Eles içaram Gudrun pelos braços e começaram a sacudi-la para cima e para baixo. Gudrun gritava e lutava para se soltar. Dor e pânico deram-lhe uma força surpreendente: eles dois mal podiam dominá-la. *Se ao menos ele tivesse me deixado dar o meimendo a ela*, Hrotrud pensou, *ela estaria semiconsciente agora*.

Rapidamente eles a abaixaram, mas ela continuava a se debater e gritar. Hrotrud deu a ordem de novo, e novamente eles içaram a parturiente, sacudiram-na, depois a deitaram sobre a cama, onde ela jazeu quase desmaiada, murmurando em sua língua bárbara nativa. *Ótimo*, pensou Hrotrud. *Se eu for rápida, tudo estará terminado antes que ela recupere os sentidos*.

Hrotrud procurou o canal de nascimento, tateando pela abertura no útero. Estava rija e inchada devido às longas horas de trabalho de parto ineficaz. Usando a unha do seu dedo indicador direito, que ela deixava comprida para esse propósito específico, Hrotrud rasgou o tecido resistente. Gudrun gemeu e ficou totalmente mole. Sangue morno derramou-se sobre a mão da parteira, descendo pelo braço dela, até a cama. Por fim ela sentiu a abertura cedendo. Com um grito exultante, Hrotrud alcançou a cabeça do bebê, exercendo uma branda pressão para baixo.

— Segure-a pelos ombros e empurre-a na minha direção — ela instruiu o cônego, cuja face havia empalidecido. Mesmo assim, ele obedeceu; Hrotrud sentiu a pressão aumentar à medida que o

cônego adicionava sua força à dela. Após alguns minutos, o bebê começou a descer pelo canal de nascimento. A parteira continuou puxando firmemente, com cuidado para não ferir os ossos macios da moleira e do pescoço da criança. Por fim, a parte superior da cabeça do bebê apareceu, coberta com uma boa massa de cabelo molhado. Hrotrud libertou a cabeça gentilmente, depois virou o corpo para permitir que o ombro direito, depois o esquerdo, emergissem. Com um último e firme puxão, o corpinho deslizou umidamente para dentro dos braços de Hrotrud.

— Uma menina — a parteira anunciou. — E forte, pelo visto — acrescentou, diante do choro vigoroso e da saudável coloração rosada.

Ela se voltou, deparando com o olhar desaprovador do cônego.

— Uma menina — repetiu ele. — Tanto esforço para nada!

— Não diga isso, senhor. — Hrotrud de repente temeu que a decepção do cônego significasse menos comida para ela. — A criança é forte e saudável. Deus permita que ela viva para louvar a memória do pai.

O cônego sacudiu a cabeça.

— Ela é um castigo de Deus. Um castigo pelos meus pecados... e os dela. — O cônego apontou Gudrun, que jazia, inerte. — Ela vai viver?

— Vai. — Hrotrud procurou soar convincente. Não podia dar-se ao luxo de deixar o cônego duplamente decepcionado. Ela ainda tinha esperanças de comer carne naquela noite. E havia, afinal, uma chance razoável de Gudrun sobreviver. Sim, aquele parto fora violento; após semelhante provação, muitas mulheres definhavam de febre e morriam. Mas Gudrun era forte; Hrotrud trataria a ferida dela com uma pomada de artemísia misturada com banha de raposa.

— Sim, se Deus quiser, ela viverá — repetiu a parteira, sem achar necessário acrescentar que Gudrun provavelmente não poderia ter mais filhos.

— Bom, já é alguma coisa — respondeu o cônego. Ele se dirigiu à cama e ficou olhando para a esposa. Gentilmente acariciou-lhe o cabelo branco-dourado, agora escurecido pelo suor. Por um instante

Hrotrud pensou que ele fosse beijar Gudrun. Então a expressão dele mudou, tornando-se severa, até zangada.

— *Per mulierem culpa successit* — disse ele. — Pela mulher adveio o pecado!

Ele largou a mecha e se afastou. Hrotrud sacudiu a cabeça. *Deve ser do Livro Sagrado, com certeza.* O cônego era um tipo esquisito, mas isso não era problema dela, graças a Deus. Ela procurou terminar logo de limpar o sangue e os fluídos fetais de Gudrun, a fim de voltar para casa enquanto ainda era dia.

Gudrun abriu os olhos e percebeu o cônego em pé diante dela. O início de um sorriso congelou em seus lábios assim que ela viu a expressão dos olhos dele.

— Marido? — ela perguntou, preocupada.

— Uma menina — disse o cônego friamente, sem disfarçar sua insatisfação.

Gudrun acedeu com a cabeça e virou a cara para a parede. O cônego deu a volta para ir embora, relanceando o olhar sobre o bebê, já instalado em segurança no seu catre de palha.

— Joana. O nome dela será Joana — ele anunciou, e saiu do quarto abruptamente.



Trovejou muito perto, acordando a criança. Ela se mexeu na cama, buscando o calor e conforto dos vultos adormecidos dos irmãos mais velhos. Então se lembrou: seus irmãos haviam partido.

Uma forte chuva primaveril enchia o ar da noite com o cheiro agridoce de terra recém-lavrada. Os pingos tamborilavam sobre a *grubenhau*s do cônego, mas o espesso telhado de colmo mantinha o aposento seco, exceto por dois cantinhos pelos quais grossas gotas pingavam no chão de terra batida.

O vento ficou mais forte e um carvalho vizinho começou a bater de modo arrítmico nas paredes do chalé. A sombra de seus ramos derramou-se pelo quarto. Transida de medo, a criança observava os monstruosos dedos escuros estendendo-se sobre a cama, prestes a agarrá-la. Ela se encolheu para trás.

Mamãe, pensou. Abriu a boca para chamar, mas parou; se emitisse algum som, a mão ameaçadora atacaria. Ficou imóvel, incapaz de convencer a si própria a se mexer. Então ergueu seu pequeno queixo de modo decidido. Precisava ser feito, ela o faria. Movendo-se muito vagorosamente, sem tirar os olhos do inimigo, ela saiu da cama. Seus pés sentiram a superfície fria do piso de terra; a sensação familiar tranquilizou-a. Quase sem respirar, afastou-se de costas na direção da divisória além da qual sua mãe estava dormindo. Relampejou; os dedos se estenderam, seguindo-a. Ela sufocou um grito, mas continuou movendo-se devagar, evitando sair correndo.

Estava quase lá. De repente, uma forte trovoadá ressoou, ao mesmo tempo em que algo tocava nela por trás. Ela soltou um gritinho, virou-se e fugiu para o outro lado da divisória, desviando da cadeira contra a qual dera de costas.

Essa parte da casa era escura e estática, exceto pela respiração ritmada da mãe. Pelo som a criança percebeu que ela estava profundamente adormecida; o barulho não a acordara. Joana correu para a cama e se meteu debaixo do cobertor de lã. Sua mãe jazia deitada ao seu lado, os lábios levemente afastados; seu hálito morno acariciava o pescoço da menina. Ela se aconchegou, sentindo a maciez do corpo da mãe através de sua delgada roupa de linho.

Gudrun bocejou e mudou de posição, despertando com o movimento. Seus olhos se abriram e observaram a criança sonolentemente. Então, totalmente desperta, estendeu as mãos e abraçou a filha.

— Joana — ela repreendeu gentilmente, seus lábios contra o cabelo macio da menina. — Você deveria estar dormindo, pequenina!

Falando alto, depressa e sem medo na voz, Joana contou a sua mãe a respeito da mão monstruosa.

Gudrun escutou, afagando a filha e tranquilizando-a. Gentilmente ela passou os dedos pelo rosto da criança, pouco visível na escuridão. Ela não era bonita, pensou Gudrun, pesarosa. Ela se parecia demais com *e/e*, com seu grosso pescoço inglês e queixada larga. O corpinho dela já era atarracado e truncado, não esbelto e gracioso como o do povo de Gudrun. Mas a criança tinha belos olhos, grandes, expressivos, verdes com anéis de fumaça cinza-escura no centro. Gudrun ergueu uma mecha do cabelo infantil de Joana e o acariciou, contente com o seu brilho, branco-dourado mesmo na escuridão. *Meu cabelo*. Não o cabelo áspero do seu marido e do cruel povo moreno dele. *Minha filha*. Ela enrolou os fios no seu dedo e sorriu. *Essa, pelo menos, é minha*.

Apaziguada pela atenção da mãe, Joana sossegou. Imitando-a, começou a puxar a longa trança de Gudrun, desfazendo-a até seu cabelo desabar sobre a sua cabeça. Joana ficou encantada com ele, espalhado como creme sobre a colcha de lã escura. Ela nunca tinha visto o cabelo da sua mãe solto. Por insistência do cônego, Gudrun sempre o usava bem trançado, oculto debaixo de um tosco gorro de linho. O cabelo da mulher, seu marido havia dito, é a rede na qual Satã captura a alma do homem. E o cabelo de Gudrun era

incrivelmente bonito, longo, macio e de pura cor brancodourada, sem um fio grisalho sequer, embora ela fosse agora uma velha de trinta e seis invernos.

— Por que Mateus e João foram embora? — perguntou Joana subitamente. Sua mãe já lhe explicara várias vezes, mas a menina queria ouvir de novo.

— Você sabe por quê. Seu pai levou-os consigo na viagem missionária dele.

— Por que eu não podia ir também?

Gudrun suspirou cheia de paciência. Como fazia perguntas aquela menina!

— Mateus e João são meninos; um dia serão sacerdotes, como seu pai. Você é menina, portanto esses assuntos não interessam a você. — Vendo que Joana não estava satisfeita com a explicação, ela acrescentou: — Além disso, você é jovem demais.

Joana ficou indignada.

— Eu fiz quatro anos em Wintarmanoth!

Os olhos de Gudrun acenderam-se de deleite ao contemplar o rosto rechonchudo da criança.

— Ah, claro, eu esqueci que você é uma garota crescida, não é? Quatro anos de idade! Praticamente uma adulta.

Joana ficou quieta enquanto sua mãe alisava o seu cabelo. Então perguntou:

— O que são pagãos?

Seu pai e seus irmãos haviam falado um bocado sobre isso antes de partirem. Joana não entendeu exatamente o que eram pagãos, mas teve a impressão de ser algo muito ruim.

Gudrun enrijeceu-se. Essa palavra tinha um efeito poderoso sobre ela. Estivera nos lábios dos soldados invasores enquanto saqueavam a sua casa e massacravam sua família e seus amigos. Os soldados morenos e cruéis do imperador franco Karolo. “Magno” era como as pessoas o chamavam, agora que ele estava morto. “Karolo Magno”. Carlos, o Grande. Será que as pessoas o chamariam assim, perguntou-se Gudrun, se tivessem visto o exército dele arrancando bebês saxões dos braços de suas mães, rodopiando-os antes de arrebentar suas cabeças contra as pedras avermelhadas?

Gudrun retirou sua mão do cabelo de Joana e deitou-se de costas.

— Você deve perguntar isso ao seu pai — respondeu.

Joana não entendeu o que fizera de errado, mas o tom áspero na voz da mãe fez com que a menina percebesse que seria mandada de volta para a sua própria cama se não pensasse num modo de consertar o estrago. Rapidamente ela disse:

— Conte-me de novo sobre os Antigos.

— Não posso. Seu pai me proibiu de contar essas histórias.

A resposta foi metade afirmação, metade pergunta. Joana soube, então, o que fazer. Colocando ambas as mãos solenemente sobre o coração, recitou o Juramento, exatamente como sua mãe lhe ensinara, prometendo guardar segredo em nome de Tor, o Trovejante.

Gudrun riu e puxou Joana para si outra vez.

— Está certo, codorninha. Vou lhe contar a história, já que você sabe pedir tão bem.

A voz dela ficou afetuosa de novo, nostálgica e melodiosa quando começou a contar sobre Voden, Tor, Freia e os outros deuses que haviam povoado sua infância saxã antes que os exércitos de Karolo trouxessem a Palavra de Cristo com sangue e fogo. Ela falou animadamente sobre Asgard, a morada radiante dos deuses, repleta de palácios de ouro e prata, que só podia ser alcançada atravessando Bifrost, a misteriosa ponte do arcoíris. Guardando a ponte estava Heimdall, o Vigia que nunca dormia, cujos ouvidos eram tão aguçados que ele podia escutar a grama crescer. Em Valhalla, o palácio mais bonito de todos, morava Voden, o pai dos deuses, em cujos ombros empoleiravam-se os corvos Hugin (Pensamento) e Munin (Memória). Em seu trono, enquanto os outros deuses se banquetavam, Voden contemplava o que Pensamento e Memória lhe diziam.

Contente, Joana fez que sim com a cabeça. Era a sua parte favorita da história.

— Conte-me sobre o Poço da Sabedoria — ela suplicou.

— Embora ele já fosse muito sábio — explicou sua mãe — Voden sempre buscava mais saber. Um dia ele foi ao Poço da Sabedoria, guardado por Mimir, o Sábio, e pediu um gole da água

do poço. “Qual preço pagarás?”, perguntou Mimir. Voden respondeu que Mimir podia pedir o que desejasse. “Sabedoria precisa sempre ser comprada com dor”, observou Mimir. “Se desejas beber desta água, deverás pagar por ela com um de teus olhos”.

Os olhos de Joana brilhavam de entusiasmo.

— E Voden pagou, não pagou, mamãe? Ele pagou!

Sua mãe fez que sim com a cabeça.

— Embora fosse uma escolha difícil, Voden concordou em perder um olho. Ele bebeu da água. Mais tarde, transmitiu à humanidade a sabedoria que havia adquirido.

Joana encarou a mãe com olhos bem abertos e sérios.

— A senhora teria pago, mamãe? Para ser sábia, para saber de tudo?

— Somente deuses fazem essas escolhas — respondeu Gudrun. No entanto, como o olhar inquisitivo da criança persistisse, confessou: — Não, eu não teria tido coragem.

— Nem eu — disse Joana pensativamente. — Mas gostaria de ter. Eu gostaria de saber o que o poço me diria.

Gudrun sorriu para a carinha atenta abaixo da sua.

— Acho que você não ia gostar de ouvir. Nosso povo tem um ditado: “O coração de um sábio quase nunca é alegre”.

Joana assentiu, mas não entendeu grande coisa.

— Agora fale sobre a Árvore — pediu, aconchegando-se à mãe de novo.

Gudrun começou a descrever Irminsul, a fabulosa árvore universal. Ela se erguera no bosque saxão mais sagrado, na nascente do rio Lippe. Seu povo a havia adorado até ser cortada pelos soldados de Karolo.

— Ela era muito linda — dizia sua mãe —, e tão alta que ninguém podia ver-lhe a copa. Ela...

Calou-se. Subitamente consciente de outra presença, Joana olhou para cima. Seu pai estava à porta.

— Marido — disse sua mãe, sentando-se na cama. — Não esperava a sua volta por mais uma quinzena.

O cônego não respondeu. Pegou um círio de uma mesa perto da porta e se dirigiu até a lareira, mergulhando-o nas brasas incandescentes até acendê-lo. Gudrun falou nervosamente:

— A menina estava assustada com as trovoadas, por isso pensei em confortá-la com uma historinha inocente.

— Inocente! — A voz do cônego tremeu com o esforço de controlar sua raiva. — Você chama essas blasfêmias de inocentes?

Ele cobriu a distância até a cama com duas passadas, largou o círio e puxou as cobertas, expondo as duas. Joana abraçava a mãe, semioculta sob uma cortina de cabelo dourado-branco.

Por um instante o cônego ficou perplexo, sem poder acreditar, fitando o cabelo solto de Gudrun. Então a fúria o dominou.

— Como se atreve! Eu proibi expressamente! — Agarrando Gudrun, ele começou a arrastá-la para fora da cama. — Bruxa pagã!

A menina aferrou-se à mãe. O rosto do cônego escureceu.

— Saia daqui, menina! — ele gritou.

Joana hesitou, dividida entre o medo e o desejo de proteger, de alguma forma, a sua mãe. Gudrun empurrou-a com aflição.

— Sim, vá! Vá depressa!

Largando-a, Joana saltou para o chão e correu. À porta, virou-se e viu seu pai agarrar sua mãe brutalmente pelo cabelo, puxando-lhe a cabeça para trás, forçando-a a ficar de joelhos. Joana começou a voltar para dentro do quarto, mas parou, aterrorizada, quando seu pai sacou do cinto encordado sua longa faca de caça com cabo de osso.

— *Forsachistu diabolae?* — ele perguntou a Gudrun em saxão, com voz sussurrada. Como ela não respondeu, ele encostou a ponta da faca na garganta dela. — Diga as palavras — rosnou ameaçadoramente. — Diga!

— *Ec forsacho allum diaboles* — Gudrun respondeu com lágrimas nos olhos chamejantes de desafio — *wuercum and wuordum, thunaer ende woden ende saxnotes ende allum...*

Paralisada de medo, Joana observou o pai puxar uma espessa mecha de sua mãe e atravessá-la com a faca. Houve um barulho de rasgadura enquanto os fios sedosos se partiam; um grande feixe de cabelo dourado-branco flutuou até o chão.

Tapando a boca com a mão para abafar um soluço, Joana virou-se e saiu correndo.

Na escuridão, foi de encontro a um vulto que tentou apanhá-la. Ela gritou de pavor ao ser agarrada. A mão monstruosa! Havia se

esquecido dela! A menina lutou, deu socos com seus punhos pequeninos, resistindo com toda a sua força, mas seu captor era grande e a imobilizou.

— Joana, Joana, está tudo bem! Sou eu!

As palavras dissolveram o medo. Era o seu irmão Mateus, de dez anos, que havia voltado com seu pai.

Joana ergueu a mão e sentiu a superfície lisa da cruz que Mateus sempre levava ao pescoço, e afundou nos braços dele, aliviada.

Sentaram-se juntos no escuro, escutando o ruído rasgado da faca aparando o cabelo da mãe de ambos. Em dado momento ouviram-na gritar de dor. Mateus praguejou em voz alta. Em resposta veio um soluço da cama onde João, o irmão de sete anos de Joana, estava escondido debaixo das cobertas.

Por fim, o barulho de rasgadura cessou. Após uma breve pausa, a voz surda do cônego ergueu-se em prece. Joana sentiu Mateus relaxar: havia terminado. Ela jogou os bracinhos ao redor do pescoço dele e chorou. Ele a abraçou e embalou-a gentilmente.

Após algum tempo, ela ergueu a cabeça para o irmão e disse:

— Papai chamou mamãe de pagã.

— Sim.

— Ela não é — Joana falou hesitantemente. — Ou é?

— Ela *era*. — Vendo o olhar de horrorizada incredulidade da irmã, Mateus acrescentou: — Faz muito tempo, agora já não é. Mas essas histórias que ela estava contando para você são pagãs.

Joana parou de chorar: essa informação era interessante.

— Você sabe o primeiro dos Dez Mandamentos, não sabe?

Joana fez que sim e recitou obedientemente:

— “Não terás outros deuses diante de mim”.

— Exato. Isso significa que os deuses de que mamãe estava falando com você são falsos; é pecado falar sobre eles.

— É por isso que o papai...

— É. Mamãe teve de ser punida para o bem de sua alma — explicou Mateus. — Ela desobedeceu ao marido, e isso também é contra a lei de Deus.

— Por quê?

— Porque está escrito no Livro Sagrado. — Ele começou a recitar: — “Pois o marido é a cabeça da esposa; portanto, que as esposas se submetam aos maridos em tudo”.

— Por quê?

— Por quê? — Mateus foi pego de surpresa. Ninguém jamais lhe perguntara isso antes. — Bom, acho que é porque... porque as mulheres são, por natureza, inferiores aos homens. Os homens são maiores, mais fortes e mais inteligentes.

— Mas... — Joana começou a retrucar, porém Mateus a cortou:

— Chega de perguntas, irmãzinha. Você deveria estar na cama. Venha.

Ele a carregou até a cama e a colocou ao lado de João, que já estava dormindo.

Mateus havia sido gentil com ela; em retribuição, Joana fechou os olhos e afundou debaixo das cobertas como se fosse dormir.

Mas estava inquieta demais para pegar no sono. Ficou deitada, observando João dormir de boca escancarada.

Ele não sabe recitar os Salmos e tem sete anos. Joana tinha apenas quatro, mas já sabia os dez primeiros salmos de cor.

João não era inteligente. Mas era um menino. Como podia Mateus estar errado? Ele sabia de tudo; ele seria um sacerdote, como o pai.

Ela permaneceu desperta no escuro, remoendo o problema na sua mente.

Quase ao amanhecer, adormeceu, agitada, e seu sono foi perturbado por sonhos sobre guerras enormes entre deuses ciumentos e irados. O arcanjo Gabriel em pessoa desceu do céu com uma espada flamejante para guerrear contra Tor e Freia. A batalha foi terrível e acirrada, mas no final os falsos deuses foram rechaçados, e Gabriel ficou triunfante diante dos portões do Paraíso. Sua espada havia desaparecido; na sua mão cintilava uma faca curta com cabo de osso.



2

O estilete de madeira movia-se rapidamente, formando letras e palavras na cera macia e amarela da tabuinha. Joana observava atentamente sobre o ombro de Mateus enquanto ele copiava a lição do dia. De vez em quando ele parava para agitar a chama da vela sobre a tabuinha, a fim de impedir que a cera endurecesse rápido demais.

Ela adorava ver o irmão trabalhando. O estilete de osso pontudo extraía da cera amorfa linhas que continham, para Joana, uma beleza misteriosa. Ela ansiava por entender o que cada marca significava, e acompanhava cada movimento do estilete com a maior atenção, como se pretendesse, dessa forma, descobrir o caminho para sua compreensão.

Mateus descansou o estilete e reclinou-se para trás na cadeira, esfregando os olhos. Joana aproveitou a chance e apontou uma palavra na tabuinha.

— O que diz aqui?

— Jerônimo. É o nome de um dos grandes Padres da Igreja.

— Jerônimo — ela repetiu devagar. — Soa parecido com o meu nome.

— Algumas letras são as mesmas — concordou Mateus, sorrindo.

— Mostre-me.

— É melhor não. Papai não vai gostar se descobrir.

— Ele não descobrirá. Por favor, Mateus — ela suplicou. — Eu quero saber. Por favor, mostre-me!

Mateus hesitou.

— Bom, acho que não há mal algum em ensinar você a escrever seu próprio nome. Talvez seja útil um dia, quando você for casada e tiver seu próprio lar para administrar.

Colocando a mão sobre a mãozinha dela, ele a ajudou a traçar as letras do seu nome: J-O-H-A-N-N-A, com um longo *a* curvado no final.

— Isso. Agora tente você.

Joana segurou firmemente o estilete, forçando os dedos naquela posição tensa e fazendo-os formar as letras que ela enxergava em sua mente. Chegou a gritar de frustração uma vez, quando não conseguiu que o estilete fosse aonde ela queria.

Mateus a confortou:

— Devagar, irmãzinha, devagar. Você só tem seis anos. Escrever não é fácil nessa idade. Foi quando eu comecei também, por isso eu lembro. Vá com calma, você vai acabar conseguindo.

No dia seguinte, ela acordou cedo e saiu. Na terra solta ao redor do cercado ela traçou as palavras repetidamente, até ter certeza de havê-las feito certo. Depois orgulhosamente chamou Mateus para testemunhar o trabalho manual dela.

— Puxa, está muito bom, irmãzinha! Muito bom mesmo. — Ele teve um sobressalto e murmurou, cheio de culpa: — Mas papai não deve saber disso. — E arrastou os pés na terra, apagando as marcas que ela fizera.

— Não, Mateus, não! — Joana tentou afastá-lo. Perturbados pelo barulho, os porcos iniciaram um coro de grunhidos.

Mateus curvou-se para abraçá-la.

— Está tudo bem, Joana. Não fique triste.

— M-mas você disse que minhas letras estavam boas!

— Elas *estão* boas. — Mateus estava até surpreso ao ver quão boas elas eram; melhores que as de João, que era três anos mais velho. Na verdade, se Joana não fosse uma menina, Mateus teria dito que ela seria um ótimo escriba um dia. Mas era melhor não enfiar ideias malucas na cabecinha dela. — Se eu deixasse as letras, papai poderia vê-las, por isso as apaguei.

— Você me ensina mais letras, Mateus? Ensina?

— Já lhe ensinei mais do que devia.

Ela retrucou com a maior seriedade:

— Papai não vai descobrir. Eu nunca vou contar a ele, prometo. E vou apagar as letras cuidadosamente quando terminar.

Seus olhos fundos cinza-esverdeados cravaram-se ansiosamente nos dele para fazê-lo concordar.

Mateus meneou a cabeça, pesaroso, mas divertido. Sua irmãzinha era realmente persistente. Com carinho ele sacudiu de leve o queixinho dela.

— Está bem — concordou. — Mas lembre-se: este será nosso segredo.

Depois disso, a coisa virou uma espécie de brincadeira entre eles. Sempre que surgia a oportunidade, embora não com a frequência que Joana gostaria, Mateus mostrava-lhe como traçar letras na terra. Ela era uma aluna ávida, e embora ciente das consequências, Mateus achava impossível resistir ao entusiasmo dela. Ele também adorava aprender. A curiosidade da irmã encontrava eco no coração dele.

No entanto, mesmo ele ficou chocado quando ela o procurou um dia carregando a grande Bíblia de capa de madeira que pertencia ao pai de ambos.

— O que está fazendo? — ele gritou. — Ponha isso de volta, você não devia tê-lo tocado!

— Ensine-me a ler.

— O quê? — A audácia dela era impressionante. — Francamente, irmãzinha, isso já é pedir demais.

— Por quê?

— Bom... para começar, ler é muito diferente de apenas aprender o abecedário. Duvido que você consiga aprender a ler.

— Por que não? Você aprendeu.

Mateus sorriu com indulgência.

— Sim, mas eu sou homem.

Não era exatamente verdade, ele ainda não completara treze invernos.

Quando chegasse aos catorze anos seria um homem feito. Mas ele gostava de reivindicar antecipadamente o privilégio, até porque sua irmãzinha não sabia a diferença.

— Eu *posso* — ela insistiu. — Sei que posso.

Mateus suspirou. Aquilo não ia ser fácil.

— Não é só isso, Joana. É perigoso. Não é natural uma garota ler e escrever.

— Santa Catarina lia e escrevia. O bispo disse isso no sermão, lembra? Ele disse que ela era amada por sua sabedoria e cultura.

— É diferente. Ela era uma santa. Você é apenas... uma menina.

Ela se calou. Mateus ficou satisfeito por ter vencido a discussão tão facilmente, pois sabia quão determinada sua irmãzinha podia ser. Ele estendeu a mão para a Bíblia.

Joana começou a devolvê-la, e então a puxou de volta.

— Por que Catarina é uma santa? — ela perguntou.

Mateus estacou, de mão ainda estendida.

— Ela era uma santa mártir que deu a vida por sua Fé. O bispo disse isso no sermão, lembra? — respondeu, imitando a irmã.

— Por que ela foi martirizada?

Mateus começou a perder a paciência.

— Ela desafiou o imperador Maxêncio e cinquenta sábios dele ao provar, por meio de um debate lógico, a falsidade do paganismo. Por causa disso ela foi punida. Agora vamos, irmãzinha, devolva o livro.

— Quantos anos ela tinha quando fez isso?

Que perguntas esquisitas aquela menina fazia!

— Não quero discutir mais esse assunto! — falou Mateus, exasperado. — Devolva o livro!

Joana recuou, apertando o livro firmemente contra si.

— Ela era velha quando foi a Alexandria debater com os sábios do imperador, não era?

Mateus refletiu se deveria arrancar o livro dela. Não, melhor não; a frágil encadernação poderia desmanchar-se, e então os dois estariam em apuros. Ele achou melhor continuar respondendo as perguntas infantis até que ela se cansasse do joguinho.

— Trinta e três anos, foi o que o bispo disse, a mesma idade de Cristo Jesus ao ser crucificado.

— E quando santa Catarina desafiou o imperador, ela já era admirada por sua cultura, como o bispo disse?

— É óbvio que sim — respondeu Mateus, condescendente. — De que outra forma ela poderia ter superado os homens mais sábios do império num debate?

— Então — o rostinho de Joana iluminou-se de triunfo — ela deve ter aprendido a ler *antes* de se tornar uma santa. Quando ela era apenas uma menina. Como eu!

Por um instante Mateus ficou sem fala, dividido entre irritação e surpresa. Então desatou a rir.

— Seu diabinho! Então era aí que você queria chegar! Bom, você tem vocação para polêmicas, não há dúvida.

Ela entregou-lhe o livro, sorrindo cheia de esperança.

Mateus segurou-o, sacudindo a cabeça. Que criaturinha estranha ela era, tão perguntadora, tão determinada, tão segura de si! Ela não era de modo algum como João ou qualquer outra criança que ele já conhecesse. Os olhos de uma sábia anciã cintilavam naquele rostinho infantil. Não admirava que as outras meninas do vilarejo não quisessem nada com ela.

— Está bem, irmãzinha — ele finalmente disse. — Hoje você começa a aprender a ler. — Ele viu a expectativa cheia de alegria nos olhos dela e se apressou em adverti-la. — Não espere muita coisa. É bem mais difícil do que você pensa.

Joana jogou os braços ao redor do pescoço do irmão.

— Eu amo você, Mateus!

Mateus desvencilhou-se do abraço dela, abriu o livro e disse rispidamente:

— Vamos começar aqui.

Joana debruçou-se sobre o livro, sentindo o pungente cheiro de pergaminho e madeira enquanto Mateus destacava o trecho: “Evangelho segundo São João, capítulo um, versículo um. *In principio erat verbum et verbum erat apud Deum et verbum erat Deus*. No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”.

...

O verão e o outono que se seguiram foram suaves e férteis: a colheita foi a melhor que o vilarejo via em anos. Mas em Heilagmanoth⁴ neveu e o vento veio do norte em gélidas rajadas. A janela da *grubenhause* estava entabulada contra o frio, a neve arremetia com força contra suas paredes, e a família ficava dentro

de casa a maior parte do dia. Era mais difícil para Joana e Mateus encontrar tempo para lições. Nos dias melhores o cônego ainda saía para praticar seu ministério, levando João consigo, deixando Mateus entregue a seus importantes estudos. Quando Gudrun ia à floresta apanhar lenha, Joana corria para a escrivaninha sobre a qual Mateus estava debruçado e abria a Bíblia no lugar onde haviam parado na lição anterior. Assim, Joana continuou a fazer rápido progresso, de modo que antes da Quaresma já aprendera quase todo o Evangelho segundo São João.

Um dia, Mateus tirou algo de sua carteira e entregou a ela com um sorriso.

— Para você, irmãzinha.

Era um medalhão de madeira preso a um laço de corda. Mateus colocou-o ao redor do pescoço de Joana; o medalhão ficou pendente na altura do seu peito.

— O que é? — perguntou ela.

— Algo para você usar.

— Ah — respondeu ela; então, percebendo que ainda faltava uma coisa, falou: — Obrigada.

Mateus riu ao ver a perplexidade dela.

— Olhe a parte da frente do medalhão.

Joana obedeceu. Talhada na superfície de madeira estava a figura de uma mulher. Era tosca, pois Mateus não era um artesão, mas os olhos da mulher eram bem feitos, até impressionantes, com sua expressão inteligente.

— Agora — mostrou Mateus — olhe a parte de trás.

Joana virou o medalhão. Em letras grossas seguindo a borda ela leu a inscrição “Santa Catarina de Alexandria”.

Com um grito, Joana apertou o medalhão contra o coração. Ela sabia o que o presente significava. Era a forma de Mateus reconhecer os dotes da irmã e a fé que ele tinha nela. Lágrimas brotaram de seus olhos.

— Obrigada — ela disse de novo, mas desta vez com sinceridade.

Ele sorriu para ela. Havia círculos negros ao redor de seus olhos; ele parecia cansado e extenuado.

— Está se sentindo bem? — ela perguntou, preocupada.

— Claro! — ele respondeu, com entusiasmo um pouco excessivo. — Vamos começar a lição?

Mas Mateus estava inquieto e distraído. Chegou a deixar passar um erro que ela cometeu, o que não era do feitio dele.

— Alguma coisa errada? — perguntou Joana.

— Não, não. Estou um pouco cansado, só isso.

— Vamos parar, então. Eu não me importo. Podemos continuar amanhã.

— Não, desculpe. Eu me distraí um pouco, só isso. Vamos ver, onde estávamos? Ah, sim. Leia o trecho de novo, e desta vez preste atenção ao verbo: *videat*, não *videt*.

No dia seguinte Mateus acordou queixando-se de dor de cabeça e garganta irritada. Gudrun deu a ele uma beberagem feita de leite quente, mel, cerveja e ervas.

— Você precisa ficar de cama o resto do dia — ela disse. — O filho da velha Wigbod está com fluxo de primavera; pode ser que você também esteja.

Mateus riu e falou que não era nada disso. Ele trabalhou várias horas em seus estudos, depois insistiu em sair para ajudar João a podar as videiras.

Na manhã seguinte ele teve febre e dificuldade para engolir. Até o cônego percebeu que ele parecia doente.

— Está dispensado dos seus estudos hoje — disse ele a Mateus. Era uma licença inaudita.

Eles chamaram alguém do monastério de Lorsch para ajudar, e dois dias depois o enfermeiro chegou e examinou Mateus, sacudindo a cabeça gravemente e murmurando a meia voz. Pela primeira vez Joana percebeu que o estado de seu irmão podia ser sério. A ideia era aterradora. O monge sangrou Mateus profusamente e esgotou todo o seu repertório de preces e talismãs sagrados, mas por volta da Festa de São Severino a condição de Mateus estava crítica. Ele caiu num estupor febril, sacudido por acessos de tosse tão violentos que Joana tapava os ouvidos para não escutar.

Durante o dia e pela noite adentro, a família manteve vigília. Joana ajoelhou-se ao lado da mãe no chão de terra batida. Estava

apavorada com a mudança da aparência de Mateus. A pele do rosto dele estava retesada, distorcendo as feições numa horrível máscara. Debaixo de seu rubor febril havia uma sinistra palidez cinzenta.

Acima deles, no escuro, a voz do cônego salmodiava monotonamente, recitando preces pelo restabelecimento do seu filho.

— *Domine Sancte, Pater omnipotens, aeterne Deus, qui fragilitatem conditionis nostrae infusa virtutis tuae dignatione confirmas...*

Joana pescava, sonolenta.

— Não!

Joana acordou de repente, ao ouvir o grito de sua mãe.

— Ele morreu! Mateus, meu filho!

Joana olhou para a cama. Nada parecia ter mudado. Mateus jazia imóvel como antes. Então ela reparou que a pele dele perdera seu rubor febril; estava completamente cinza, cor de pedra.

Ela tomou a mão dele: estava flácida, pesada, embora não tão quente como antes. Joana a segurou firme, apertando-a contra sua bochecha. *Por favor, não morra, Mateus.* Isso significaria que ele nunca mais dormiria ao lado dela e de João na cama grande; ela nunca mais o veria curvado sobre a escrivaninha de pinho, a fronte sulcada de concentração quando se empenhava nos seus estudos; nunca mais se sentaria ao seu lado enquanto o dedo dele se movia através das páginas da Bíblia, apontando palavras para ela ler. *Por favor, não morra.*

Pouco depois, ela foi afastada para que sua mãe e as mulheres do vilarejo pudessem lavar o corpo de Mateus e prepará-lo para o enterro. Quando terminaram, Joana teve permissão para se aproximar e se despedir do irmão. A não ser pelo inatural tom acinzentado da pele, o rapaz parecia estar apenas dormindo. Ela imaginou que se o tocasse ele acordaria, seus olhos se abririam e a contemplariam de novo com afeto brincalhão. Joana beijou-lhe a bochecha, como sua mãe lhe instruiu. Estava fria e estranhamente irresistente, como a pele do coelho morto que Joana havia tirado do abrigo resfriadouro na semana anterior. Ela se afastou depressa.

Mateus havia morrido.
Não haveria mais lições agora.

Ela estava ao lado do cercado, o olhar fixo nos trechos de terra preta que começavam a despontar sob a neve derretida, a terra em que ela havia traçado suas primeiras letras.

— Mateus — sussurrou.

Ajoelhou-se, a neve molhada penetrando seu manto de lã, encharcando até a pele. Ela sentiu muito frio, mas não podia voltar para dentro, pois havia algo que precisava fazer primeiro. Com o dedo indicador traçou as letras familiares do Evangelho segundo São João na neve.

Ubi sum ego vos non potestis venire. “Onde estou vós não podeis vir.”

• • •

— Nós todos faremos penitência — o cônego anunciou depois do enterro — para expiar os pecados que atraíram a ira de Deus sobre nossa família.

Ele fez Joana e João se ajoelharem em prece silenciosa sobre a rija tábua de madeira que servia de altar familiar. Eles ficaram lá o dia todo sem comer nem beber nada, até que finalmente, ao cair da noite, foram liberados para ir dormir na cama, que agora estava grande e vazia sem Mateus. João choramingava de fome. No meio da noite, Gudrun acordou-os, levando o dedo aos lábios em sinal de advertência. O cônego dormia. Rapidamente ela deu a eles vários pedaços de pão e um copo de madeira cheio de leite quente de cabra, toda a comida que ela se atreveu a surrupiar da despensa sem despertar a suspeita do marido. João devorou seu pão e continuou com fome; Joana dividiu sua porção com ele. Assim que terminaram, Gudrun levou o copo de madeira, ergueu o cobertor até o queixo deles e saiu. As crianças aninharam-se em busca de conforto e adormeceram rapidamente.

À primeira luz da aurora o cônego veio acordá-los, e mandou-os sem desjejum ao altar para continuar a penitência. A manhã veio e

foi embora, assim como a hora do jantar, e eles continuavam de joelhos.

Os raios de sol do fim da tarde incidiram sobre o altar, infiltrando-se pela rachadura na janela da *grubenhhaus*. Joana suspirou e mudou de posição sobre o altar improvisado. Seus joelhos estavam doloridos e seu estômago roncava. Ela lutava para se concentrar nas palavras da sua oração:

— *Pater Noster qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum...*

Era inútil. O desconforto da sua situação presente não lhe permitia.

Estava cansada, com fome e com saudades de Mateus. Joana se perguntava por que não havia chorado. Sentia a garganta e o peito oprimidos, mas as lágrimas não vinham.

Olhou o pequeno crucifixo de madeira pendurado na parede diante do altar. O cônego o havia trazido consigo de sua Inglaterra natal quando chegara para realizar seu trabalho missionário entre os saxões pagãos. Modelada por um artista da Nortúmbria, a imagem do Cristo tinha mais poder e precisão do que a maior parte do artesanato franco. O corpo estava estendido na cruz, os membros alongados e costelas emaciadas, a parte de baixo contorcida para enfatizar Sua agonia mortal, a cabeça caída para trás, deixando o pomo-de-adão saliente, lembrete algo desconcertante da Sua masculinidade. A madeira estava profundamente delineada de modo a salientar as trilhas de sangue saídas de Seus múltiplos ferimentos.

Embora poderosa, a imagem era grotesca. Joana sabia que deveria se sentir repleta de amor e devoção diante do sacrifício de Cristo, mas ao invés disso sentiu repulsa. Comparada com os deuses belos e fortes de sua mãe, essa figura parecia feia, abatida e derrotada.

Ao lado dela, João começou a choramingar. Joana segurou a mão dele. Castigos abalavam muito João. Ela era mais forte que ele, e sabia disso. Embora ele tivesse dez anos e ela sete, Joana achava totalmente natural acalenta-lo e protegê-lo, e não o contrário.

Lágrimas começaram a se formar nos olhos dele.

— Não é justo — falou.

— Não chore. — Joana receava que o barulho pudesse chamar a atenção de sua mãe, ou pior, de seu pai. — A penitência vai terminar logo.

— Não se trata disso! — respondeu ele com dignidade ofendida.

— Qual o problema, então?

— Você não entenderia.

— Conte-me.

— Papai vai querer que eu continue os estudos de Mateus. Eu sei que vai. E eu não consigo; não consigo!

— Talvez você consiga — falou Joana, embora percebesse por que seu irmão estava preocupado. Seu pai o chamara de preguiçoso e batera nele por não progredir nos estudos, mas não era culpa de João. Ele se esforçava, mas era lerdo, sempre fora.

— Não — João insistiu. — Eu não sou como Mateus. Sabia que papai planejava levá-lo para Aachen, a fim de conseguir que o aceitassem na Escola Palatina?

— Verdade? — Joana estava perplexa. A Escola Palatina! Ela não fazia ideia de que os planos de seu pai para Mateus eram tão ambiciosos.

— E eu ainda nem consigo ler Donato. Papai diz que Mateus sabia tudo sobre Donato aos nove anos, e eu tenho quase dez. O que é que eu faço, Joana? O que é que eu faço?

— Bom... — Joana tentou pensar em algo reconfortante para que ele ficasse quieto, mas o estresse dos dois últimos dias havia deixado João num estado inconsolável.

— Ele vai me bater! Eu sei que vai! — João agora se lamentava para valer. — *Eu não quero apanhar!*

Gudrun apareceu no umbral. Olhando nervosamente para o quarto atrás de si, ela correu para João.

— Pare com isso! Quer que seu pai escute você? Pare já com isso!

João levantou-se desajeitadamente do altar, jogou a cabeça para trás e abriu o berreiro. Alheio às palavras da mãe, ele continuou a se lamuriar, lágrimas correndo por suas bochechas cobertas de pústulas vermelhas.

Gudrun segurou João pelos ombros e sacudiu-o. A cabeça dele balançou de volta para frente; os olhos estavam fechados e a boca

escancarada. Joana ouviu o bater dos dentes dele quando a boca se fechou. Sobressaltado, o garoto abriu os olhos e viu a mãe. Gudrun o abraçou.

— Não chore mais! Por sua irmã e por mim, você precisa parar de chorar! Vai ficar tudo bem, João. Mas agora você precisa ficar quieto!

Ela o embalou, confortando-o e censurando-o ao mesmo tempo.

Joana observava pensativamente. Ela reconhecia que o irmão dissera a verdade. João não era esperto. Ele não poderia seguir os passos de Mateus. Mas... O rosto dela ruborizou-se de encantamento com a força da revelação que tivera.

— O que foi, Joana? — falou Gudrun, vendo a expressão estranha da filha. — Está se sentindo mal? — Ela ficou preocupada, pois era sabido que os demônios que carregavam enfermidades podiam demorar-se numa casa.

— Não, mamãe. Mas tive uma ideia, uma ideia maravilhosa!

Gudrun resmungou intimamente. Aquela menina era cheia de ideias que só a metiam em confusão.

— Sim?

— O papai queria que Mateus fosse para a Escola Palatina.

— Eu sei.

— E agora ele vai querer que João vá no lugar de Mateus. É por isso que João está chorando, mamãe. Ele sabe que não consegue, e está com medo de que papai fique zangado.

— E daí? — perguntou Gudrun, sem compreender onde a filha queria chegar.

— *Eu* consigo, mamãe. Eu posso continuar os estudos de Mateus.

Por um instante a mulher ficou chocada demais para responder. Sua filha, seu bebê, a filha que ela mais amava, a única com quem partilhara a língua e os segredos do seu povo... estudando os livros sagrados dos conquistadores cristãos! Que Joana pudesse sequer considerar tal coisa era profundamente ofensivo para sua mãe.

— Quanta bobagem! — disse Gudrun.

— Eu posso trabalhar duro — insistiu Joana. — Eu gosto de estudar e aprender sobre as coisas. Eu consigo, e aí João não terá que fazê-lo. Ele não é bom nisso.

Houve um soluço abafado de João, cuja cabeça ainda estava enfiada no peito da mãe.

— Você é uma garota; essas coisas não são para você — respondeu Gudrun encerrando o assunto. — Além disso, seu pai nunca aprovaria.

— Mas, mamãe, isso foi antes. As coisas mudaram. A senhora não vê? Talvez agora o papai mude de ideia.

— Eu a proíbo de falar sobre isso com o seu pai. Você deve estar fraca das ideias por falta de comida e descanso, como o seu irmão, do contrário nunca diria tais disparates.

— Mas, mamãe, se eu apenas pudesse mostrar a ele...

— Chega disso, já falei! — O tom de Gudrun não deixava margem para mais discussão.

Joana ficou quieta. Enfiando a mão por dentro da túnica, segurou o medalhão de santa Catarina que Mateus havia talhado para ela. *Eu sei ler latim e João não sabe*, ela pensou teimosamente. *Que importa que eu seja uma garota?*

Ela foi até a Bíblia na pequena escrivaninha. Ergueu-a, sentiu seu peso, os familiares entalhes nas margens douradas da capa. O cheiro de madeira e pergaminho, tão fortemente associado a Mateus, fez com que ela se lembrasse do trabalho deles juntos, de tudo que ele lhe ensinara, e tudo que ela ainda queria aprender. *Se eu mostrar ao papai o que aprendi... talvez ele veja que eu consigo.* A cólera de seu pai a assustava; ela já apanhara dele o suficiente para conhecer e temer a força de sua ira.

Ela ficou incerta, tocando com os dedos a superfície lisa da capa de madeira da Bíblia. Num impulso, abriu o livro; as páginas que despontaram foram as do Evangelho segundo São João, o primeiro texto que Mateus havia usado para ensiná-la a ler. *É um sinal*, Joana pensou.

Sua mãe estava sentada de costas para ela, acalmando João, cujo choro havia se reduzido a um soluço desesperado. *Agora é a minha chance.* Joana segurou a Bíblia aberta e dirigiu-se ao quarto do lado.

Seu pai estava curvado numa cadeira, a cabeça baixa, as mãos cobrindo seu rosto. Ele não se mexeu com a aproximação da filha. Joana parou, subitamente atemorizada. A ideia era absurda, sem

sentido; seu pai nunca aprovaria. Ela estava prestes a recuar, quando ele tirou as mãos do rosto e ergueu o olhar. Ela estava diante dele com o livro aberto nas mãos.

Sua voz vacilou nervosamente quando ela começou a ler:

— “*In principio erat verbum et verbum erat apud Deum et verbum erat Deus*”.

Não houve interrupção; ela prosseguiu, adquirindo confiança à medida que lia.

— “Todas as coisas foram feitas por Ele; e sem Ele nada se fez do que foi feito. Ele era a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a compreenderam”.

A beleza e a força das palavras a dominavam, impulsionando-a em frente, dando-lhe energias.

Ela chegou ao fim, corando de satisfação, pois sabia que havia lido bem. Ergueu os olhos e viu seu pai com o olhar fixo nela.

— Eu sei ler. Mateus me ensinou. Guardamos segredo para que ninguém soubesse. — As palavras jorravam como uma mixórdia sem fôlego. — Eu posso torná-lo orgulhoso de mim, pai, eu sei que posso. Deixe-me assumir os estudos de Mateus e eu...

— *Você!* — a voz de seu pai ribombou de fúria. — Foi você! — Ele apontou para ela acusadoramente. — Foi você! Você atraiu a ira de Deus sobre nós! Criança desnaturada! *Você matou o seu irmão!*

Joana pôs-se a ofegar. O cônego foi na direção dela com o braço erguido. A menina largou o livro e tentou fugir, mas ele a agarrou e fê-la rodopiar, descendo seu punho sobre a face dela com tal força que a mandou cambaleando até aterrisar contra a parede oposta, batendo a cabeça.

Seu pai ficou em pé do lado dela. Joana protegeu-se contra um novo golpe; nenhum veio. Passaram-se uns momentos e então a garganta dele começou a emitir sons roucos e guturais. Ela percebeu que ele estava chorando. Ela nunca tinha visto seu pai chorar.

— Joana! — Gudrun correu para dentro do quarto. — O que você fez, menina? — Ajoelhou-se do lado dela, observando o inchaço abaixo do olho direito. Mantendo-se entre o marido e Joana, ela sussurrou:

— O que foi que eu falei? Menina tola, veja o que você fez! — E depois, em voz alta: — Vá com seu irmão. Ele precisa de você.

Ela ajudou Joana a se levantar e mandou-a rapidamente para o outro quarto.

O cônego observou Joana sombriamente quando ela atravessou a porta.

— Esqueça a menina, marido — Gudrun disse para distraí-lo. — Ela não tem importância. Não se desespere; lembre-se que você ainda tem outro filho.



3

Foi em Aranmanoth⁵, o mês da espiga de trigo, no outono do seu nono ano de vida, que Joana conheceu Asclépio. Ele havia parado na *grubenhause* do cônego em seu caminho para Mainz, onde haveria de se tornar professor na escola da catedral.

— Bem-vindo, senhor, seja bem-vindo! — cumprimentou-o o pai de Joana, encantado. — Damos graças pela sua chegada em segurança. Espero que a jornada não tenha sido muito árdua. Venha se refrescar. Gudrun! Traga vinho! A sua presença no meu humilde lar é uma grande honra.

Pelo comportamento solícito do pai, Joana percebeu que o visitante era um erudito de alguma estatura e importância.

Ele era grego e trajava à maneira bizantina. Sua bela clâmide de linho branco era presa com um broche simples de metal e coberta por um longo manto azul bordado com fios de prata. Asclépio usava o cabelo curto, como um camponês, e suavemente oleado. Ao contrário do pai de Joana, que se barbeava à maneira do clero franco, ele tinha uma barba longa e cheia, branca como seu cabelo.

Quando o pai de Joana a chamou para apresentá-la, ela teve um acesso de timidez e ficou desajeitada diante do estranho, seus olhos fixos no intrincado trançado das sandálias dele. Por fim o cônego interveio e mandou-a ajudar a mãe a preparar o jantar.

Ao se sentarem à mesa, o cônego disse:

— É costume nosso ler trechos do Livro Sagrado antes de comer. O senhor nos concede a honra de ler esta noite?

— Está bem — falou Asclépio, sorrindo. Cuidadosamente ele abriu o volume com capa de madeira e virou as frágeis páginas de pergaminho. “O texto é do Eclesiastes. *Omnia tempus habent, et momentum suum cuique negotio sub caelo...*

Joana nunca ouvira latim falado de modo tão belo. A pronúncia dele era incomum, as palavras não corriam todas juntas, como no

estilo gálico; cada uma era redonda e distinta, como gotas de chuva límpida. “Tudo tem seu tempo, e um momento certo para cada empreendimento debaixo do céu. Tempo para nascer, tempo para morrer; tempo para plantar, tempo para colher a planta...” Joana já havia escutado seu pai ler essa mesma passagem muitas vezes, mas lida por Asclépio ela revelou aos ouvidos da menina uma beleza totalmente nova.

Ao terminar, Asclépio fechou o livro.

— Que volume excelente — comentou apreciativamente com o cônego. — Escrito com bela caligrafia. Suponho que o senhor o trouxe da Inglaterra; ouvi dizer que a arte ainda floresce por lá. É raro nos dias de hoje encontrar um manuscrito tão isento de barbarismos gramaticais.

O cônego corou de prazer.

— Havia muitos como esse na biblioteca em Lindisfarne. Esse foi confiado a mim pelo bispo quando ele me ordenou para a missão na Saxônia.

O jantar foi esplêndido, o mais farto que a família já havia preparado para um convidado. Havia pernil de porco salgado e assado até a pele ficar quebradiça, trigo e beterraba cozidos, queijo picante e pães crocantes recém assados na brasa. O cônego trouxe cerveja franca, condimentada, escura e grossa como sopa de camponês. Depois, comeram amêndoas torradas e maçãs assadas adocicadas.

— Delicioso — Asclépio sentenciou após a refeição. — Faz muito tempo que não janto tão bem. Não comia porco doce assim desde que saí de Bizâncio.

Gudrun ficou contente.

— É porque criamos nossos próprios porcos, e os engordamos antes do abate. A carne dos porcos pretos da floresta é dura e pouco apetecível.

— Conte-nos sobre Constantinopla! — pediu João ansiosamente. — É verdade que as ruas são pavimentadas com pedras preciosas e as fontes jorram ouro líquido?

Asclépio riu.

— Não. Mas é um lugar maravilhoso de se contemplar.

Joana e João ouviram boquiabertos Asclépio descrevendo Constantinopla, empoleirada num torreante promontório, com edifícios de mármore abobadados de ouro e prata com vários andares, sobranceiros ao porto do Chifre de Ouro, no qual navios do mundo inteiro ancoravam. Era a cidade onde Asclépio nascera e crescera. Ele havia sido obrigado a fugir quando sua família se envolvera numa disputa religiosa contra o imperador bizantino, algo que ver com a quebra de ícones. Joana não entendeu essa parte, mas seu pai sim, assentindo com a cabeça em desaprovação solene enquanto Asclépio narrava a perseguição à sua família.

Então a discussão enveredou para assuntos teológicos, e as crianças foram despachadas para a parte da casa onde seus pais dormiam; como convidado de honra, Asclépio teria a grande cama perto da lareira toda para si.

— Por favor, não posso ficar e escutar? — Joana pediu à mãe.

— Não. Já passou da sua hora de dormir. Além disso, nosso convidado já terminou de contar histórias. Essa conversa de sala de aula não interessa a você.

— Mas...

— Chega, menina! Já para a cama! Vou precisar da sua ajuda logo cedo; seu pai quer que preparemos outro banquete para o visitante dele amanhã.

Mais visitas como essa — Gudrun resmungou — e estaremos arruinados!

Ela colocou as crianças no catre de palha, beijou-as e saiu.

João adormeceu rapidamente, mas Joana ficou acordada, tentando ouvir o que diziam as vozes do outro lado da grossa divisória de madeira. Por fim, dominada pela curiosidade, saiu da cama e aproximou-se furtivamente da divisória, onde se ajoelhou, espiando da escuridão o seu pai e Asclépio sentados perto do fogo da lareira. Estava frio, o calor da lareira não chegava até ela, e Joana vestia apenas uma camisola leve de linho. A menina tremia, mas nem pensava em voltar para a cama; ela *tinha* que ouvir o que Asclépio estava dizendo.

A conversa era agora sobre a escola da catedral. Asclépio perguntou ao cônego:

— O senhor conhece a biblioteca de lá?

— Ah, sim — respondeu o cônego, obviamente satisfeito com a pergunta. — Gastei muitas horas nela. Possui uma excelente coleção, mais de setenta e cinco códices.

Asclépio assentiu educadamente com a cabeça, sem parecer impressionado. Joana não podia imaginar tantos livros num só lugar.

O cônego disse:

— Há cópias do *De scriptoribus ecclesiasticus*, de santo Isidoro, e do *De gubernatione Dei*, de Salviano. Há também os *Comentarii* completos de são Jerônimo, com belíssimas ilustrações. E há um excelente manuscrito do *Hexaëmeron* do seu conterrâneo, são Basílio.

— Tem algum manuscrito de Platão?

— Platão? — O cônego estava chocado. — Claro que não; a obra dele não é estudo adequado para um cristão.

— Ah... Então, o senhor não aprova o estudo da lógica?

— Ela tem seu lugar no *trivium* — respondeu o cônego com certo constrangimento — com o uso de textos apropriados, como os de Agostinho e Boécio. Mas a fé se baseia na autoridade das Escrituras, não na evidência da lógica. Por insensata curiosidade um homem pode ter sua fé enfraquecida.

— Compreendo seu ponto de vista — falou Asclépio mais por educação que por convicção. — Talvez o senhor possa, no entanto, me responder isto: como o homem pode vir a raciocinar?

— A razão é uma centelha da essência divina no homem. “Deus criou o homem à Sua própria imagem; à imagem de Deus Ele o criou.”

— O senhor possui bom domínio das Escrituras. Concorde, então, que a razão é uma dádiva divina?

— Indiscutivelmente.

Joana chegou mais perto, saindo de trás da divisória: não queria perder o que Asclépio diria em seguida.

— Então, por que ter medo de expor a fé à razão? Se Deus a deu a nós todos, como ela poderia nos afastar Dele?

O cônego moveu-se no seu assento. Joana nunca o tinha visto tão constrangido. Ele era um missionário, treinado para ensinar e pregar, não estava acostumado ao toma-lá-dá-cá dos debates de lógica. Ele abriu a boca para responder, mas logo a fechou.

— Na verdade — Asclépio prosseguiu — não será a *falta* de fé que leva os homens a temerem o escrutínio da razão? Se o destino é incerto, então o caminho deve ser repleto de temor. Uma fé robusta não precisa temer, pois se Deus existe, então a razão não pode evitar levar-nos até Ele. “*Cogito, ergo Deus est*”, diz santo Agostinho. “Penso, logo Deus existe.”

Joana estava acompanhando o argumento tão atentamente, que deixou escapar em voz alta uma exclamação de apreço. Seu pai olhou fixamente na direção da divisória. Ela disparou de volta para as sombras e aguardou, quase sem respirar. Depois ouviu o ruído de vozes outra vez. *Benedicite*, pensou ela, *eles não me viram!* Arrastou-se de volta para o catre, onde João roncava.

Muito depois das vozes cessarem, Joana permaneceu acordada no escuro. Sentia-se incrivelmente serena e livre, como se um peso opressivo tivesse sido retirado de cima dela. A culpa por Mateus ter morrido *não* era dela. O desejo dela de aprender não o havia matado, apesar do que seu pai dissera. Naquela noite, ouvindo Asclépio, ela havia descoberto que seu amor pelo conhecimento não era desnaturado ou pecaminoso, e sim consequência direta de uma habilidade dada por Deus para raciocinar. *Penso, logo Deus existe*. No seu coração, ela sentiu o quanto isso era verdade.

As palavras de Asclépio haviam acendido uma luz em sua alma. *Talvez amanhã eu possa falar com ele*, pensou. *Talvez eu tenha chance de mostrar-lhe que sei ler*.

A perspectiva era tão agradável que ela não conseguiu parar de pensar. Ela só pegou no sono ao amanhecer.

Logo cedo, de manhã, sua mãe a mandou à floresta apanhar frutos da faia e bolotas como forragem para os porcos. Ansiosa por voltar para casa e para Asclépio, Joana apressou-se em cumprir a tarefa. Mas o solo da floresta de outono estava espesso de tantas folhas caídas, as bolotas estavam difíceis de achar e ela não podia retornar até o cesto de vime estar cheio.

Quando por fim ela voltou, Asclépio estava se preparando para ir embora.

— Ah, mas eu pensei que o senhor nos daria a honra de jantar conosco de novo — disse o cônego. — Eu estava interessado nas

suas ideias sobre o mistério da Unidade Trina e gostaria de discutir mais sobre o assunto.

— É muito gentil de sua parte, mas preciso estar em Mainz esta noite. O bispo me aguarda, e não vejo a hora de assumir minhas novas obrigações.

— Claro, claro. — Após uma pausa, o cônego acrescentou: — Mas o senhor se lembra da nossa conversa sobre o garoto, não lembra? Poderia ficar para observar a lição dele?

— É o mínimo que posso fazer por um anfitrião tão generoso — falou Asclépio com ensaiada polidez.

Joana tomou seu trabalho de costura e acomodou-se numa cadeira a pouca distância, tentando chamar o mínimo possível de atenção, a fim de que seu pai não a mandasse embora.

Ela nem precisava ter se preocupado, pois a atenção do cônego estava totalmente voltada para João. Ansioso por impressionar Asclépio com a extensão do saber de seu filho, ele começou a fazer perguntas a João sobre as regras gramaticais segundo Donato. Foi um erro, pois gramática era o ponto fraco de João. Como era de se esperar, seu desempenho foi lamentável; ele confundiu o caso ablativo com o dativo, consertou grosseiramente os verbos, e se mostrou totalmente incapaz de analisar uma frase de modo correto. Asclépio escutou seriamente, começando a franzir o cenho.

Vermelho de vergonha, o cônego resolveu tentar algo mais seguro. Começou com o catecismo de charadas do grande Alcuíno, no qual João havia sido exaustivamente treinado. João saiu-se bem na primeira parte do catecismo.

— O que é um ano?

— Uma carroça de quatro rodas.

— Quais cavalos o puxam?

— O sol e a lua.

— Quantos palácios ele tem?

— Doze.

Contente com esse pequeno sucesso, o cônego abordou partes mais difíceis do catecismo. Joana recebeu o que viria a seguir, pois viu que João estava quase em pânico.

— O que é a vida?

— A alegria dos bem-aventurados, o pesar dos tristes e... e...

João teve um branco. Asclépio mexeu-se na cadeira. Joana fechou os olhos, concentrando-se nas palavras, torcendo para que o irmão as dissesse.

— Sim? — estimulou o cônego. — E o quê?

O rosto de João iluminou-se de inspiração.

— E uma busca pela morte!

O cônego aprovou laconicamente.

— E o que é a morte?

Aflito, João olhou para o pai como o veado preso na rede vendo finalmente o caçador se aproximar.

— O que é a morte? — repetiu o cônego.

Era inútil. O fato de quase ter errado a questão anterior e a irritação crescente do pai destruíram por fim a compostura de João. Ele não conseguia mais se lembrar de coisa alguma. Seu pai o olhava com ferocidade e Asclépio com compaixão.

Ela não conseguiu mais se conter. A angústia do irmão, a cólera do pai e a intolerável humilhação na frente de Asclépio foram demais. Antes de perceber o que estava fazendo, Joana irrompeu:

— Um acontecimento inevitável, uma peregrinação incerta, lágrimas dos vivos, ladrão do homem.

Suas palavras atingiram os demais como um raio. Os três olharam para a menina ao mesmo tempo, com uma variedade de expressões. A de João era de vergonha, a de seu pai, ultraje, e a de Asclépio, espanto. O cônego falou primeiro:

— Que insolência é essa? — perguntou. Então, controlando-se por causa de Asclépio, disse: — Se não fosse pela presença do nosso hóspede, você seria devidamente surrada agora mesmo. Mas seu castigo terá que esperar. Fora daqui!

Joana levantou-se da cadeira, esforçando-se para se controlar até alcançar a porta da *grubenhau*s, abriu-a e fechou-a atrás de si. Em seguida correu o mais que pôde, fazendo todo o percurso até o matagal no limite da floresta, onde se jogou no chão.

Ela sentiu como se fosse explodir de tristeza. Cair em desgraça justo na frente da pessoa que ela mais queria impressionar! *Não é justo. João não sabia a resposta, eu sabia. Por que não deveria dá-la?*

Por um longo tempo ficou sentada observando o alongamento das sombras das árvores. Um tordo pousou ali perto e começou a bicar no meio do matagal, à cata de minhocas. Ele achou uma e, inflando o peito, pavoneou-se num pequeno círculo, exibindo sua presa. *Como eu*, ela pensou. *Cheia de orgulho pelo que fiz*. Ela sabia que orgulho era um pecado — pelo qual já tinha sido castigada diversas vezes —, mas não conseguia evitar o que sentia. *Sou mais esperta que João. Por que ele pode estudar e aprender, e eu não posso?*

O tordo saiu voando. Joana o observou tornar-se um longínquo ponto colorido entre as árvores. Ela segurou a medalha de santa Catarina que pendia de seu pescoço e pensou em Mateus. Ele teria se sentado ao lado dela, conversado com ela, explicado coisas para que ela pudesse entender. Como ela sentia falta dele!

Você matou o seu irmão, seu pai havia dito. Um profundo desgosto subiu pela garganta dela ao lembrar-se. Mas mesmo assim o espírito dela se rebelava. Ela era orgulhosa por querer mais do que Deus esperava de uma mulher. Mas por que Deus puniria Mateus pelo pecado dela? Não fazia sentido algum.

O que havia de errado com ela, que não desistia de seus sonhos impossíveis? Todo mundo lhe dizia que seu desejo de aprender era desnaturado. No entanto, ela tinha sede de conhecimento, ansiava por explorar o mundo mais vasto das ideias e das oportunidades aberto para as pessoas cultas. As outras meninas do vilarejo não se interessavam por isso. Estavam satisfeitas em assistir à missa inteira sem entender uma única palavra. Elas aceitavam o que lhes diziam e não procuravam saber mais. Sonhavam com um bom marido, isto é, um homem que as tratasse bem e não batesse nelas, e com um bom pedaço de terra; não tinham desejo algum de ir além do seguro e familiar perímetro do vilarejo. Eram tão difíceis de entender quanto Joana era para elas.

Por que sou diferente? O que há de errado comigo?

Passos ressoaram do lado dela, e uma mão tocou-lhe o ombro. Era João.

— Papai me mandou — ele disse de mau humor. — Ele quer ver você.

Joana segurou a mão dele.

— Desculpe.

— Você não devia ter feito aquilo. Você é apenas uma garota.

Ela engoliu o insulto, pois lhe devia um pedido de desculpas por tê-lo envergonhado diante do hóspede deles.

— Eu estava errada. Perdoe-me.

Ele tentou manter sua pose de virtude ferida, mas não conseguiu.

— Está bem, eu perdoo você — ele cedeu. — Pelo menos o papai não está mais zangado *comigo*. Agora... bom, venha e veja por si mesma.

Ele a ergueu do chão lamacento e a ajudou a remover o mato preso em sua roupa. De mãos dadas, voltaram para o chalé.

À porta, João fez Joana passar na frente dele.

— Entre. É com você que eles querem falar.

Eles? Joana não entendeu, mas não teve tempo de perguntar, pois já estava cara a cara com seu pai e com Asclépio, que aguardavam diante da lareira.

Ela se aproximou e postou-se em atitude submissa diante dos dois. Seu pai tinha uma expressão estranha, como a de quem engoliu algo amargo. Asclépio fez um gesto para que ela se aproximasse. Tomando as mãos dela nas dele, o velho mestre encarou-a com um olhar penetrante.

— Você sabe latim?

— Sim, senhor.

— Como veio a adquirir tal conhecimento?

— Eu escutava quando meu irmão aprendia suas lições. — Imaginando a reação do seu pai a essa informação, ela baixou os olhos. — Sei que não devia ter feito isso.

Asclépio perguntou:

— Que outra coisa você aprendeu?

— Sei ler e escrever um pouco. Meu irmão Mateus me ensinou quando eu era pequena. — Com o canto do olho Joana viu o estremecimento de cólera do pai.

— Mostre-me. — Asclépio abriu a Bíblia, procurou um trecho e entregou o livro a ela, indicando o lugar com o dedo. Era a parábola do grão de mostarda, do Evangelho segundo São Lucas. Ela começou a ler, inicialmente tropeçando em algumas palavras latinas, pois já fazia algum tempo que lera aquele livro.

— “*Quomodo assimilabimus regnum Dei aut in qua parabola ponemus illud?*” “A que se assemelha o reino de Deus, e a que hei de compará-lo?” — Ela prosseguiu sem hesitação até o fim: — “É semelhante a um grão de mostarda que alguém tomou e jogou em sua horta; ele cresce, torna-se uma grande árvore, e as aves do céu se abrigam em seus ramos”.

Ela parou de ler. No silêncio que se seguiu pôde escutar o suave farfalhar da brisa de outono através dos colmos do telhado.

Asclépio perguntou calmamente:

— E você compreende o significado do que acabou de ler?

— Acho que sim.

— Explique-me.

— Significa que a fé é como o grão de mostarda. Ela é plantada no coração como uma semente é plantada numa horta. Se a semente for cultivada, crescerá e se tornará uma bela árvore. Quem cultivar a sua fé, ganhará o Reino dos Céus.

Asclépio puxou sua barba, sem dar indicação alguma de que aprovava o que ela tinha dito. Teria ela dado a interpretação errada?

— Ou então... — Joana disse, pois outra ideia lhe ocorrera.

Asclépio arqueou as sobrancelhas.

— Sim?

— Poderia significar que *a Igreja* é como um grão. A Igreja começou pequena, crescendo na escuridão, cuidada apenas por Cristo e pelos Doze Apóstolos, mas depois cresceu e se tornou uma enorme árvore, cuja sombra cobre o mundo inteiro.

— E as aves que se abrigam em seus ramos? — perguntou Asclépio.

Ela pensou rápido.

— São os fiéis, que encontram salvação na Igreja, assim como as aves acham proteção nos ramos da árvore.

A expressão de Asclépio era ilegível. De novo ele puxou solenemente sua barba. Joana resolveu fazer mais uma tentativa.

— Ou ainda... — ela ia pensando devagar, à medida que falava.

— O grão de mostarda poderia representar Nosso Senhor. Cristo era como uma semente quando foi sepultado na terra, e como uma árvore quando ressuscitou e subiu ao céu.

Asclépio voltou-se para o cônego.

— Ouviu isso?

O rosto do cônego se retorceu.

— É apenas uma menina. Com certeza ela não teve a intenção de...

— O grão como fé, como a Igreja, como Cristo — falou Asclépio.

— *Allegoria, moralis, anagoge*. Uma clássica exegese escritural tripartida. Expressa com muita simplicidade, é claro, mas ainda assim uma interpretação tão completa quanto a do grande Gregório em pessoa. E isso sem nenhuma educação formal! Impressionante! Essa criança demonstra ter uma inteligência extraordinária. Eu me proponho a ser professor dela.

Joana estava atordoada. Estaria sonhando? Teve medo de se permitir acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade.

— Não na escola, é claro — Asclépio continuou —, pois isso não seria permitido. Darei um jeito de vir aqui uma vez por semana, e providenciarei livros para que ela possa estudar entre uma aula e outra.

O cônego estava descontente. Esse não era o resultado que ele havia esperado.

— Está tudo muito bem — falou com petulância. — Mas, e o garoto?

— Ah, o garoto? Receio que ele não tenha inclinação para ser um estudante. Com algum treino talvez ele possa obter qualificação como pároco de aldeia. A lei exige apenas que eles leiam, escrevam e conheçam a forma correta de ministrar os sacramentos. Mas eu não esperaria mais do que isso. A escola não é para ele.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo! O senhor propõe ensinar a garota, mas não o garoto?

Asclépio deu de ombros.

— Ela tem talento, ele não tem. Não há outra deliberação possível.

— Uma mulher estudante! — O cônego estava indignado. — Ela vai estudar as sagradas escrituras enquanto seu irmão é ignorado? Não permitirei. Ou o senhor educa os dois, ou nenhum.

Joana prendeu a respiração. Teria chegado tão perto do seu prêmio apenas para que ele fosse tirado dela no final? Ela começou a recitar uma oração em voz baixa, mas parou; talvez Deus, sendo

homem, não aprovasse. Então enfiou a mão por baixo da túnica e segurou o medalhão de santa Catarina. *Ela entenderia. Por favor,* ela rezou. *Ajude-me a conseguir isto. Eu lhe farei uma bela oferenda. Mas por favor, permita que eu tenha isso.*

Asclépio parecia impaciente.

— Já lhe disse que o garoto não tem aptidão para o estudo. Ensiná-lo seria uma perda de tempo.

— Então, nada feito — falou o cônego com irritação. Joana observava, sem poder acreditar, enquanto ele se erguia da sua cadeira.

— Um momento — disse Asclépio. — Vejo que está inflexível em sua resolução.

— Estou.

— Pois muito bem. A garota demonstra todos os sinais de um intelecto prodigioso. Ela poderia realizar grandes coisas com uma educação apropriada. Não posso deixar passar uma oportunidade dessas. Já que insiste, ensinarei ambos.

Joana voltou a respirar.

— Obrigada — ela disse, tanto para santa Catarina quanto para Asclépio. Foi tudo que ela pôde fazer para manter a voz firme. — Vou trabalhar para fazer jus.

Asclépio encarou-a com olhos repletos de perspicácia. *Como um fogo interior*, Joana pensou. Um fogo que iluminaria as semanas e meses seguintes.

— Vai mesmo — ele disse. Sob a cerrada barba branca havia um indício de sorriso. — Pode crer que vai, sim.



4

Roma

O interior de mármore abobadado do Palácio de Latrão estava agradavelmente fresco depois do calor escaldante das ruas romanas. Quando as enormes portas de madeira da residência papal se fecharam atrás dele, Anastácio ficou piscando, momentaneamente ofuscado na escuridão do Patriárquio. Instintivamente ele procurou pela mão do pai, mas em seguida recolheu-a, lembrando-se.

“Mantenha os ombros para trás, e não se agarre ao seu pai”, havia dito sua mãe enquanto se alvoroçava com seu traje. “Você já tem doze anos, precisa aprender a agir como um homem.” Ela puxou com força o cinto ornamentado de joias dele, ajeitando-o. “E olhe nos olhos de quem se dirigir a você. O nome da sua família não fica atrás de nenhum outro; trate de não parecer subserviente.”

Agora, recordando as palavras dela, Anastácio empertigou-se e empinou o nariz. Era pequeno para a sua idade, o que muito o desgostava, mas sempre tentava parecer o mais alto possível. Seus olhos começaram a se acostumar à luz tênue, e ele olhou em volta com curiosidade. Era sua primeira visita ao Latrão, a majestosa residência do papa, sede de todo o poder em Roma, e o garoto estava impressionado. O interior era enorme, uma vasta estrutura contendo os arquivos da Igreja e a Câmara do Tesouro, bem como dezenas de oratórios, salões e capelas, entre as quais a célebre capela particular dos papas, o Sancta Sanctorum.

Diante de Anastácio, na parede do Grande Salão, pendia uma gigantesca *tabula mundi*, um mapa retratando o mundo como um disco plano rodeado por oceanos. Os três continentes, Ásia, África e Europa, eram separados pelos grandes rios Tanais e Nilo, e pelo

Mediterrâneo. Bem no centro do mundo estava a cidade santa de Jerusalém, limitada a leste pelo paraíso terrestre. Anastácio estudou o mapa, concentrando sua atenção nos grandes espaços abertos, misteriosos e assustadores, nas fronteiras mais remotas, onde o mundo mergulhava na escuridão.

Um homem se aproximou, trajando a dalmática de seda branca dos membros da casa papal.

— Saudações e bênçãos do nosso Santíssimo Padre, papa Pascoal — ele disse.

— Que tenha longa vida e que continuemos a prosperar sob sua benévola liderança — respondeu o pai de Anastácio.

Findas as formalidades de costume, ambos os homens ficaram à vontade.

— Então, Arsênio, como vão as coisas? — falou o homem. — Veio aqui para ver Teodoro, suponho.

O pai de Anastácio fez que sim com a cabeça.

— Vim tratar da nomeação do meu sobrinho Cosme como arcário. — Baixando a voz, acrescentou: — O pagamento foi feito semanas atrás. Não entendo por que a aprovação está demorando tanto.

— Teodoro tem andado muito ocupado ultimamente. Houve aquela sórdida disputa, sabe, pela posse do monastério em Farfa. O Santo Padre ficou muito descontente com a decisão da corte imperial. — Aproximando-se, acrescentou num sussurro conspiratório: — E mais descontente ainda com Téó por ele defender a causa do imperador. Esteja avisado: talvez haja pouco que Téó possa fazer por você neste momento.

— A ideia me ocorreu. — O pai de Anastácio deu de ombros. — Não obstante, Téó ainda é primicério, e o pagamento já foi feito.

— Vamos ver.

A conversa parou abruptamente quando um segundo homem, também trajando a dalmática branca, veio na direção deles. Anastácio, que estava junto do pai, sentiu um leve enrijecimento nas costas deste.

— Que as bênçãos do Santo Padre recaiam sobre você, Sárpato — falou seu pai.

— E sobre você, meu caro Arsênio, sobre você também — respondeu o sujeito, cuja boca era torcida de um modo esquisito. — Ah, Luciano — disse ele, voltando-se para o primeiro homem. — Você estava conversando tão animadamente com Arsênio agora há pouco. Alguma novidade interessante? Gostaria muito de ouvir. — Bocejou afetadamente. — A vida por aqui anda tão tediosa desde que o imperador partiu.

— Não, Sárpato, claro que não. Se tivesse novidades, eu contaria a você — replicou Luciano nervosamente. Ao pai de Anastácio ele disse: — Bem, Arsênio, preciso ir agora, tenho tarefas a cumprir.

Ele se curvou, girou sobre os calcanhares e afastou-se rapidamente.

Sárpato sacudiu a cabeça.

— Luciano tem andado muito tenso ultimamente. Por que será? — Ele olhou fixamente para o pai de Anastácio. — Bom, não importa. Vejo que trouxe companhia hoje.

— De fato. Posso apresentar meu filho Anastácio? Ele fará em breve o exame para ser leitor. — Arsênio acrescentou enfaticamente: — Seu tio Téó gosta muito dele; por isso eu o trouxe comigo para a nossa reunião.

Anastácio curvou-se.

— Possa o senhor prosperar em Seu nome — falou cerimoniosamente, como fora ensinado.

O homem sorriu, retorcendo os lábios ainda mais.

— Puxa! O latim do garoto é excelente, meus parabéns, Arsênio. Ele será muito útil a você, a não ser, é claro, que tenha a mesma deplorável falta de critério que o tio. — Ele prosseguiu, impossibilitando qualquer resposta: — Sim, sim, um belo menino. Quantos anos tem?

A pergunta foi dirigida ao pai de Anastácio, mas este respondeu:

— Eu completei doze logo após o Advento.

— É mesmo? Você parece mais novo. — Ele afagou a cabeça do menino.

Uma antipatia pelo estranho cresceu dentro de Anastácio. Empertigando-se para parecer mais alto, o garoto falou:

— E acho que o critério do meu tio não pode ser tão ruim, do contrário como ele chegou a primicério?

Seu pai espremeu a mão de Anastácio para adverti-lo, mas seus olhos estavam calmos e havia um esboço de sorriso nos seus lábios. O estranho encarou Anastácio com uma expressão indefinível. Surpresa? Cólera? Anastácio suportou o olhar fixo dele com impassibilidade. Após um longo momento, o homem rompeu o olhar fixo e voltou de novo sua atenção a Arsênio.

— Quanta lealdade familiar! É comovente. Bem, vamos torcer para que o critério do garoto seja tão impecável quanto seu latim.

Um forte ruído desviou sua atenção para o lado mais afastado do salão quando as pesadas portas se abriram.

— Ah, aí vem o primicério. Não imporei mais minha presença a vocês.

Sárpato curvou-se com muita cerimônia e se afastou.

Um profundo silêncio reinou entre as pessoas presentes quando Teodoro entrou, acompanhado de seu genro Leão, recentemente elevado à posição de nomenclador. Ele se deteve para trocar algumas palavras com uns clérigos e nobres. Com sua dalmática de seda cor de rubi e cingulo de ouro, Teodoro era de longe o mais elegante do grupo; adorava tecidos caros e certa ostentação no trajar, característica que Anastácio admirava.

Concluindo as saudações formais, Teodoro atravessou o salão e, ao ver Anastácio e seu pai, sorriu, indo na direção deles. Aproximando-se, piscou para Anastácio, e sua mão direita moveu-se para dentro de uma dobra de sua dalmática. Anastácio ficou feliz, pois sabia o que o gesto significava. Teodoro amava crianças e sempre levava consigo guloseimas para distribuir entre elas. *O que vai ser hoje, Anastácio se perguntou, com água na boca. Um figo suculento, um doce, talvez até um pedaço de marzipã, cremoso e recheado de amêndoas e nozes trituradas e açucaradas?*

A atenção de Anastácio estava tão concentrada na dobra da dalmática de Teodoro, que inicialmente ele não viu os outros homens. Eram três, e vieram rapidamente por trás; um deles pôs a mão sobre a boca de Teodoro, puxando-o. Anastácio pensou que fosse alguma brincadeira. Sorrindo, olhou para o pai para que este explicasse; seu coração deu um pulo ao ver o medo nos olhos dele.

O menino se voltou e viu Teodoro lutando para se soltar. Teodoro era um homem grande, mas a luta era completamente desigual. Os homens o cercaram, imobilizando seus braços, forçando-o para baixo. A parte da frente da dalmática rubi de Teodoro foi aberta, a fina seda pendendo em fitas rasgadas, expondo trechos de pele branca. Um dos agressores entrelaçou os dedos no cabelo negro espesso da vítima e puxou-lhe a cabeça para trás. Anastácio captou o cintilar do aço. Houve um grito, e então o rosto de Teodoro pareceu explodir numa fonte de vermelho. Anastácio recuou quando um jato delgado atingiu seu rosto. Ele passou a mão na face e depois olhou atônito para sua mão: sangue. Através do aposento alguém gritou: Anastácio viu Leão, genro de Teodoro, desaparecer sob um enxame de atacantes.

Os homens soltaram Teodoro e ele caiu para frente, de joelhos. Então levantou a cabeça, e Anastácio gritou de horror. O rosto era pavoroso. Sangue jorrava dos buracos negros e ocos onde haviam estado os olhos, escorrendo do queixo para os ombros e o peito.

Anastácio enterrou a cara no lado do pai. Ele sentiu as mãos grandes dele em seus ombros e ouviu sua voz, forte e inalterada:

— Não, você não pode se esconder, meu filho.

As mãos afastaram-no, voltando-o para a cena horripilante diante dele.

— Olhe — ordenou a voz — e aprenda! Esse é o preço a pagar por falta de sutileza e de astúcia. Teodoro está pagando agora por apregoar tão abertamente sua lealdade ao imperador.

Anastácio ficou paralisado enquanto os agressores carregavam Teodoro e Leão para o centro do salão. Diversas vezes resvalaram e quase caíram no piso de ladrilho, escorregadio de sangue. Teodoro gritava alguma coisa, mas as palavras eram ininteligíveis. Com a boca aberta e se movendo, seu rosto era ainda mais aterrador.

Os homens forçaram Teodoro e Leão a ficarem de joelhos e puxaram as cabeças deles para frente. Um homem ergueu uma longa espada sobre o pescoço de Leão e, com um único golpe, decapitou-o. Mas o pescoço de Teodoro era mais grosso e ele continuava a se debater; foram necessários três ou quatro golpes de espada para separar sua cabeça de seu corpo.

Anastácio observou, pela primeira vez, que os assassinos usavam a cruz vermelha da milícia papal.

— Pai! — exclamou o garoto. — São os guardas! São os guardas da milícia!

— Eu sei — respondeu o pai, trazendo-o para junto de si.

Anastácio tentava conter um acesso de histeria.

— Mas por quê? Por que, pai? Por que eles fizeram isso?

— Eles receberam ordens.

— Ordens? — Anastácio procurava entender. — Quem daria uma ordem dessas?

— Quem? Ora, meu filho, *pense*. — O rosto do seu pai estava lívido, mas a voz parecia firme ao prosseguir: — Você precisa aprender a pensar, para nunca sofrer um destino semelhante. Raciocine: quem tem o poder? Quem é capaz de dar uma ordem dessas?

Anastácio ficou sem fala, esmagado pela enormidade da ideia que começava a lhe ocorrer.

— Sim. — As mãos de seu pai estavam agora gentilmente pousadas nos ombros do menino. — Quem mais — ele disse — senão o papa?



5

— Não, não, não! — A voz de Asclépio vibrava de impaciência. — Você precisa fazer as letras muito menores! Está vendo como sua irmã escreve a lição dela? — Ele bateu de leve no exame de João. — Você precisa aprender a ter mais respeito pelo seu pergaminho, meu rapaz; uma ovelha inteira precisou ser morta para se fazer apenas um fólio. Se os monges de Andernach escarrapachassem as letras ao longo da página desse jeito, os rebanhos da Austrásia desapareceriam em um mês!

João lançou um olhar de rancor para Joana.

— É difícil demais, eu não consigo.

Asclépio suspirou.

— Está bem; volte a praticar na sua tabuleta. Quando obtiver mais controle, tentaremos com o pergaminho de novo. — Ele perguntou a Joana: — Já terminou o *De inventione*?

— Sim, senhor — Joana respondeu.

— Quais são as seis questões evidenciais usadas para determinar as circunstâncias das ações humanas?

— *Quis, quid, quomodo, ubi, quando, cur*. Quem, o que, como, onde, quando, por que.

— Certo. Agora identifique as *constitutiones* retóricas.

— Cícero especifica quatro diferentes *constitutiones*: discussão sobre fato, discussão sobre definição, discussão sobre a natureza da ação, e...

Gudrun entrou chutando a porta, curvada pelo peso de dois baldes de madeira cheios de água que carregava, um em cada mão. Joana se levantou para ajudá-la, mas Asclépio pôs a mão no ombro dela, fazendo-a sentar-se de novo.

— E?

Joana hesitou, os olhos ainda na mãe.

— Criança, prossiga — Asclépio falou, num tom que indicava que ele não toleraria desobediência.

— Discussão sobre jurisdição ou procedimento — Joana se apressou em responder.

O mestre aprovou, satisfeito.

— Exponha uma exemplificação do terceiro *status*. Escreva no seu pergaminho, e assegure-se de que seja digno de ser guardado.

Gudrun agitava-se para lá e para cá, acendendo o fogo, trazendo potes para aquecer, colocando a mesa para a refeição da tarde. Uma ou duas vezes ela olhou sobre o ombro, ressentida.

Joana sentiu uma pontada de culpa, mas esforçou-se por prestar atenção na sua tarefa. Esse tempo era precioso, pois Asclépio vinha apenas uma vez por semana, e seus estudos importavam mais que tudo.

Mas era difícil trabalhar sob o peso do desgosto de sua mãe. Asclépio reparou nele, naturalmente, mas o atribuiu ao fato de que as lições afastavam Joana dos afazeres domésticos. Joana sabia, no entanto, a verdadeira razão. Seus estudos eram uma traição, uma violação do mundo particular que ela partilhava com a mãe, mundo de deuses saxões e segredos saxões. Aprendendo latim e estudando textos cristãos, Joana se alinhava com as coisas que sua mãe mais detestava, a saber, com o deus cristão que havia destruído o torrão natal de Gudrun, e, principalmente, com o cônego, seu marido.

Na verdade, Joana trabalhava mais com textos clássicos pré-cristãos. Asclépio reverenciava os escritos “pagãos” de Cícero, Sêneca, Lucano e Ovídio, considerados malditos pela maioria dos eruditos de então. Ele estava ensinando Joana a ler grego usando os antigos textos de Menandro e Homero, cuja poesia o cônego considerava nada menos que blasfêmia pagã. Ensinaada por Asclépio a apreciar clareza e estilo, Joana nunca levou em conta se a poesia de Homero era aceitável em termos de doutrina cristã; Deus estava nela porque era bonita.

Ela teria gostado de explicar isso à sua mãe, mas sabia que não faria diferença alguma. Homero ou Beda, o Venerável, Cícero ou santo Agostinho, para Gudrun dava tudo na mesma: não era saxão.

Joana havia se distraído, e sem querer fez uma mancha feia no seu pergaminho. Ergueu o olhar e deparou com os olhos negros penetrantes do mestre.

— Não faz mal, filha. — A voz dele foi inesperadamente gentil, pois geralmente era rigoroso com falta de cuidado. — Não faz mal. Comece de novo aqui.

Os moradores de Ingelheim estavam concentrados ao redor do pequeno lago do vilarejo, conversando animadamente. Uma bruxa seria julgada naquele dia, evento que com certeza inspiraria horror, piedade e deleite, uma bem-vinda quebra da rotina de trabalho exaustivo de suas vidas.

— *Benedictus* — o cônego começou abençoando a água.

Hrotrud tentou fugir, mas dois homens a apanharam e arrastaram-na até onde estava o cônego, cujas sobranceiras negras juntavam-se em sinal de desaprovação. Hrotrud praguejou e lutou enquanto seus captores seguravam suas garras nas suas costas e as amarravam com trapos de linho, fazendo-a gritar de dor.

— *Maleficia* — alguém murmurou, perto de onde Joana e Asclépio se encontravam, entre a multidão de testemunhas. — São Barnabé, proteja-nos contra o mau-olhado!

Asclépio nada disse, mas sacudiu a cabeça tristemente.

Ele havia chegado em Ingelheim naquela manhã para a lição semanal, mas o cônego havia recusado deixar que as crianças recebessem instrução, insistindo que primeiro assistissem ao julgamento de Hrotrud, ex-parteira do vilarejo.

— Pois vocês aprenderão mais sobre os caminhos de Deus assistindo a esse santo julgamento do que estudando qualquer escrito pagão — havia dito o cônego, olhando para Asclépio.

Joana não gostava de atrasar sua lição, mas estava curiosa sobre o julgamento. Tentava imaginar como seria, pois nunca vira alguém ser julgado por bruxaria. Lamentava que fosse Hrotrud, no entanto. Joana gostava de Hrotrud, que era uma mulher honesta e nada hipócrita. Ela sempre falara direito com Joana, tratava-a gentilmente e não a ridicularizava como tantos aldeões faziam. Gudrun havia contado a Joana como Hrotrud ajudara no seu

nascimento, uma provação extenuante, segundo sua mãe, que dava a Hrotrud o crédito por ter salvo a vida de Joana naquele dia.

Ocorreu a Joana, ao contemplar a multidão de aldeões, que Hrotrud havia certamente ajudado quase todo mundo ali a nascer, ao menos os que tinham seis invernos ou mais. Ninguém diria isso a julgar pelo modo estúpido como a olhavam agora. Ela se tornara um incômodo para eles, um agulhão à sua caridade cristã, pois desde que a artrite havia deformado suas mãos, destruindo sua utilidade como parteira, ela vinha vivendo de esmolas dos vizinhos, e do pouco que conseguia ganhar vendendo ervas medicinais e filtros que ela mesma preparava.

Esta habilidade acabou sendo sua ruína, pois sua eficácia em obter curas para insônia e alívio para dores de dente, de estômago e de cabeça, parecia ao povinho ignorante nada menos que feitiçaria.

Terminada a bênção da água, o cônego se voltou para Hrotrud.

— Mulher! Você conhece o crime de que é acusada. Vai confessar de livre vontade os seus pecados agora, a fim de assegurar a salvação de sua alma?

Hrotrud olhou para ele com o rabo do olho, considerando.

— Se eu confessar, o senhor me deixa ir embora?

O cônego sacudiu a cabeça.

— É expressamente proibido no Livro Sagrado: “Não deixarás uma feiticeira com vida”. Êxodo, capítulo vinte e dois, versículo dezoito. Mas você terá uma morte consagrada e rápida, por meio da qual receberá as incalculáveis recompensas do céu.

— Não! — Hrotrud respondeu desafiadoramente. — Sou cristã, não sou bruxa, e quem disser o contrário é um mentiroso imundo!

— Feiticeira! Você sofrerá os tormentos do inferno por toda a eternidade! Atreve-se a negar a prova diante de seus próprios olhos?

Das suas costas o cônego puxou um cinto de linho sujo, mutilado por uma série de nós, e o levantou para que a turba pudesse vê-lo.

— Isto pertence a Arno, o moleiro. Desapareceu há uma quinzena. Imediatamente depois, ele caiu de cama, acometido por uma terrível dor nas tripas.

As expressões entre a multidão eram sombrias. Eles não gostavam particularmente de Arno, suspeito de roubar no peso. “Qual a coisa mais corajosa do mundo?”, começava uma charada que adoravam repetir. “A camisa de Arno, pois agarra um ladrão pelo pescoço todos os dias!” Entretanto, a doença do moleiro era motivo de grave preocupação para toda a comunidade. Sem ele nenhum grão podia ser moído, pois a lei proibía que os aldeões moessem sua própria colheita.

— Há dois dias — a voz do cônego ressoava em tom acusatório — este cinto foi encontrado no bosque perto da cabana de Hrotrud.

Um murmúrio de espanto elevou-se da multidão, pontuado por gritos esparsos: “Bruxa!” “Feiticeira!” “Queimem-na!” O cônego disse a Hrotrud: — Você roubou o cinto e fez os nós nele para auxiliar seus encantamentos maléficos, que deixaram Arno à beira da morte!

— Nunca! — Hrotrud gritou indignada, lutando para se libertar das amarras que a prendiam. — Não fiz nada disso! Nunca vi esse cinto antes! Nunca...

Com impaciência, o cônego fez sinal aos homens, que ergueram Hrotrud como um saco de aveia, balançaram-na para trás e para frente várias vezes, e então a soltaram quando ela estava no alto do último embalo. Hrotrud gritou de medo e de raiva ao singrar pelos ares e aterrissar espadanando água, no meio do lago.

Joana e Asclépio foram empurrados pelas pessoas que pressionavam para frente, querendo ver. Se Hrotrud subisse à superfície do lago e boiasse, significaria que as águas abençoadas pelo padre a haviam rejeitado; isso revelaria que ela era uma feiticeira e bruxa, e ela seria queimada na fogueira. Se afundasse, seria prova de sua inocência e ela estaria salva.

Num silêncio tenso, todos os olhos mantiveram-se fixos na superfície do lago. Pequenas ondulações circulavam devagar para fora do ponto em que Hrotrud adentrara a água. O resto da superfície estava imóvel.

O cônego grunhiu e fez sinal aos homens, que imediatamente se atiraram dentro da água e submergiram em busca de Hrotrud.

— Ela é inocente das acusações contra ela — sentenciou o cônego. — Deus seja louvado.

Seria impressão de Joana, ou ele parecia desapontado?

Os homens continuaram mergulhando e emergindo em vão. Por fim, um deles aflorou à superfície carregando Hrotrud. Ela jazia flácida nos braços dele, o rosto inchado e descorado. Ele a transportou até a margem do lago, onde a deixou; ela não se mexeu. O homem se curvou sobre ela, tentando ouvir as batidas do coração. Após um instante, sentou-se.

— Está morta — anunciou.

Um murmúrio elevou-se da multidão.

— É lamentável — disse o cônego. — Mas ela morreu inocente do crime de que era acusada. Deus reconhece os Seus; Ele dará refrigério e descanso à alma dela.

Os aldeões se dispersaram, alguns se aproximando do local em que jazia o cadáver de Hrotrud, examinando-o com curiosidade, outros se partindo em pequenos grupos que murmuravam e conversavam em voz baixa.

Joana e Asclépio voltaram para a *grubenhous* em silêncio. A garota estava profundamente perturbada com a morte de Hrotrud. Sentia-se envergonhada pela animação que havia sentido antes por poder testemunhar o julgamento. Mas então ela não havia esperado que Hrotrud morresse. A parteira obviamente não era bruxa, por isso Joana acreditara que Deus provaria a inocência dela.

E provou.

Por que, então, a deixou morrer?

Ela não falou a respeito senão mais tarde, após ter retomado sua lição em casa. Joana abaixou o estilete no meio de uma frase e perguntou à queima-roupa:

— Por que Deus faria isso?

— Talvez Ele não tenha feito — respondeu Asclépio, entendendo de imediato o que ela queria dizer.

Joana olhou fixamente para ele.

— O senhor está dizendo que uma coisa dessas poderia ter acontecido contra a vontade divina?

— Talvez não. Mas talvez a culpa seja da natureza do julgamento, e não da natureza da vontade de Deus.

Joana refletiu a respeito disso.

— Meu pai diria que esse é o modo pelo qual bruxas têm sido julgadas durante séculos.

— É verdade.

— Mas isso não o torna necessariamente certo. — Joana olhou para o mestre. — Qual seria um modo melhor?

— Isso é você que deve me dizer.

Joana suspirou. Como Asclépio era diferente de seu pai, ou mesmo de Mateus! Ele se recusava a lhe responder coisas, insistindo, em vez disso, que ela raciocinasse até obter a resposta. A garota puxou levemente a ponta do nariz, como costumava fazer ao refletir sobre um problema.

Claro! Ela devia estar cega para não ter visto de imediato! Cícero e *De inventione*, que até então haviam sido uma mera abstração, um ornamento retórico, um exercício para a mente.

— As questões evidenciais! — Joana falou. — Por que elas não poderiam ser aplicadas neste caso?

— Explique — disse Asclépio.

— *Quid*: há o fato do cinto com nós; isso é inquestionável. Mas o que isso significa, é algo discutível. *Quis*: Quem fez os nós no cinto e o colocou no bosque? *Quomodo*: Como foi tirado de Arno? *Quando, Ubi*: Quando e para onde foi levado? Alguém realmente viu Hrotrud com ele? *Cur*: Por que Hrotrud desejaria causar dano a Arno? — Joana falava depressa, animada com as possibilidades da ideia. — Testemunhas poderiam ser convocadas e interrogadas. E Hrotrud e Arno também deveriam ser interrogados. Suas respostas talvez tivessem determinado a inocência de Hrotrud. E ela não precisaria ter morrido para prová-la!

Eles estavam em terreno perigoso e sabiam disso. Sentaram-se juntos em silêncio. Joana estava assombrada com a enormidade do conceito que havia despontado nela: a aplicação da lógica à revelação divina, a possibilidade de uma justiça terrena na qual as proposições de fé fossem governadas pela investigação racional e a crença fosse provada pela razão.

Asclépio disse:

— Acho que seria sensato você não mencionar esta conversa ao seu pai.

A festa de São Bertino havia acabado de passar, os dias estavam ficando mais curtos, e também, necessariamente, as lições das crianças. O sol estava baixo no céu quando Asclépio finalmente se levantou.

— Por hoje é o suficiente, crianças.

— Posso ir agora? — perguntou João. Asclépio dispensou-o com um gesto, e o garoto pulou da cadeira e correu para fora.

Joana sorriu tristemente para o mestre. A evidente aversão do irmão pelos estudos deixava-a constrangida. Asclépio era muitas vezes impaciente, até áspero, com João, mas ele era um aluno preguiçoso e de má vontade. “Eu não consigo!”, choramingava ele cada vez que se deparava com alguma nova dificuldade. Havia momentos em que Joana gostaria de chacoalhá-lo e gritar: “Tente! Tente! Como você sabe que não consegue se nem ao menos tenta?”

Mas depois Joana se recriminava por ter tais pensamentos. João não tinha culpa por ser lerdo. Sem João, afinal de contas, não teria havido lição alguma nesses dois últimos anos, e a vida sem lições tornara-se inimaginável para ela.

Assim que João se foi, Asclépio disse muito seriamente:

— Tenho algo a dizer a você. Fui informado que meus serviços não serão mais necessários na escola. Outro erudito, um franco, ofereceu-se como professor, e o bispo acha que ele é mais adequado para o posto do que eu.

Joana ficou perplexa.

— Como pode ser? Quem é esse homem? Não é possível que ele saiba mais do que o senhor!

Asclépio sorriu.

— Essa afirmação demonstra lealdade, senão sabedoria. Conheci o homem: ele é um excelente erudito, cujos interesses adaptam-se melhor aos ensinamentos da escola do que os meus. — Vendo que Joana não entendia, ele acrescentou: — Há um lugar para o tipo de conhecimento que você e eu temos procurado juntos, Joana, mas não é entre as paredes de uma catedral. Lembre-se do que vou lhe dizer, e tenha cuidado: algumas ideias são perigosas.

— Compreendo — falou Joana, embora não compreendesse totalmente. — Mas... o que o senhor fará agora? De que viverá?

— Tenho um amigo em Atenas, um conterrâneo que obteve sucesso como mercador. Ele quer que eu eduque os filhos dele.

— O senhor está indo embora? — Joana não podia acreditar no que o mestre estava dizendo.

— Ele é próspero e a oferta dele é generosa. Não tenho escolha a não ser aceitar.

— O senhor pretende ir a Atenas? Tão longe! Quando partirá?

— Dentro de um mês. Eu já teria partido, não fosse o prazer que tenho auferido de nosso trabalho juntos.

— Mas... — Joana tentou pensar rápido em alguma coisa, qualquer coisa, para impedir que aquela calamidade ocorresse. — O senhor poderia morar aqui conosco. Poderia ser nosso professor, de João e meu, e poderíamos ter lições todos os dias!

— Isso é impossível, minha querida. Seu pai mal tem como sustentar a sua família durante o inverno. Não há lugar na sua lareira, nem na sua mesa, para um estranho. Além disso, preciso ir aonde eu possa continuar meu próprio trabalho. A biblioteca da catedral não está mais à minha disposição.

— Não vá. — A tristeza invadiu-a como uma substância palpável, formando um duro nó na base de sua garganta. — Por favor, não vá!

— Querida menina, é preciso. Embora eu realmente preferisse que não fosse. — Ele acariciou afetuosamente o cabelo dourado-branco de Joana.

— Apreendi muito ensinando você. Não espero voltar a ter um aluno tão bom. Você tem uma inteligência rara; é uma dádiva de Deus, e você não deve renegá-la — ele a olhou intensamente —, não importa o quanto isso lhe custe.

Joana teve medo de falar, pois sua voz trairia suas emoções. Asclépio tomou a mão dela nas suas.

— Não se preocupe. Você poderá continuar seus estudos. Tomei providências. Ainda não sei exatamente onde, nem como, mas saberei. O seu intelecto é promissor demais para ser desperdiçado. Encontraremos as sementes com que semeá-lo, eu prometo. — Ele apertou a mão dela. — Confie em mim.

Depois que ele foi embora, Joana não se mexeu de sua pequena escrivaninha. Ficou sentada sozinha na escuridão iminente, até que

sua mãe voltou, carregando toras para a lareira.

— Ah, já terminou? — falou Gudrun. — Ótimo! Agora venha me ajudar a acender o fogo.

• • •

Asclépio veio vê-la no dia em que partiu, trajado em seu longo manto azul de viagem. Nas mãos carregava um pacote envolto em tecido.

— Para você — disse, pondo o pacote nas mãos dela.

Joana removeu as tiras de linho e ficou boquiaberta ao ver o que elas embrulhavam. Era um livro, com capa de madeira revestida de couro, à maneira oriental.

— Eu mesmo o fiz, anos atrás — explicou Asclépio. — É uma edição de Homero, com o texto original em grego na primeira metade do livro, e uma tradução em latim na segunda metade. Ajudará você a manter seu conhecimento da língua em dia, até que possa recomeçar os seus estudos. Joana estava sem fala. Um livro só seu! Apenas monges e eruditos da mais alta categoria gozavam de tal privilégio. Ela o abriu, contemplando linha após linha da bela escrita uncial de Asclépio, que preenchia as páginas com palavras de inexprimível beleza. Ele a observava com os olhos cheios de terna tristeza.

— Não se esqueça, Joana. Nunca se esqueça.

Abriu os braços para ela. Ela foi até ele, e pela primeira vez se abraçaram. Por longo tempo ficaram agarrados um ao outro, o vulto pequeno da aluna aninhado ao vulto grande do mestre. Quando por fim se separaram, o manto azul de Asclépio estava molhado com as lágrimas de Joana.

Ela não viu quando ele se distanciou a cavalo. Ficou dentro de casa, no lugar onde ele a havia deixado, abraçada ao livro, agarrando-o com tanta força que suas mãos doíam.

Joana sabia que seu pai não lhe permitiria conservar o livro. Ele nunca havia aprovado os estudos dela, e agora que Asclépio se fora, não havia ninguém que o impedisse de impor sua vontade. Ela

então escondeu o livro, embrulhando-o de novo no tecido e sepultando-o sob a palha grossa no seu lado da cama.

Ela não via a hora de lê-lo, de ver as palavras, de escutar de novo em sua mente a jubilosa beleza da poesia. Mas era perigoso demais; quase sempre havia alguém dentro do chalé ou próximo a ele, e ela temia ser descoberta. Sua única chance era à noite. Depois que todo mundo estava dormindo, ela podia ler sem risco de ser subitamente interrompida. Mas precisava de alguma luz, isto é, de uma vela, ou pelo menos um pouco de óleo. A família recebia apenas duas dúzias de velas por ano — o cônego não gostava de retirá-las do santuário — e essas eram cuidadosamente guardadas; Joana não poderia usar uma sem alguém perceber. Mas o depósito da igreja tinha um grande estoque de cera, pois os moradores de Ingelheim tinham o dever de suprir o santuário com cinquenta quilos por ano. Se ela pudesse pegar um pouco, saberia fazer sua própria vela.

Não foi fácil, mas ela acabou conseguindo surrupiar cera suficiente para modelar uma pequena vela, usando um pedaço de cordão de linho como mecha. Era um trabalho improvisado, que resultou em apenas uma luzinha trêmula, mas que servia para ela se dedicar aos seus estudos.

Na primeira noite ela foi cautelosa. Esperou até muito depois que seus pais houvessem se recolhido, atrás da divisória, e que ela tivesse ouvido o cônego roncando, antes de se atrever a se mexer. Por fim ela deslizou para fora da cama, silenciosa e atenta como uma corça, com cuidado para não acordar João, que jazia do lado dela, profundamente adormecido debaixo das cobertas. Devagarzinho, Joana retirou o livro de seu esconderijo no meio da palha e carregou-o até a pequena escrivaninha de pinho no canto mais afastado do quarto. Ela levou sua vela até a lareira e acendeu-a nas brasas incandescentes.

Voltando à escrivaninha, segurou a vela perto do livro. A luz era fraca e vacilante, mas com esforço ela podia decifrar as linhas de tinta preta escura. As bonitas letras dançavam à luz bruxuleante, acenando, convidando. Joana fez uma pausa, saboreando o momento; depois virou a página e começou.

Os dias tépidos e noites frescas de Windumemanoth⁶, o mês da vindima, passaram rápido. Os árdios ventos *nordostri* chegaram mais cedo que de costume, soprando do norte em fortes rajadas de enregelar os ossos. Mais uma vez a janela da *grubenhause* foi entabulada, mas os ventos frígidos penetravam por todas as fissuras; para mantê-la aquecida precisavam deixar a lareira acesa o dia todo, enchendo o lugar de fumaça com fuligem.

Todas as noites depois que a família adormecia, Joana se levantava e estudava durante horas na escuridão. Ela exauriu sua vela e foi obrigada a esperar impacientemente até filar mais cera do depósito da igreja. Quando finalmente pôde recomeçar o trabalho, aplicou-se de modo incansável. Ela terminou o livro e em seguida voltou ao início, desta vez estudando as complicadas formas verbais e copiando-as esmeradamente em sua tabuleta até sabê-las de cor. Seus olhos estavam vermelhos e sua cabeça doía pelo esforço de estudar com pouca luz, mas nem lhe ocorreu parar. Ela estava feliz.

A festa de São Columbano chegou e passou, e ainda não havia notícia alguma de qualquer providência para sua instrução formal. Apesar disso, Joana mantinha a fé na promessa de Asclépio. Enquanto ela tivesse o livro dele, não havia motivo para desespero. Ela continuava a aprender e a fazer progressos. Logo, logo alguma coisa teria de acontecer. Um professor chegaria ao vilarejo à procura dela, ou então ela seria chamada pelo bispo e informada de que fora aceita na escola.

Joana começava a trabalhar cada noite mais cedo. Às vezes nem esperava até escutar o pai roncando. Ao derramar cera quente sobre a escrivaninha, mal percebeu.

Uma noite ela estava trabalhando num problema particularmente difícil e interessante de sintaxe. Impaciente por começar, a menina se instalou na escrivaninha pouco depois que seus pais se recolheram. Havia trabalhado por apenas alguns minutos, quando escutou um som abafado vindo de trás da divisória.

Ela apagou a vela e ficou sentada como uma pedra na escuridão, atenta, sentindo os saltos da sua pulsação na sua garganta.

Passaram-se vários momentos. Não houve outro ruído. Talvez tivesse sido a imaginação dela. O alívio a percorreu como uma corrente morna. Mesmo assim ela esperou por um bom tempo antes

de se levantar da escrivaninha, dirigir-se à lareira para acender de novo a mecha, e voltar com a vela acesa. A centelha brilhou, criando um círculo de luz ao redor da escrivaninha. Na beira do círculo, onde a luz encontrava as sombras, havia um par de pés.

Os pés do seu pai.

O cônego emergiu das trevas. Instintivamente, Joana tentou esconder o livro, mas era tarde demais.

O rosto dele, iluminado de baixo para cima pela chama vacilante, era medonho e aterrador.

— Que perversidade é essa?

A voz de Joana saiu num sussurro:

— Um livro.

— Um livro! — Ele olhou para o objeto como se não pudesse acreditar na evidência diante de seus próprios olhos. — Como isso veio parar em suas mãos? O que está fazendo com isso?

— Lendo. Ele... ele é meu, foi presente de Asclépio. É meu.

A força do golpe do seu pai pegou-a de surpresa, derrubando-a do assento. Ela caiu no chão, o rosto contra o solo de terra fria.

— Seu! Menina insolente! *Eu* sou o dono desta casa!

Joana ergueu-se sobre um cotovelo e observou, impotente, quando seu pai se debruçou sobre o livro, apertando os olhos para ler naquela luz mortiça. Após alguns instantes ele se empertigou, fazendo o sinal da cruz no ar, acima da escrivaninha. “Cristo Jesus, proteja-nos.” Sem tirar os olhos do livro, ele fez um gesto para Joana.

— Venha aqui.

Joana ergueu-se do chão. Estava tonta, com um tinido doloroso ressoando em um ouvido. Ela se aproximou do pai devagar.

— Esta não é a língua da Santa Madre Igreja — ele apontou para a página aberta diante dele. — O que significam estes sinais? Diga a verdade, menina, se valoriza a sua alma imortal!

— É poesia, pai. — Apesar do medo, Joana sentiu certo orgulho de seu conhecimento. Não ousou acrescentar que a poesia era de Homero, a quem seu pai considerava um pagão ímpio. O cônego não sabia grego. Se ele não visse a tradução latina na parte de trás, talvez não percebesse o que ela tinha feito.

Seu pai pôs ambas as mãos na cabeça de Joana, seus dedos largos de camponês envolvendo sua cabeça logo acima das sobrancelhas.

— *Exorcizo te, immundissime spiritus, omnis incursio adversarii, omne phantasma...*

A pressão das mãos se intensificou de tal modo, que Joana gritou de medo e dor. Gudrun apareceu na soleira.

— Por tudo que há de mais sagrado, marido, qual o problema? Cuidado com a menina!

— Silêncio! — berrou o clérigo. — A menina está possuída! É preciso expulsar o demônio de dentro dela!

A pressão das mãos dele aumentou, até Joana sentir que seus olhos estourariam.

Gudrun segurou o braço dele.

— Pare! Ela é só uma criança! Marido, pare com isso! Está louco, assim vai matá-la!

A pressão excruciante cessou abruptamente quando o cônego soltou a sua presa. Ele se virou e com um único golpe empurrou Gudrun para o outro lado do quarto.

— Afaste-se! — rugiu. — Isto não é hora para fraqueza de mulher! Eu encontrei a menina praticando magia durante a noite! Com um livro de bruxaria! Ela está possuída!

— Não, pai, não! — Joana gritou. — Não é bruxaria! É poesia! Poesia escrita em grego, só isso! Eu juro!

Ele tentou agarrá-la, mas ela se agachou sob o braço do pai e deu a volta por trás dele. Ele se virou e avançou para ela, com os olhos ameaçadores. Ia matá-la.

— Pai! Olhe as páginas de trás! As páginas de trás do livro! Estão escritas em latim. O senhor vai ver! É latim!

O cônego hesitou. Rapidamente, Gudrun trouxe-lhe o livro, mas ele não o olhou. Olhava para Joana, refletindo.

— Por favor, pai! Olhe as páginas de trás do livro. Pode ler por si mesmo. Não é bruxaria!

Ele tomou o livro de Gudrun. Ela foi correndo pegar a vela e segurou-a perto da página. Ele se curvou para examinar o livro, suas sobrancelhas grossas e escuras unidas em concentração.

Joana não conseguia parar de falar.

— Eu estava estudando. Leio à noite, para ninguém saber. Eu sabia que o senhor não aprovaria. — Ela diria qualquer coisa, confessaria qualquer coisa, para fazê-lo acreditar. — É Homero. O livro da *Ilíada*. O poema de Homero. Não é bruxaria, pai. — Ela começou a soluçar. — Não é bruxaria!

O cônego não prestou atenção. Estava lendo atentamente, os olhos perto da página, sua boca silenciosamente formando as palavras. Após um instante, olhou para cima.

— Deus seja louvado. Não é bruxaria. Mas é a obra de um pagão ímpio, portanto uma ofensa contra o Senhor. — Ele se virou para Gudrun. — Acenda o fogo. Esta abominação precisa ser destruída.

Joana ficou boquiaberta. Queimar o livro! O belo livro de Asclépio, que ele havia lhe dado de presente!

— Pai, o livro é valioso! Ele vale dinheiro; poderíamos conseguir um bom preço por ele, ou — sua mente acelerou — o senhor poderia presenteá-lo ao bispo, para a biblioteca da catedral.

— Criança perversa, você afundou tanto no pecado, que é um milagre não ter se afogado nele! Isto não é um presente adequado para o bispo, nem para qualquer alma temente a Deus!

Gudrun foi ao canto onde a madeira era armazenada e escolheu algumas toras pequenas. Joana observava entorpecida. Precisava achar um modo de impedir aquilo. Se ao menos a dor em sua cabeça parasse, ela poderia pensar.

Gudrun atçou as brasas, preparando a lareira para a lenha nova.

— Espere um momento — o cônego disse abruptamente à esposa. — Esqueça o fogo. — Ele acariciou as páginas do livro com apreço. — É verdade que o pergaminho é valioso e pode ser reutilizado.

Ele colocou o livro sobre a escrivaninha e desapareceu no quarto ao lado.

O que significava aquilo? Joana olhou para a mãe, que deu de ombros, perplexa. Bem à esquerda dela, João sentava-se na cama. Acordado pelo barulho, encarava Joana com olhos grandes e redondos.

O cônego voltou, empunhando uma coisa comprida e brilhante. Era sua faca de caça com cabo de osso. Como sempre, a visão daquele objeto enchia Joana de pavor. Sombras de recordações

esquecidas acutilavam sua percepção, desaparecendo antes que ela pudesse lembrar o que era.

Seu pai sentou-se à escrivaninha. Segurando a faca num ângulo oblíquo, de modo que a lâmina afiada ficasse deitada sobre a página, ele raspou o pergaminho. Uma das letras da página desapareceu. Ele deu um pequeno grunhido de satisfação.

— Deu certo. Vi fazerem isso uma vez no monastério de Corbie. As páginas ficam lisas e podem ser reutilizadas. Agora — ele fez um gesto peremptório para Joana — é a sua vez.

Seria esse, então, o castigo dela. Seria sua a mão que destruiria o livro, que apagaria o conhecimento proibido e, junto com ele, todas as suas esperanças.

Os olhos do pai dela faiscavam de malévola expectativa.

Sem expressão alguma, ela pegou a faca e sentou-se à escrivaninha. Por um longo instante ela olhou para a página. Então, segurando a faca como vira o pai fazer, movimentou a lâmina vagarosamente sobre a superfície da página. Nada aconteceu.

— Não funciona — ela disse, olhando esperançosamente para cima.

— Assim. — O cônego colocou sua mão sobre a dela, pressionando com um pequeno movimento lateral da lâmina. Outra letra desapareceu. — Tente de novo.

Ela pensou em Asclépio, nas suas longas horas de trabalho fazendo aquele livro, na fé que ele demonstrara ter em Joana quando o confiou a ela. A página ficou borrada enquanto lágrimas afloravam aos olhos da menina.

— Por favor, não me obrigue. Por favor, pai.

— Filha, você ofendeu a Deus com a sua desobediência. Como penitência, vai trabalhar dia e noite até que todo o conteúdo ímpio dessas páginas seja removido. Você não receberá nada além de pão e água até a tarefa estar concluída. Rezarei para que Deus tenha misericórdia de sua alma ignóbil. — Ele apontou para o livro. — Comece.

Joana encostou a faca na página e raspou como o pai lhe havia mostrado. Uma das letras descamou, empalideceu, e então desapareceu. Ela movimentou a faca; outra letra foi apagada. Depois outra. E mais uma. Em breve uma palavra inteira

desapareceu, deixando apenas a superfície áspera e raspada do pergaminho.

Ela movimentou a faca para começar a remover a palavra seguinte. ἀλήθεια. *Aletheia*. “Verdade”. Joana parou, sua mão suspensa sobre a palavra.

— Continue! — A voz do pai era severa, autoritária.

Verdade. As letras arredondadas da escrita uncial destacavam-se corajosamente do pergaminho pálido.

Uma impetuosa oposição ergueu-se dentro dela. Todo o medo e a aflição da noite cederam perante uma esmagadora convicção: *Isso é errado!*

Ela largou a faca. Devagar ela ergueu o olhar para encontrar o do pai. O que viu fê-la respirar com dificuldade.

— Pegue a faca. — A ameaça na voz dele era inequívoca.

Joana tentou falar, mas sua garganta contraiu-se e nenhuma palavra saiu. Ela sacudiu a cabeça negativamente.

— Filha de Eva, vou ensiná-la a temer as torturas do inferno. Traga-me a vara.

A menina foi até o canto e apanhou a vara comprida e negra que o seu pai usava em tais ocasiões.

— Prepare-se — disse o cônego.

Ela se ajoelhou no chão diante da lareira. Devagar, pois suas mãos tremiam, desafivelou seu manto de lã cinza e retirou a túnica de linho, expondo as costas descobertas.

— Comece o pai-nosso. — A voz do seu pai era um ribombo baixo atrás dela.

— Pai nosso, que estás no céu...

O primeiro açoite acertou bem no meio dos ombros, partindo a carne, enviando uma afiada lança de dor pescoço acima, até o crânio.

— Santificado seja o vosso Nome...

O segundo açoite foi mais forte. Joana mordeu o braço para não gritar. Ela já tinha sido espancada antes, mas nunca assim, nunca com tanta força.

— Venha a nós o vosso Reino...

O terceiro açoite mordeu fundo a sua carne partida, derramando sangue. A umidade tépida escorreu pelos seus flancos.

— Seja feita a vossa vontade...

O impacto da quarta vergastada fez a cabeça de Joana estremecer. Ela viu seu irmão observando atentamente da cama. Havia uma expressão estranha no rosto dele. Seria medo? Curiosidade? Pena?

— Assim na terra como...

O açoite desceu de novo. No átimo de segundo antes que a dor a forçasse a fechar os olhos, Joana reconheceu a expressão no olhar do irmão.

Era de alegria.

— No céu. O pão nosso de cada dia...

O açoite acertou pesadamente. Quantos haviam sido? Joana foi acometida por uma vertigem. Ela nunca tivera de suportar mais que cinco.

Açoite. À distância, ela ouviu alguém gritando.

— Nos dai hoje. E perdoai... perdoai... — a boca dela se mexia, mas ela não conseguia formar as palavras.

Açoite.

Com a capacidade de raciocinar que lhe restara, Joana subitamente compreendeu. Desta vez não terminaria. Desta vez seu pai não ia parar. Desta vez ele prosseguiria até que ela morresse.

Açoite.

O tinido nos seus ouvidos transformou-se num crescendo ensurdecedor. Então houve nada além de silêncio e de misericordiosa escuridão.



6

Durante dias o vilarejo se alvoroçou com a notícia da surra em Joana. O cônego havia açoitado sua filha quase a ponto de matá-la, diziam, e só não a matou porque os gritos da sua esposa atraíram alguns aldeões. Foram necessários três homens fortes para afastá-lo da criança.

Mas não foi a selvageria da surra que fez o povoado mexericar. Coisas assim eram bastante comuns. O ferreiro não tinha nocauteado sua esposa e chutado a cara dela até quebrar-lhe todos os ossos, só porque estava farto das reclamações dela o tempo todo? A pobre criatura estava desfigurada para sempre, mas não havia nada a fazer. Era o homem que mandava em casa, ninguém discutia isso. A única lei que regulava o seu direito inalienável de punir como bem entendesse era o tamanho do porrete que ele podia usar. O cônego, de qualquer forma, não tinha usado porrete.

O que realmente surpreendia os aldeões era o fato de o cônego ter perdido completamente o autocontrole. Emoções tão violentas eram impensáveis, indecentes mesmo, num homem de Deus, de modo que todo mundo se deleitava em falar a respeito. A última vez que haviam tido assunto para tanta fofoca fora quando ele levava uma mulher saxã para a sua cama. Eles sussurravam em pequenos grupinhos, interrompendo abruptamente quando o cônego passava.

Joana nada sabia disso. Por um dia inteiro depois da surra, o cônego proibiu que qualquer pessoa se aproximasse dela. A noite toda e durante o dia seguinte a menina jazeu inconsciente no solo do chalé. Sujeira do chão de terra batida aderiu à sua carne lacerada. Quando Gudrun obteve permissão para cuidar dela, os ferimentos haviam infeccionado e uma febre alta irrompeu.

Gudrun cuidou dela com a maior solicitude. Limpou as feridas da filha com água fresca e banhou-as com vinho forte; depois, com a

maior gentileza a fim de evitar maior dano à carne viva, aplicou nelas uma pasta refrescante de folhas de amoreira.

É tudo culpa daquele grego, Gudrun pensava com rancor, enquanto preparava a bebida feita de leite quente, mel, cerveja e ervas, e a servia a Joana, levantando-lhe a cabeça e entornando o líquido na boca dela aos poucos. *Dar um livro a uma criança, enchendo a cabeça dela com ideias inúteis!* Ela era uma menina, portanto estudar não era o seu destino. O seu destino era ficar com ela, aprender os segredos e a língua do povo dela, ser o conforto e o consolo dela na velhice. *Maldita a hora em que o grego entrou nesta casa. Que a ira dos deuses caia sobre ele!*

Entretanto, Gudrun enchera-se de orgulho pela demonstração de bravura da menina. Joana havia desafiado o pai com a fibra e o heroísmo de seus ancestrais saxões. Gudrun também fora forte e corajosa outrora; mas os longos anos de humilhação e exílio numa terra estranha haviam gradualmente drenado sua vontade de lutar. *Pelo menos*, pensou ela, *meu sangue não se degenerou. A coragem do meu povo corre nas veias da minha filha.*

Ela acariciou a garganta de Joana, ajudando-a a engolir a bebida curativa. *Fique boa, codorninha. Fique boa, e volte para mim.*

A febre cedeu na manhã do nono dia. Ao acordar, Joana viu Gudrun debruçada sobre ela.

— Mamãe? — Sua voz soou rouca e pouco familiar aos seus ouvidos. Sua mãe sorriu.

— Finalmente você voltou para mim, codorninha. Cheguei a pensar que havia perdido você.

A menina tentou se levantar, mas caiu pesadamente sobre a palha. A dor invadiu-a, trazendo sua memória de volta.

— E o livro?

O rosto de Gudrun retesou-se.

— Seu pai raspou as páginas e fez o seu irmão copiar alguma nova bobagem por cima.

Então fora destruído.

Joana sentiu-se inexprimivelmente cansada. Estava doente, queria dormir.

Gudrun estendeu-lhe uma tigela de madeira cheia de líquido fumegante.

— Você precisa comer para recuperar suas forças. Veja, fiz caldo para você.

— Não — Joana sacudiu a cabeça debilmente. — Não quero.

Ela não queria recuperar suas forças. Queria morrer. De que valia continuar viva? Ela nunca se libertaria dos limites estreitos da vidinha em Ingelheim. Fora aprisionada lá pela própria existência, e não havia esperança alguma de escapar.

— Coma um pouco agora — Gudrun estimulou — e enquanto você come, cantarei para você uma das canções antigas.

Joana virou o rosto para o outro lado.

— Deixe de lado essas tolices de padres. Nós temos nossos próprios segredos, não temos, codorninha? Vamos compartilhá-los de novo, como costumávamos fazer. — Gudrun acariciou suavemente a testa da menina. — Mas primeiro você precisa ficar bem. Tome um pouco de caldo. É uma receita saxã, com fortes propriedades curativas.

Ela levou a colher de pau aos lábios da filha. Joana estava fraca demais para resistir, e deixou que a mãe derramasse um pouco de caldo em sua boca. Era saboroso, quente e revigorante. À sua revelia, começou a se sentir um pouco melhor.

— Minha codorninha, meu amor, meu tesouro. — A voz de Gudrun aflagava Joana de modo carinhoso e sedutor. Ela mergulhou o colherão de pau no caldo fumegante e estendeu-o para a filha, que sorveu mais um pouco.

A voz da mãe ondulava na cadência familiar da melodia saxã. Embalada pelo som e pelas carícias maternas, Joana lentamente submergiu num sono profundo.

Passada a febre, o corpo jovem e forte de Joana se recuperou rapidamente. Em duas semanas ela estava de pé outra vez. Seus ferimentos cicatrizaram, embora fosse evidente que as marcas ficariam para o resto de sua vida. Gudrun lamentava as cicatrizes, longas listras negras que faziam as costas de Joana parecerem uma feia colcha de retalhos, mas Joana não se importava. Ela não se importava muito com nada. A esperança se fora. Ela simplesmente existia.

Joana passava o tempo todo com sua mãe, levantando-se ao raiar do dia para ajudá-la a dar de comer aos porcos e às galinhas, colher ovos, juntar lenha para a lareira e transportar pesados baldes cheios de água do riacho. Mais tarde, as duas preparavam lado a lado a refeição do dia.

Um dia elas estavam fazendo pão juntas, modelando com os dedos a pesada massa — pois fermento e outras leveduras eram raramente utilizadas nessa parte da Francônia — quando Joana perguntou à queima-roupa:

— Por que a senhora se casou com ele?

A pergunta pegou Gudrun de surpresa. Após uma pausa, ela respondeu:

— Você não pode imaginar como foi, para nós, quando os exércitos de Karolo chegaram.

— Eu sei o que eles fizeram ao seu povo, mamãe. O que não consigo entender é por que, depois de tudo isso, a senhora se foi com o inimigo... com *ele*.

Gudrun não respondeu.

Eu a ofendi, Joana pensou. *Agora ela não vai me dizer.*

— Quando o inverno chegou — sua mãe começou, devagar — estávamos famintos, pois os soldados cristãos haviam queimado nossas plantações juntamente com nossas casas. — Ela olhou para além de Joana, como se visualizasse algo distante. — Comíamos qualquer coisa que conseguíamos encontrar, grama, cardos, até sementes contidas no esterco de animais. Estávamos quase morrendo, quando seu pai e os outros missionários chegaram. Eles eram diferentes dos demais, não carregavam armas e tratavam-nos como pessoas, não como bichos. Deram-nos comida em troca de nossa promessa de que os ouviríamos pregar a palavra do Deus cristão.

— Eles trocaram comida por fé? — perguntou Joana. — Que modo péssimo de comprar as almas das pessoas!

— Eu era jovem e impressionável, quase morrendo de fome, medo e aflição. O Deus cristão deles deve ser maior que os nossos, eu pensei, do contrário como teriam conseguido nos derrotar? Seu pai tomou interesse especial por mim. Ele tinha grandes esperanças para mim, segundo disse, pois embora eu fosse nascida pagã, ele

achava que eu tinha a capacidade de entender a Verdadeira Fé. Pelo modo como me olhava, eu sabia que ele me desejava. Quando me pediu para ir embora com ele, eu aceitei. Era uma chance de continuar viva, quando só havia morte ao meu redor. — A voz dela tornou-se um sussurro. — Não demorei a perceber que grande erro eu havia cometido.

Seus olhos avermelhados mal podiam conter as lágrimas. Joana pôs o braço ao redor dela.

— Não chore, mamãe.

— Aprenda com o meu erro, para não cometê-lo também — Gudrun falou com veemência. — Casar-se é entregar tudo, não somente o seu corpo, mas também o seu orgulho, a sua independência, até mesmo a sua vida. Você entendeu? *Entendeu?* — Ela agarrou o braço da menina, fixando nela um olhar insistente. — Escute minhas palavras, filha, se quiser ser feliz: *nunca se entregue a um homem!*

A carne cicatrizada das costas de Joana estremeceu à recordação do açoite do pai.

— Nunca, mamãe — ela prometeu solenemente. — Nunca o farei.

Em Ostarmanoth⁷, quando as tépidas brisas primaveris acariciavam a terra e os animais eram mandados ao ar livre para pastar, a monotonia foi quebrada pela chegada de um estranho. Era quinta-feira — ou Dia de Tor, como Gudrun ainda dizia quando o cônego não estava por perto para ouvir — e o ressoar do trovão desse deus podia ser ouvido à distância enquanto Joana e Gudrun trabalhavam juntas na horta da família. Joana arrancava urtigas e destruía montículos erguidos por toupeiras, enquanto sua mãe seguia atrás dela, rastreando os sulcos e aplainando a terra revirada com uma grossa tábua de madeira. Gudrun cantarolava e contava histórias dos Antigos, rindo de prazer quando a filha lhe respondia em saxão.

Joana tinha acabado de concluir uma fileira, quando olhou para cima e viu João correndo pelo campo na direção delas. Ela bateu de leve no ombro da mãe em sinal de advertência; Gudrun viu o filho e as palavras saxãs morreram nos seus lábios.

— Depressa! — João estava ofegante por causa da corrida. — Papai quer vocês em casa agora. Rápido! — insistia, puxando a mãe pelo braço.

— Calma, João! — Gudrun repreendeu. — Você está me machucando.

O que aconteceu? Alguma coisa errada?

— Não sei — respondeu João, continuando a puxar o braço da mãe.

— Ele disse algo sobre um visitante. Não sei quem é. Mas rápido! Ele falou que vai me dar um tapa na orelha se eu não trazer vocês duas imediatamente!

O cônego estava esperando na porta da *grubenhause*.

— Por que demoraram tanto?

Gudrun encarou-o friamente. Uma centelha de cólera cintilava nos olhos dele, que falou, dando-se ares de importante:

— Está chegando um emissário. Do bispo de Dorstadt. — Ele fez uma pausa para dar efeito. — Prepare uma refeição à altura. Vou encontrá-lo na catedral e guiá-lo até aqui. — Ele a dispensou com a mão. — Apresse-se, mulher! Ele vai chegar em breve. — E fechou a porta atrás de si.

A face de Gudrun não tinha expressão alguma.

— Comece com a sopa — ela disse a Joana. — Vou apanhar alguns ovos.

Joana derramou água do balde de madeira dentro da grande caçarola de ferro que a família usava para cozinhar e colocou-a sobre o fogo da lareira. De um saco de lã, quase vazio agora depois do longo inverno, ela pegou punhados de cevada seca e jogou-os dentro da caçarola. Deu-se conta, surpresa, de que suas mãos tremiam de expectativa. Fazia tempo que ela não experimentava alguma emoção.

Um emissário de Dorstadt! Poderia ter algo que ver com ela? Depois de tanto tempo, teria Asclépio finalmente encontrado um jeito para ela retomar os seus estudos?

Ela cortou um naco de porco salgado e jogou-o na caçarola. Não, era impossível. Fazia quase um ano que Asclépio havia partido. Se ele tivesse sido capaz de fazer algum arranjo, ela teria sabido muito

tempo antes. Era perigoso ter esperança. A esperança quase a havia destruído uma vez; ela não seria tão tola de novo.

Apesar disso, não pôde conter seu entusiasmo quando a porta se abriu uma hora mais tarde. Seu pai entrou, acompanhado por um homem moreno. Este não era de modo algum como ela o imaginara. Ele tinha as feições rudes e pouco perspicazes de um colono, e seus modos eram mais os de um soldado que de um estudioso. Sua túnica, que ostentava a insígnia do bispo, estava amarrotada e empoeirada pela viagem.

— O senhor nos concederá a honra de cear conosco? — perguntou o pai de Joana, indicando a caçarola borbulhando na lareira.

— Obrigado, mas não posso — o homem respondeu em tudesco, não em latim, outra surpresa. — Deixei o resto da escolta numa cela perto de Mainz. A trilha na floresta é muito acidentada e estreita para dez homens a cavalo, por isso vim sozinho. Preciso juntar-me a eles esta noite, e pela manhã seguiremos de volta para Dorstadt.

Ele tirou um rolo de pergaminho da sua bolsa e entregou-o ao cônego.

— Da parte de Sua Eminência, o senhor bispo de Dorstadt.

Cuidadosamente, o cônego rompeu o selo; o rígido pergaminho fez um som quebradiço ao ser desenrolado. Joana observava o pai enquanto ele apertava os olhos para ler. Ele chegou até embaixo, depois começou de novo, como se procurasse por algo que lhe escapara. Por fim ergueu o olhar, os lábios apertados de raiva.

— O que significa isto? Disseram-me que a sua mensagem tinha que ver comigo!

— E tem. — O homem sorriu. — Na medida em que o senhor é o pai da criança.

— O bispo nada tem a dizer sobre o meu trabalho?

O homem deu de ombros.

— Tudo que sei, padre, é que preciso escoltar a criança à escola em Dorstadt, como diz a carta.

Num súbito arroubo de emoção, Joana gritou. Gudrun aproximou-se rapidamente e colocou um braço ao redor dela de forma protetora.

O cônego hesitou, encarando o estranho, e então decidiu abruptamente.

— Está bem. É verdade que se trata de uma ótima oportunidade para o menino, apesar de que para mim será difícil ficar sem a ajuda dele. — Ele se virou para João. — Vá buscar seus pertences, e seja rápido. Amanhã você partirá para Dorstadt a fim de começar os seus estudos na catedral, de acordo com a ordem expressa do bispo.

Joana ficou boquiaberta. João estava sendo chamado para estudar na escola? Como era possível?

O estranho sacudiu a cabeça.

— Com todo respeito, santo homem, acho que é uma menina que eu devo levar comigo. Uma menina chamada Johanna.

Joana desvencilhou-se do braço de sua mãe e deu um passo à frente.

— Eu sou Johanna.

O emissário do bispo voltou-se para ela. Rapidamente o cônego se colocou entre os dois.

— Absurdo. É o meu filho Johannes que o bispo quer. Johanna, Johannes: *lapsus calami*, um erro da caneta. Um engano simples cometido pelo amanuense do bispo, nada mais. Acontece o tempo todo, mesmo com os melhores escrivães.

O estranho pareceu incerto.

— Não sei...

— Use a cabeça, homem. O que o bispo haveria de querer com uma menina?

— De fato, pareceu-me esquisito — admitiu o emissário.

Joana abriu a boca para protestar, mas Gudrun puxou-a para trás e colocou o dedo sobre os lábios dela em sinal de advertência.

O cônego prosseguiu:

— O meu filho, por outro lado, vem estudando as Escrituras desde bebê. Recite algo do Apocalipse para o nosso distinto convidado, Johannes.

João empalideceu e começou a gaguejar:

— *Acopa... Apocalypsis Jesu Christi quo... quam dedit illi Deus palam fa... facere servis...*

O estranho impacientemente deteve com um sinal o fluxo truncado de palavras.

— Não há tempo para isso. Precisamos partir imediatamente a fim de alcançar a cela antes de escurecer.

Ele olhou, indeciso, para João e para Joana. Então se voltou para Gudrun.

— Quem é esta mulher?

O cônego pigarreou.

— Uma pagã da Saxônia cuja alma estou procurando salvar para Cristo. O emissário do bispo reparou nos olhos azuis de Gudrun, seu talhe esbelto e o cabelo auribranco despontando para fora do gorro de linho. Ele deu um sorriso amplo, entendido, banguela, e se dirigiu diretamente à mulher.

— Você é a mãe das crianças?

Gudrun assentiu com a cabeça, sem dizer nada. O cônego ruborizou-se.

— O que você acha, então? É o menino que o bispo quer, ou a menina?

— Cão desrespeitoso! — rosnou, furioso, o cônego. — Como ousa questionar a palavra de um servo de Deus?

— Acalme-se, santo homem — disse o emissário, enfatizando a palavra “santo”. — Permita-me lembrá-lo da obediência que deve à autoridade que eu represento.

O cônego encarou o emissário episcopal de modo penetrante, o rosto todo vermelho.

De novo o homem perguntou a Gudrun:

— É o menino? Ou a menina?

Joana sentiu os braços de Gudrun estreitando-se em volta dela, puxando-a para si. Houve uma longa pausa. Então ela ouviu a voz de sua mãe, doce e musical, repleta das amplas vogais saxãs que ainda a distinguiam, inequivocamente, como uma estrangeira:

— É o menino que o senhor quer. Leve-o.

— Mamãe! — gritou Joana, chocada com essa traição inesperada.

O emissário assentiu, satisfeito.

— Está resolvido, então. — Ele se voltou para a porta. — Vou buscar meu cavalo. Façam com que o menino esteja pronto o mais

rápido possível.

— Não! — Joana tentou detê-lo, mas Gudrun segurou-a firme, sussurrando em saxão:

— Confie em mim, codorninha. É melhor assim, eu garanto a você.

— Não! — Joana lutou para se soltar. Era mentira. Asclépio havia arranjado a vinda daquele homem, Joana tinha certeza. Ele não a havia esquecido; ele encontrara finalmente um jeito para que ela continuasse o que eles haviam começado juntos. Não era João a quem chamavam para estudar na escola. Estava tudo errado.

— Não! — Ela se debateu ferozmente, conseguiu se desvencilhar e lançou-se em direção à porta. O cônego tentou apanhá-la, mas ela escapou. Num instante ela estava do lado de fora, correndo atrás do mensageiro. Atrás dela, no chalé, escutou seu pai gritando e a voz da sua mãe erguendo-se, tensa e lacrimosa, em resposta.

Joana alcançou o homem no momento em que este chegava ao seu cavalo. Ela puxou a túnica dele, e ele se voltou para a menina. Com o rabo do olho Joana viu seu pai avançando na direção deles.

Não havia muito tempo. A mensagem dela precisava ser convincente, inequívoca.

— *Magna est veritas et praevalabit* — ela disse. Era um trecho de Esdras, suficientemente obscuro para ser reconhecido apenas por pessoas bem versadas nas Escrituras. “Grande é a verdade, e prevalecerá.” Ele era emissário do bispo, era um homem da Igreja, ele haveria de conhecer. E o fato de que ela conhecia, de que ela falava latim, provaria que era *ela* a estudante que o bispo mandara buscar.

— *Lapsus calami non est* — ela prosseguiu em latim. — Não é um erro de ortografia. Eu sou Johanna; eu sou quem o senhor quer!

O homem olhou para ela gentilmente.

— Hein? O que é isso, olhos azuis? Que avalanche de palavras! — Ele afagou o pequeno queixo da menina. — Desculpe, meu bem. Não sei falar sua língua saxã. Embora, depois de ver a sua mãe, eu tenha ficado com vontade de aprender. — Ele enfiou a mão numa sacola amarrada à sua sela e retirou uma tâmara açucarada. — Tome um docinho.

Joana olhou para a tâmara. O homem não havia entendido uma palavra. Um filho da Igreja, emissário do bispo, e não sabia latim! Como era possível?

Os passos do seu pai soaram bem perto atrás dela. O braço dele agarrou-a dolorosamente pela cintura; a garota foi içada do chão e carregada de volta para casa.

— Não! — ela gritou. A mão grande do seu pai tapou-lhe a boca e o nariz com tanta força que ela não podia respirar. Ela esperneou e se debateu. Dentro do chalé ele a soltou, e ela caiu no chão, arquejando. Ele ergueu o punho sobre a menina.

— Não! — Gudrun interpôs-se entre eles. — Você não vai tocar nela! — Havia um tom na sua voz que Joana nunca escutara. — Ou eu contarei a verdade!

O cônego encarou-a sem poder acreditar. João apareceu no umbral, carregando um saco de linho repleto com seus pertences. Gudrun indicou-o com a cabeça.

— Seu filho precisa da sua bênção para a viagem.

Por um longo tempo o cônego sustentou o olhar dela. Por fim, muito devagar, voltou o rosto para o filho.

— Ajoelhe-se, Johannes.

João se ajoelhou. O cônego colocou sua mão sobre a cabeça abaixada do garoto.

— Ó Deus, que fizeste Abraão deixar o seu lar e o protegeste em todas as suas jornadas, a Ti confiamos este menino.

Um tênue raio de sol vespertino atravessava a janela, iluminando o cabelo escuro de João.

— Olha por ele e provê-lhe todas as coisas necessárias para o sustento de sua alma e de seu corpo... — a voz do cônego assumiu uma cadência monótona enquanto ele rezava.

De cabeça baixa, João ergueu para sua irmã os olhos esgazeados e assustados, pedindo socorro. *Ele não quer ir*, Joana percebeu. É claro! Como ela não percebera antes? Ela nem havia levado em conta os sentimentos de João. *Está com medo. Ele não é capaz de corresponder às exigências de uma escola, e sabe disso.*

Se ao menos eu pudesse ir com ele.

Um plano começou a tomar forma em sua mente.

— ... e quando a peregrinação da vida chegar ao fim — concluiu o cônego —, possa ele chegar a salvo no país celestial, por Cristo Jesus Nosso Senhor. Amém.

Proferida a bênção, João se levantou. Impassível e resignado como uma ovelha prestes a ser sacrificada, ele suportou os abraços de sua mãe e as admoestações de última hora do pai. Mas quando Joana colocou seus braços em volta dele, João apertou-a e prorrompeu em soluços.

— Não tenha medo — ela murmurou, tentando reconfortá-lo.

— Já chega — interrompeu o cônego, colocando o braço ao redor do ombro do filho, guiando-o na direção da porta. — Não deixe a menina sair — ele ordenou a Gudrun, e os dois saíram, a porta fechando-se atrás deles com um baque oco.

Joana correu até a janela e espiou. Viu João montando atrás do emissário do bispo, sua túnica rústica de lã contrastando com o vermelho vivo dos trajes do mensageiro. O cônego estava em pé, sua figura sombria e atarracada destacando-se da paisagem verdejante. Com um último grito de despedida, eles se distanciaram sobre o cavalo.

Joana se afastou da janela. Sua mãe estava no meio do aposento, observando-a.

— Codorninha... — Gudrun começou hesitantemente.

Joana passou pela mãe como se ela não existisse. Apanhou sua pilha de remendos e sentou-se perto da lareira. Precisava pensar, preparar-se. Não havia muito tempo, e tudo precisava ser feito muito cuidadosamente.

Seria difícil, talvez até perigoso. A ideia assustou-a, mas não fazia diferença. Com uma certeza ao mesmo tempo maravilhosa e aterradora, Joana sabia o que precisava fazer.

Não é justo, pensava João. Ele cavalgava mal-humorado, sentado atrás do emissário do bispo, franzindo o cenho para a insígnia na túnica vermelha. *Não quero ir*. Ele odiava seu pai por obrigá-lo a ir. Procurou dentro de sua túnica o objeto que havia secretamente guardado lá antes de partir. Seus dedos tocaram o cabo liso da faca — a faca de cabo de osso de seu pai, um dos tesouros dele.

Um sorrisinho vingativo cingiu os lábios de João. Seu pai ficaria furioso ao descobrir que a faca sumira. E daí? Até lá, João estaria a quilômetros de distância de Ingelheim, e seu pai não poderia fazer nada a respeito. Era um triunfo pequeno, mas o garoto se agarrava a ele em seu desespero.

Por que ele não mandou Joana? perguntou-se João, irritado. Negro ressentimento ferveu dentro dele. *É tudo culpa dela*, pensou. Por causa da irmã ele tivera que suportar mais de dois anos de aulas com Asclépio, aquele velho tedioso e ranzinza. Agora ele estava sendo enviado à escola em Dorstadt no lugar *dela*. Claro que era Joana que o bispo queria, João tinha inteligência ao menos para saber disso. Dos dois, *ela* era a inteligente, *ela* sabia latim e grego, *ela* era capaz de ler santo Agostinho, enquanto ele ainda nem tinha aprendido os Salmos.

Ele podia perdoá-la por aquilo e por outras coisas; afinal, ela era sua irmã. Mas havia uma coisa pela qual João não podia perdoá-la: Joana era a queridinha da mamãe. Ele já as escutara várias vezes, rindo e sussurrando juntas em saxão, parando subitamente quando ele se juntava a elas. Elas pensavam que ele não as tinha ouvido, mas tinha. Mamãe nunca falara na Língua Antiga com ele. *Por quê?* perguntou-se João amargamente pela milésima vez. *Ela pensa que eu contaria ao papai? Eu não teria contado, por nada nesse mundo, não importa o que ele fizesse, mesmo que ele me batesse!*

Não é justo, ele ruminou de novo. *Por que ela gosta mais de Joana que de mim? Eu sou filho dela, e todo mundo sabe que um filho vale mais que uma filha inútil.* Joana não era nenhum exemplo de menina. Ela não conseguia costurar ou bordar como as outras garotas da sua idade. E havia o interesse dela por aprendizado e por livros, que todo mundo sabia que era uma aberração. Até mamãe achava aquilo errado. As outras crianças do vilarejo zombavam de Joana o tempo todo. Era vergonhoso tê-la como irmã; João a renegaria de muito bom grado, se pudesse.

Imediatamente após esse pensamento, ele sentiu uma aguilhada na consciência. Joana sempre havia sido boa para ele, sempre o defendera quando seu pai se zangava, até fizera a lição dele quando ele não entendera. Ele era grato pela ajuda dela — que o salvara muitas vezes de levar uma surra —, mas ao mesmo tempo

se ressentia dela. Era humilhante. Afinal de contas, ele era o irmão mais velho. *Ele* é que deveria cuidar dela, não o contrário.

Agora, por culpa dela, ele estava cavalgando atrás daquele estranho rumo a um lugar que não conhecia e a uma vida que não desejava. João visualizou sua vida na escola, preso o dia inteiro em algum quarto lúgubre, rodeado de pilhas de livros horríveis e enfadonhos.

Por que seu pai não entendia que ele não queria ir? *Eu não sou Mateus; nunca serei bom nos estudos.* Ele tampouco desejava ser um estudante ou um clérigo. Ele sabia o que queria ser: um guerreiro, um soldado no exército do imperador, combatendo para subjugar as hordas pagãs. Ele tirara essa ideia de Ulfert, o seleiro, que havia acompanhado o conde Hugo na campanha do velho imperador contra os saxões. Que histórias formidáveis o seleiro contava, sentado na sua oficina, as ferramentas temporariamente esquecidas ao seu lado, seus olhos iluminados pela lembrança daquela grande vitória!

“Como os tordos que adejam sobre os vinhedos de outono, bicando as uvas”, João lembrava-se de cada palavra exatamente como o velho Ulfert dissera, “nós voamos sobre a terra, um cântico sagrado em nossos lábios, desentocando os pagãos escondidos nos bosques, pântanos e fossos, homens, mulheres e crianças. Nós todos ficamos com os escudos e espadas vermelhos de sangue naquele dia. Ao pôr-do-sol, não havia uma alma deixada viva que não tivesse renegado suas práticas demoníacas e jurado de joelhos lealdade eterna à Verdadeira Fé.”

Então o velho Ulfert trouxe sua espada, que havia arrancado, ainda morna, da mão sem vida de um dos pagãos. Seu punho era de um reluzente amarelo e cintilava de gemas vítreas. Ao contrário das espadas francas, feitas de ferro, aquela era modelada em ouro, um material inferior, explicou Ulfert, ao qual faltava a solidez e o corte das armas francas, mas não faltava beleza. O coração de João disparou ao vê-la. O velho Ulfert estendeu-a para ele, e o garoto a segurou, sentindo-lhe o balanço, o peso. Sua mão se encaixou ao punho crivado de gemas como se tivesse sido feita para isso. Ele oscilou a espada sobre sua cabeça, e ela cortou o ar com um som sibilante que se harmonizava com o pulsar do seu

sangue. Foi então que soube que havia nascido para ser um guerreiro.

Corriam rumores, mesmo agora, sobre uma nova campanha na primavera. Talvez o conde Hugo atendesse de novo ao chamado do imperador.

Se isso acontecesse, João planejava ir com ele, não importava o que seu pai dissesse. Ele em breve completaria catorze anos, a idade de um homem; muitos já tinham ido para a guerra com aquela idade, até menos. Ele fugiria, se necessário, mas iria.

Claro que isso seria difícil agora que ele estava prestes a ficar enclausurado na escola em Dorstadt. Será que a notícia do novo recrutamento chegaria tão longe, ele se perguntou. E se chegasse, conseguiria ele escapar?

A ideia era preocupante, e ele a tirou da cabeça. Ao invés disso, evocou seu sonho favorito. Ele estava na vanguarda da batalha, os estandartes prateados do conde cintilando à sua frente, fazendo-o seguir adiante. Ele e sua fileira dispersavam os pagãos derrotados, que fugiam de João, desesperados e apavorados, o comprido cabelo auribranco das mulheres ondulando ao vento. João os atacava, brandindo sua longa espada com grande destreza, retalhando e matando, sem misericórdia, até que finalmente os pagãos se submetiam a ele, arrependendo-se de sua cegueira e mostrando-se dispostos a aceitar a Luz.

Os cantos da boca de João se ergueram num sorriso sonolento enquanto o rufar constante dos cascos do cavalo marcavam o avanço deles através da floresta sombria.

• • •

Houve um som de rápida movimentação, seguido por um pesado baque.

— Ahhh! — O emissário do bispo foi lançado para trás. Seu ombro esbarrou contra João, arrancando-o de seu sono.

— Ei! — o garoto protestou, mas o homem já estava caindo, o peso de seu corpo inexoravelmente arrastando João para fora da sela.

Os dois vieram ao chão juntos. João aterrisou sobre o emissário do bispo, que ficou deitado, imóvel, onde caíra. Quando João estendeu a mão para se levantar, seus dedos se fecharam ao redor de algo comprido, cilíndrico e liso.

Era a haste de uma flecha, com penas amarelas numa das extremidades. A outra extremidade estava enterrada fundo no meio do peito do homem.

João ergueu-se, com todos os seus sentidos alertas. Dentre as grossas árvores do outro lado da trilha, surgiu um homem vestido em andrajos. Em suas mãos carregava um arco, e nas costas levava uma aljava cheia de flechas rematadas por penas amarelas.

Será que ele quer me matar também?

O homem avançou para ele. João olhou ao redor, procurando uma rota de fuga. O arvoredo era denso nessa parte da floresta; se ele corresse, talvez conseguisse iludir o agressor.

O homem estava quase sobre ele, perto o bastante para João ler a ameaça nos seus olhos.

João tentou correr, mas era tarde demais: o homem agarrou-o pelo braço. O garoto lutou, mas o sujeito, robusto e bem mais alto que ele, segurou-o firme, erguendo-o de modo que os dedos dos pés de João mal tocavam o solo.

O garoto lembrou-se da faca. Enfiou a mão livre dentro da túnica, Tateando freneticamente em busca do punho de osso até encontrá-lo. Ele sacou a arma e, com um movimento rápido, cravou-a no seu atacante atrás dele. Uma onda de alegria invadiu João quando ele sentiu a lâmina afundar na carne do homem, atingindo o osso antes que o garoto a arrancasse com uma torção maligna. O homem praguejou e agarrou o ombro ferido, soltando sua presa.

João disparou floresta adentro. Ramos afiados rasgavam suas roupas e arranhavam sua pele, mas ele continuou correndo. Apesar do luar, estava escuro sob o dossel formado pelas copas das árvores. Quando olhou para trás, a fim de ver se estava sendo perseguido, o garoto esbarrou numa faia com ramos baixos. Ele saltou para alcançar o galho menos alto, agarrou-o e começou a galgá-lo rapidamente, seu corpo jovem serpenteando com agilidade através da ramagem, parando apenas quando os ramos ficaram

demasiado pequenos e flexíveis para suportar o seu peso. Então esperou.

Não havia som algum, exceto o suave farfalhar de folhas. Por duas vezes o pio de uma coruja ecoou de modo sinistro em meio à quietude. Então João ouviu passos ruidosos através da floresta. Ele empunhou a faca, prendendo a respiração, grato por seu manto marrom simples camuflá-lo tão bem na negridão da noite.

Os passos foram se aproximando cada vez mais. João podia escutar o som de uma respiração humana descompassada.

Os passos pararam diretamente abaixo dele.

Joana esgueirou-se para fora da silenciosa escuridão da *grubenhaus* e mergulhou na noite enluarada. Formas de objetos familiares avultavam assustadoramente, transformados pelas sombras. Ela estremeceu, lembrando-se das histórias sobre os *Waldleuten*, duendes e ogros malignos que assombravam a noite. Envolvendo-se no seu tosco manto cinza de cânhamo, ela percorreu as sombras, à procura da paisagem modificada que sinalizava a entrada para a trilha através da floresta. Havia bastante luz, pois faltavam apenas dois dias para a lua cheia, e num instante ela conseguiu vislumbrar o velho carvalho, rachado por um raio, que marcava o local. Ela cruzou rapidamente o campo na direção dele.

No limite da floresta, fez uma pausa. Estava escuro adiante, o luar filtrado pelas árvores em pálidos filetes de luz. Ela olhou para trás: banhada pela lua, rodeada por campos e cercados de animais, a *grubenhaus* parecia sólida, acolhedora, familiar. Joana pensou na sua cama confortável, nas cobertas provavelmente ainda mornas com o calor do seu corpo. Pensou em sua mãe, a quem ela nem sequer dissera adeus. Chegou a dar um passo na direção de casa, mas então parou. Tudo que importava, tudo que ela queria, estava na direção contrária.

Ela penetrou na floresta. As árvores cerraram-se sobre a sua cabeça. A trilha era salpicada de pedras e vegetação rasteira, mas a garota seguia adiante velozmente. Eram vinte e quatro quilômetros até a cela, e ela precisava estar lá antes da aurora.

Joana se concentrou em manter o passo constante. Era difícil, pois na escuridão ela frequentemente se desviava para a beira da trilha, onde ramos arranhavam-lhe o cabelo e as roupas. A trilha foi

ficando cada vez mais acidentada; por diversas vezes ela tropeçou em pedras ou raízes, e chegou a cair uma vez, machucando as mãos e os joelhos.

Depois de muitas horas, o céu começou a exibir luz acima do telhado de árvores. Estava quase amanhecendo. Joana estava exausta, mas apertou o passo, quase correndo trilha abaixo. Precisava chegar antes que eles partissem. Simplesmente precisava.

Seu pé esquerdo esbarrou em alguma coisa. Ela tentou recuperar o equilíbrio, mas estava indo rápido demais e caiu, aparando a queda com os braços desajeitadamente.

Ficou caída por um momento, quase sem ar. Seu braço direito doía no local onde uma lasca afiada o havia arranhado, mas ela não sofrera dano maior. Tentou se reerguer.

No chão, ao seu lado, um homem jazia de costas para ela. Dormindo? Não. Ele teria acordado quando ela tropeçou nele. Joana tocou-lhe o ombro; ele rolou, deitando de costas. Os olhos sem vida do emissário do bispo encararam-na, os lábios congelados numa careta banguela. Sua rica túnica estava rasgada e ensanguentada. O dedo médio da mão esquerda fora amputado.

Joana ergueu-se de um salto. “João!”, ela gritou. Seu olhar varreu a floresta e o chão nas redondezas, com medo do que pudesse encontrar.

— Aqui! — Um pedaço de rosto pálido despontou sutilmente na escuridão.

— João!

Ela correu para ele e os dois se abraçaram.

— Por que você veio? — ele perguntou. — Papai está com você?

— Não. Mais tarde eu explico. Você está ferido? O que aconteceu?

— Fomos atacados. Um bandido, eu acho, queria o anel de ouro do emissário. Eu estava atrás dele na sela quando a flecha o atingiu.

Joana nada disse, mas abraçou-o mais forte.

Ele se desvencilhou do abraço dela.

— Mas eu me defendi! — Os olhos dele cintilaram com uma estranha empolgação. — Quando ele veio me pegar, eu o feri com

isto! — falou, mostrando a faca de caça com cabo de osso do cônego. — Acho que o atingi no ombro. De qualquer forma, eu o detive por tempo suficiente para escapar!

Joana olhou fixamente para a lâmina suja de sangue.

— A faca do papai!

A expressão de João ficou soturna.

— Sim. Eu peguei. Por que não? Ele me obrigou a ir e eu não queria.

— Está bem! — disse Joana asperamente. — Guarde isso! Precisamos nos apressar se quisermos chegar à cela antes do amanhecer.

— À cela? Mas eu não preciso mais ir para Dorstadt. Depois do que aconteceu — ele sinalizou com a cabeça na direção do emissário assassinado — eu posso ir para casa.

— Não, João. *Pense*. Agora que papai sabe as intenções do bispo, ele não permitirá que você fique em casa. Ele vai achar algum modo de colocar você na escola, mesmo que tenha de levar você pessoalmente. Além do mais — Joana apontou a faca —, quando você chegar de volta ele já terá descoberto que você levou isto consigo.

João levou um susto. Obviamente isso não lhe havia ocorrido.

— Vai dar tudo certo. Estarei lá com você, eu o ajudarei. — Ela segurou a mão dele. — Venha.

De mãos dadas, sob o céu que se iluminava lentamente, as duas crianças se dirigiram para a cela, onde os demais homens do bispo estavam aguardando.



7

Eles chegaram à cela enquanto o sol ainda estava baixo no céu, mas os emissários do bispo já estavam despertos, aguardando impacientemente o retorno de seu companheiro. Quando João e Joana contaram o ocorrido, os homens ficaram, a princípio, desconfiados. Eles pegaram a faca de cabo de osso de João e a examinaram com cuidado. Joana fez uma prece de agradecimento por ter pensado em lavá-la no riacho da floresta, removendo dela todo vestígio de sangue.

Os homens cavalgaram de volta para encontrar o corpo do seu companheiro, levando Joana e João consigo; a descoberta da flecha com pena amarela confirmou a história das crianças. Mas o que fazer com o cadáver? Carregá-lo todo o caminho até Dorstadt, uma jornada de quinze dias sob o sol quente da primavera, estava fora de questão. Acabaram enterrando seu companheiro na floresta, marcando o local com uma tosca cruz de madeira. Joana fez uma oração sobre a sepultura, o que muito impressionou os homens, que, como o seu colega, não sabiam latim.

Como esperavam escoltar uma menina, os homens não quiseram, a princípio, levar João junto.

— Não tem montaria para ele — o líder deles falou —, nem comida.

— Podemos cavalgar juntos na mesma sela — Joana propôs —, e dividir a ração.

O homem sacudiu a cabeça.

— O bispo mandou buscar você. Não há razão alguma para levar o seu irmão.

— Meu pai fez um acordo com o companheiro de vocês — mentiu Joana. — Eu recebi permissão para ir sob a condição de que João me acompanhasse. Se ele não for, meu pai vai ordenar que eu retorne a casa, e vocês serão obrigados a me escoltar de volta.

O homem franziu o cenho; depois de suportar a canseira de uma longa viagem, ele não ficou empolgado com a possibilidade de fazer mais uma.

Joana tirou partido dessa vantagem:

— Se isso acontecer, eu direi ao bispo que tentei explicar a situação, mas que vocês não me ouviram. Vocês acham que ele vai gostar quando souber que todo o mal-entendido foi por sua culpa?

O homem estava atônito. Nunca ouvira uma menina falar com tanta coragem. Agora ele entendia por que o bispo queria vê-la; ela era uma raridade.

— Está bem — ele concordou de má vontade. — O garoto pode vir.

Foi uma jornada exaustiva até Dorstadt, porque os homens da escolta estavam ansiosos por chegar logo, e cavalgavam sem parar todos os dias. Os rigores da viagem não incomodaram Joana; ela estava fascinada com a paisagem que mudava o tempo todo e com o mundo novo que a cada dia se descortinava diante dela. Finalmente ela estava livre, livre de Ingelheim e das limitações da sua vidinha lá! Ela cruzava esquálidos vilarejos e animadas cidades com o mesmo entusiasmo, cheia de curiosidade e deleite. Por outro lado, João ficou rapidamente irritável pela falta de comida e de descanso. Joana tentava consolá-lo, mas sua solicitude azedava ainda mais o mau humor dele.

Chegaram ao palácio episcopal entre a manhã e a tarde do décimo dia. O intendente palaciano olhou desaprovadamente para as duas crianças em suas vestes de camponês manchadas e amarrotadas, e deu ordens para que fossem banhadas e vestidas com roupas limpas antes de admitidas à presença do bispo.

Para Joana, acostumada a lavagens apressadas no regato que corria atrás da *grubenhau*, banho era uma experiência extraordinária. O palácio do bispo tinha banheiros internos, com água aquecida, luxo de que ela nunca sequer ouvira falar. Ela permaneceu dentro da água morna por quase uma hora, enquanto criadas a esfregavam até que a pele dela ficasse reluzentemente rosada e quase em carne viva. Elas, no entanto, lavaram com a maior suavidade as costas da garota, estalando as línguas em

solidariedade por causa das feias cicatrizes. Lavaram também o cabelo dela e torceram a comprida massa auribranca em tranças brilhantes que lhe emolduravam o rosto. Depois lhe trouxeram uma nova túnica de linho verde, de textura tão macia e costura tão delicada, que Joana achou difícil acreditar que fora feita por mãos humanas.

Assim que ela ficou vestida, as mulheres entregaram-lhe um espelho engastado em ouro. Joana o ergueu e viu nele o rosto de uma estranha. Ela nunca tinha visto suas próprias feições, exceto em ocasionais fragmentos distorcidos refletidos pela água lamacenta do lago do vilarejo. A nitidez da imagem no espelho deixou-a estarecida. Joana segurou o espelho, examinando a si mesma criticamente.

Ela não era bonita, mas sabia disso. Não possuía a fronte alta e pálida, o queixo delicado, nem a silhueta frágil e de ombros em declive tão apreciada pelos menestrelis e amantes. Tinha a aparência corada e saudável de um menino. A testa era muito baixa, o queixo muito firme e os ombros retos demais para que pudesse ser considerada bela. Mas seu cabelo — o cabelo da sua mãe — era deslumbrante, e os olhos eram bonitos, duas orbes cinzaesverdeadas franjadas por grossas pestanas. Ela deu de ombros e descansou o espelho. O bispo não a mandara chamar pela sua beleza.

João foi trazido igualmente resplandecente, numa túnica e num manto de linho azul. As duas crianças foram levadas ao intendente palaciano.

— Melhor — o intendente falou, examinando-as apreciativamente. — Muito melhor. Pois bem, sigam-me.

Caminharam por um longo corredor de paredes cobertas por enormes tapeçarias com trabalho intrincado de fios de ouro e prata. A pulsação de Joana acelerou nervosamente: estava prestes a se encontrar com o bispo!

Serei capaz de responder as perguntas dele? Ele me aceitará na escola? De repente ela se sentiu inadequada e insegura. Procurou se recordar de uma única coisa que havia estudado, mas teve um branco e não se lembrou de nada. Quando pensou em Asclépio, na

fé que ele demonstrara ter nela ao conseguir essa entrevista, sentiu um aperto no estômago.

Pararam diante de um par de imensas portas de carvalho. Do lado de dentro vinha um vozerio e tinido de pratos. O intendente palaciano fez um gesto ao criado posicionado à entrada, e este empurrou as portas, abrindo-as.

Joana e João adentraram o salão e detiveram-se, boquiabertos. Cerca de duzentas pessoas estavam reunidas lá dentro, sentadas diante de compridas mesas repletas de comida. Travessas cheias de toda variedade de carne assada — frangos, gansos, galinhas-d'água e pernis de cervos — amontoavam-se sobre as mesas ao alcance fácil dos comensais, que arrancavam nacos de carne com os dedos e os enfiavam na boca, limpando as mãos na roupa.

Ao centro da mesa maior, semi-devorada mas ainda reconhecível, jazia a enorme cabeça de um porco assado, engordurado de molho. Havia sopas e massas, nozes sem casca, figos, tâmaras, doces brancos e vermelhos, e muitos outros pratos que Joana não pôde identificar. Ela nunca tinha visto tanta comida junta em toda a sua vida.

“Uma canção! Uma canção!” Copos de estanho martelavam as mesas de madeira de modo ritmado e insistente. “Vamos lá, Widukind, uma canção!” Um rapaz alto de pele muito clara foi incentivado a se levantar e ficou em pé, sorrindo.

— *Ik gihorta dat seggen dat sih urhettun aenon muo tin, hiltibraht enti hadubrant...*

Joana ficou surpresa. O rapaz cantava em tudesco, a língua comum, que o cônego chamaria de língua pagã.

— “Isso eu ouvi contarem, que guerreiros em combate singular, Hildebrando e Hadubrando, entre dois exércitos...”

Os homens ficaram em pé e cantaram também, erguendo seus copos bem alto: “... arremessaram afiadas lanças de madeira de freixo, avançaram juntos e entrechocaram armas até que seus escudos de madeira de tília fossem partidos em pedaços...”

Música estranha para a mesa de um bispo. Joana olhou João de esquelha, mas ele estava escutando em êxtase, os olhos iluminados de entusiasmo.

Com um grito exultante, os homens terminaram a canção. Houve um ruidoso arrastar de madeira quando se sentaram, puxando os bancos de tábua comprida de volta para perto das mesas.

Outro homem se levantou com um sorriso motejador.

— Ouvi falar de algo se erguendo num canto...

“Uma charada!”, alguém gritou, e a multidão berrou em aprovação: “Uma das charadas do Haido! Sim! Sim! Vamos ouvi-la!”

O homem chamado Haido esperou que o barulho diminuísse.

— Ouvi falar de algo se erguendo num canto — repetiu — avolumando-se e ficando em pé, levantando sua cobertura. A orgulhosa noiva agarrou aquela maravilha sem ossos com suas mãos...

Um riso malicioso foi se elevando entre os convidados.

— ... a filha do príncipe cobriu aquela coisa inchada com um pano. — Os olhos risonhos de Haido percorreram o aposento desafiadoramente.

— O que é o que é?

— Olhem no meio das suas pernas — alguém gritou — e encontrarão a resposta!

Isso foi seguido por mais risadas e uma avalanche de gestos obscenos. Joana observava absolutamente perplexa. *Aquilo* era a residência de um bispo?

— Errado! — redarguiu Haido alegremente. — Estão todos errados!

— Dê a resposta, então! A resposta! — gritavam as pessoas, batendo seus copos nas mesas.

Haido fez uma pausa para dar efeito dramático.

— Massa! — ele anunciou triunfalmente, e se sentou enquanto uma onda de gargalhadas sacudia o salão.

Quando o barulho amainou, o intendente disse: “Venham comigo”, e conduziu as duas crianças ao fundo do salão, onde a mesa principal erguia-se sobre um tablado. O bispo estava sentado no centro, ainda rindo, trajado em magnífica seda amarela manchada com gotas de gordura e de vinho. Uma almofada macia acolchoava o seu lugar no banco.

Ele não correspondia de modo algum à ideia que Joana fizera dele. Era um homem corpulento, de pescoço robusto; a musculatura

do peito e dos ombros destacava-se através da fina túnica de seda. A barriga grande e o rosto corado eram os de um homem que amava a boa mesa e bom vinho. À medida que se aproximavam, ele se inclinava segurando um confeito carmesim perto dos lábios de uma mulher bem fornida sentada ao lado dele. Ela mordeu, sussurrou algo no ouvido dele, e ambos riram.

O intendente palaciano pigarreou.

— Meu senhor, os homens voltaram de Ingelheim com a menina.

O bispo encarou o funcionário com um olhar opaco.

— Menina? Que menina?

— A que Vossa Eminência mandou buscar. Uma candidata para a escola, creio. Recomendada ao senhor pelo gr...

— Sim, sim — o bispo acenou impacientemente. — Eu me lembro agora. — O braço dele descansava em volta dos ombros da mulher. Ele olhou para Joana e João. — Ei, Widukind, estou enxergando em dobro?

— Não, senhor. O cônego mandou também o seu filho. Os dois chegaram à cela juntos e não quiseram se separar.

— Ora, ora! — A face do bispo ficou iluminada de satisfação. — O que acham disso? Eu peço uma criança, e me mandam duas. Quem dera o imperador fosse tão generoso em seus favores a este prelado rural!

A mesa inteira riu às gargalhadas. Muitos gritavam “Bravo!” e “Amém!”.

O bispo estendeu o braço e arrancou a coxa de um frango assado, perguntando a Joana:

— Você é mesmo a erudita que me disseram que é?

Joana hesitou, insegura sobre o que dizer.

— Eu estudei bastante, Eminência.

— Bah! Estudo! — desdenhou o bispo, abocanhando um pedaço de frango. — A escola está repleta de palermas que estudam, mas não sabem nada. O que você *sabe*, menina?

— Sei ler e escrever, Eminência.

— Em tudesco ou em latim?

— Em tudesco, latim e grego.

— Grego! Isso já é alguma coisa. Nem o Odo sabe grego, não é verdade, Odo?

Ele sorriu para um homem de cara afilada a alguns assentos de distância. Odo arreganhou a boca num sorriso sem alegria.

— É uma língua pagã, senhor, idioma de idólatras e hereges.

— Está certo, certíssimo! — O tom do bispo era de escárnio. — Odo está sempre certo, não é, Odo?

O clérigo torceu o nariz.

— Vossa Eminência bem sabe que eu não aprovo este seu último capricho. É perigoso e ímpio aceitar uma mulher na escola.

Do fundo do salão uma voz se fez ouvir:

— Ela não é uma mulher ainda, julgando pela sua aparência.

Outra onda de gargalhadas varreu o aposento, acompanhada de comentários obscenos.

Um calor subiu da garganta de Joana até suas faces. Como aquela gente podia se comportar daquela forma na presença do bispo?

— E também não faz sentido algum — o tal Odo prosseguiu quando a algazarra arrefeceu. — Mulheres são, por natureza, totalmente incapazes de raciocinar. — Ele olhou depreciativamente para Joana e voltou os olhos para o bispo. — Os humores naturais delas, frios e úmidos, não são propícios à atividade cerebral. Elas não conseguem compreender os conceitos espirituais e morais mais elevados.

Joana olhou fixamente para o homem.

— Já ouvi essa opinião antes — disse o bispo. Ele sorriu para Odo como se estivesse se divertindo à beça. — Mas então como você explica a destreza estudantil desta garota, como o conhecimento de grego dela, por exemplo, o qual nem mesmo você, Odo — ele se demorou nessas palavras — conhece.

— Ela se gabou de suas habilidades, mas não vimos prova alguma da existência delas — desdenhou Odo. — Vossa Eminência é muito crédulo. O grego pode não ter sido muito honesto ao apregoar-lhe os talentos.

Aquilo era demais. Primeiro aquele homenzinho odioso a insultara, agora ousava falar mal de Asclépio! Os lábios de Joana começaram a formar uma resposta indignada, quando ela captou o olhar solidário de um cavaleiro ruivo sentado ao lado do bispo.

Não, ele sinalizou a ela em silêncio. A garota hesitou, compreendendo a mensagem contida nos persuasivos olhos cor de anil dele. Ele se voltou para o bispo e sussurrou-lhe algo. O bispo acedeu de cabeça e se dirigiu ao clérigo de cara magra:

— Pois muito bem, Odo, examine-a.

— Meu senhor?

— Examine-a. Verifique se ela é apta para estudar na escola.

— Aqui, meu senhor? Não me parece muito apror...

— Aqui mesmo, Odo. Por que não? Todos nos beneficiaremos com o exemplo.

Odo franziu o cenho e se voltou para Joana, sua cara estreita apontando para ela como um machado.

— *Quicumque vult*. O que isso significa?

Joana ficou surpresa. Uma pergunta tão fácil como aquela? Talvez fosse um truque, talvez ele estivesse tentando deixá-la desprevenida. Cautelosamente ela respondeu:

— É a doutrina que estabelece que as três Pessoas da Trindade são consubstanciais. Que Cristo era inteiramente divino tanto quanto inteiramente humano.

— Qual a autoridade dessa doutrina?

— O primeiro concílio de Niceia.

— *Confessio Fidei*. O que é isso?

— É a doutrina falsa e perniciosa — Joana fora bem instruída por Asclépio nesse assunto — segundo a qual Cristo foi primeiramente humano, e apenas secundariamente divino. Ou seja, divino somente através da adoção pelo Pai. — Ela perscrutou o semblante de Odo, mas este era ilegível. — *Filius non proprius, sed adoptivus* — ela acrescentou.

— Explique a natureza falsa dessa heresia.

— Se Cristo é o Filho de Deus pela graça e não por natureza, então Ele tem de ser subordinado ao Pai. Isso é uma falsidade e uma abominação — Joana recitou zelosamente de memória — porque o Espírito Santo procede não somente do Pai, mas também do Filho; há apenas um Filho, e Ele não é um filho adotivo. “*In utraque natura proprium eum et non adoptivum filium dei confitemur.*”

Os comensais estalaram os dedos em aplauso. “*Litteratissima!*” gritou alguém através do aposento.

— Que aberraçãozinha mais divertida, não é? — murmurou só um pouquinho alto demais uma voz de mulher, logo atrás de Joana.

— Então, Odo — falou o bispo expansivamente —, o que você acha? O grego estava ou não estava certo a respeito de Joana?

A cara de Odo era de quem havia bebido vinagre.

— A menina parece ter alguma noção de teologia ortodoxa. Mas isso por si só não prova nada. — Ele falava de modo condescendente, como a uma criança difícil. — Existe, em algumas mulheres, uma habilidade imitativa altamente desenvolvida, que lhes permite memorizar e repetir as palavras dos homens sob uma aparência de atividade racional. Mas essa habilidade para imitar não deve ser confundida com autêntica razão, que é essencialmente masculina. Pois, como é bem sabido — a voz de Odo assumiu um tom entendido, pois agora ele se encontrava em terreno familiar —, mulheres são naturalmente inferiores aos homens.

— Por quê? — Joana perguntou sem pensar.

Odo sorriu, seus lábios finos contraindo-se de modo desagradável. Ele tinha a expressão da raposa que conseguiu encurralar o coelho.

— Sua ignorância, menina, fica evidente nessa pergunta. Pois o próprio São Paulo afirmou esta verdade, que as mulheres são inferiores aos homens em concepção, em lugar, e em vontade.

— Em concepção, em lugar, e em vontade? — repetiu Joana.

— Sim — Odo falou muito pausadamente, como se estivesse se dirigindo a um imbecil. — Em concepção porque Adão foi criado primeiro e Eva depois; em lugar porque Eva foi criada para servir Adão como companheira; em vontade porque Eva não pôde resistir à tentação do diabo e comeu a maçã.

Ao longo das mesas, cabeças assentiram. A expressão do bispo era de seriedade. Do lado dele, o cavaleiro ruivo não demonstrava o que estava pensando.

Odo sorriu afetadamente. Joana sentiu uma profunda antipatia por aquele homem de cara delgada. Por um instante ficou silenciosa, puxando o seu nariz.

— Por que a mulher seria inferior em concepção? — ela perguntou por fim. — Pois embora tenha sido criada depois, ela foi feita da costela de Adão, ao passo que Adão foi feito de mero barro.

Houve diversos risinhos apreciativos nas mesas da parte de trás do salão.

— Em lugar — as palavras iam saindo na velocidade do pensamento de Joana — a mulher deveria preceder o homem, porque Eva foi criada dentro do Paraíso, e Adão fora dele.

Houve outro zunzum da audiência. O sorriso na cara de Odo murchou.

Joana prosseguiu, interessada demais na sua linha de argumentação para levar em conta o que estava fazendo.

— Quanto a vontade, a mulher deveria ser considerada *superior* ao homem — aquilo era muito ousado, mas não havia como voltar atrás agora —, pois Eva comeu da maçã por amor à cultura e ao conhecimento, enquanto Adão comeu simplesmente porque ela pediu que ele comesse.

Houve um silêncio chocado no aposento. Odo apertou os lábios pálidos furiosamente. O bispo olhava para Joana como se não pudesse acreditar no que ouvira.

Ela tinha ido longe demais.

Algumas ideias são perigosas.

Asclépio a advertira, mas ela havia se envolvido de tal forma no debate, que esquecera da advertência dele. Aquele homem, Odo, era tão cheio de si, e tão propenso a humilhá-la na frente do bispo. Ela havia arruinado sua chance de entrar na escola da catedral e sabia disso, mas não daria ao homenzinho odioso a satisfação de parecer consternada. Ela permaneceu diante da mesa com o queixo erguido e os olhos em brasa.

O silêncio estendeu-se interminavelmente. Todos os olhos estavam sobre o bispo, cujo olhar avaliador permanecia fixo em Joana. Então, devagar, muito devagar, um ruído surdo e prolongado escapuliu de seus lábios.

O bispo estava rindo.

Ao lado dele, a mulher soltou um risinho tolo e nervoso. Em seguida o salão irrompeu numa reverberante algazarra. As pessoas davam vivas, batiam na mesa e riam, riam tanto que lágrimas

corriam por suas faces e elas as enxugavam com as mangas. Joana olhou para o cavaleiro ruivo, que sorria de orelha a orelha. Os olhos de ambos se encontraram, e ele piscou para ela.

— Vamos lá, Odo — falou o bispo quando finalmente recuperou o fôlego —, você tem que admitir: a garota levou a melhor sobre você!

Odo dardejou um olhar venenoso contra o bispo.

— E o menino? Vossa Eminência deseja que ele também seja examinado?

— Não, não. Vamos aceitá-lo, visto que a garota é tão apegada a ele. Aceitaremos ambos! Não há dúvida de que a educação da garota tem sido um tanto — ele procurou a palavra certa — heterodoxa. Mas ela é absolutamente estimulante. Exatamente o que a escola precisa! Odo, você acaba de adquirir dois novos alunos. Cuide bem deles!

Joana olhou para o bispo em choque. O que ele queria dizer? Seria possível que Odo fosse o diretor da escola? Aquele que haveria de ensiná-la?

O que ela tinha feito?

Odo olhou para o bispo do alto de seu nariz afilado.

— Vossa Eminência decerto tomou providências para as acomodações da menina, não tomou? Ela não pode pousar com os garotos.

— Ah... acomodações... — O bispo hesitou. — Deixe-me ver...

— Meu senhor — interveio o cavaleiro ruivo —, a menina pode ficar comigo. Minha esposa e eu temos duas filhas, que a acolherão com alegria. Ela seria uma boa companhia para minha Gisla.

Joana olhou para ele. Era um homem na flor da idade, de uns vinte e cinco anos, forte, apessoado, com pômulos altos e uma bela barba cerrada. Seu cabelo grosso, de um vermelho extraordinário, era repartido no meio e encaracolava-se até os ombros. Os olhos intensamente azuis transmitiam afabilidade e inteligência.

— Excelente, Gerold! — O bispo deu-lhe uma palmada amigável nas costas. — Está resolvido. A menina ficará com você.

Um servo chegou com uma bandeja repleta de confeitos. Os olhos de João se arregalaram à visão das guloseimas açucaradas, reluzentes de manteiga. O bispo sorriu.

— Crianças, vocês devem estar famintas depois da sua longa viagem. Venham sentar-se do meu lado.

Ele chegou mais perto da mulher ao lado dele, abrindo espaço entre si e o cavaleiro ruivo. Joana e João rodearam a mesa e se sentaram. O bispo pessoalmente serviu-lhes confeitos. João comeu avidamente, mordendo grandes nacos das guloseimas pegajosas, que formavam sobre a boca dele um bigode branco de açúcar.

O bispo voltou sua atenção de novo para a mulher sentada ao lado dele. Eles bebiam da mesma taça, rindo, e ele acariciava o cabelo dela, desarranjando-lhe a coifa. Deitando os olhos sobre o prato de confeitos, Joana beliscou um deles, mas não pôde terminá-lo, pois era tão doce que chegava a ser enjoativo. Ela ansiava por estar longe daquele lugar, longe do barulho, daquelas pessoas desconhecidas e do comportamento desorientador do bispo.

O cavaleiro ruivo de nome Gerold dirigiu-se a ela:

— Você teve um longo dia. Gostaria de se retirar?

Joana assentiu com a cabeça. Vendo-os se levantarem, João enfiou mais um bocado de doce na boca e se levantou também.

— Não, filho — Gerold disse, colocando a mão no ombro do menino.

— Você fica.

— Quero ir com ela — João respondeu em tom lamentoso.

— Seu lugar é aqui, com os outros garotos. Quando a refeição terminar, o intendente vai levá-lo aos seus aposentos.

João empalideceu, mas se controlou e nada disse.

— Que peça interessante — observou Gerold, apontando a faca de cabo de osso presa à cintura de João. — Posso vê-la?

João tirou a faca do cinto e entregou-a a Gerold. Este a revirou, admirando o acabamento do cabo. A lâmina cintilava, refletindo as tochas bruxuleantes que iluminavam o salão. Joana lembrou-se como ela reluzira à luz da vela da *grubenhau*s, antes que mordesse o pergaminho do livro de Asclépio, apagando-o, destruindo-o.

— Muito bonita. Roger tem uma espada cujo punho tem um desenho parecido. Roger — Gerold chamou um rapaz da mesa vizinha. — Venha mostrar a este moço a sua espada.

Roger estendeu uma longa espada de ferro com um punho finamente cinzelado.

João contemplou-a cheio de reverência.

— Posso tocar nela?

— Pode segurá-la, se quiser.

— Você receberá sua própria espada — disse Gerold. — E um arco. Até uma lança, se tiver força para tal. Conte a ele, Roger.

— Sim, todos os dias temos lições de luta e de armamentos.

Os olhos de João registraram surpresa e deleite.

— Está vendo este pequeno corte aqui, do lado da lâmina? Foi quando desferi um golpe contra a espada pesada do próprio mestre-de-armas!

— Verdade? — João estava fascinado.

Gerold disse a Joana:

— Vamos embora? Acho que agora o seu irmão não vai se importar se formos.

Na porta, Joana olhou para trás. Com a espada sobre o colo, João conversava animadamente com Roger. Ela sentiu uma estranha relutância em se separar dele. Eles muitas vezes tinham sido mais rivais do que amigos, mas João era o vínculo dela com o lar, com um mundo familiar e compreensível. Sem ele, sentia-se completamente só.

Gerold fora na frente, descendo o corredor. Era muito alto, e suas pernas compridas o carregavam depressa; Joana precisou correr para alcançá-lo.

Durante vários minutos eles nada disseram. Então Gerold falou abruptamente:

— Você se saiu bem com o Odo.

— Não creio que ele goste muito de mim.

— Não, nem poderia gostar. Odo é muito cioso da sua dignidade, como um homem com as suas moedas quando mal sobra alguma.

Joana sorriu para Gerold, de quem começava a gostar.

Impulsivamente, resolveu confiar nele.

— Aquela moça era... esposa... do bispo?

Ela pronunciou a palavra com constrangimento. Por toda a sua vida tivera consciência de quão vergonhosamente escandaloso era o casamento de seus pais. Era uma consciência de criança, nunca comentada nem completamente admitida, mas profundamente sentida. Certa vez, observando o quanto Joana era sensível com

relação a esse assunto, Asclépio lhe dissera que tais casamentos não eram incomuns entre o baixo clero. Mas para um bispo...

— Esposa? Ah, você se refere a Theda. — Gerold riu. — Não, o meu senhor bispo não é do tipo casamenteiro. Theda é uma de suas concubinas.

Concubinas! O bispo tinha concubinas!

— Você ficou chocada. Não precisa ficar. O bispo Fulgêncio não é um homem piedoso. Ele herdou o título do seu tio, que foi bispo antes dele. Ele nunca foi ordenado sacerdote e não finge ser santo, como você deve ter notado. Mas é um bom homem, apesar de tudo. Ele admira a cultura, embora não seja letrado. Foi ele que estabeleceu a escola aqui.

Gerold havia falado francamente com ela, não como a uma criança, mas como a alguém capaz de entender. Joana gostou disso. Mas as palavras dele eram perturbadoras. Seria correto que um bispo, um príncipe da Igreja, vivesse dessa forma? Mantendo... concubinas? Era tudo tão diferente do que ela havia esperado!

Chegaram às portas externas do palácio. Pajens vestidos de seda vermelha abriram-nas, e o fulgor das tochas derramou-se dentro da escuridão.

— Venha — falou Gerold. — Você vai se sentir melhor após uma noite de sono.

Ele caminhou rapidamente rumo aos estábulos. Incerta, Joana o seguiu para dentro da noite fria.

— Lá está! — Gerold apontou para a esquerda, e Joana seguiu a direção do seu braço. À distância ela apenas discerniu formas escuras de edifícios contra o céu enluarado. — Lá está Villaris, meu lar... e agora seu também, Joana.

Mesmo no escuro, Villaris era magnífica. Estrategicamente situada na encosta de uma colina, pareceu enorme aos olhos maravilhados da menina. Consistia em quatro elevados edifícios de madeira sólida ligados por uma série de pátios e esplêndidos pórticos de madeira. Gerold e Joana cavalgaram através de robustas paliçadas de carvalho e passaram por diversos anexos: uma cozinha, uma padaria, um estábulo, uma tulha, e dois celeiros.

Eles apearam em um pequeno pátio dianteiro, e Gerold entregou sua montaria ao cavaleiro-mor, que aguardava. Archotes de resina dispostos em intervalos regulares iluminavam o caminho deles ao longo de um comprido corredor sem janelas, cujas grossas paredes de madeira ostentavam fileiras de armas reluzentes: espadas, dardos, lanças, balestras, e *scramasaxes*, a espada curta, pesada e com lâmina de um gume só, favorita da feroz infantaria franca. Eles emergiram num vasto segundo pátio rodeado de pórticos e adentraram o grande vestíbulo, um amplo espaço cheio de ecos revestido de tapeçarias ricamente decoradas.

Em pé, no centro do aposento, estava a mulher mais bela que Joana já vira, com exceção de sua mãe. Mas enquanto Gudrun era alta e loura, esta mulher era pequena e frágil, com cabelo cor de ébano e olhos grandes, escuros e orgulhosos. Friamente esses olhos inspecionaram Joana, com uma expressão de que a haviam julgado insatisfatória.

— O que é isso? — ela perguntou abruptamente, à aproximação dos recém-chegados.

Ignorando a indelicadeza dela, Gerold falou: Richild, apresento-lhe Joana de Ingelheim, que chegou hoje para estudar na escola.

Joana tentou fazer uma mesura canhestra, a qual Richild observou com desdém antes de voltar sua atenção para Gerold.

— Na escola? Isso é alguma brincadeira?

— Fulgêncio a admitiu, e ela vai morar aqui em Villarís enquanto durarem os estudos dela.

— Aqui?

— Ela pode dividir a cama com Gisla, a quem muito servirá ter uma companhia sensata, para variar.

As graciosas sobrancelhas de Richild arquearam-se altivamente.

— Ela parece uma colona.

Joana ficou ruborizada com o insulto.

— Dobre a língua, Richild — repreendeu Gerold asperamente. — Joana é uma hóspede nesta casa.

Richild fungou.

— Bem — disse ela tocando a nova túnica de linho verde de Joana —, pelo menos parece limpinha. — Ela sinalizou imperiosamente a um dos servos. — Leve-a ao dormitório.

Sem outra palavra, retirou-se.

Mais tarde, deitada sobre o macio colchão de palha no dormitório do andar de cima, ao lado de uma profundamente adormecida Gisle (que não havia acordado nem quando Joana deitou do lado dela), Joana pensou no irmão. Ao lado de quem estaria ele dormindo naquele momento, se é que conseguia dormir? Ela certamente não conseguia: sua mente estava por demais inquieta devido a tantas emoções e pensamentos preocupantes. Ansiava pelos arredores familiares do lar e sentia falta de sua mãe. Queria ser abraçada, acariciada e chamada de “codorninha” de novo. Ela não devia ter fugido daquele jeito, em segredo e com rancor, sem uma palavra de adeus. Gudrun a havia traído diante do emissário do bispo, mas Joana sabia que ela o fizera por excesso de amor, pois não suportaria ver a filha partir. Agora Joana talvez nunca mais visse a mãe de novo. Havia abraçado a oportunidade única de escapar sem pensar nas consequências. Jamais poderia voltar para casa, isso era certo. Seu pai a mataria por sua desobediência. Seu lugar agora era ali, naquela região estranha e hostil, e ali, para o bem ou para o mal, ela precisava ficar.

Mamãe, ela pensou enquanto perscrutava a escuridão proibida do quarto desconhecido, e uma lágrima solitária desceu silenciosamente pela sua face.



8

A sala de aula, uma câmara pequena com parede de pedra adjacente à biblioteca da catedral, permanecia fria e úmida mesmo naquela tarde tépida de outono. Joana amava esse frescor e o forte odor de pergaminho que permeava a atmosfera, um estímulo para explorar o vasto repositório de livros do aposento vizinho.

Uma enorme pintura cobria a parede na frente do aposento. Representava uma mulher vestida com os trajes longos e flutuantes dos gregos. Na mão direita empunhava um par de tesouras; na esquerda, um chicote. A mulher personificava o Conhecimento; as tesouras serviam para cortar fora o erro e os dogmas falsos, o chicote para repreender alunos preguiçosos. O cenho do Conhecimento era carregado e os cantos da boca curvados para baixo, dando-lhe uma expressão severa. Os olhos escuros fulguravam da parede pintada, parecendo fixos sobre o observador, penetrantes e dominadores. Odo havia encomendado aquele trabalho pouco depois de assumir a posição de mestre-escola.

— *Bos mugit, equus hinnit, asinus rudit, elephans barrit...*

No lado esquerdo da sala, os alunos menos avançados recitavam monotonamente, praticando simples formas verbais.

— Vacas mugem, cavalos relinham, asnos zurram, elefantes barrem...

Odo movimentava ritmicamente a mão direita, marcando o compasso da récita. Enquanto isso, seus olhos percorriam a sala com traquejada habilidade, monitorando a atividade dos seus outros alunos.

Ludovic e Ebbo debruçavam-se juntos sobre um dos salmos. Deveriam estar memorizando-o, mas a inclinação de suas cabeças uma contra a outra indicava que não estavam concentrados na lição. Sem deixar sua outra mão perder a cadência da récita, Odo

deu uma forte bordoadada nas cabeças deles com uma comprida vara de madeira. Eles ganiram e se debruçaram de novo sobre suas tabuinhas, modelos de diligência.

Perto deles, João trabalhava sobre um capítulo de Donato. Era evidente que estava tendo grande dificuldade. Ele lia devagar, laboriosamente formando cada vogal e consoante com os lábios, parando frequentemente para coçar a cabeça, desorientado por algum conjunto de palavras desconhecido.

Afastada dos outros — pois eles nada queriam ter com ela —, Joana estava atenta à tarefa de que Odo a incumbira, preparando uma glosa de uma vida de santo Antão. Ela trabalhava com rapidez, seu estilete viajando através do pergaminho com confiança e precisão. Não ergueu o olhar, nem desviou sua atenção por um instante sequer. Sua concentração era absoluta.

Odo disse:

— Por hoje é só. Este grupo — ele apontou os noviços — está dispensado. Os demais permaneçam em seus assentos até eu conferir os trabalhos de vocês.

Os noviços se levantaram de suas escrivaninhas entusiasmados e saíram da sala tão depressa quanto o decoro permitia. Os outros alunos descansaram os estiletes e observaram Odo com expectativa, ansiosos por serem dispensados logo e poderem desfrutar dos prazeres da tarde cálida.

Joana permaneceu estudiosamente debruçada sobre o seu trabalho.

Odo franziu o cenho. O zelo da garota realmente o surpreendera. Sua mão comichava de vontade de usar a vara nela, mas até então ela não lhe dera motivo para tal. Ela parecia de fato que queria aprender.

Odo foi até a escrivaninha dela e ficou em pé, do seu lado, de modo ostensivo. Joana então parou de trabalhar, sua expressão registrando surpresa e até — seria possível? — desapontamento.

— O senhor me chamou? Desculpe-me: eu estava concentrada na minha lição e não o escutei — falou Joana educadamente.

Ela faz bem o seu papel, pensou Odo. *Mas eu não me deixo enganar*. Ah, ela fingia respeito e obediência quando ele se dirigia a

ela, mas ele podia ler a verdade nos seus olhos! Por dentro ela zombava dele e o desafiava. Odo não toleraria isso.

Ele se curvou para examinar o trabalho da aluna, embaralhando os pedaços de pergaminho em silêncio.

— A caligrafia — disse ele — não está boa o suficiente. Veja aqui... e aqui — ele apunhalou o pergaminho com seu dedo branco comprido — você não arredondou suas letras o bastante. Menina, qual a sua explicação para um trabalho tão desleixado?

Desleixado! Joana ficou indignada. Ela tinha acabado de glosar dez páginas de texto, muito mais do que qualquer outro aluno teria feito no dobro do tempo. Suas explicações eram precisas e completas — nem mesmo Odo pôde negar isso. Ela tinha visto os olhos dele faiscarem diante do seu manejo elegante do subjuntivo.

— Então? — Odo a provocou. Ele queria que ela o desafiasse, que lhe respondesse com ousadia. *Criatura arrogante e inatural*. Ele sabia que ela queria subverter a ordem divina do universo, usurpando a legítima autoridade masculina sobre ela. *Vá em frente*, ele pediu mentalmente, *fale o que pensa*. Se ela o fizesse, ele a colocaria no devido lugar.

Joana lutou para controlar suas emoções. Sabia o que Odo estava tentando fazer. Mas não importava o quanto ele a provocasse, ela não lhe daria razões para mandá-la embora da escola. Mantendo a voz inalterada, respondeu secamente:

— Não tenho desculpa, senhor.

— Pois bem — disse Odo. — Como castigo por sua indolência, você vai copiar a passagem da Primeira Epístola a Timóteo, capítulo dois, versículos onze e doze, vinte e cinco vezes em uma *boa* caligrafia antes de partir.

Negro ressentimento ferveu dentro de Joana. Homenzinho asqueroso e bitolado! Se ao menos ela pudesse lhe dizer o que pensava dele!

— Sim, senhor. — Ela manteve os olhos abaixados para que ele não pudesse ler seus pensamentos.

Odo ficou desapontado. Porém, a garota não poderia suportar isso para sempre. Mais cedo ou mais tarde — esse pensamento o fez sorrir — ela revelaria o seu ponto fraco. E assim que o fizesse, ele estaria aguardando.

Ele a deixou e foi conferir os outros alunos.

Joana suspirou e apanhou seu estilete. Primeira Epístola a Timóteo, capítulo dois, versículos onze e doze. Ela conhecia bem a passagem, pois não era a primeira vez que recebia essa punição de Odo. A citação era de São Paulo: “Não permito que a mulher ensine nem se arrogue autoridade sobre o homem, mas que permaneça em silêncio e escute com espírito de submissão”.

Ela estava na metade da tarefa, quando sentiu pela primeira vez que algo estava errado. Ergueu os olhos: Odo havia ido embora, e os garotos estavam agrupados na porta, conversando. Isso era estranho. Normalmente eles saíam correndo da sala de aula assim que terminavam as lições. Ela os observou com cautela. João estava no grupo, escutando. Ao captar o olhar da irmã, ele sorriu e acenou.

Joana sorriu também e voltou a escrever. Mas ficou com a pulga atrás da orelha. Estariam os garotos planejando alguma coisa? Eles constantemente a provocavam e atormentavam — Odo nada fazia para detê-los — e embora ela tivesse se encorajado contra o maltrato deles, ela o temia mesmo assim.

Apressadamente, ela concluiu as últimas linhas e se levantou para sair. Os garotos estavam na porta. Ela sabia que a esperavam. Ergueu o queixo com determinação. O que quer que estivessem pretendendo fazer, ela decidiu que passaria por eles depressa, sem deixar que a molestassem.

O manto dela estava pendurado num cabide de madeira perto da porta. Procurando ignorar os garotos da forma mais categórica possível, ela o apanhou, abotoou-o cuidadosamente ao redor do pescoço e ergueu o capuz.

Algo pesado e molhado encharcou a sua cabeça. Ela tirou o capuz imediatamente, mas ele não saía. A umidade pegajosa escorreu para baixo.

Ela ergueu a mão e tocou; seus dedos voltaram cobertos por uma substância espessa e mucosa. *Goma arábica*. Material comum em salas de aula e *scriptoria*, era usado, com vinagre e carvão, para fabricar tinta. Ela limpou a mão no manto, mas a goma grudou.

Freneticamente, ela puxou o capuz de novo e gritou quando seu cabelo foi puxado dolorosamente pela raiz.

O grito dela provocou um coro de risadas dos garotos. Ela caminhou depressa na direção da porta. O grupo se dividiu à aproximação dela, formando uma fila de cada lado.

— *Lusus naturae!* — eles a insultavam. — Aberração da natureza!

No meio da fila ela viu João, rindo e gritando insultos junto com os outros. Ela o olhou nos olhos; ele corou e virou o rosto.

Joana continuou andando, e quando vislumbrou o pano azul perto do chão, era tarde demais: ela tropeçou e caiu desajeitadamente de lado.

João, ela pensou. Ele me fez tropeçar.

Ela se levantou, estremecendo quando uma dor aguda aguilhoou-a no flanco. O lodo nojento escorria do capuz sobre a cara dela. Ela o removia, tentando tirá-lo dos olhos, mas era inútil; ele deslizava viscosamente das suas sobrancelhas até as pálpebras, grudando suas pestanas e tornando impossível para ela enxergar claramente.

Dando risada, os garotos a cercaram, empurrando-a para frente e para trás, tentando fazê-la cair de novo. Ela ouviu a voz de João entre as demais, xingando-a. Através da grossa película que cobria-lhe os olhos, a sala rodopiava vertiginosamente, alternando padrões de luz e cor. Não podia chegar à porta.

Ela sentiu as lágrimas querendo sair.

Ah, não, pensou. Era isso que eles queriam: fazê-la chorar e pedir misericórdia, mostrar fraqueza, para que pudessem zombar dela como uma menina covarde.

Eles não vão ter essa alegria. Eu não a darei.

Ela se empertigou, esforçando-se para não chorar. Tal demonstração de autocontrole apenas os exaltou, e eles começaram a bater com mais força. O maior dos garotos atingiu-a com força no pescoço. O golpe desequilibrou-a, e ela lutou para ficar em pé.

Uma voz de homem gritou à distância. Teria Odo finalmente decidido pôr um fim naquilo?

— *O que está acontecendo aqui?*

Desta vez ela reconheceu a voz. Gerold. Havia um tom na voz dele que Joana nunca ouvira antes. Os garotos se afastaram tão repentinamente, que ela quase caiu de novo.

O braço dele estava ao redor dela, mantendo-a firme. Ela se inclinou sobre ele, agradecida.

— Então, Bernhar! — Gerold se dirigiu ao garoto maior, o que havia batido no pescoço dela. — Semana passada vi você na prática de armas fugir tão desesperadamente da espada de Eric, que nem conseguia dar um único golpe; mas quando seu adversário é uma garota indefesa, você não tem dificuldade alguma em lutar!

Bernhar gaguejou uma explicação, mas Gerold o interrompeu:

— Vá dizer isso ao senhor bispo. Ele mandará chamá-lo quando souber. E ele vai saber, hoje mesmo.

O silêncio tornou-se absoluto. Gerold ergueu Joana em seus braços.

Ele era tão alto e esguio, que ela não percebera que ele era forte também. Ela manteve sua cabeça afastada, para que a resina nojenta que a cobria não sujasse a túnica dele.

A meio caminho de sua montaria, Gerold se virou.

— Tem mais uma coisa. Pelo que eu vi, ela é mais corajosa que qualquer um de vocês. Sim, e mais inteligente também, mesmo sendo uma garota.

Joana sentiu as lágrimas assomarem aos seus olhos. Nunca alguém a defendera assim, exceto Asclépio.

Gerold era... diferente.

O botão de uma rosa cresce na escuridão. Nada sabe do sol, no entanto se desenvolve nas trevas que a confinam, até que a última muralha cede e a rosa desabrocha, abrindo suas pétalas para a luz.

Eu o amo.

A ideia era tão assustadora quanto repentina. O que significaria? Ela não podia estar apaixonada por Gerold. Ele era um nobre, um grande senhor, e ela era filha de um padre. Ele era um homem maduro de vinte e cinco invernos, e Joana sabia que ele a considerava uma criança, embora ela tivesse quase treze anos e estivesse prestes a se tornar uma mulher.

Além do mais, ele tinha uma esposa.

A mente de Joana era um redemoinho de emoções confusas.

Gerold ergueu-a sobre o cavalo e montou atrás dela. Os garotos ficaram acotovelados diante da porta, sem se atreverem a falar. Joana aninhou-se nos braços de Gerold, sentindo a força dele, absorvendo-a.

— Agora — falou Gerold, esporeando o cavalo a meio galope — vou levá-la para casa.



O conde Gerold, *grafio vir illuster* daquela longínqua fronteira nordeste do Império, pôs seu alazão novo a galope ao se aproximar da sua propriedade. Ao lado dele, o cavalo que carregava Osdag, seu servo caçador, também apertou o passo, embora o peso do cervo morto e amarrado no seu lombo o retardasse.

Havia sido um bom dia de caça. Por mera extravagância — pois normalmente um grupo de caça consistia em seis ou mais homens — Gerold saíra apenas com Osdag e dois sabujos. Tiveram sorte, pois quase imediatamente encontraram pegadas de veado, que Osdag examinou com olho treinado.

— Um cervo — anunciou — e dos grandes.

Eles o rastrearam por quase uma hora até o avistarem numa pequena clareira. Gerold ergueu seu olifante aos lábios e soprou uma série de notas em surdina, fazendo os sabujos partirem ansiosamente em perseguição à caça. Não foi fácil acuar o animal com apenas dois cães, mas acabaram conseguindo encurralá-lo, e Gerold matou-o com um único arremesso de sua lança. Era, como Osdag dissera, um animal dos grandes; com o inverno se aproximando, seria uma aquisição bem-vinda à despensa de Villaris.

A certa distância, Gerold vislumbrou Joana sentada de pernas cruzadas sobre a relva. Ele mandou Osdag para os estábulos e cavalgou na direção dela. Ele se tornara muito apegado à garota durante o último ano. Ela era estranha, não se podia negar — muito solitária e solene para a sua idade; mas tinha bom coração e uma inteligência aguçada que Gerold achava muito cativante.

Aproximando-se de onde Joana estava sentada, imóvel como um dos altos-relevos da porta da catedral, Gerold desmontou e conduziu o alazão. Joana estava tão concentrada que só o viu quando ele chegou a menos de dez metros. Então se levantou,

enrubescendo. Ela era incapaz de disfarçar, característica que Gerold achava encantadora, por ser tão diferente da... daquilo a que estava acostumado. Não havia dúvidas quanto à paixão juvenil dela por ele.

— Você estava muito pensativa — disse ele.

— Estava. — Ela se levantou e veio admirar o alazão. — Ele se saiu bem?

— Muito bem. É uma ótima montaria.

— É mesmo.

Ela acariciou a crina brilhante do alazão. Sabia apreciar cavalos, talvez por ter crescido sem eles. Pelo que Gerold sabia, a família dela era pobre como qualquer família de colonos, embora seu pai fosse um cônego da Igreja.

O cavalo fuçou a orelha dela, fazendo-a rir, deleitada. Uma garota atraente, Gerold pensou, apesar de que nunca seria uma beldade. Seus olhos grandes e perspicazes eram fundos, sua mandíbula forte e seus ombros largos e retos davam-lhe uma aparência de garoto, intensificada agora pelo curto cabelo dourado-branco que lhe emoldurava o rosto, mal lhe chegando ao cimo das orelhas. Após o episódio na escola fora necessário raspar-lhe a cabeça, pois não houvera modo de remover a goma arábica presa a cada fio.

— Em que você estava pensando?

— Ah, uma coisa que aconteceu hoje na escola.

— Conte-me.

Ela olhou para ele.

— É verdade que os filhotes de lobo branco nascem mortos?

— O quê? — Gerold estava acostumado às perguntas estranhas dela, mas essa era mais bizarra que de costume.

— João e os outros meninos estavam falando nisso. Haverá uma caçada ao lobo branco, um que mora na floresta de Annapes.

Gerold assentiu de cabeça.

— É uma fêmea, muito selvagem; caça sozinha, afastada de alcateias, e não tem medo de nada. No inverno passado ela atacou um grupo de viajantes e carregou consigo uma criancinha antes que alguém pudesse fazer algo. Dizem que ela agora está com a barriga

cheia de filhotes; suponho que pretendam matá-la antes que possa parir.

— Sim. João e os outros estão entusiasmados, pois Ebbo disse que seu pai prometeu levá-lo junto na caçada.

— E daí?

— Odo se opôs categoricamente. Ele disse que cancelaria a caçada, se pudesse, pois o lobo branco é um animal sagrado, uma manifestação viva da Ressurreição de Cristo.

Gerold arqueou as sobrancelhas com ceticismo. Joana continuou:

— “Os filhotes nascem mortos”, falou Odo, “e três dias depois o pai deles os lambe e eles ganham vida. É um milagre tão raro e tão sagrado, que ninguém jamais o testemunhou!”

— O que você respondeu? — perguntou Gerold, que já a conhecia bem o suficiente para saber que ela não teria ficado quieta diante daquilo.

— Eu perguntei como ele sabia que isso era verdade se nunca foi testemunhado.

Gerold deu uma gargalhada.

— Aposto que o nosso mestre-escola não gostou muito da pergunta!

— Não. Ele a achou irreverente. E também ilógica, pois a Ressurreição tampouco foi testemunhada, e, no entanto, ninguém duvida da sua veracidade.

Gerold pôs a mão no ombro dela.

— Não se importe com isso.

Houve uma pausa, como se ela relutasse em dizer algo. Subitamente ergueu os olhos para ele, seu rosto juvenil muito atento e profundamente sério.

— Como podemos ter certeza de que a Ressurreição é verdadeira, se ninguém a testemunhou?

Ele ficou tão sobressaltado que deu um puxão nas rédeas, assustando o alazão. Gerold passou a mão sobre o flanco castanho-avermelhado dele, acalmando-o.

Como a maior parte dos seus semelhantes daquela parte setentrional do Império, magnatas donos de terras que haviam atingido a maioria sob o reinado do velho imperador Karolo, o

qual vivia como pagão, Gerold era um cristão no sentido mais vago do termo. Ele assistia à missa, dava esmolas, guardava festas e observâncias exteriores, seguia os ensinamentos da doutrina da Igreja que não interferiam com a execução de seus direitos e deveres senhoriais, e ignorava os demais.

Mas Gerold conhecia o mundo, e reconhecia o perigo quando o via.

— Você não perguntou isso ao Odo!

— Por que não?

— Pelas barbas de Deus!

Isso podia causar problemas. Gerold não morria de amores por Odo, um homenzinho de mente estreita e alma mais estreita ainda. Mas esse era exatamente o tipo de arma que Odo precisava para pressionar Fulgêncio a expulsar Joana da escola. Ou para fazer coisa pior.

— O que ele disse?

— Não respondeu. Ficou muito bravo e... me repreendeu. — Ela enrubesceu.

Gerold assobiou baixinho.

— Bem, o que você esperava? Já tem idade para saber que certas perguntas não podem ser feitas.

— Por que não?

Os olhos grandes, cinza-esverdeados, tão mais profundos e sábios que o das outras crianças, fixaram-se nele ansiosamente. *Olhos pagãos*, Gerold pensou, *olhos que nunca se abaixam diante de homem ou de Deus*. Era perturbador imaginar o que teria contribuído para torná-los assim.

— Por que não? — ela perguntou de novo, insistindo.

— Porque não, e pronto! — Ele ficou irritado com a obstinação dela. Às vezes a inteligência da garota, tão avançada para a idade, era enervante.

Alguma coisa — dor ou cólera — cintilou brevemente nos olhos dela, depois foi camuflado.

— Preciso voltar para casa. A tapeçaria para a parede está quase pronta, e a sua senhora talvez necessite de ajuda para concluí-la.

De queixo erguido, virou-se para ir embora.

Gerold achou graça. Tanta dignidade em alguém tão jovem! A ideia de Richild precisando da ajuda de Joana com a tapeçaria era absurda. Ela vivia reclamando da falta de jeito de Joana com a agulha; o próprio Gerold já testemunhara os esforços frustrados da garota para fazer seus dedos inábeis obedecerem, e vira os resultados lamentáveis desse labor.

Dissipada sua irritação, falou:

— Não se ofenda. Se quiser sobreviver neste mundo, precisa ter mais paciência com os seus superiores.

Ela o encarou de soslaio, pesando suas palavras, então jogou a cabeça para trás e riu. Seu riso era delicioso, gutural, musical e totalmente contagiante. Gerold estava encantado. A garota podia ser teimosa e facilmente irascível, mas tinha um coração afetuoso e uma mente arguta.

Ele segurou o queixo dela.

— Não quis ser ríspido — falou. — É que você às vezes me surpreende. Você é tão sábia sobre certas coisas, e tão estúpida sobre outras.

Ela começou a falar, mas ele pôs um dedo nos lábios dela:

— Não sei a resposta para a sua pergunta; mas sei que a pergunta é perigosa. Muitos diriam que tal ideia é heresia. Você sabe o que essa palavra significa, Joana?

Ela assentiu gravemente de cabeça.

— Uma ofensa contra Deus.

— É isso mesmo, e até mais. Pode significar o fim das suas esperanças, Joana, do seu futuro... e da sua própria vida.

Pronto. Ele tinha dito. Os olhos cinza-esverdeados o encararam resolutamente. Não havia como voltar atrás: ele teria de contar tudo a ela.

— Quatro invernos atrás um grupo de viajantes foi apedrejado até a morte, perto daqui, na floresta vizinha à catedral. Dois homens, uma mulher e um menino, não muito mais velho que você.

Ele era um soldado experiente, veterano das campanhas do imperador contra os bárbaros obodritas, no entanto sua carne estremecia só de lembrar. A morte, mesmo a mais horrenda das mortes, não guardava segredos para ele. Mas essa matança causara-lhe horror. Os homens estavam desarmados, e os outros

dois... A morte havia sido muito lenta, a mulher e o menino padecendo mais longamente, pois os homens haviam tentado protegê-los com seus corpos.

— Apedrejados? — Joana esbugalhou os olhos. — Mas por quê?

— Eram armênios, membros da chamada seita dos paulicianos. Dirigiam-se a Aachen e tiveram o infortúnio de passar por aqui logo depois que uma tempestade de granizo atingiu as vinhas. Em menos de uma hora a plantação inteira foi destruída. Nessas ocasiões, as pessoas procuram por causadores dos seus problemas. Quando olharam em volta, lá estavam eles: estrangeiros, e com um modo de pensar suspeito. Foram chamados de “tempestários”, ou pessoas que usam encantamentos para desencadear tempestades violentas. Fulgêncio tentou defendê-los, mas eles foram interrogados, e suas ideias foram consideradas heréticas. Ideias, Joana — deitou nela um olhar sereno —, não muito diferentes da pergunta que você fez ao Odo hoje.

Ela ficou silenciosa, voltando o olhar para o horizonte. Gerold nada disse, dando-lhe tempo.

— Asclépio me disse uma vez que certas ideias são perigosas.

— Ele era um homem sábio.

— Era mesmo. — Os olhos dela se enterneceram ao se recordar.

— Tomarei mais cuidado.

— Ótimo.

— Agora, diga-me: como saber que a história da Ressurreição é verdadeira?

Gerold riu, desarmado.

— Você é incorrigível. — Ele despenteou o cabelo auribranco tosado.

Vendo que ela ainda aguardava uma resposta, ele acrescentou: — Está bem, vou dizer o que eu acho.

Os olhos dela brilharam de expectativa. Ele riu de novo.

— Mas não agora. Pistis precisa de atenção. Encontre-se comigo antes das vésperas, e conversaremos.

A admiração de Joana transparecia indisfarçavelmente em seus olhos.

Ela era pouco mais que uma criança, mas ele não podia negar que ela o tocara. Bem, o seu leito conjugal era frio demais, Deus o

sabia, para que um afeto inocente daqueles pesasse muito na sua consciência.

O alazão fuçou Joana. Ela disse:

— Tenho uma maçã. Posso dá-la a ele?

— Pistis merece uma recompensa, ele se saiu muito bem hoje. Estou certo de que será um grande corredor um dia.

Ela tirou de sua bolsa uma pequena maçã vermelho-esverdeada e estendeu-a ao animal, que a lambeu gentilmente e em seguida abocanhou-a.

Quando ela tirou a mão, Gerold vislumbrou uma mancha vermelha. Ela percebeu que ele vira e tentou esconder a mão, mas ele a segurou e virou-a para a luz. Um sulco profundo em carne viva e sangue coagulado destacava-se da palma macia.

— Odo? — perguntou Gerold em voz baixa.

— Sim.

Ela estremeceu quando ele tocou suavemente a ferida. Odo obviamente havia usado a vara mais de uma vez, e com força considerável; a ferida era profunda e precisava de cuidados imediatos a fim de evitar que infeccionasse.

— Precisamos cuidar disso já. Volte para casa; encontrarei você lá.

Ele se esforçava por manter a voz calma. Estava surpreso com a intensidade de sua emoção. Odo tinha direito de discipliná-la. Na verdade, era melhor que tivesse batido nela, pois, tendo extravasado sua raiva dessa forma, seria menos provável que levasse a questão adiante, com consequências muito piores. Porém, a visão da ferida provocou em Gerold uma fúria irracional. Tinha vontade de esganar Odo.

— Não é tão ruim quanto parece. — Joana o observava com seus olhos fundos e sábios.

Gerold examinou a ferida de novo. Era profunda, centrada bem na parte mais sensível da mão. Qualquer outra criança teria chorado e gritado de dor. Ela não emitira um som.

No entanto, semanas antes, quando fora necessário cortar-lhe o cabelo para remover a goma arábica, ela havia gritado e lutado como uma sarracena. Quando Gerold, mais tarde, perguntou por que ela resistira de tal forma, a única explicação que ela conseguiu

dar foi que o som das tesouras cortando seu cabelo a havia assustado.

Uma garota estranha, sem dúvida. Talvez por isso ele a achasse tão interessante.

— Pai!

Dhuoda, a filha caçula de Gerold, despontou correndo colina abaixo, na direção de onde ele e Joana se encontravam, entre as árvores. Eles aguardaram até que ela chegasse, corada e ofegante por causa da correria.

— Pai! — Dhuoda ergueu os braços, cheia de expectativa, e Gerold ergueu-a, rodopiando com ela enquanto ela gritava exuberantemente. Quando ele achou que já bastava, pousou-a.

Entusiasmada, a menina puxou o braço dele:

— Papai, venha ver! Lupa pariu cinco filhotes. Posso ficar com um, papai? Ele pode dormir na minha cama?

Gerold riu.

— Vamos ver. Mas primeiro — ele a segurou firme, pois ela já se havia virado para voltar correndo na frente dele — primeiro leve Joana para casa; a mão dela está machucada e precisa de cuidados.

— A mão dela? Deixe eu ver — disse ela a Joana, que estendeu a mão com um sorriso amargo. — Ooooooh! — Os olhos de Duoda ficaram esbugalhados de horrorizada fascinação. — Como foi que aconteceu?

— No caminho de volta ela contará a você — Gerold interrompeu com impaciência. Não gostava do aspecto da ferida, quanto antes fosse tratada, melhor. — Vá depressa, e faça o que eu disse.

— Sim, papai. — Dhuoda perguntou a Joana: — Dói muito?

— Não o bastante para me impedir de chegar primeiro ao portão! — respondeu Joana, desatando a correr.

Dhuoda gritou de alegria e disparou atrás dela. As duas meninas correram juntas colina acima, rindo.

Gerold observava com um sorriso, mas seus olhos estavam preocupados.

Chegou o inverno, indelevelmente marcado na lembrança de Joana pela passagem dela para a idade adulta. Tinha treze anos e

deveria tê-lo esperado, mas mesmo assim foi tomada de surpresa pela súbita aparição de uma mancha marrom-escura na sua túnica de linho, seguida pela dor opressiva no abdome. Ela soube imediatamente o que era, pois já ouvira sua mãe e as mulheres na propriedade de Gerold falarem sobre isso com frequência, e já as vira lavar os seus trapos todos os meses. Joana falou com uma criada, que lhe trouxe correndo uma pilha de trapos limpos, piscando como quem sabe.

Joana odiou. Não apenas a dor e o desconforto, mas a própria ideia do que estava acontecendo. Sentiu-se traída pelo próprio corpo, que parecia estar se rearranjando quase diariamente em contornos novos e desconhecidos. Quando os garotos da escola começaram a reparar zombeteiramente nos seus seios despontando, ela os prendeu firmemente com faixas de pano. Era doloroso, mas o efeito valia a pena. Seu gênero só lhe trouxera sofrimento e frustração a vida inteira, e ela pretendia lutar contra essa evidência emergente da sua condição feminina pelo tempo que fosse necessário.

Wintarmanoth trouxe um frio gélido que agarrou a terra como um punho opressivo. A temperatura era tão baixa que fazia os dentes baterem. Lobos e outros predadores da floresta vagavam mais perto da vila do que nunca; poucos aldeões saíam sem um bom motivo.

Gerold insistiu que Joana não fosse à escola, mas nada pôde dissuadi-la. Todas as manhãs, com exceção de sábado, ela envergava seu grosso manto de lã e o afivelava bem apertado ao redor da cintura, para manter o vento de fora; então, encolhendo-se de frio, percorria os dois quilômetros e meio até a catedral. Quando os ventos serranos e frígidos de Hornung⁸ sobrevinham, lançando rajadas de gelo pelas estradas, Gerold selava um cavalo todos os dias e cavalgava com Joana de casa para a escola e vice-versa.

Embora Joana visse seu irmão todos os dias na escola, João nunca falava com ela. Ele continuava sendo um péssimo aluno, mas sua habilidade no manejo da espada e da lança havia conquistado o respeito dos outros garotos, e ele apreciava visivelmente essa camaradagem. Não tinha desejo algum de pôr em risco seu recém-

descoberto prazer de se enturmar reconhecendo uma irmã que o envergonhava. Ele se afastava sempre que ela se aproximava.

As garotas da cidade também mantinham distância. Encaravam Joana com desconfiança, excluindo-a de suas brincadeiras e mexericos. Ela era uma aberração da natureza; com um intelecto masculino e um corpo feminino, ela não se encaixava em lugar nenhum. Era como se pertencesse a um terceiro sexo, amorfo.

Ela estava sozinha. Exceto, é claro, por Gerold. Mas Gerold era suficiente. Joana ficava feliz só de estar perto dele, para conversar, rir e falar de coisas que não podia falar com ninguém mais no mundo.

Num dia frio, depois que ela e Gerold haviam voltado da escola, ele lhe fez um sinal.

— Venha, quero mostrar-lhe algo.

Ele a conduziu através do vestibulo ventoso da mansão até o solar e ao pequeno gabinete onde guardava seus papéis. Dali retirou um comprido objeto retangular e o entregou a ela.

Um livro! Meio velho e gasto nas beiradas, mas intacto. O título estava gravado em belas letras douradas na capa de madeira: *De rerum natura*.

De rerum natura. A grande obra de Lucrécio! Asclépio frequentemente falara de sua importância. Só havia uma cópia existente, ao que diziam, cuidadosamente guardada na grande biblioteca de Lorsch. E ali estava Gerold oferecendo-o a ela tão naturalmente como se fosse um pedaço de carne.

— Mas como...? — Ela ergueu olhos interrogativos para os dele.

— O que está escrito pode ser copiado — ele respondeu com um sorriso cúmplice. — Por um preço. Um preço considerável, neste caso. O abade barganhou muito, dizendo que tinha poucos escribas. E, de fato, levou mais de dez meses para terminá-lo. Mas aqui está. Não custou nem um denário mais do que vale.

Os olhos de Joana brilharam quando ela dedilhou a capa do livro. Em todos os meses na escola, nunca tivera permissão para estudar textos como esse. Odo proibia terminantemente que ela lesse as grandes obras clássicas na biblioteca da catedral, limitando-a ao estudo de textos sacros, os únicos apropriados, segundo ele, para sua fraca e impressionável mente feminina. Orgulhosa, ela não tinha

deixado que ele percebesse o quanto isso a entristecia. *Vá em frente, ponha grades na sua biblioteca*, ela o desafiava em pensamento, *você não pode pôr grades na minha mente*. Contudo, ficara furiosa, pois sabia quantos tesouros de conhecimento eram postos fora do seu alcance. Gerold vira isso; ele sempre parecia saber o que ela pensava e sentia. Como ela poderia não amá-lo?

— Vá — disse Gerold. — E quando terminar, vamos conversar sobre o que leu. O que ele diz vai interessá-la muito.

Joana esbugalhou os olhos de perplexidade.

— Então você...

— Sim, eu o li. Isso a surpreende?

— Sim. Quer dizer, não... mas...

As faces de Joana enrubesceram enquanto ela balbuciava uma resposta.

Ela não sabia que ele lia em latim. Era raro que nobres e grandes proprietários de terras soubessem ler ou escrever. Cabia ao administrador da propriedade, um homem de letras, cuidar da contabilidade e da correspondência do seu senhor. Naturalmente Joana havia pensado que...

Gerold riu, divertindo-se com o constrangimento dela.

— Está tudo bem. Você não tinha como saber. Estudei alguns anos na Escola Palatina, quando o velho imperador Karolo ainda estava vivo.

— A Escola Palatina!

O nome era lendário. A escola fundada pelo imperador abrigava algumas das melhores cabeças da época. O grande Alcuíno em pessoa fora mestre-escola ali.

— Pois é. Meu pai mandou-me para lá, na esperança de que eu fosse um estudante. O estudo era interessante e eu gostava, mas eu era jovem e não tinha temperamento para uma vida tão sedentária. Quando o imperador convocou homens para sua campanha contra os obodritas, eu fui, embora tivesse apenas treze anos. Fiquei longe por alguns anos, talvez estivesse até hoje, mas então o meu irmão mais velho morreu, e fui chamado de volta a casa para herdar a propriedade dele.

Joana olhou para ele, pensativa. Ele era um estudioso, um homem de letras! Como é que ela não tinha percebido! Deveria ter

adivinhado pelo modo como ele falava com ela sobre seus estudos.

— Fora com você! — Gerold enxotou-a amigavelmente. — Sei que você mal pode esperar. Você tem uma hora antes da ceia. Mas preste atenção ao sino.

Joana subiu correndo as escadas para o dormitório que dividia com Dhuoda e Gisle. Ela foi para sua cama, abriu o livro e pôs-se a ler devagar, saboreando as palavras, parando ocasionalmente para tomar nota de alguma frase ou argumento particularmente elegante. Quando a luz no quarto enfraqueceu com o crepúsculo, ela acendeu uma vela e continuou estudando.

Leu sem parar, perdendo completamente a noção da hora, e teria ficado sem ceia se Gerold não tivesse mandado um criado buscá-la.

As semanas passavam depressa, carregadas com o entusiasmo de Joana e Gerold trabalhando juntos. Ao acordar, Joana pensava, impaciente, como faria o tempo passar até o depois das vésperas, quando, terminada a ceia e as devoções devidas, ela e Gerold poderiam retomar seu estudo de Lucrécio.

De rerum natura era uma revelação, um livro formidável, rico em conhecimento e sabedoria. Para descobrir a verdade, dizia Lucrécio, era preciso apenas observar o mundo natural. A ideia, que fazia bastante sentido na época de Lucrécio, era extraordinária, até revolucionária, no *anno domini* 827. No entanto, era uma filosofia que apelava fortemente à maneira prática de ser de Joana e Gerold.

Na verdade, foi graças a Lucrécio que Gerold capturou a loba branca.

Um dia Joana voltava da escola e encontrou Villarís em polvorosa. Os cães latiam até a rouquidão; os cavalos corriam desembestados dentro do perímetro do seu curral; rosnados terríveis e ensurdecedores ecoavam por toda a propriedade.

No meio do pátio dianteiro Joana descobriu o motivo de todo aquele alvoroço. Uma grande loba branca lutava, debatia-se e atirava-se contra as barras de uma jaula oblonga. Feitas de carvalho com oito centímetros de espessura, as barras rangiam e rachavam-se sob as investidas furiosas da besta. Gerold e seus homens cercavam a área cautelosamente, com seus arcos e lanças a postos, caso a criatura conseguisse se libertar. Gerold sinalizou a

Joana para que mantivesse distância. Ao ver os estranhos olhos cor-de-rosa da loba faiscando de ódio, Joana torceu para que as barras fossem bem firmes.

Após algum tempo o animal se cansou e ficou arfando, as patas imóveis, a cabeça baixa e o olhar ameaçador. Gerold abaixou sua lança e veio dizer a Joana:

— Agora colocaremos a teoria de Odo à prova!

Por uma quinzena os dois ficaram de vigília, determinados a testemunhar o instante do parto. Nada aconteceu. A loba aborrecia-se na jaula, sem dar sinal algum de parição iminente. Eles já começavam a duvidar que a besta estivesse prenhe, quando ela subitamente entrou em trabalho de parto.

Aconteceu durante o turno de vigia de Joana. A loba ora andava, ora se mexia inquieta no chão, como se não conseguisse sentir-se confortável. Por fim, grunhiu e começou a ter contrações. Joana foi correndo buscar Gerold, que estava no solar com Richild. Irrrompendo como um furacão, Joana dispensou as cortesias costumeiras:

— Venha rápido! Começou!

Gerold ergueu-se de um salto. Richild franziu o cenho e pareceu que ia dizer algo, mas não havia tempo a perder. Joana saiu correndo de volta pelo pórtico coberto que conduzia ao pátio principal. Gerold, que se detivera para pegar uma lanterna, corria logo atrás. Nenhum dos dois viu a cara que Richild fez ao vê-los partir.

Quando chegaram à jaula, a loba fazia esforços tremendos. Joana e Gerold viram quando a ponta de uma patinha começou a despontar, seguida por outra, e depois por uma cabecinha perfeita. Finalmente, com uma última contração da loba, um corpinho escuro deslizou sobre a palha que cobria o chão da jaula, e ficou imóvel.

Joana e Gerold esforçaram-se para enxergar na escuridão da jaula. O filhote recém-nascido jazia inerte, totalmente coberto de placenta, por isso mal podiam distinguir-lhe a forma. Sua mãe lambeu a placenta e comeu-a.

Gerold ergueu a lanterna acima das barras da jaula para ver melhor. O recém-nascido não parecia estar respirando.

A mãe começou a se contorcer no esforço de um segundo parto. Momentos se passaram, e o filhote recém-nascido continuava a não dar qualquer sinal de vida.

Joana olhou para Gerold consternada. Seria possível? Ele ficaria ali, sem vida, esperando que o pai viesse lambê-lo para instilar-lhe vida? Estaria Odo, afinal, com a razão? Se tal fosse o caso, eles haviam matado o filhote, afastando-o do pai que o tornaria vivo.

Mais uma vez a mãe grunhiu; um segundo corpinho deslizou para fora, aterrissando em cima do primeiro. Este, espantado com o impacto, agitou-se e soltou um pequeno guincho em sinal de protesto.

— Veja! — Os dois incentivavam um ao outro e apontavam ao mesmo tempo, exultantes. Riram, contentes com o resultado de seu experimento. Os dois cachorrinhos foram se atropelando até as mamas de sua mãe mesmo antes que esta terminasse de parir um terceiro.

Juntos, Gerold e Joana assistiram ao começo dessa nova família. Suas mãos procuraram-se mutuamente no escuro, encontrando-se e apertando-se em entendimento mútuo.

Joana nunca se sentiu tão próxima a alguém em toda a sua vida.

— Demos por sua falta nas vésperas. — Do pórtilho, Richild olhou para eles de modo reprovador. — É a Noite de São Norberto, esqueceu? É um péssimo exemplo quando o senhor da casa se ausenta de suas devoções.

— Precisei me ocupar de outra coisa — Gerold respondeu friamente.

Richild começou a responder, mas Joana interrompeu-a cheia de entusiasmo:

— Nós vimos a loba branca parir seus filhotes! Eles não nascem mortos, apesar do que o povo diz — anunciou ela, exultante. — Lucrécio tinha razão!

Richild olhou-a como se ela fosse louca.

— Tudo que acontece na natureza tem uma explicação — continuou Joana. — Não está vendo? Os filhotes nasceram vivos, sem nenhuma participação sobrenatural, tal como disse Lucrécio!

— Que conversa ímpia é essa? Está com febre, menina?

Gerold rapidamente se interpôs entre elas.

— Vá para a cama, Joana — falou sobre o ombro —, já é tarde.

Ele tomou Richild pelo braço e firmemente direcionou-a para dentro de casa.

Joana ficou onde estava, ouvindo a voz de Richild ecoar de modo estridente pelo ar calmo da noite:

— É nisso que dá educar a garota além da sua capacidade de aprender. Gerold, você precisa parar de encorajá-la nessas atividades antinaturais!

Joana dirigiu-se vagarosamente para o seu dormitório.

Mataram a loba depois que ela pariu seus filhotes. Ela era perigosa, tendo já atacado e arrastado consigo uma criancinha, e tamanha homicida não podia ser solta. A última cria nascida era doentia e sobreviveu só uns poucos dias. Mas as outras duas cresceram e se tornaram filhotes robustos e cheios de energia, cujas artimanhas divertiam Joana e Gerold. Um tinha o pêlo malhado marrom e cinza típico dos lobos das florestas da Francônia; Gerold deu-o de presente a Fulgêncio, que auferia um prazer travesso em mostrá-lo ostensivamente a Odo. O outro filhote, o primogênito, tinha a pelagem nívea e os olhos opalinos, tal como sua mãe; Joana e Gerold criaram esse, dando-lhe o nome de Luca, em homenagem a Lucrécio, e o afeto de ambos pelo lobinho ativo e brincalhão fortaleceu o laço que se desenvolvia entre eles dois.



10

Haveria uma feira em São Dinis! A notícia era surpreendente: não ocorria uma feira ou mercado em todo o reino fazia mais anos do que as pessoas eram capazes de contar. No entanto, alguns dos mais velhos — como Burchard, o moleiro — lembravam-se de uma época em que ocorriam duas ou três feiras por ano na Francônia. Era o que diziam, embora fosse difícil de acreditar. Claro que isso foi nos dias em que o imperador Karolo, de abençoada memória, estava no seu apogeu, e as estradas e pontes ainda estavam bem conservadas, sem ladrões e charlatães, nem tampouco — Deus nos livre! — o terror repentino e selvagem dos nórdicos assolando a terra. Agora, viajar era perigoso demais para que as feiras fossem lucrativas; os mercadores não ousavam transportar bens preciosos por estradas sem segurança, e as pessoas não queriam arriscar suas vidas na jornada.

Apesar disso, haveria uma feira. E seria de admirar que metade do que tinha dito o arauto que trouxera a notícia fosse verdade. Viriam mercadores de Bizâncio trazendo especiarias, sedas e brocados exóticos; mercadores venezianos com capas de penas de pavão e couro estampado; frísios negociantes de escravos com seu carregamento humano de escravos e saxões; lombardos com sacos de sal empilhados dentro de navios cujas brilhantes velas alaranjadas ostentavam os signos do zodíaco; e todo tipo de diversão: equilibristas, acrobatas, contadores de histórias, trovadores, cães e ursos treinados.

São Dinis não era perto; na verdade, ficava a uns duzentos e quarenta quilômetros de Dorstadt, quinze dias de viagem, sobre estradas deterioradas e rios velozes. Mas ninguém era desencorajado por isso. Quem pudesse arranjar um cavalo, mula ou pônei, iria.

A comitiva de Gerold, como convinha a um conde, era grande. Quinze *fideles* de Gerold, bem armados, cavalgariam com ele, bem como vários criados para servir a família. Joana iria e, por especial favor — ela tinha certeza que fora ideia de Gerold — João também foi convidado. Os preparativos de Richild tinham sido rigorosos; ela se esforçara para assegurar que nada lhes faltaria em conforto e segurança durante a viagem. Fazia dias que carroções eram levados para o pátio externo do castelo e carregados com provisões.

Na manhã da partida, Villaris efervescia de atividade. Cavalariços corriam de um lado para outro, alimentando e carregando os animais de carga; o despenseiro e os ajudantes de cozinha suavam sobre o grande forno, cuja alta chaminé arrotava imensas baforadas de fumaça; o ferreiro trabalhava furiosamente na forja, finalizando ferraduras, pregos e encaixes de carroções. Sons mesclavam-se em ruidosa confusão: criadas gritavam estridentemente umas com as outras, mais alto que os chamados e assobios dos cavaleriços; vacas mugiam e pisoteavam ao serem ordenhadas às pressas; um jumento sobrecarregado zurrava a plenos pulmões, protestando contra o seu fardo. O alvoroço levantava da terra batida uma tênue poeira que, iluminada pelo sol de primavera, pairava no ar como neblina dourada.

Joana estava no pátio, observando os preparativos de última hora, divertindo-se com a agitação. Luca saltitava em volta dela, de orelhas eriçadas e olhos opalescentes acesos de expectativa. Ele também iria, pois, como dissera Gerold, o lobinho de seis meses tornara-se tão apegado a Joana que era impossível separá-los. Joana ria e acariciava o animal, seu pêlo branco macio sob a mão dela; ele lambia a bochecha dela e sentava-se de boca aberta, como se risse também.

— Se você não tem nada melhor para fazer além de ficar parada olhando, dê uma ajuda ao despenseiro. — Richild empurrou Joana para a cozinha, onde o despenseiro agitava mãos cobertas de farinha num frenesi de atividade. Ele estivera acordado a noite inteira, assando pães e tortas para a viagem.

No meio da manhã, estavam todos prontos. O capelão fez uma breve oração pela chegada em segurança dos viajantes, e a

procissão de carroções e cavalos pôs-se a caminho, lentamente, rumo à estrada. Joana seguia no primeiro carroção, atrás de Gerold e seus homens, juntamente com Richild, Gisle, Dhuoda e as três moças da aldeia que serviam de aias das damas. As mulheres sacudiam-se contra os duros assentos de madeira à medida que as rodas saltavam pela estrada esburacada e irregular. Luca trotava ao lado, mantendo um olho vigilante sobre Joana. Esta olhou para frente e viu João cavalgando com os homens, montado confortavelmente numa excelente égua ruã.

Eu monto tão bem quanto ele, pensou Joana. Gerold passara muitas horas ensinando a garota a cavalgar, e agora ela era uma consumada amazona.

Como se subitamente consciente do olhar dela, João virou-se e deu-lhe um sorriso ao mesmo tempo íntimo e malicioso. Depois picou o cavalo a meio galope e foi cavalgar do lado de Gerold. Eles conversaram; Gerold jogou a cabeça para trás e riu.

Uma onda de ciúme invadiu-a. O que teria João para dizer a Gerold que o divertisse tanto? Eles nada tinham em comum. Gerold era um homem letrado, um erudito, tudo que João não era. No entanto, este cavalgava ao lado de Gerold, conversava com ele, ria com ele, enquanto ela chacoalhava naquela carreta miserável.

Só porque ela era uma garota. Não pela primeira vez amaldiçoou o golpe do destino que a fizera tal.

— É indelicado encarar as pessoas, Joana. — Os olhos escuros de Richild olhavam desdenhosamente para a garota, que desviou o seu olhar de Gerold.

— Perdão, senhora.

— Mantenha as mãos sobre o regaço — admoestou Richild — e os olhos abaixados, como convém a uma mulher recatada.

Joana obedeceu.

— Comportamento apropriado — Richild continuou — é uma virtude maior numa dama do que saber ler, coisa que você saberia se tivesse sido bem criada. — Olhou para Joana friamente por alguns instantes e voltou a atenção para o seu bordado.

Joana olhou-a de soslaio. Pálida, ascética e de ombros estreitos, era realmente linda para os padrões da época, com sua pele leitosa, a testa muito alta e coroada por lustrosos cachos de espesso cabelo

negro. Seus olhos, franjados por longas pestanas negras, eram de um castanho tão forte que pareciam quase pretos. Joana sentiu uma pontada de inveja. Richild era tudo que ela não era.

— Vamos, você precisa nos ajudar a decidir. — Gisla, a filha mais velha, sorriu para Joana. — Qual dos meus vestidos deverei usar na festa de casamento? — Deu um risinho, excitada.

Gisla tinha quinze anos, pouco mais que Joana, e já estava prometida ao conde Hugo, um nobre neustriano. Gerold e Richild estavam satisfeitos, pois a união era vantajosa. O casamento seria dali a seis meses.

— Ah, Gisla, você tem tantas coisas lindas! — Era verdade. Joana ficara espantada com o tamanho do guarda-roupa de Gisla, suficiente para usar uma túnica diferente todos os dias durante uma quinzena, se ela quisesse. Em Ingelheim, uma garota tinha apenas uma túnica, de lã grossa, se tivesse sorte, e a guardava com cuidado, pois precisaria durar muitos anos. — Tenho certeza de que o conde Hugo vai achar você linda com qualquer um deles.

Gisla deu outro risinho. Menina de bom coração ainda que um tanto simplória, desatava a rir nervosamente cada vez que o nome do noivo era mencionado.

— Não, não! — disse sem fôlego. — Você não vai escapar tão fácil assim! Escute só: mamãe acha que eu devo usar o azul, mas eu prefiro o amarelo. Vamos, diga você qual deve ser.

Joana suspirou. Gostava de Gisla, apesar de sua frivolidade e tolice. Haviam dividido a cama desde a primeira noite, quando Gerold trouxera Joana do palácio do bispo, cansada e amedrontada. Gisla a havia recebido bem, fora gentil com ela, e Joana seria sempre grata por isso. Mesmo assim, conversar com Gisla às vezes era exasperante, pois ela não se interessava por outra coisa além de roupas, comida e homens. Nas últimas semanas falara sem parar sobre o casamento, o que já estava esgotando a paciência de todo mundo.

Joana sorriu, esforçando-se para ser simpática.

— Acho que você deve usar o azul. Combina com os seus olhos.

— O azul? Você acha mesmo? — A testa de Gisla sulcou-se. — Mas o amarelo tem um lindo enfeite com laços na frente.

— Bom, o amarelo, então.

— Se bem que o azul combina mesmo com os meus olhos. Talvez fosse melhor. O que você acha?

— *Eu* acho que se eu ouvir falar de novo nessa estúpida festa de casamento, vou gritar — disse Dhuoda. Tinha nove anos de idade e se ressentia de toda a atenção que a irmã mais velha vinha recebendo nas últimas semanas. — Quem se importa com a cor da túnica que você vai usar!

— Dhuoda, esse comentário não é apropriado para uma dama. — Richild levantou os olhos do bordado para censurar a filha caçula.

— Desculpe — Dhuoda disse a Gisla, contrita. Mas assim que a mãe virou o rosto, ela mostrou a língua para Gisla, que sorriu, bem-humorada. Richild disse:

— Quanto a você, Joana, não lhe cabe dar opinião. Gisla usará o que *eu* achar melhor.

Joana corou com a reprimenda, mas não disse nada.

— O conde Hugo é um homem tão elegante — falou Bertha, uma das criadas. Era uma garota de faces coradas com não mais de dezesseis invernos, nova no serviço, tendo sido trazida havia um mês para substituir uma moça que morrera de tifo. — Ele fica tão vistoso no seu cavalo de batalha, com seu manto e luvas de arminho.

Gisla deu um risinho de deleite. Encorajada, Bertha continuou:

— E do modo como ele olha para a sinhazinha, pouco importa qual túnica a sinhazinha vai usar, pois na noite de núpcias ele vai tirá-lo da sinhazinha num piscar de olhos!

Ela explodiu numa gargalhada, satisfeita com a sua piada. Gisla riu abafadamente. As outras no carroção ficaram caladas, olhando para Richild.

Richild pousou o bordado, com os olhos sombreados de cólera.

— O que você disse? — perguntou ela num tom ameaçadoramente baixo.

— Hãã... nada, sinhá — disse Bertha.

— Ah, mamãe, ela não teve a intenção... — Gisla tentou intervir em vão.

— Grosseria e obscenidade! Não vou tolerar isso na minha presença!

— Perdão, senhora — disse Bertha, penitente, mas ainda sorrindo um pouco, sem acreditar que

Richild pudesse estar zangada de verdade.

Richild apontou para a traseira aberta do carroção.

— Fora.

— Mas, senhora! — gemeu Bertha, finalmente compreendendo a enormidade do seu erro. — Eu não queria...

— Fora! — Richild foi inflexível. — Como castigo pela sua impudência, você vai andar pelo resto do caminho.

Era uma viagem árdua até São Dinis. Bertha olhou com pesar para os seus pés, calçados com borzequins toscos, de solado de cânhamo. Joana teve pena dela. O seu comentário tinha sido inconveniente, mas a garota era muito jovem, era nova no serviço, e obviamente não pretendia ofender ninguém.

— Você vai recitar o pai-nosso enquanto caminha.

— Sim, senhora — falou Bertha, resignada. Ela desceu com dificuldade do carroção, posicionou-se do lado dele e começou a recitar: — *Pater Noster qui es in caelis...* — Recitava de um jeito monótono que enfatizava todas as palavras erradas. Joana estava certa de que ela não tinha ideia do que estava dizendo.

Richild voltou ao seu bordado. O seu cabelo negro brilhava ao sol, seus lábios estavam apertados e os olhos endurecidos pela raiva enquanto ela passava a agulha pelo tecido grosso.

É uma mulher infeliz, pensou Joana. Isso era difícil de entender, uma vez que ela era casada com Gerold. Mas o casamento deles tinha sido arranjado, e embora muitas uniões desse tipo acabassem sendo felizes, essa obviamente não fora. Eles dormiam em camas separadas e, a crer na fofoca dos criados, não mantinham relações conjugais havia muitos anos.

— Quer montar? — Gerold sorriu para ela do alto do seu garanhão castanho. Na mão direita segurava as rédeas de Boda, uma égua baia que ele sabia ser a predileta de Joana.

Joana corou, embaraçada pelo que estava justamente pensando. Estivera tão imersa em pensamentos que nem vira Gerold cavalgar de volta para apanhar Boda do grupo de montarias vagas e levá-la na direção do carroção.

— Montar com os homens? — Richild fez cara feia. — Não permitirei! Seria impróprio!

— Bobagem! — respondeu Gerold. — Não tem mal nenhum e a garota quer cavalgar, não quer, Joana?

— Eu... eu... — disse ela, desajeitadamente, apanhada de surpresa e relutante em ofender Richild ainda mais.

Gerold ergueu uma sobrancelha.

— Claro que, se você prefere ficar no carroção...

— Não! — disse Joana rapidamente. — Por favor, eu adoraria montar a Boda. — Levantou-se e estendeu os braços. Gerold riu e apanhou-a pela cintura, colocando-a diante dele na sela. Depois, mantendo os cavalos juntos, içou-a para o lado, acomodando-a sobre o lombo de Boda.

Ela se ajeitou na sela. No carroção, Gisla e Dhuoda olhavam com surpresa, e Richild com ostensiva desaprovação. Gerold pareceu nem reparar. Joana picou Boda e lançou-se a meio galope para a frente da caravana. O trote suave e ritmado do cavalo era um deleite comparado aos solavancos do carroção. Luca corria do lado, a cauda erguida, a boca sorridente demonstrando um prazer quase tão grande quanto o de Joana.

Ela avançou para o lado de João, que não pôde esconder seu desagrado. Joana ria, feliz. A estrada para São Dinis não seria tão longa, afinal de contas.

Cruzaram um afluente do Reno sem qualquer dificuldade; a ponte era sólida e larga, uma das que haviam sido construídas nos dias do imperador Karolo e ainda conservadas pelo senhor daquele condado. Mas o Mosa, a cujas margens chegaram no oitavo dia, apresentou-se como um problema, pois a ponte encontrava-se em péssimo estado. As tábuas estavam podres e havia buracos onde uma ou duas tinham caído, tornando a passagem impossível. Alguém improvisara uma ponte tosca feita de barcos amarrados juntos; uma pessoa podia atravessar, mas a ponte de barcos não servia para tanta gente, cavalos e carroções carregados de provisões. Gerold e dois de seus homens vagaram ao longo da margem na direção sul, procurando um lugar raso para atravessar.

Voltaram uma hora depois, dizendo que uns três quilômetros mais para baixo havia um local onde o rio formava bancos de areia.

A caravana partiu de novo, os carroções cambaleando perigosamente sobre a densa vegetação rasteira ao longo da margem. As mulheres agarravam os lados da carroça com ambas as mãos a fim de não serem jogadas para fora. Bertha continuava a pé, seus lábios mexendo-se numa recitação sem fim. O cânhamo dos seus coturnos estava tão gasto que ela tinha começado a coxear; os dedos dos pés estavam inchados, e as solas em carne viva. No entanto, Joana reparou que ela ocasionalmente olhava de soslaio para Richild e suas filhas, parecendo satisfeita em vê-las saracoteando dentro do carroção.

Por fim chegaram ao vau. Gerold e vários outros cavaleiros desceram ao rio primeiro, para avaliar a sua profundidade e a superfície do seu leito.

A água rodopiou rapidamente em torno deles; no meio do rio ela chegava à parte de baixo das túnicas, antes de começar a descer onde o leito se levantava na margem oposta.

Gerold voltou, sinalizando aos demais que seguissem em frente. Sem hesitação, Joana entrou no rio, seguida de perto por Luca, que mergulhou e nadou com movimentos confiantes. Após um instante de hesitação, João e os outros foram atrás.

As águas frias do Mosa cercaram Joana. Ela ficou ofegante quando o frio penetrou suas roupas e atingiu a sua pele. Atrás dela os carroções foram balançando lentamente para dentro do rio, puxados pelas mulas. Bertha lutava para manter-se à tona, a água gelada chegando-lhe quase até os ombros.

Ao olhar para trás, Joana viu que Bertha estava em apuros. Cavalgou na direção dela. A égua poderia carregar ambas para o outro lado sem problema. Quando estava a menos de dois metros dela, a garota desapareceu, sumindo abaixo da superfície da água tão depressa como se puxada pelos pés. Joana parou, sem saber o que fazer; então conduziu sua montaria até os anéis de água cada vez maiores que assinalavam o local onde Bertha afundara.

— Afaste-se! — A mão de Gerold agarrou as rédeas, detendo a égua. Ele partiu um grande ramo baixo de uma bétula, desmontou e caminhou para a margem, sondando o leito do rio. Bem perto do

local onde Bertha desaparecera, pisou em falso e quase caiu quando o galho afundou na água.

— Um buraco! — Ele arrancou seu manto e mergulhou.

De repente tudo virou confusão. Homens cavalgavam para frente e para trás dentro d'água, gritando instruções e batendo na água com varas.

Gerold estava ali embaixo. Podiam pisoteá-lo, feri-lo, como não se davam conta disso?

— Parem! — gritou Joana, mas eles não fizeram caso. Ela cavalgou até Egbert, chefe dos guardas de Gerold, e agarrou-o firmemente pelo braço.

— Parem! — disse.

Surpreso, Egbert estava prestes a soltar-se, mas ela cravou o olhar no dele.

— Diga-lhes que parem; estão piorando as coisas!

Ele parou e fez sinal aos demais, que puxaram as rédeas, circundando o buraco na água e aguardando, tensos.

Passou um minuto. Atrás deles, o primeiro carroção chegou à outra margem e atingiu a terra em segurança. Joana não reparou. Seus olhos estavam pregados no local onde Gerold mergulhara.

O medo umedecia-lhe as palmas, fazendo as rédeas escorregarem de suas mãos. Pressentindo problemas, a égua relinchava, inquieta. Luca jogou a cabeça para trás e uivou.

Deus Misereatur, rezou ela. *Bom Deus, tenha misericórdia! Exija de mim o sacrifício que quiser, mas faça com que ele se salve!*

Dois minutos.

Era tempo demais. Ele precisava subir para respirar.

Ela pulou da sela para dentro da água fria. Não sabia nadar, mas não parou para pensar nisso. Começou a chapinhar irrefletidamente na direção do buraco. Luca saltou para frente e para trás diante dela, tentando bloquear-lhe a passagem, mas ela conseguiu ultrapassá-lo. Só tinha um pensamento em mente: alcançar Gerold, puxá-lo, salvá-lo.

Estava a meio metro do buraco quando houve um espadanar de água; Gerold emergiu da superfície num salto, ofegando, o cabelo vermelho colado no rosto.

— Gerold! — O grito exultante de Joana sobrepôs-se aos vivas dos homens. Gerold virou-se para ela e assentiu de cabeça. Então tomou fôlego, pronto para mergulhar de novo.

— Veja! — O condutor da mula do primeiro carroção apontou rio abaixo.

Um objeto azul arredondado subia e descia suavemente contra a margem oposta. O vestido de Bertha era azul.

Eles montaram de novo e cavalgaram rio abaixo. Dentro d'água, presa entre ramos e detritos que haviam se acumulado ao longo da margem, Bertha flutuava de costas, os membros estendidos, suas feições sem vida fixas numa terrível expressão de desamparo e medo.

— Peguem-na — ordenou Gerold bruscamente aos homens. — Vamos levá-la até a igreja em Prüm para que tenha um funeral decente.

Joana começou a tremer violentamente, incapaz de tirar os olhos de Bertha. Morta, parecia-se tanto com Mateus — a pele cinzenta, os olhos semicerrados, a boca frouxa.

De repente, os braços de Gerold estavam ao redor dela, virando-lhe a cabeça para o outro lado e apertando-a contra o seu ombro. Ela fechou os olhos e agarrou-se a ele. Os homens desmontaram e chapinharam na água; Joana escutou o suave farfalhar dos caniços do rio quando libertaram o corpo de Bertha.

— Você estava indo atrás de mim, não estava? — Gerold sussurrou, sua boca perto do ouvido dela. Perguntava como se a ideia lhe houvesse recém ocorrido.

— Estava — disse ela, sem tirar a cabeça do ombro dele.

— Você sabe nadar?

— Não — admitiu ela, sentindo os braços dele apertando-se ao seu redor enquanto permaneciam juntos perto da margem.

Atrás deles, os homens carregavam lentamente o corpo de Bertha na direção dos carroções. O capelão ia junto, de cabeça baixa, recitando a oração pelos mortos. Richild não rezava com ele; de cabeça erguida, encarava Joana e Gerold.

Joana afastou-se do abraço de Gerold.

— O que foi? — O olhar dele era afetuoso e preocupado.

Richild continuava a observá-los.

— N-nada.

Ele seguiu a direção do olhar de Joana.

— Ah. — Ele levantou gentilmente um cacho dourado-branco caído sobre o rosto dela. — Vamos juntar-nos aos outros, então?

Caminharam lado a lado para os carroções. Depois Gerold foi falar com o capelão sobre a disposição do corpo.

Richild disse:

— Joana, você vai no carroção pelo resto da viagem. Ficaré mais segura aqui conosco.

Era inútil protestar. Joana subiu no carroção.

Gentilmente os homens puseram Bertha num dos carroções de trás, afastando sacos para abrir espaço. Uma mulher mais velha, serva da casa, atirou-se sobre o corpo de Bertha aos prantos.

A mulher começou o lamento fúnebre tradicional. Todos esperaram num silêncio respeitoso e constrangido. Após um intervalo apropriado, o capelão se aproximou e falou baixinho com a mulher. Ela levantou a cabeça; seus olhos, desvairados de dor, fixaram-se em Richild.

— A senhora! — gritou ela. — Foi a senhora! A senhora a matou! Ela era uma boa moça, a minha Bertha, ela a teria servido bem! Que a morte dela recaia sobre a sua cabeça! Sobre a sua cabeça!

Dois dos guardas de Richild agarraram a mulher rudemente e levaram-na, ainda gritando imprecações.

O capelão aproximou-se de Richild, torcendo as mãos nervosamente, como a desculpar-se.

— É a mãe da Bertha. O desgosto deixou a pobre mulher fora de si. Claro que a morte da menina foi um acidente. Um trágico acidente.

— Não foi acidente, Wala — falou Richild gravemente. — Foi a vontade de Deus.

Wala empalideceu.

— Claro, claro. — Como capelão de Richild, um “padre doméstico”, Wala tinha uma posição pouco superior à de um reles colono; se a desagradasse, ela podia mandá-lo açoitar, ou, pior ainda, mandá-lo embora para morrer de fome. — A vontade de Deus. Sim, senhora, a vontade de Deus, com toda certeza.

— Vá falar com a mulher, pois o pesar excessivo dela decerto colocou sua alma em perigo mortal.

— Ah, senhora! — Ele tremeu de excitação, as mãos brancas para o céu. — Quanta paciência celestial! Quanta caridade!

Ela o dispensou impacientemente, e ele se afastou apressado, parecendo alguém que escapou da força.

Gerold deu ordem para prosseguir, e a caravana foi em frente, sacudindo pela margem do rio, de volta ao caminho para a estrada de São Dinis. Atrás deles, no carroção da retaguarda, os gritos da mãe gradualmente se transformaram num soluçar constante, de partir o coração. Os olhos de Dhuoda estavam marejados de lágrimas; até mesmo o bom humor persistente de Gisla foi extinto. Mas Richild agia como se nada tivesse ocorrido. Joana avaliou-a com o olhar. Poderia alguém ser tão hábil em esconder suas emoções, ou ela era mesmo tão fria como parecia? A morte da garota não pesava nem um pouco na consciência dela?

Richild olhou para Joana, que desviou os olhos para que ela não pudesse ler seus pensamentos.

• • •

O primeiro dia da feira foi de plena atividade. Pessoas fluíam através do enorme portão de ferro que conduzia ao descampado em frente à Abadia de São Dinis: camponeses trajando *bandelettes* andrajosos e camisas de linho tosco; nobres e *fideles* em túnicas de seda cruzadas por boldriés dourados, suas esposas elegantemente adornadas com mantos de pele e toucados cravejados de joias; lombardos e aquitanenses metidos nas suas exóticas pantalonas bufantes e botas. Joana nunca tinha visto uma aglomeração humana tão grande ou tão estranha.

No campo, as barracas dos mercadores aglomeravam-se, suas variadas mercadorias exibidas num tumulto berrante e incoerente de cores e formas. Havia mantos e togas de seda púrpura, peles tingidas de vermelho, penas de pavão, jaquetas de couro estampado, iguarias raras como amêndoas e passas, e toda espécie de aromas e especiarias, pérolas, gemas, prataria e ourivesaria. Mais mercadoria continuava se derramando através dos

portões, empilhada em carroções ou carregada em fardos desajeitados sobre as costas dos vendedores mais pobres, curvados sob o tremendo peso. A maioria desses não dormiria à noite de tanta dor nos músculos retesados além do limite, mas eles achavam isso menos pesado que os impostos *rotaticum* e *saumaticum*, cobrados sobre mercadorias trazidas sobre veículos de rodas e bestas de carga.

Do lado de dentro do portão, Gerold disse a Joana e João:

— Estendam as mãos. — Em cada palma aberta ele colocou um denário de prata. — Gastem sabiamente.

Joana olhou para a moeda reluzente. Só tinha visto denários uma ou duas vezes, e de longe, pois em Ingelheim o comércio era à base de troca; até o salário do seu pai, o dizimo cobrado aos camponeses da sua paróquia, era pago em bens e mantimentos.

Um denário! Parecia uma fortuna imensurável.

Vaguearam pelos corredores estreitos e apinhados entre as barracas. Por toda parte vendedores apregoavam as suas mercadorias, clientes regateavam os preços acaloradamente, e artistas de todos os tipos — dançarinos, malabaristas, acrobatas, domadores de ursos e de macacos — desempenhavam o seu ofício. O alarido de inúmeros negócios, caçadas e discussões rodeava-os por todos os lados em centenas de línguas e dialetos.

Era fácil perder-se no meio das multidões que se acotovelavam. Joana tomou a mão de João — para sua surpresa, ele não protestou — e manteve-se do lado de Gerold. Luca seguia logo atrás deles, inseparável, como sempre, de Joana. O pequeno grupo logo se separou de Richild e dos outros, que andavam mais devagar. No meio da primeira fila de barracas, pararam e esperaram por eles. À esquerda, uma mulher ralhava com dois mercadores que puxavam de cada lado uma peça de linho junto a uma longa régua de madeira que media exatamente uma vara⁹.

— Parem! — gritava a mulher. — Seus imbecis! Assim vão rasgá-lo! — E parecia mesmo que iam fazê-lo, no esforço de torná-lo mais comprido e, por conseguinte, mais caro.

Uma forte irrupção de gritos e gargalhadas veio de uma multidão em volta de um cercado, logo à frente.

— Venha! — João puxou o braço de Joana. Ela hesitou, não querendo deixar Gerold, mas este viu que João queria e, de bom humor, enxotou-os naquela direção.

Quando se aproximavam, outro grito elevou-se da turba. Joana viu um homem cair de joelhos no centro do cercado, agarrando o ombro como se estivesse ferido. Rapidamente ele se reergueu, e então Joana percebeu que na outra mão ele empunhava um robusto ramo de bétula. Havia mais um homem no ringue, armado de modo semelhante. Os dois rodeavam um ao outro, brandindo ferozmente as pesadas varas. Ouviu-se um guincho estranho e agudo, enquanto um porco manchado de sangue corria freneticamente entre os dois adversários, suas patas atarracadas bombeando como uma batedeira de manteiga. Os dois homens oscilaram sobre o porco, mas não tinham pontaria alguma; aquele que recém caíra gritou ao levar um golpe violento nas partes baixas. A turba gargalhou aos berros.

João ria com os outros, os olhos cheios de interesse. Puxou a manga de um camponês baixo e bexiguento que estava ao lado deles.

— O que está acontecendo? — perguntou, entusiasmado.

O homem sorriu, os buracos no seu rosto alargando-se quando a pele enrugou.

— Eles tão atrás do porco, rapaz, tá vendo? Quem matá, leva pra cumê em casa.

Estranho, pensou Joana, enquanto assistia aos dois homens competirem pelo prêmio. Vibravam as suas varas com força, mas os seus golpes eram a esmo e sem direção, acertando o ar, ou um ao outro, com mais frequência do que o desafortunado porco. Havia algo de estranho na aparência do homem de frente para ela. Olhando mais atentamente, viu uma brancura leitosa onde suas pupilas deveriam estar. O outro homem se voltou para ela; seus olhos pareciam normais, porém encaravam fixamente o espaço, vagos e sem foco.

Os homens eram cegos.

Outro golpe atingiu o seu alvo, e o homem de olhos leitosos desequilibrou-se, agarrando a cabeça. João pulava, aplaudia e ria

aos berros com o resto da turba. Seus olhos brilhavam com um entusiasmo estranho.

Joana virou-se.

— Psst! Sinhazinha! — uma voz a chamou. Do outro lado, um vendedor fazia-lhe gestos. Ela deixou João se divertindo com o combate bizarro e foi à barraca do homem, fronteada por uma mesa comprida que exibia uma variedade de peças religiosas. Havia cruzes de madeira e medalhões de todos os tipos, bem como relíquias de diversos santos populares locais: uma mecha de cabelos de são Vilibrordo, uma unha de são Romárico, dois dentes de santa Valdetrudes, e um trapo da túnica da virgem-mártir santa Genoveva.

O homem tirou um pequeno frasco da sua bolsa de couro.

— Sabe o que isto contém? — A voz dele era tão baixa que ela mal podia escutar em meio ao alarido em volta. Ela sacudiu a cabeça.

— Diversas gotas do leite — a voz dele abaixou ainda mais — de Nossa Senhora!

Joana ficou estarelecida. Tamanho tesouro, ali? Certamente deveria estar no sacrário de algum grande monastério ou catedral.

— Um denário — disse o homem.

Um denário! Ela apalpou a moeda de prata no seu bolso. O homem estendeu-lhe o frasquinho e ela o segurou, sentindo-lhe a superfície fresca na mão. Imaginou a cara de Odo quando ela voltasse com um troféu daqueles para a catedral.

O homem sorriu, estendendo a mão, os dedos agitando-se de ansiedade por tomar-lhe a moeda.

Joana hesitou. Por que aquele homem venderia um tesouro tão grande por uma soma tão modesta? Aquilo podia ser vendido por uma fortuna para alguma grande abadia ou catedral necessitada de relíquias sagradas para os peregrinos venerarem.

Ela destapou o frasco e espiou dentro dele. No meio do tubo, a superfície do leite parecia lisa e branco-azulada à luz do sol. Joana tocou-a com a ponta do dedo mindinho. Então ergueu os olhos, e varreu com eles a região em volta da barraca. Ela riu, levou o frasco aos lábios e bebeu.

O homem ficou boquiaberto.

— Você é doida? — Seu rosto estava contorcido de raiva.

— Delicioso — disse Joana, tapando o frasco e devolvendo-o. — Meus cumprimentos à sua cabra.

— Ora, sua... sua... — o homem balbuciou, incapaz de encontrar palavras para exprimir sua raiva e frustração. Por um instante pareceu que ele daria a volta na mesa para apanhá-la. Ouviu-se um rosnar surdo; Luca, que até então estivera sentado quieto, colocou-se diante de Joana, o focinho arreganhado exibindo uma fileira de dentes brancos ameaçadores.

— Que é isso? — O vendedor fixou o olhar nos olhos faiscantes de Luca.

— Isso — disse uma voz atrás de Joana — é um lobo.

Era Gerold. Ele havia chegado silenciosamente durante a conversa dela com o vendedor. Estava descontraído, com os braços caídos e o corpo relaxado, mas seus olhos eram pura advertência. O vendedor se afastou, resmungando. Gerold pôs o braço em volta dos ombros de Joana e levou-a embora, chamando Luca, que rosnou para o vendedor mais uma vez e depois correu para alcançá-los.

Gerold não falou. Caminharam juntos em silêncio, Joana apressando-se para acompanhar as longas passadas dele.

Está zangado, pensou ela, enquanto seu bom humor se extinguia tão rapidamente quanto um fogo de lareira abafado.

O pior era que ela sabia que ele tinha razão. Ela fora descuidada com o vendedor. Não havia prometido que seria mais cuidadosa? Por que tinha sempre que questionar e desafiar? Por que não aprendia de uma vez que *algumas ideias são perigosas*?

Talvez eu seja doida.

Ouviu um ruído surdo: Gerold estava dando risada.

— A cara do homem quando você levantou o frasco e bebeu! Nunca vou esquecer! — Apertou-a num abraço caloroso. — Ah, Joana, você é minha pérola! Mas conte-me: como você sabia que o leite não era da Virgem?

Joana sorriu, aliviada.

— Desconfiei desde o início, pois como uma relíquia tão sagrada poderia custar tão barato? E por que o vendedor mantinha sua cabra amarrada atrás da barraca, onde não pudesse ser vista? Se a

tivesse recebido numa permuta, não haveria necessidade de escondê-la.

— É verdade. Mas para ter de fato *bebido* aquilo — Gerold soltou outra gargalhada — você deve ter percebido mais alguma coisa.

— Sim. Quando destapei o frasco, o leite não estava coalhado, estava fresco, como se ordenhado hoje de manhã, ao passo que o leite da Virgem teria mais de oitocentos anos.

— Ah — Gerold sorriu, arqueando as sobrancelhas, testando-a —, mas talvez o seu caráter sacrossanto o tivesse conservado puro e incorruptível!

— É verdade — admitiu Joana. — Mas quando toquei no leite, ele ainda estava morno! Uma coisa tão santa poderia talvez não apodrecer, mas por que permaneceria quente?

— Bem observado — elogiou Gerold. — O próprio Lucrecio não teria feito melhor!

Joana ficou radiante. Como adorava agradá-lo!

Haviam caminhado quase até o final da longa fileira de barracas, onde a enorme cruz de São Dinis assinalava o limite da feira, protegendo a santa tranquilidade dos irmãos da abadia. Ali os mercadores de pergaminho haviam montado suas barracas.

— Veja! — Gerold foi o primeiro a vê-los, e ambos foram depressa conferir a mercadoria, que era de muito boa qualidade. O velino, em particular, era extraordinário: o reverso da pele era perfeitamente liso, com a cor mais branca que Joana já vira; o outro lado era amarelado, como de costume, mas os orifícios onde os pêlos do bezerro haviam estado enraizados eram tão minúsculos e rasos, que pareciam invisíveis.

— Que prazer deve ser escrever em folhas como estas! — exclamou Joana, apalpando-as gentilmente.

Gerold chamou imediatamente um dos mercadores.

— Quatro folhas — pediu ele; Joana ficou boquiaberta com a prodigalidade. Quatro folhas! Era o suficiente para um códice inteiro!

Enquanto Gerold pagava pela sua compra, a atenção de Joana vagava sobre algumas folhas de pergaminho que pareciam em mau estado, espalhadas descuidadamente no fundo da barraca. As beiradas das folhas estavam rasgadas, e havia texto sobre elas,

meio apagado e coberto, nalguns pontos, por feias manchas marrons. Ela se inclinou para ler o texto e corou de entusiasmo.

Vendo o interesse dela, o mercador veio logo.

— Tão novinha e já com faro para os negócios! — disse ele melosamente. — As folhas são velhas, como você pode ver, mas ainda servem. Veja só!

Antes que ela pudesse falar, ele pegou um objeto comprido e achatado e raspou rapidamente a página, apagando várias letras.

— Pare! — Joana falou asperamente, lembrando-se de outro pedaço de pergaminho e de outra faca. — Pare!

O vendedor olhou para ela com curiosidade.

— Não se preocupe, moça; é só um escrito pagão. — Apontou orgulhosamente para a página. — Viu? Limpinha e pronta para escrever nela! — Ergueu o instrumento para demonstrar o truque de novo, mas Joana agarrou-lhe a mão.

— Dou-lhe um denário por elas — falou sem delongas.

O homem fingiu-se de insultado.

— Elas valem pelo menos três denários.

Joana tirou a moeda da sua bolsa e estendeu-a.

— Um — repetiu ela. — É tudo o que tenho.

O vendedor hesitou, examinando o rosto dela.

— Está bem — disse ele de modo petulante. — Leve-as.

Joana deu-lhe a moeda e apanhou o precioso pergaminho antes que ele mudasse de ideia. Correu para Gerold.

— Veja! — disse ela, excitada.

Gerold fixou o olhar nas páginas.

— Não reconheço essas letras.

— Está escrito em grego — explicou Joana. — E é muito antigo. Acho que é um tratado sobre engenharia. Está vendo os diagramas? — Apontou para uma das páginas, e Gerold examinou os desenhos.

— Algum tipo de dispositivo hidráulico. — O interesse dele se acendeu. — Fascinante! Você pode traduzir o texto?

— Posso.

— Então, talvez eu seja capaz de montá-lo.

Sorriram um para o outro, como conspiradores num novo plano.

— Pai! — A voz de Gisle perfurou o vozerio da multidão. Gerold virou-se, à procura dela. Era mais alto que todos ao redor; seu cabelo espesso reluzente ao sol como ouro vermelho. O coração de Joana saltou-lhe no peito ao observá-lo. *Você é minha pérola*, ele tinha dito. Agarrou os pergaminhos com força enquanto o contemplava, desfrutando o momento.

— Pai! Joana! — Gisle finalmente apareceu, abrindo caminho entre a turbamulta, seguida por um dos criados da casa, os braços carregados de compras. — Procurei vocês por toda parte! — ela reclamou amigavelmente. — O que você tem aí? — Joana começou a explicar, mas Gisle desdenhou: — Ah, mais dos seus tolos livros velhos! Olhe o que *eu* encontrei — disse ela entusiasmadíssima, exibindo uma peça de tecido multicolorido. — Para o meu vestido de noiva. Não é *perfeito*?

O tecido tremeluzia enquanto Gisle o segurava. Examinando-o mais de perto, Joana viu que era bordado com esplêndidos fios de ouro e de prata.

— É magnífico — disse com sinceridade.

Gisle deu sua risadinha nervosa.

— Eu sei! — Sem esperar por uma resposta, agarrou o braço de Joana e começou a puxá-la em direção a uma barraca à frente. — Ah, veja — disse ela —, um leilão de escravos! Vamos ver!

— Não. — Joana recuou. Tinha visto mercadores de escravos passarem por Ingelheim, sua carga humana amarrada com cordas grossas. Muitos deles eram saxões, como sua mãe.

— Não — disse de novo, e não se mexeu.

— Como você é boba! — Gisle provocou, brincalhona. — São apenas pagãos. Eles não têm sentimentos, ao menos não como nós.

— O que será que tem aqui? — desconversou Joana, ansiosa por desviar o assunto. Conduziu Gisle a uma pequena barraca, no fim da fileira. Era escura e vedada, com todos os painéis fechados. Luca rodeou-a, farejando as paredes com curiosidade.

— Que estranho — disse Gisle.

Numa tarde ensolarada, com negócios ocorrendo por todo lado, a barraca escura e silenciosa era mesmo algo estranho. Com a curiosidade espicaçada, Joana bateu de leve na portinhola.

— Entrem — uma voz desarmônica veio de dentro. Gisla deu um salto, mas não recuou. As duas meninas deram a volta para o lado da barraca e empurraram cautelosamente a porta de madeira entabuada, que rangeu ao abrir-se para dentro, derramando raios inclinados de luz dentro da escuridão.

Entraram. Um cheiro estranho permeava a barraca, enjoativo e doce, como mel fermentado. No centro do cercado, uma figura minúscula estava sentada de pernas cruzadas — uma anciã, vestida simplesmente, com uma túnica escura e solta. Parecia inacreditavelmente velha, talvez com setenta ou mais invernos; não tinha cabelo, exceto por alguns fios brancos no alto da cabeça, a qual tremia constantemente, como se ela sofresse de malária. Mas seus olhos alertas cintilavam na escuridão, concentrados em Joana e Gisla com apreciativa astúcia.

— Lindas pombinhas — crocitou ela. — Tão belas e tão jovens. O que vocês querem da velha Balthild?

— Queríamos apenas... apenas... — balbuciou Joana, procurando uma explicação. O olhar da velha era perturbador.

— Descobrir o que se vende aqui — completou Gisla intrepidamente.

— O que se vende? O que se vende? — cacarejou a velha. — Uma coisa que vocês querem, mas nunca possuirão.

— O quê? — perguntou Gisla.

— Uma coisa que já é de vocês, embora vocês não a tenham. — A velha deu um sorriso desdentado. — Uma coisa sem preço, mas que pode ser comprada.

— O que é? — perguntou Gisla com rispidez, impaciente com as charadas da velha.

— O futuro! — Os olhos da velha cintilaram na obscuridade. — O seu futuro, minha pombinha. Tudo o que será e ainda não é.

— Ah, a senhora é uma vidente! — Gisla bateu palmas, satisfeita por ter desvendado o mistério. — Quanto?

— Um soldo.

Um soldo! Era o preço de uma boa vaca leiteira ou de um par de bons carneiros!

— Muito caro. — Gisla estava agora no seu elemento, confiante e segura de si, um cliente astuto barganhando. — Um óbolo —

ofereceu.

— Cinco denários — contrapropôs a velha.

— Dois. Um para cada uma. — Gisla tirou as moedas da bolsa e mostrou-as à mulher.

A velha hesitou, depois pegou as moedas e fez sinal às garotas para que se sentassem no chão ao lado dela. Sentaram-se; a mulher tomou as mãos jovens e fortes de Joana nas suas mãos trêmulas, e fixou o olhar estranho e perturbador nela. Por um longo tempo nada disse; então começou a falar:

— Criança trocada, você é o que não será; você será o que não é.

Não fazia sentido algum, a não ser que se referisse ao fato de que em breve seria uma mulher adulta. Mas então por que a chamara de “trocada”?

Balthild continuou:

— Você aspira ao que é proibido. — Joana estremeceu de surpresa, e a velha segurou-a com mais força. — Sim, criança trocada, vejo o seu desejo secreto. Pois você não vai se desapontar. A grandeza será sua, além dos seus sonhos, e a dor, além da sua imaginação.

Balthild largou as mãos de Joana e se virou para Gisla, que piscou para ela como se dissesse: *Não foi divertido?*

A velha tomou as mãos de Gisla, seus dedos curvos e nodosos enrolando-se em volta dos dedos macios e rosados.

— Você vai se casar em breve, e com um homem rico — disse ela.

— Sim! — Gisla deu um risinho. — Mas, velha senhora, não lhe paguei para me dizer o que eu já sei. A união será feliz?

— Não mais que a maioria, nem menos tampouco — Balthild disse. Gisla ergueu os olhos para o teto num arremedo de desespero.

— Esposa você será, mas nunca mãe — cantarolou em voz baixa, balançando ao ritmo das palavras.

O sorriso de Gisla desvaneceu-se.

— Serei estéril, então?

— O futuro à sua frente se estende todo escuro e vazio. — A voz de Balthild tornou-se um lamento fúnebre. — A dor será sua, e

confusão, e medo.

Gisla ficou paralisada, como um arminho hipnotizado pelo olhar de uma cobra.

— Basta! — Joana arrancou as mãos de Gisla das mãos da velha. — Venha comigo — disse. Gisla obedeceu como uma criança.

Fora da barraca, Gisla começou a chorar.

— Não seja boba — acalmou-a Joana. — A velha é louca, não ligue para ela. Não há verdade alguma nessas adivinhações.

Gisla estava inconsolável. Ela chorou e chorou. Por fim, Joana a levou à barraca de guloseimas, onde compraram figos açucarados e se empanturraram até Gisla se sentir um pouco melhor.

Naquela noite, quando contaram a Gerold o que havia ocorrido, ele ficou furioso.

— Feitiçaria, agora? Joana e Gisla, vocês vão me levar a essa barraca amanhã. Tenho umas coisas a dizer a essa velha que fica assustando menininhas. E você, Gisla, não deve dar ouvidos a um absurdo desses. Que ideia foi essa de procurar falsos conselhos? — A Joana repreendeu duramente: — Pensei que pelo menos você tivesse juízo!

Joana aceitou a reprimenda. Mesmo assim, uma parte dela queria acreditar nos poderes de Balthild. Não dissera a velha que ela realizaria o seu desejo secreto? Se estivesse certa, Joana alcançaria grandeza, apesar de ser uma garota e apesar do que todo mundo julgava possível.

Mas se Balthild estivesse certa quanto ao futuro de Joana, estaria certa também quanto ao de Gisla.

Quando voltaram à barraca com Gerold no dia seguinte, ela estava vazia. Ninguém soube lhes dizer para onde a velha tinha ido.

Em Winnemanoth¹⁰, Gisla casou-se com o conde Hugo. Houve certa dificuldade em encontrar uma data adequada para a consumação imediata do casamento. A Igreja proibia relações maritais aos domingos, quartas e sextas-feiras, bem como nos quarenta dias antes da Páscoa, nos oito dias depois de

Pentecostes, nos cinco dias antes de receber a comunhão ou na véspera de alguma festa importante ou dia de guarda. Ao todo, era proibido ter relações sexuais em cerca de duzentos e vinte dias do ano; somando esses dias aos das regras mensais de Gisle, não sobravam muitos mais para escolher. Acabaram marcando para o vigésimo quarto dia do mês, data que agradou a todos menos Gisle, impaciente para que as festividades começassem logo.

Finalmente chegou o grande dia. Toda a casa se levantou antes da aurora para agitar-se ao redor da noiva. Primeiro, ajudaram-na a vestir a túnica de linho amarelo com mangas compridas; sobre ela foi colocada a resplandecente túnica nova feita com o tecido bordado a ouro e prata comprado em São Dinis. Caía-lhe dos ombros até o chão em graciosas pregas repetidas nas amplas mangas abertas nos cotovelos. Ataram-lhe às ancas uma pesada saia cravejada com pedras da sorte — ágatas para proteger contra febre, greda contra mau-olhado, calcedônias para a fertilidade, jaspe para um bom parto. Por fim, foi afixado em sua cabeça um véu de seda finamente trabalhado, que caía em ondas até o chão, cobrindo-lhe os ombros e escondendo completamente o seu cabelo castanho-avermelhado. Com o seu vestido de noiva, mal podendo se mexer ou sequer se sentar por medo de amarrotá-lo, ela parecia, pensou Joana, uma exótica ave de caça, recheada e costurada, pronta para ser trinchada.

Comigo não, jurou Joana. Ela não pretendia se casar, embora dentro de sete meses fosse completar quinze anos, idade mais que casadoura. Em três anos, seria uma velha. Era incompreensível para ela que as garotas da sua idade ansiassem tanto por casar, o que imediatamente as mergulharia num estado de escravidão. Um marido tinha controle absoluto sobre os bens e propriedade da esposa, sobre os filhos, até sobre sua vida. Tendo suportado a tirania do seu pai, Joana não tinha intenção de dar a homem algum tal poder sobre ela outra vez.

Gisle, simplória que era, foi para o seu noivo com ansioso entusiasmo, toda rubores e risinhos nervosos. O conde Hugo, magnífico numa túnica e manto orlado de arminho, esperava por ela no portal sagrado da catedral. Ela tomou a mão que ele estendera e aprumou-se orgulhosamente enquanto Wido, o intendente de

Villaris, enumerava publicamente as terras, servos, animais e bens que Gisla trazia como dote. Depois o cortejo nupcial entrou na catedral, onde Fulgêncio esperava diante do altar para realizar a missa solene de casamento.

— *Quod Deus conjunxit homo non separet.* — As palavras em latim saíam titubeantes da boca de Fulgêncio. Ele tinha sido soldado antes de herdar o episcopado quando não era mais moço, e como iniciara tarde seus estudos, nunca dominara corretamente as declinações latinas.

— *In nomine Patria et Filia...* — Joana estremeceu quando Fulgêncio, equivocando-se com as palavras “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” da bênção, pronunciou “Em nome da Pátria e da Filha”.

Terminando essa parte da missa, Fulgêncio voltou, com evidente alívio, a falar em tudesco.

— Que essa mulher seja amável como Raquel, fiel como Sara, fértil como Lia. — Ele pousou a mão gentilmente sobre a cabeça de Gisla. — Que ela gere muitos filhos para honrar a casa do seu marido.

Joana viu os ombros de Gisla sacudirem, e percebeu que ela estava reprimindo uma risada.

— Que ela imite o comportamento de um cão, cujos olhos e coração estão sempre voltados para o seu amo; mesmo quando o amo o açoita e atira pedras nele, o cão o segue, abanando o rabo. — Aquilo pareceu brutal a Joana, mas Fulgêncio observava Gisla com uma expressão benévola, até mesmo afetuosa, e obviamente não tivera intenção de ofender. — Da mesma forma, uma mulher deve nutrir amor perfeito e incondicional pelo marido.

Ele se voltou para o conde Hugo.

— Que este homem seja valente como Davi, sábio como Salomão, forte como Sansão. Que suas terras se expandam, assim como sua fortuna. Que ele seja um senhor justo para com sua senhora, nunca administrando nela mais do que castigos razoáveis. Que ele viva para ver seus filhos honrarem o seu nome.

Começaram a troca de votos. O conde Hugo fez sua promessa primeiro, depois colocou um anel de turquesa bizantina no quarto dedo de Gisla, o qual continha a veia que conduz ao coração.

Era a vez de Gisle. Joana escutou-a recitar os seus votos matrimoniais. Sua voz era alta e alegre, sua mente alheia a qualquer dúvida, seu futuro aparentemente assegurado.

O que me reserva o futuro? pensou Joana.

Não podia continuar na escola para sempre; quando muito, mais três anos. Começou a sonhar acordada, imaginando-se como mestre-escola numa das grandes escolas catedráticas, talvez Reims, ou mesmo a Escola Palatina, seus dias dedicados a explorar a sabedoria das épocas ao lado de mentes tão ansiosas e curiosas como a sua. O devaneio foi, como sempre, intensamente prazeroso.

Mas — o pensamento atingiu-a como uma flecha — isso significaria deixar Villar. Deixar Gerold.

Ela sabia que teria de deixar Villar um dia. Mas, nos últimos meses, tinha afastado esse pensamento, contentando-se em viver o presente, em gozar a alegria de estar com Gerold todos os dias.

Pousou o olhar sobre ele. Seu perfil era forte e bem cinzelado, seu talhe alto e empertigado, o cabelo vermelho derramando-se em caracóis espessos sobre os ombros.

O homem mais bonito que eu já vi, pensou ela, não pela primeira vez.

Como se lesse a mente dela, ele virou-se na sua direção. Seus olhares se cruzaram. Algo na expressão dele — uma doçura momentânea, uma ternura — emocionou-a. Antes que ela se desse conta, o olhar tinha se esvaecido, mas o calor que transmitira permaneceu.

Estou errada em me preocupar, matutou. *Não preciso decidir nada agora.*

Três anos era muito tempo.

Muita coisa podia acontecer em três anos.

Ao voltar da escola na semana seguinte, Joana encontrou Gerold esperando por ela no pátio.

— Venha comigo. — O seu tom de voz indicava que ele tinha uma surpresa aguardando. Fez sinal para ela e se dirigiu ao portão dianteiro. Atravessando a paliçada, percorreram vários quilômetros de estrada, depois entraram abruptamente na floresta, emergindo pouco depois numa pequena clareira, no meio da qual havia uma

cabana afundada. Desabitada, encontrava-se em mau estado, embora devesse ter sido outrora uma confortável morada de homem livre, pois as paredes de taipa ainda pareciam firmes e a porta era de sólido carvalho. Lembrou a Joana a sua casa em Ingelheim, embora esta *grubenhause* fosse bem menor e seu telhado de colmo estivesse parcialmente apodrecido.

Pararam diante dela.

— Espere aqui. — ordenou Gerold.

Joana olhou com curiosidade quando ele rodeou a estrutura, depois voltou e se colocou do lado dela, de frente para a porta.

— Observe — falou Gerold com solenidade fingida. Erguendo as mãos acima da cabeça, bateu palmas bem alto, três vezes.

Nada aconteceu. Joana olhou interrogativamente para Gerold, que olhava a cabana com expectativa. Era evidente que algo deveria supostamente acontecer, mas o quê?

Com um forte rangido, a pesada porta de carvalho começou a se abrir, devagar no começo, depois mais depressa, expondo a vaga escuridão do interior. Joana espiou dentro da cabana. Não havia ninguém lá. A porta se abriu sozinha.

Joana olhou, boquiaberta, para a porta. Uma dúzia de perguntas pululava em sua mente, mas apenas uma conseguiu sair:

— Como?

Gerold olhou para o céu num simulacro de piedade.

— Milagre!

Joana bufou. Ele riu.

— Feitiçaria, então. — Olhou para ela desafiadoramente, divertindo-se.

Joana aceitou o desafio. Foi até a porta e examinou-a.

— Pode fechá-la? — perguntou ela.

Gerold levantou as mãos de novo e bateu palmas três vezes. Após uma pausa, a porta rangeu e começou a se fechar, movendo-se sobre as dobradiças. Joana acompanhou o movimento, estudando-o. Os pesados painéis de madeira eram lisos e firmemente presos — nenhum sinal de algo incomum ali. Tampouco havia qualquer coisa incomum na maçaneta de madeira. Ela examinou as dobradiças, feitas de ferro comum. Era exasperante! Ela não conseguia perceber o que movimentava a porta.

Esta já se havia fechado de novo. Era um mistério.

— Então? — Os olhos anis de Gerold brilhavam de satisfação.

Joana hesitou, pouco disposta a perder o jogo.

Quando estava prestes a admitir a derrota, escutou algo, um som tênue vindo de cima dela. A princípio não o identificou; era familiar, mas estranhamente fora do seu lugar.

Então ela o reconheceu: água. O som de água escorrendo.

— O dispositivo hidráulico! — disse, excitada. — O do manuscrito da feira de São Dinis! Você o construiu!

Gerold riu.

— Eu o adaptei. Afinal, ele foi projetado para bombear água, não para abrir e fechar portas!

— Como funciona?

Gerold mostrou-lhe o mecanismo, localizado bem debaixo do teto apodrecido da cabana, a uns três metros da porta, razão pela qual ela não o vira. Mostrou-lhe o complicado sistema de alavancas, roldanas e contrapesos, ligados a duas finas varas de ferro presas ao interior da porta, portanto quase invisíveis. Gerold havia ativado o sistema pisando numa corda quando rodeara a cabana.

— Incrível! — disse ela quando ele acabou de explicar. — Faça outra vez! — Agora que ela entendia como o dispositivo funcionava, queria observá-lo em ação.

— Não posso. Teria de ir buscar mais água.

— Então, vamos buscar! — disse ela. — Onde estão os baldes?

Gerold riu.

— Você é incorrigível! — Apertou-a num abraço afetuoso. O seu peito era rijo e firme, seus braços fortes em volta dela. Joana sentiu-se derreter por dentro.

Ele a soltou abruptamente.

— Vamos, então — disse com rispidez. — Os baldes estão ali.

Carregaram os baldes vazios até o riacho, a quatrocentos metros de lá, encheram-nos, trouxeram-nos de volta, encheram o recipiente, depois voltaram para pegar mais. Fizeram o percurso três vezes, e na terceira começaram a se sentir meio tontos. O sol estava quente, o ar cheio de promessas primaveris, e eles dois excitados pelo seu projeto e pela alegria de estar na companhia um do outro.

— Gerold, veja! — chamou Joana, metida até os joelhos na água fresca do riacho. Quando ele se virou, ela jogou água de seu balde nele, molhando-o na frente da túnica.

— Seu diabinho! — ele rugiu.

Ele encheu o seu balde e revidou, encharcando-a. Continuaram a molhar-se mutuamente, numa agitação de salpicos e borrifos, até que Joana foi atingida por um jorro de água do balde de Gerold no momento em que se agachava para encher o seu. Perdendo o equilíbrio, escorregou e caiu pesadamente no riacho. A água fresca fechou-se sobre sua cabeça, e por um breve instante ela entrou em pânico, incapaz de manter-se em pé sobre as pedras movediças do leito do rio.

Num segundo os braços de Gerold estavam em volta dela, amparando-a e erguendo-a.

— Peguei você, Joana, peguei você! — A sua voz, perto do ouvido dela, era quente e reconfortante. Joana sentiu o seu corpo inteiro vibrar à cadência daquela voz. Agarrou-se a ele. Suas roupas molhadas colavam-se umas às outras, moldando-lhes os corpos juntos em inequívoca intimidade.

— Eu amo você — ela disse, simplesmente. — Amo você.

— Ah, minha garota querida e perfeita! — Gerold murmurou abafadamente, e então sua boca estava sobre a dela, a paixão de ambos alimentada pelo súbito extravasamento de emoções controladas por tanto tempo.

O próprio vento parecia sussurrar melodicamente nos ouvidos de Joana: *Gerold... Gerold...*

Nenhum dos dois reparou que, detrás do pequeno arvoredor no espinhaço da colina, alguém os estava observando.

• • •

Odo estivera a caminho de Hérístal para visitar seu tio, um dos santos irmãos daquela abadia, quando sua mula se desviara do caminho para ir atrás de um trecho de relva com aparência particularmente succulenta. O mestre-escola xingou a mula, puxando as rédeas e dando-lhe vergastadas, mas ela era teimosa e não se deixou dissuadir. Ele não teve escolha a não ser sair da estrada e

seguir a estúpida besta. Foi então que, erguendo os olhos para o riacho, viu.

Uma mulher instruída nunca é casta. Seriam palavras de são Paulo, ou de são Jerônimo? Pouco importava. Odo sempre acreditara que isso era verdade, e agora tinha a prova diante dos olhos!

Odo voltou apressadamente para a estrada. Sua visita teria que esperar. Primeiro ele precisava chegar a Villaris.

Pouco depois, as torres de Villaris assomaram à sua frente. Em seu entusiasmo, ele havia caminhado mais depressa que o normal. Cruzando a paliçada com portão, foi saudado por um vigia.

— Leve-me à condessa Richild — Odo ordenou. — Preciso falar com ela imediatamente!

Gerold removeu os braços de Joana do seu pescoço e deu um passo para trás.

— Venha — falou com a voz carregada de emoção —, precisamos voltar.

Desnorteada de amor, Joana tentou abraçá-lo de novo.

— Não — disse Gerold com firmeza. — Preciso levá-la para casa agora, enquanto ainda me resta força de vontade.

Joana encarou-o, atordoada.

— Você não... me quer? — Ela abaixou a cabeça antes que ele pudesse responder.

Gerold segurou o queixo dela gentilmente, forçando os olhos dela a encontrarem os seus.

— Nunca quis tanto uma mulher como quero você.

— Então por que...?

— Pelas barbas de Deus, Joana! Sou um homem, com desejos masculinos. Não me tente além do limite! — Gerold soou quase zangado. Vendo o início de lágrimas nos olhos dela, ele suavizou o tom: — O que quer que eu faça, meu amor? Que a torne minha concubina? Ah, Joana, eu tomaria você bem aqui, neste gramado, se achasse que isso a faria feliz. Mas apenas causaria a sua ruína, você não percebe?

Os olhos de anil de Gerold dominavam os dela. Ele era tão bonito que a deixava sem fôlego. Tudo que ela desejava era que ele a

tomasse nos braços outra vez.

Ele acariciou o cabelo auribranco dela. Ela começou a falar, mas sua voz quebrou. Joana respirou fundo, tentando controlar suas emoções, mortificada de vergonha e frustração.

— Vamos. — Gerold segurou a mão de Joana carinhosamente. Ela não protestou enquanto ele a conduzia de volta para a estrada. Sem palavras, de mãos dadas, percorreram a pé os longos e desconfortáveis quilômetros até Villaris.



— A senhora Richild, condessa de Villaris! — anunciou o arauto enquanto Richild entrava majestosamente na sala de recepções do bispo.

— Eminência. — Ela fez uma graciosa mesura.

— A senhora é mui bem-vinda — saudou Fulgêncio. — Quais as novidades sobre o seu senhor? Deus permita que ele não tenha se deparado com algum infortúnio em sua jornada!

— Não, não. — Ela ficou satisfeita por encontrá-lo tão transparente. Claro que ele devia estar se perguntando qual o propósito da visita dela. Afinal, Gerold partira numa viagem fazia cinco dias, tempo suficiente para ter sofrido algum desastre nas estradas perigosas.

— Não soubemos de dificuldades, Eminência, nem tampouco as esperamos. Gerold levou consigo vinte homens, bem armados e equipados; ele não haveria de correr riscos na estrada, uma vez que está tratando dos assuntos do imperador.

— Soubemos disso. Ele foi na qualidade de *missus*... para a Vestfália, não foi?

— Foi. Para mediar uma disputa sobre *wergeld*. Há também algumas questões menores sobre propriedade a serem resolvidas. Ele ficará ausente por quinze dias ou mais.

Tempo suficiente, ela pensou, *tempo mais que suficiente*.

Conversaram brevemente sobre assuntos locais: a escassez de grãos no moinho, o conserto do teto da catedral, o sucesso do nascimento das crias na primavera. Richild teve o cuidado de observar todas as cortesias necessárias, mas nada além disso. *Sou de linhagem melhor que a dele*. Era bom lembrá-lo disso antes de chegar ao propósito da visita. Obviamente ele nada suspeitava. Tanto melhor: o elemento surpresa seria aliado dela nesse dia de trabalho.

Por fim, ela julgou que a hora havia chegado.

— Vim pedir a ajuda de Vossa Eminência numa questão doméstica.

Ele pareceu contente.

— Cara senhora, será um prazer ajudar. Qual a natureza da sua dificuldade?

— É a garota Joana. Ela não é mais uma criança; ela — a dama escolheu as palavras delicadamente — tornou-se núbil. Não é mais decoroso que permaneça sob o nosso teto.

— Entendo — falou Fulgêncio, sem entender coisa alguma. — Bem, suponho que poderíamos achar outro aloj...

— Eu arranjei um casamento vantajoso para ela — Richild interrompeu — com o filho de Bodo, o ferrador. É um bom rapaz, bem-apessoado, e também será ferrador quando o pai morrer; ele é filho único.

— Isso é uma surpresa para mim. A garota manifestou alguma inclinação pelo casamento?

— Certamente não cabe a ela decidir tal coisa. É um casamento muito melhor do que ela poderia sonhar em conseguir. A família dela é pobre como uma família de colonos, e seu comportamento estranho granjeou-lhe certa... reputação.

— Talvez — respondeu o bispo amavelmente. — Mas ela parece dedicada aos seus estudos. E, naturalmente, não poderia permanecer na escola se desposasse o filho do ferrador.

— É por isso que vim. Como foi Vossa Eminência que arranjou para trazê-la à escola, Vossa Eminência teria de concordar com a dispensa dela.

— Entendo — ele disse de novo, ainda sem entender bulhufas. — E qual o parecer do conde sobre essa união?

— Ele nada sabe a respeito. A oportunidade acabou de surgir.

— Ah, bom! — Fulgêncio pareceu aliviado. — Então aguardaremos o retorno dele. Não há realmente necessidade de apressar as coisas.

Richild persistiu:

— Talvez essa chance não possa esperar por muito tempo. O garoto está relutante, pois parece ter se interessado por uma das garotas da aldeia, mas eu naturalmente providenciei para que esta

união seja muito mais benéfica para ele. O pai dele e eu chegamos a um acordo quanto ao dote. O garoto diz agora que vai fazer a vontade do pai, mas ele é jovem e de disposição volúvel. É melhor que os esponsais ocorram imediatamente.

— Contudo...

— Devo lembrá-lo, Eminência, de que eu sou a senhora de Villarís, e a garota foi confiada aos meus cuidados. Sou absolutamente competente para tomar esta decisão na ausência do meu marido. Na verdade, sou até mais qualificada para tomá-la. Para falar com franqueza, a parcialidade de Gerold pela garota obscurece o seu discernimento no que diz respeito a ela.

— Entendo — disse Fulgêncio, e desta vez ele entendia perfeitamente.

Richild se apressou em acrescentar:

— Minha preocupação é exclusivamente monetária, entenda bem. Gerold gastou uma pequena fortuna obtendo livros para a garota, um desperdício total, visto que ela não tem qualquer futuro possível como erudita. Alguém precisa cuidar do futuro dela, e foi o que eu fiz. Vossa Eminência decerto se dá conta de que o arranjo é muito bom.

— Sim.

— Ótimo. Então Vossa Eminência concorda em dispensá-la?

— Mil perdões, cara senhora, mas minha decisão depende da volta do conde. Asseguro-lhe que discutirei o assunto seriamente com ele. E com a garota. Pois embora o arranjo seja... vantajoso, como a senhora diz, não desejo comprometer a garota contra a vontade dela. Se o arranjo for aceitável para todos, procederemos com a dispensa.

Ela começou a falar, mas ele a interrompeu:

— Sei que a senhora acha que o arranjo corre risco se não for concluído de imediato. Perdoe-me, cara senhora, mas não concordo. Uma quinzena, ou mesmo um mês, pouca diferença fará.

De novo ela tentou objetar, e de novo ele a silenciou:

— Já decidi. Não vejo motivo para prosseguir esta discussão.

As bochechas dela queimaram com o insulto. *Patife atrevido! Quem ele pensa que é para me dizer o que fazer? Minha família morava em palácios reais enquanto a dele ainda lavrava os campos!*

Imperturbável, ela olhou para ele.

— Pois bem, Eminência, se essa é a sua decisão, devo aceitá-la.

— Ela começou a calçar suas luvas como se estivesse prestes a partir. — A propósito — ela manteve o seu tom deliberadamente desinteressado —, acabei de receber uma carta do meu primo Sigimund, bispo de Troyes.

A expressão do bispo registrou uma reverente satisfação.

— Grande homem, grande homem de fato.

— Vossa Eminência sabia que ele vai liderar o sínodo prestes a se reunir em Aachen neste verão?

— Ouvi falar.

Agora que ela havia parado de pressioná-lo, ele voltara a se comportar de modo incansavelmente bonachão.

— Talvez Vossa Eminência tenha ouvido falar também qual será o principal tópico de discussão nessa assembleia?

— Gostaria imensamente de saber — ele respondeu com gentileza, obviamente sem se dar conta aonde ela queria chegar.

— Certas... irregularidades — ela montou a armadilha cuidadosamente — na gestão do episcopado.

— Irregularidades?

Ele não captou. Ela teria que ser mais direta.

— O meu primo pretende propor o assunto da adesão aos votos episcopais, especialmente — ela o olhou diretamente nos olhos — o voto de castidade.

A cor desapareceu do rosto dele.

— É mesmo?

— Aparentemente ele tenciona fazer disso um dos grandes temas do sínodo. Ele reuniu sobre os bispados francos uma boa quantidade de dados que considera muito perturbadores. Mas o meu primo não está muito familiarizado com os episcopados desta parte do Império, portanto precisa se fiar em relatórios locais. Em sua carta ele me pede especificamente que partilhe com ele qualquer informação que eu possa ter sobre o *seu* episcopado, Eminência.

Ela empregou o título com evidente escárnio e ficou satisfeita ao vê-lo se encolher.

— Eu pretendia responder-lhe agora — continuou sutilmente —, mas os pormenores dos esponsais da garota têm me mantido muito ocupada. Aliás, os planos para a festa de casamento tornariam impossível que eu lhe respondesse. Claro que, agora que o casamento vai ser adiado... — Delicadamente ela deixou a conclusão da ideia em suspenso.

O bispo ficou sentado como uma pedra, calado e evasivo. Ela estava levemente surpresa. Ele era melhor naquilo do que ela havia esperado.

Apenas uma coisa o traiu. Bem no fundo de seus olhos sonolentos e de pálpebras pesadas faiscava uma ínfima, porém inequívoca, centelha de medo.

Richild sorriu.

Joana estava sentada numa pedra, preocupada e triste. Deitado à sua frente, Luca pôs a cabeça no colo dela, olhando-a com seus olhos opalescentes.

— Você também sente saudade dele, não é, garotão? — disse ela, afagando gentilmente o pelo branco do lobo.

Ela estava sozinha agora, exceto por Luca. Gerold partira havia mais de uma semana. Joana sentia a sua falta com uma dor que a surpreendia por sua palpabilidade. Podia colocar a mão sobre o exato local no peito onde a dor era mais aguda; sentia como se lhe tivessem removido o coração, batido nele, e depois colocado de volta.

Ela sabia por que ele partira. Depois do que acontecera entre eles na beira do rio, ele precisava ir. Precisavam de tempo separados, tempo para clarear as ideias e esfriar a paixão. Ela entendia, mas seu coração se rebelava.

Por quê? perguntou-se pela milésima vez. *Por que tem que ser assim?* Richild não amava Gerold, nem ele a amava.

Discutia consigo mesma, ensaiando os argumentos a favor dessa situação e por que talvez fosse melhor assim, mas acabava sempre voltando ao único fato inalterável: ela amava Gerold.

Sacudiu a cabeça, zangada consigo mesma. Se Gerold era forte o bastante para fazer isso por ela, por que ela não seria? O que não podia ser mudado tinha de ser suportado de alguma forma. Ela fixou

na mente uma nova meta: quando Gerold voltasse, tudo seria diferente. Ela se contentaria apenas com estar perto dele, conversar e rir como sempre haviam feito... antes. Seriam como professor e aluna, padre e freira, irmão e irmã. Ela apagaria da mente a lembrança dos braços dele em volta dela, dos lábios dele nos seus...

Wido, o intendente, surgiu de repente ao lado dela.

— A senhora quer falar com você.

Joana o seguiu atravessando a paliçada até o pátio dianteiro, com Luca trotando ao lado dela. Quando chegaram ao pátio principal, Wido apontou para Luca:

— O lobo, não.

Richild não gostava de cães e proibia que eles entrassem em casa, como se fazia em outras mansões.

Joana mandou Luca deitar-se e esperar no pátio.

O guarda levou-a através do pórtico coberto até o grande salão, que formigava com criados preparando a refeição da tarde. Prosseguiram a caminho para o solar, onde Richild estava esperando.

— A senhora mandou me chamar?

— Sente-se. — Joana aproximou-se de uma cadeira próxima, mas Richild apontou imperiosamente um banco de madeira diante de uma pequena escrivaninha. Joana sentou-se.

— Escreva uma carta.

Como todas as nobres nessa região do Império, Richild também não sabia ler nem escrever. Wala, o capelão de Villarís, era habitualmente o seu escriba. Wido também sabia escrever um pouco e às vezes servia Richild nessa função.

Por que, então, ela quer que eu o faça? perguntou-se Joana.

Richild batia o pé com impaciência. Com olho experimentado, Joana observou as penas na escrivaninha e escolheu a mais afiada. Pegou numa folha de pergaminho fresco, mergulhou a pena no tinteiro e acenou com a cabeça a Richild.

— “De Richild, condessa, senhora da herdade de Villarís” — ditou Richild.

Joana escrevia rapidamente. O arranhar da pena ressoava pelo silêncio pétreo do aposento.

— “Ao cônego do vilarejo de Ingelheim, saudações.”

Joana ergueu os olhos.

— O meu pai?

— Continue — ordenou Richild num tom que indicava que não toleraria perguntas. — “Tendo a sua filha, Joana, atingido quase quinze anos, estando, portanto, em idade núbil, não será autorizada a prosseguir os seus estudos na escola.”

Joana parou de escrever.

— “Como tutora da jovem e zelosa do bem-estar dela” — continuou Richild, mantendo a encenação do ditado — “arranjei um casamento vantajoso com Iso, filho do ferrador da cidade, homem próspero. O casamento ocorrerá dentro de dois dias. Os termos do acordo são os seguintes...”

Joana ergueu-se de um salto, derrubando seu banquinho.

— Por que está fazendo isso?

— Porque eu quero. — Um sorrisinho maldoso ergueu os cantos da boca de Richild. — E porque eu posso.

Ela sabe, Joana pensou. *Ela sabe sobre Gerold e eu*. O sangue invadiu seu pescoço e seu rosto tão subitamente, que ela sentiu como se sua pele estivesse pegando fogo.

— Sim. Gerold contou-me tudo sobre aquele patético idílio à beira do rio. — Richild riu sem alegria. Estava gostando daquilo. — Você achou mesmo que os seus beijos desajeitados o agradariam? Ele e eu rimos deles naquela mesma noite.

Joana estava chocada demais para responder.

— Você está surpresa. Não deveria ficar. Pensou que era a única? Minha querida, você é apenas a última conta no longo colar de conquistas de Gerold. Você não devia tê-lo levado tão a sério.

Como ela sabe o que se passou entre nós? Gerold contou-lhe? De repente Joana sentiu frio, como se exposta a uma corrente de ar.

— A senhora não o conhece — disse com firmeza.

— Sou a esposa dele, criança insolente.

— A senhora não o ama.

— Não — ela admitiu. — Mas tampouco pretendo ser... desconfortada por uma reles filha de colonos!

Joana tentou organizar as ideias.

— A senhora não pode fazer isso sem a aprovação do bispo. Ele me trouxe para a escola; a senhora não pode me tirar dela sem a autorização dele.

Richild estendeu-lhe uma folha de pergaminho marcada com o selo de Fulgêncio.

Joana leu-a rapidamente, depois de novo, devagar, para se assegurar de que não lera errado. Não havia dúvida: o bispo suspendera os estudos dela na escola. O documento tinha também a assinatura de Odo. Joana pôde imaginar o prazer que essa penada lhe havia proporcionado.

O coração de Richild se rejubilava ao ver Joana lendo. A criaturinha petulante estava descobrindo quão insignificante era. Disse:

— Não adianta discutir. Sente-se e termine a carta para o seu pai.

Joana respondeu desafiadoramente:

— Gerold não a deixará fazer isso.

— Menina boba, a ideia foi dele.

Joana pensou rapidamente.

— Se o casamento foi ideia de Gerold, por que a senhora esperou até ele partir para arranjá-lo?

— Gerold tem coração mole... demais. Ele não teve coragem de dizer a você. Já vi acontecer antes, com as outras. Ele me pediu para resolver o problema para ele. E foi o que eu fiz.

— Não acredito em você — Joana recuou, lutando para reter as lágrimas. — Não acredito em você!

Richild suspirou.

— O assunto está encerrado. Vai terminar a carta, ou devo chamar Wala?

Joana virou-se e saiu correndo do aposento. Antes que chegasse ao grande salão, escutou o tilintar da campainha de Richild chamando o seu capelão.

Luca estava esperando onde ela o havia deixado. Joana caiu de joelhos ao lado dele. O seu corpo aconchegou-se ao dela afetuosamente, sua grande cabeça descansando no ombro dela. Sua presença calorosa e reconfortante ajudou a acalmar as emoções efervescentes de Joana.

Não posso entrar em pânico. É exatamente isso que ela quer que eu faça.

Tinha de pensar, planejar o que fazer. Mas seus pensamentos rodopiavam à toa, todos levando ao mesmo lugar.

Gerold.

Onde ele está?

Se ele estivesse aqui, Richild não poderia fazer isso. *A não ser que ela tenha dito a verdade, e que o casamento tenha sido mesmo ideia de Gerold.*

Joana banuiu da mente a hipótese da traição. Gerold a amava; não permitiria que ela fosse casada contra a sua vontade com um homem que ela nem sequer conhecia.

Ele ainda poderia voltar a tempo para impedir aquilo. Ele poderia...

Não. Ela não podia deixar o seu futuro depender de uma chance tão frágil. Embora entorpecida pelo choque e pelo medo, a mente de Joana estava clara o suficiente para entender isso.

Gerold não deve voltar nas próximas duas semanas; o casamento será daqui a dois dias.

Ela tinha que se salvar. Não podia se submeter àquele matrimônio.

Bispo Fulgêncio. Preciso falar com ele, persuadi-lo de que esse casório não deve ocorrer.

Joana tinha certeza de que Fulgêncio não havia assinado aquele documento de boa vontade. Através de dezenas de pequenas delicadezas, ele deixara claro que gostava dela e que estava contente com o seu aproveitamento na escola — especialmente porque isso era uma pedra no sapato de Odo.

Richild deve ter algum poder sobre ele para ter conseguido que ele concordasse com isso.

Se Joana pudesse falar com ele, talvez o convencesse a cancelar o casamento, ou ao menos adiá-lo até o retorno de Gerold.

Mas pode ser que ele não queira me ver. Embora forçado a aceitar o casamento, ele ficaria relutante, talvez até envergonhado, em encontrá-la agora. Se ela pedisse uma audiência, ser-lhe-ia negada, provavelmente.

Lutou contra o medo, obrigando-se a pensar logicamente. *Fulgêncio celebrará missa no domingo. Antes disso cavalgará em procissão até a catedral. Vou abordá-lo nesse momento, jogar-me-ei aos pés dele se for preciso, pouco me importa. Eu o obrigarei a parar para me ouvir.*

Olhou para Luca.

— Será que vai dar certo, Luca? Será o suficiente para me salvar?

Ele inclinou a cabeça de modo interrogativo, como se tentasse entender. Era um gesto que sempre divertia Gerold. Joana abraçou o lobo branco, enterrando a cara na pelagem espessa em volta do pescoço dele.

Os notários e outros funcionários clericais surgiram primeiro, caminhando em cortejo solene a caminho da catedral. Atrás deles, a cavalo, seguiam os oficiais da Igreja, os diáconos e subdiáconos, todos esplendidamente trajados. Odo cavalgava entre eles, vestido em trajes marrons simples, sua cara estreita ativa e desaprovadora. Quando seu olhar pousou em Joana, que estava no grupo de mendigos e peticionários que aguardavam o bispo, seus lábios finos torceram-se num sorriso malévolo.

Por fim apareceu o bispo, envergando seda branca, montando um magnífico corcel ajaezado de carmesim. Logo atrás vinham os principais dignitários do palácio episcopal: o tesoureiro, o camareiro-mor e o esmoler. A procissão parou quando pedintes andrajosos se aproximaram avidamente, suplicando por esmolas em nome de santo Estêvão, padroeiro dos indigentes. Enfastiado, o esmoler distribuiu moedas entre eles.

Joana se acercou rapidamente do local onde o bispo aguardava, seu cavalo escarvando o solo com impaciência. Ela caiu de joelhos.

— Eminência, escute a minha súplica...

— Sei do que se trata — interrompeu o bispo, sem olhar para ela.

— Já decidi sobre esse assunto. Não ouvirei esta peticionária.

Esporeou o cavalo, mas Joana levantou-se de um salto e agarrou as rédeas, fazendo-o parar.

— Este casamento será a minha ruína! — Ela falou depressa e baixinho para que ninguém ouvisse. — Se não pode fazer nada para

impedi-lo, não poderia ao menos adiá-lo por um mês?

Ele fez menção de prosseguir, mas Joana continuava segurando as rédeas. Dois dos guardas correram para arrastá-la de lá, mas o bispo os deteve com um gesto.

— Uma quinzena? — implorou Joana. — Eu suplico, Eminência, dê-me uma quinzena! — Mortificada, pois havia decidido mostrar-se forte, desatou a soluçar.

Fulgêncio era um homem fraco, com muitos defeitos, mas tinha coração. Seus olhos se suavizaram de compaixão quando ele se abaixou para acariciar o cabelo de ouro branco de Joana.

— Filha, não posso ajudá-la. Você precisa se resignar com a sua sorte, que é, afinal de contas, o destino natural para uma mulher. — Abaixou-se ainda mais e sussurrou: — Eu me informei sobre o rapaz que será seu marido. É um moço bonito; você não achará o seu fardo difícil de suportar.

Ele fez sinal para os guardas, que tiraram as mãos de Joana das rédeas e a jogaram de volta na multidão. Uma passagem se abriu para ela. Ao atravessá-la, tentando esconder suas lágrimas, escutou o riso sussurrado dos aldeões.

Atrás da multidão ela viu João. Joana correu para o irmão, mas ele a repeliu.

— Afaste-se de mim! — O cenho dele estava franzido. — Eu odeio você!

— Por quê? O que foi que eu fiz?

— Você sabe muito bem o que fez!

— João, o que foi? Qual o problema?

— Vou ter que ir embora de Dorstadt! — ele gritou. — Por sua causa!

— Não compreendo.

— Odo me disse: “Seu lugar não é aqui”. — João imitou a entonação nasalada do mestre-escola: — “Só deixamos você ficar por causa da sua irmã”.

Joana estava chocada. Estivera tão preocupada com seu próprio dilema que nem havia pensado nas consequências para João. Ele era um péssimo aluno, e eles o tinham tolerado apenas devido ao parentesco com ela.

— Eu não escolhi esse casamento, João.

— Você sempre estragou as coisas para mim, e agora está fazendo de novo!

— Você não escutou o que eu acabei de dizer ao bispo?

— Não me interessa! É tudo culpa sua! A culpa é sempre sua!

Joana ficou confusa.

— Mas você detesta livros e estudo. Que diferença faz para você se o expulsam da escola?

— Você não entende. — Ele olhou para algo detrás dela. — Você nunca entende.

Joana se virou e viu os garotos da escola agrupados. Um deles apontava e sussurrava algo para os demais, e todos davam risos abafados.

Então já sabem, pensou Joana. *Claro. Odo não pouparia os sentimentos de João*. Ela olhou o irmão com pena. Devia ser difícil, quase insuportável para ele ser separado dos seus amigos por causa dela. João sempre se juntava a eles contra ela, mas Joana entendia por quê. Seu irmão nunca quisera outra coisa além de ser aceito, de pertencer a um grupo.

— Vai dar tudo certo, João — ela tentou consolá-lo. — Agora você está livre para voltar para casa.

— Livre? — João riu amargamente. — Livre como um monge!

— Como assim?

— Tenho que ir para o monastério de Fulda! Papai mandou instruções ao bispo pouco depois que chegamos. Se eu fosse reprovado na escola, teria de juntar-me à irmandade de Fulda!

Então esse era o motivo da raiva de João. Uma vez aceito na irmandade, não poderia sair. Nunca poderia ser um soldado, nem cavalgar no exército imperial como sonhara.

— Talvez ainda haja uma solução — disse Joana. — Podemos voltar a pedir ao bispo. Se formos os dois suplicar-lhe, quem sabe ele...

Seu irmão olhou-a com ódio, sua boca procurando palavras fortes o bastante para exprimir o que ele sentia.

— Eu... eu queria que você nunca tivesse nascido! — Virou-se e saiu correndo.

Abatida, ela voltou para Villaris.

...

Joana sentou-se à beira do riacho onde ela e Gerold haviam se beijado poucas semanas antes. Uma eternidade se passara desde então. Olhou para o sol: faltava apenas uma hora ou duas para a sexta hora. Nesse horário, no dia seguinte, ela estaria casada com o filho do ferrador.

A não ser que...

Observou a linha de árvores que marcava o limite da floresta. O bosque que rodeava Dorstadt era denso e vasto; uma pessoa podia se esconder nele por dias, até semanas, sem ser descoberta. Faltavam quinze dias ou mais para que Gerold voltasse. Conseguiria ela sobreviver por tanto tempo?

A floresta era perigosa: havia javalis, auroques e... lobos. Ela se lembrou da ferocidade da mãe do Luca, debatendo-se violentamente entre as grades da jaula, os dentes afiados brilhando ao luar.

Vou levar o Luca comigo, pensou. Ele me protegerá e me ajudará a caçar para conseguir comida. O jovem lobo já era um hábil caçador de coelhos e de outras presas abundantes naquela época do ano.

João, pensou. E o João? Ela não podia simplesmente fugir sem lhe dizer para onde ia.

Ele pode vir comigo! Claro! Era a solução para o problema de ambos. Ficariam escondidos juntos na floresta e esperariam que Gerold voltasse. Gerold resolveria tudo, não só para ela, como também para o seu irmão.

Ela precisava se comunicar com João, dizer-lhe que a encontrasse na floresta naquela noite, trazendo sua lança, seu arco e sua aljava.

Era um plano desesperado. Mas ela *estava* desesperada.

Encontrou Dhuoda no dormitório. Embora tivesse apenas dez anos, era uma menina grande para a idade. Sua semelhança com a irmã Gisla era inequívoca. Cumprimentou Joana, entusiasmada.

— Acabei de ouvir que amanhã é o dia do seu casamento!

— Não se eu puder evitar — respondeu Joana, curta e grossa.

Dhuoda ficou surpreendida; Gisla estivera tão ansiosa por se casar!

— Ele é velho, então? — O rosto dela acendeu-se de horror infantil. — Ele é banguela? Tem escrófula?

— Não. — Joana não pôde evitar um sorriso. — Ele é jovem e bonito, segundo me disseram.

— Então, por que...

— Não há tempo para explicações, Dhuoda — disse Joana com pressa. — Vim lhe pedir um favor. Você pode guardar um segredo?

— Sim, claro! — Dhuoda inclinou-se para ela, curiosa.

Joana tirou da bolsa um pedaço enrolado de pergaminho.

— Esta carta é para o meu irmão, João. Entregue-a para ele na escola. Eu iria pessoalmente, mas estão esperando por mim no solar para ajustar uma nova túnica para o casamento. Você faz isso para mim?

Dhuoda olhou para o pergaminho. Como a mãe e a irmã, ela era analfabeta.

— O que diz aqui?

— Não posso lhe dizer, Dhuoda. Mas é importante, muito importante.

— Uma mensagem secreta! — O seu rosto corou de excitação.

— São só três quilômetros até a escola. Você pode ir e voltar em uma hora, se for rápido.

Dhuoda agarrou o pergaminho.

— Estarei de volta antes disso!

Dhuoda atravessou rápido o pátio principal, evitando os criados e artesãos que sempre enchiam o local àquela hora do dia. Seus sentidos estavam estimulados pela ideia de uma aventura. Sentia a fria maciez do pergaminho na sua mão e desejou conhecer-lhe o conteúdo. A habilidade de Joana de ler e escrever enchia-a de admiração.

Esta misteriosa incumbência era uma bem-vinda quebra na monotonia do seu cotidiano em Villaris. Além disso, estava contente em poder ajudar Joana. Joana era sempre simpática com ela e explicava-lhe pacientemente todo tipo de coisas interessantes, ao contrário da sua mãe, tão impaciente e zangada o tempo todo.

Estava quase na paliçada, quando escutou um grito:

— Dhuoda!

Era a voz de sua mãe. Dhuoda seguiu em frente, como se não tivesse ouvido, mas ao cruzar o portão, o porteiro a agarrou, obrigando-a a esperar.

Ela se virou e olhou para a mãe.

— Dhuoda! Aonde você vai?

— A lugar nenhum. — Dhuoda escondeu o pergaminho atrás das costas. Richild captou o gesto abrupto e desconfiou.

— O que é isso?

— N-nada — gaguejou Dhuoda.

— Dê-me isso. — Richild estendeu a mão autoritariamente.

Dhuoda hesitou. Se obedecesse à mãe, trairia o segredo que Joana lhe confiara. Se desobedecesse...

Os olhos escuros de sua mãe exprimiam uma cólera crescente.

Ao ver aqueles olhos, Dhuoda compreendeu que não tinha escolha.

• • •

Naquela última noite antes do casamento de Joana, Richild insistiu que ela dormisse no quartinho de aquecimento adjacente ao seu próprio dormitório, privilégio normalmente reservado apenas para crianças doentes ou camareiras favoritas. Era uma honra especial concedida à noiva, dissera Richild, mas Joana sabia que ela simplesmente queria vigiá-la de perto. Não importava. Assim que Richild adormecesse, Joana poderia escapulir desse quartinho tão facilmente quanto do dormitório.

Ermentrude, uma das criadas, entrou no quartinho levando uma taça de madeira cheia de vinho tinto com especiarias.

— Da parte da senhora Richild — falou simplesmente — para honrá-la esta noite.

— Não quero — Joana recusou com um gesto. Não aceitaria favores da inimiga.

— Mas a senhora Richild me mandou ficar até que a sinhazinha bebesse, e depois levar a taça embora. — Ermentrude estava

ansiosa por fazer a coisa certa, pois tinha apenas doze anos e era nova no serviço.

— Então beba você — disse Joana com irritação. — Ou derrame-o no chão. Richild nunca saberá.

Ermentrude animou-se. A ideia não lhe ocorrera.

— Sim, sinhazinha. Obrigada, sinhazinha. — Virou-se para ir embora.

— Um momento — Joana a chamou de volta, reconsiderando. O vinho quase transbordava da taça, forte e espesso, brilhando sob a luz mortíça. Se ela pretendia sobreviver por quinze dias na floresta, precisaria de todo o sustento que conseguisse. Não podia dar-se ao luxo de tolos gestos de orgulho. Pegou a taça e bebeu o vinho morno de um trago. Ele deixou um bigode sobre seu lábio superior e um estranho gosto amargo na boca. Ela limpou a boca com a manga e devolveu a taça a Ermentrude, que saiu apressadamente.

Joana apagou a vela e deitou-se no escuro, à espera. O colchão de penas envolveu-a com uma maciez que lhe era estranha; estava acostumada à palha simples da sua cama, no andar de cima. Ela queria que Richild a tivesse deixado dormir na sua própria cama, ao lado de Dhuoda. Não tinha visto Dhuoda desde que lhe entregara a mensagem. Ficara a tarde inteira enclausurada nos aposentos de Richild, rodeada de criadas ajeitando seu vestido de noiva e juntando as roupas e itens pessoais que iriam com ela como dote.

Teria Dhuoda entregado a mensagem a João? Não havia como ter certeza. Esperaria por João na clareira da floresta; se ele não viesse, ela e Luca partiriam sozinhos.

Ouviu a respiração profunda e lenta de Richild no quarto ao lado. Esperou mais um quarto de hora para se assegurar de que ela estava adormecida. Depois se esgueirou silenciosamente para fora dos cobertores.

Entrou no quarto de Richild; ela estava deitada imóvel, respirando regular e profundamente. Joana deslizou rente à parede e saiu.

Mal saíra, os olhos de Richild abriram-se.

Joana se locomovia sem ruído algum pelos saguões até finalmente alcançar o pátio externo. Respirou fundo, sentindo-se um

pouco tonta.

A quietude era absoluta. Havia um único guarda sentado com as costas apoiadas contra a parede, perto do portão, a cabeça caída sobre o peito, roncando. A encompridada sombra de Joana derramou-se, grotescamente grande, pela terra enlutarada. Mexeu a mão e um gesto gigantesco a imitou.

Joana assobiou baixinho para Luca. O guarda se mexeu, mas não acordou. Luca não veio. Mantendo-se na sombra, dirigiu-se para o canto onde Luca costumava dormir; não se arriscaria a acordar o guarda fazendo outro ruído.

De repente, o chão pareceu se mexer debaixo dela. Sentiu uma náusea e agarrou-se, estonteada, a um poste para se firmar. *Benedicite. Não posso ficar doente agora.*

Lutando contra a vertigem, atravessou o pátio. No canto oposto viu Luca. O jovem lobo estava deitado de lado, com a língua de fora e os olhos opalescentes encarando cegamente a noite. Ela se curvou para tocá-lo e sentiu a frieza do corpo dele debaixo do pêlo branco macio. Ofegante, ela se afastou. Seus olhos atordoados caíram num pedaço de carne meio comida, no chão; uma mosca pousou sobre a umidade sangrenta ao redor da carne. Ela ficou ali, bebendo; em seguida levantou voo, circulando várias vezes de modo errático, antes de cair abruptamente no chão. Não voltou a se mexer.

Havia um zunido baixo nos ouvidos de Joana. O ar parecia ondular à sua volta. Ela se afastou e se voltou para correr, mas de novo o chão se movimentou até de repente se erguer para ir-lhe ao encontro.

Não sentiu os braços que a levantaram brutalmente do local onde havia caído e a carregaram de volta para dentro.

O ranger das rodas mantinha um ritmo melancólico com o bater dos cascos dos cavalos à medida que a carroça seguia aos solavancos rumo à catedral, transportando Joana para a sua missa de casamento.

Fora acordada à força naquela manhã, tonta demais para perceber o que havia acontecido. Ficou em pé, entorpecida,

enquanto as servas a trajavam com seu vestido de noiva e lhe ajeitavam o cabelo.

Mas os efeitos da droga estavam passando, e Joana começou a lembrar. *Foi o vinho*, pensou. *Richild pôs algo no vinho*. Joana pensou em Luca, jazendo frio e sozinho na noite. Sentiu um nó na garganta. Ele morrera sem consolo nem companhia; Joana esperou que não tivesse sofrido muito. Envenená-lo devia ter dado grande prazer a Richild, que sempre o odiara, por causa do laço que ele representava entre Gerold e Joana.

Richild seguia na carroça logo à frente. Estava magnificamente vestida com uma túnica de seda azul brilhante, seu cabelo negro elegantemente arranjado em volta da cabeça e preso com uma tiara de prata cravejada com esmeraldas. Era linda.

Por que, pensou Joana alquebrada, *ela não me matou também?*

Sentada na carroça que a levava cada vez mais perto da catedral, doente de corpo e alma, com Gerold distante e nenhum meio de fugir, Joana desejou que ela o tivesse feito.

As rodas batiam com estrépito nas pedras arredondadas irregulares do pátio dianteiro da catedral, onde os cavalos pararam. De imediato dois criados de Richild apareceram e, com exagerada cortesia, ajudaram Joana a descer da carroça.

Uma enorme multidão estava reunida fora da catedral. Era a Festa dos Primeiros Mártires, um solene feriado religioso, bem como a missa do casamento de Joana, de modo que toda a cidade estava presente para a ocasião.

À frente da multidão, Joana reparou num garoto alto, corado, de ossos longos, desajeitadamente em pé do lado dos pais. O filho do ferrador. A expressão dele era mal-humorada e desalentada. *Não me quer para esposa mais do que eu o quero para marido. Por que haveria de querer?*

Empurrado pelo pai, ele se dirigiu a Joana e lhe estendeu a mão. Ela a tomou, e ficaram lado a lado enquanto Wido, o intendente de Richild, lia a lista de itens que compunham o dote de Joana.

Joana olhou na direção da floresta. Agora era impossível para ela correr e se esconder lá. A multidão os cercava, e os homens de Richild estavam bem do lado dela, vigiando-a.

No meio da multidão Joana viu Odo. Ao redor dele estavam os garotos da escola, cochichando entre si como de costume. João não estava com eles. Ela procurou na turba e o localizou do outro lado, ignorado pelos seus companheiros. Estavam ambos sozinhos agora e só tinham um ao outro. Os olhos dela procuraram os dele, buscando e oferecendo consolo. Surpreendentemente, ele não desviou o olhar, mas retribuiu-o, sua expressão demonstrando abertamente sua dor.

Tinham sido estranhos um ao outro por muito tempo, mas naquele momento voltaram a ser irmão e irmã, unidos em compreensão mútua. Joana manteve os olhos fixos nele, relutante em quebrar o frágil elo.

O intendente acabou a leitura. A multidão aguardava com expectativa. O filho do ferrador conduziu Joana para a catedral. Richild e a sua comitiva foram atrás deles, seguidos pelos moradores da cidade.

Fulgêncio estava à espera diante do altar. Quando Joana e o rapaz se aproximaram, ele gesticulou para que se sentassem. Primeiro seria celebrado o dia santo, depois a missa de casamento.

— *Omnipotens sempiterne Deus qui me peccatoris.* — Como de costume, Fulgêncio se atrapalhava com o latim, mas Joana nem reparou. Ele fez sinal a um acólito para que se preparasse para o ofertório, e começou a oração de oblação. — *Suscipe sanctum Trinitas...*

Do lado de Joana, o filho do ferrador curvou a cabeça reverentemente. Ela tentou rezar também, baixando o rosto e pronunciando as palavras, mas não havia substância para a forma: dentro dela existia apenas vazio.

A mistura da água com o vinho teve início.

— *Deus qui humanae substantiae...*

As portas da catedral se abriram com um retumbante estrondo. Fulgêncio deixou de lado sua luta com o latim e olhou, incrédulo, para a entrada. Joana virou a cabeça, tentando descobrir a origem daquela interrupção sem precedentes, mas as pessoas atrás dela bloqueavam sua visão.

Então ela viu. Uma criatura enorme, com aparência de homem, porém mais alta que qualquer homem, estava contra a ofuscante luz

da entrada, sua sombra derramando-se pelo interior pouco iluminado. Seu rosto era curiosamente desprovido de expressão e tinha um brilho metálico, os olhos tão fundos nas órbitas negras, que Joana não conseguia discerni-los. Chifres dourados projetavam-se do alto de sua cabeça.

Em algum lugar da assistência reunida, uma mulher gritou.

Voden, pensou Joana. Há muito ela deixara de acreditar nos deuses de sua mãe, e, no entanto, ali estava *Voden*, exatamente como sua mãe o havia descrito, percorrendo a nave em largas passadas na direção dela.

Será que ele veio me salvar? ela pensou, num delírio.

À medida que ele se aproximava, ela viu que o rosto e chifres metálicos eram uma máscara, que fazia parte de um elaborado capacete de batalha. A criatura era um homem, não um deus. Da parte de trás da cabeça, onde terminava o capacete, comprido cabelo dourado encaracolava-se até os ombros.

— Nórdicos! — alguém berrou.

O intruso continuou sem interrupção. Chegando ao altar, ergueu uma pesada espada de dois gumes e desfechou-a com selvageria sobre a tonsura calva de um dos clérigos assistentes. O homem caiu, sangue jorrando da fenda profunda onde antes estivera a sua cabeça.

Tudo se transformou em caos. Ao redor de Joana todos gritavam e empurravam-se para fugir. Joana foi arrastada pela multidão, comprimida de tal forma entre corpos que se debatiam, que os seus pés perderam contato com o chão. A onda de aldeões aterrorizados rolou na direção da porta, e então subitamente se deteve.

A saída estava bloqueada por outro intruso, vestido para batalha como o primeiro, exceto pelo fato de que empunhava um machado ao invés de uma espada.

A multidão oscilou, incerta. Joana ouviu gritaria do lado de fora, e então mais nórdicos — pelo menos uns doze — irromperam portas adentro. Entraram correndo, berrando como animais e brandindo enormes machados de ferro sobre as cabeças.

Os aldeões lutavam e passavam uns por cima dos outros para escapular das lâminas assassinas. Joana foi violentamente empurrada por trás e caiu no chão. Sentiu pés sobre seus lados e

costas, e levantou os braços para proteger a cabeça. Alguém pisou com força a sua mão, fazendo-a gritar em meio à dor: “Mamãe! Socorro! Mamãe!”

Lutando para não ser pisoteada, rastejou para o lado até alcançar um espaço aberto. Olhou na direção do altar e viu Fulgêncio rodeado por nórdicos. Ele estava lutando com eles, empunhando a grande cruz que ficava pendurada atrás do altar, brandindo-a ferozmente ao seu redor, enquanto seus atacantes avançavam e recuavam, tentando atingi-lo com suas espadas, mas incapazes de invadir-lhe o círculo de defesa. Joana viu quando Fulgêncio assestou num dos nórdicos um golpe que o mandou voando metade da nave.

Ela rastejou em meio ao barulho e à fumaça — havia um incêndio? — procurando por João. Tudo à sua volta eram berros, gritos de guerra e uivos de dor e de pânico. O piso estava coberto de cadeiras viradas, corpos estatelados, e todo molhado de sangue escorregadio.

— João! — chamou ela. A fumaça era mais densa ali; seus olhos ardiam e ela não podia enxergar bem. — João! — Ela mal podia ouvir sua própria voz, abafada pelo alarido.

Uma corrente de ar na nuca advertiu-a, e ela reagiu instintivamente, jogando-se para o lado. A lâmina do nórdico, que havia sido apontada para o seu pescoço, abriu-lhe em vez disso um talho na bochecha. O golpe atirou-a ao chão, onde ela se contorceu em agonia, agarrando a face ferida.

O escandinavo estava acima dela, com um brilho assassino nos olhos azuis através da espantosa máscara. Ela rastejou para trás, tentando escapar, mas não conseguia se mexer rápido o bastante.

O nórdico ergueu a espada para desferir o golpe mortal. Joana protegeu a cabeça com os braços, virando a cara para o lado.

O golpe não veio. Ela abriu os olhos para ver a espada cair das mãos do seu agressor. Sangue escorria-lhe pelos cantos da boca enquanto ele caía lentamente por terra. Atrás dele estava João, empunhando a lâmina avermelhada da faca de cabo de osso do seu pai. Os olhos dele faiscavam com uma euforia estranha.

— Eu trespassei o coração dele! Você viu? Ele ia matar você!

O horror da situação inundou-a.

— Eles vão matar todos nós! — Ela se agarrou ao irmão. — Temos que fugir, temos que nos esconder!

Ele se desvencilhou dela.

— Eu peguei outro! Ele veio em cima de mim com um machado, mas eu lhe cortei a garganta!

Joana procurava freneticamente por um esconderijo. Poucos metros adiante estava o retábulo, lavrado em madeira e coberto de painéis dourados representando a vida de São Germano. E era oco. Talvez tivesse espaço suficiente...

— Depressa — gritou ela a João. — Siga-me! — Ela agarrou a manga da túnica dele, puxando-o para o lado dela no chão. Fazendo-lhe um gesto para que a seguisse, rastejou para o lado do retábulo. Sim! Havia um interstício grande o suficiente para que se espremessem através dele.

Era escuro do lado de dentro. Apenas um fio de luz filtrava-se por uma fenda na junção imperfeita dos painéis.

Ela se agachou num canto afastado, encolhendo as pernas para dar lugar a João. Ele não apareceu. Ela rastejou de volta para a abertura e espiou lá fora.

Ela o viu a alguns metros, debruçado sobre o corpo do nórdico que havia matado. Estava puxando as roupas do homem, procurando algo.

— João! — gritou ela. — Aqui! Depressa!

Ele fixou nela um olhar desvairado, cintilante, suas mãos ainda ocupadas com o corpo do nórdico. Ela não ousou gritar de novo, com medo de revelar o precioso esconderijo. Após um instante ele soltou um grito de triunfo e se levantou, com a espada do nórdico na mão. Ela gesticulou para que ele se juntasse a ela. Ele ergueu a espada num arremedo de saudação e saiu correndo.

Devo ir com ele? Ela se aproximou da abertura.

Alguém — uma criança? — gritou perto dela. Um grito horrendo, que ecoou no ar e cessou abruptamente. O medo apoderou-se dela, fazendo-a recuar. Trêmula, pôs o olho na fenda entre os painéis e espiou, em busca de João.

Havia uma luta ocorrendo bem diante do seu orifício de observação. Ela ouviu o entrecocar de metal, captou um vislumbre de tecido amarelo e o reluzir de uma espada erguida. Um corpo caiu

pesadamente. A luta deslocou-se para o lado e de repente ela estava olhando diretamente através da nave, na direção da entrada da catedral. As pesadas portas continuavam entreabertas, forçadas pela mixórdia grotesca de corpos.

Os nórdicos estavam amontoando suas vítimas longe da entrada, do lado direito da catedral.

O caminho ficou desimpedido.

Agora, disse para si mesma. *Corra para a porta*. Mas não conseguiu se mexer; seus membros pareciam travados.

Um homem surgiu na beira do seu estreito campo de visão. Parecia tão louco e desgrenhado que por um instante ela não percebeu que era Odo. Ele cambaleava na direção da entrada, arrastando a perna esquerda. Nos braços levava agarrada a enorme Bíblia do altar-mor.

Estava quase chegando às portas quando dois nórdicos o interceptaram. Ele enfrentou os seus atacantes erguendo a Bíblia para eles como se ela o protegesse de espíritos malignos. Um pesado espadão cortou o livro e atingiu-o direto no peito. Ele ficou em pé por um instante, atônito, agarrando as duas metades do livro nas mãos, depois caiu para trás e não voltou a se mexer.

Joana encolheu-se de volta à escuridão. Os gritos dos moribundos estavam ao redor dela. Encolhida, enterrou a cabeça nos braços. Sua pulsação acelerada latejava-lhe nos ouvidos.

A gritaria havia cessado.

Ela escutou os nórdicos chamarem-se uns aos outros na sua língua gutural. Houve um forte barulho de madeira partida. Inicialmente ela não entendeu o que estava acontecendo; depois percebeu que eles estavam despojando a catedral de seus tesouros. Os homens riam e gritavam. Estavam eufóricos.

Não demoraram muito para completar sua pilhagem. Joana ouviu-os gemer sob o peso do seu butim, suas vozes ficando cada vez mais distantes.

Hirta como um poste, ela se sentou no escuro e aguçou os ouvidos. Estava tudo quieto. Aproximou-se da abertura do retábulo até alcançar a beira da estreita fissura de luz.

A catedral estava em ruínas. Bancos tinham sido revirados, tapeçarias arrancadas das paredes, imagens feitas em pedaços. Não havia sinal algum dos nórdicos.

Corpos esparramavam-se por toda parte, amontoados sem cuidado algum. Poucos metros adiante, na base da escadaria que levava ao altar, Fulgêncio estava escarrapachado sobre a grande cruz de madeira dourada, partida e molhada de sangue. Ao lado dele jaziam os corpos de dois nórdicos, os crânios rachados dentro de seus capacetes.

Cautelosamente, Joana arrastou-se para frente até que sua cabeça e ombros estivessem fora do retábulo.

No canto oposto do aposento, algo se mexeu. Joana recuou para fora da luz.

Um pedaço de roupa se torceu, separando-se da pilha de corpos. Alguém estava vivo!

Uma jovem se levantou, de costas para Joana. Ficou em pé, tremendo, e então começou a cambalear na direção da porta.

O vestido dourado dela estava rasgado e ensanguentado, e o seu cabelo, que se havia desprendido da sua touca, caía-lha sobre os ombros em caracóis arruivados.

Gisla!

Joana chamou-a e ela se virou, cambaleando na direção do retábulo.

Houve uma súbita explosão de gargalhadas fora da catedral.

Gisla ouviu e virou-se para correr, mas era tarde demais. Um grupo de nórdicos entrou pela porta. Caíram sobre Gisla com um grito de alegria, erguendo-a acima das suas cabeças.

Carregaram-na para um espaço aberto do lado do altar e fizeram-na abrir os braços e as pernas, prendendo-lhe os pulsos e os tornozelos. Ela se contorceu violentamente para se soltar. O mais alto dos homens ergueu a túnica dela até o rosto e se deixou cair ao longo dela. Gisla gritou. O homem agarrou-lhe os seios. Os outros riam e o encorajavam aos gritos enquanto ele a estuprava.

Joana tapou a boca com a mão para abafar seu grito.

O nórdico se levantou e outro lhe tomou o lugar. Gisla jazia frouxa e imóvel. Um dos homens pegou-a pelos cabelos e torceu-o, para fazê-la reagir.

Um terceiro homem a violou, depois um quarto; depois a deixaram em paz enquanto recolhiam vários sacos empilhados perto da porta. Houve um tilintar de metal quando os içaram; os sacos deviam estar repletos com bem mais do que o tesouro saqueado da catedral.

Por causa desses é que eles haviam voltado.

Antes de partirem, um dos homens foi até Gisle, levantou-a, ainda imóvel e sem resistir, e jogou-a sobre o seu ombro como um saco de cereais.

Saíram por onde haviam entrado.

No fundo do retábulo, Joana escutava apenas a lúgubre quietude que ecoava pela catedral.

A luz que entrava pela fenda do retábulo projetava longas sombras. Fazia horas que não havia som algum. Joana se mexeu e se arrastou cautelosamente através da abertura estreita.

O altar-mor ainda estava em pé, embora despojado de todos os seus adornos de ouro. Joana debruçou-se sobre ele, olhando a cena ao redor. Sua túnica de noiva estava manchada de sangue — seu próprio? Não sabia dizer. Sua face lacerada latejava-lhe de dor. Insensivelmente, começou a procurar em meio aos cadáveres embaralhados.

Numa pilha de corpos perto da porta estavam o ferrador e seu filho, os braços estatelados como se tivessem tentado proteger um ao outro. Morto, o garoto parecia encolhido e velho. Poucas horas antes estivera do lado dela na catedral, alto, corado e pleno de vigor juvenil. *Não haverá casamento agora*, Joana pensou. Na véspera esse pensamento a teria enchido de alívio e alegria; agora só sentia torpor e sensação de vazio. Deixou-o jazendo ao lado do seu pai e continuou sua busca.

Encontrou João num canto, a mão ainda agarrando a espada nórdica. A parte de trás da cabeça havia sido esmagada com um pesado golpe, mas a violência da sua morte não deixara traços no seu rosto. Os seus olhos azuis estavam límpidos e abertos, a boca levemente repuxada no que parecia ser um sorriso.

Tivera a morte de um soldado.

Ela correu, aos tropeções, na direção da porta e empurrou-a. A porta afastou-se dela toda torta, tendo suas dobradiças sido partidas por machados nórdicos. Joana correu para fora e ficou ofegando, aspirando o ar doce e fresco em grandes golfadas, livrando-se do fedor de morte.

A paisagem estava desolada. A fumaça espiralava preguiçosamente acima de pilhas de entulho que, naquela manhã mesmo, tinham sido um vívido amontoado de casas ao redor da catedral.

Dorstadt estava em ruínas.

Nada se movia. Não sobrara ninguém. Todos os moradores da cidade tinham estado reunidos na catedral para a missa.

Ela olhou para o leste. Por cima das árvores que lhe obscureciam a visão, uma fumaça negra formava um cogumelo na direção do céu, escurecendo-o.

Villaris.

Eles a haviam queimado.

Ela se sentou no chão e meteu a face nas mãos para embalar sua ferida.

Gerold.

Ela precisava dele para abraçá-la, confortá-la, tornar o mundo reconhecível de novo. Varrendo o horizonte com olhos apertados, teve uma esperança vaga de que ele apareceria, cavalgando Pistis na direção dela, seu cabelo vermelho esvoaçando atrás dele como uma bandeira.

Preciso esperar por ele. Se ele voltar e não me encontrar, pensará que fui raptada pelos nórdicos, como a pobre Gisla.

Mas não posso ficar aqui. Observou temerosamente a paisagem arruinada. Não havia sinal dos nórdicos. Teriam partido? Ou voltariam em busca de mais saques?

E se me encontrarem? Ela vira que compaixão uma mulher indefesa poderia esperar deles.

Onde poderia se esconder? Dirigiu-se às árvores que marcavam o início da floresta que circundava a cidade, devagar no começo, depois correndo. Sua respiração tornou-se soluçante; a cada passo, esperava que mãos a agarrassem por trás, virando-a para que

encarasse as hediondas máscaras metálicas escandinavas. Alcançando a segurança das árvores, atirou-se ao chão.

Passado um bom tempo, forçou a si mesma a se levantar. Estava anoitecendo. A floresta ao seu redor estava escura e ameaçadora. Ouviu um farfalhar de folhas e se encolheu de medo.

Os nórdicos podiam estar por perto, acampados na floresta.

Ela precisava fugir de Dorstadt e dar um jeito de fazer com que Gerold soubesse para onde ela fora.

Mamãe. Tinha saudade da mãe, mas não podia ir para casa. Seu pai não a havia perdoado. Se ela voltasse agora, levando notícias da morte do seu único filho homem restante, ele se vingaria nela, com certeza.

Se ao menos eu não fosse uma garota. Se ao menos...

Pelo resto da vida ela se lembraria desse momento e se perguntaria que poder benigno ou maligno havia inspirado os seus pensamentos. Mas agora não havia tempo para refletir. Era a sua chance. Talvez não viesse a ter outra.

O sol vermelho resplandecia no horizonte. Ela tinha que agir depressa.

Encontrou João deitado como ela o deixara, estatelado no interior penumbroso da catedral. O corpo dele estava mole e não ofereceu resistência quando ela o virou de lado. O *rigor mortis* ainda não sobreviera.

— Perdoe-me — sussurrou ao desafivelar o manto de João.

Ao terminar, ela o cobriu com seu próprio manto. Gentilmente fechoulhe os olhos e o posicionou da forma mais decente que pôde. Levantou-se, esticando os braços, adaptando-se às novas roupas. Não eram tão diferentes das suas, exceto pelas mangas apertadas nos pulsos. Apalpou a faca de cabo de osso que havia tirado do cinto do João.

A faca do meu pai. Estava velha, o cabo de osso escurecido e lascado, mas a lâmina continuava afiada.

Foi até o altar, sobre o qual, tirando o gorro, colocou o seu cabelo, que se espalhou pela superfície de pedra lisa, quase branco à luz esmorecida.

Ergueu a faca.

Lenta e deliberadamente, começou a cortar.

No crepúsculo, o vulto de um rapaz emergiu da porta da catedral destruída, perscrutando a paisagem com olhos cinza-esverdeados. A lua despontava num céu animado por estrelas.

Além das ruínas dos edifícios, a estrada leste tremeluzia, prateada, na escuridão que se acumulava.

O vulto esgueirou-se furtivamente da sombra da catedral. Ninguém havia sobrevivido para ver Joana seguindo apressadamente pela estrada, na direção do grande monastério de Fulda.



A sala estava apinhada e ruidosa, repleta de pessoas que tinham viajado quilômetros, vindas de todas as partes da pequena aldeia da Vestfália para assistir aos procedimentos do *mallus*. Acotovelavam-se, arrastando com os pés a palha seca que havia sido espalhada sobre o chão de terra batida para cobrir os restos de cerveja, escarros e excrementos de animais que se encontravam por baixo. O fedor impregnava o ar quente e abafado, mas ninguém reparava muito nele, pois tais catingas eram comuns nos lares francos. Além disso, a atenção da turba estava concentrada no conde frísio de cabelo ruivo que viera como *missus* para arbitrar julgamentos e ministrar justiça em nome do imperador.

Gerold virou-se para Frambert, um dos sete escabinos designados para assisti-lo no seu trabalho.

— Quantos mais hoje?

O *mallus* tinha-se reunido ao amanhecer; já era o meio da tarde, e eles haviam estado lá por mais de oito horas. Atrás da mesa elevada à qual Gerold estava sentado, seus guardas apoiavam-se cansadamente sobre as espadas. Ele trouxera vinte dos seus melhores homens, por precaução. Desde a morte do imperador Karolo, o Império vinha afundando na desordem; a posição dos *missi* imperiais havia se tornado cada vez mais precária. Às vezes eles eram desafiados descaradamente pelos ricos e poderosos senhores locais, homens que não estavam acostumados a ter sua autoridade questionada. A lei nada era se não pudesse ser imposta; por isso Gerold trouxera tantos homens, embora para isso tivesse de deixar Villaris com apenas uns poucos defensores. Mas as fortes paliçadas da propriedade eram garantia suficiente contra as depredações de ladrões e bandidos solitários que tinham sido a única ameaça à paz e segurança da região durante décadas.

Frambert conferiu a lista de queixosos, escrita numa tira de pergaminho com vinte centímetros de largura, cada segmento dela costurado no outro, formando um rolo com quase quatro metros e meio de comprimento.

— Hoje tem mais três, senhor — falou Frambert.

Gerold suspirou debilmente. Estava cansado e esfomeado; a sua paciência para lidar com a torrente interminável de acusações, contra-acusações e queixas insignificantes estava se esgotando. Quisera estar de volta a Villarís, com Joana.

Joana. Como sentia falta dela, de sua voz rouca, do seu riso profundo, dos seus fascinantes olhos cinza-esverdeados, que o contemplavam com tanta sabedoria e amor. Mas ele não devia pensar nela. Por isso ele havia concordado em servir como *missus*: para colocar distância entre eles, para ter tempo de recuperar o controle sobre a ingovernável intensidade de emoções que se haviam avolumado dentro dele.

— Chame o próximo caso, Frambert — ordenou Gerold, pondo fim às suas divagações.

Frambert ergueu o rolo de pergaminho e leu em voz alta, esforçando-se para se fazer ouvir pela multidão barulhenta:

— Abo queixa-se de que seu vizinho Hunald se apoderou do seu gado de forma ilegal e sem justa remuneração.

Gerold assentiu de cabeça. Era uma situação das mais comuns. Naquela época de analfabetismo, raros eram os proprietários que mantinham registros escritos do que possuíam; a ausência de tais registros deixava seus campos abertos a todo tipo de roubo e fraude.

Hunald, um homem grande e de rosto corado, trajado com ostentação em linho vermelho, avançou para negar a acusação.

— Os animais são meus. Tragam-me o relicário. — Apontou para a caixa de relíquias sacras sobre a mesa alta. — Perante Deus — fez uma pausa dramática, erguendo os braços para o céu — juro a minha inocência sobre estes ossos sagrados.

— As vacas são minhas, senhor, não de Hunald, como ele bem sabe — respondeu Abo, um homenzinho cujo comportamento discreto e traje simples eram um vivo contraste com Hunald. — Hunald pode jurar quanto quiser; isso não muda a verdade.

— Quer dizer, Abo, você põe em dúvida o julgamento de Deus?
— admoestou Hunald. O tom de sua voz era de pia indignação, mas Gerold detectou o subtom de triunfo. — Veja bem, senhor conde, isto é blasfêmia!

— Você tem alguma prova de que os animais são seus? — Gerold perguntou a Abo.

A pergunta era totalmente irregular; não havia leis de testemunhas ou de evidências na Francônia. Hunald olhou feio para Gerold. O que pretendia aquele estranho conde frísio?

— Prova? — A ideia era nova; Abo precisou de um instante para pensar. — Bom, a minha esposa Berta sabe o nome de cada uma delas, e meus filhos também, pois as conhecem desde bebês. Eles podem dizer quais ficam irritadas quando ordenhadas, e quais preferem forragem a erva. — Outra ideia lhe ocorreu. — Leve-me a elas e deixe-me chamá-las; elas virão a mim prontamente, pois conhecem a minha voz e o toque de minha mão. — Uma centelha de esperança acendeu-se nos olhos de Abo.

— Que absurdo! — explodiu Hunald. — Desde quando um tribunal prefere ações irrefletidas de animais tolos a sagradas leis do céu? Eu exijo julgamento justo por compurgação. Tragam-me o relicário e deixem-me jurar!

Gerold coçou a barba, refletindo. Hunald era o acusado; estava no direito de requerer o juramento. Deus não permitiria que ele jurasse falso com a mão sobre as santas relíquias; ao menos assim dizia a lei.

O imperador dava muita importância a tais julgamentos, mas Gerold tinha suas dúvidas. Havia homens que valorizavam mais as sólidas vantagens desta vida aos vagos e abstratos terrores da outra, e que portanto não hesitariam em mentir. Ele mesmo juraria em falso sobre uma carrada de relíquias para proteger a segurança de alguém que amasse.

Joana. De novo a imagem dela aflorou irresistivelmente à sua mente, e ele a afastou. Haveria tempo suficiente para tais pensamentos quando o dia de trabalho estivesse terminado.

— Senhor — Frambert sussurrou-lhe ao ouvido —, eu dou testemunho a favor de Hunald. Ele é um bom homem, generoso, e esta queixa contra ele é falsa.

Abaixo do nível da mesa, fora das vistas da assistência, Frambert empunhava um magnífico anel, uma ametista engastada em prata, gravada com a figura de uma águia. Ele o girou no dedo para que Gerold pudesse ver como reluzia.

— Sim, um homem muito *generoso*. — Frambert estendeu o anel a Gerold. — Hunald mandou dizer que este anel é seu. Um gesto de apreço pelo seu apoio. — Um leve sorriso brincava em seus lábios.

Gerold pegou o anel. Era uma peça magnífica, a melhor que ele já tinha visto. Manuseou-a, admirando-lhe o peso e o acabamento perfeito do seu artesão.

— Obrigado, Frambert — disse ele resolutamente. — Isto facilita a minha decisão.

O sorriso de Frambert alargou-se, tornando-se conspiratório. Gerold voltou-se para Hunald:

— Você deseja se submeter ao julgamento de Deus?

— Sim, senhor. — Hunald enfunou-se de confiança, tendo visto o rápido intercâmbio entre Gerold e Frambert. O servo com o relicário deu um passo à frente, mas Gerold sinalizou para que se afastasse.

— Recorreremos ao julgamento de Deus através do *judicium aquae ferventis*.

Hunald e Abo ficaram sem expressão; como todos os demais presentes, eles não sabiam latim.

— *Kesselfang* — traduziu Gerold.

— *Kesselfang!* — Hunald empalideceu; não tinha pensado nisso. O ordálio por água fervente era uma forma bem conhecida de julgamento, mas não era usada nessa parte do Império havia anos.

— Tragam o caldeirão — ordenou Gerold.

Houve um momento de atônito silêncio. Depois, a sala irrompeu num caos de conversação e atividade. Vários dos escabinos correram para fora em busca, nas casas vizinhas, de um caldeirão com água já fervendo. Voltaram minutos depois, carregando um caldeirão preto de ferro, profundo como o braço de um homem, cheio de água quente fumegante. Foi colocado sobre a lareira no centro da sala, e a água logo começou a borbulhar.

Gerold assentiu, satisfeito. Com o talento de Hunald para o suborno, poderiam ter trazido um caldeirão menor.

Hunald fez cara feia.

— Senhor conde, eu protesto! — O medo tinha-o tornado indiferente às aparências. — E o anel?

— Foi exatamente o que pensei, Hunald. — Gerold segurou o anel de forma que todos o vissem, e jogou-o dentro do caldeirão. — Por sugestão do acusado, este anel será o instrumento do julgamento de Deus.

Hunald engoliu em seco. O anel era pequeno e escorregadio; seria terrivelmente difícil de retirar. Mas ele não podia recusar-se ao ordálio sem admitir sua culpa e devolver as vacas de Abo, as quais valiam bem mais de setenta soldos. Amaldiçoou o conde estrangeiro, tão inexplicavelmente imune à mutuamente benéfica troca de favores que havia caracterizado suas relações com outros *missi*. Respirou fundo e mergulhou o braço no caldeirão.

Sua face crispou-se de dor enquanto a água fervente escaldava a sua pele. Freneticamente, ele tateou o fundo do caldeirão, procurando o anel. Um uivo de frustração escapou-lhe dos lábios quando ele escorregou de sua mão. Seus dedos torturados apressaram-se na busca e — graças a Deus! — fecharam-se sobre ele. Retirou a mão e levantou o anel.

“Oooooooooh!” Um gemido fascinado percorreu a assistência à visão do braço de Hunald. Bolhas já se formavam sobre a superfície raivosamente vermelha da sua pele.

— Dez dias — Gerold anunciou — será o tempo do julgamento de Deus.

Houve comoção, mas não protesto, da multidão. Todos conheciam a lei: se as feridas na mão e no braço de Hunald sarassem no período de dez dias, sua inocência estaria comprovada, e o gado seria seu. Do contrário, ele seria culpado de roubo, e o gado devolvido ao seu legítimo dono, Abo.

Pessoalmente, Gerold duvidava que as feridas sarassem em tão pouco tempo. Fora essa a sua intenção, pois não tinha dúvidas de que Hunald era culpado do crime. E se os ferimentos de Hunald sarassem no tempo estipulado... bem, a provação o faria pensar duas vezes antes de roubar gado do seu vizinho de novo. Era uma justiça brutal, mas como não havia outra, era melhor que nada. *Lex dura, sed lex*. Os estatutos imperiais eram os únicos pilares sobre os quais se apoiava a lei nesses tempos conturbados; sem eles,

sabe-se lá que furacões fustigariam a terra, derrubando igualmente fracos e poderosos.

— Chame o próximo caso, Frambert.

— Aelfric acusa Fulrad de se recusar a pagar o preço de sangue estipulado por lei.

O caso parecia simples. O filho de Fulrad, Tenbert, rapaz de dezesseis anos, havia matado uma moça, uma das colonas de Aelfric. O que se discutia não era o crime, e sim o valor do preço de sangue. As leis sobre *wergeld* eram detalhadas e específicas para cada pessoa no Império, de acordo com sua categoria, posses, idade e sexo.

— A culpa foi dela — disse Tenbert, um rapaz alto e desengonçado, de pele sardenta e expressão carrancuda. — Ela não passava de uma colona; não devia ter resistido a mim.

— Ele a estuprou — explicou Aelfric. — Apareceu quando ela colhia uvas no meu vinhedo e a cobiçou. Ela era uma linda mocinha de apenas doze invernos, quase uma criança, e não entendeu. Pensou que ele queria fazer-lhe mal. Como ela não se submeteu de livre vontade, ele a espancou brutalmente. — Houve um longo murmúrio entre a multidão; Aelfric fez uma pausa e concluiu: — Ela morreu no dia seguinte, ferida, inchada e chamando pela mãe.

— Você não tem do que se queixar — redarguiu Fulrad, o pai de Tenbert, exaltado. — Eu não paguei o *wergeld* na semana seguinte? Cinquenta soldos em ouro, uma soma generosa! E a rapariga era uma reles colona!

— A menina morreu; não voltará a trabalhar no meu vinhedo. E a mãe dela, uma das minhas melhores tecelãs, enlouqueceu de dor e não serve para mais nada. Exijo o *wergeld* devido: cem soldos de ouro.

— Um ultraje! — Fulrad abriu os braços, apelando: — Excelência, com o que paguei a Aelfric, ele pode comprar vinte ótimas vacas leiteiras, o que todo mundo sabe que vale bem mais que uma garota miserável, sua mãe e um tear juntos!

Gerold franziu a testa. Esse regateio sobre preço de sangue era nojento. A garota tinha quase a mesma idade de Dhuoda, filha de Gerold. A ideia daquele moço carrancudo e desagradável tomando-a à força era grotesca. Claro que tais coisas ocorriam o tempo todo;

qualquer colona que chegasse aos catorze anos com sua virtude intacta era extraordinariamente sortuda, ou feia, ou ambas. Gerold não era ingênuo, sabia como era o mundo, mas não significava que lhe agradasse.

Sobre a mesa à sua frente estava um grande códice encadernado em couro, com o selo imperial gravado em ouro. Nele estavam escritas as velhas leis do Império, a *Lex Salica*, bem como a *Lex Karolina*, que incluía revisões e adições ao código legal promulgado pelo imperador Karolo. Gerold conhecia a lei e não precisava do livro. Mesmo assim, consultou-o solenemente diante de todos; seu valor simbólico impressionaria os litigantes, e a sentença que ia lavrar requereria toda a sua autoridade.

— O código sálico é muito claro neste ponto — disse ele por fim.
— Cem soldos é o *wergeld* legal por uma colona.

Fulrad praguejou alto. Aelfric sorriu.

— A garota tinha doze anos de idade — continuou Gerold — e chegara, portanto, à idade fértil. Por lei, o seu preço de sangue tem de ser triplicado para trezentos soldos de ouro.

— O quê? O tribunal enlouqueceu? — gritou Fulrad.

— A soma — prosseguiu Gerold, equânime — deverá ser paga da seguinte forma: duzentos soldos para Aelfric, o senhor da garota segundo a lei, e cem soldos para a família dela.

Foi a vez de Aelfric se sentir ultrajado:

— Cem soldos para a família dela? — disse ele, incrédulo. — Para colonos? Eu sou o senhor da propriedade; o *wergeld* da garota é meu por direito!

— Está querendo me arruinar? — Fulrad interrompeu, absorto demais no seu problema para se comprazer com o desagrado do inimigo. — Trezentos soldos é quase o preço de sangue de um guerreiro! De um padre! — Ele avançou agressivamente para a mesa a que Gerold estava sentado. — Talvez, até — a ameaça na sua voz era inequívoca — de um conde?

Um grito de alarme elevou-se da multidão quando uma dúzia de homens da escolta de Fulrad abriu caminho até a frente. Estavam armados com espadas e tinham aspecto de saber usá-las.

Os homens de Gerold posicionaram-se para enfrentá-los, as mãos nas espadas desembainhadas pela metade. Gerold conteve-

os com um gesto.

— Em nome do imperador — ressoou a voz de Gerold, com voz afiada como a lâmina de uma faca — a sentença neste caso foi lavrada e recebida! — Seus frios olhos de anil fizeram Fulrad hesitar. — Chame o próximo caso, Frambert.

Frambert não respondeu. Estava escondido debaixo da mesa.

Vários instantes se passaram num silêncio tenso, a multidão inquieta, murmurante, totalmente imóvel.

Gerold recostou-se na sua cadeira, aparentando absoluta autoconfiança e calma, mas com a mão direita balançando negligentemente a sua espada, os dedos apalpando o aço frio.

Abruptamente, murmurando uma praga, Fulrad girou sobre os calcanhares, agarrou Tenbert brutalmente pelo braço e arrastou-o até a porta. Os homens de Fulrad seguiram-no, a multidão abrindo alas diante deles. Ao cruzarem a porta, Fulrad socou Tenbert com força na cabeça; o ganido de dor do garoto ressoou pela sala, e a multidão explodiu numa gargalhada rouca e aliviada.

Gerold sorriu soturnamente. Se conhecia algo sobre a natureza humana, Tenbert levaria uma tremenda surra. Talvez lhe ensinasse uma lição, talvez não. De qualquer forma, não ajudaria a garota assassinada. Mas a família dela receberia parte do seu *wergeld*. Com ele, poderiam comprar a sua liberdade e construir uma vida melhor para si e para os seus filhos restantes.

Gerold fez sinal aos seus homens; eles embainharam as espadas e recuaram à sua posição atrás da mesa judicial.

Frambert saiu de debaixo da mesa e voltou a ocupar o seu lugar com ar de dignidade ofendida. Estava pálido e a sua voz tremeu ao ler o último caso:

— Ermoin, o moleiro, e a sua esposa queixam-se da sua filha; de que ela, voluntariamente e contra a ordem expressa deles, casou-se com um escravo.

De novo a multidão abriu alas para deixar passar um casal idoso, grisalho, patricio, ambos bem vestidos, testemunho do sucesso de Ermoin no seu negócio. Atrás deles vinha um rapaz trajando a túnica gasta e andrajosa de um escravo e, por fim, uma jovem, que entrou com a cabeça modestamente abaixada.

— Meu senhor — Ermoin falou sem esperar que lhe dessem a palavra —, eis a nossa filha Hildegarde, alegria de nossos corações envelhecidos, única filha sobrevivente de oito que tivemos. Foi criada com brandura, meu senhor... com brandura demais, como viemos a saber, para desgosto nosso. Pois ela pagou o nosso amor com desobediência e ingratidão.

— Que reparação deseja deste tribunal? — perguntou Gerold.

— Ora, a escolha, senhor — disse Ermoin, surpreso. — A roca ou a espada. Ela precisa escolher, como manda a lei.

Gerold ficou sombrio. Na sua carreira como *missus* já tivera de julgar um caso semelhante; não lhe agradava ter que julgar outro.

— A lei, como o senhor diz, regula tais casos. Mas parece-me severa demais, especialmente para alguém criado com tanta... brandura. Não existe outra forma?

Ermoin entendeu o que ele queria dizer. Podia ser pago o preço de um homem, o escravo podia ser libertado e tornado um homem livre.

— Não, senhor. — Ele sacudiu a cabeça com veemência.

— Pois bem — disse Gerold resignadamente. Não havia como evitar.

Os pais da moça conheciam a lei e insistiam em levar aquele procedimento execrável até ao fim.

— Tragam uma roca de fiar — ordenou Gerold. — E, Hunric — ele sinalizou a um dos seus homens —, empreste-me a sua espada. — Ele não usaria a sua, que nunca tinha atingido carne indefesa, nem nunca o faria enquanto fosse sua.

Alguns momentos de agitação e perturbação se seguiram enquanto uma roca era procurada numa casa vizinha.

A moça levantou os olhos quando a roca foi trazida. Seu pai repreendeu-a com aspereza, e ela rapidamente baixou a cabeça de novo. Mas naquele momento fugaz, Gerold vislumbrou o rosto dela. Ela era linda; tinha grandes olhos de cornalina ilhados num mar de pele leitosa, uma fronte delicada, lábios docemente curvilíneos. Gerold entendeu a fúria dos pais dela: com um rosto tão belo a garota podia ter conquistado o coração de um grande senhor, talvez até um nobre, aumentando a fortuna da família.

Gerold pousou uma das mãos sobre a roca; com a outra, levantou a espada.

— Se Hildegarde escolher a espada — Gerold falou alto para que todos ouvissem —, o seu marido, o escravo Romuald, morrerá imediatamente pela espada. Se escolher a roca, então ela mesma se tornará uma escrava.

Era uma escolha terrível. Certa vez, Gerold testemunhara outra garota, não tão bela, mas igualmente jovem, diante das mesmas alternativas. Aquela havia escolhido a espada, e tivera de ver o homem que amava ser morto diante de seus olhos. No entanto, que outra coisa podia ter feito? Quem escolheria de boa vontade o vil rebaixamento, não só para si, mas também para os seus filhos e todas as gerações futuras da sua linhagem?

A moça ficou silenciosa e imóvel. Não movera um músculo quando Gerold explicara o julgamento.

— Você entende o significado da escolha que precisa fazer? — perguntou-lhe Gerold com gentileza.

— Ela entende, meu senhor — disse Ermoin, apertando o braço da filha. — Ela sabe exatamente o que deve fazer.

Gerold imaginava que sim. A cooperação da filha havia sem dúvida sido assegurada por meio de horrendas ameaças e maldições, talvez até sopapos.

Os guardas que ladeavam o rapaz seguraram-lhe os braços para evitar que tentasse fugir. Ele olhou para eles com escárnio. Possuía um rosto interessante — uma fronte baixa, comum, coroadada com cabelo tosco, mas olhos inteligentes, uma mandíbula bem formada e um belo e proeminente nariz; parecia ter algo dos romanos antigos.

Podia ser escravo, mas tinha coragem. Gerold fez sinal aos guardas para que se afastassem dele.

— Vamos, filha — disse Gerold à garota. — Está na hora.

O pai sussurrou algo no ouvido dela. Ela assentiu com a cabeça, e então ele soltou o braço dela e a empurrou para frente.

Ela ergueu a cabeça e olhou para o rapaz. O amor indisfarçável que cintilou nos olhos dela deixou Gerold perplexo.

— Não! — O pai da moça tentou impedi-la, mas era tarde demais. Com o olhar fixo no marido, e sem a menor hesitação, ela se aproximou da roca, sentou-se e começou a fiar.

• • •

Cavalgando de volta para Villaris no dia seguinte, Gerold pensava no que havia testemunhado. A garota sacrificara tudo — família, fortuna, até a liberdade. O amor que tinha visto no rosto dela incendiara a sua imaginação e o levava por caminhos que ele não entendia completamente. Tudo o que sabia, com uma convicção que sobrepujava qualquer outra coisa, era que ele queria aquilo — aquela pureza e intensidade de emoções que faziam tudo o mais parecer sem vida e sem sentido. Não era tarde demais para ele; com certeza não era tarde demais. Tinha só vinte e nove anos; talvez já não fosse jovem, mas estava ainda no auge de suas forças.

Nunca tinha amado a sua esposa, Richild, e ela nunca tinha sequer fingido que o amava. Ele sabia que ela não sacrificaria um pente por ele. O casamento de ambos fora uma união cuidadosamente negociada de fortunas e famílias. Era como as coisas deviam ser, e até recentemente Gerold nunca esperara algo além disso. Quando, depois do nascimento de Dhuoda, Richild havia anunciado que não queria mais filhos, ele aceitara o desejo dela sem qualquer sentimento de perda. Nunca tivera dificuldades em encontrar parceiras dispostas a partilhar prazeres com ele fora do leito matrimonial.

Mas agora, por causa da Joana, tudo mudara. Ele a imaginou com seu belo cabelo dourado-branco rodeando-lhe a face, seus sábios olhos cinzaesverdeados contradizendo a sua pouca idade. A falta que sentia dela, mais forte até do que desejo, oprimia-lhe o coração. Ele nunca havia conhecido alguém como ela. A sua inteligência inquisitiva, a sua disposição a desafiar e questionar ideias que o resto do mundo aceitava como verdades imutáveis, enchiam-no de admiração. Ele podia conversar com ela como não podia com ninguém mais. Ele podia confiar-lhe qualquer coisa, até sua vida.

Seria fácil torná-la sua amante — o último encontro de ambos na margem do rio não deixara dúvidas disso. Mas, ao contrário do que seria de se esperar, ele havia se retraído, querendo algo mais, embora na ocasião não soubesse o quê.

Agora sabia.

Eu a quero como esposa.

Seria difícil, e nada barato, livrar-se de Richild, mas não importava.

Joana será minha esposa, se ela me quiser.

Essa resolução trouxe-lhe uma sensação de paz. Gerold respirou fundo, desfrutando os aromas fortes e estimulantes da floresta primaveril, sentindo-se mais feliz e mais vivo do que em muitos anos.

• • •

Estavam muito perto de casa. Uma nuvem baixa e escura pairava pesadamente no ar, impedindo Gerold de enxergar Villarís. Joana estava lá, esperando por ele. Impaciente, pôs Pistis a galope.

Um odor desagradável permeava a atmosfera, penetrando-lhe os sentidos.

Fumaça.

A nuvem sobre Villarís era fumaça.

Agora estavam todos eles em desabalada correria através da floresta, sem se importar com os ramos que rasgavam seus cabelos e roupas. Ao emergirem na clareira, puxaram as rédeas, estarrecidos.

Villarís não existia mais.

Abaixo da nuvem de fumaça que espiralava lentamente, um monte enegrecido de entulho e cinzas era tudo que restava da propriedade que haviam deixado apenas duas semanas antes.

— Joana! — gritou Gerold. — Dhuoda! Richild! — Teriam fugido ou estavam mortas, soterradas sob a pilha de escombros fumegantes?

Seus homens estavam de joelhos no meio do entulho, procurando por algo reconhecível — um fragmento de roupa, um anel, um ornamento para a cabeça. Alguns deles choravam ao remexer as cinzas, temerosos de encontrar, a qualquer momento, o que buscavam.

Num canto afastado, sob uma pilha de vigas enegrecidas, Gerold viu algo que lhe causou um aperto no coração.

Era um pé. Um pé humano.

Rapidamente ele começou a afastar as vigas, agarrando-as e puxando-as até que suas mãos sangrassem, sem que ele percebesse. Era o corpo de um homem, tão carbonizado que seu rosto ficara irreconhecível, mas pelo amuleto que levava ao pescoço Gerold soube que era Andulf, um dos guardas. Na mão direita dele havia uma espada. Gerold agachou-se para pegá-la, mas a mão veio junto, recusando-se a soltá-la. O calor do fogo havia derretido o punho, fundindo carne e ferro numa coisa só.

Andulf morrera lutando. Mas com quem? Ou com o quê? Gerold examinou a paisagem com olhar experiente de soldado. Não havia sinal de acampamento, nem de armas ou objetos deixados para trás que dessem uma pista do que acontecera. A floresta ao redor estava imóvel na tarde clara de primavera.

— Senhor! — Seus homens haviam achado os corpos de mais dois guardas. Como Andulf, eles tinham morrido lutando, suas armas ainda nas mãos. A descoberta estimulou-os a prosseguir a busca, mas ela foi infrutífera. Não havia sinal de ninguém mais.

Onde estão todos? Eles haviam deixado umas quarenta pessoas em Villaris; não podiam ter todas desaparecido, sem deixar vestígios de ossos ou sangue.

O coração de Gerold batia com uma esperança insana. Joana estava viva, tinha de estar viva. Talvez se encontrasse por perto, escondida na floresta com os outros que tinham desaparecido... ou talvez tivessem fugido para a cidade!

Montou Pistis de um salto, chamando os seus homens. Galoparam até Dorstadt, diminuindo a velocidade apenas quando alcançaram as ruas desertas.

Silenciosamente, Gerold e seus homens espalharam-se em reconhecimento pela longa fila de casas silenciosas. Gerold foi com Worad e Amalwin à catedral. As pesadas portas de carvalho estavam escancaradas sobre gonzos partidos. Cautelosamente, os homens desmontaram e se aproximaram, de espadas em riste. Ao subir os degraus, Gerold deparou-se com algo escorregadio sobre a madeira gasta: uma poça de sangue escuro alimentada por um filete que escorria lentamente, vindo do lado de dentro da porta.

Gerold entrou.

Por um instante misericordioso, a escuridão do interior obscureceu a vista dele. Então pôde enxergar claramente.

Atrás dele, Amalwin começou a ter ânsia de vômito. Gerold também sentiu engulhos, mas se controlou, cobrindo a mão e o nariz com a manga e avançando pela nave da igreja. Era difícil evitar pisar na enorme quantidade de corpos espalhados. Ele ouviu Worad e Amalwin praguejando, bem como o som de sua própria respiração ofegante. Continuou como num sonho, contornando os horrendos despojos humanos, à procura.

Perto do altar-mor, encontrou os membros da sua casa. Ali estava Wala, o capelão, e Wido, o intendente. Irminon, a camareira, jazia ali perto, seus braços sem vida ainda segurando seu bebê morto; Worad, seu marido, soltou um uivo quando os viu. Caiu de joelhos e abraçou-os, passando a mão nas feridas deles e lambuzando-se com o seu sangue.

Gerold virou para outro lado. Seus olhos caíram sobre um lampejo familiar de esmeralda e prata. A tiara de Richild. Ela estava deitada de costas do lado da tiara, seu cabelo negro espalhado sobre o corpo como uma mortalha. Ele pegou a tiara e foi colocá-la de volta no cabelo dela. Ao seu toque, a cabeça de Richild torceu-se grotescamente, depois rolou devagar para longe do corpo.

Sobressaltado, Gerold deu um passo para trás. Seu pé atingiu outro corpo, e ele quase caiu. Olhou para o chão: aos seus pés jazia Dhuoda, com o corpo retorcido como se tivesse tentado esquivar-se ao golpe do seu assassino. Com um gemido, Gerold caiu de joelhos do lado do corpo da filha.

Acariciou-a com doçura, afagando seu cabelo macio, infantil, rearranjando seus membros para que ela jazesse mais confortavelmente. Beijou sua bochecha e passou a mão sobre os olhos vagos, fechando-os. Estava tudo errado. Os filhos é que deviam fechar os olhos dos pais, não o contrário.

Com as expectativas mais funestas, levantou-se e continuou sua lúgubre busca através dos corpos espalhados. Joana devia estar ali em algum lugar; ele precisava achá-la.

Atravessou a nave, fitando todos os rostos frios e sem vida, reconhecendo em cada um as feições de um conhecido, um vizinho, ou um amigo. Mas não encontrou Joana.

Teria ela, de alguma forma, escapado milagrosamente? Seria possível? Gerold mal se atrevia a ter esperança. Recomeçou a busca.

“Senhor! Senhor!” De fora da catedral vieram vozes aflitas. Gerold alcançou a porta quando o resto dos homens se aproximou, a cavalo.

— Nórdicos, meu senhor! À beira do rio! Estão carregando seus navios...

Mas Gerold já tinha saído, correndo na direção de Pistis.

Galoparam a toda a brida rumo ao rio, os cascos dos cavalos tamborejando sobre a terra seca da estrada. Não lhes importava que surpresas poderiam ter; tornados temerários pela dor, pensavam apenas em vingança.

Fazendo uma curva, viram um navio comprido e raso com uma alta proa de madeira esculpida no formato de uma cabeça de dragão, com a boca aberta e longos dentes curvos. A maioria dos nórdicos já estava a bordo, mas uns vinte ainda permaneciam em terra guardando o navio enquanto a parte final do butim era embarcada.

Com um possante grito de guerra, Gerold esporeou e avançou, com a lança em riste, seus homens seguindo-o de perto. Sem cavalos, os nórdicos mergulhavam e tropeçavam para sair do caminho, sendo vários pisoteados, aos berros, pelos pesados cascos. Gerold ergueu sua azagaia com rebarba, fazendo mira no escandinavo mais próximo, um gigante com elmo de ouro e barba amarela. O gigante virou-se, levantou seu escudo, e a azagaia cravou-se nele, sua haste vibrando.

De repente, o ar encheu-se de flechas: os nórdicos estavam atirando contra eles. Pistis empinou furiosamente, deu uma guinada e caiu por terra, com uma flecha no olho. Gerold saltou, aterrissando de mau jeito sobre a perna esquerda. Ele desembainhou a espada e correu, coxeando, rumo ao gigante, que procurava arrancar a azagaia do seu escudo. Gerold pôs o pé sobre a extremidade da azagaia, puxando o escudo do nórdico para baixo e para longe. O gigante olhou para Gerold com surpresa e levantou seu machado, mas era tarde demais: Gerold trespassou-lhe o coração com uma

única estocada. Sem esperar para vê-lo cair, Gerold rodopiou e atingiu outro escandinavo, fendendo-lhe a cabeça. Espirros de sangue mancharam o rosto de Gerold, e ele limpou os olhos para enxergar. Estava no centro da luta agora. Erguendo a espada, pôs-se a golpear tudo ao seu redor com temerária exaltação, as emoções contidas na última hora extravasando-se num paroxismo de matança e de sangue.

“Estão partindo! Estão partindo!” Os gritos dos seus homens chegaram aos ouvidos de Gerold; ele olhou para a praia e viu o navio com cabeça de dragão levantando ferro, sua vela vermelha desfraldada ao vento. Os nórdicos fugiam.

Um baio de crina negra sem cavaleiro dançava nervosamente a alguns passos dele. Gerold montou-o; o cavalo assustou-se e empinou, mas Gerold conseguiu domá-lo, segurando as rédeas com firmeza. O baio virou-se rapidamente e dirigiu-se à praia. Com um grito aos seus homens para que o seguissem, Gerold cavalgou direto para dentro da água. Da sela pendia uma lança ainda não usada; Gerold empunhou-a e arremessou-a com uma força que quase o propeliu por cima do pescoço do baio. A lança penetrou o ar, sua ponta de ferro tremeluzindo ao sol, e caiu na água, perto da boca sorridente do dragão.

Houve uma explosão de riso zombeteiro vindo do navio; os nórdicos faziam chacotas na sua língua tosca. Dois deles ergueram uma trouxa dourada para exibi-la; só que não era uma trouxa, era uma mulher pendurada entre eles, uma mulher de cabelo castanho-avermelhado.

— Gisla! — gritou Gerold numa agonia de reconhecimento. O que ela estava fazendo ali? Ela deveria estar a salvo em casa, com seu marido.

Atordoada, Gisla levantou a cabeça.

— Pai! — ela gritou. — Paaaaaai! — O grito dela ressoou no âmago do seu ser.

Gerold esporeou o baio, mas este relinchou e retrocedeu, recusando-se a avançar mais para dentro da água escura e profunda. Ele bateu com a espada na garupa do animal para forçá-lo a obedecer, mas isso apenas o deixou mais amedrontado, fazendo-o corcovear e escarvar com os cascos.

Um cavaleiro menos hábil teria sido jogado longe, mas Gerold segurou firme, lutando para dobrar o baio à sua vontade.

“Meu senhor! Meu senhor!” Os homens de Gerold estavam todos ao redor dele, agarrando as rédeas, puxando-o para trás.

— É inútil, meu senhor! — Grifo, lugar-tenente de Gerold, falou-lhe claramente ao ouvido. — Não podemos fazer mais nada!

As velas vermelhas do navio viquingue haviam parado de esvoaçar; elas se enfunaram à medida que a nave deslizava rapidamente para longe da margem. Não havia como persegui-lo, não havia barcos, mesmo que Gerold e os seus homens soubessem navegá-los; o ofício da construção naval fora esquecido na Francônia havia muito tempo.

Aturdido, Gerold deixou que Grifo conduzisse o baio para a praia. O grito de Gisla ainda ecoava em seus ouvidos. *Paaaaaaai!* Ela estava perdida, irrecuperavelmente perdida. Havia histórias sobre moças raptadas durante os ataques cada vez mais frequentes dos nórdicos ao longo da costa do Império, mas Gerold nunca pensara, nunca imaginara...

Joana! A ideia atingiu-o com a força de uma flecha, roubando-lhe o fôlego. Também a tinham levado! Os pensamentos desordenados de Gerold rodopiavam, procurando outra possibilidade, sem encontrar nenhuma. Os bárbaros haviam raptado Joana e Gisla, as tinham roubado para submetê-las a horrores indizíveis, e não havia nada, nada que ele pudesse fazer para salvá-las.

Os seus olhos caíram sobre um dos nórdicos mortos. Ele saltou do baio, agarrou o machado de cabo comprido que o morto ainda segurava, e começou a dar machadadas no cadáver. O corpo inanimado saltava a cada golpe. O elmo dourado partiu-se, revelando o rosto imberbe de um rapazinho, mas Gerold continuou golpeando, erguendo o machado sem parar. O sangue espirrou para todos os lados, encharcando suas roupas.

Dois de seus homens tentaram detê-lo, mas Grifo os manteve à distância.

— Não — disse ele em voz baixa. — Deixem-no.

Alguns momentos depois, Gerold largou o machado e caiu de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos. Sangue morno revestia-lhe os dedos, mantendo-os grudados. Soluços explodiram de sua

garganta e ele parou de resistir. Alquebrado e sem sentir vergonha, desatou a chorar.



13

Colmar

24 de junho de 833

Campo das Mentiras

Anastácio afastou as pesadas cortinas que cobriam a entrada da tenda do papa e esgueirou-se para dentro.

Gregório, o quarto com esse nome a ocupar o Trono de São Pedro, ainda estava rezando, ajoelhado sobre as almofadas de seda colocadas diante da magnífica imagem de Cristo esculpida em marfim que ocupava o lugar de honra na sua tenda. Essa imagem havia sobrevivido à perigosa jornada sobre estradas e pontes arruinadas, atravessando os elevados e traiçoeiros desfiladeiros dos Alpes, sem sofrer um arranhão. Ela reluzia tanto ali, numa tenda rústica armada naquela distante terra franca, quanto na segurança e conforto da capela privada de Gregório no Palácio de Latrão.

— *Deus illuminatio mea, Deus optimus et maximus* — orava Gregório IV, sua face iluminada pela devoção.

Observando silenciosamente da entrada, Anastácio se perguntava: *Será que eu já fui tão simplório em minha fé?* Talvez quando criança. Mas sua inocência morrera no dia em que seu tio Teodoro fora assassinado no Palácio de Latrão diante de seus olhos. “Olhe”, seu pai lhe dissera então, “e aprenda”.

Anastácio havia olhado e aprendido — aprendido a ocultar seus sentimentos sob uma máscara de boas maneiras, aprendido a manipular e enganar, até trair, se necessário. Esse aprendizado trouxera muitas gratificações. Aos dezenove anos, Anastácio já era vestiário¹¹, o homem mais jovem que já ocupara esse posto tão elevado. Arsênio, seu pai, tinha muito orgulho dele. Anastácio pretendia torná-lo mais orgulhoso ainda.

— Cristo Jesus, dê-me a sabedoria de que preciso neste dia — continuou Gregório. — Mostre-me o modo de evitar essa guerra

ímpia e de reconciliar esses filhos rebeldes com o pai deles, o imperador.

Será possível que ele ainda não sabe o que tem a perder neste dia? Anastácio mal podia acreditar. Quão inocente era o papa! Anastácio tinha apenas dezenove anos, menos da metade da idade de Gregório, e já sabia bem mais sobre o mundo.

Ele não nasceu para ser papa, pensou Anastácio, não pela primeira vez. Gregório IV era uma alma piedosa, não se podia negar, mas piedade era uma virtude supervalorizada. Aquele homem tinha uma natureza mais adequada ao claustro do que à corte papal, cuja política sutil sempre esteve além do entendimento dele. O que se passava na cabeça do imperador Luís ao pedir que o pontífice fizesse a longa jornada desde Roma até o império dos francos para servir de mediador naquela crise?

Anastácio tossiu discretamente para chamar a atenção de Gregório, mas este estava imerso em suas orações, contemplando a imagem do Cristo com uma expressão beatífica.

— Está na hora, Santo Padre. — Anastácio não hesitou em interromper as devoções do papa. Gregório estivera rezando por mais de uma hora, e o imperador estava aguardando.

Sobressaltado, Gregório olhou ao redor e, vendo Anastácio, assentiu com a cabeça, persignou-se e se levantou, alisando a pênuia púrpura em forma de sino que trajava por cima da dalmática papal.

— Vejo que Vossa Santidade extraiu forças da imagem de Cristo — observou Anastácio, ajudando o pontífice a colocar o pálio. — Eu também senti o poder dela.

— Sim. É magnífica, não é?

— Muito. Especialmente a beleza da cabeça, que é grande em proporção ao corpo. Ela sempre me faz lembrar da Primeira Epístola aos Coríntios: “E a cabeça de Cristo é Deus”. Uma sublime expressão da ideia de que Nosso Senhor combina em Sua pessoa ambas as naturezas, a divina e a humana.

Gregório sorriu apreciativamente.

— Acho que nunca ouvi tal pensamento tão bem expresso. Você é um ótimo vestiário, Anastácio; a eloquência da sua fé é uma inspiração.

Anastácio ficou contente. Talvez aquele elogio papal viesse a se traduzir em outra promoção; a nomenclador, ou até, quem sabe, a primicério. Ele era jovem, sim, mas tais honrarias não estavam além da sua ambição. Na verdade, elas não passavam de escalas no caminho rumo à aspiração dominante na vida de Anastácio: tornar-se, ele próprio, um dia, papa.

— Vossa Santidade me superestima — retrucou Anastácio, esforçando-se por afetar modéstia. — É a perfeição da escultura, não minhas palavras inadequadas, que faz jus ao seu louvor.

— Dito com verdadeira *humilitas*. — Gregório pôs a mão afetuosamente sobre o ombro do vestiário e disse gravemente: — É o trabalho de Deus que fazemos neste dia, Anastácio.

Anastácio perscrutou o semblante do papa. *Ele não suspeita de nada. Ótimo.* Obviamente Gregório ainda acreditava que poderia mediar a paz entre o imperador e seus filhos, porém nada sabia sobre os preparativos secretos levados a cabo tão discreta e cuidadosamente por Anastácio, seguindo instruções explícitas do seu pai.

— O próximo alvorecer verá uma nova paz nesta terra conturbada — falou Gregório.

É verdade, pensou Anastácio, *mas não a paz que você tem em mente.*

Se tudo corresse conforme planejado, na aurora do dia seguinte o imperador acordaria para descobrir que suas tropas haviam desertado durante a noite, deixando-o indefeso perante as tropas dos seus filhos. Já estava tudo negociado e pago; nada que Gregório dissesse ou fizesse nesse dia faria a menor diferença.

Mas era importante que a mediação papal ocorresse conforme planejado. Negociar com o papa aquietaria as suspeitas do imperador e desviaria a atenção dele nesse momento crítico.

Era recomendável incentivar Gregório.

— É uma grande coisa o que Vossa Santidade está fazendo hoje — Anastácio falou. — Deus sorrirá sobre a empreitada, e sobre Vossa Santidade.

— Eu sei, Anastácio — o papa concordou. — Neste momento mais do que nunca.

— Gregório, o Pacificador, é como o chamarão; Gregório, o Grande!

— Não, Anastácio — reprovou o sumo pontífice. — Se eu for bem-sucedido no trabalho deste dia, o mérito será de Deus, não meu. O futuro do Império, do qual depende a segurança de Roma, está por um fio. Se vencermos, será exclusivamente graças a Deus.

A fé sincera e altruísta do papa fascinava Anastácio, que a considerava uma espécie de aberração da natureza, semelhante a ter seis dedos numa mão. Gregório IV era um homem genuinamente humilde; mas também, sopesou Anastácio, considerando a mediocridade dele, ele tinha toda razão em ser humilde.

— Acompanhe-me até a tenda do imperador — falou Gregório. — Gostaria que você estivesse lá quando eu falar com ele.

Tudo está indo bem, pensou Anastácio. Quando aquilo terminasse, ele teria apenas de voltar a Roma e aguardar. Assim que Lotário fosse coroado imperador no lugar do seu pai, ele saberia recompensar Anastácio por havê-lo ajudado.

Gregório dirigiu-se à entrada da tenda.

— Vamos, então, fazer o que precisa ser feito.

Saíram para o campo apinhado de tendas e estandartes do exército do imperador. Era difícil acreditar que, na manhã do dia seguinte, toda aquela intensa e colorida atividade desapareceria por completo. Anastácio tentou imaginar a cara de Luís quando saísse de sua tenda e se deparasse com os campos silenciosos e desertos diante dele.

Passando pela guarda real, chegaram à tenda imperial. Antes de entrar, Gregório fez uma pausa para murmurar uma última prece:

— *Verba mea auribus percipe, Domine...*

Anastácio observou com impaciência enquanto os lábios cheios e quase femininos de Gregório formavam as palavras do salmo quinto:

— *... intende voci clamoris mei, rex meus et Deus meus...*

Tolo piedoso. Naquele momento, o desprezo de Anastácio pelo papa foi tão profundo, que ele precisou se esforçar para conservar sua voz num tom respeitoso.

— Vamos, Santo Padre?

Gregório ergueu a cabeça.

— Sim, Anastácio; estou pronto.



14

Fulda

Sob o pálido luar da madrugada, os monges de Fulda desciam a escadaria noturna e caminhavam serenamente, em fila única, através do pátio interno da igreja, seus hábitos cinzentos fundindo-se uniformemente com a escuridão. O discreto ruído de suas rústicas sandálias de couro sobre o chão era o único som a quebrar o profundo silêncio; nem as cotovias eram despertas. Os irmãos entraram no coro e, com a constância criada por longo hábito, dirigiram-se às suas posições para a celebração das vigílias.

O irmão João Ânglico ajoelhou-se com os outros, acomodando os joelhos com movimentos inconscientes e experimentados para encontrar o local mais confortável no chão de terra batida.

Domine labia mea aperies... Eles começaram com um versículo, depois passaram para o salmo terceiro, segundo estabelecido por São Bento na sua abençoada regra.

João Ânglico gostava desse primeiro ofício do dia. O padrão imutável da cerimônia deixava a mente livre para vagar enquanto os lábios pronunciavam as palavras familiares. Muitos irmãos já estavam começando a pescar, mas João Ânglico sentia-se maravilhosamente desperto, todos os seus sentidos acelerados e alertas para esse pequeno mundo iluminado por chamas bruxuleantes de velas e confinado pela solidez confortadora das muralhas.

A sensação de fazer parte, de pertencer a uma comunidade, era especialmente forte a essa hora da madrugada. Os contornos nítidos da luz do dia, que tão rapidamente expunham personalidades individuais, simpatias e antipatias, lealdades e rancores, submergiam nas sombras mudas e no ressonante uníssono das vozes dos irmãos, sussurradas e melódicas em meio ao sereno da noite.

Te Deum laudamus... João Ânglico cantou a Aleluia junto com os outros, suas cabeças abaixadas, encapuzadas, indistinguíveis como sementes num sulco.

Mas João Ânglico não era como os outros. João Ânglico não fazia parte dessa renomada e distinta irmandade. Isso não se devia a qualquer defeito mental ou de caráter. Foi uma contingência do destino, ou de um Deus cruel e indiferente, que colocou João Ânglico irrevogavelmente apartado. João Ânglico não era um dos irmãos de Fulda, porque João Ânglico, nascido Joana de Ingelheim, era uma mulher.

Quatro anos haviam se passado desde que ela se apresentara na abadia disfarçada como seu irmão João. “Ânglico” foi o nome que lhe deram, por causa de seu pai inglês, e mesmo entre esse seletivo grupo de eruditos, poetas e intelectuais, ela em breve se destacou.

As mesmas qualidades mentais que, como mulher, haviam despertado escárnio e desprezo, eram agora universalmente louvadas. Sua inteligência, conhecimento das Escrituras e rapidez de raciocínio em debates eruditos tornaram-se assunto de orgulho da comunidade. Ela não somente era livre, mas ainda *incentivada* a desenvolver suas habilidades até o limite. Entre os noviços, foi rapidamente promovida a sênior; isso lhe deu maior liberdade de acesso à renomada biblioteca de Fulda, uma enorme coleção de quase trezentos e cinquenta códices, entre os quais uma formidável série de autores clássicos, como Suetônio, Tácito, Virgílio, Plínio, Amiano Marcelino, e outros. Ela errava entre as pilhas de belos livros num arrebatamento de deleite. Parecia que todo o conhecimento do mundo estava lá, à sua disposição.

Certo dia, ao encontrá-la lendo um tratado de São João Crisóstomo, o prior José ficou surpreso ao descobrir que ela sabia grego, habilidade que nenhum outro irmão possuía. Ele contou ao abade Rabano, que imediatamente a incumbiu de traduzir a excelente coleção de tratados gregos de medicina da abadia, que incluíam cinco dos sete livros de aforismos de Hipócrates, o completo *Tetrabiblos* de Aécio, e também fragmentos de obras de Oribásio e Alexandre de Trales.

O irmão Benjamim, médico da comunidade, ficou tão impressionado com o trabalho de Joana, que fez dela seu aprendiz. Ele a ensinou a cultivar e colher plantas do herbanário, e como fazer uso de suas diversas propriedades curativas: erva-doce para constipação, mostarda para tosse, cerefólio para hemorragias, absinto e salgueiro-branco para febres — o herbanário de Benjamim continha curativos para toda enfermidade humana imaginável. Joana o ajudava a preparar cataplasmas, purgantes, infusões e outros compostos que constituíam o esteio da medicina monástica, e acompanhava-o à enfermaria para cuidar dos doentes. Era um trabalho fascinante, feito sob medida para sua mente inquisitiva e analítica.

Entre seus estudos, seu trabalho com o irmão Benjamim, e os sinos que badalavam regularmente sete vezes por dia, chamando os irmãos para as preces das Horas Canônicas, os dias dela eram ocupados e produtivos. Havia uma liberdade e poder nessa existência de homem que ela nunca experimentara antes, e Joana descobriu que gostava dela, gostava muito.

— Talvez eu não devesse lhe dizer isso, para não deixá-lo convencido demais — havia-lhe dito o fofoqueiro porteiro Hatto no dia anterior, sorrindo —, mas ontem ouvi o padre abade dizer ao prior José que você tem a mente mais perspicaz de todos os irmãos, e que um dia trará grande distinção a esta casa.

As palavras da velha vidente da feira de São Dinis ecoaram nos ouvidos de Joana: “A grandeza será sua, além da sua imaginação”. Era isso mesmo que ela tinha querido dizer? “Criança trocada”, a velha a havia chamado, e dissera: “Você é o que não será; você será o que não é”.

É a pura verdade, pensou Joana amargamente, passando a mão na pequena região calva do seu cocuruto, quase escondida pelo espesso anel de cabelo dourado-branco ondulado que o rodeava. Seu cabelo — cabelo de sua mãe — havia sido a única vaidade de Joana. No entanto, ela ficara contente por ele ter sido raspado. Sua tonsura de monge, bem como a fina cicatriz na sua face esquerda deixada pela espada nórdica, realçavam seu disfarce masculino — disfarce do qual sua vida dependia.

Quando recém-chegada a Fulda, ela viveu dias de intensa apreensão, receosa de que algum inesperado aspecto da rotina monástica subitamente expusesse a sua identidade. Ela se empenhou arduamente em imitar a postura e o gestual masculino, sempre preocupada de que pudesse se trair em dúzias de pequenos modos insuspeitos, embora ninguém parecesse notar.

Felizmente, o modo beneditino de viver era cuidadosamente planejado para proteger a modéstia de cada membro da comunidade, do abade ao mais ínfimo dos irmãos. O corpo, vaso pecaminoso, devia ser o mais escondido possível. O vasto e comprido hábito beneditino fornecia ampla camuflagem à sua silhueta feminina, mas como precaução adicional ela atava os seios firmemente com faixas de linho.

A Regra de São Bento explicitamente estipulava que os irmãos dormissem com suas roupas e nada deixassem descoberto além de suas mãos e pés, mesmo nas noites mais quentes de Heuvinan¹². Banhos eram proibidos, exceto para os doentes. Mesmo as *necessaria*, ou latrinas comunitárias, preservavam fraternal modéstia por meio de divisórias entre todos os frios assentos de pedra.

Logo ao adotar seu disfarce na estrada de Dorstadt para Fulda, Joana havia aprendido a conter seu sangramento mensal com um chumaço espesso de folhas absorventes, que ela podia enterrar depois. Na abadia, mesmo essa precaução acabou sendo dispensável. Ela simplesmente jogava as folhas sujas nos buracos escuros e profundos das *necessaria*, onde se misturavam indistintamente com outros excrementos.

Todos em Fulda a aceitavam inquestionavelmente como um garoto. Uma vez que o gênero de uma pessoa era estabelecido, Joana veio a perceber, ninguém pensava mais a respeito. Isso era fortuito, pois a descoberta de sua verdadeira identidade significaria morte certa.

Foi a consciência de tal perigo que a impediu, no início, de tentar contatar Gerold. Não havia ninguém em quem pudesse confiar para lhe mandar uma mensagem, e não havia meio de sair. Como noviço, ela era vigiada de perto todas as horas do dia e da noite.

Ela havia passado horas desperta no seu estreito catre, atormentada pela dúvida. Mesmo que conseguisse fazer contato com Gerold, haveria ele de querê-la? Quando haviam estado juntos pela última vez na beira do rio, ela tinha desejado que ele fizesse amor com ela — a lembrança a fez enrubescer —, mas ele se recusara. Depois, a caminho de casa, ele parecia distante, quase como se estivesse zangado. Em seguida, aproveitara a primeira oportunidade para ir embora.

“Você não devia tê-lo levado a sério”, Richild dissera. “Você é apenas a última conta no longo colar de conquistas de Gerold.” Seria verdade? Na época fora impossível de acreditar, mas talvez Richild tivesse dito a verdade.

Seria absurdo arriscar tudo, sua própria vida, para contatar um homem que não a queria, que talvez nunca a tivesse querido. E, no entanto...

Fazia três meses que ela morava em Fulda, quando presenciou algo que a ajudou a decidir o que fazer. Ela estava passando pela granja com um grupo de colegas noviços a caminho do claustro, quando uma comoção perto do portão chamou a atenção deles. Ela viu uma escolta de cavaleiros entrando, seguida por uma dama, suntuosamente vestida de seda dourada, aprumada e elegante sobre a sela como um pilar de mármore. Era bonita, de feições delicadas e pálidas emolduradas por uma cascata de cabelo castanho claro e lustroso, mas seus olhos escuros e inteligentes traziam uma expressão de misteriosa tristeza.

— Quem é ela? — perguntou Joana, intrigada.

— Judite, esposa do visconde Waifar — respondeu irmão Rodolfo, o mestre de noviços. — Uma mulher letrada. Dizem que ela sabe ler e escrever em latim como um homem.

— *Deo, juva nos.* — O irmão Gailo se persignou. — Ela é bruxa?

— Tem grande reputação de mulher devota. Até escreveu um comentário sobre a vida de Ester.

— Abominação — disse o irmão Tomé, um dos demais noviços. Moço feioso, com cara de melão, queixo fendido e olhos com pálpebras grandes, Tomé estava convencido de sua virtude superior, e aproveitava cada oportunidade para exibí-la. — Uma grotesca

violação da natureza. O que pode uma mulher, criatura de paixões vis, saber sobre tais coisas? Deus decerto a punirá por sua arrogância.

— Ele já a puniu — observou o irmão Rodolfo —, pois embora o visconde precise de um herdeiro, sua senhora é estéril. Ainda no mês passado ela deu à luz mais uma criança natimorta.

A nobre procissão se deteve diante da igreja abacial. Joana observou Judite desmontar e se aproximar da porta da igreja com solene dignidade, carregando apenas um círio.

— Você não deve encará-la, irmão João — admoestou Tomé virtuosamente. Ele frequentemente ostentava virtude diante do irmão Rodolfo à custa dos seus colegas noviços. — Um monge temente a Deus deve manter os olhos castamente abaixados diante de uma mulher — ele citou a regra como um santarrão.

— Tem razão, irmão — redarguiu Joana. — Mas é que eu nunca tinha visto uma dama como essa, com um olho azul e outro castanho.

— Não agrave o seu pecado com inverdades, irmão João. Os dois olhos da dama são castanhos.

— E como pode saber disso, irmão — perguntou Joana ardilosamente —, se você não olhou para ela?

Os outros noviços desataram a rir. Até o irmão Rodolfo não pôde reprimir um sorriso.

Tomé fulminou Joana com o olhar. Ela o tinha feito de bobo, e ele não era do tipo que esquece tal injúria.

A atenção deles foi desviada pelo irmão Hilduíno, o sacristão, que se apressou em se interpor entre Judite e a igreja.

— Que a paz esteja com a senhora — disse ele em vernáculo frâncico.

— *Et cum spiritu tuo* — ela respondeu em perfeito latim.

De modo ostensivo, o irmão Hilduíno dirigiu-se a ela de novo em vernáculo:

— Se deseja comida e alojamento, estamos prontos para acomodá-la e à sua comitiva. Venha, vou acompanhá-la aos aposentos para visitas ilustres e informar o nosso senhor abade da sua chegada. Ele sem dúvida desejará saudá-la em pessoa.

— É muita gentileza sua, padre, mas não vim requerer *hospitalitas* — redarguiu ela de novo em latim. — Só desejo acender uma vela na igreja para o meu bebê morto. Depois seguirei o meu caminho.

— Ah! Então é meu dever, minha filha, como sacristão desta igreja, informá-la de que a senhora não pode passar por estas portas enquanto ainda estiver — ele procurou a palavra adequada — impura.

Judite enrubesceu, mas não perdeu a compostura:

— Conheço a lei, padre — disse ela calmamente. — Aguardei os requeridos trinta e três dias após o parto.

— O bebê que a senhora deu à luz era uma menina, não era? — perguntou Hilduíno com ar condescendente.

— Era.

— Nesse caso, o período de impureza é mais longo. A senhora não pode entrar nos sagrados recintos desta igreja durante sessenta e seis dias após o nascimento da criança.

— Onde está escrito isso? Nunca li essa lei.

— Nem é apropriado que o faça, sendo mulher.

Joana ficou indignada com o descaramento da afronta. Com a força da experiência pessoal, ela sentiu a vergonha da humilhação de Judite. Toda a cultura daquela dama, sua inteligência e sua educação de nada serviam. O mendigo mais vil, ignorante e enlameado podia entrar na igreja para rezar, mas Judite não podia, porque estava “impura”.

— Volte para casa, filha — continuou o irmão Hilduíno — e reze na sua capela particular pela alma de seu bebê não-batizado. Deus tem horror do que é contra a natureza. Largue a pena e manuseie agulhas; arrependa-se do seu orgulho, e Ele talvez remova o fardo que colocou sobre a senhora.

O rubor nas faces de Judite espalhou-se pelo seu rosto.

— Esse insulto não ficará impune. Meu marido tomará conhecimento dele, e não ficará satisfeito.

Era uma bravata, pois a autoridade temporal do visconde Waifar não tinha peso algum ali, e ela sabia disso. De cabeça erguida, voltou-se para a sua montaria à espera.

Joana avançou do pequeno grupo de noviços.

— Dê-me a vela, senhora — falou, estendendo a mão. — Eu a acenderei para a senhora.

Surpresa e desconfiança afloraram aos belos olhos negros de Judite. Seria aquilo outra tentativa de humilhá-la? Mas algo nos olhos cinza-esverdeados que encontraram os seus a persuadiu. Após um instante, sem uma palavra, ela colocou a fina vela nas mãos estendidas de Joana. Em seguida montou de novo e atravessou o portão.

Joana acendeu a vela diante do altar, conforme prometera. O sacristão ficou furioso. “Atrevimento intolerável!”, declarou. E naquela noite, para evidente deleite do irmão Tomé, foi forçada a jejuar em penitência pelo seu crime.

Depois desse episódio, Joana fez um esforço determinado para afastar Gerold de sua mente. Ela nunca seria feliz vivendo a existência restrita de uma mulher. Além disso, pensava ela, sua relação com Gerold não era o que ela havia pensado. Ela tinha sido uma criança, inexperiente e ingênua; seu amor fora uma ilusão romântica oriunda da solidão e da carência. Gerold certamente não a amara, do contrário não teria partido.

Aegra amans, pensou. Virgílio estava certo: o amor era um tipo de doença. Ele alterava as pessoas, fazendo com que se comportassem de modo estranho e irracional. Ela estava contente por ter acabado com aquilo.

Nunca se entregue a um homem. A advertência da sua mãe voltou-lhe à memória. Ela a havia esquecido no fervor de sua paixão infantil. Agora percebia quão afortunada tinha sido em escapar do destino de sua mãe.

Joana disse essas coisas a si mesma tantas vezes, que acabou acreditando nelas.



Os irmãos estavam reunidos na sala capitular, sentados por ordem de idade nas *gradines*, filas de assentos de pedra ao longo das paredes do aposento. O capítulo era a assembleia mais importante do dia, à exceção dos ofícios religiosos, pois ali eram discutidos os assuntos temporais da comunidade, bem como questões relativas à administração, ao dinheiro, às nomeações e aos litígios. Era também onde os irmãos que haviam cometido transgressões da regra deviam confessar seus pecados e receber suas penitências, ou se arriscavam a ser acusados por outros.

Joana sempre vinha ao capítulo com o coração aos pulos. Teria inadvertidamente se revelado por meio de alguma palavra ou gesto descuidado? Se a sua verdadeira identidade viesse a ser descoberta, ali era o lugar onde ela o saberia.

O encontro começava sempre com a leitura de um capítulo da Regra de São Bento, o livro de regulamentos monásticos que orientava a vida espiritual e administrativa da comunidade no dia-a-dia. A regra era lida do princípio ao fim, um capítulo por dia, de forma que, no decorrer de um ano, os irmãos a ouvia na íntegra.

Depois da leitura e da bênção, o abade Rabano perguntou:

— Irmãos, vocês têm pecados a confessar?

Antes que ele terminasse de perguntar, o irmão Thedo ergueu-se de um salto.

— Padre, tenho um pecado a confessar.

— Qual é, irmão? — perguntou o abade Rabano com pouca paciência, pois o irmão Thedo era sempre o primeiro a acusar-se.

— Pequei ao realizar o *opus manuum*. Enquanto copiava a vida de santo Amando, adormeci no *scriptorium*.

— De novo? — O abade Rabano ergueu uma sobrancelha.

Thedo baixou a cabeça humildemente.

— Padre, sou pecador e indigno. Por favor, imponha-me a mais severa das penitências.

O abade Rabano suspirou.

— Muito bem. Por dois dias você ficará em pé, como penitente, diante da igreja.

Os irmãos sorriram. O irmão Thedo já cumprira tantas vezes essa penitência diante da igreja, que parecia fazer parte da decoração, uma coluna viva de remorso.

Thedo ficou desapontado.

— O senhor é muito caridoso, padre. Para um pecado tão grave como o meu, peço autorização para cumprir a penitência durante uma semana.

— Deus não aprova o orgulho, Thedo, mesmo no sofrimento. Lembre-se disso, enquanto pede o perdão Dele para as suas outras faltas.

A reprimenda acertou em cheio. Thedo corou e sentou-se.

— Há outras faltas a confessar? — perguntou Rabano.

O irmão Hunrico levantou-se.

— Cheguei duas vezes atrasado ao ofício da noite.

O abade Rabano assentiu com a cabeça. O atraso de Hunrico fora notado, mas como ele admitira sua falta e não tentara escondê-la, sua penitência seria leve.

— Até o dia de são Dinis você ficará de vigia à noite.

O irmão Hunrico baixou a cabeça. Faltavam dois dias para a Festa de São Dinis; nas duas noites seguintes ele precisaria ficar acordado e observar o progresso da lua e das estrelas através do céu, a fim de determinar com a maior exatidão possível a chegada da oitava hora da noite, ou duas da manhã, e então acordar os irmãos adormecidos para a celebração das vigílias. Estas vigias eram essenciais para a observância estrita do ofício da noite, pois o relógio de sol era a única outra forma de medir a passagem do tempo, e ela era inútil, obviamente, na escuridão.

— Durante a sua vigia — prosseguiu Rabano — você se ajoelhará em oração incessante sobre um punhado de urtigas, a fim de lembrá-lo dolorosamente da sua indolência e impedir que você agrave a sua falta com pecaminosa sonolência.

— Sim, padre abade. — O irmão Hunrico aceitou a penitência sem rancor. Para uma ofensa tão grave, o castigo poderia ter sido bem pior.

Diversos irmãos se levantaram por sua vez e confessaram faltas insignificantes, como quebrar pratos no refeitório, erros de escrita, enganos na oração, recebendo as penitências correspondentes com humilde aceitação. Quando terminaram, o abade Rabano fez uma pausa para ter certeza de que ninguém mais desejava confessar. Então, disse:

— Alguma outra infração à regra foi cometida? Fale quem quiser, pelo bem das almas dos seus irmãos.

Era desta parte da reunião que Joana tinha pavor. Percorrendo as filas de irmãos, seu olhar caiu no irmão Tomé. Sob as pálpebras pesadas, os olhos dele encaravam-na com hostilidade inequívoca. Ela se mexeu desconfortavelmente no assento. *Será que ele pretende me acusar de algo?*

Mas Tomé não fez menção de se levantar. Da fila de assentos bem atrás dele, o irmão Odilão ficou em pé.

— No dia de jejum de sexta-feira, vi o irmão Hugo colher uma maçã do pomar e comê-la.

O irmão Hugo levantou-se nervosamente.

— Padre, é verdade que colhi a maçã, pois estava trabalhando duro arrancando ervas daninhas, e senti uma grande fraqueza nos membros. Mas, Santo Padre, eu não comi a maçã, só lhe dei uma mordidinha para recuperar as forças e poder continuar o *opus manuum*.

— A fraqueza da carne não é desculpa para violação da regra — respondeu o abade Rabano severamente. — É uma provação mandada por Deus para testar o espírito dos fiéis. Como Eva, a mãe do pecado, você falhou no teste, irmão, um pecado grave, sobretudo porque você não procurou confessá-lo. Em penitência, você jejuará por uma semana e se absterá de pitanças até a Epifania.

Uma semana de fome e nada de pitanças — as pequenas guloseimas que suplementavam a espartana dieta monástica de legumes e, ocasionalmente, peixe — até bem depois do Natal! Esta última parte seria especialmente dura de aguentar, pois nessa época sagrada as ofertas choviam sobre a abadia, vindas de toda a

região, quando os cristãos culpadamente olhavam pelo bem-estar de suas almas. Bolos de mel, empadões, galinhas assadas e outras indulgências raras e maravilhosas, agraciariam brevemente as mesas da abadia. O irmão Hugo olhou cheio de ódio para o irmão Odilão.

— Além disso — prosseguiu o abade Rabano —, em agradecimento pela atenção do irmão Odilão ao seu bem-estar espiritual, você se prostrará diante dele hoje à noite e lhe lavará os pés com humildade e gratidão.

O irmão Hugo baixou a cabeça. Faria, forçosamente, o que o abade ordenara, mas Joana duvidava muito que ele sentisse gratidão. Era mais fácil impor penitências ao corpo que ao coração.

— Há mais faltas que precisam ser reveladas? — perguntou o abade Rabano. Como ninguém respondeu, ele disse com gravidade: — Entristece-me informar que existe entre nós alguém culpado do mais perverso de todos os pecados, um crime detestável aos olhos de Deus...

Alarmada, Joana sentiu o coração subir-lhe à boca.

— ... a quebra do voto sagrado feito a Deus.

O irmão Gottschalk pôs-se de pé num salto.

— Foi voto do meu pai, não meu! — disse ele, com voz embargada.

Gottschalk — ou Godescalco, como o chamavam os irmãos, em latim — era um rapaz três ou quatro anos mais velho que Joana, com cabelo negro encaracolado e olhos tão fundos nas órbitas que pareciam duas contusões escuras. Como Joana, ele era um oblato, oferecido ao monastério na infância pelo seu pai, um nobre saxão. Agora que era adulto, queria sair.

— É lícito a um cristão dedicar o seu filho a Deus — disse Rabano com severidade. — Tal oferta não pode ser retirada sem pecado grave.

— Não é pecado um homem ser forçado a viver contra sua natureza e vontade?

— “Se um homem não se converte, Ele afia Sua espada” — citou o abade pomposamente — “retesa e aponta seu arco, contra ele prepara armas mortíferas.”

— Isso é tirania, não verdade! — gritou Gottschalk passionalmente.

“Ignomínia!” “Pecador!” “Tenha vergonha, irmão!” Gritos esparsos de ultraje pontuavam o coro de vaias dos monges.

— Meu filho, a sua desobediência colocou a sua alma imortal em grave perigo — disse o abade Rabano solenemente. — Só há uma cura para essa doença, nas palavras justas e terríveis do Apóstolo: *Tradere hujusmodi hominem in interitum carnis, ut spiritus salvus sit in diem Domini*. “Tal homem deve ser entregue para que sua carne seja destruída, de modo que seu espírito possa ser salvo no dia do Senhor.”

A um sinal de Rabano, dois dos decanos juniores, irmãos encarregados da disciplina monástica, agarraram Gottschalk e empurraram-no para o meio da sala. Ele não ofereceu resistência quando eles o puseram de joelhos e rudemente levantaram-lhe as vestes, deixando expostas suas costas e nádegas. O diácono sênior, irmão Germário, foi buscar uma robusta vara de salgueiro, com grossos cordões cheios de nós na extremidade, guardada num canto da sala para esse propósito. Posicionando-se cuidadosamente, ele ergueu o açoite bem alto e desferiu nas costas de Gottschalk uma forte vergastada, cujo som cortante reverberou pela assembleia silenciosa.

A pele cicatrizada das costas de Joana fremiu. A carne tem memória própria, mais aguçada que a da mente.

O irmão Germário ergueu a vara de novo e açoitou com mais força ainda. O corpo de Gottschalk estremeceu, mas ele cerrou os lábios, recusando-se a dar ao abade Rabano a satisfação de ouvi-lo gritar. A vara ergueu-se e caiu, ergueu-se e caiu, e Gottschalk continuava não se deixando abater.

Depois das sete vergastadas habituais, o irmão Germário baixou o açoite. O abade, raivosamente, fez-lhe sinal para continuar. Surpreso, Germário obedeceu.

Mais três vergastadas, quatro, cinco, e então houve um estalo horrível, quando a vara atingiu um osso. Gottschalk jogou a cabeça para trás e gritou — um grito forte, terrível, dilacerante, vindo do âmago do seu ser. O som lancinante ficou suspenso no ar, depois deu lugar a um soluço prolongado e convulsivo.

O abade Rabano assentiu, satisfeito, e fez sinal ao irmão Germário que parasse. Quando Gottschalk foi erguido e conduzido, ou antes arrastado, para fora do aposento, Joana teve um vislumbre de branco no meio das costas ensanguentadas dele. Era uma costela, e havia perfurado completamente a carne.

Era muito raro a enfermaria estar vazia, mas o dia estava quente e sem brisa, de modo que os idosos e os doentes crônicos haviam sido levados para tomar sol.

Semiconsciente, o irmão Gottschalk estava de bruços na cama da enfermaria, suas feridas abertas avermelhando os lençóis. Irmão Benjamim, o médico, estava debruçado sobre ele, tentando estancar o sangue com a ajuda de umas bandagens de linho, já completamente saturadas de sangue. Levantou os olhos assim que Joana entrou.

— Que bom, você veio. Pegue algumas bandagens na prateleira.

Joana apressou-se em atendê-lo. O irmão Benjamim retirou as bandagens velhas, jogou-as no chão e aplicou as novas. Em instantes, ficaram ensopadas.

— Ajude-me a movê-lo — disse Benjamim. — Do modo como ele está deitado, aquele osso ainda está fazendo estrago. Precisamos recolocar a costela no lugar, ou nunca estancaremos o sangramento.

Joana foi para o outro lado da cama, posicionando as mãos de modo que um rápido movimento para frente recolocasse o osso no lugar.

— Com cuidado — disse Benjamim. — Mesmo semiconsciente, ele vai sentir muita dor. Quando eu contar até três, irmão. Um, dois, três!

Joana empurrou quando o irmão Benjamim puxou. Houve um novo derramamento de sangue, e o osso deslizou para baixo da carne exposta.

— *Deo, juva me!* — Gottschalk levantou a cabeça numa prece torturada e perdeu os sentidos.

Eles estancaram o sangue e limparam-lhe as feridas.

— Bem, irmão João, o que deve ser feito em seguida? — o irmão Benjamim testou Joana depois de terem acabado.

Ela foi rápida na resposta:

— Aplicar um unguento... de artemísia, talvez, misturada com um pouco de poejo. Ensopar algumas bandagens em vinagre e aplicá-las como um emplastro curativo.

— Muito bem — Benjamim estava contente. — Colocaremos um pouco de ligústica também, para prevenir contra infecções.

Trabalharam lado a lado, preparando a solução, o odor pungente das ervas recém-moídas pairando estonteante em volta deles. Quando as bandagens estavam encharcadas e prontas, Joana entregou-as ao irmão Benjamim.

— Coloque você — disse ele, e então se afastou e observou enquanto seu jovem aprendiz juntava com firmeza as feias bordas de pele e habilmente posicionava as bandagens.

Ele se aproximou para examinar o paciente. A bandagem estava perfeita, ele próprio não teria feito melhor. Entretanto, não gostou do aspecto do irmão Gottschalk. A pele dele, fria e úmida ao toque, estava branca como lã recém-tosquiada. A sua respiração era muito fraca, e a pulsação, que mal se podia detectar, estava perigosamente acelerada.

Vai morrer, percebeu o irmão Benjamim, aflito, e pensou: *o padre abade ficará furioso*. Rabano tinha-se excedido no capítulo e sabia disso; a morte de Gottschalk serviria tanto como reprimenda quanto como embaraço.

E se a notícia chegasse ao rei Ludovico... bem, nem mesmo abades eram imunes à censura e à demissão.

O irmão Benjamim vasculhou sua mente em busca de algo mais que pudesse fazer. Sua farmacopeia era inútil, pois ele não podia administrar nada por via oral, nem mesmo água para repor os fluídos perdidos, enquanto o seu paciente estivesse inconsciente.

A voz de João Ânglico despertou-o do seu devaneio.

— Devo acender o braseiro e colocar algumas pedras para aquecer?

Benjamim olhou com surpresa para o seu assistente. Envolver um paciente com pedras aquecidas envoltas em flanela era procedimento médico padrão no inverno, quando o frio podia minar as forças de um homem doente, mas agora, nos últimos dias quentes de outono...?

— O tratado de Hipócrates sobre ferimentos — recordou Joana. Ela tinha-lhe dado sua tradução da brilhante obra do médico grego no mês anterior.

O irmão Benjamim franziu o cenho. Ele gostava da prática medicinal, e dentro da limitação médica da época, era bom nela. Mas não era nenhum inovador; sentia-se mais à vontade com remédios seguros e familiares do que com ideias e teorias novas.

— O choque causado por uma lesão violenta — continuou Joana, ocultando sua impaciência. — Segundo Hipócrates, pode matar um homem com um frio penetrante emanado de dentro.

— É verdade que já vi homens morrerem de repente após uma lesão, embora seus ferimentos não parecessem mortais — falou devagar o irmão Benjamim. — *Deus vult*, pensei, vontade de Deus...

O jovem rosto inteligente de João Ânglico irradiava expectativa, aguardando permissão para agir.

— Está bem — cedeu o irmão Benjamim —, acenda o braseiro; é improvável que faça algum mal ao irmão Godescalco, talvez faça até algum bem, como diz o médico pagão. — Sentou-se num banco, grato por poder descansar suas pernas artríticas enquanto seu jovem assistente cheio de energia alvoroçava-se pelo aposento, acendendo o fogo e colocando pedras sobre ele.

Quando as pedras ficaram quentes, Joana envolveu-as em camadas grossas de flanela e colocou-as cuidadosamente em volta de Gottschalk. Duas das maiores ela posicionou debaixo dos pés dele, para que estes ficassem levemente erguidos, conforme a recomendação de Hipócrates. Ela concluiu cobrindo tudo com um cobertor leve de lã, para reter o calor.

Após um breve instante, as pálpebras de Gottschalk agitaram-se; ele gemeu e começou a se mexer. O irmão Benjamim aproximou-se da cama. Uma saudável coloração rosada retornara à pele de Gottschalk, e ele estava respirando quase normalmente. Tomando-lhe o pulso, verificou que o batimento cardíaco estava forte e regular.

— Deus seja louvado. — O irmão Benjamim suspirou, aliviado. Sorriu para João Ânglico por cima da cama. *Ele tem o dom*, pensou o irmão Benjamim com orgulho quase paternal e um pinga de inveja. Desde o início o garoto se revelara muito promissor — por isso

Benjamim o tomara como assistente —, mas ele nunca imaginara que João Ânglico chegaria tão longe tão depressa. Em poucos anos ele dominava as habilidades que o irmão Benjamim levava uma vida para adquirir.

— Você tem o dom da cura, irmão João — disse com benevolência. — Hoje você superou o seu velho mestre; em breve, nada terei para lhe ensinar.

— Não diga isso — respondeu Joana, chateada, pois gostava muito de Benjamim. — Sei que ainda tenho muito que aprender.

Gottschalk gemeu de novo, seus lábios apertados revelando os dentes.

— Ele está começando a sentir as dores — disse o irmão Benjamim. Apressou-se em preparar uma poção de vinho tinto e salva, na qual deitou umas gotas de sumo de papoula. Um preparado daqueles exigia o maior cuidado, pois o que podia, em doses pequenas, aliviar de dores insuportáveis, podia também matar, dependendo apenas da competência do médico.

Quando terminou, o irmão Benjamim estendeu a taça transbordante a Joana, que a levou à cama e ofereceu-a a Gottschalk. Orgulhosamente ele a afastou, embora esse simples movimento o tenha feito gritar de dor.

— Beba, irmão — repreendeu Joana gentilmente, levando a taça aos lábios de Gottschalk. — Você precisa ficar bem se quiser algum dia ganhar a sua liberdade — acrescentou num sussurro conspiratório.

Gottschalk lançou-lhe um olhar surpreso. Deu alguns golinhos, depois bebeu rapidamente, sedento, como um homem que chega ao poço após um dia quente de marcha.

Uma voz autoritária soou inesperadamente atrás deles:

— Não coloquem suas esperanças em ervas e poções.

Voltando-se, Joana viu o abade Rabano seguido de vinte irmãos. Ela pousou a taça e se levantou.

— O Senhor dá vida aos homens e os torna sãos. Só a oração pode restabelecer a saúde deste pecador. — O abade Rabano fez sinal aos irmãos, que rodearam a cama silenciosamente.

O abade dirigiu-os na oração pelo doente. Gottschalk não se juntou a eles. Ficou imóvel e de olhos fechados, como se dormisse,

embora Joana pudesse ver, pela respiração dele, que ele não estava dormindo.

Seu corpo vai sarar, pensou ela, *mas não sua alma ferida*. Joana solidarizava-se com o jovem monge. Ela entendia a recusa teimosa dele em se submeter à tirania de Rabano, pois se lembrava bem demais da sua própria luta encarniçada contra o seu pai.

— Louvemos e agradeçamos a Deus. — A voz do abade Rabano elevava-se acima da dos outros irmãos.

Joana juntou-se ao louvor a Deus, mas intimamente deu graças também ao pagão Hipócrates, adorador de ídolos, cujos ossos eram pó, séculos antes que Cristo nascesse, mas cuja sabedoria havia atravessado mais de mil anos para curar um dos Seus filhos.

— Os ferimentos estão cicatrizando bem — Joana assegurou Gottschalk depois de remover as bandagens e inspecionar o dorso nu dele. Duas semanas haviam se passado desde o dia da flagelação, e a costela quebrada já solidificara, e as beiradas dentadas das feridas já tinham se unido, apesar de que, como ela, Gottschalk ficaria com as marcas da sua punição para sempre.

— Obrigado pelo trabalho que você teve, irmão — respondeu Gottschalk —, mas foi trabalho perdido, pois é mera questão de tempo até ele mandar me espancar de novo.

— Você apenas o provoca desafiando-o abertamente. Uma abordagem mais conciliatória seria melhor para você.

— Eu o desafiarei até meu último sopro de vida! Esse homem é perverso! — exclamou ele passionadamente.

— Já pensou em lhe dizer que você abre mão da sua terra em troca da sua liberdade? — perguntou Joana. Um oblato era sempre oferecido a um monastério juntamente com uma oferta substancial de terra; se o oblato mais tarde partisse, a terra presumivelmente seria devolvida a ele.

— Você acha que eu já não ofereci? — respondeu Gottschalk. — Não é a terra que ele quer, é a mim, é a minha submissão, de corpo e alma. E isso ele nunca terá, nem que me mate.

Era, portanto, uma disputa de vontades entre os dois, a qual Gottschalk não tinha como vencer. Melhor tirá-lo de lá antes que algo terrível acontecesse.

— Tenho pensado no seu problema — disse Joana. — No mês que vem haverá um sínodo em Mainz. Todos os bispos da Igreja comparecerão. Se você submetesse uma petição pela sua dispensa, eles teriam de analisá-la, e o que deliberarem terá autoridade superior à do abade.

Gottschalk respondeu, desolado:

— O sínodo nunca contestará a vontade do “grande” Rabano Mauro.

Ele tem poder demais.

— O poder de abades, até de arcebispos, já foi anulado antes — arguiu Joana. — E você tem um argumento forte pelo fato de ter sido oferecido como oblato na infância, antes de ter atingido a idade da razão. Pesquisei na biblioteca e encontrei algumas passagens de Jerônimo que embasam tal argumento. — Ela tirou um rolo de pergaminho de dentro do hábito. — Aqui está, veja por si próprio, anotei tudo.

Os olhos escuros de Gottschalk iluminaram-se ao ler. Levantou o olhar, entusiasmado.

— É brilhante! Nem vinte Rabanos poderiam refutar um argumento tão bem feito! — Então, nuvens negras voltaram a toldar-lhe os olhos. — Mas... não tenho como apresentar isto ao sínodo. *Ele* nunca me dará permissão para sair, mesmo por um dia, muito menos para ir a Mainz.

— Burchard, o mercador de tecidos, pode levar para você. Seu negócio o faz vir aqui regularmente. Conheço-o bem, pois ele vem à enfermaria buscar remédio para a esposa, que sofre de enxaqueca. É um homem bom, e podemos confiar nele para levar a petição em segurança até Mainz.

Gottschalk perguntou, desconfiado:

— Por que você está fazendo isto?

Joana deu de ombros.

— Um homem deve ser livre para viver a vida que escolher. — E acrescentou para si mesma: *Assim como uma mulher.*

Tudo correu conforme o planejado. Quando Burchard veio à enfermaria buscar o remédio para sua mulher, Joana entregou-lhe a

petição, que ele levou consigo guardada em segurança no seu alforje.

Algumas semanas depois, a abadia recebeu uma visita inesperada de Otgar, bispo de Trier. Após a saudação formal no pátio dianteiro, o bispo solicitou e recebeu uma audiência imediata com o abade em seus aposentos.

A notícia que o bispo trouxe era extraordinária: Gottschalk estava dispensado de seus votos; era livre para ir embora de Fulda quando quisesse.

Ele quis partir imediatamente, pois não desejava permanecer nem um minuto mais que o necessário sob o olho funesto de Rabano. Fazer as malas não foi problema; embora tivesse morado toda a sua vida no monastério, Gottschalk nada tinha para levar consigo, pois um monge não podia possuir coisa alguma. Irmão Anselmo, o cozinheiro, providenciou uma bolsa com comida para manter Gottschalk durante os primeiros dias na estrada, e aquilo foi tudo.

— Para onde você vai? — perguntou-lhe Joana.

— Para Speyer — ele respondeu. — Tenho uma irmã casada lá; poderei ficar com ela algum tempo. Depois... não sei.

Ele havia lutado por sua liberdade durante tanto tempo e com tão pouca esperança, que nem havia parado para considerar o que faria se a conseguisse. Ele nada conhecia além da vida monástica; suas rotinas seguras e previsíveis faziam parte dele, como sua respiração. Embora Gottschalk fosse orgulhoso demais para admiti-lo, Joana leu a insegurança e o medo nos olhos dele.

Os irmãos não se reuniram para uma despedida formal, pois Rabano o proibira. Apenas Joana e alguns outros irmãos, cujo *opus manuum* os obrigara a passar pelo pátio dianteiro àquela hora, estavam lá para ver Gottschalk atravessar o portão, finalmente um homem livre. Joana observou-o descer a estrada, o vulto alto e esguio dele ficando cada vez menor, até desaparecer no horizonte.

Encontraria a felicidade? Joana esperava que sim. Mas ele parecia o tipo de homem destinado a ansiar sempre pelo que não podia ter, a escolher para si o caminho mais pedregoso e mais árduo. Ela rezaria por ele, e por todas as almas tristes e atribuladas que precisavam viajar sozinhas pelas estradas.



No Dia de Finados, os irmãos de Fulda reuniram-se no pátio dianteiro para a *separatio leprosum*, a solene liturgia para segregar leprosos da sociedade. Naquele ano, sete desafortunados haviam sido identificados na região de Fulda, quatro homens e três mulheres. Havia um garoto de uns catorze anos, em quem as marcas da doença eram ainda pouco distinguíveis, e uma idosa de sessenta anos ou mais cujos olhos sem pálpebras e a ausência de lábios e dedos atestavam um estágio avançado da doença. Todos os sete haviam sido envoltos em mortalhas negras e arrebanhados no pátio, onde se acotovelavam num pequeno e infeliz bando.

Os irmãos se aproximaram em procissão solene. Primeiro veio o abade Rabano, empertigado em plena dignidade abacial. À sua direita seguia o prior José, e à sua esquerda, o bispo Otgar. Na retaguarda do cortejo, dois irmãos leigos empurravam um carrinho de mão cheio de terra tirada do cemitério.

— Proíbo-os de entrar em qualquer igreja, moinho, padaria, mercado, ou qualquer outro local de reunião — dirigiu-se o abade Rabano aos leprosos com grave solenidade. — Proíbo-os de usar as estradas e trilhas comuns. Proíbo-os de chegar perto de qualquer pessoa viva sem tocar o seu sino em sinal de alerta. Proíbo-os de tocar em crianças ou de dar-lhes qualquer coisa.

Uma das mulheres começou a se lamentar. Tinha duas manchas molhadas na frente da sua surrada túnica de lã. *Uma mãe lactante*, pensou Joana. *Onde está o bebê dela? Quem cuidará dele?*

— Proíbo-os de comer ou beber na companhia de qualquer pessoa, exceto leprosos como vocês — prosseguiu o abade Rabano. — Proíbo-os de lavar as mãos ou o rosto, ou quaisquer objetos que venham a usar, na margem do rio ou em qualquer fonte ou riacho. Proíbo-os de ter conhecimento carnal dos cônjuges de

vocês ou de qualquer outra pessoa. Proíbo-os de gerar filhos ou de amamentá-los.

O gemido angustiado da mulher intensificou-se, suas lágrimas correndo pela face ulcerada.

— Qual o seu nome? — perguntou o abade à mulher em vernáculo, mal escondendo sua irritação. A indecorosa demonstração de emoção dela estava estragando a bem ordenada simetria da cerimônia, com a qual Rabano havia esperado impressionar o bispo. Pois agora era aparente que Otgar não viera a Fulda meramente para trazer a notícia da dispensa de Gottschalk, mas também para observar e fazer um relatório sobre a gestão da abadia por Rabano.

— Madalgis — fungou a mulher em resposta. — Por favor, senhor, preciso ir para casa, quatro pequeninos órfãos de pai estão lá sem seu jantar!

— O céu proverá os inocentes. Você pecou, Madalgis, e Deus está afligindo você — explicou Rabano com infinita paciência, como a uma criança. — Não chore, antes agradeça a Deus, pois você sofrerá menos tormentos na vida eterna.

Madalgis ficou desnorteada, como se duvidasse de ter ouvido direito. Então, seu rosto contraiu-se e o choro irrompeu novamente, com redobrada intensidade, sua face avermelhando-se da base do pescoço até a raiz do cabelo.

Isso é estranho, pensou Joana.

Rabano deu as costas à mulher.

— *De profundis clamavi ad te, Domine...* — ele começou a prece pelos mortos. Os irmãos acompanharam, suas vozes mesclando-se em profundo uníssono.

Joana pronunciava as palavras mecanicamente, os olhos fixos em Madalgis.

Terminando a oração, Rabano procedeu à parte final da cerimônia, na qual cada leproso seria formalmente separado do mundo. Colocou-se diante do primeiro, o rapaz de catorze anos, com poucos sinais da doença.

— *Sis mortuus mundo, vivens iterum Deo* — disse o abade Rabano. — Morra para o mundo, viva aos olhos de Deus. — Fez sinal ao irmão Magenardo, que mergulhou uma pá no carrinho de

mão, ergueu um punhado de terra do cemitério e a atirou sobre o rapaz, sujando-lhe as roupas e o cabelo.

A cerimônia foi repetida cinco vezes, terminando sempre com a terra sendo jogada em alguém.

Quando chegou a vez de Madalgis, ela tentou fugir, mas os dois irmãos leigos barraram-na. Rabano franziu o cenho para ela.

— *Sis mortuus mundo, vivens iter...*

— Parem! — gritou Joana.

O abade Rabano calou-se. Todos se viraram para localizar a origem dessa interrupção sem precedentes.

Com todos os olhares sobre si, Joana avançou na direção de Madalgis e a examinou com rápida habilidade. Em seguida voltou-se para o abade.

— Padre, essa mulher não é leprosa!

— O quê? — Rabano esforçou-se para controlar sua cólera, para que o bispo não a percebesse.

— Suas lesões não são lepromatosas. Veja como a pele muda de cor, alimentada pelo sangue debaixo dela. Essa doença de pele não é infecciosa; ela tem cura.

— Se ela não é leprosa, então o que provocou essas úlceras? — perguntou Rabano.

— Pode haver muitas causas. É difícil dizer sem um exame mais cuidadoso. Mas qualquer que seja a causa, uma coisa é certa: não é lepra.

— Deus marcou essa mulher com a manifestação visível do pecado.

Não podemos desafiar a vontade Dele!

— Ela está marcada, mas não por lepra — respondeu Joana firmemente. — Deus nos proveu com o conhecimento para discernir entre aqueles que Ele escolheu para suportar esse fardo, e aqueles a quem não escolheu para tal. Ele aprovará se consignarmos a uma morte em vida alguém que não foi destinado a isso?

Era um argumento inteligente. Consternado, Rabano viu que os demais haviam sido tocados por ele.

— Como saberemos se você interpretou corretamente os sinais da vontade de Deus? — o abade redarguiu. — Será que o seu orgulho é tão grande a ponto de você sacrificar os seus irmãos a

ele? Pois, para poder tratar dessa mulher, será preciso colocar a todos em risco.

Isso suscitou murmúrios de preocupação. Nada, com exceção dos inimagináveis tormentos do inferno, inspirava mais horror, repugnância e medo que a lepra.

Com um uivo, Madalgis jogou-se aos pés de Joana. Ela estivera acompanhando a discussão sem entender, pois Joana e Rabano falavam em latim, mas conseguira discernir que Joana intervieria a seu favor e que estava perdendo a discussão.

Joana deu-lhe tapinhas no ombro, tanto para silenciá-la como para confortá-la.

— Nenhum dos irmãos precisa correr risco algum além de mim. Com a sua permissão, padre, irei com esta mulher à casa dela, levando os medicamentos que poderão vir a ser necessários.

— Sozinho? Com uma mulher? — As sobrancelhas de Rabano se ergueram em piedoso horror. — João Ânglico, talvez sua intenção seja inocente, mas você ainda é um homem jovem, sujeito às paixões abjetas da carne, das quais é meu dever, como seu pai espiritual, protegê-lo.

Joana abriu a boca para responder, depois a fechou, frustrada. Ninguém poderia estar mais isento de ser tentado por uma mulher do que ela, mas não havia como explicar isso a Rabano.

A voz rascante do irmão Benjamim soou atrás dela:

— Eu acompanharei o irmão João. Sou velho e já passei há muito da idade para tais tentações. Padre, pode confiar se o irmão João diz que a mulher não é leprosa, pois quando ele fala com tanta certeza, nunca se engana. A sua competência nestes assuntos é muito grande.

Joana lançou-lhe um olhar agradecido. Madalgis agarrou-se a ela. Os seus gemidos diminuíram sob o toque confortador de Joana.

O abade Rabano hesitou. O que ele queria mesmo era dar em João Ânglico umas boas pauladas por desobediência presunçosa. Mas o bispo Otgar estava observando; Rabano não podia parecer inflexível ou sem compaixão.

— Está bem — falou, mal-humorado. — Irmão João, depois das vésperas, você e o irmão Benjamim podem sair daqui com essa

pecadora e fazer o que puderem em nome de Deus para curá-la de sua enfermidade.

— Obrigado, Padre — disse Joana.

Rabano fez o sinal da cruz sobre eles.

— Que Deus, em Sua bondade misericordiosa, proteja vocês do mal.

A mula carregando os sacos de suprimentos médicos caminhava devagar e placidamente, indiferente ao pôr-do-sol. A cabana de Madalgis ficava a uns oito quilômetros; naquele passo arrastado, mal chegariam antes do anoitecer. Joana incitou a mula, impaciente. Para contentá-la, a besta deu cinco ou seis passos rápidos, depois retomou confortavelmente sua marcha original.

Enquanto caminhavam, Madalgis tagarelava com a energia nervosa que se segue frequentemente a um grande pavor. Joana e Benjamim ficaram sabendo de toda a sua triste história. Apesar da sua aparência indigente, ela não era nenhuma colona, e sim uma mulher livre cujo marido possuía o título independente de uma propriedade com cerca de doze hectares. Após a morte dele, sua esposa havia tentado sustentar a família trabalhando ela própria na terra, mas este esforço heroico foi abruptamente truncado pelo seu vizinho, o senhor Rathold, que cobiçava a próspera propriedade. Rathold denunciou a atividade de Madalgis ao abade Rabano, que a proibiu, sob pena de excomunhão, de empunhar a enxada e o ancinho de novo. “É sacrilégio uma mulher fazer trabalho de homem”, ele disse a ela.

Para não morrer de fome, Madalgis viu-se obrigada a vender a propriedade e a casa ao senhor Rathold por uma parcela mínima do seu valor, recebendo em troca apenas alguns soldos e uma minúscula cabana num povoado vizinho, com um pequeno trecho de pastagem para suas vacas.

Ela começou a fazer queijo, conseguindo assim um sustento mínimo com enorme dificuldade, trocando os frutos do seu trabalho por comida e coisas indispensáveis.

Ao avistar sua casa, Madalgis deu um grito de alegria e correu à frente, logo desaparecendo dentro dela. Joana e o irmão Benjamim seguiram-na minutos depois, e a encontraram imersa numa

confusão de crianças rindo, gritando e falando ao mesmo tempo. Ao verem os dois monges entrar, as crianças gritaram assustadas e rodearam Madalgis, temendo que a levassem de novo. Madalgis falou com elas e seus sorrisos voltaram, embora estudassem os dois estranhos com curiosidade.

Uma mulher entrou, segurando um bebê em cada braço. Fez uma respeitosa mesura aos dois monges, depois se apressou a entregar uma das crianças a Madalgis, que a segurou com alegria e deu-lhe o peito, que o bebê começou a sugar esfomeadamente. A outra mulher parecia uma senhora de pelo menos cinquenta anos, mas então Joana reparou que, embora a sua face estivesse cansada e marcada pelas preocupações, ela não era tão velha assim, talvez não tivesse mais de vinte e nove ou trinta anos.

Ela tem amamentado o bebê de Madalgis juntamente com o seu, percebeu Joana. Com compaixão ela notou nos seios vazando, no abdome flácido e na palidez malsã da mulher. Joana já vira os sintomas antes: as mulheres frequentemente pariam o primeiro filho com treze ou catorze anos, e a partir daí viviam num estado de gravidez permanente, dando à luz um bebê após o outro com exaustiva regularidade. Não era incomum uma mulher ter vinte ou trinta gravidezes durante a vida, embora algumas dessas fossem inevitavelmente interrompidas por abortos. Quando uma mulher chegava à idade em que o corpo muda — se vivesse até lá, pois os partos eram muitíssimo arriscados — o seu corpo estava gasto e o seu espírito abatido pela exaustão. Joana tomou nota mentalmente para fazer um tônico de casca de carvalho e de salva para fortalecer a mulher contra o inverno que se aproximava.

Madalgis falou com seu filho mais velho, um garoto desengonçado de doze ou treze anos. Ele saiu e voltou um minuto depois com um pão e um pedaço de queijo raiado de azul, que ofereceu a Joana e ao irmão Benjamim. O irmão Benjamim pegou pão, mas recusou o queijo, que estava obviamente podre e embolorado. Joana também achou o queijo repugnante, mas para agradar o menino, partiu um pedacinho e colocou-o na boca. Para sua surpresa, tinha um gosto maravilhoso, forte e saboroso como nenhum queijo das mesas de Fulda.

— Puxa, é delicioso!

O rapaz sorriu.

— Qual o seu nome? — perguntou-lhe ela.

— Arn respondeu ele timidamente.

Enquanto comia, Joana dava uma olhada no ambiente. A casa de Madalgis era uma cabana pequena e sem janelas, toscamente construída com ripas cruzadas rebocadas com lama e revestidas com palha e folhas. Havia grandes brechas nas paredes, por onde entrava o ar frio da noite, agitando a fumaça da lareira e formando uma nuvem asfixiante. Num canto havia um cercado para animais; em um mês, Madalgis traria as suas vacas para passar o inverno lá dentro — prática comum entre os pobres. Assim, não só protegiam o seu ganha-pão, mas também traziam uma bem-vinda fonte adicional de calor para seus lares. Infelizmente, além de calor os animais também traziam carrapatos, moscardos, pulgas e um enxame de outros parasitas, os quais se instalavam entre os juncos que cobriam o chão e dentro das enxergas de palha. Quase sempre os pobres viviam cobertos de picadas e brotoejas, fato documentado nas igrejas locais, cujas paredes ostentavam representações gráficas de Jó, com o corpo coberto de úlceras, raspando suas feridas com uma faca.

Algumas pessoas — e Joana suspeitava que Madalgis fosse uma delas — desenvolviam reações fortes e incomuns a picadas de insetos. A pele delas inchava em grandes feridas que, irritadas por roupas de lã grosseira e suja, acabavam por infeccionar.

Contudo, a prova do diagnóstico de Joana teria de esperar, pois estava completamente escuro. *Amanhã*, pensou Joana preparando-se para dormir, *amanhã veremos*.

No dia seguinte, limparam a pequena cabana de cima a baixo. Os juncos velhos que cobriam o solo foram jogados fora e o chão de terra completamente varrido. As enxergas foram queimadas e substituídas por novas, feitas de palha fresca. Até o telhado de colmo, que havia começado a ceder e apodrecer de tão velho, foi trocado.

A parte mais difícil foi convencer Madalgis a tomar um banho. Como todo mundo, ela lavava regularmente a cara, as mãos e os

pés, mas a ideia de uma imersão total era-lhe estranha, até mesmo perigosa.

— Vou apanhar o fluxo e morrer! — gemeu.

— Você morrerá se não o fizer — respondeu Joana com firmeza.

— A existência de um leproso é uma morte em vida.

Os ventos frios de Herbistmanoth¹³ haviam deixado o pequeno riacho, que corria atrás do povoado, frio demais para banho. Tiveram de ir buscar água, aquecê-la na lareira e depois colocá-la numa tina de madeira usada para lavar roupa. Enquanto os dois monges ficavam de costas para ela, Madalgis entrava apavorada na tina e lavava seu corpo com água e sabão.

Depois do banho, Madalgis vestiu uma nova túnica limpa, que Joana conseguira com o irmão Conrado, o despenseiro, prevendo que seria necessária. Feita de linho espesso, era quente o suficiente para Madalgis passar o Inverno, além de ser bem mais macia e menos irritante para a pele do que lã.

Limpa e com sua casa livre de insetos, brilhando do telhado ao chão, Madalgis começou imediatamente a melhorar. Suas lesões secaram, exibindo sinais de cura.

O irmão Benjamim estava extasiado.

— Você tinha razão! — disse ele a Joana. — Não é lepra! Temos que voltar e mostrar aos outros!

— Mais alguns dias — disse Joana com cautela. Não podia haver qualquer dúvida com relação à cura dela quando voltassem.

— Mostre-me outro — pediu Arn.

Joana sorriu. Nos últimos dias estivera ensinando ao menino o método clássico de computação digital de Beda, e ele se revelara um aluno apto e curioso.

— Primeiro mostre-me que você se lembra do que já aprendeu. O que estes representam? — Ela ergueu os últimos três dedos da mão esquerda.

— As unidades — o menino disse sem hesitar. — E estes — levantou o polegar e o indicador esquerdo — são decimais.

— Muito bem. E na mão direita?

— Estes representam as centenas e estes, os milhares. — Levantou os dedos adequados para ilustrar.

— Muito bem, quais números você quer usar?

— Doze, que é a minha idade. E — pensou por um instante — trezentos e sessenta e cinco, pois é o número de dias em um ano! — falou, orgulhoso por exhibir outra coisa que aprendera.

— Doze vezes trezentos e sessenta e cinco. Vamos ver... — Os dedos de Joana moviam-se rapidamente, computando o total. — Quatro mil, trezentos e oitenta.

Arn bateu palmas de deleite.

— Tente você — disse Joana, fazendo de novo, mais devagar, dando-lhe tempo para imitar cada gesto. Então, mandou-o fazê-los sozinho. — Excelente! — disse ela, depois que ele o fizera.

Arn sorriu, encantado com o jogo e com o elogio. Então seu rostinho redondo ficou sério.

— Até onde você consegue chegar? — perguntou. — Você pode fazê-lo com uma centena e um milhar? Com... um milhar e outro milhar?

Joana fez que sim com a cabeça.

— Toque no peito assim... está vendo? Isto lhe dá dezenas de milhares. E se você tocar na sua coxa, assim, obtém centenas de milhares. Portanto — os dedos dela voltaram a se mexer — mil e cem vezes dois mil e trezentos dá... dois milhões, quinhentos e trinta mil!

Os olhos de Arn esbugalharam-se de espanto. Eram números tão grandes que ele nem conseguia imaginá-los.

— Mostre-me outro! — implorou ele. Joana riu. Gostava de ensinar o menino, pois ele tinha sede de conhecimento. Ele a fazia lembrar de si própria quando criança. *Que pena, pensou, que esta brilhante centelha de inteligência esteja destinada a se apagar na escuridão da ignorância.*

— Se eu desse um jeito — perguntou ela —, você gostaria de estudar na escola da abadia? Você pode continuar aprendendo lá, não só números, mas também a ler e escrever.

— Ler e escrever? — repetiu Arn, maravilhado. Aquelas habilidades extraordinárias eram reservadas a sacerdotes e grandes senhores, não a gente como ele. Perguntou ansiosamente:

— Eu teria que me tornar monge?

Joana achou graça. Arn estava na idade em que garotos começam a desenvolver um forte interesse pelo sexo oposto; a ideia de uma vida de castidade era compreensivelmente detestável para ele.

— Não — disse ela. — Você estudaria na Escola Externa, que é para estudantes leigos. Mas você teria que sair de casa e morar na abadia. E precisaria estudar muito, pois o professor é bem rigoroso.

Arn não hesitou por um instante sequer:

— Oh, sim! Sim, por favor!

— Está bem. Amanhã voltaremos a Fulda. Falarei com o professor.

— Até que enfim! — o irmão Benjamim suspirou de alívio. Logo à frente, onde a estrada pedregosa encontrava o horizonte, erguiam-se as muralhas cinzentas de Fulda e as torres gêmeas da igreja da abadia.

O pequeno grupo de viajantes havia suportado uma jornada cansativa desde a cabana de Madalgis, e a umidade fria tinha agravado o reumatismo de Benjamim, tornando cada passo um tormento.

— Chegaremos logo — disse Joana. — Em uma hora você estará com os pés levantados diante do braseiro no quarto de aquecimento.

À distância, o repicar de sinos anunciava a chegada deles; pois ninguém se aproximava dos portões de Fulda sem ser anunciado. Ao ouvir o barulho, Madalgis agarrou seu bebê, nervosa. Joana e o irmão Benjamim só conseguiram convencê-la a voltar à abadia se a deixassem levar seus filhos com ela.

Os irmãos estavam reunidos no pátio dianteiro para recebê-los, alinhados cerimoniosamente conforme a hierarquia, com o abade Rabano em pessoa, grisalho e majestosamente ereto, à frente.

Madalgis encolheu-se de medo, escondendo-se atrás de Joana.

— Aproxime-se — disse Rabano.

— Está tudo bem, Madalgis — Joana a tranquilizou. — Faça o que o padre abade manda.

Madalgis avançou e ficou em pé, trêmula, no meio de todos aqueles desconhecidos. Um suspiro audível de perplexidade

percorreu as fileiras de irmãos ao vê-la. Os gânglios abertos e ulcerosos e as lesões haviam desaparecido; exceto por algumas marcas em processo de cicatrização, a pele bronzeada do seu rosto e braços parecia limpa e lisa, florescendo de saúde renovada. Não havia dúvida alguma: mesmo os mais inexperientes podiam dizer que a mulher diante deles não era leprosa.

— Ó prodigioso sinal de graça! — exclamou o bispo Otgar maravilhado. — Como Lázaro, ela foi resgatada da morte para a vida!

Os irmãos aglomeraram-se, levando triunfalmente o pequeno grupo de viajantes em direção à igreja.

• • •

A cura de Madalgis realizada por Joana foi considerada nada menos que um milagre. Toda Fulda entoou louvores a João Ânglico. Quando o idoso irmão Alduíno, um dos dois padres da comunidade, faleceu dormindo certa noite, não houve dúvidas entre os irmãos sobre quem deveria sucedê-lo.

O abade Rabano, entretanto, tinha outra opinião. João Ânglico era por demais ousado e presunçoso para o seu gosto. Rabano preferia o irmão Tomé, que embora reconhecidamente menos brilhante, era muito mais previsível, uma qualidade prezada por Rabano.

Mas era preciso levar em conta o bispo Otgar. Ele sabia que Gottschalk fora açoitado quase até a morte, acontecimento de péssima repercussão para o abade de Rabano. Se Rabano passasse por cima de João Ânglico para favorecer um irmão menos qualificado, isso poderia gerar outra polêmica sobre sua administração da abadia. E se o rei recebesse queixas contra o abade, este poderia ser removido, o que era impensável. Melhor ser prudente na escolha do novo padre, pensou Rabano — ao menos por enquanto.

No capítulo, ele anunciou:

— Como seu pai espiritual, o direito de nomear um sacerdote entre vocês cabe a mim. Após muitas orações e reflexão, eu me

decidi por um irmão apto para o ofício em virtude de seu grande conhecimento: irmão João Ânglico.

Houve um murmúrio de aprovação entre os irmãos. Joana ficou ruborizada de entusiasmo. Eu, um padre! Ser admitida nos mistérios sacros, ministrar os santos sacramentos! Essa fora a ambição de seu pai para Mateus e, depois que Mateus morreu, para João. Quão irônico o fato de que essa ambição seria finalmente realizada através da sua filha!

Do outro lado do aposento, o irmão Tomé olhou ameaçadoramente para Joana. *Esse sacerdócio é meu*, pensou amargamente. *Eu era a escolha de Rabano; não foi o que ele mesmo disse semanas atrás?*

A cura da mulher leprosa por João Ânglico havia mudado tudo. Era intolerável. Madalgis não era ninguém, pouco mais que uma escrava; que diferença fazia se ela fosse para o leprosário? Aliás, quem se importava se ela vivesse ou morresse?

Que o prêmio fosse para João Ânglico era um sapo grande para Tomé engolir. Desde o início Tomé o odiara; odiava a rapidez do seu raciocínio, da qual já recebera farpas, odiava a facilidade com que ele aprendia suas lições. Essas coisas não vinham facilmente para Tomé. Ele tivera de fazer enormes sacrifícios para aprender as declinações do latim e memorizar os capítulos da regra. Mas o que faltava a Tomé em inteligência, sobrava-lhe em persistência e no esforço de ostentar devoção. Toda vez que terminava sua refeição, Tomé fazia questão de dispor o garfo e a faca perpendicularmente, como tributo à Santa Cruz. Ele nunca bebia seu vinho em longos goles como os demais, e sim em três golinhos de cada vez, em reverente alusão à Santíssima Trindade. João Ânglico não dava importância a esses sinais exteriores de fé.

Tomé olhava ferozmente o seu rival, de aspecto tão angelical com seu belo halo de cabelo auribranco. *Que seja consumido nas labaredas do inferno, ele e o ventre amaldiçoado que o engendrou!*

O refeitório dos monges era uma estrutura de paredes de alvenaria com uns doze metros de largura por mais de trinta metros de comprimento, grande o bastante para acomodar todos os trezentos e cinquenta irmãos de Fulda ao mesmo tempo. Com sete

janelas altas na parede ao sul e seis na do norte, era um dos edifícios mais alegres do mosteiro. As amplas vigas de madeira que suportavam o telhado estavam cobertas de pinturas coloridas representando cenas da vida de Bonifácio, o santo padroeiro de Fulda; elas reforçavam a impressão de luminosidade, de modo que o aposento parecia tão alegre e agradável agora, nos dias frios e curtos de Heilagmanoth, quanto no verão.

Era meio-dia, e os irmãos estavam reunidos no refeitório para o jantar, a primeira das duas refeições do dia. O abade Rabano sentou-se diante de uma comprida mesa em forma de U no centro da parede a leste, flanqueada por doze irmãos à sua esquerda e doze à direita, representando os Apóstolos de Cristo. As compridas mesas de tábuas continham pratos simples de pão, legumes e queijo; embaixo delas, camundongos corriam pelo chão de terra batida, em furtiva busca de migalhas caídas.

Em concordância com a Regra de São Bento, os irmãos nunca falavam durante as refeições. O rigoroso silêncio era quebrado apenas pelo tilintar de facas de metal, copos, e pela voz do leitor da semana, que ficava em pé no púlpito fazendo leituras dos Salmos ou das Vidas dos Santos. “Enquanto o corpo mortal ingere comida terrena”, o abade Rabano gostava de dizer, “que a alma obtenha sustento espiritual.”

A *regula taciturnitis*, ou regra de silêncio, era um ideal louvado por todos, mas observado por poucos. Os irmãos haviam inventado um elaborado sistema de sinais manuais e gestos faciais com o qual se comunicavam durante as refeições. Conversas inteiras podiam ser conduzidas dessa forma, especialmente quando, como agora, o leitor era ruim. O irmão Tomé lia numa voz com sotaque áspero e pesado que estragava completamente a poesia rítmica dos Salmos; sem ter consciência de suas limitações, Tomé lia alto, sua voz irritando os ouvidos dos irmãos. O abade Rabano sempre solicitava que o irmão Tomé lesse, preferindo-o aos leitores mais capacitados do monastério, pois, como ele dizia, “uma voz doce demais convida demônios para dentro do coração”.

“Pssst!” Um silvo abafado chamou a atenção de Joana. Ela ergueu o olhar de seu prato para ver o irmão Adalgário fazendo-lhe sinais por cima da mesa.

Ele ergueu uma mão fazendo um L e três dedos de outra: cinquenta e três em algarismos romanos. O número significava um capítulo da Regra de São Bento, veículo frequente para esse tipo de comunicação fraternal, que empregava referências enigmáticas e circunlóquios.

Joana lembrou-se das primeiras linhas do capítulo cinquenta e três: *“Omnes supervenientes hospites tamquam Christus suscipiantur”*. “Todos os hóspedes que chegarem ao mosteiro sejam recebidos como o Cristo.”

Ela compreendeu de imediato o que o irmão Adalgário queria dizer. Um visitante chegara a Fulda, alguém relevante, do contrário o irmão Adalgário não teria se dado ao trabalho de mencioná-lo. Fulda recebia mais de uma dúzia de visitantes por dia, ricos e pobres, peregrinos trajando peles e mendigos andrajosos, viajantes cansados que chegavam sabendo que não seriam mandados embora, que ali encontrariam alguns dias de descanso, abrigo e comida antes de seguirem seu caminho.

A curiosidade de Joana foi aguçada. “Quem?”, ela perguntou com um ligeiro alçar de sobrancelhas.

Naquele instante o abade Rabano deu o sinal, e os irmãos se levantaram em uníssono, enfileirando-se em ordem de precedência. Ao saírem do refeitório, o irmão Adalgário voltou-se para ela.

“Parens”, ele sinalizou, apontando para ela enfaticamente.

A palavra podia significar tanto o pai, como a mãe.

Com a calma, o caminhar comedido e o semblante plácido apropriados a um monge beneditino, Joana seguiu os irmãos para fora do refeitório. Nada na sua aparência exterior demonstrava sua profunda agitação.

Poderia estar certo o irmão Adalgário? Teria seu pai, ou sua mãe, vindo a Fulda? E se fosse seu pai? Ele não esperaria encontrar Joana, e sim seu irmão, João. A ideia a alarmou. Se seu pai descobrisse a impostura dela, certamente a denunciaria.

Mas talvez a sua mãe é que tivesse vindo. Gudrun não trairia o seu segredo. Ela entenderia que tal revelação custaria a vida de Joana.

Mamãe. Fazia dez anos que Joana não a via, e elas haviam se separado com hostilidade. De repente, mais do que tudo, Joana quis rever o rosto amado e familiar de Gudrun, quis abraçar e ser abraçada por ela, escutá-la falando na cadência rítmica da Língua Antiga.

Irmão Samuel, o hospitaleiro, interceptou-a enquanto ela saía do refeitório.

— Você está dispensado de suas obrigações esta tarde; alguém veio vê-lo.

Dividida entre esperança e medo, Joana nada disse.

— Não fique tão sério, irmão; não é o diabo que veio buscar sua alma imortal!

Samuel riu com vontade. Era um homem jovial, de bom coração, dado a brincadeiras e ao riso. Durante anos o abade o havia castigado por essas qualidades pouco espirituais, até que por fim desistiu e o nomeou hospitaleiro, uma função cujas tarefas mundanas de saudar e cuidar de visitantes adequava-se perfeitamente ao irmão Samuel.

— Seu pai está aqui — disse alegremente o irmão, contente por poder transmitir notícias tão boas — e aguarda no jardim para saudá-lo.

O medo estilhou a máscara de autocontrole de Joana.

— Não quero vê-lo! Eu... não posso.

O sorriso sumiu dos lábios do irmão Samuel.

— Ora, irmão, não diga isso. O seu pai viajou todo o caminho desde Ingelheim só para falar com você.

Ela precisava dar alguma explicação.

— Existe inimizade entre nós. Ele e eu... discutimos... quando eu fui embora de casa.

Irmão Samuel pôs o braço ao redor dos ombros dela.

— Eu compreendo — disse ele solidariamente. — Mas ele é seu pai, e fez uma viagem longa. Será um ato de caridade falar com ele, nem que seja brevemente.

Incapaz de discordar disso, Joana ficou calada. Irmão Samuel interpretou isso como concordância.

— Venha, eu o levarei até ele.

— Não! — ela exclamou, desvencilhando-se do braço dele.

O irmão Samuel ficou perplexo. Isso não era modo de tratar o hospitaleiro, um dos sete diretores obedienciários da abadia.

— A sua alma está perturbada, irmão — ele falou asperamente.
— Você precisa de orientação espiritual. Discutiremos isso no capítulo amanhã.

O que farei? pensou Joana, consternada. Seria difícil, se não impossível, esconder sua verdadeira identidade do pai. Mas uma discussão no capítulo poderia também ser a sua ruína. Não havia desculpa para o comportamento dela. Se ela fosse considerada desobediente, como Gottschalk...

— Perdoe-me, nono — disse ela empregando o tratamento respeitoso devido a um irmão sênior —, por minha falta de temperança e de humildade. Fui tomado de surpresa, e na minha confusão, esqueci meu dever para consigo. Peço-lhe humildemente que me perdoe.

O olhar severo do irmão Samuel se dissolveu num sorriso; não era homem de guardar rancor.

— Eu o perdoo, irmão, de muito bom grado. Venha. Caminharemos juntos até o jardim.

À medida que saíam do claustro e passavam pelos estábulos, pelo moinho e pelos fornos de secagem, Joana rapidamente calculava suas chances.

A última vez que seu pai a vira ela era uma criança de doze anos. Ela havia mudado bastante nos dez anos seguintes. Talvez ele não a reconhecesse. Talvez...

Eles chegaram ao jardim, com suas belas fileiras de canteiros, treze ao todo, o número cuidadosamente selecionado para simbolizar a santa congregação de Cristo e os Doze Apóstolos na Santa Ceia. Cada canteiro tinha exatamente sete pés de largura: isso também era significativo, pois sete era o número de dons do Espírito Santo, simbolizando a totalidade de todas as coisas criadas.

Na parte de trás do jardim, entre canteiros de mastruços e cerefólios, o pai de Joana estava em pé, de costas para eles. Seu corpo baixo e atarracado, pescoço grosso e postura resoluta eram imediatamente familiares. Joana enfiou a cabeça no fundo do

volumoso capuz, de modo que o tecido pesado pendesse para frente, cobrindo seu cabelo e sua cara.

Ouvindo a aproximação deles, o cônego se voltou. Seu cabelo escuro e as grossas sobrancelhas juntas que outrora haviam causado tanto terror em Joana, estavam completamente grisalhos.

— *Deus tecum* — disse o irmão Samuel dando uma palmadinha de encorajamento em Joana. — Deus esteja com você.

Em seguida deixou-os.

O pai dela atravessou o jardim manquejando. Ele era mais baixo do que ela se lembrava, e caminhava, para surpresa dela, com a ajuda de uma bengala. À medida que ele se aproximava, Joana voltava-se para o outro lado e, sem falar, gesticulou para que ele a seguisse. Ela o conduziu para fora do intenso clarão do sol do meio-dia, rumo a uma capela sem janelas adjacente ao jardim, onde a escuridão forneceria melhor encobrimento. Lá dentro, ela esperou que ele se sentasse num dos bancos, depois se sentou na outra extremidade, mantendo a cabeça baixa para que o capuz lhe ocultasse o perfil.

— *Pater Noster qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum...* — O pai dela iniciou o pai-nosso. Suas mãos entrelaçadas tremiam de paralisia; ele falava com a voz trêmula e quebradiça de um velho. Joana uniu sua voz à dele, suas palavras mescladas ecoando pela diminuta câmara de paredes de pedra.

Terminada a oração, ficaram sentados em silêncio por um instante.

— Meu filho — disse o cônego por fim —, você tem se saído bem. O irmão hospitaleiro me disse que você será padre. Você honrou a nossa família, como esperei outrora que o seu irmão fizesse.

Mateus. Joana apalpou o medalhão de santa Catarina pendurado em seu pescoço, o mesmo que Mateus lhe dera há tanto tempo. Seu pai captou o gesto.

— Minha visão está ficando turva. Esse é o medalhão da sua irmã Joana?

Joana soltou o medalhão, amaldiçoando sua estupidez; ela nem havia pensado em escondê-lo.

— Fiquei com ele como lembrança... depois do que aconteceu.
— Ela não conseguiu falar sobre o horror do ataque dos nórdicos.

— Sua irmã morreu sem... desonra?

Joana teve uma súbita visão de Gisla, gritando de dor e de medo enquanto os nórdicos se revezavam em estuprá-la.

— Ela morreu inviolada.

— *Deo gratias* — falou o cônego, persignando-se. — Foi a vontade de Deus, então. Teimosa e desnaturada como ela era, nunca teria vivido em paz neste mundo; foi melhor assim.

— Ela não teria concordado com tal opinião.

Se o cônego captou a ironia na voz dela, não demonstrou.

— A morte dela foi um desgosto muito grande para a sua mãe.

— Como vai a minha mãe?

O cônego fez uma longa pausa; quando finalmente respondeu, sua voz estava mais trêmula que antes.

— Ela partiu.

— Partiu?

— Para o inferno — falou o cônego —, onde queimará por toda a eternidade!

— Não! — A compreensão inundou a consciência de Joana até transbordar. — Não!

Não mamãe com sua bela face, olhos gentis e mãos delicadas que lhe davam carinho e conforto... mamãe, que tanto a amava.

— Ela morreu há um mês — o cônego disse —, inconfessa e irreconciliada com Cristo, invocando seus deuses pagãos. Quando a parteira me disse que ela não sobreviveria, fiz tudo que pude, mas ela se negou a aceitar o Santo Sacramento. Coloquei a Hóstia Sagrada na boca dela, mas ela a cuspiu em mim!

— Parteira? O senhor não está dizendo que...

Sua mãe tinha mais de cinquenta anos e havia muito já passara da idade de ter filhos; ela não dera à luz de novo desde o nascimento de Joana.

— Não me deixaram enterrá-la no cemitério cristão, pois ela havia ficado com o bebê não-batizado no seu ventre. — Ele começou a chorar, soltando fortes soluços que sacudiam todo o seu corpo.

Ele a amava, então? Que modo estranho tivera de demonstrar esse amor, com seus ataques brutais de fúria, sua crueldade, e sua luxúria, sua luxúria egoísta que acabara por matá-la.

Os soluços do cônego arrefeceram aos poucos, e ele iniciou a prece pelos mortos. Desta vez Joana não orou com ele. Muito silenciosamente, ela começou a recitar o Juramento, invocando o nome sagrado de Tor, o Trovejante, como sua mãe lhe ensinara tanto tempo atrás.

Seu pai pigarreou, constrangido.

— Tem uma coisa, João. A missão na Saxônia... você acha... quero dizer, será que os irmãos não precisariam da minha ajuda no trabalho deles com os pagãos?

Joana ficou perplexa.

— E o seu trabalho em Ingelheim?

— A verdade é que a minha posição em Ingelheim ficou difícil. O recente... infortúnio... com a sua mãe...

Joana entendeu imediatamente. As restrições contra padres casados, apenas vagamente postas em vigor durante o reinado do imperador Karolo, haviam ficado mais rigorosas durante o reinado do filho dele, cujo zelo religioso lhe valera o título de Luís, o Pio. O recente sínodo em Paris havia reforçado o celibato clerical na teoria e na prática. A gravidez de Gudrun, prova visível da falta de castidade do cônego, não podia ter ocorrido em pior hora.

— O senhor perdeu seu cargo?

Relutantemente, seu pai anuiu com a cabeça.

— Mas, *Deo volente*, ainda tenho força e capacidade para fazer o trabalho de Deus. Se você pudesse interceder por mim junto ao abade Rabano...

Joana não respondeu. Estava sobrecarregada pelo pesar, pela raiva e pela dor; não sobrara lugar para compaixão por seu pai.

— Você não me responde. O orgulho subiu à sua cabeça, meu filho.

— Ele se levantou, a voz adquirindo algo do seu antigo tom autoritário.

— Lembre-se, fui eu que o trouxe a este lugar e à sua atual posição na vida. *Contritionem praecedat superbia, et ante ruinam exaltatio spiritus* — ele admoestou severamente. — “A soberba

precede a contrição, e um espírito altivo antecede a ruína.”
Provérbios, capítulo dezesseis.

— *Bonum est homini mulierem non tangere* — redarguiu Joana.
— “Bom é para o homem não tocar mulher.” Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo sete.

Seu pai ergueu a bengala para bater nela, mas o gesto fez com que ele perdesse o equilíbrio e caísse. Ela estendeu a mão para ajudá-lo; ele a puxou para baixo, segurando-a firme.

— Meu filho, meu filho — a voz dele suplicou de modo lacrimoso aos ouvidos dela —, não me abandone! Você é tudo que me resta!

Enojada, ela se desvencilhou tão bruscamente, que o capuz abaixou, descobrindo-lhe a cabeça. Rapidamente ela o levantou de novo, mas era tarde demais.

O rosto do pai dela crispou-se numa expressão de reconhecimento horrorizado.

— Não — ele disse, esgazeando os olhos. — Não pode ser!

— Pai...

— Filha de Eva, o que você fez? Onde está seu irmão João?

— Ele morreu.

— Morreu?

— Foi morto por nórdicos, na igreja de Dorstadt. Tentei salvá-lo, mas...

— Bruxa! Monstro! Demônio do inferno! — Ele traçou o sinal da cruz diante dele.

— Pai, por favor, deixe-me explicar — suplicou Joana desesperadamente, procurando acalmá-lo antes que a voz alterada dele atraísse alguém.

Ele apanhou a sua bengala e reergueu-se desajeitadamente, tremendo da cabeça aos pés. Joana inclinou-se para ajudá-lo, mas ele a evitou, falando em tom acusatório:

— Você matou o seu irmão mais velho; não poderia ter poupado o mais novo?

— Eu amava João, pai. Eu nunca lhe teria feito mal. Foram os nórdicos, eles vieram de surpresa, com espadas e machados. — Ela apertou a garganta contra os soluços que subiam; precisava continuar falando, fazê-lo entender. — João tentou lutar, mas eles mataram todo mundo, todo mundo! Eles...

O cônego se voltou para a porta.

— Preciso pôr um fim nisto, antes que você cause mais mal a alguém.

Ela agarrou o braço do pai.

— Pai, não faça isso, por favor, eles vão me matar se...

O velho se voltou contra ela ferozmente:

— Filha do demônio! Você devia ter morrido no ventre da sua mãe pagã antes de nascer! — Ele lutou para se soltar, o rosto arroxando de modo alarmante. — *Solte-me!*

Ela continuou a segurá-lo desesperadamente. Se ele saísse por aquela porta, sua vida estaria perdida.

— Irmão João? — soou uma voz oriunda da porta. Era o irmão Samuel, seu rosto bondoso enrugado de preocupação. — Alguma coisa errada?

Joana levou um susto e afrouxou a pressão sobre o braço do pai, que conseguiu se desvencilhar e foi ao irmão Samuel.

— Leve-me ao abade Rabano! Eu preciso... eu pre... — ele se interrompeu subitamente, com o olhar perplexo.

Ele estava estranho. Sua pele apresentava intensa cor púrpura; seu rosto retorceu-se grotescamente, o olho direito ficou mais baixo que o esquerdo, e a boca entortou-se de modo peculiar para um lado.

— Pai? — ela se aproximou hesitantemente, estendendo a mão.

Ele investiu contra ela, seu braço direito agitando-se freneticamente, como se ele não mais o controlasse.

Aterrada, Joana recuou.

Ele gritou algo ininteligível, e caiu para frente como uma árvore serrada.

O irmão Samuel chamou por socorro. Num instante cinco monges se materializaram à porta.

Joana ajoelhou-se ao lado do pai e o susteve em seus braços, a cabeça dele apoiada no seu ombro, o delgado cabelo cinzento dele entrelaçado nos seus dedos. Ao olhar nos olhos do velho, Joana ficou chocada com a expressão de ódio maligno que encontrou ali.

Os lábios dele moviam-se com horripilante determinação:

— M... m... m...!

— Procure não falar, pai — disse Joana. — O senhor não está bem.

Num último arroubo explosivo, ele cuspiu uma única palavra:

— M... m... m... Mulher!

Então sua cabeça voltou-se convulsivamente para o lado e paralisou-se, os olhos imobilizados na sua expressão malévola.

Joana debruçou-se sobre ele em busca de qualquer sinal de respiração nos lábios retesados, ou de pulsação no pescoço descarnado. Após um instante, fechou-lhe os olhos fixos.

— Está morto.

Irmão Samuel e os demais se persignaram.

— Pensei tê-lo ouvido falar antes de morrer — observou o irmão Samuel. — O que ele disse?

— Ele... ele invocou Maria, mãe de Cristo.

O irmão Samuel anuiu gravemente com a cabeça.

— Um santo homem. — Aos outros ele disse: — Carreguem-no até a igreja. Vamos preparar o corpo com a devida cerimônia.

— *Terra es, terram ibis* — entoou o abade Rabano.

Juntamente com o resto dos irmãos, Joana curvou-se para apanhar um punhado de terra com a pá, em seguida jogou-o dentro da cova, observando os torrões escuros e úmidos cobrindo de modo desnivelado a madeira lisa do caixão do seu pai.

Ele sempre a havia odiado. Mesmo quando ela era pequena, antes que as linhas de batalha entre eles fossem traçadas, ela nunca inspirara nele mais que uma rancorosa tolerância. Para ele, a filha sempre fora apenas uma garota estúpida e inútil. E agora ela estava chocada ao saber com que prontidão ele a teria denunciado, com que falta de hesitação teria condenado a própria filha a uma morte indizível.

Apesar disso, quando a última pá de terra foi amontoada sobre a cova do seu pai, Joana sentiu uma melancolia estranha e inesperada. Ela não se lembrava de época alguma em que não tivesse mágoa, medo e até ódio do seu pai. Contudo, uma peculiar sensação de perda a dominava. Mateus, João, sua mãe, estavam todos mortos. O pai fora seu último vínculo com o lar, com a menina que ela tinha sido. Joana de Ingelheim não existia mais; existia

apenas João Ânglico, sacerdote e monge do monastério beneditino de Fulda.



17

Fontenoy, 841

O prado tremeluzia à luz indistinta e cinzenta da aurora, trilhado em seu centro pelas linhas suavemente encurvadas de um riacho prateado. *Cenário improvável para uma batalha*, pensou Gerold de modo sombrio.

O imperador Luís mortuária havia menos de um ano, mas a rivalidade latente entre seus três filhos já degenerara em guerra civil. O mais velho, Lotário, tinha herdado o título de imperador, mas as terras do Império estavam divididas entre ele e seus dois irmãos, Carlos e Ludovico — um arranjo insensato e perigoso que deixou todos os três filhos insatisfeitos.

Mesmo assim, a guerra podia ter sido evitada se Lotário fosse mais hábil em diplomacia. Autoritário e despótico por natureza, Lotário tratava seus irmãos mais novos com uma arrogância que os levou a se unirem em rebelião aberta contra ele. Assim, os três príncipes irmãos acabaram ali, em Fontenoy, determinados a resolver suas diferenças com sangue.

Após considerável meditação, Gerold havia escolhido Lotário. Ele conhecia os seus muitos defeitos, mas, como imperador ungido, Lotário era a única esperança para uma Francônia unida. As divisões que o país sofrera no último ano haviam deixado um saldo terrível: os nórdicos, aproveitando-se da convulsão política, intensificaram seus ataques à costa franca, provocando enorme destruição. Se Lotário tivesse uma vitória decisiva em Fontenoy, seus irmãos não teriam escolha exceto apoiá-lo. Era melhor um país governado por um tirano do que um país inexistente.

Começou o bater das tábuas para reunir os homens. Lotário providenciara uma missa matutina para encorajar suas tropas antes da batalha. Gerold deixou de lado suas meditações solitárias e voltou para o acampamento.

Envergando uma casula dourada, o bispo de Auxerre estava em cima de uma carroça de mantimentos para que todos pudessem vê-lo.

— *Libera me, Domine, de morte aeterna* — salmodiou ele em barítono, enquanto dúzias de acólitos passavam entre os homens, distribuindo a hóstia consagrada.

Muitos dos soldados eram colonos e camponeses sem experiência alguma com armas, e que normalmente estariam isentos do *bannum* imperial que recrutava para o serviço militar. Mas esses tempos não eram normais.

Muitos haviam sido arrancados de seus lares sem uma hora sequer para deixar seus assuntos em ordem ou se despedir dos entes queridos. Estes recebiam a hóstia distraidamente, sem condições de se preparar para morrer. Suas mentes estavam ainda firmemente fixas nas coisas deste mundo, das quais tinham sido tão brutalmente separados: seus campos, ganha-pães, dívidas, esposas e filhos abandonados. Atônitos e assustados, não compreendiam ainda a gravidade de sua situação, não podiam acreditar que eram obrigados a lutar e a morrer naquela terra desconhecida por um imperador cujo nome, até uns dias antes, fora apenas um eco distante em suas vidas.

Quantos destes inocentes, perguntou-se Gerold, viverão para ver o sol se pôr hoje?

— Ó Senhor dos Exércitos — o bispo entoou na conclusão da missa —, Campeão contra o inimigo, Realizador de vitórias, dá-nos hoje o escudo de Teu auxílio, e a espada da Tua glória, para a destruição dos nossos inimigos. Amém.

— Amém. — O ar reverberou com o som de milhares de vozes. Pouco depois, o sol despontou no horizonte, derramando sua luz pelo campo, fazendo brilhar as pontas de espadas e flechas como gemas preciosas. Os homens deram gritos de entusiasmo.

O bispo removeu o pálio e entregou-o a um acólito. Desprendendo a casula, deixou-a cair por terra, revelando-se trajado em cota de malha de soldado, com *brunia*, o grosso casaco de couro encharcado em cera quente e costurado com escamas de ferro, e *bauga*, ou caneleiras de metal.

Então ele pretende lutar, pensou Gerold.

A rigor, o ministério sagrado do bispo o proibia de derramar sangue de outro homem, mas, na prática, esse ideal piedoso era frequentemente ignorado; havia bispos e sacerdotes que lutavam ao lado de seus reis como qualquer outro vassalo.

Um dos acólitos estendeu ao bispo uma espada com o sinal da cruz gravado. O bispo ergueu a espada de modo que sua cruz de ouro reluziu ao sol.

— Louvado seja Jesus Cristo! — gritou ele. — Avante, bons cristãos, rumo à matança!

• • •

Gerold comandava o flanco esquerdo, posicionado no alto de uma colina que bordejava o extremo sul do campo. Na colina oposta, o sobrinho de Lotário, Pepino, comandava o flanco direito, um contingente enorme e bem armado de aquitanenses. A vanguarda, comandada pelo próprio Lotário, posicionou-se logo depois das árvores que bordejavam o extremo oriental do campo, de frente para o inimigo.

O garanhão baio de Gerold sacudia a cabeça e relinchava impacientemente. Inclinando-se, Gerold passou a mão pelo seu pescoço castanho, a fim de sossegá-lo. Melhor reservar aquela energia para o ataque, quando viesse.

— Daqui a pouco, garoto — murmurou. — Daqui a pouco.

Olhou para o céu. Seis horas, a primeira hora da manhã. O sol, ainda baixo no horizonte, brilhava diretamente nos olhos do inimigo. *Ótimo*, pensou Gerold. *É uma vantagem que podemos usar*. Olhou para Lotário, à espera do sinal para avançar. Um quarto de hora passou e não veio sinal algum. Os exércitos rivais estavam alinhados nos extremos opostos do campo, encarando-se cautelosamente através da extensão verde. Passou outro quarto de hora. Depois outro. E mais outro.

Gerold rompeu as fileiras e cavalgou colina abaixo, rumo à linha de frente da vanguarda, onde Lotário estava montado sob uma nuvem de estandartes.

— Majestade, por que a demora? Os homens estão impacientes por avançar.

Lotário olhou com irritação do alto de seu longo nariz.

— Eu sou o imperador; não é adequado que eu vá ao encontro dos meus inimigos.

Ele não morria de amores por Gerold, cuja mente era independente demais para o seu gosto, resultado, sem dúvida, dos anos que havia passado entre os pagãos e bárbaros na fronteira ao norte do Império.

— Mas, Sire, veja o sol! Agora a vantagem é nossa, porém dentro de uma hora não será mais!

— Tenha fé no Todo-Poderoso, conde Gerold — redarguiu Lotário com altivez. — Eu sou o rei ungido por Deus; Ele não nos sonegará a vitória.

Pelo tom conclusivo do monarca, Gerold compreendeu que não valia a pena continuar a discutir. Curvou-se rigidamente, virou o cavalo e voltou para sua posição.

Talvez Lotário estivesse certo e Deus pretendesse mesmo conceder-lhe a vitória; mas será que Ele também não esperava uma ajudinha dos homens?

Eram quase dez horas; o sol se aproximava do seu zênite. *Maldição!* praguejou Gerold a meia voz. *O que Lotário tem na cabeça?* Já fazia quase quatro horas que estavam esperando. O sol aquecia suas cotas de malha a ponto de os homens se contorcerem de desconforto. Os que precisavam fazer suas necessidades eram obrigados a fazê-las onde estivessem, para não quebrar a formação; o fedor pairava sobre eles no ar sem brisa.

Nestas circunstâncias difíceis, Gerold ficou contente com a chegada de uma pequena tropa de serviçais trazendo barris de vinho. Os homens morriam de calor e sede; um bom gole de vinho forte era exatamente do que precisavam para reanimar seus espíritos abatidos. Gritos de alegria elevavam-se enquanto os serviçais circulavam, enchendo copas de encorpado vinho tinto franco com o auxílio de conchas. Gerold bebeu o seu e sentiu-se melhor; mas não bebeu, nem permitiu que seus homens bebessem, mais de uma copa. Se um pouco de vinho podia estimular a coragem de um homem, vinho demais o tornava imprudente e temerário, um perigo para si próprio e para os seus companheiros.

Lotário não teve tal preocupação e, benevolmente, encorajou a bebedeira. Gritando e caçoando, gabando-se de sua habilidade com as armas, os homens da sua vanguarda disputavam uma posição melhor, atropelavam-se uns aos outros para obter a honra de ficar na fileira da frente, empurrando-se como crianças briguentas — o que de fato eram, pois, com exceção de uns poucos veteranos experientes, a maior parte não tinha mais de dezoito anos.

— Estão vindo! Estão vindo!

O grito percorreu as fileiras. O exército oponente estava avançando, devagar, de modo que a infantaria e os arqueiros mantinham-se próximos à cavalaria, que avançava à sua frente. O efeito era solene, majestoso, mais parecido a uma procissão religiosa que ao início de uma batalha.

Na vanguarda de Lotário houve grande desordem quando os homens correram para apanhar capacetes, lanças e escudos espalhados. Mal tinham acabado de montar, a cavalaria inimiga desencadeou um súbito ataque frontal, que se abateu sobre eles a toda velocidade, fazendo a terra reverberar com um estrondo semelhante ao de mil trovoadas.

Os estandartes da vanguarda imperial caíram e se reergueram, sinalizando o ataque em resposta. A cavalaria avançou, os cascos dos cavalos destruindo a relva verde à medida que eles corriam de pescoços esticados.

O baio de Gerold saltou em resposta, mas Gerold puxou-lhe as rédeas.

— Ainda não, garoto! — Gerold e os seus homens precisavam esperar; o flanco esquerdo seria o último a entrar em campo, depois de Lotário e Pepino.

Como duas grandes ondas, os exércitos oponentes arremessaram um contra o outro quarenta mil combatentes, o orgulho da nobreza franca cavalgando em fileiras cerradas de oitocentos metros de largura e de profundidade.

Com um grito selvagem, um grupo da vanguarda imperial saiu da formação, esporeando os cavalos numa correria desordenada, apostando corrida entre si pela glória de serem os primeiros a enfrentar o inimigo diante do seu imperador.

Gerold olhava contrariado. Se eles continuassem assim, chegariam ao riacho cedo demais e ficariam presos ao avançar com dificuldade pela água, enquanto o inimigo os combateria a partir da terra firme da margem oposta.

Imprudentes devido ao vinho e à juventude, cavalgaram diretamente para dentro do riacho e colidiram com o inimigo, provocando um estrondo tão ensurdecedor quanto o de dois ossos gigantesco se partindo.

Lutaram com coragem e grande desvantagem, pois precisavam atingir o inimigo acima, na margem, errando o alvo quando os cavalos tropeçavam ao tentar se equilibrar sobre as pedras escorregadias. Os que eram atingidos caíam na água, onde, enlameados e lutando para se erguer com o peso adicionado às suas cotas de malha, acabavam pisoteados por seus próprios cavalos em pânico.

Os homens das fileiras de trás viam o que se passava à frente, mas vinham em tal velocidade que não podiam frear sem ser violentamente atropelados pelos que os seguiam. Foram forçados a mergulhar, também, na água lamacenta, que se avermelhava de sangue, empurrando sem querer os sobreviventes da primeira carga ao encontro das lanças do inimigo.

Só a retaguarda da cavalaria, que agora incluía Lotário, foi capaz de deter-se a tempo; eles viraram os cavalos e cavalgaram de volta, cruzando o campo, num galope desabalado e indisciplinado que os lançou contra as fileiras de homens apeados que marchavam atrás. Estes foram jogados numa confusão frenética, atirando longe suas armas e arremessando-se para os lados a fim de evitar serem atropelados.

Foi um revés terrível. A única esperança agora estava nos flancos, comandados por Pepino e Gerold. Posicionados onde estavam, podiam assolar o campo além do riacho e atacar diretamente o rei Ludovico no centro. Olhando para a encosta em frente, Gerold viu que Pepino e os seus aquitanenses estavam virados, lutando de costas para o campo. O rei Carlos provavelmente dera a volta e os atacara por detrás.

De lá não viria ajuda.

Gerold voltou a olhar para o campo. A maior parte dos homens de Ludovico havia cruzado o riacho em perseguição a Lotário, que batia em retirada, inadvertidamente enfraquecendo suas fileiras, deixando o rei desprotegido por um momento. Era uma chance em mil, mas uma chance desesperada era melhor que nenhuma.

Gerold pôs-se de pé nos estribos, erguendo sua lança.

— Avante! — gritou. — Em nome do imperador!

— Do imperador! — O brado se elevou como um grande latido de cães, e ficou vibrando no ar atrás deles enquanto se precipitavam encosta abaixo, grande cunha voadora apontada diretamente para o local onde o estandarte vermelho e azul de Ludovico flutuava à luz do sol de verão.

O pequeno bando de homens que havia permanecido com o rei agitava-se desordenadamente para cerrar fileiras diante dele. Gerold e seus homens carregaram sobre esse bando, abrindo uma trilha entre suas fileiras.

Gerold atingiu seu primeiro homem com a lança, trespassando-lhe o peito, a haste chegando a quebrar com a força do golpe. O homem saltou da sela, levando a lança quebrada consigo. Armado apenas com espada, Gerold lançou-se à frente com selvagem determinação, golpeando à esquerda e à direita com espadadas fortes e certeiras, talhando seu caminho obstinadamente através da turbamulta, rumo ao estandarte esvoaçante. Seus homens entraram pelos lados e por trás, alargando o caminho dele.

Metro por metro, palmo por palmo, a guarda de Ludovico cedia perante a ofensiva. Então, abruptamente, o caminho ficou livre; bem diante de Gerold erguia-se o estandarte real, um grifo vermelho sobre um fundo azul, sob o qual, montado num cavalo branco, estava o próprio rei Ludovico.

— Renda-se! — gritou Gerold a plenos pulmões para se fazer ouvir no meio do barulho. — Renda-se e sua vida será poupada!

Em resposta, Ludovico desfechou uma tremenda espadada contra Gerold. Lutaram implacavelmente corpo a corpo, numa disputa equilibrada de força e habilidade, até que um cavalo ali perto se lançou para o lado ao ser atingido por uma seta, fazendo o baio de Gerold empinar e se esquivar violentamente. Ludovico aproveitou-se da vantagem momentânea com um bem calculado

golpe no pescoço de Gerold. Gerold desviou-se e deu uma estocada por baixo do braço erguido com o qual o rei empunhava a espada, enfiando a sua própria lâmina entre as costelas.

Ludovico tossiu e uma golfada de sangue veio-lhe à boca; o seu corpo torceu-se lentamente e escorregou da sela, com um baque sobre o solo pisoteado.

— O rei morreu! — bradaram exultantes os homens de Gerold. — Ludovico está morto! — O grito ecoou pelas fileiras.

O corpo de Ludovico pendia da sela, com um pé preso nos arreios. O seu cavalo empinou, dando patadas no ar e arrastando o corpo do rei pela terra revirada. O elmo cônico com a chapa que protegia o nariz soltou-se e caiu, revelando um rosto de nariz achatado, totalmente desconhecido.

Gerold praguejou. Aquilo era um truque de covarde, indigno de um rei. O homem não era Ludovico e sim o seu dublê, trajado como o rei para enganá-los.

Não havia tempo para lamentar, pois foram imediatamente cercados pelas tropas de Ludovico. Protegendo os flancos uns dos outros, Gerold e seus homens esforçaram-se para se desembaraçar do laço inimigo, lutando com feroz determinação para sair do perímetro do círculo.

Um rápido vislumbre de verde e uma lufada de ar fresco perfumado fizeram o coração de Gerold elevar-se. Mais alguns metros e estariam livres, com campo aberto diante deles e espaço para correr.

Um homem jogou-se no caminho de Gerold, plantando-se firmemente como uma árvore. Era grandalhão, corpulento, barrigudo, de braços possantes, brandindo uma clava, arma de força, não habilidade. Gerold manobrou a espada à esquerda; quando o homem virou-se para revidar, Gerold arrancou a arma rapidamente para desfechar um corte no outro braço dele. O homem praguejou e passou depressa a clava para a mão esquerda.

Uma espécie de zunido semelhante a ruflar de asas veio por trás. Gerold sentiu uma dor súbita e atordoante nas costas quando uma flecha atravessou seu ombro direito. Indefeso, viu a sua espada escorregar-lhe dos dedos subitamente dormentes.

O homenzarrão ergueu a pesada clava e desferiu. Mesmo ao mover-se para evitá-la, Gerold soube que era tarde demais.

Algo pareceu explodir dentro de sua cabeça quando o golpe esmagador aterrissou, fazendo-o rodopiar para dentro das trevas do esquecimento.

As estrelas brilhavam com uma beleza imperturbável sobre o campo escurecido, coberto de cadáveres espalhados. Vinte mil homens que haviam acordado naquela manhã jaziam mortos ou moribundos na noite tenebrosa — nobres, vassalos, fazendeiros, artesãos, pais, filhos, irmãos — a grandeza passada de um império e a esperança lúgubre do seu futuro.

Gerold mexeu-se e abriu os olhos. Ficou por um instante contemplando as estrelas, incapaz de lembrar onde estava ou o que ocorrera. Um forte odor chegou-lhe às narinas, desagradável e enjoativamente familiar.

Sangue.

Gerold sentou-se. O movimento brusco provocou uma explosão de dor dentro da sua cabeça, e a dor trouxe a memória de volta. Tocou o ombro direito; a flecha que o atingira ainda estava alojada lá, trespassando-lhe a carne de trás para frente, bem debaixo do braço. Precisava extraí-la, ou ela infeccionaria. Apertando o braço contra o lado, ele partiu a ponta de ferro, depois levou a mão esquerda para as costas e, com um movimento rápido, arrancou fora a haste.

Ele ofegou e praguejou contra a dor quase insuportável, lutando para permanecer consciente. Após um momento, a dor começou a diminuir e ele foi capaz de observar à sua volta. O chão estava coberto de espadas, escudos quebrados, membros cortados, estandartes esfarrapados, cadáveres rígidos — os escombros horripilantes de uma batalha.

Da colina onde Carlos e Ludovico estavam acampados, derramavam-se sons de celebração da vitória, pilhérias de bêbados e risos roucos, que pairavam sinistramente sobre o silêncio profundo do vale. A luz das tochas dos vitoriosos tremeluzia, iluminando o campo com uma palidez fantasmagórica. Do acampamento do imperador, na colina oposta, não vinha um som sequer, nenhuma fogueira ardia; a colina estava silenciosa, escura e desolada.

Lotário fora derrotado. Suas tropas, ou que restara delas, haviam se dispersado nas florestas vizinhas, procurando esconder-se como podiam da perseguição do inimigo.

Gerold levantou-se, lutando contra um assomo de náusea. A poucos metros viu seu garanhão baio, horivelmente ferido, as patas traseiras sacudindo-se em espasmos. Fora atingido por trás, por uma lança; suas entranhas se derramavam do ferimento aberto na barriga. Quando Gerold se aproximou dele, um vulto pequeno e furtivo sobressaltou-se: era um cão sarnento e faminto que viera se fartar no rico banquete daquela noite. Gerold afugentou-o, e o cão fugiu de lado, ressentido. Gerold ajoelhou-se do lado do baio, acariciando-lhe o pescoço, conversando baixinho com ele; em resposta ao toque familiar, os estertores angustiantes diminuíram, mas os olhos estavam bem abertos na agonia da dor. Gerold tirou sua faca do cinto; pressionando com força para assegurar que seccionaria a veia, passou-lhe o fio através do pescoço do baio. Então o segurou, falando-lhe suavemente ao ouvido, até que por fim as grandes patas pararam de convulsionar-se e o flanco musculoso e macio relaxou sob as mãos dele.

Um murmúrio de vozes ressoou atrás de Gerold.

— Veja! Aqui está um elmo que deve valer pelo menos um soldo!

— Deixe-o — disse outra voz, mais baixa e autoritária. — Não vale nada, está partido na parte de trás, não está vendo? Por aqui, rapazes; tem coisa melhor para pegar bem aqui!

Gatunos. O resultado da guerra atraía essa ralé fora-da-lei das estradas e caminhos pouco trilhados, onde costumavam ficar, pois os mortos eram presa mais fácil que os vivos. Moviam-se furtivamente na escuridão, espoliando suas vítimas de roupas, armas, armaduras e anéis — qualquer coisa de valor.

Uma voz soou ali perto:

— Este aqui está vivo!

Ouviu-se o som de uma pancada e um grito que cessou abruptamente.

— Se houver outros — disse outra voz — faça o mesmo com eles. Não queremos testemunhas que nos coloquem uma corda nos pescoços.

Num instante estariam sobre ele. Gerold se levantou, cambaleando. Depois, mantendo-se na sombra, esgueirou-se para a escuridão da floresta mais além.



Os irmãos de Fulda praticamente não foram afetados pela rixa entre os irmãos da família imperial franca. Como uma pedra jogada num tanque, a Batalha de Fontenoy gerou grandes ondas nos centros de poder, mas ali, na fronteira leste do Império, ela mal provocou uma ondulação. É verdade que alguns dos maiores senhores de terras da região haviam ido servir no exército do rei Ludovico; de acordo com a lei, qualquer homem livre em posse de mais de quatro casas era obrigado a prestar serviço militar. Mas com a vitória rápida e decisiva de Ludovico, todos esses proprietários rurais, à exceção de dois, voltaram sãos e salvos para os seus lares.

Os dias se passavam como antes, costurados juntos na mesma textura imutável da vida monástica. Uma sucessão de colheitas bem-sucedidas resultou numa época de fartura sem precedentes. Os celeiros da abadia estavam repletos; até os magérrimos porcos austrasianos estavam gordos e bem-alimentados.

Então, de repente, sobreveio a calamidade. Semanas de chuva ininterrupta arruinaram a sementeira de primavera. A terra ficou molhada demais para se cavar nela os sulcos necessários para o plantio, e as sementes apodreceram no solo. O mais desastroso de tudo foi que a umidade penetrou os celeiros, estragando os grãos estocados neles.

A fome do inverno seguinte foi o pior de que se tem notícia. Para horror da Igreja, alguns até recorreram ao canibalismo. As estradas ficaram mais perigosas, pois os viajantes passaram a ser mortos não só pelos bens que transportavam, mas pelo sustento que seus corpos mortos podiam prover. Após um enforcamento público em Lorsch, a multidão esfomeada invadiu a plataforma e derrubou a forca, lutando pela carne ainda morna. Enfraquecidas pela carestia, as pessoas se tornavam presas fáceis de doenças. Milhares

morreram vítimas da peste. Os sintomas eram sempre os mesmos: dor de cabeça, calafrios e desorientação, seguidos de febre alta e tosse violenta. Havia pouco a fazer além de despir os enfermos e embrulhá-los em tecidos frios para manter-lhes a temperatura baixa. Se sobrevivessem à febre, tinham alguma chance de se recuperar. Mas poucos sobreviviam à febre.

Nem mesmo a santidade das muralhas monásticas ofereceu proteção contra a peste. O primeiro a sucumbir foi o irmão Samuel, o hospitaleiro, cuja posição o obrigava a manter contato frequente com o mundo exterior. Morreu em dois dias. O abade Rabano atribuiu esse infortúnio ao mundanismo e apreço de Samuel por pilhérias; aflições da carne, afirmou, eram apenas manifestações visíveis de decadência moral e espiritual. Então o irmão Aldoardo, reconhecido por todos como encarnação da piedade e virtude monásticas, também sucumbiu, seguido de perto pelo irmão Hilduíno, o sacristão, e por vários outros.

Para surpresa dos irmãos, o abade anunciou que estava partindo em peregrinação para o santuário de São Martinho, a fim de rezar pela intercessão do santo mártir contra a peste.

— O prior José ficará no meu lugar durante minha ausência. Obedeçam-no em tudo, pois a palavra dele é a minha.

O caráter repentino do anúncio de Rabano e sua partida às pressas deram o que falar. Alguns irmãos louvaram o abade por empreender uma jornada tão árdua pelo bem deles. Outros murmuraram sombriamente que o abade se ausentava apenas para salvar a própria pele.

Joana não tinha tempo para discutir essas questões. Estava ocupada demais, desde o nascer ao pôr do sol, celebrando missa, ouvindo confissões, e administrando com cada vez mais frequência o sacramento da *unctio extrema*.

Certa manhã, ela notou que o irmão Benjamim estava ausente do seu banco no coral, durante a vigília. Alma devota que era, ele nunca faltava aos ofícios diários. Assim que o serviço terminou, Joana foi depressa até a enfermaria. Adentrando o aposento comprido e retangular, aspirou o aroma penetrante de gordura de ganso e mostarda, conhecidos medicamentos para doenças nos pulmões. O quarto estava abarrotado, com camas e enxergas

colocadas lado a lado, todas ocupadas. Os irmãos cujo *opus manuum* era na enfermaria circulavam entre as camas, ajeitando cobertores, oferecendo água, rezando em silêncio junto àqueles muito além de qualquer ajuda.

O irmão Benjamim estava sentado numa cama, explicando ao irmão Deodato, um dos irmãos mais novos, a melhor forma de aplicar um emplastro de mostarda. Ao ouvi-lo, Joana se lembrou do dia em que ele havia ensinado a ela esse mesmo tratamento.

A recordação a fez sorrir com afeto. Se Benjamim ainda era capaz de dirigir as coisas na enfermaria, ela pensou, decerto não estava seriamente enfermo.

Um súbito ataque de tosse interrompeu o fluxo de palavras do irmão Benjamim. Joana foi rapidamente à cama dele. Mergulhando um pano numa tigela com água de rosas ao lado do leito, colocou-o gentilmente sobre a testa de Benjamim. A pele dele estava incrivelmente quente. *Benedicite! Como ele consegue manter-se lúcido com uma febre tão alta?*

Por fim, ele parou de tossir e deitou-se de olhos fechados, respirando com dificuldade. O seu cabelo grisalho circundava a sua cabeça como uma áurea esmorecida. Suas mãos grandes de lavrador, dotadas de gentileza e habilidade inesperadas, jaziam sobre a coberta, abertas e indefesas como as de um bebê. Joana sentiu um aperto no coração.

O irmão Benjamim abriu os olhos, viu Joana e sorriu.

— Você veio — rouquejou ele. — Que bom. Como pode ver, preciso dos seus serviços.

— Um pouco de milefólio e de salgueiro-branco em pó vão deixá-lo novo em folha logo, logo — disse Joana com mais animação do que sentia.

Benjamim sacudiu a cabeça.

— É como padre, não como médico, que preciso de você agora. Você tem que me ajudar a passar para o outro mundo, irmãozinho, porque neste o meu tempo acabou.

Joana pegou a mão dele.

— Não desistirei de você sem lutar.

— Você aprendeu tudo o que eu lhe ensinei. Agora precisa aprender resignação.

— Não me resignarei a perder você — ela respondeu com fervor.

Nos dois dias que se seguiram, Joana lutou determinadamente pela vida de Benjamim. Utilizou todas as técnicas que aprendera dele, tentou todos os remédios que lhe ocorreram. A febre continuava alta. O corpo grande e bem-fornido de Benjamim definhava como um casulo vazio. Sob o rubor da febre despontou uma preocupante cor acinzentada.

— Ouça minha confissão — ele rogou. — Quero estar plenamente consciente quando receber o Sacramento.

Ela não podia recusá-lo por mais tempo.

— *Quid me advocasti?* — começou ela, segundo as cadências cerimoniais da liturgia. — O que deseja de mim?

— *Ut mihi unctionem tradas* — respondeu ele. — Dê-me a unção.

Mergulhando o dedo numa mistura de cinzas e água, Joana traçou o sinal da cruz no peito do irmão Benjamim, depois colocou um pedaço de burel, símbolo da penitência, sobre o desenho manchado.

Benjamim foi sacudido por outro acesso violento de tosse. Quando terminou, Joana viu que ele tossira sangue. Subitamente assustada, apressou-se em recitar os sete salmos penitenciais e a unção ritual dos olhos, ouvidos, nariz, boca, mãos e pés. Parecia demorar muito. Perto do fim, Benjamim jazia de olhos fechados, completamente imóvel. Joana não sabia se ele ainda estava consciente.

Por fim chegou o momento de administrar o viático. Joana estendeu a Hóstia Sagrada, mas Benjamim não respondeu. *É tarde demais*, pensou Joana. *Falhei com ele*.

Ela tocou os lábios de Benjamim com a hóstia; ele abriu os olhos e a ingeriu. Joana o abençoou. Sua voz tremia quando ela começou a oração sacramental:

— *Corpus et Sanguis Domini nostri Jesu Christi in vitam aeternam te perducant...*

Ele morreu ao amanhecer, quando os suaves cânticos das *laudes* ressoavam pelo ar da manhã. Joana submergiu num pesar

profundo. Desde o momento em que, doze anos antes, Benjamim a tomara sob seus cuidados, ele tinha sido seu amigo e mentor. Mesmo quando seus deveres como sacerdote a afastavam da enfermaria, ele havia continuado a ajudá-la, a encorajá-la, a apoiá-la. Tinha sido um verdadeiro pai para ela.

Incapaz de achar consolo na oração, Joana mergulhou de cabeça no trabalho. A missa diária estava ainda mais cheia que de costume, pois o espectro da morte vinha trazendo o rebanho de fiéis à igreja num número sem precedentes.

Um dia, enquanto oferecia o cálice da Eucaristia a um dos comungantes, um homem idoso, Joana observou seus olhos gotejantes e o sombrio rubor febril das suas faces. Passou ao comungante seguinte, uma jovem mãe magrinha com uma criança pequena e de rosto doce nos braços. A mulher estendeu a criança para que recebesse o Sacramento; os pequeninos lábios como botões de rosa se abriram para beber do mesmo lugar onde acabara de pousar a boca do velho.

Joana afastou o cálice. Pegando um pedaço de pão, ela o molhou no vinho e o deu à criança. Surpresa, a menina olhou para a mãe, que acenou, incentivando-a; era uma coisa diferente do costume, mas o padre da abadia decerto sabia o que estava fazendo. Joana prosseguiu pela fila, molhando o pão no vinho, até que toda a congregação tivesse recebido o Sacramento.

Imediatamente após a missa, o prior José mandou chamá-la. Joana estava contente por ter que responder a ele e não a Rabano. José não era homem de se agarrar inflexivelmente à tradição se existisse um argumento suficientemente bom para a mudança.

— Você fez uma alteração na missa, hoje — disse José.

— Sim, padre.

— Por quê? — O tom da pergunta não encerrava censura, e sim curiosidade.

Joana explicou.

— O velho doente e a criança saudável — repetiu José, pensativamente. — Uma incongruência repelente, concordo.

— Mais que uma incongruência — respondeu Joana. — Acredito que possa ser uma forma de transmissão da doença.

José ficou confuso.

— Como assim? Decerto os espíritos nocivos estão por toda parte.

— Talvez não sejam espíritos nocivos os causadores da doença, ao menos não só eles. Pode ser que ela se transmita por contato físico com suas vítimas, ou com objetos que elas tocam.

Era uma ideia nova, mas não radical. Sabia-se que existiam doenças contagiosas; por essa razão os leprosos eram segregados da sociedade. Também era indiscutível que algumas doenças frequentemente atingiam famílias inteiras, ceifando seus membros em dias, às vezes horas. Mas não se sabia ao certo a causa desse fenômeno.

— Transmitida por contato físico? De que modo?

— Não sei — admitiu Joana. — Mas hoje, quando vi o homem doente e as feridas abertas em volta da sua boca, senti... — Interrompeu-se, frustrada. — Não sei explicar, padre, pelo menos não ainda. Mas até eu saber mais, gostaria de deixar de passar o cálice comunal e, ao invés disso, molhar o pão no vinho.

— Você procederia a tal mudança com base em mera... intuição? — perguntou José.

— Se eu estiver errado, nenhum dano advirá do meu erro, pois os fiéis continuarão a comungar tanto o Corpo como o Sangue — argumentou Joana. — Mas se a minha... intuição estiver certa, então teremos salvo vidas.

José considerou o assunto por alguns momentos. Uma alteração na missa não era coisa para ser feita levianamente. Por outro lado, João Ânglico era um irmão instruído, renomado por suas qualidades como médico. José não se esquecera de que ele havia curado a mulher leprosa. Então, como agora, não houvera muito em que se fiar além da “intuição” de João Ânglico. Tais intuições, pensou José, não deviam ser desprezadas, pois eram dádivas divinas.

— Pode continuar por enquanto — disse ele. — Quando o abade Rabano voltar, ele tomará, naturalmente, sua própria decisão sobre o assunto.

— Obrigado, padre. — Joana fez uma mesura e saiu rapidamente, antes que o prior mudasse de ideia.

“Intinção” era como chamavam a imersão da hóstia no vinho, e, com exceção de alguns monges mais velhos, aferrados aos antigos costumes, a prática recebeu amplo apoio entre os irmãos, por satisfazer tanto a estética da missa quanto os requisitos de limpeza e higiene. Um monge de Corbie, de passagem para sua casa, ficou tão impressionado que levou a ideia para a sua própria abadia, onde também foi adotada.

Entre os fiéis, a frequência de novas ocorrências da peste diminuiu visivelmente, apesar de não ter cessado. Joana começou a registrar com cuidado os novos casos da doença, estudando-os para detectar a origem da infecção.

Os seus esforços foram anulados pela volta do abade Rabano. Pouco após a sua chegada, ele mandou chamar Joana aos seus aposentos e confrontou-a com severa desaprovação.

— O Cânone da Missa é sagrado. Como se atreve a adulterá-lo?

— Padre abade, a mudança é apenas em forma, não em substância. E eu acredito que está salvando vidas.

Joana começou a explicar o que tinha observado, mas Rabano a interrompeu:

— Essas observações são inúteis, pois não provêm da fé, e sim dos sentidos físicos, que não são confiáveis. São instrumentos do diabo, com os quais ele afasta os homens de Deus e os aproxima das presunções do intelecto.

— Se Deus não desejasse que observássemos o mundo material — retorquiu Joana — por que então nos teria dado olhos para ver, ouvidos para ouvir e nariz para cheirar? Decerto não é pecado fazer uso dos dons com que Ele mesmo nos agraciou.

— Lembre-se das palavras de santo Agostinho: “Fé é acreditar no que não se vê”.

Joana respondeu à altura:

— Agostinho também diz que não poderíamos acreditar se não tivéssemos mentes racionais. Ele não nos mandaria desprezar o que os sentidos e a razão nos dizem.

Rabano franziu o cenho. Sua mente era do tipo rigidamente convencional e sem imaginação, por isso não gostava do toma-lá-dá-cá dos debates racionais, preferindo o terreno seguro da autoridade.

— “Recebe o conselho do teu pai e obedece-o” — disse ele, citando a regra sentenciosamente. — “Regressa a Deus pelo caminho difícil da obediência, porque te afastaste Dele seguindo a tua própria vontade.”

— Mas, padre...

— Chega, já falei! — Rabano explodiu em ira. O seu rosto estava lívido. — João Ânglico, a partir deste momento você está dispensado dos seus deveres como sacerdote. Você estudará humildade voltando à enfermaria, onde assistirá o irmão Odilão, servindo-o com a devida obediência.

Joana ia protestar, mas pensou melhor. Rabano tinha sido levado ao limite; mais discussão poderia colocá-la em grave risco.

Com grande força de vontade, ela curvou a cabeça.

— Como o senhor mandar, padre abade.

Mais tarde, refletindo sobre o que acontecera, Joana viu que Rabano tinha razão: ela fora orgulhosa e desobediente. Mas de que servia a obediência se outros tinham que sofrer por causa dela? A intinção estava salvando vidas, ela tinha certeza disso. Mas como poderia convencer o abade? Ele não toleraria qualquer outro argumento vindo dela; mas talvez se deixasse persuadir pelo peso da autoridade estabelecida. Portanto, agora, além do Opus Dei e dos seus deveres na enfermaria, Joana passava horas estudando na biblioteca, procurando nos textos de Hipócrates, Oribásio e Alexandre de Trales qualquer coisa que pudesse apoiar a sua teoria. Trabalhava constantemente, dormindo apenas duas ou três horas por noite, levando a si mesma à exaustão.

Um dia, estudando um capítulo de Oribásio, encontrou o que precisava. Estava copiando a passagem crucial ao mesmo tempo em que a traduzia, quando começou a sentir dificuldade em escrever; sua cabeça doía, e ela não conseguia segurar firme a pena. Descartou isso como consequência natural de pouco sono, e continuou trabalhando. Então, a pena escorregou-lhe da mão inexplicavelmente e rolou sobre a página, espalhando tinta sobre o velino limpo e borrando as palavras. *Maldição*, pensou. *Vou ter que raspar isso e começar de novo*. Tentou segurar a pena, mas seus dedos tremiam tanto que ela não conseguia controlá-los.

Levantou-se, agarrada à borda da escrivaninha, acometida de intensa tontura. Cambaleando para a porta, conseguiu sair no exato momento em que uma forte ânsia de vômito a fez cair de quatro e expelir todo o conteúdo do seu estômago.

De alguma forma ela conseguiu se arrastar até a enfermaria. O irmão Odilão deitou-a numa cama vazia e pôs-lhe a mão na testa. Estava gelada.

Joana piscou, surpreendida:

— Você acabou de lavar as mãos?

O irmão Odilão sacudiu a cabeça.

— Minhas mãos não estão frias, irmão João. Você está ardendo em febre. Temo que a peste tenha apanhado você.

A peste! Joana pensou, atordoada. *Não, não pode ser. Estou cansada, só isso. Se eu puder descansar um pouco...*

O irmão Odilão colocou-lhe uma compressa de linho embebida em água de rosas na fronte.

— Agora fique deitado quieto, enquanto vou encharcar mais linho. Já volto.

A voz dele parecia vir de muito longe. Joana fechou os olhos. O tecido era fresco contra sua pele. Era bom estar deitada, quieta, envolta por um aroma agradável, afundando suavemente numa bem-vinda escuridão.

De repente, esbugalhou os olhos. Iam cobri-la com um pano de linho molhado a fim de baixar a febre. Para isso, teriam de despi-la completamente.

Ela precisava impedi-los. Então, percebeu que por mais que resistisse — e na sua presente condição não seria capaz de lutar muito — os seus protestos seriam descartados como meros delírios febris.

Sentou-se, tirando os pés da cama. Imediatamente a dor de cabeça voltou, latejante e insistente. Começou a se dirigir para a porta; a sala rodopiava enjoativamente, mas ela se esforçou para seguir em frente, e conseguiu chegar do lado de fora. Depois, avançou com rapidez rumo ao portão da frente. Ao se aproximar do portão, respirou fundo e se empertigou ao passar por Hatto, o porteiro. Ele olhou para ela com curiosidade, mas não moveu um

dedo para impedi-la. Uma vez lá fora, ela se dirigiu diretamente ao rio.

Benedicite. O barquinho da abadia estava lá, amarrado com uma única corda ao ramo de uma árvore. Ela desatou a corda e entrou no barco, inclinando-se contra a margem verdejante para empurrá-lo. Quando o barco se afastou da margem balançando, ela desmaiou.

Por um bom tempo, o barco ficou inerte dentro d'água. Depois, a corrente o fez rodopiar antes de impeli-lo velozmente rio abaixo.

• • •

O céu remexia-se lentamente, distorcendo as nuvens altas e brancas, criando padrões exóticos. Um sol vermelho-escuro tocou o horizonte, seus raios, mais quentes que fogo, chamuscando o rosto de Joana, ressecando-lhe os olhos. Ela observava fascinada quando suas bordas tremeluziram e se dissolveram, formando uma figura humana.

O rosto do seu pai pairava diante dela, uma horrenda cabeça de morto desprovida de carne abaixo da linha escura das sobrancelhas. A boca sem lábios se entreabria; “Mulher!”, gritava, mas a voz não era do seu pai, e sim da sua mãe. A boca se abria mais, e Joana via que não era uma boca, mas um hediondo portão escancarado abrindo-se para uma profunda escuridão. No fim da escuridão, fogos ardiam, lançando para o alto grandes colunas de chama azul-avermelhada. Havia pessoas nas labaredas, seus corpos retorcendo-se em grotescas pantomimas de dor. Uma delas olhou para a Joana; chocada, ela reconheceu os olhos azuis claros e cabelo saxão dourado-branco da mulher. Sua mãe a chamou, estendendo-lhe os braços. Joana começou a ir na direção dela; de repente o chão sob os seus pés cedeu e ela se viu caindo, caindo para dentro do hediondo portão-boca. “Mamãããããe!”, gritava enquanto era engolida pelas chamas...

Estava num campo coberto de neve. Villaris cintilava à distância enquanto o sol derretia a neve em seu telhado, fazendo as gotas de água brilharem como gemas minúsculas. Ela ouviu o rufar de cascos e se virou para ver Gerold cavalgando Pistis na sua direção.

Ela correu para ele através do campo; ele parou ao seu lado, apanhou-a e ergueu-a sobre a montaria, na frente dele. Ela se inclinou para trás, aconchegando-se na terna força dos braços que a envolviam. Estava segura. Nada de mal podia lhe acontecer, pois Gerold não permitiria. Cavalgaram juntos rumo às reluzentes torres de Villarís, o cavalo embalando-os suavemente, embalando-os, embalando-os...

O movimento cessara. Joana abriu os olhos. Por cima da borda do barco, as copas das árvores eram silhuetas negras e imóveis contra o céu estrelado. O barco havia parado.

Um vozerio veio de algum lugar acima dela, mas Joana não entendeu as palavras. Mãos se estenderam, agarraram-na e a ergueram do barco. De modo confuso ela se lembrou: não podia deixar que a apanhassem enquanto estivesse doente, não podia deixar que a levassem de volta para Fulda. Ela golpeou ferozmente com os braços e as pernas, acertando alguém. Ouviu uma pessoa praguejar ao longe. Houve uma dor breve e aguda na sua mandíbula, e depois nada mais.

• • •

Joana ergueu-se devagar de dentro de um poço de escuridão. Sua cabeça latejava. Sua garganta estava tão seca que parecia ter sido raspada por dentro. Passou a língua ressecada sobre os lábios queimados e extraiu gotículas de sangue da epiderme rachada. Sentia uma dor vaga na mandíbula, e estremeceu quando seus dedos exploraram um inchaço sensível no seu queixo. *Como consegui isto?* ela se perguntou.

E depois, com mais aflição: *Onde estou?*

Estava deitada sobre um colchão de plumas num quarto que não conhecia. A julgar pela quantidade e qualidade da mobília, o dono do imóvel devia ser próspero: além da enorme cama sobre a qual ela jazia, havia assentos estofados com pano macio, uma cadeira de espaldar elevado coberta com coxins, uma comprida mesa de cortar pão, uma escrivaninha e diversos baús muito finamente entalhados. Uma lareira fulgurava ali perto, e um par de pães

frescos haviam sido postos recentemente sobre as brasas, o agradável aroma começando a se desprender.

A pouca distância, de costas para Joana, uma jovem rechonchuda estava amassando pão. Ela terminou, limpou a farinha de sua túnica, e seus olhos pousaram em Joana; então foi rapidamente até a porta e chamou:

— Marido! Venha depressa, nossa visita acordou!

Um moço de rosto corado, alto e magro como uma garça, veio correndo.

— Como ela está? — perguntou.

Ela? Joana estremeceu ao captar o pronome. Olhou para baixo e viu que seu hábito de monge sumira; no lugar dele, uma túnica de mulher, de linho azul macio, envolvia o seu corpo.

Eles sabem.

Ela se esforçou para se erguer da cama, mas seus membros estavam pesados e fracos como água.

— Você não deve fazer esforço — falou o rapaz, tocando-a gentilmente no ombro para que voltasse a se deitar. Possuía uma expressão honesta e agradável, de olhos azuis como centáureas.

Quem é ele? perguntou-se Joana. *Será que ele vai contar ao abade e aos outros a meu respeito... ou já contou? Serei sua hóspede ou sua prisioneira?*

— S... sede — ela coaxou.

O moço afundou um copo dentro de um balde de madeira ao lado da cama e o retirou transbordando água. Ele segurou o copo contra os lábios de Joana e começou a emborcá-lo devagarzinho. Joana mudou o ângulo do copo, de modo a derramar água em sua boca mais depressa. O líquido fresco era mais doce que qualquer coisa que já provara.

— Melhor não beber muito tão cedo — advertiu o rapaz. — Faz mais de uma semana que você não ingere coisa alguma, além de algumas colheradas.

Mais de uma semana! Ela estivera lá por tanto tempo? Não conseguia lembrar-se de nada depois de entrar na pequena embarcação.

— On... onde estou? — gaguejou ela com voz rouca.

— Você está no domínio do senhor Riculf, a uns oitenta quilômetros de Fulda. Encontramos o seu barco num emaranhado de ramos ao longo da margem do rio. Você estava fora de si de tanta febre. Mas mesmo doente daquele jeito, lutou furiosamente para que não a apanhássemos.

Joana passou os dedos no inchaço macio sobre a mandíbula. O rapaz sorriu.

— Desculpe. Não dava para conversar com você no estado em que se encontrava. Se lhe serve de consolo, você bateu tanto quanto apanhou.

Ele ergueu a manga, revelando um grande e feio hematoma no ombro direito.

— Você salvou minha vida — disse Joana. — Obrigada.

— De nada. Era o mínimo que eu podia fazer depois de tudo que você fez pela minha.

— Eu... conheço você? — ela perguntou, surpresa. O rapaz sorriu.

— Suponho que *eu* devo ter mudado um bocado desde que nos vimos pela última vez. Eu tinha apenas doze anos. Vamos ver... — Ele começou a contar com os dedos, usando o método clássico de computação de Beda.

— Isso foi há seis anos. Seis vezes trezentos e sessenta e cinco dias... equivale a ... dois mil cento e noventa dias!

Os olhos de Joana se alargaram.

— Arn! — gritou ela, sendo imediatamente engolfada pelo abraço entusiasmado dele.

Não conversaram mais naquele dia, pois Joana ainda estava muito fraca, e Arn não queria que ela se cansasse. Após tomar algumas colheradas de caldo, ela imediatamente adormeceu.

Acordou no dia seguinte sentindo-se mais forte e, melhor ainda, com uma fome voraz. Tomando desjejum de pão e queijo com Arn, ela ouviu atentamente enquanto ele contava tudo que transcorrera desde a última vez em que haviam se visto.

— Como você tinha previsto, o padre abade ficou tão satisfeito com o nosso queijo que nos aceitou como prebendários,

prometendo-nos uma vida cômoda em troca de quarenta e cinco quilos de queijo por ano. Mas isso você já sabe.

Joana assentiu. O extraordinário queijo com veios azuis de aspecto repelente e sabor primoroso havia-se tornado indispensável na mesa do refeitório. Os hóspedes da abadia, tanto leigos como clérigos, ficaram tão cativados pela qualidade da iguaria, que havia uma procura crescente por ela em toda a região.

— Como vai a sua mãe? — perguntou Joana.

— Muito bem. Casou-se de novo, com um homem bom, criador de gado, cujos animais fornecem leite para produzir mais queijo. O negócio deles cresce mais a cada dia, e eles são felizes e prósperos.

— Não menos que você. — Com um gesto amplo, Joana indicou a casa grande e bem cuidada.

— Devo a minha boa sorte a você — disse Arn. — Na escola da abadia aprendi a ler e a trabalhar com números, habilidades que vieram a calhar quando nosso negócio cresceu e foi necessário manter uma contabilidade precisa. Ao saber o que eu era capaz de fazer, o senhor Riculf tomou-me para seu intendente. Administro a sua propriedade aqui e guardo-a de caçadores e pescadores furtivos. Foi assim que encontrei o seu barco.

Joana sacudiu a cabeça, pensativa, recordando-se de Arn e da mãe dele seis anos antes, vivendo numa cabana imunda, infelizes como colonos, aparentemente condenados a uma vida de miséria e fome. No entanto, Madalgis era agora uma bem casada mulher de negócios, e seu filho era o administrador das terras de um poderoso senhor! *Vitam regit fortuna*, Joana pensou. *A sorte governa a vida humana... tanto a minha quanto de outros.*

— Esta — Arn apresentou orgulhosamente — é a minha esposa, Bona, e esta é nossa filha, Arnalda.

Bona, uma bela jovem de olhos risonhos e sorriso fácil, era ainda mais moça que o marido, dezessete invernos no máximo. Já era mãe e o seu ventre inchado revelava que estava grávida de novo. Arnalda parecia um querubim, de olhos azuis muito redondos, cabelo louro encaracolado e bochechas rosadas. Ela sorriu encantadoramente para Joana, revelando duas covinhas mimosas.

— Uma bela família — disse Joana.

Arn sorriu e fez sinal à mulher e à criança.

— Venham cumprimentar... — Ele hesitou. — Como devo chamá-la? “Irmão João” parece estranho, agora que sabemos... o que sabemos.

— Joana. — O nome soou estranho e pouco familiar aos ouvidos dela. — Esse é o meu verdadeiro nome.

— Joana — repetiu Arn, satisfeito por ela ter-lhe confiado esse segredo. — Conte-nos então, se não se importa, como você veio a habitar entre os beneditinos de Fulda, pois tal coisa parece impossível. Como você conseguiu? O que a levou a fazê-lo? Alguém compartilhava o seu segredo? Ninguém jamais suspeitou?

Joana riu.

— Vejo que o tempo não embotou a sua curiosidade.

Não havia por que mentir. Joana contou tudo a Arn, desde sua educação pouco ortodoxa na escola de Dorstadt, até seus anos em Fulda e sua ascensão ao sacerdócio.

— Então, os irmãos ainda não sabem nada sobre você — disse Arn, pensativo, quando ela terminou. — Pensamos que talvez você tivesse sido descoberta e forçada a fugir... Pretende voltar, então? Você pode, ouviu. Prefiro morrer na roda de tortura a revelar a alguém o seu segredo!

Joana sorriu. A despeito da aparência adulta de Arn, permanecia nele boa parte do menino que ela havia conhecido. Ela disse:

— Felizmente, tal sacrifício não será necessário. Fugi a tempo; os irmãos não têm motivos para suspeitar de mim. Mas... não tenho certeza de que *quero* voltar.

— O que pretende fazer, então?

— Boa pergunta — disse Joana. — Muito boa mesmo. Pena que eu não saiba a resposta.

Arn e Bona agitavam-se ao redor dela como um par de galinhas-mães ansiosas, recusando-se a deixá-la levantar-se da cama por vários dias mais.

— Você ainda não está forte o suficiente — insistiam.

Joana não tinha alternativa além de se resignar à solicitude deles. Passava longas horas ensinando as letras e os números à pequena Arnalda. Apesar de muito pequena, ela possuía a aptidão

do seu pai para aprender e respondia com entusiasmo, encantada com a atenção de uma companhia tão divertida.

Quando, ao fim do dia, Arnalda era carregada para ir dormir, Joana ficava acordada meditando sobre o seu futuro. Deveria voltar para Fulda? Vivera na abadia por quase doze anos, crescera entre seus muros; era difícil imaginar-se em qualquer outro lugar. Mas era preciso encarar os fatos: tinha vinte e sete anos, já passara da flor da idade. Os irmãos de Fulda, desgastados pelo clima rigoroso, dieta espartana e quartos sem aquecimento do monastério, raramente passavam dos quarenta anos; o irmão Deodato, o mais velho da comunidade, tinha cinquenta e quatro. Por quanto tempo ela aguentaria contra os avanços da idade, ou até ser atingida de novo pela doença e correr, mais uma vez, o risco de ser descoberta e morta?

Havia também que considerar o abade Rabano. Ele estava firmemente predisposto contra ela, e era inflexível demais para repensar tal posição. Se ela voltasse, que rigores e castigos adicionais teria que suportar?

O seu espírito clamava por mudança. Não havia um livro na biblioteca de Fulda que ela não tivesse lido, não havia rachadura no teto do dormitório que ela não conhecesse de cor. Fazia anos que não acordava de manhã com a alegre expectativa de que algo novo e interessante pudesse acontecer. Ansiava por explorar um mundo mais amplo.

Para onde poderia ir? De volta a Ingelheim? Agora que sua mãe tinha morrido, nada havia lá que lhe interessasse. Dorstadt? O que esperava encontrar lá? Gerold, ainda à espera, conservando seu amor por ela após tantos anos? Que tolice. Era mais que provável que tivesse se casado de novo, e que não ficaria feliz com o reaparecimento súbito de Joana. Além disso, fazia muito tempo que ela escolhera uma vida diferente, uma vida em que não havia lugar para o amor de um homem.

Não, tanto Gerold quanto Fulda pertenciam ao passado. Ela tinha de olhar determinadamente para o futuro, qualquer que fosse.

— Bona e eu decidimos que você deve ficar conosco — disse Arn. — Seria bom ter outra mulher em casa para fazer companhia a

Bona e a ajudar a cozinhar e a fiar, especialmente agora, com o bebê a caminho.

A condescendência dele era maçante, mas a oferta tivera a melhor das intenções, por isso Joana respondeu com suavidade:

— Temo que seria um mau negócio. Sempre fui uma costureira deplorável, e completamente inútil na cozinha.

— Bona teria o maior prazer em ensinar v...

— Na verdade — ela interrompeu — já vivi por tanto tempo como homem, que não conseguiria ser uma mulher adequada de novo, se é que fui alguma vez! Não, Arn — ela silenciou o protesto dele com um gesto —: a vida de homem me agrada. Aprecio demais os seus benefícios para conseguir ser feliz sem eles.

Arn considerou isso por um instante.

— Mantenha o seu disfarce, então. Não importa. Você pode ajudar no jardim... ou ser professora da pequena Arnalda! Você já a encantou com suas lições e brincadeiras, como fez comigo outrora.

Era uma oferta generosa. Ela não encontraria maior sossego e segurança do que no seio dessa família feliz e próspera. Mas o mundo deles, confortável e protegido, era pequeno demais para o seu novamente despertado espírito de aventura. Ela não trocava um claustro por outro.

— Deus o abençoe, Arn, pelo seu bom coração. Mas tenho outros planos.

— Quais são?

— Pegarei a rota dos peregrinos.

— Para Tours e para o túmulo de São Martinho?

— Não — respondeu Joana —; para Roma.

— Roma! — Arn ficou atônito. — Ficou louca?

— Agora que a guerra acabou, outros farão a mesma peregrinação.

Arn sacudiu a cabeça.

— Meu senhor Riculf contou que Lotário não desistiu da coroa, apesar da sua derrota em Fontenoy. Ele fugiu de volta para o palácio imperial em Aachen e está à procura de mais homens para preencher as fileiras vazias do seu exército. Meu senhor disse que ele até entabulou negociações com os saxões, propondo permitir que eles voltem a adorar seus deuses pagãos se lutarem por ele!

Como mamãe teria dado risada, Joana pensou, *diante de tão inesperada reviravolta: um rei cristão oferecendo restaurar os deuses pagãos*. Ela podia imaginar o que sua mãe teria dito: o gentil Deus-mártir dos cristãos podia servir para propósitos cotidianos, mas para vencer batalhas, era preciso invocar Tor, Odin e os outros ferozes deuses-guerreiros do povo dela.

— Você não pode partir com as coisas incertas como estão — advertiu Arn. — É perigoso demais.

Ele tinha razão. O conflito entre os príncipes imperiais havia ocasionado um colapso total na ordem civil. As estradas desprotegidas haviam se tornado alvos fáceis para bandos errantes de ladrões e assassinos.

— Estarei segura — falou Joana. — Quem vai querer roubar um padre peregrino, sem coisa alguma de valor exceto a roupa do corpo?

— Alguns desses bandidos matarão você para roubar-lhe a roupa! Eu a proíbo de ir sozinha! — disse ele, com uma autoridade que nunca teria empregado se ainda acreditasse que ela era um homem.

Ela respondeu asperamente:

— Sou meu próprio amo, Arn. Vou aonde quiser.

Reconhecendo seu erro, Arn imediatamente recuou.

— Ao menos espere três meses — sugeriu. — Os mercadores de especiarias pegarão a rota então, mascateando seus bens. Eles viajam bem protegidos, pois se recusam a correr riscos com sua preciosa mercadoria. Eles podem provê-la de escolta segura por todo o percurso até Langres.

— Langres? Essa não é a rota mais direta.

— Não — concordou Arn —; mas é a mais segura. Em Langres há um albergue para peregrinos na direção sul; você não terá dificuldade em encontrar outros viajantes que lhe farão protetora companhia.

Joana considerou essa opção.

— Talvez você esteja certo.

— O meu senhor Riculf em pessoa fez a mesma peregrinação, anos atrás. Ele guardou um mapa do itinerário que seguiu; eu o tenho aqui.

Ele abriu um baú com cadeado, tirou de dentro um pedaço de pergaminho e desenrolou-o cuidadosamente. Estava escurecido e gasto pelo tempo, mas a tinta não havia desbotado; as linhas grossas destacavam-se claramente, marcando a rota para Roma.

— Obrigada, Arn. Farei como sugere. Três meses de adiamento não é muito. E passarei mais tempo com Arnalda; ela é muito esperta, e está indo tão bem nas suas lições!

— Combinado, então — falou Arn, começando a enrolar o pergaminho.

— Eu gostaria de estudar o mapa mais um pouco, se não se importa.

— Leve o tempo que quiser. Vou para os estábulos supervisionar a tosquia.

Arn saiu sorrindo, contente por tê-la convencido.

Joana respirou fundo, enchendo os pulmões com o doce aroma do início da primavera. Seu espírito alçou voo como um falcão liberto de suas peias, subitamente entregue à milagrosa liberdade do vento e do céu. A esta hora, os irmãos de Fulda estariam reunidos no interior sombrio da casa capitular, amontoados sobre os duros degraus de pedra, escutando o irmão despenseiro discorrer monotonamente sobre as contas da abadia. Ela, por outro lado, estava ali, livre e desimpedida, com uma vida de aventuras pela frente.

Tomada por um arroubo de entusiasmo, Joana estudou o mapa. Havia uma estrada boa e larga dali para Langres. De lá, a estrada seguia para o sul através de Besançon e Orbe, descendo ao longo do lago Saint Maurice até LeValais. No sopé dos Alpes, havia uma hospedaria monástica, onde peregrinos podiam descansar e prover-se para a árdua travessia pelas montanhas através do Grande São Bernardo — o melhor e mais transposto dos passos alpinos. Além dos Alpes, a linha reta e ampla da Via Francigena conduzia através de Aosta, Pávia e Bolonha até a Toscana, e mais além, a Roma.

Roma. As mentes mais brilhantes do mundo se reuniam naquela cidade antiga; suas igrejas guardavam tesouros incalculáveis, suas bibliotecas a sabedoria acumulada de séculos. Certamente ali, entre os sagrados túmulos dos apóstolos, Joana haveria de encontrar o que estava procurando. Em Roma ela descobriria o seu destino.

Ela estava acomodando o seu alforje sobre a mula — Arn insistira em fornecer-lhe uma para a jornada — quando a pequena Arnalda veio correndo do chalé, seu cabelo louro ainda desgrenhado pela noite de sono.

— Aonde você vai? — perguntou ansiosamente a carinha querubínica.

Joana se ajoelhou para nivelar seu rosto com o da criança.

— Para Roma — ela respondeu —: a Cidade das Maravilhas, onde mora o papa.

— Você gosta mais do papa do que de mim?

Joana riu.

— Eu nunca o vi. E não gosto de ninguém mais do que de você, codorninha. — Ela acariciou o cabelo macio da criança.

— Então não vá. — Arnalda jogou os braços em volta de Joana. — Não quero que você vá.

Joana a abraçou. O pequenino corpo infantil aconchegou-se tepidamente no seu, preenchendo seus braços e seu coração. *Eu poderia ter tido uma garotinha como esta, se tivesse escolhido um caminho diferente. Uma garotinha para abraçar, dar carinho... e ensinar.* Ela se lembrou da desolação que sentira quando Asclépio partira. Ele deixara um livro para ela, para que pudesse continuar a aprender. Mas ela, que fugira do monastério só com a roupa do corpo, nada tinha para dar à criança.

Exceto...

Joana enfiou a mão dentro da túnica e puxou para fora o medalhão que usara desde o dia em que Mateus o colocara ao redor do seu pescoço.

— Esta é santa Catarina. Ela era muito inteligente e muito forte, como você.

Ela contou a história da santa. Os olhos de Arnalda ficaram arredondados de assombro.

— Ela era uma *garota* e fez tudo isso?

— Fez. E você também poderá fazer, se continuar trabalhando com as suas letras. — Joana retirou o medalhão do seu pescoço e pendurou-o no de Arnalda. — Ela é sua agora. Cuide dela para mim.

Arnalda agarrou o medalhão, seu rostinho contorcendo-se num resolutos esforço para não chorar.

Joana disse adeus a Arn e Bona, que haviam saído para se despedir. Bona entregou-lhe um pacote com comida e um odre de pele de cabra encerada repleto de cerveja.

— Aí tem pão, queijo e carne seca, suficientes para mantê-la por uns quinze dias, quando você já terá chegado ao albergue.

— Obrigada — disse Joana. — Nunca esquecerei a sua bondade.

Arn disse-lhe:

— Lembre-se, Joana, que você sempre será bem-vinda aqui. Esta casa é sua.

Joana o abraçou.

— Ensine a menina — falou. — Ela é inteligente, e tem a mesma sede de saber que você.

Ela montou a mula. A pequena família ficou em volta dela, triste. Deixar para trás as pessoas a quem amava parecia ser o destino de Joana. Era o preço que pagava pela vida estranha que escolhera, mas na qual entrara de olhos bem abertos, de modo que não tinha do que se arrepender.

Joana picou a mula, que começou a trotar. Com um último aceno para trás, ela se voltou na direção da estrada do sul... e de Roma.



19

Roma, 844

Anastácio descansou a pena, esticando seus dedos para livrá-los da câimbra. Com orgulho, estudou a página que acabara de escrever: o mais recente apontamento na sua obra-prima, o *Liber pontificalis*, ou Livro dos Papas, registro detalhado dos papados da sua época.

Amorosamente, Anastácio passou a mão sobre o velino imaculado diante dele. Naquelas páginas em branco seriam registradas um dia as realizações, os triunfos e a glória do seu próprio papado.

Quão orgulhoso ficaria o seu pai, Arsênio! Embora a família de Anastácio tivesse acumulado muitos títulos e honrarias ao longo dos anos, o prêmio máximo do trono papal havia-lhes escapado. Uma vez Arsênio estivera perto de alcançá-lo, mas o tempo e as circunstâncias tinham conspirado contra ele e a oportunidade passara.

Agora era a vez de Anastácio. Ele tinha de fazer, ele *faria* jus à fé do seu pai nele, tornando-se senhor papa e bispo de Roma.

Não imediatamente, é claro. A ambição desmedida de Anastácio não o impedia de enxergar que a sua hora ainda não havia chegado. Ele tinha apenas trinta e três anos, e a sua posição de primicério, embora de grande poder, era um cargo demasiado secular para que pudesse, a partir dele, ascender à Sagrada Cátedra de São Pedro.

Mas a sua situação estava prestes a mudar. O papa Gregório IV jazia em seu leito de morte. Uma vez terminado o período formal de luto, haveria a eleição de um novo papa — eleição cujo resultado Arsênio havia predeterminado com uma habilidosa combinação de diplomacia, suborno e ameaças. O papa seguinte seria Sérgio, padre cardeal da Igreja de São Martinho, herdeiro fraco e corruptível de uma nobre família romana. Ao contrário de Gregório, Sérgio era

um homem que sabia como o mundo funcionava; ele saberia expressar sua gratidão àqueles que o haviam ajudado a obter o poder. Pouco após a eleição de Sérgio, Anastácio seria nomeado bispo de Castellum, posição perfeita para, a partir dela, elevar-se ao trono papal depois que Sérgio, por sua vez, morresse.

Era um quadro perfeito, exceto por um detalhe: Gregório continuava vivo. Como uma vinha envelhecida cujas raízes profundas sugassem alimento do solo árido, o velho aferrava-se teimosamente à vida. Prudente e contemplativo na sua vida pessoal como no seu reinado, Gregório procedia com lentidão irritante até para morrer.

Ele havia reinado por dezessete anos, mais tempo do que qualquer outro papa desde Leão III, de abençoada memória. Homem bom, modesto, bem-intencionado e piedoso, Gregório era muito amado pelo povo romano. Tinha sido patrono solícito da abundante população de peregrinos empobrecidos da cidade, providenciando numerosos abrigos e casas de refúgio, e fazendo com que esmolas fossem generosamente distribuídas em todos os dias de festa e procissões.

Anastácio sentia por Gregório uma mistura complexa, em partes iguais, de admiração e desprezo: admiração pela autenticidade da fé e devoção do homem, desprezo pela sua simploriedade e lentidão de raciocínio, que o expunham constantemente ao engano e à manipulação. O próprio Anastácio havia frequentemente se aproveitado da ingenuidade do papa, nunca com maior sucesso do que no Campo das Mentiras, quando sabotara as negociações de paz de Gregório com o imperador franco Luís bem debaixo do nariz dele.

Esse pequeno estratagema fora bastante lucrativo: o beneficiado, Lotário, filho de Luís, soubera expressar sua gratidão em moeda corrente, e agora Anastácio era um homem rico. Mais importante ainda, Anastácio obtivera a confiança e o apoio de Lotário. É verdade que, por algum tempo, Anastácio receara que essa aliança cuidadosamente cultivada com o herdeiro franco desse em nada, pois a derrota de Lotário em Fontenoy fora desastrosa. Mas Lotário conseguira fazer um acordo com seus irmãos rebeldes no Tratado de Verdun, uma admirável peça de manobra política que lhe

permitira conservar tanto sua coroa quanto seus territórios. Lotário era mais uma vez o único imperador, fato que viria a ser muito proveitoso para Anastácio no futuro.

O badalar dos sinos despertou Anastácio dos seus devaneios. Os sinos dobraram uma, duas, três vezes. Anastácio bateu na coxa, eufórico. Até que enfim!

Já tinha envergado o traje de luto, quando a esperada batida à porta sobreveio. Um notário papal entrou silenciosamente.

— O Apostólico reuniu-se a Deus — anunciou. — Sua presença, primicério, é solicitada no dormitório papal.

Lado a lado, sem falar, eles percorreram os corredores labirínticos do Palácio de Latrão rumo aos aposentos papais.

— Ele era uma alma piedosa — observou o notário, quebrando o silêncio. — Um pacificador, um santo.

— Um santo, de fato — concordou Anastácio, pensando em seguida: *Que lugar melhor para ele, então, do que o céu?*

— Quando surgirá outro igual? — A voz do notário vacilou.

Anastácio viu que o homem estava chorando. Manifestações genuínas de sentimento costumavam intrigá-lo. Era demasiado ardiloso e consciente do efeito causado sobre os outros por tudo que dizia ou fazia, para se entregar às *lacrimae rerum*. No entanto, a comoção do notário lembrou-o de que ele deveria preparar sua própria demonstração de pesar. À medida que se aproximavam do dormitório papal, ele respirou fundo e prendeu o fôlego, contorcendo sua face até sentir uma picada detrás dos olhos. Era um truque seu para derramar lágrimas quando quisesse; ele o utilizava raramente, mas sempre com ótimos resultados.

O dormitório estava aberto para a multidão de pranteadores que se reunia. Dentro dele, Gregório IV jazia na grande cama de plumas, os olhos fechados, os braços ritualmente cruzados ao redor de uma cruz de ouro. Os outros optimates, ou principais funcionários da corte papal, rodeavam o leito de morte: Arígio, o vicedômino; Cômulo, o nomenclador; e Estêvão, o vestiário.

— O primicério Anastácio — anunciou o secretário quando ele entrou. Os demais ergueram os olhos para ele, e o viram

inconsolável, as feições decompostas de dor, as faces banhadas em lágrimas.

Joana levantou a cabeça, deixando os raios do tépido sol romano se derramarem sobre o seu rosto. Ela ainda estava desacostumada a um clima tão ameno e agradável em Wintarmanoth, ou janeiro, como era chamado nesta parte meridional do Império, onde prevaleciam os costumes romanos, não francos.

Roma não era o que ela havia imaginado. Ela esperara uma cidade resplandecente, pavimentada de ouro e mármore, com centenas de basílicas erguendo-se para o céu num testemunho glorioso da existência de uma verdadeira *Civitas Dei*, uma Cidade de Deus na terra. A realidade se revelou muito diferente. Caóticas, imundas, apinhadas de gente, as ruas estreitas e mal-cuidadas de Roma pareciam engendradas no inferno, não no céu. Seus monumentos antigos — aqueles que não tinham sido convertidos em igrejas cristãs — estavam em ruínas. Templos, anfiteatros, palácios e termas haviam sido despojados de seu ouro e prata e deixados à mercê dos elementos. Trepadeiras serpenteavam ao redor de suas colunas caídas; jasmins e acantos brotavam das rachaduras nas suas paredes; porcos, cabras e bois de grandes chifres pastavam em seus pórticos abandonados. Estátuas de imperadores jaziam espalhadas no chão; os sarcófagos vazios de heróis eram reaproveitados como tinas de lavar roupa, cisternas ou gamelas para suínos.

Era uma cidade de contradições antigas e aparentemente irreconciliáveis: a maravilha do mundo, e um alvoroço sórdido e decadente; um lugar de peregrinação cristã, cuja arte maior celebrava deuses pagãos; um centro de livros e de saber, cujo povo chafurdava na ignorância e na superstição.

Apesar destas contradições, talvez por causa delas, Joana amava Roma. O tumulto fervilhante de suas ruas a estimulava. Nestes corredores formigantes de gente convergiam os rincões mais afastados do mundo: romanos, lombardos, germanos, bizantinos e muçulmanos acotovelavam-se numa mistura exótica de costumes e línguas. Passado e presente, pagão e cristão entrelaçavam-se numa tapeçaria rica e colorida. O melhor e o pior do planeta se reuniam

dentro desses velhos muros. Em Roma, Joana encontrou o mundo de oportunidades e aventura que havia procurado a vida toda.

Passava a maior parte do tempo no Burgo, onde estavam acumuladas as diversas *scholae*, ou sociedades, de estrangeiros. Quando chegara à cidade, cerca de um ano atrás, ela tinha naturalmente procurado primeiro a Schola Francorum, mas não foi admitida porque o lugar estava abarrotado de peregrinos e imigrantes francos. Por isso fora à Schola Anglorum, onde a ascendência inglesa do seu pai, bem como seu sobrenome, Ânglico, lhe asseguraram um acolhimento caloroso.

A profundidade e amplitude da sua educação logo lhe angariaram reputação de brilhante erudito. Teólogos vinham de toda Roma para debater com ela, e partiam abismados com a vastidão do seu conhecimento e com a sua habilidade de argumentação nas discussões. Quão consternados teriam ficado, pensava Joana sorrindo intimamente, se soubessem que haviam sido superados por uma mulher!

Os deveres regulares dela incluíam celebrar missa diariamente na pequena igreja ao lado da *schola*. Após a refeição do meio-dia e uma curta soneca (pois no sul era costume dormir para fugir das horas abrasadoras da tarde), ela ia à enfermaria, onde passava o resto do dia cuidando dos doentes. Seu conhecimento médico foi-lhe de grande valia, pois ali a prática da medicina não era de modo algum avançado como na Francônia. Os romanos pouco sabiam das propriedades curativas das ervas e plantas, e nada sobre o estudo da urina para diagnosticar e tratar enfermidades. O sucesso de Joana como curandeira tornaram os seus serviços muito requisitados.

Era uma vida ativa e ocupada, muito ao gosto dela. Oferecia todas as vantagens da vida monástica sem nenhuma das desvantagens. Ela podia empregar toda a sua inteligência sem controle ou censura. Tinha acesso à biblioteca da *schola*, uma coleção pequena, mas excelente, de mais de cinquenta volumes, e ninguém ficava por cima do ombro dela para questioná-la se ela escolhesse ler Cícero ou Suetônio em vez de Agostinho. Era livre para entrar e sair quando quisesse, de pensar como lhe aprouvesse, de expressar seus pensamentos sem medo de ser flagelada ou

denunciada. O tempo passava depressa, escoando-se satisfatoriamente no cumprimento de cada dia de trabalho.

As coisas poderiam ter continuado dessa forma indefinidamente, se o novo papa, Sérgio II, não tivesse adoecido.

Desde o Domingo da Septuagésima, o papa vinha exibindo uma variedade de sintomas vagos, mas perturbadores: má digestão, insônia, peso e inchaço dos membros; pouco antes da Páscoa, foi acometido por uma dor intensa, quase insuportável. Noite após noite, o palácio inteiro ficava desperto com seus gritos.

Para atender o pontífice enfermo, a sociedade médica mandou uma dúzia dos seus melhores homens, que tentaram dezenas de procedimentos para efetuar a cura: trouxeram um fragmento do crânio de são Policarpo para Sérgio tocar; massagearam seus membros doloridos com óleo extraído de uma lâmpada que havia queimado a noite inteira no túmulo de são Pedro, medida sabidamente eficaz até contra as aflições mais desesperadas; sangraram-no repetidamente e purgaram-no com eméticos tão fortes, que seu corpo foi torturado por violentos espasmos. Quando mesmo esses curativos poderosos falharam, tentou-se dissipar a dor por meio de contra-irritação, aplicando-lhe faixas de cera fervente sobre as veias das pernas.

Nada adiantou. Com a condição do papa piorando, o povo romano começou a ficar alarmado: se Sérgio morresse tão pouco tempo depois de seu predecessor, deixando o Trono de São Pedro vago de novo, o imperador franco Lotário talvez aproveitasse a oportunidade para descer à cidade e impor sua autoridade sobre eles.

Bento, irmão de Sérgio, também estava preocupado, não por qualquer sentimento fraterno, mas porque o falecimento de seu irmão era uma ameaça aos seus próprios interesses. Tendo persuadido o irmão a nomeá-lo legado papal, Bento havia habilmente usado esta posição para concentrar a autoridade do gabinete papal para si. O resultado foi que, em apenas cinco meses de papado, Sérgio governava em nome apenas; todo o poder real em Roma era exercido por Bento, para engrandecimento considerável da sua fortuna pessoal.

Bento teria preferido deter o título e as honrarias do cargo papal também, mas sempre soubera que isso estava além do seu alcance. Ele não tinha nem a instrução, nem o refinamento para uma posição tão elevada. Era o segundo filho, e em Roma não era costume dividir propriedade e títulos entre herdeiros, como na Francônia. A Sérgio, que era o primogênito, haviam sido prodigalizados todos os privilégios da família — roupas caras, professores particulares. Era terrivelmente injusto, mas não havia o que fazer, e depois de algum tempo, Bento deixou de lado o mau humor e procurou consolo nos prazeres mais mundanos, dos quais, como ele rapidamente descobriu, Roma não tinha escassez. Sua mãe resmungara sobre seus hábitos dissolutos, mas nada fizera efetivamente para restringi-los; seu interesse e esperanças sempre haviam estado centrados em Sérgio.

Agora, finalmente, os longos anos em segundo plano haviam terminado. Não fora difícil fazer Sérgio nomeá-lo *missus* papal: Sérgio sempre se sentira culpado pela preferência que recebera, em detrimento do irmão mais novo. Bento sabia que o irmão era fraco, mas corrompê-lo fora mais fácil do que previra. Depois de tantos anos de estudo incessante e privações monásticas, Sérgio estava mais que pronto para gozar a vida. Bento não procurou tentar o irmão com mulheres, pois Sérgio era inabalavelmente fiel ao voto de castidade sacerdotal. Aliás, sua atitude nesse tópico beirava a obsessão, a tal ponto que Bento manteve a custo segredo sobre suas próprias aventuras sexuais.

Mas Sérgio tinha outra fraqueza: um apetite insaciável pelos prazeres da mesa. Enquanto consolidava o seu próprio poder, Bento mantinha o irmão distraído com um desfile interminável de deleites gastronômicos. A capacidade de absorção de comida e vinho por parte de Sérgio era prodigiosa; chegou a consumir, numa só refeição, cinco trutas, duas galinhas assadas, uma dúzia de empadões de carne e um pernil de veado inteiro. Após uma orgia dessas, ele tinha ido celebrar a missa matinal tão empanturrado e inchado, que vomitou a Hóstia Sagrada sobre o altar, para horror da congregação.

Depois deste episódio vergonhoso, Sérgio resolveu se regenerar, retomando a dieta simples de pão e verduras na qual fora criado.

Esse regime espartano o restabeleceu: ele começou de novo a se interessar por assuntos de Estado. Isso interferiu nos planos lucrativos de Bento. Mas Bento esperou o momento propício; então, quando achou que Sérgio estava farto de abnegação piedosa, começou de novo a tentá-lo com mimos extravagantes: doces exóticos e pesados, massas e sopas cremosas, leitões assados, barris de vinho espesso da Toscana. Em breve, Sérgio voltou à sua gluttonaria.

Desta vez, no entanto, a comilança fora longe demais. Sérgio ficou doente, perigosamente doente. Bento não sentia compaixão pelo irmão mais velho, mas não queria que ele morresse. A morte de Sérgio representaria o fim do poder de Bento.

Algo precisava ser feito. Os médicos que tratavam de Sérgio eram um bando de incompetentes que atribuíam a enfermidade do papa a demônios poderosos, contra cuja malignidade somente orações prevaleceriam. Eles cercaram Sérgio de padres e monges que choravam e rezavam do lado da cama dele dia e noite, erguendo suas vozes estridentemente ao céu, mas não fez diferença alguma: Sérgio continuou a definhar.

Bento não estava satisfeito em deixar o seu futuro à mercê de orações.

Preciso fazer algo. Mas o quê?

— Senhor.

Bento foi desperto de seu devaneio pela vozinha hesitante de Celestino, um dos cubiculários papais, ou camaristas. Como a maior parte de seus colegas, Celestino vinha de uma rica e aristocrática família romana que pagara bom preço pela honra de ter um filho servindo como camarista do papa. Bento olhou para ele com aversão. O que esse garoto mimado, nascido em berço de ouro, sabia da vida, da luta árdua para se erguer da obscuridade?

— O que é?

— O senhor Anastácio solicita uma audiência consigo.

— Anastácio? — Bento não se lembrou do nome.

— Bispo de Castellum — Celestino esclareceu, solícito.

— Como ousa me instruir? — Furioso, Bento esbofeteou Celestino com força. — Isso vai ensiná-lo a respeitar os seus superiores. Agora saia e traga o bispo aqui.

Celestino saiu, acariciando a face magoada, com lágrimas nos olhos.

Bento flexionou a mão doída; fazia tempo não se sentia tão bem.

Instantes depois, Anastácio transpunha majestosamente as portas. Alto e refinado, epítome da elegância aristocrática, tinha plena consciência da impressão que causava em Bento.

— *Pax vobiscus* — falou Bento em mau latim.

Anastácio reparou no barbarismo, mas tomou cuidado em disfarçar o seu desprezo.

— *Et cum spiritu tuo* — respondeu fluentemente. — Como vai Sua Santidade, o papa?

— Mal. Muito mal.

— Lamento ouvir isso. — Era mais que mera educação: Anastácio estava preocupado mesmo. A época não era ainda apropriada para o papa morrer. Faltava um ano para Anastácio completar trinta e cinco anos, a idade mínima requerida para ser pontífice. Se Sérgio morresse agora, um homem mais jovem que ele poderia ser eleito, e demoraria vinte anos ou mais até que a Cátedra de São Pedro ficasse vaga de novo. Anastácio não pretendia esperar tanto tempo para realizar a ambição de sua vida.

— Seu santo irmão está recebendo tratamento adequado, espero.

— Ele está rodeado dia e noite por homens santos que oram pela sua recuperação.

— Ah! — Houve um silêncio. Ambos eram céticos quanto à eficácia de tais métodos, mas nenhum dos dois podia manifestar sua dúvida abertamente.

— Há uma pessoa na Schola Anglorum — Anastácio arriscou —, um sacerdote com grande reputação como médico.

— Ah, sim?

— João Ânglico, acho que é o nome dele. Um estrangeiro. Parece ser homem de grande saber. Dizem que realiza verdadeiros milagres de cura.

— Talvez eu devesse chamá-lo — falou Bento.

— Talvez — concordou Anastácio, sem insistir na questão. Sentiu que Bento não era homem para ser pressionado. Cheio de tato, mudou de assunto. Quando achou que um período razoável de

tempo havia passado, levantou-se para ir embora. — *Dominus tecum, Benedictus.*

— *Deus vobiscus* — Bento respondeu de forma errada outra vez.

Idiota ignorante, Anastácio pensou. Que um homem como aquele pudesse ocupar uma posição de tanto poder era uma vergonha, uma mancha no prestígio da Igreja. Com uma mesura e um elegante voltejo de suas vestes, Anastácio foi embora.

Bento o observou enquanto se distanciava. *Nada mal para um aristocrata. Vou mandar chamar esse padre-curandeiro, o tal João Ânglico.* Trazer alguém que não era membro da sociedade médica talvez causasse problemas, mas pouco importava. Bento acharia um meio. Sempre havia um meio quando se sabia o que se queria.

• • •

Três dúzias de velas queimavam do lado da grande cama em que Sérgio II jazia. Atrás delas ajoelhava-se uma multidão de monges vestidos de preto, desfiando monotonamente litanias em uníssono.

Enódio, o médico-mor de Roma, ergueu a sua lanceta de ferro e arrastou-a habilmente através do antebraço esquerdo de Sérgio, cortando a veia principal. O sangue jorrou da ferida e escorreu para dentro de uma tigela de prata suspensa pelo aprendiz de Enódio. Este sacudiu a cabeça ao examinar o sangue da tigela. Era grosso e escuro; o humor mórbido que causava a doença do papa estava concentrado no corpo e não podia ser extraído. Enódio deixou a ferida aberta, permitindo que o sangue corresse mais que de costume; não iria poder sangrar Sérgio por alguns dias, pois a lua estava entrando em Gêmeos, signo pouco propício para sangrias.

— Como ele está? — perguntou Floro, um colega médico.

— Mal. Muito mal.

— Vamos lá fora — sussurrou Floro. — Preciso falar com você.

Enódio estancou a ferida, juntando as bordas de pele e fazendo pressão com a mão. A tarefa de fechar a ferida com folhas de arruda cobertas de gordura e embrulhadas em pano, ele deixou ao seu aprendiz. Limpando o sangue das mãos, seguiu Floro até o saguão.

— Mandaram chamar mais alguém — disse Floro, aflito, assim que ficaram sozinhos. — Um curandeiro da Schola Anglorum.

— Não! — Enódio ficou consternado. A prática da medicina dentro da cidade era supostamente restrita aos membros da sociedade médica, embora, na prática, houvesse um pequeno e desconhecido exército de médicos amadores exercendo suas duvidosas habilidades entre a população.

Eram tolerados, desde que atuassem anonimamente entre os pobres. Mas o reconhecimento oficial de um deles, vindo do próprio palácio papal, representava uma ameaça inegável.

— João Ânglico é o nome do homem — disse Floro. — Correm rumores de que ele é dotado de poderes extraordinários. Dizem que consegue diagnosticar uma doença apenas examinando a urina do paciente.

Enódio fungou.

— Um charlatão.

— É óbvio. Mas alguns desses pretensos médicos são muito ardilosos. Se o tal João Ânglico conseguir simplesmente parecer que tem capacidade, poderá ser prejudicial para nós.

Floro tinha razão. Numa profissão como a deles, em que os resultados eram frequentemente decepcionantes e sempre imprevisíveis, reputação era tudo. Se aquele forasteiro obtivesse sucesso onde eles tinham visivelmente falhado...

Enódio pensou por um momento.

— Você disse que ele examina urina? Bom, então vamos dar-lhe uma amostra.

— Mas a última coisa que devemos fazer é ajudar esse estrangeiro!

Enódio sorriu.

— Falei para lhe darmos uma amostra de urina, Floro, mas não falei de quem.

Rodeada por uma escolta de guardas papais, Joana caminhava depressa rumo ao Patriárquio, o enorme palácio que abrigava a residência papal bem como a multiplicidade de departamentos administrativos que constituíam a sede do governo de Roma. Passando pela grande Basílica de Constantino, com sua magnífica fileira de janelas em arco, chegaram ao Patriárquio. Lá dentro,

subiram um pequeno lance de escadas que conduzia ao *triclinium major*, ou grande salão do palácio, cuja construção fora ordenada pelo papa Leão III, de abençoada memória.

O salão era revestido de mármore e decorado com miríades de mosaicos, trabalhados com um grau de qualidade artística que deixou Joana maravilhada. Nunca tinha visto cores tão brilhantes, nem figuras tão vivas.

Ninguém na Francônia — bispo, abade, conde, nem mesmo o próprio imperador — podia encomendar algo de tamanha magnificência.

No centro do salão, um grupo de homens estava reunido. Um deles se aproximou para cumprimentá-la. Era moreno, com olhos pequenos, empapuçados, e uma expressão matreira.

— Você é o padre João Ânglico? — perguntou.

— Sou.

— Eu sou Bento, *missus* papal e irmão do papa. Trouxe-o aqui para curar Sua Santidade.

— Farei tudo que puder — Joana disse.

Bento baixou a voz, num sussurro conspiratório:

— Há quem não deseje que você tenha êxito.

Joana acreditou. Muitos ali eram membros da elitista e exclusiva sociedade médica. Não acolheriam de braços abertos a um forasteiro.

Outro homem juntou-se a eles, alto, magro, olhos penetrantes e nariz adunco. Bento apresentou-o como Enódio, físico-mor da sociedade médica.

Enódio cumprimentou Joana com uma medida quase imperceptível.

— Você descobrirá por si próprio, se tiver a habilidade para tal, que Sua Santidade encontra-se afligido por demônios, cuja influência perniciosa não será desalojada por remédios ou purgas.

Joana nada disse. Dava pouco crédito a semelhantes teorias. Para que procurar pelo sobrenatural quando havia tantas causas físicas e detectáveis para doenças?

Enódio estendeu-lhe um frasco com um líquido amarelo.

— Esta amostra de urina foi obtida de Sua Santidade há menos de uma hora. Estamos curiosos para ver o que você pode descobrir

a partir dela.

Então serei testada, pensou Joana. Bem, suponho que seja um modo de começar como qualquer outro.

Pegou o frasco e ergueu-o contra a luz. O grupo ajuntou-se num semicírculo. O nariz adunco de Enódio tremeu enquanto a observava com expectativa vulpina.

Ela virou e revirou o frasco até seu conteúdo ficar bem visível. Estranho. Ela o cheirou e voltou a cheirá-lo. Mergulhou um dedo no líquido, encostou-o na língua e provou cuidadosamente. A tensão no aposento era quase palpável.

Mais uma vez cheirou-o e provou-o. Não havia dúvida.

Um estratagema engenhoso, substituir a urina do papa pela de uma mulher grávida. Eles a confrontavam com um dilema. Como simples padre e estrangeiro, não podia acusar a augusta companhia de cometer fraude; por outro lado, se não detectasse a substituição, ela é que seria denunciada como fraude.

A cilada fora armada com destreza. Como escapar dela?

Ela pensou a respeito.

Então se voltou e anunciou, impassível:

— Deus está prestes a realizar um milagre. Dentro de trinta dias, Sua Santidade dará à luz.

Bento ria às gargalhadas enquanto saiam do salão.

— A cara daqueles velhos! Precisei me segurar para não rir! — Ele estava se divertindo à beça com o ocorrido. — Você provou a sua habilidade e expôs o embuste deles sem uma palavra de acusação. Brilhante!

Aproximando-se do dormitório papal, ouviram uma gritaria rouca do outro lado da porta.

— Vilões! Vampiros! Ainda não morri! — Um forte ruído de coisa quebrando ressoou.

Bento abriu a porta. O papa Sérgio estava sentado na cama, o rosto vermelho de fúria. Sobre o assoalho, um vaso quebrado balançava diante de um grupo de padres encolhidos. Sérgio agarrara um cálice de ouro da mesinha de cabeceira, e estava prestes a arremessá-lo contra os infelizes prelados, quando Bento correu e arrancou-o das mãos dele.

— Basta, irmão! Os médicos já disseram: você está doente e não deve fazer esforço.

Sérgio disse em tom acusador:

— Eu acordei e vi que me ungiam com óleo. Eles estavam me dando a extrema-unção!

Os prelados alisaram as vestes com dignidade ofendida. Pareciam ser homens importantes; um deles, que usava o pálio de um arcebispo, falou:

— Achamos que seria o melhor a fazer, em vista da piora de Sua Santid...

— Saiam daqui! — interrompeu Bento.

Joana estava perplexa. Bento devia ser realmente poderoso para se dirigir a um arcebispo com tamanha descortesia.

— Pense bem, Bento — advertiu o arcebispo. — Colocaria em risco a alma imortal do seu irmão?

— Fora! — Bento agitou os braços, como se enxotasse um bando de corvos. — Todos vocês, fora!

Os prelados retiraram-se rapidamente, com indignação compartilhada. O papa afundou debilmente nos seus travesseiros.

— A dor, Bento — lamentou-se. — Não suporto a dor.

Bento derramou vinho de um jarro ao lado da cama na taça de ouro e colocou-a nos lábios de Sérgio.

— Beba — disse ele. — Vai aliviá-lo.

Sérgio bebeu com sofreguidão.

— Mais — exigiu assim que esvaziou a taça. Bento encheu a taça de novo, e depois uma terceira vez. O vinho escorria pelos cantos da boca de Sérgio. Ele era pequeno de ossos, mas muito gordo. O seu semblante era uma série de círculos interligados: rosto redondo ligado a um queixo redondo, olhos redondos centrados em dois anéis de carne.

— Agora — disse Bento, uma vez saciada a sede de Sérgio —, veja o que fiz por você, irmão: trouxe alguém que pode ajudá-lo. Ele é João Ânglico, curandeiro de grande reputação.

— Outro médico? — disse Sérgio, desconfiado.

Mas não fez qualquer objeção quando Joana puxou os cobertores para examiná-lo. Ela ficou chocada com o estado dele. Suas pernas estavam tremendamente inchadas, a carne tão

esticada que começava a abrir rachaduras. Ele padecia de uma grave inflamação nas articulações; Joana adivinhou a causa, mas precisava ter certeza. Examinou as orelhas de Sérgio. Conforme esperava, ali estavam eles: os reveladores tofos, pequenas excrescências gredosas, semelhantes a olhos de caranguejo, cuja presença significava uma coisa apenas: Sérgio estava sofrendo de um ataque agudo de gota. Como era possível que os médicos dele não tivessem percebido isso?

Joana correu os dedos delicadamente sobre a carne vermelha e reluzente, procurando a origem da inflamação.

— Esse pelo menos não tem as mãos de um lavrador — reconheceu o papa. Era espantoso que ainda estivesse lúcido, pois ardia em febre. Joana tomou-lhe o pulso, reparando nas múltiplas feridas no braço dele, causadas pelas repetidas sangrias. A pulsação era fraca e a coloração, agora que o acesso de fúria tinha passado, era de uma doentia palidez azulada.

Benedicite, pensou ela. *Não admira que esteja tão sedento. Eles o sangraram quase até a morte.* Virou-se para o camarista.

— Traga água, depressa.

Ela precisava reduzir o inchaço antes que este o matasse. Graças a Deus que ela trouxera corno de cólquico. Joana tirou da sua bolsa um quadradinho de pergaminho encerado, desdobrando-o cuidadosamente para não derramar o precioso pó.

O camarista voltou com um jarro de água. Joana pôs um pouco num copo, depois colocou duas dracmas da raiz em pó, a dose recomendada.

Acrescentou-lhe mel, para camuflar o sabor amargo, e uma pequena dose de meimendo, para fazer com que Sérgio adormecesse, pois o sono era o melhor anódino contra a dor, e o descanso a melhor esperança de cura.

Deu o copo a Sérgio, que bebeu avidamente.

— Eca! — Ele cuspiu fora. — É água!

— Beba — disse Joana com firmeza. Para sua surpresa, Sérgio aquiesceu.

— Eca! — Ele cuspiu fora. — É água!

— E agora? — ele perguntou, após esvaziar o copo. — Vai me purgar?

— Eca! — Ele cuspiu fora. — É água!

— Pensei que já estivesse farto dessas torturas.

— Quer dizer que você não vai fazer mais nada? — desafiou-a Bento. — Um gole d'água e só?

Joana suspirou. Já se deparara com tais reações antes. O bom senso e a moderação não eram apreciados na arte da cura. As pessoas exigiam medidas dramáticas. Quanto mais séria a doença, mais violenta se esperava que fosse a cura.

— Sua Santidade sofre de gota. Dei-lhe cólquico, um medicamento conhecidamente indicado para essa doença. Daqui a pouco ele vai adormecer e, *Deo volente*, a dor e o inchaço que o têm afligido abrandarão em alguns dias.

Como para demonstrar a verdade do que ela disse, a respiração ofegante de Sérgio começou a se acalmar; ele relaxou sobre os travesseiros e fechou os olhos serenamente.

A porta se abriu violentamente, e por ela irrompeu um homem pequeno e tenso, com um rosto igual ao de um galo garnisé querendo briga. Brandiu um rolo de pergaminho debaixo do nariz de Bento.

— Aqui estão os papéis. Só falta a assinatura. — Pelo modo de vestir e de falar, parecia ser um mercador.

— Agora não, Aio — respondeu Bento, mas o garnisé sacudiu a cabeça com fúria.

— Não, Bento, você não vai se livrar de mim outra vez! Toda Roma sabe que o papa está perigosamente doente. E se ele morrer durante a noite?

Joana olhou preocupada para Sérgio, mas ele não havia escutado: caíra no sono.

O homem fez tilintar um saco de moedas na frente dos olhos de Bento.

— Mil soldos, como combinado. Consiga a assinatura agora, e este — ergueu outro saco, menor — será seu também.

Bento levou o pergaminho até a cama e desenrolou-o sobre o lençol.

— Sérgio?

— Ele está dormindo — protestou Joana. — Não o acorde.

Bento ignorou-a.

— Sérgio! — Ele segurou o irmão pelo ombro e sacudiu-o rudemente. Os olhos de Sérgio se abriram, piscando. Bento pegou uma pena da mesa ao lado da cama, molhou-a no tinteiro e colocou a mão de Sérgio em volta dela.

— Assine isto — ordenou.

Atordado, Sérgio encostou a pena no pergaminho. Sua mão tremeu, derramando tinta sobre o pergaminho num rabisco torto. Bento cobriu a mão do irmão com a sua e ajudou-o a traçar a assinatura papal.

De onde estava, Joana podia enxergar o papel claramente. Era uma *formata* nomeando Aio bispo de Alatri. O contrato feito diante dos olhos de Joana era um suborno para comprar um bispado!

— Agora descanse, irmão — disse Bento, satisfeito por ter conseguido o que queria. A Joana ele disse: — Fique com ele.

Joana assentiu. Bento e Aio saíram do quarto.

Ela cobriu Sérgio com as cobertas, alisando-as gentilmente. A posição do seu queixo denotava determinação. Era evidente que as coisas no palácio papal estavam muito erradas, e continuariam assim enquanto Sérgio estivesse doente e seu irmão venal governasse em seu lugar. A tarefa dela era muito clara: restabelecer a saúde do papa o mais rápido possível.

Nos dias que se seguiram, o estado de Sérgio continuou periclitante. A ladainha constante dos padres impedia-o de dormir, por isso, graças à insistência de Joana, a vigília deles à cabeceira do doente foi suspensa. Exceto por uma breve ida à Schola Anglorum para buscar mais medicamentos, Joana não saiu do lado de Sérgio. De dia ela monitorava cuidadosamente o estado dele; de noite dormia sobre uma pilha de almofadas ao lado da cama.

No terceiro dia, o inchaço começou a diminuir, e a pele que o cobria a descascar. À noite, Joana acordou de um sono inquieto para descobrir que Sérgio havia suado profusamente. *Benedicite*, pensou ela. *A febre passou*.

Na manhã seguinte, ele acordou.

— Como se sente? — perguntou Joana.

— Eu... não sei — respondeu ele, ainda meio grogue. — Melhor, eu acho.

— Parece bem melhor. — O aspecto emaciado sumira, bem como o tom malsão azul-acinzentado da pele.

— Minhas pernas... estão formigando! — Ele começou a coçá-las violentamente.

— A comichão é um bom sinal: significa que a vida está retornando — explicou Joana. — Mas Vossa Santidade não deve irritar a pele, pois ainda há perigo de infecção.

Ele recolheu a mão. Mas a comichão era forte demais; um instante depois ele estava coçando as pernas de novo. Joana ministrou-lhe uma dose de meimendo para acalmá-lo, e ele adormeceu de novo.

Ao abrir os olhos no dia seguinte, ele estava com a mente muito clara e extremamente consciente do que se passava à sua volta.

— A dor... sumiu! — Ele olhou para as pernas. — E o inchaço também! — A constatação animou-o. Ele se aprumou, ficando sentado. Vendo um camarista à porta, disse-lhe:

— Tenho fome. Traga uma porção de toucinho defumado e vinho.

— Um prato de verduras e um jarro de água — contra-ordenou Joana. O camarista foi-se apressadamente antes que Sérgio pudesse protestar. As sobrancelhas dele arquearam-se de surpresa.

— Quem é você?

— Meu nome é João Ânglico.

— Você não é romano.

— Nasci na Francônia.

— O país do Norte! — Os olhos de Sérgio tornaram-se penetrantes. — É tão bárbaro quanto dizem?

Joana sorriu.

— Tem menos igrejas, se é o que quer dizer.

— Por que você é chamado de “ânglico” se nasceu no país dos francos?

O papa parecia incrivelmente alerta, considerando tudo pelo que passara.

— Meu pai era inglês — explicou Joana. — Ele veio pregar a Fé entre os saxões.

— Os saxões? — Sérgio fez uma careta. — Tribo ímpia!

Mamãe. Joana experimentou a velha e familiar sensação de vergonha e amor. Disse:

— A maioria é cristã agora, tanto quanto pode ser quem é convertido por meio do fogo e da espada.

Sérgio deitou-lhe um olhar agudo.

— Não aprova a missão da Igreja para converter os pagãos?

— Qual o valor de uma promessa obtida à força? Sob tortura, qualquer pessoa confessará quaisquer mentiras, apenas para se livrar da dor.

— Porém, Nosso Senhor ordenou que propagássemos a Palavra de Deus: “Ide, pois, e ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

— É verdade — admitiu Joana. — Mas... — interrompeu-se. Lá estava ela de novo deixando-se arrastar para um debate imprudente e possivelmente perigoso, desta vez com o próprio papa!

— Prossiga — estimulou Sérgio.

— Perdoe-me, Santo Padre. Vossa Santidade não está bem.

— Nem tampouco enfermo demais para raciocinar — replicou Sérgio com impaciência. — Prossiga.

— Bem — ela escolheu as palavras com cuidado —, considere-se a ordem desses mandamentos de Cristo: ensine as nações primeiro, batize-as depois. Não nos é ordenado que administremos o sacramento do batismo antes que a mente abrace a Fé com entendimento racional. Primeiro ensinem, disse Cristo, depois batizem.

Sérgio a contemplou com interesse.

— Você argumenta bem. Onde foi educado?

— Um grego de nome Asclépio, homem de grande saber, foi meu professor quando eu era criança. Mais tarde fui mandado à escola da catedral em Dorstadt, e depois para Fulda.

— Ah, Fulda! Recebi recentemente um volume enviado por Rabano Mauro, com belíssimas iluminuras, contendo um poema de sua própria lavra sobre a Santa Cruz de Cristo. Quando eu lhe escrever em agradecimento, contarei a ele sobre o serviço que você prestou à nossa pessoa.

Ela pensava que havia deixado o abade Rabano para trás para sempre; seria possível que o ódio tirânico daquele homem a perseguisse até mesmo ali, sabotando a vida nova que ela fizera para si?

— Temo que Vossa Santidade não receberá elogios à minha pessoa vindos de lá.

— Por que não?

— Porque para o abade a obediência é o maior dos votos religiosos, ao passo que para mim sempre foi o mais difícil.

— E quanto aos seus outros votos? — perguntou Sérgio com severidade.

— Nasci na pobreza e estou acostumado a ela. Quanto à castidade — ela manteve sua voz desprovida do mínimo tom de ironia —, sempre resisti à tentação das mulheres.

A expressão do papa suavizou-se.

— Fico contente em saber disso. Pois nesse assunto, o abade Rabano e eu discordamos; de todos os votos religiosos, a castidade é com certeza o maior e o mais agradável a Deus.

Joana ficou surpresa por ele pensar assim. O ideal da castidade clerical estava longe de ser universalmente praticado em Roma. Não era incomum um padre ter esposa, como não era proibido um homem casado abraçar o sacerdócio, desde que concordassem em abjurar de quaisquer relações conjugais no futuro — acordo que, previsivelmente, era mais quebrado do que cumprido. Raramente uma esposa fazia objeção a que seu marido se tornasse sacerdote, pois partilhava com ele o prestígio da sua posição: a mulher de um padre era respeitosamente intitulada “sacerdotisa”, e a de um diácono “diaconisa”. O papa Leão III fora casado quando ascendeu ao trono papal, e ninguém em Roma o havia considerado menos por isso.

O camarista voltou com uma salva de prata com pão e legumes, e a colocou diante de Sérgio, que partiu um pedaço de pão e mordeu-o, esfomeado.

— Agora — disse ele — conte-me tudo sobre você e Rabano Mauro.



Era como se — Joana começou a entender — Sérgio fosse duas pessoas diferentes: uma dissoluta, vulgar e mesquinha, a outra culta, inteligente e generosa. Ela havia lido sobre casos semelhantes em Celso: *animae divisae* era como ele chamava isso, almas divididas.

No caso de Sérgio, era a bebida que provocava essa metamorfose. Gentil e bondoso quando sóbrio, tornava-se um perigo sob a influência do álcool. Os servos do palácio, sempre dispostos a fofocar, contaram a Joana que o papa havia uma vez condenado um deles à morte apenas porque este atrasara em servir-lhe a ceia. Sérgio ficara sóbrio a tempo de suspender a execução, mas não antes que o infeliz tivesse sido espancado e posto no pelourinho.

Os médicos dele não haviam se equivocado tanto, concluiu Joana: Sérgio *estava* endemoninhado, embora os demônios que o possuíam fossem os seus próprios.

Tendo vislumbrado suas melhores qualidades, Joana fez da recuperação dele a sua missão. Ela o submeteu a uma dieta rigorosa de verduras e água de cevada. Sérgio resmungou, mas obedeceu, temendo que a dor voltasse. Quando achou que ele estava pronto, Joana estabeleceu caminhadas diárias no jardim do Latrão. Inicialmente, ele precisou ser carregado em sua liteira, com três carregadores gemendo sob o peso dele. No primeiro dia, ele mal conseguiu cambaleiar alguns passos antes de cair de volta na sua cadeira. Com o persistente encorajamento de Joana, a cada dia ele avançava um pouco mais; ao cabo de um mês já conseguia percorrer o jardim inteiro. O inchaço residual ao redor de suas juntas diminuiu, e a pele readquiriu uma saudável coloração rosada. As bolsas ao redor dos olhos sumiram, e à medida que os contornos do rosto dele emergiam mais claramente, Joana pôde perceber que ele

era um homem bem mais jovem do que ela pensara a princípio, não mais do que quarenta e cinco ou cinquenta anos.

— Sinto-me um homem novo — disse Sérgio a Joana um dia, durante sua caminhada. Era primavera, e os lilases em flor perfumavam o ar.

— Alguma tontura, fraqueza ou dor? — perguntou Joana.

— Nenhuma. De fato, Deus realizou um milagre.

— Vossa Santidade pode estar certo — Joana falou com um sorriso de viés —, mas lembre-se do seu estado quando somente Deus era o seu médico!

Sérgio repreendeu-a de brincadeira com um puxão de orelha.

— Deus realizou esse milagre através de você!

Sorriram juntos, em mútuo afeto. *Agora é o momento*, Joana pensou.

— Se Vossa Santidade se sente realmente bem...

— Sim?

— Eu estava pensando... a corte papal está em sessão hoje. O seu irmão Bento a está presidindo no seu lugar, como de costume. Mas se Vossa Santidade já se sente forte o suficiente...

Sérgio disse, hesitante:

— Bento está acostumado a presidir. Acho que não há necessidade...

— O povo não escolheu Bento para seu senhor. Eles precisam de Vossa Santidade.

Sérgio franziu o cenho. Houve um silêncio prolongado.

Joana pensou: *Falei cedo demais, e fui muito direta.*

Então Sérgio disse:

— Você diz a verdade, João Ânglico. Já negligenciei tais assuntos por tempo demais.

A tristeza nos olhos dele dava-lhe uma expressão de profunda sabedoria.

Joana respondeu gentilmente:

— A solução, meu senhor, está na ação.

O pontífice considerou isso. Então, voltou-se abruptamente, seguindo rumo ao portão do jardim.

— Vamos lá, então! — ele disse a ela, andando. — O que está esperando?

Joana correu atrás dele.

Dois guardas apoiavam-se contra a parede do lado de fora da sala do conselho, conversando desocupadamente. Ao verem Sérgio, empertigaram-se num pulo e abriram as portas.

— Sua Santidade papa Sérgio, bispo metropolitano de Roma! — anunciou um deles com voz ressonante.

Sérgio e Joana entraram rapidamente na sala. Houve um instante de silêncio estarecido, seguido por um ruidoso arrastar de bancos enquanto todos se levantavam reverentemente. Todos com exceção de Bento, que permaneceu sentado na cadeira papal com o queixo caído.

— Feche a boca, meu irmão, que em boca fechada não entra mosca — recomendou Sérgio.

— Santo Padre! Isso é prudente? — exclamou Bento. — Vossa Santidade não deveria pôr em risco a sua saúde assistindo a estes procedimentos!

— Obrigado, irmão, mas sinto-me muito bem — respondeu o papa. — E não vim para assistir, mas para presidir.

Bento levantou-se.

— Alegro-me em ouvir isso, bem como toda Roma. — A voz dele não expressava alegria alguma.

O papa instalou-se confortavelmente na cadeira almofadada.

— Qual o caso em andamento?

Rapidamente, o notário expôs os detalhes. Mamerto, um próspero mercador, estava solicitando permissão para renovar o Orfanotrófio, abrigo e escola para órfãos com sede numa estrutura decadente perto de Latrão. Mamerto propunha reconstruí-lo totalmente e transformá-lo em uma pousada para peregrinos.

— O Orfanotrófio — Sérgio refletiu. — Conheço bem o lugar; eu mesmo passei algum tempo lá, depois que minha mãe morreu.

— Santidade, o edifício está em ruínas — disse Mamerto. — É feio de ver, um borrão na nossa grande cidade. O que proponho vai transformá-lo num palácio!

— E o que acontecerá aos órfãos? — perguntou Sérgio.

Mamerto deu de ombros.

— Eles podem ir buscar caridade em outro lugar. Há asilos de pobres que poderão recebê-los.

O papa pareceu incerto.

— É duro ser mandado embora da própria casa.

— Santidade, essa pousada será o orgulho de Roma! Duques não se recusarão a pernoitar nela, nem reis tampouco!

— Órfãos não são menos caros a Deus do que reis. Cristo não disse “Bem-aventurados os pobres, pois deles é o Reino de Deus”?

— Santidade, peço-lhe que considere. Pense no que a existência de um estabelecimento tal pode fazer por Roma!

Sérgio sacudiu a cabeça.

— Não vou sancionar a destruição do lar dessas crianças. A petição está negada.

— Eu protesto! — exclamou acaloradamente Mamerto. — O seu irmão e eu já concordamos com a medida; o acordo já foi lavrado e o pagamento entregue.

— Pagamento? — O papa ergueu uma sobrancelha.

Bento fez um sinal urgente para Mamerto com a cabeça.

— Eu... eu... — Mamerto ergueu os olhos, procurando as palavras. — Eu fiz uma oferta, uma oferta muito generosa, no altar de São Servácio para acelerar o sucesso dessa empreitada.

— Então você está abençoado — falou o pontífice. — Esse gesto de caridade traz em si a sua recompensa, pois fará você padecer menos na vida eterna.

— Mas...

— Você tem a nossa gratidão, Mamerto, por chamar nossa atenção para o estado lamentável do Orfanotrófio. Reformá-lo será nossa prioridade.

A boca de Mamerto abriu-se e fechou-se várias vezes, como um peixe fora d'água. Com um último olhar para Bento, ele se retirou.

Sérgio piscou para Joana, que lhe devolveu um sorriso.

Bento captou esse intercâmbio. *Então é aí que mora o perigo*, pensou. Ele se recriminou por não ter percebido antes. Havia sido uma estação atarefada para a corte pontifícia, a época mais lucrativa do ano para Bento; estivera tão ocupado com esses assuntos, que não prestara atenção suficiente no grau de influência que o pequeno padre estrangeiro adquirira sobre o seu irmão.

Não faz mal, ele disse a si mesmo. *O que foi feito pode ser desfeito. Todo homem tem seu ponto fraco.* Era apenas uma questão de descobri-lo.

Joana apressou-se corredor abaixo rumo ao salão principal. Como médico particular do papa, era seu dever cear com ele, privilégio que lhe permitia ficar de olho em tudo que o seu santo paciente comia e bebia. Sérgio II ainda estava muito longe de ser saudável, e qualquer excesso poderia ocasionar um novo ataque de gota.

— João Ânglico!

Ela se voltou para ver Arígio, o vicedômino, ou mordomo do palácio, indo na direção dela.

— Uma senhora no Trastevere está perigosamente enferma; o senhor está sendo chamado para atendê-la.

Joana suspirou. Três vezes naquela semana ela fora chamada para essas incumbências. A notícia de que ela curara o papa havia se espalhado pela cidade. Para profundo desgosto dos membros da sociedade médica, os serviços de Joana como curandeiro haviam se tornado, de repente, muitíssimo requisitados.

— Por que não mandam um médico da *schola*?

Arígio franziu o cenho. Não estava acostumado a ser contrariado: como vicedômino, era sua prerrogativa e função exercer controle sobre todas as questões relacionadas à casa papal e seu quadro de funcionários, coisa que esse jovem estrangeiro atrevido parecia não entender.

— Eu já me comprometi a fornecer os seus serviços.

Joana irritou-se com essa asserção de autoridade. Como médico pessoal do papa, ela não estava, a rigor, sob a supervisão de Arígio. Mas não valia a pena brigar por causa daquilo, e um pedido urgente de ajuda precisava ser atendido, não importava quão inoportuno.

— Está bem — concordou Joana —, vou buscar minha bolsa de medicamentos.

Chegando ao endereço, Joana viu-se diante de uma suntuosa residência, ao estilo de uma antiga *domus* romana. Um criado

conduziu-a, através de uma série de pátios interligados e um jardim, até uma câmara interior exuberantemente decorada com mosaicos brilhantemente coloridos, estuque de conchas e pinturas *trompe l'oeil* que criavam a ilusão de paisagens e quartos longínquos. Esse aposento fantástico estava impregnado de um aroma doce de maçãs maduras. No fundo do quarto erguia-se uma grande cama de plumas, iluminada à sua volta com velas, como um altar. No meio da cama havia uma mulher deitada langorosamente.

Era a mulher mais bela que Joana já vira, mais bela que Richild, mais bela ainda que sua mãe, Gudrun, que Joana havia acreditado, até esse momento, ser a mulher mais encantadora da Criação.

— Sou Marózia. — A voz da mulher era puro mel líquido.

— S-senhora — gaguejou Joana, a língua presa diante de tamanha perfeição. — Eu sou João Ânglico, e vim em resposta ao seu chamado.

Marózia sorriu, contente com o efeito que causava.

— Chegue mais perto, João Ânglico — urgiu a voz melíflua. — Ou pretende me examinar daí?

O aroma de maçã doce era mais forte perto da cama. *Conheço esse odor*, pensou Joana, embora no momento não fosse capaz de identificá-lo.

Marózia estendeu uma taça de vinho.

— Bebe à minha saúde?

Por educação Joana bebeu, esvaziando a taça, de acordo com o costume. De perto, Marózia era ainda mais bonita, com sua pele de marfim impecável, seus olhos enormes, orbes do mais profundo violeta, orladas de preto e escurecidas pelas grandes pupilas negras no centro.

Grandes demais, percebeu Joana. Tão acentuada dilatação das pupilas era decididamente anormal. A observação clínica quebrou o feitiço da beleza de Marózia.

— Diga-me, senhora — Joana descansou a taça —, o que a aflige?

— Tão belo — ela suspirou — e tão objetivo?

— Quero ajudá-la. Que aflição a levou a me chamar com tanta urgência?

— Já que insiste — Marózia fez beicinho —, é o meu coração.

Uma queixa incomum para uma mulher da idade dela, pensou Joana; Marózia não podia ter mais de vinte e dois anos. Embora raros, tais casos podiam ocorrer, crianças nascidas sob uma má estrela e um verme no coração, sendo cada suspiro de sua breve existência um tormento e uma luta. Mas os que padeciam tais aflições não tinham o aspecto de Marózia, cujo ser inteiro, com exceção daquelas pupilas misteriosamente dilatadas, irradiava boa saúde.

Joana tomou-lhe o pulso, achando sua pulsação forte e regular. Examinou as mãos de Marózia: a cor era boa, com as pontas do dedo rosadas sob as unhas. Ao ser tocada, a pele não exibía marca ou descoloração alguma. Joana examinou as pernas e os pés de Marózia com igual cuidado, de novo sem encontrar indício algum de necrose; por todo o seu corpo a circulação de Marózia parecia forte e saudável.

Marózia reclinou-se sobre os travesseiros, espiando através de olhos semicerrados.

— Procurando o meu coração? — provocou ela. — Você não o encontrará aí, João Ânglico! — E abriu seu lençol de seda, revelando um par de seios perfeitos, semelhantes a marfim.

Benedicite! pensou Joana. Aquela devia ser a lendária Marózia, a mais célebre hetera ou cortesã de toda Roma! Dizia-se que os homens mais importantes da cidade estavam entre os seus clientes. *Ela está tentando me seduzir.* O absurdo da ideia fez Joana sorrir.

Interpretando mal o sorriso de Joana, Marózia sentiu-se encorajada. Esse padre não seria tão difícil de seduzir, como Bento dera a entender ao contratar os serviços dela para esse propósito. Padre ou não, João Ânglico era homem, e ainda não nascera um homem capaz de resistir a ela.

Com ostensivo desinteresse, Joana se concentrou no exame. Sondou os flancos da mulher, em busca de costelas contundidas; a dor causada por tais lesões muitas vezes era confundida com problema no coração. Marózia não estremeceu nem deu qualquer sinal de desconforto.

— Que belas mãos você tem — ela ronronou, posicionando-se de modo a realçar as curvas sedutoras do seu corpo. — Que mãos belas e fortes.

Joana empertigou-se de um salto:

— Maçã de Satã!

Típico de padre, pensou Marózia, *falar de pecado numa hora dessas*. Bem, padres não lhe eram estranhos; ela sabia como lidar com essas súbitas crises de consciência.

— Não reprima seus sentimentos, João, pois eles são naturais, são um dom de Deus. Não está escrito na Bíblia: “Os dois serão uma só carne”? Na verdade, Marózia não tinha certeza de que essas palavras eram da Bíblia, mas achou provável que fossem; tinham sido ditas a ela, numa ocasião muito parecida com aquela, por um arcebispo. — Além do mais — ela acrescentou — ninguém jamais saberá o que acontecerá aqui entre nós, exceto nós mesmos.

Joana sacudiu a cabeça com veemência.

— Não foi o que eu quis dizer. O cheiro neste quarto é de mandrágora, também chamada de maçã de Satã. — O fruto amarelo era um narcótico; isso explicava as pupilas dilatadas de Marózia. — Mas de onde vem esse cheiro? — Joana cheirou uma vela perto da cama. — O que você fez? Misturou o sumo com a cera da vela?

Marózia suspirou. Já vira tais reações em prelados jovens e virgens antes. Constrangidos e inseguros, ficavam tentando desviar a conversa para um terreno mais seguro.

— Venha — disse ela —, chega de falar em poções. Temos formas mais interessantes de passar o tempo. — Ela passou a mão pela frente da túnica de João Ânglico, procurando alcançar-lhe os órgãos genitais.

Antevendo o gesto, Joana pulou para trás. Ela cheirou a vela e tomou as mãos da jovem mulher firmemente nas suas.

— Preste atenção, Marózia. Você usa a mandrágora por suas propriedades afrodisíacas, bem o sei; mas precisa largar dela, pois seus vapores são venenosos.

Marózia franziu o cenho. O plano não estava dando certo. Ela precisava afastar a medicina da cabeça daquele homem.

Passos ressoaram no andar de baixo. Não havia mais tempo para persuasão. Ela apanhou a parte de cima do seu penhoar e rasgou-o com um forte repelão para baixo.

— Ó — gemeu ela — uma dor está me acometendo! Escute!

Ela agarrou a cabeça de Joana e aninhou-a entre seus seios. Joana tentou se afastar, mas Marózia a segurava firme.

— Ó, João! — a voz dela era puro líquido. — Não posso resistir ao ardor da sua paixão!

A porta abriu-se de par em par. Uma dúzia de guardas papais irromperam quarto adentro e agarraram Joana, erguendo-a rudemente da cama.

— Ora, padre, que estranha forma de ministrar a comunhão! — falou zombeteiramente o líder dos guardas.

— Esta mulher está doente — Joana protestou —; fui chamado para tratá-la.

O homem disse com malícia:

— De fato, esse seu remédio é tiro e queda contra esterilidade!

Gargalhadas ruidosas rebentaram. Joana falou a Marózia:

— Diga-lhes a verdade.

Marózia deu de ombros, seu penhoar rasgado escorregando deles.

— Eles nos viram. Para que negar?

— Bem-vindo ao clube, padre! — caçooou um dos guardas. — É possível lotar o Coliseu com todos os amantes de Marózia!

Isso provocou outra explosão de gargalhadas. Marózia também ria.

— Vamos, padre. — O líder dos guardas tomou o braço de Joana, empurrando-a na direção da porta.

— Para onde estão me levando? — perguntou Joana, embora soubesse a resposta.

— Para o Latrão. Você responderá ao papa por isto.

Joana desvencilhou-se dele e disse a Marózia:

— Não sei por que você fez isso, ou a mando de quem, mas escute o que lhe digo, Marózia: não submeta a sua sorte aos favores dos homens, pois são tão efêmeros quanto a sua beleza.

O riso de Marózia murchou nos lábios dela.

— Bárbaro! — xingou ela, com desdém.

Em meio a uma onda de risos, Joana foi levada embora.

Ladeada pelos guardas, Joana caminhava em silêncio pelas ruas cada vez mais escuras. Não conseguia sentir ódio de Marózia. Ela própria talvez tivesse acabado da mesma forma se o destino não a tivesse levado por um caminho diferente. As ruas de Roma estavam cheias de mulheres que se ofereciam por não mais que o preço de uma refeição. Muitas tinham vindo à Cidade Santa pela primeira vez como virtuosas peregrinas, até freiras; vendo-se sem abrigo nem recursos para comprar a passagem de volta, recorriam à alternativa mais imediata. Na segurança de seus púlpitos, os clérigos vociferavam contra essas “criadas do diabo”. Melhor morrer na castidade, diziam, do que viver em pecado. *Mas eles*, pensou Joana, *nunca passaram fome*.

Não, Marózia não tinha culpa, era apenas um instrumento. *Mas nas mãos de quem? Quem ganha alguma coisa me desacreditando?* Enódio e os demais membros da sociedade médica eram bem capazes de uma armação como aquela; mas com certeza teriam preferido desacreditar a habilidade médica dela.

Se não eles, então quem? A resposta surgiu de imediato: *Bento*. Desde aquele assunto do Orfanotrófio ele se ressentira dela, ciumento da influência dela sobre o seu irmão. A elucidação deu-lhe ânimo: ao menos sabia quem era o inimigo. Ela não deixaria Bento sair impune. Sim, ele era irmão do papa; mas ela era sua amiga, e o faria enxergar a verdade.

Chegando ao Latrão, Joana ficou consternada quando os guardas a fizeram passar direto pelo salão — onde Sérgio estava jantando com os optimates e outros altos dignitários da corte papal — rumo aos aposentos de Bento.

— Bem, bem, o que temos aqui? — falou Bento zombeteiramente quando Joana e os guardas entraram. — João Ânglico, cercado de guardas como um ladrão comum? — Ao chefe da guarda ele disse: — Diga-me, Tarásio, qual a natureza do crime deste padre?

— Senhor, nós o surpreendemos nos aposentos da prostituta Marózia.

— Marózia! — Bento afetou um ar de virtuosa desaprovação.

— Nós o encontramos na cama da marafona, abraçado com ela — acrescentou Tarásio.

— Foi uma armação — disse Joana. — Fui chamado lá sob o falso pretexto de que Marózia precisava de cuidados médicos. Ela sabia que os guardas estavam chegando e apertou-me contra seu seio bem na hora em que eles entraram.

— Espera que eu acredite que foi tapeado por uma mulher? Tenha vergonha, falso padre!

— A vergonha é sua, Bento, não minha — retrucou Joana, indignada. — Você maquinou essa cena para me desacreditar. Você fez com que Marózia me chamasse fingindo estar enferma, depois enviou os guardas, sabendo que eles nos encontrariam juntos.

— É verdade.

A admissão pegou Joana de surpresa.

— Confessa o seu ardil?

Bento pegou uma taça de vinho de uma mesa e bebericou, saboreando.

— Como eu sabia que você é devasso e não gostava de vê-lo abusar da confiança do meu irmão, procurei provar a sua perfídia, só isso.

— Não sou devasso, e você não tem razão alguma para crer que eu o seja.

— Não é devasso? — escarneceu Bento. — Tarásio, fale de novo como vocês o encontraram.

— Senhor, ele estava deitado com a biscate na cama dela, e ela estava nua nos braços dele.

— Tsc, tsc! Imagine quão angustiado o meu irmão vai ficar quando escutar esse testemunho arrasador... tanto mais por causa da grande confiança que ele depositava em você!

Pela primeira vez Joana se deu conta da gravidade da sua situação.

— Não faça isso — disse ela. — Seu irmão precisa de mim, pois ele ainda não está fora de perigo. Sem atendimento médico adequado, ele vai sofrer outro ataque, e o próximo poderá matá-lo!

— Enódio cuidará do meu irmão de agora em diante — Bento respondeu num tom seco. — Suas mãos pecadoras já causaram dano suficiente.

— *Eu*, causar dano a ele? — A indignação de Joana obliterou o que lhe restara de autocontrole. — Você se atreve a dizer isso, você, que sacrificou o seu irmão à sua própria inveja e cobiça?

Um líquido esbofeteou-a na cara: Bento havia jogado nela o conteúdo de sua taça. O vinho forte fez seus olhos arderem, extraíndo lágrimas; também lhe desceu pela garganta, fazendo-a engasgar e cuspir.

— Levem-no para o calabouço.

— Não! — Com um grito agudo, Joana desvencilhou-se dos guardas. Precisava chegar até Sérgio antes que Bento o envenenasse contra ela. Ela disparou na direção do salão.

— Detenham-no! — gritou Bento.

Os passos dos guardas ressoavam atrás dela. Joana dobrou uma esquina e correu desesperadamente rumo às luzes resplandecentes do salão.

Estava a poucos metros da entrada, quando foi apanhada e lançada ao chão. Ela lutou para se levantar, mas os guardas amarraram-lhe os braços e as pernas. Indefesa, foi erguida e levada embora.

Carregaram-na através de corredores desconhecidos e desceram-na por escadarias tão íngremes e intermináveis, que Joana se perguntou se teriam fim. Finalmente, os guardas pararam diante de uma porta de madeira maciça trancada com uma barra de ferro. Eles ergueram a barra e a porta se abriu, rangendo. Puseram Joana em pé e empurraram-na rudemente para dentro. Ela tropeçou na escuridão lamacenta e seus pés aterrissaram em água. Com aterradora solidez, a porta se fechou atrás dela, e a escuridão tornou-se absoluta.

• • •

Os passos dos guardas retrocederam pelo saguão. Joana estendeu as mãos, tateando nas trevas. Pegou sua bolsa — não lhes ocorrera tirá-la dela, o que era uma pequena bênção — e apalpou dentro dela os vários pacotinhos e frascos, reconhecendo cada um por seu formato e tamanho. Por fim, ela achou o que procurava: a caixa contendo sua pederneira e o toco de vela que

usava para aquecer suas poções. Ela segurou a pederneira e golpeou-a contra a caixa de ferro, produzindo faíscas na mecha seca. Num instante a faísca tornou-se chama. Joana aproximou a vela do pequeno lume até o pavio acender e ficar firme, lançando sua luz amarela ao redor de Joana num suave arco.

A luz brilhava precariamente na escuridão, revelando formas e contornos tremeluzentes. O calabouço era vasto, com uns nove metros de comprimento por seis de largura. As paredes eram de pedra maciça, sujas e escurecidas pelo tempo. O chão escorregadio também parecia ser de pedra, embora Joana não pudesse ter certeza, pois estava coberto por vários centímetros de água estagnada e lodosa.

Ela ergueu a vela mais alto, espalhando seu círculo de luz. Num canto afastado, um vulto humano tornou-se visível, lívido e etéreo como um fantasma.

Não estou sozinha. O alívio invadiu-a, seguido imediatamente por apreensão. Aquilo era, afinal de contas, um local de punição. Seria a aparição um louco, um assassino, ou ambos?

— *Dominus tecum* — arriscou ela. O homem não respondeu. Ela repetiu a saudação em vernáculo, acrescentando: — Sou João Ânglico, padre e médico. Há algo de possa fazer por você, irmão?

O homem estava sentado contra a parede, os braços dos lados, as pernas abertas. Joana se aproximou. A luz de sua vela derramou-se sobre a face do homem — mas não era uma face, era um crânio, uma horripilante cabeça de morto, coberta com fragmentos de carne apodrecida e cabelo.

Com um grito, Joana se virou e correu, chapinhando, na direção da porta, esmurrando as pesadas tábuas de carvalho.

— Deixem-me sair! — Ela bateu e golpeou até esfolar os nós dos dedos.

Ninguém respondeu. Ninguém viria. Eles a deixariam ali para morrer sozinha, no escuro.

Ela enlaçou a si própria com os braços e apertou firme, tentando parar de tremer. Gradualmente, às ondas de terror e desespero seguiu-se a calma. Outro sentimento aflorou nela: uma determinação teimosa de sobreviver, a fim de lutar contra a injustiça que a pusera lá. Sua mente, temporariamente entorpecida pelo

medo, voltou a raciocinar. *Não posso perder a esperança*, pensou resolutamente. *Sérgio não me confinará neste calabouço para sempre. Ele ficará furioso no início, ao ouvir a versão de Bento sobre o ocorrido com Marózia, mas em alguns dias se acalmará e mandará me chamar. Só preciso aguentar até lá.*

Ela começou uma cuidadosa inspeção do calabouço. Deparou-se com os restos de três outros prisioneiros, mas desta vez estava preparada, e eles não eram tão assustadores como o primeiro, pois seus ossos totalmente desprovidos de carne. Sua exploração também lhe rendeu uma descoberta importante: um lado do calabouço era mais alto que outro; no lado mais alto, a água suja e barrenta detinha-se a uma boa distância da parede, deixando uma longa faixa de chão seco. Contra a parede, um manto de lã jazia amarrotado, esfarrapado e coberto de buracos, mas ainda era uma proteção eficaz contra o frio penetrante da câmara subterrânea. Em outro canto do aposento ela fez outro achado: um colchão de palha flutuando sobre a água. O colchão era grosso, e estava tão cheio que a parte de cima estava seca. Joana o arrastou para a parte elevada do aposento e sentou-se sobre ele, colocando a vela do seu lado. Abriu sua bolsa e tirou um pouco de heléboro, espalhando o pó preto venenoso ao seu redor num amplo círculo, para afugentar ratos e outros parasitas. Depois tirou um pacote de casca de carvalho em pó e outro com salva seca, esfarelou-os e inseriu-os num frasco contendo vinho e mel misturados. Inclinando cuidadosamente o frasco com o precioso líquido, bebeu um bom gole para se fortalecer contra os miasmas fétidos do lugar. Então se deitou no colchão, apagou a vela e puxou o manto andrajoso sobre si.

Ficou imóvel na escuridão. Havia feito tudo que pudera no momento. Agora precisava descansar e guardar suas forças até a hora em que Sérgio a mandasse chamar.



Era a Festa da Ascensão, e a celebração do dia teria lugar na Igreja Titular de Santa Praxedes. Embora o sol tivesse acabado de nascer, os espectadores já estavam reunidos, animando a rua fora do Patriárquio com movimento, cor e vozerio.

Logo as enormes portas de bronze do Patriárquio se abriram. Os primeiros a aparecer foram os acólitos e outros clérigos de ordens menores, humildemente caminhando a pé. Esses eram seguidos por uma tropa de guardas armados, cujos olhos aguçados triavam a multidão à procura de desordeiros em potencial. Atrás deles cavalgavam os sete diáconos regionais e os sete notários regionais, cada um precedido por um clérigo empunhando o estandarte com a insígnia da sua região eclesiástica. Depois vinham o arcepreste e o primicério dos *defensores*, seguidos pelos membros dessa irmandade. Por fim, surgiu o papa Sérgio, paramentado com um magnífico manto de ouro e prata, sobre uma enorme égua com arreios de seda branca. Imediatamente a seguir cavalgavam os optimates, os principais dignitários da administração papal, por ordem de importância: Arégio, o vicedômino, depois o vestiário, o sacelário, o arcário e o nomenclador.

O longo cortejo atravessou o espaço aberto do pátio do Latrão e avançou com dignidade imponente, passando pela grande estátua de bronze de uma loba, *mater romanorum*, ou mãe dos romanos, que os antigos acreditavam ter amamentado Rômulo e Remo. A estátua tinha provocado bastante controvérsia, pois havia quem achasse blasfêmia uma peça de idolatria pagã estar diante dos muros do palácio papal, enquanto outros a defendiam com igual paixão, louvando a sua beleza e a excelência do seu acabamento.

Logo depois da loba, a procissão virou para norte, passando por baixo do grande arco do Aqueduto Claudiano, com seu soberbo e finamente proporcionado trabalho de alvenaria, na direção da antiga

Via Sacra, a estrada sagrada que os papas tinham percorrido desde tempos imemoriais.

Os intensos raios solares faziam Sérgio piscar repetidamente. Sua cabeça doía, e o balanço rítmico do seu cavalo o estava deixando tonto; ele se agarrou às rédeas para se firmar. *É o preço que pago pela gula*, pensou, penitente. Havia pecado de novo, empanturrando-se de comida e vinho. Apesar da sua fraqueza, Sérgio resolveu, pela vigésima vez naquela semana, regenerar-se.

Pesaroso, pensou em João Ânglico. Havia se sentido tão melhor quando o padre estrangeiro fora médico dele. Mas claro que era impensável tê-lo de volta, não depois do que ele fizera. João Ânglico era um pecador detestável, um padre que tinha quebrado o mais sagrado dos seus votos.

— Deus abençoe o nosso senhor papa! — Os vivos da multidão trouxeram Sérgio de volta ao presente. Ele abençoou o povo fazendo o sinal da cruz, lutando contra o enjoo à medida que a procissão se movimentava com majestosa dignidade pela linha estreita da Via Sacra.

Tinham acabado de passar pelo monastério de Honório, quando um homem a cavalo arremeteu subitamente contra a multidão, dispersando-a em desordem. Cavalo e cavaleiro estavam exaustos; o baio espumava pela boca, os flancos arquejantes; o homem tinha as roupas rasgadas e a face como a de um sarraceno, de tão enegrecida pela lama da estrada. Ele puxou as rédeas do animal e apeou diante do cortejo.

— Como ousa interromper esta procissão sagrada? — perguntou indignado o arcipreste Eustácio. — Guardas, desnudem esse homem e flagelem-no! Cinquenta açoites vão ensiná-lo a ter respeito!

— Ele... está chegando... — O homem estava tão sem fôlego que suas palavras eram quase indistintas.

— Esperem! — O papa deteve os guardas. — Quem está chegando?

— Lotário — ofegou o homem.

— O imperador? — perguntou Sérgio, atônito.

O homem fez que sim com a cabeça.

— À frente de um exército enorme de francos. Ele jurou vingança de sangue contra Vossa Santidade e contra esta cidade, pelo agravo cometido contra ele.

Um murmúrio de inquietude elevou-se da multidão.

— Agravo? — Por um instante não ocorreu a Sérgio o que isso poderia significar. Então se lembrou. — A consagração!

Após a eleição de Sérgio, a cidade havia ido adiante com a cerimônia de consagração, sem esperar pela aprovação do imperador. Isto constituía violação manifesta da carta régia de 824, que assegurava a Lotário o direito de *jussio* imperial, ou ratificação, de um papa eleito antes da consagração. No entanto, essa atitude havia sido muito aplaudida, pois o povo a encarou como uma reafirmação orgulhosa da independência romana com relação à longínqua coroa franca. Era uma clara e deliberada desfeita contra Lotário, mas como a *jussio* era mais simbólica que concreta — pois nenhum imperador jamais deixara de confirmar um papa eleito — ninguém achou que Lotário fosse criar caso.

— Onde está o imperador? — A voz de Sérgio era um sussurro seco.

— Em Viterbo, Santidade.

A notícia foi recebida com gritos de alarme. Viterbo, que fazia parte da zona rural romana, ficava a apenas dez dias de Roma.

— Meu senhor, ele é um açoite sobre a terra! — A língua do homem se soltou, agora que ele tinha recuperado o fôlego. — Os seus soldados pilham tudo que encontram pela frente, saqueiam as fazendas, roubam o gado, arrancam as vinhas pela raiz. Levam o que querem, e o que não querem, queimam. Aos que atravessam o seu caminho, matam sem piedade: mulheres, velhos, crianças de colo, ninguém é poupado. É um horror — a sua voz quebrou — um horror que não se pode imaginar.

Aterradas e inseguras, as pessoas se voltaram para o seu papa. Mas não puderam encontrar nele qualquer conforto. Diante dos olhos horrorizados dos romanos, o rosto de Sérgio afrouxou, seus olhos se reviraram e ele tombou para frente, sem sentidos, sobre seu cavalo.

— Oh, morreu! — O grito de lamentação ecoou numa dúzia de outras línguas. Rapidamente os guardas papais rodearam Sérgio,

apearam-no do seu cavalo e o levaram de volta para o Patriárquio. O resto da procissão foi atrás.

A multidão assustada aglomerou-se no pátio, ameaçando entrar num perigoso pânico. Os guardas dispersaram-na com chicotes e espadas, mandando as pessoas pelas vielas escuras e estreitas para o terror solitário de seus lares.

O pânico e a agitação foram crescendo à medida que refugiados afluíam pelos portões da cidade, oriundos da zona rural dos arredores, de Farfa e Narni, Laurento e Civitavecchia. Vinham em manadas, suas míseras posses em trouxas que levavam às costas, seus mortos empilhados em carroças. Todos tinham histórias semelhantes sobre a depredação e a selvageria franca. Esses relatos aterradores estimularam a cidade a reforçar suas defesas: dia e noite os romanos trabalharam incansavelmente para remover as camadas de entulho que haviam se acumulado contra as muralhas da cidade ao longo dos séculos, e que tornavam fácil para o inimigo transpô-las.

Os sacerdotes da cidade eram mantidos ocupados desde a prima até as vésperas, rezando missas e ouvindo confissões. As igrejas transbordavam, com as fileiras de fiéis engrossadas por uma multidão de caras desconhecidas, pois o medo havia renovado a fé de muitos cristãos pouco convictos. Piedosamente acendiam velas e erguiam suas vozes em orações pela segurança de seus lares e famílias, bem como pela recuperação de Sérgio, de quem todas as suas esperanças dependiam. *Que o poder de Deus esteja com o nosso senhor papa*, rezavam, pois ele decerto precisaria de grande fortitude para salvar Roma do demônio Lotário.

A voz de Sérgio subia e descia nas melodias fluídas do cântico romano, mais sincera e suave que a de qualquer dos outros meninos da *schola cantorum*. O mestre cantor deu-lhe um sorriso de aprovação. Encorajado, Sérgio cantou mais alto, sua voz jovem de soprano subindo cada vez mais num êxtase gozoso, até lhe parecer que estava sendo elevado ao próprio céu.

O sonho se desfez e Sérgio acordou. Um medo vago e indefinido oprimia a sua percepção, fazendo o seu coração disparar antes que ele entendesse por quê.

Com um estremecimento de náusea, lembrou-se.

Lotário.

Sentou-se. Sua cabeça latejava e na sua boca havia um gosto ruim.

— Celestino! — Sua voz rangeu como uma dobradiça enferrujada.

— Santidade! — Sonolento, Celestino levantou-se do chão. Parecia um querubim celestial, com as suas bochechas de um rosado suave, olhos redondos infantis e cabelo louro desgrenhado. Tinha dez anos e era o mais jovem dos cubiculários; seu pai era homem de grande influência na cidade, por isso ele viera ao Latrão mais cedo que a maioria. *Bem*, pensou o papa, *ele não é mais jovem do que eu era quando me levaram embora da casa dos meus pais*.

— Vá buscar Bento — ordenou. — Quero falar com ele.

Celestino fez que sim e saiu apressado, abafando um bocejo.

Um dos criados da cozinha entrou trazendo uma bandeja com pão e toucinho defumado. Sérgio não devia quebrar o jejum até depois de ter celebrado a missa, pois as mãos que tocavam nos dons eucarísticos tinham de estar libertas de qualquer mancha mundana. Privadamente, no entanto, tais delicadezas rituais eram frequentemente desconsideradas, especialmente por um papa de apetite tão prodigioso.

Naquela manhã, contudo, o cheiro do toucinho enjoou Sérgio, que afastou a bandeja com um gesto.

— Leve embora.

Um notário entrou e anunciou:

— Sua Graça, o arcebispo, espera por Vossa Santidade no salão.

— Pois que espere — respondeu Sérgio secamente. — Primeiro falarei com o meu irmão.

O bom senso de Bento nesta crise fora inestimável. Fora dele a ideia de tirar o dinheiro do tesouro papal para subornar Lotário.

Cinquenta mil soldos de ouro deveriam ser suficientes para aplacar até mesmo o orgulho ferido de um imperador.

Celestino voltou, não com Bento, mas com Arígio, o vicedômimo.

— Onde está o meu irmão? — perguntou Sérgio.

— Partiu, Santidade — respondeu Arígio.

— Partiu?

— Ivo, o porteiro, viu-o sair antes do amanhecer com uma dúzia de subordinados. Pensamos que Vossa Santidade sabia.

Sérgio sentiu sua garganta banhada pela bile.

— O dinheiro?

— Bento recolheu-o na noite passada. Havia onze cofres. Estavam com ele quando partiu.

— Não! — Mas mesmo quando os lábios de Sérgio formaram a negação, ele sabia que era verdade. Bento o traíra.

Estava indefeso. Lotário chegaria e não havia nada, nada que Sérgio pudesse fazer para detê-lo.

Acometido de engulhos, inclinou-se para o lado da cama, derramando o conteúdo azedo do seu estômago no chão. Tentou se levantar, mas não conseguiu; a dor aguilhoava suas pernas, imobilizando-o. Celestino e Arígio correram a ajudá-lo, erguendo-o e deitando-o de novo. Virando a cabeça para o travesseiro, Sérgio chorou como uma criança.

Arígio voltou-se para Celestino:

— Fique com ele. Eu vou à masmorra.

Joana contemplava a tigela de comida diante dela. Havia uma crostazinha de pão velho e uns pedaços indistinguíveis de carne cinzenta perfurados de vermes que se contorciam; o cheiro de podridão subia-lhe às narinas. Fazia vários dias que não comia, pois os guardas, fosse por negligência ou de propósito, não traziam comida diariamente. Ficou olhando para a carne, dividida entre a fome e o bom senso. Acabou por afastar a tigela. Pegando a crosta de pão, mordeu um pedacinho, mastigando-o devagar para que durasse mais.

Há quanto tempo estava ali? Duas semanas? Três? Começava a perder a noção do tempo. A escuridão perpétua a desorientava. Ela havia poupado seu pedaço de vela ao máximo, acendendo-a

apenas para comer ou para preparar medicamentos. Mesmo assim, a vela estava reduzida a um toquinho de cera, que só daria mais duas ou três horas de preciosa luz.

Mais terrível ainda que a escuridão era a solidão. O silêncio total e ininterrupto era enervante. Para manter-se alerta, Joana impôs a si mesma uma série de tarefas mentais: recitar de cor toda a Regra de São Bento, os cento e cinquenta salmos e o livro dos Atos dos Apóstolos. Mas essas proezas de memória logo se tornaram rotineiras demais para manter a sua atenção ocupada.

Ela se lembrou como o grande teólogo Boécio, que também fora aprisionado, havia encontrado forças e consolo na oração. Durante horas ela se ajoelhou no chão de pedra fria da masmorra, tentando rezar. Mas no âmago do seu ser, nada sentia além de vazio. A semente da dúvida, plantada na sua infância por sua mãe, tinha criado raízes na sua alma. Ela tentou arrancá-las, erguer-se para a luz consoladora da graça, mas não conseguia. Será que Deus estava ouvindo? Será que Ele existia, sequer? A cada dia que passava sem notícias de Sérgio, sua esperança ia gradualmente desaparecendo.

O estrondo de metal fê-la estremecer quando a barra sobre a porta foi levantada. Um instante depois, a porta se abriu inteira, derramando ofuscante claridade no breu. Protegendo os olhos contra o clarão, Joana apertou-os, virando-se na direção da abertura. A silhueta de um homem destacou-se contra a luz.

— João Ânglico? — perguntou ele, incerto, na escuridão.

A voz pareceu imediatamente familiar.

— Arígio! — Joana se levantou e, tonta, cambaleou através da água estagnada na direção do vicedômino papal. — Sérgio o mandou?

Arígio sacudiu a cabeça.

— Sua Santidade não deseja vê-lo.

— Então, por que...?

— Ele está gravemente enfermo. Outrora você lhe deu remédios que o ajudaram; tem algum aí com você?

— Tenho. — Joana tirou um pacote com pó de cólquico de sua bolsa. Arígio estendeu a mão para apanhá-lo, mas Joana não permitiu.

— O que foi? — perguntou Arígio. — Você o odeia tanto assim? Cuidado, João Ânglico, pois desejar mal ao Vigário de Cristo é colocar a sua alma imortal em gravíssimo perigo!

— Não o odeio — disse Joana, com sinceridade. Sabia que Sérgio não era mau, apenas fraco e confiante demais no seu corrupto irmão. — Mas não confiarei este remédio a mãos inexperientes. Ele é muito forte, e uma dose errada pode ser fatal. — Isso não era totalmente verdade, o pó da raiz não era tão forte assim, seria necessária uma dose cavalgar para causar algum mal. Mas aquela era a sua chance de se libertar, ela não a desperdiçaria. — Além disso — acrescentou —, como vou saber se a enfermidade que aflige Sérgio é a mesma de antes? Para curar o Santo Padre, preciso examiná-lo primeiro.

Arígio hesitou. Libertar o prisioneiro seria um ato de insubordinação, uma contra-ordem direta da ordem do senhor papa. Mas, se Sérgio morresse com o imperador franco às portas da cidade, o Papado e a própria Roma estariam perdidos.

— Venha — disse ele, tomando abruptamente uma decisão. — Vou levá-lo a Sua Santidade.

Sérgio jazia sobre os macios travesseiros de seda do leito papal. A pior das dores já havia passado, mas o deixara extenuado e fraco como um gatinho recém-nascido.

A porta do quarto se abriu, e Arígio entrou, seguido por João Ânglico.

Sérgio ficou violentamente sobressaltado.

— O que este pecador está fazendo aqui?

Arígio respondeu:

— Ele trouxe um remédio poderoso que vai restabelecer a saúde de Vossa Santidade.

O papa sacudiu a cabeça.

— Toda verdadeira medicina vem de Deus. A graça curativa Dele não pode ser transmitida por um instrumento tão impuro.

— Não sou impuro — protestou Joana. — Bento mentiu a Vossa Santidade.

— Você estava na cama da libertina — Sérgio redarguiu acusadoramente. — Os guardas viram você lá!

— Eles viram o que esperavam ver, o que se lhes ordenou que vissem — retrucou Joana, em seguida explicando rapidamente a encenação engendrada por Bento para prejudicá-la. — Eu nem queria ir até lá — acrescentou —, mas Arígio insistiu.

— É verdade, Santo Padre — confirmou o vicedômino. — João Ânglico perguntou se eu não podia mandar um dos outros médicos. Mas Bento insistiu que João Ânglico, e nenhum outro, deveria ir.

Durante um longo ínterim, Sérgio não falou. Por fim, ele disse com voz dissonante:

— Se isso for verdade, você foi gravemente injustiçado. — Ele caiu em desespero. — A vinda de Lotário é a justa sentença de Deus contra mim por todos os meus pecados!

— Se Deus quisesse puni-lo, haveria meios mais fáceis de fazê-lo — Joana observou. — Por que sacrificar milhares de vidas inocentes quando ele poderia fulminá-lo com um único golpe?

Sérgio foi pego de surpresa. Entregue ao costumeiro egocentrismo dos poderosos, tal ideia jamais lhe ocorrera.

— A vinda de Lotário não é uma punição — perseverou Joana —, e sim um teste: um teste de fé. Vossa Santidade precisa liderar o povo e fortalecê-lo através do exemplo.

— Estou doente de corpo e alma. Deixe-me morrer.

— Se Vossa Santidade morrer, a vontade do povo morrerá consigo. Vossa Santidade *precisa* ser forte por eles.

— Que diferença faz? — falou Sérgio desesperançado. — Não podemos prevalecer sobre as forças de Lotário; seria necessário um milagre.

— Então — Joana disse firmemente — nós faremos um.

No dia seguinte ao Domingo de Pentecostes, a data prevista para a chegada de Lotário, a praça diante da Basílica de São Pedro começou a ficar repleta de membros das várias *scholae* da cidade, vestidos com os seus melhores trajes. Lotário não havia feito uma declaração formal de hostilidade, por isso o plano era oferecer-lhe a recepção devida a um personagem de tão alto gabarito. A demonstração inesperada de boas-vindas talvez o desarmasse por tempo suficiente para que a segunda parte do plano de Joana fosse executada.

No meio da manhã estava tudo pronto. Sérgio deu sinal e o primeiro grupo montado, os *judices*, avançou com os estandartes amarelos que ostentavam as suas insígnias. Atrás deles foram os defensores e os diáconos; depois, a pé, as várias sociedades de estrangeiros — frísios, francos, saxões, lombardos e gregos. Encorajavam-se uns aos outros à medida que desciam a Via Triunfalis, passando pelos esqueletos de templos pagãos abandonados que se alinhavam ao longo da antiga estrada.

Deus queira que não estejam marchando para suas mortes, pensou Joana. Então voltou sua atenção para Sérgio. Ele havia melhorado muito nos últimos dias, mas ainda não estava bem. Seria forte o bastante para suportar a provação daquele dia? Joana falou a um camarista, que trouxe uma cadeira, na qual o papa afundou, agradecido. Em seguida ela deu a ele suco de limão misturado com mel, para fortificá-lo.

Cinquenta dos homens mais poderosos de Roma estavam agora reunidos no amplo pórtico diante das portas da basílica: todos os oficiais mais graduados da administração do Latrão, um grupo seleto de padres cardeais, os duques e príncipes da cidade, e seus séquitos. O arcepreste Eustácio conduziu-os numa breve oração, depois todos ficaram em silêncio. Nada mais havia a fazer senão esperar.

Com os semblantes tensos, tinham os olhos dirigidos para o ponto onde a estrada se perdia de vista, além das sebes verdes e prados da Planície Neroniana.

O tempo passava com lentidão insuportável. O sol elevava-se gradualmente no céu sem nuvens. A brisa da manhã abrandou, depois morreu, deixando os estandartes pendendo flacidamente contra suas hastes. Enxames de moscas começaram a sobrevoar preguiçosamente as cabeças, seu zumbido maçante vibrando alto no ar parado e carregado de expectativa.

Mais de duas horas haviam passado desde que o cortejo saíra. Já deviam ter voltado!

Um ruído quase inaudível veio da distância. Eles ficaram de orelha em pé. O ruído veio de novo, contínuo e inequívoco: o som de vozes distantes a cantar.

— *Deo gratias* — suspirou Eustácio quando os estandartes dos *judices* flutuaram à vista, encimando o horizonte verde como velas amarelas sobre o mar. Momentos depois, apareceram os primeiros cavaleiros, seguidos por membros das várias *scholae*, a pé. Atrás deles marchava uma multidão escura, que se estendia até onde a vista alcançava: o exército de Lotário. Joana susteve a respiração; nunca vira uma hoste tão grande.

Sérgio se levantou, apoiando-se no seu báculo. A vanguarda do cortejo dirigiu-se à basílica e abriu alas, criando uma passagem através da qual o imperador pudesse passar.

Lotário passou, a cavalo. Ao vê-lo, Joana acreditou nas histórias da crueldade bárbara que o haviam precedido. Era troncudo, de pescoço grosso e uma cabeça maciça; sua cara larga, achatada, e os olhos rasos irradiavam uma inteligência malévola.

Os dois grupos rivais encararam-se, um escuro e enlameado pelos rigores da viagem, o outro imaculado e cintilando em seus trajes clericais. Por trás de Sérgio, o telhado de São Pedro erguia-se incandescente, suas placas de prata refulgindo com a luz refletida da manhã — o coração espiritual da Igreja, farol do mundo, santuário mais sagrado de toda a Cristandade. Perante tal grandiosidade sacra até imperadores haviam se curvado.

Lotário desmontou, mas não se ajoelhou para beijar o primeiro degrau da basílica, na costumeira demonstração de reverência. Subiu com ousadia os degraus, seguido por um grupo de homens armados. Os prelados reunidos diante das portas abertas da basílica recuaram, alarmados; os guardas papais rodearam Sérgio protetoramente, suas mãos nos punhos das espadas.

De repente, as portas abertas da Basílica de São Pedro rangeram e começaram a se mexer. Lotário pulou para trás. Seus homens sacaram suas espadas, depois ficaram atônitos, virando os olhos esgazeados de um lado para o outro. Mas não havia ninguém perto delas. As portas oscilaram lentamente para dentro sobre as suas dobradiças, como se empurradas por gente invisível. Então se fecharam com um estrondo final e definitivo.

Agora. Joana desejou que Sérgio entrasse em ação. Como se tivesse escutado a ordem não dita, ele estendeu os braços dramaticamente. Não era mais o homem débil e adoentado de

alguns dias antes; com seu camelaucio¹⁴ branco e vestes douradas, parecia imponente e majestoso.

Falou em frâncico, para assegurar que os soldados de Lotário entenderiam:

— Contemplem a mão de Deus — ele entoou solenemente —, que protegeu o mais sagrado de Seus altares contra vocês!

Os homens de Lotário gritaram de pavor. O imperador manteve sua posição, cauteloso e desconfiado.

Agora, Sérgio começou a falar em latim:

— *Si pura mente et pro salute Reipublicae huc advenisti...* Se você veio com a mente pura e boa vontade para com a república, entre e seja bem-vindo; se não, então nenhum poder terreno abrirá estas portas para você.

Lotário hesitou, ainda desconfiado. Teria Sérgio operado um milagre? Ele duvidava, mas, não podia ter certeza: os caminhos de Deus eram misteriosos. Além disso, a sua posição estava agora consideravelmente enfraquecida, pois seus homens caíam de joelhos, aterrorizados, as espadas escorregando das mãos deles.

Com um sorriso forçado, Lotário abriu os braços para Sérgio. Os dois potentados se abraçaram, seus lábios encontrando-se no beijo da paz. *“Benedictus qui venit in nomine Domini”*, o coro cantou alegremente, “Abençoado seja quem vem em nome do Senhor”.

Com um solavanco, as portas começaram a se mover de novo. Todos olharam embasbacados os painéis revestidos de prata abrindo-se para fora até ficarem de novo escancarados. De braços dados, com os jubilosos sons do hosana ressoando em seus ouvidos, Sérgio e Lotário entraram na basílica para rezar diante do santuário do Abençoado Apóstolo.

As dificuldades com Lotário não haviam acabado: explicações ainda precisavam ser dadas, pedidos de desculpas oferecidos, vantagens negociadas, concessões feitas. Mas o perigo imediato passara.

Joana pensou em Gerold e em quanta risada ele teria dado ao ver o uso que ela fizera do seu truque hidráulico com a porta. Ela o imaginou com seus olhos de anil acesos, sua cabeça jogada para trás dando a gargalhada generosa de que ela se lembrava tão bem.

Estranhos os caminhos do coração! As pessoas podiam viver anos e anos, acostumar-se à perda, reconciliar-se com ela, e então, de repente, uma lembrança fugaz fazia a dor ressurgir, aguda e crua como uma ferida aberta.



Gerold suspirou de alívio quando ele e seus homens desceram a última encosta do monte Cenis. Com os Alpes atrás deles, o pior da jornada havia passado. A Via Francigena estendia-se à frente, abençoadamente plana e bem cuidada, pois ainda conservava sua antiga pavimentação de pedra, construída pelos romanos numa época imemorial.

Gerold fez seu cavalo andar a meio galope. Talvez agora conseguissem recuperar o tempo perdido. Uma nevasca tardia tornara o estreito passo alpino extremamente perigoso; as montarias de dois homens haviam perdido o pé no solo escorregadio, levando cavalos e cavaleiros à morte. Gerold se vira forçado a fazer uma parada até que as condições melhorassem; o atraso aumentara ainda mais a distância entre eles e a vanguarda do exército imperial, que a esta altura já devia estar próxima de Roma.

Pouco importava: Lotário não sentiria a falta deles. Esta divisão da retaguarda somava apenas duzentos homens, senhores e pequenos latifundiários que tinham chegado atrasados à reunião primaveril de tropas em Marchfeld. Era um comando insultuoso para um homem da estatura de Gerold.

Nos três anos seguintes à Batalha de Fontenoy, as relações entre Gerold e o imperador haviam ido de mal a pior. Lotário tornara-se cada vez mais tirânico, rodeando-se de bajuladores que o lisonjeavam o tempo todo, e não tolerava súditos como Gerold, que continuavam a dar suas opiniões com honestidade — como, por exemplo, quando ele havia desaconselhado a presente campanha contra Roma.

— Nossas tropas são necessárias na costa frísia — argumentava Gerold —, para defendê-la contra os nórdicos. Os ataques estão ficando cada vez mais frequentes e destrutivos.

Era verdade. No ano anterior, os nórdicos haviam atacado São Vandregísilo¹⁵ e Utrecht; na primavera anterior tinham navegado descaradamente pelo Sena e queimado Paris! Isso provocara uma onda de terror pela zona rural. Se uma cidade tão grande como Paris, bem no coração do Império, não estava segura contra os bárbaros, então nenhum lugar estava.

A atenção de Lotário, no entanto, estava concentrada em Roma, que havia ousado proceder à consagração do papa Sérgio sem pedir primeiro a sua aprovação soberana — omissão que Lotário tomou como afronta pessoal.

— Faça com que Sérgio tome conhecimento do seu desagrado real — aconselhou Gerold. — Castigue os romanos recusando-lhes o pagamento do Óbolo de São Pedro. Mas deixe nossos combatentes ficarem aqui, onde são necessários.

Lotário havia se enfurecido com esse desafio à sua autoridade. Em retaliação, nomeara Gerold comandante da divisão da retaguarda.

Percorreram um bom trecho na estrada pavimentada, cobrindo quase sessenta e quatro quilômetros antes do anoitecer, mas não passaram por uma única cidade ou aldeia. Gerold já tinha se resignado a passar outra noite ao relento, deitado à beira da estrada, quando viu uma espiral de fumo circulando preguiçosamente acima das copas das árvores.

Deo gratias! Havia uma aldeia à frente, ou pelo menos um povoado qualquer. Agora Gerold e seus homens podiam esperar por uma confortável noite de sono. Não tinham ainda cruzado as fronteiras das terras papais; o Reino da Lombardia, que estavam atravessando, era território imperial e a hospitalidade exigia que os viajantes fossem bem recebidos — se não nas camas dentro de casa, ao menos em leitos de feno no interior de estábulos quentes e secos.

Fizeram uma curva e viram que a fumaça não vinha de uma acolhedora lareira, e sim das ruínas ainda fumegantes de casas completamente destruídas pelo fogo. Devia ter sido uma povoação próspera: Gerold detectou os contornos de quinze edifícios em ruínas. Talvez o incêndio tivesse sido provocado pela faísca

descuidada de uma lâmpada ou lareira; tais calamidades não eram incomuns onde as casas eram de madeira e colmo.

Ao passar pelas madeiras enegrecidas, Gerold lembrou-se de Villaris. Ela ficara daquele mesmo jeito, tanto tempo atrás, quando ele havia voltado para encontrá-la queimada pelos nórdicos. Lembrou-se de ter vasculhado os escombros em busca de Joana, ao mesmo tempo receando encontrá-la. Incrível; quinze anos haviam se passado desde que a vira pela última vez, e, no entanto, a imagem dela estava impressa na sua mente como se a tivesse visto no dia anterior: os caracóis de cabelo dourado-branco que lhe caíam distraidamente sobre a testa, a voz profunda, gutural, os olhos fundos cinza-esverdeados, tão maduros para sua idade.

Ele expulsou a imagem dela da sua mente. Algumas coisas eram dolorosas demais para ser recordadas.

Um quilômetro e meio além do povoado destruído, junto à grande cruz que marcava o local onde duas estradas convergiam, uma mulher e cinco crianças andrajosas estavam pedindo esmola. Quando Gerold e os seus homens se aproximaram, a pequena família recuou, apavorada.

— Fique em paz, mãezinha — Gerold tranquilizou-a. — Não lhe faremos mal.

— Tem alguma comida sobrando, senhor? — perguntou ela. — Para as crianças?

Quatro das crianças correram para Gerold, estendendo as mãos num apelo mudo, os rostinhos tensos e ansiosos de fome. A quinta, uma bonita mocinha morena de uns treze anos de idade, ficou para trás, agarrada à mãe.

Gerold tirou do seu alforje o quadrado de pele de carneiro encerada onde guardava a sua ração para os dias seguintes. Restava um pão de bom tamanho, um bloco de queijo, e um pouco de carne de veado seca. Começou a partir o pão ao meio, mas ao ver as crianças observando, deu-lhes logo o pacote inteiro, pensando: *Ora, faltam só alguns dias para chegar a Roma; posso me virar com biscoitos na carroça de mantimentos.*

Com um grito de alegria, as crianças caíram sobre a comida como uma revoada de aves esfomeadas.

— Vocês são do vilarejo? — perguntou Gerold à mulher, apontando para a ruína enegrecida atrás dele. A mulher assentiu com a cabeça.

— O meu marido é o moleiro.

Gerold escondeu a sua surpresa. A figura andrajosa diante dele parecia tudo menos a esposa de um próspero moleiro.

— O que aconteceu?

— Há três dias, depois do plantio da primavera, vieram soldados. Homens do imperador. Disseram que tínhamos de jurar fidelidade a Lotário ou seríamos mortos à espada. Então, é claro, nós juramos.

Gerold assentiu. As dúvidas de Lotário acerca desta parte da Lombardia não eram totalmente infundadas, pois era um acréscimo relativamente novo ao Império, adquirido pelo avô de Lotário, o grande Karolo.

— Se vocês fizeram o juramento de lealdade — perguntou ele —, por que a sua aldeia foi destruída?

— Eles não acreditaram em nós. Chamaram-nos de mentirosos e jogaram tochas sobre nossos telhados. Quando tentamos apagar os incêndios, eles nos afastaram com suas espadas. Queimaram também nossos estoques de cereais, embora implorássemos que não o fizessem, pelo bem das crianças. Eles riram e chamaram-nas de filhos de traidores, que mereciam morrer de fome.

— Patifes! — exclamou Gerold, furioso. Havia tentado muitas vezes convencer Lotário de que ele não conseguiria a lealdade dos seus súditos com o emprego da força, mas somente através de tratamento justo e do governo da lei. Como de costume, as suas palavras caíram em ouvidos surdos.

— Eles levaram todos os nossos homens — continuou a mulher —, exceto os muito novos ou muito velhos. O imperador estava marchando para Roma, disseram, e precisava de homens para engrossar as tropas a pé. — Começou a chorar. — Levaram o meu marido e dois dos meus filhos; o mais novo tem só onze anos!

Gerold franziu o cenho. As coisas andavam muito mal se Lotário precisava de crianças para lutar nas suas batalhas.

— Meu senhor, o que significa isso? — a mulher perguntou ansiosamente. — O imperador vai atacar a Cidade Santa?

— Não sei. — Até então, Gerold achava que Lotário queria apenas intimidar o papa e os romanos com uma demonstração de força. Mas a destruição daquela aldeia era um mau augúrio; com um humor tão vingativo, Lotário seria capaz de tudo.

— Venha, mãezinha — disse Gerold. — Vamos levar vocês conosco até a próxima cidade. Aqui não é seguro para você e as crianças.

Ela sacudiu a cabeça com veemência.

— Não vou me mexer daqui. Como meu marido e meus filhos nos encontrarão quando voltarem?

Se voltarem, pensou Gerold sombriamente. Ele se dirigiu então à garota de cabelo preto:

— Diga à sua mãe para vir conosco, pelo bem dos pequeninos.

A garota encarou Gerold sem dizer palavra.

— Ela não está lhe faltando com o respeito, senhor — desculpou-se a mãe. — Ela responderia se pudesse, mas não pode falar.

— Não pode falar? — estranhou Gerold. A garota parecia saudável e não dava sinais de ser retardada.

— Cortaram-lhe a língua.

— Meu Deus! — A perda da língua era um castigo comum para ladrões e outros laráprios que não conseguiam esquivar-se rápido o suficiente da brutal justiça. Mas aquela menina inocente não podia ter cometido crime algum. — Quem fez isso? Não me diga que...

A mulher assentiu, com amargura.

— Os homens de Lotário abusaram dela, depois lhe cortaram a língua para que não pudesse acusá-los do ato vergonhoso.

Gerold estava atônito. Tais atrocidades eram de se esperar vindas de nórdicos ou sarracenos pagãos, não de soldados do imperador, defensores da lei e justiça cristãs.

Bruscamente Gerold deu ordens. Seus homens foram aos carroções e tiraram um saco de biscoitos e um pequeno barril de vinho, que colocaram no chão diante da pequena família.

— Deus o abençoe — disse a mulher do moleiro, comovida.

— A você também, mãezinha — disse Gerold.

Seguiram adiante, passando por outros povoados saqueados e desertos ao longo do caminho. Por onde passara, Lotário havia deixado um rastro de destruição.

Como *fidelis adjutor* da coroa imperial, Gerold havia jurado, por sua honra, servir o imperador fielmente. Mas que honra podia haver em servir um selvagem como Lotário? O descaso com que o imperador infringia a lei e violava todos os padrões de decência humana certamente anulava qualquer obrigação para com ele.

Gerold conduziria esta retaguarda do exército imperial até Roma, conforme prometera. Mas depois disso, estava determinado a se demitir do serviço do tirano para sempre.

Depois de Nepi, o caminho se deteriorou. A estrada sólida e plana deu lugar a uma trilha estreita, malcuidada e toda esburacada. O pavimento romano tinha sumido, as antigas pedras removidas e levadas embora em carroças para ser utilizadas em outras edificações, pois materiais de construção tão fortes como aqueles eram escassos nessa idade de trevas. Gerold viu marcas da passagem de Lotário na terra escura, profundamente sulcada por diversas trilhas de carroças e cavalos. Tinham de ter cuidado adicional com os cavalos, para não aleijá-los com algum passo em falso.

Durante a noite, uma chuva forte transformou a estrada num intransitável mar de lama. Ao invés de fazer outra pausa, Gerold resolveu cortar caminho pelo campo e depois tomar a Via Palestrina, que os levaria até Roma através do portão oriental de São João.

Cavalgaram rapidamente, entre prados perfumados de gencianas desabrochando e florestas rebentando de folhas verde-douradas da primavera. Emergindo de um trecho de vegetação cerrada, depararam-se subitamente com um grupo de cavaleiros escoltando um pesado carroção puxado por quatro cavalos.

— Saudações. — Gerold se dirigiu ao homem que parecia ser o líder, um tipo moreno com olhos pequenos e empapuçados. — Poderia nos dizer se estamos indo na direção da Via Palestrina?

— Estão — respondeu o homem laconicamente, desviando-se deles para seguir em frente.

— Se estão indo para a Via Flamínia — advertiu Gerold — é melhor pensar duas vezes. A estrada é um lamaçal; sua carroça ficará atolada antes de percorrer dez metros.

O homem disse:

— Não vamos para lá.

Aquilo era curioso. Além da estrada, nada havia naquela direção exceto campo deserto.

— Para onde vão? — perguntou Gerold.

— Já lhe disse tudo o que você precisava saber — retorquiu asperamente o homem. — Siga o seu caminho e deixe um honesto mercador em paz.

Nenhum mercador comum se dirigiria a um conde com tanta altivez. Gerold ficou desconfiado.

— O que vocês vendem? — perguntou Gerold, aproximando-se da carroça. — Talvez tenham algo que eu queira comprar.

— Não mexa aí! — gritou o homem.

Gerold arrancou a cobertura, deixando à mostra o conteúdo da carroça: uma dúzia de arcas de bronze aferrolhadas com pesados cadeados, cada um inequivocamente marcado com a insígnia papal.

Homens do papa, pensou Gerold. Devem ter sido despachados da cidade a fim de manter o tesouro papal longe das garras de Lotário.

Cogitou a ideia de apreender o tesouro e levá-lo de volta para Lotário, mas depois pensou: *Não. Os romanos que salvem o que puderem.* O papa Sérgio faria sem dúvida melhor uso do dinheiro do que o imperador franco, que apenas se serviria dele para financiar mais campanhas militares brutais e sangrentas.

Estava prestes a seguir adiante, quando um dos romanos saltou do seu cavalo e prostrou-se diante dele.

— Piedade, senhor! — gritou. — Poupe-nos! Não podemos morrer sem absolvição, com o peso deste grande crime em nossas almas!

— Crime? — repetiu Gerold.

— Cale a boca, idiota! — O líder deles esporeou o cavalo e teria pisoteado o outro na lama se Gerold não o tivesse interceptado de espada desembainhada. Imediatamente os homens de Gerold sacaram as espadas e cercaram os romanos, que, vendo-se em desvantagem, sensatamente conservaram suas espadas dentro das bainhas.

— Bento é o culpado! — exclamou o homem no chão, num acesso de fúria retaliatória. — Roubar o dinheiro foi ideia dele, não nossa!

Roubar o dinheiro?

O homem chamado Bento falou num tom apaziguador:

— Não tenho querela com o senhor, e as nossas picuinhas não lhe interessam. Deixe-nos seguir em paz, e, como penhor da nossa gratidão, pode ficar com um destes cofres. — Sorriu conspiratoriamente para Gerold. — Dentro dele há ouro suficiente para torná-lo um homem rico.

A proposta e o modo de fazê-la removeram qualquer dúvida da mente de Gerold.

— Amarrem-no — ordenou. — E aos outros também. Vamos levá-los conosco, junto com esses cofres, para Roma.

O salão estava iluminado com a luz de cem tochas. Uma falange de criados postava-se detrás da elevada mesa à qual se sentava o papa Sérgio, ladeado pelos altos dignitários da cidade: os padres de cada uma das sete regiões de Roma à sua esquerda; as contrapartes temporais deles, os sete defensores, à sua direita. Perpendicular a essa mesa, e tão grande quanto, havia outra, na qual Lotário e sua comitiva ocupavam lugares de honra. Os demais convidados, uns duzentos homens ao todo, sentavam-se em bancos de madeira diante de compridas mesas no meio do aposento. Pratos, jarros, copos e travessas amontoavam-se sobre as mesas, cujas toalhas já exibiam marcas de inúmeros derramamentos e manchas.

Como não era nem quarta-feira, nem sexta, nem qualquer outro dia de jejum, a refeição não se confinou a pão e peixe, mas incluiu carne vermelha de diversos animais. Mesmo para a mesa de um papa, era um repasto extraordinário: havia travessas de capões com molho branco ornamentados com romãs e confeitos vermelhos; tigelas de sopa repletas de tenros pedaços de coelho e galinhola boiando num creme espesso e aromaticamente fumegante; gelatinas de camarão-d'água-doce e de bótia, leitões inteiros banhados com gordura e grandes bandejas de veado, cabrito, ganso e pombo assados. No meio da mesa de Lotário, um cisne

assado estava disposto de modo a parecer vivo, seu bico dourado e corpo prateado acomodados sobre uma massa de verduras artisticamente arranjadas como ondas do mar.

Sentada a uma das mesas no centro da sala, Joana olhava preocupada para toda aquela extravagância gastronômica. Tantas iguarias apetitosas poderiam tentar Sérgio a excessos.

— Um brinde! — O conde de Mâcon levantou-se de seu lugar ao lado de Lotário e ergueu sua taça. — À paz e amizade entre os nossos dois povos cristãos!

— Paz e amizade! — ecoaram todos, e esvaziaram suas taças. Criados ao longo das mesas apressaram-se em enchê-las de novo.

Seguiu-se uma sucessão de brindes. Quando finalmente terminaram-se os assuntos pelos quais brindar, teve início o banquete.

Joana ficou alarmada ao ver Sérgio comendo e bebendo desenfreadamente. Os olhos dele começaram a inchar, sua fala a ficar ininteligível, sua pele a escurecer de modo sinistro. Naquela noite ela teria de dar-lhe uma dose forte de cólquico para evitar um novo ataque de gota.

As portas do salão se abriram, e um grupo de guardas entrou. Desviando-se dos inúmeros criados, que se movimentavam com ligeireza apanhando e limpando pratos, os guardas se encaminharam aparatosamente à parte dianteira da sala. Fez-se um silêncio súbito quando os convidados pararam de falar, virando o pescoço para ver qual a causa daquela extraordinária intrusão. O silêncio foi seguido de um murmúrio de surpresa ao vislumbrarem o homem que entrou escoltado pelos guardas, de mãos atadas e cabeça baixa: Bento.

Os círculos joviais do rosto de Sérgio despencaram como bexigas furadas.

— Você! — gritou ele.

Tarásio, o líder dos guardas, disse:

— Uma tropa de francos encontrou-o na campanha. Ele tinha o tesouro consigo.

Bento tivera bastante tempo para pensar no que ia dizer. Não podia negar que tinha levado o tesouro, pois fora pego no ato. Tampouco podia pensar numa desculpa plausível para o que fizera,

embora tivesse dado tratos à bola para achar uma. Acabou por decidir que a melhor coisa a fazer seria implorar a misericórdia do irmão. Sérgio tinha o coração mole — uma fraqueza que Bento desprezava, embora esperasse agora utilizá-la em seu benefício.

Caiu de joelhos, levantando as mãos atadas na direção do irmão.

— Perdoe-me, Sérgio. Eu pequei, e me arrependo humilde e sinceramente.

Mas Bento não tinha contado com o efeito do vinho no temperamento do irmão. O rosto de Sérgio avermelhou enquanto ele explodia num inesperado acesso de fúria.

— Traidor! — gritou. — Vilão! Ladrão! — Ele pontuou cada palavra com um violento murro na mesa, fazendo os pratos tinirem.

Bento empalideceu.

— Irmão, eu lhe suplico...

— Levem-no daqui! — ordenou Sérgio.

— Para onde devemos levá-lo, Santidade? — perguntou Tarásio.

A cabeça de Sérgio girava e ele não conseguia pensar. Só sabia que tinha sido traído e que queria ferir como fora ferido.

— Ele é um ladrão! — disse amargamente. — Que seja punido como ladrão!

— Não! — Bento gritou enquanto os guardas o agarravam. — Sérgio! *Irmão!* — O eco da última palavra ficou reverberando depois que ele foi arrastado da sala.

O rosto de Sérgio ficou lívido e ele descaiu sobre sua cadeira. A cabeça tombou para trás, os olhos reviraram, braços e pernas começaram a tremer descontroladamente.

— É o mau-olhado! — gritou alguém. — Bento rogou-lhe uma praga! — Os convidados puseram-se a gritar, consternados, persignando-se para se protegerem das obras do diabo.

Joana correu entre as mesas cheias de gente até o lado do papa. O rosto dele estava ficando azul. Ela segurou a cabeça dele e abriu-lhe os maxilares. A língua estava dobrada sobre si mesma, bloqueando a passagem de ar. Tomando uma faca da mesa, Joana enfiou a ponta sem fio na boca de Sérgio, introduzindo-a na dobra da língua e depois puxando-a. Fez-se um ruído de sucção quando a língua se desenrolou. Sérgio ofegou e começou a respirar de novo. Joana pressionou gentilmente para baixo com a faca, mantendo

aberta a passagem de ar. Após um instante, o paroxismo cessou. Com um gemido surdo, Sérgio desmaiou.

— Levem-no para a cama dele — ela ordenou. Vários pajens ergueram Sérgio da sua cadeira e o carregaram na direção da porta, enquanto a multidão o cercava, curiosa. — Abram caminho, abram caminho! — gritava Joana enquanto levavam o papa inconsciente para fora da sala.

Quando chegaram ao seu dormitório, Sérgio estava consciente. Joana deu-lhe mostarda preta misturada com genciana para fazê-lo vomitar. Depois disso, ele melhorou a olhos vistos. Ela deu-lhe uma dose forte de cólico, só para garantir, misturando-a com sumo de papoula a fim de que dormisse bem.

— Ele vai dormir até de manhã — disse ela a Arígio, que anuiu com a cabeça.

— Você parece exausto.

— Não posso negar que esteja — admitiu Joana. Fora um longo dia, e ela ainda não tinha se recuperado totalmente das suas semanas de confinamento no calabouço.

— Enódio e outros da sociedade médica estão esperando lá fora. Querem interrogá-lo sobre a recaída de Sua Santidade.

Joana suspirou. Não se sentia disposta a enfrentar uma barreira de perguntas hostis, mas aparentemente não havia como evitar. Fatigada, dirigiu-se para a porta.

— Só um momento. — Arígio fez-lhe sinal para que o seguisse. No outro lado do quarto, ele afastou para o lado uma das tapeçarias e empurrou a parede descoberta, que deslizou lateralmente, revelando uma abertura de uns setenta e dois centímetros de largura.

— Mas o que... — admirou-se Joana.

— Uma passagem secreta — Arígio explicou. — Construída nos dias dos imperadores pagãos, caso precisassem fugir rapidamente dos inimigos. Agora liga o dormitório papal à capela particular, para que o Apostólico possa entrar e rezar a qualquer hora do dia ou da noite, sem ser perturbado. Venha. — Ele pegou uma vela e passou. — Assim você poderá evitar aquela matilha de chacais, pelo menos por esta noite.

Joana ficou sensibilizada por Arégio ter partilhado com ela o seu conhecimento da passagem secreta; era um sinal da confiança e do respeito que crescia entre eles. Desceram um lance íngreme de escadas em espiral, que terminava diante de uma parede na qual estava imbuída uma alavanca de madeira. Arégio empurrou-a, e a parede se moveu para o lado, abrindo uma passagem. Joana atravessou-a e o vicedômino empurrou a alavanca de novo. A abertura desapareceu, sem deixar vestígio algum da sua existência.

Estava atrás de uma coluna de mármore, no fundo da capela particular do papa, o Sanctum Sanctorum. Vozes ecoaram perto do altar. Isto era inesperado: ninguém deveria estar ali àquela hora da noite.

— Há quanto tempo, Anastácio — disse uma voz roufenha com um sotaque carregado, que Joana reconheceu ser a de Lotário. O outro, a quem ele chamara de Anastácio, devia ser o bispo de Castellum. Os dois homens haviam obviamente se recolhido à capela para falar em particular, e não veriam um intruso com bons olhos.

O que devo fazer? pensou Joana. Se tentasse escapar sorrateiramente pela porta da capela, eles poderiam vê-la. Tampouco podia voltar para a câmara papal, pois a alavanca que controlava a passagem secreta estava do outro lado da parede. Teria de permanecer escondida até que os dois homens fossem embora, e então sair da capela sem ser vista.

— Quão lamentável o ataque de Sua Santidade esta noite — disse Lotário.

Anastácio respondeu:

— O Apostólico está muito doente. Talvez não sobreviva até o fim do ano.

— Uma grande tragédia para a Igreja.

— Muito grande — concordou Anastácio polidamente.

— O seu sucessor precisa ser um homem de força e visão — Lotário disse —, um homem capaz de compreender melhor o... entendimento histórico entre nossos dois povos.

— Vossa Majestade precisa usar toda a sua influência para assegurar que o próximo pontífice seja tal homem.

— Um homem como você, talvez?

— Vossa Majestade tem alguma razão para duvidar de mim? O serviço que lhe prestei em Colmar decerto provou a minha lealdade acima de qualquer suspeita.

— Talvez. — Lotário foi evasivo. — Mas os tempos mudam, assim como os homens. Agora, senhor bispo, a sua lealdade será posta à prova de novo. Vai apoiar o juramento, ou não?

— O povo terá relutância em jurar lealdade a Vossa Majestade depois do estrago que o seu exército provocou na zona rural.

— A sua família tem poder para mudar isso — respondeu Lotário. — Se você e o seu pai Arsênio fizerem o juramento, outros o farão.

— O que Vossa Majestade me pede é muito. Requer algo muito grande em troca.

— Sei disso.

— Um juramento não passa de palavras. O povo precisa de um papa capaz de guiá-lo de volta aos velhos tempos, ou seja, ao Império Franco e a Vossa Majestade.

— Não me ocorre ninguém melhor que você para fazer isso, Anastácio. Farei tudo o que estiver em meu poder para que você seja o próximo papa. Houve uma pausa, e então Anastácio falou:

— O povo fará o juramento, senhor. Eu me encarregarei disso.

Joana sentiu uma onda de fúria. Lotário e Anastácio barganhavam o Papado como dois mercadores num bazar. Em troca dos privilégios do poder, Anastácio concordara em entregar Roma ao controle do imperador franco.

Houve batidas na porta, e um servo de Lotário entrou.

— O conde chegou, Majestade.

— Faça-o entrar. O bispo e eu já terminamos o nosso assunto.

Um homem entrou, envergando a *brunia*¹⁶ de um soldado. Era alto e vistoso, com cabelo vermelho comprido e olhos de anil.

Gerold.



Um grito de surpresa escapou dos lábios de Joana.

— Quem está aí? — perguntou Lotário com aspereza.

Lentamente Joana saiu de trás da coluna. Lotário e Anastácio olharam para ela com perplexidade.

— Quem é você? — perguntou Lotário.

— João Ânglico, meu senhor. Padre e médico de Sua Santidade.

Lotário indagou, desconfiado:

— Há quanto tempo você está aí?

Joana pensou rápido.

— Há algumas horas, Majestade. Vim rezar pela recuperação do Santo Padre. Devia estar mais cansado do que pensava, pois peguei no sono e só acordei agora.

Lotário olhou para ela do alto de seu longo nariz com desaprovação. Era mais provável que o padreco tivesse ficado preso na capela quando ele e Anastácio entraram. Não havia para onde fugir nem onde esconder-se. Mas isso não importava. Quanto teria ele ouvido e, mais importante, entendido? Muito pouco. O homem não oferecia qualquer perigo e era obviamente alguém sem importância alguma. O melhor a fazer era ignorá-lo.

Anastácio era de outra opinião. Era evidente que João Ânglico estava ouvindo às escondidas, mas por quê? Seria um espião? Não de Sérgio, com certeza, pois o papa não tinha engenhosidade suficiente para utilizar espiões. Mas então de quem? E por quê? Anastácio decidiu que, daquele dia em diante, vigiaria de perto o pequeno padre estrangeiro.

Gerold também estudava Joana com curiosidade.

— Parece-me familiar, padre — disse ele. — Já nos encontramos? — Ele a perscrutou na luz mortiça. De repente, sua expressão mudou: escancarou a boca e os olhos como se tivesse visto um fantasma. — Meu Deus — engasgou. — Não pode ser...

— Vocês se conhecem? — perguntou Anastácio.

— Nós nos conhecemos em Dorstadt — falou Joana depressa.

— Eu estudei alguns anos na escola da catedral de lá; minha *irmã*

— enfatizou ligeiramente a palavra — ficou hospedada com o conde e a família dele durante esse tempo.

Os olhos transmitiram a Gerold uma advertência urgente: *Não diga nada.*

Gerold recuperou a compostura.

— Claro — disse. — Lembro-me bem da sua irmã.

Lotário interrompeu, impaciente:

— Chega disso. O que veio me dizer, conde?

— Minha mensagem é só para os seus ouvidos, meu senhor.

Lotário assentiu com a cabeça.

— Muito bem. Os outros podem sair. Voltaremos a falar, Anastácio.

Quando Joana se virou para sair, Gerold tocou-lhe o braço.

— Espere por mim. Gostaria de saber mais... sobre a sua irmã.

Fora da capela, Anastácio seguiu o seu caminho. Joana esperou nervosamente sob o olhar funesto do criado de Lotário. A situação era extremamente perigosa: uma palavra impensada, e sua identidade verdadeira poderia ser revelada. *Eu deveria partir agora, antes que Gerold saia*, disse a si mesma. Mas ela ansiava por vê-lo. Ficou presa ali por uma mistura complexa de medo e expectativa.

A porta da capela se abriu e Gerold apareceu.

— É você mesma, então? — falou, admirado. — Mas como...?

O criado olhava-os com curiosidade.

— Aqui não — disse Joana. Levou-o para o quartinho onde guardava suas ervas e medicamentos. Uma vez lá dentro, acendeu as lâmpadas de óleo de papoula; a chama se avivou, encerrando os dois num círculo íntimo de luz.

Ficaram olhando um para o outro, maravilhados com a redescoberta. Gerold tinha mudado nos quinze anos desde que Joana o vira pela última vez; o espesso cabelo ruivo estava estriado de cinza, e havia linhas novas ao redor dos olhos de anil e da grande boca sensual; mas ele continuava a ser o homem mais atraente que ela já conhecera. Ao vê-lo, seu coração começou a martelar dentro do peito.

Gerold aproximou-se dela. Caíram nos braços um do outro, num abraço tão apertado que Joana sentia as malhas de metal da cota de Gerold através da sua grossa veste de padre.

— Joana — murmurou Gerold. — Minha querida, minha pérola. Nunca pensei que voltaria a vê-la.

— Gerold. — A palavra apagava todo pensamento razoável.

Suavemente o dedo dele acariciou a tênue cicatriz na face esquerda dela.

— Os nórdicos?

— Sim.

Ele se inclinou e beijou a cicatriz, os lábios quentes contra o rosto de Joana.

— Então eles pegaram mesmo você... e Gísla?

Gísla. Gerold não deveria saber nunca, ela nunca lhe contaria sobre o horror que se abatera sobre sua filha mais velha.

— Eles levaram Gísla. Eu... consegui escapar.

Ele estava atônito.

— Como? E para onde? Meus homens e eu esquadrimos o campo à sua procura, sem encontrar vestígio algum.

Ela contou resumidamente o que havia acontecido, tanto quanto podia fazê-lo naquela circunstância tão tensa: sua fuga para Fulda, sua admissão sob o nome de João Ânglico, a quase descoberta da sua identidade e evasão da abadia, sua peregrinação a Roma e subsequente elevação à posição de médico do papa.

— E durante todo este tempo — disse Gerold, lentamente, quando ela terminou — você nunca pensou em me mandar notícias suas?

Joana percebeu a dor e perplexidade na voz dele.

— Eu... eu não achava que você me queria. Richild falou que a ideia de me casar com o filho do ferrador era sua, que você tinha pedido a ela para arranjá-lo.

— E você acreditou nela? — Ele a soltou abruptamente. — Meu Deus, Joana, pensei que entendíamos um ao outro melhor que isso!

— Eu... eu não sabia o que pensar. Você tinha partido, eu não entendia bem por quê. E Richild sabia... sobre nós, sobre o que aconteceu à beira do rio. Como ela podia saber se você não tivesse contado?

— Não sei. Só sei que amava você como nunca amei alguém antes... ou depois. — Sua voz ficou tensa. — Quase esgotei Pistis no caminho para casa, ansioso por ver Villaris, porque você estava lá, e eu estava louco de impaciência para ver você... para pedir-lhe que fosse minha esposa.

— Sua esposa? — Joana estava estupefata. — Mas... Richild...?

— Algo aconteceu durante minha ausência, algo que me ajudou a ver quão vazio era o meu casamento e quão vital você era para a minha felicidade. Eu estava voltando para lhe dizer que pretendia me divorciar de Richild e me casar com você, se você me quisesse.

Joana sacudiu a cabeça.

— Tantos mal-entendidos — falou pesarosamente. — Tanta coisa que deu errado.

— Tanta coisa para compensar. — Ele a puxou para si e beijou-a. O efeito foi o de aproximar uma vela a uma tabuleta de cera, dissolvendo tudo que os anos haviam escrito. Estavam de novo juntos à beira do rio, atrás de Villaris, sob o sol de primavera, jovens e entontecidos pelo amor recém-descoberto.

Após um longo momento, ele a soltou.

— Escute, meu coração — falou roucamente. — Vou deixar o serviço de Lotário. Acabei de dizer-lhe isso na capela.

— E ele concordou em deixá-lo ir? — Lotário não parecia o tipo de homem que de bom grado desobrigava alguém de servi-lo.

— No começo foi difícil, mas acabei por convencê-lo. Minha liberdade teve um preço: precisei entregar Villaris com todas as suas propriedades. Não sou mais um homem rico, Joana. Mas tenho a força dos meus dois braços e amigos com quem contar. Um deles é Siconulfo, príncipe de Benevento, com quem fiz amizade quando servimos juntos na campanha do imperador contra os obodritas. Ele precisa de homens bons consigo, pois está sendo duramente pressionado por seu rival Radalgiso. Quer vir comigo, Joana? Quer ser minha mulher?

Passos enérgicos do outro lado da porta os separaram. Em seguida a porta se abriu e uma cabeça espiou lá dentro. Era Florintino, um dos notários do palácio.

— Ah! Você está aí, João Ânglico! Procurei-o por toda parte. — Olhou vivamente para Joana e para Gerold. — Interrompo alguma

coisa?

— De modo algum — Joana falou depressa. — O que posso fazer por você, Florintino?

— Tenho uma dor de cabeça terrível — disse ele. — Será que você poderia me preparar um dos seus paliativos?

— Com prazer — respondeu Joana amavelmente.

Florintino aguardou à porta, conversando sobre amenidades com Gerold enquanto Joana preparava rapidamente uma mistura de folhas de violeta e de salgueiro-branco, e a mergulhava numa taça com chá de alecrim. Ela deu o preparado ao notário, que se foi imediatamente.

— Não podemos falar aqui — disse ela a Gerold. — É perigoso demais.

— Quando poderei vê-la de novo? — perguntou Gerold ansiosamente.

Joana pensou.

— Há um Templo de Vesta na Via Ápia, logo na saída da cidade. Vamos nos encontrar lá amanhã, após a terça.

Ele a tomou nos braços e beijou-a de novo, suavemente a princípio, depois com uma intensidade que a encheu de pungente desejo.

— Até amanhã — sussurrou ele, e então saiu, deixando a cabeça de Joana girando num turbilhão vertiginoso de emoções.

Arégio espreitou em meio à luz mortiça que antecede a aurora, verificando o pátio do Latrão. Tudo estava pronto. Um braseiro aceso fora colocado junto à grande estátua de bronze da loba, e dentro dele um par de ferros de atizar fogo começava a ficar com suas extremidades incandescentes por causa do calor das chamas. Nas imediações, um homem aguardava com uma espada afiada em punho.

Os primeiros raios solares despontaram no horizonte. Era uma hora incomum para uma execução pública; tais eventos normalmente ocorriam após a missa. Apesar de tão cedo, uma turba de espectadores já se aglomerava — os mais ansiosos sempre chegavam bem adiantados, a fim de assegurar a melhor posição

para assistir. Muitos tinham trazido os filhos, que se agitavam na expectativa entusiasmada do espetáculo sangrento.

Arígio havia deliberadamente marcado a hora da punição de Bento para o nascer do dia, antes que o papa acordasse e mudasse de ideia. Outros poderiam acusá-lo de proceder com indecorosa pressa, mas Arígio não se importava. Sabia exatamente o que estava fazendo, e por quê.

Arígio havia ocupado o elevado cargo de vicedômino por mais de vinte anos; sua vida inteira fora dedicada ao serviço do Patriárquio, em manter a vasta e complicada colmeia de departamentos pontifícios, que constituía a sede do governo de Roma, funcionando de modo organizado e eficaz. Ao longo dos anos, Arígio viera a enxergar a casa papal como uma entidade viva, um organismo cujo contínuo bem-estar era de sua exclusiva responsabilidade.

Esse bem-estar estava agora ameaçado. Em menos de um ano, Bento havia transformado o Patriárquio num centro de simonia e de corruptas negociatas de poder. Ganancioso e manipulador até a medula, a própria existência de Bento era um cancro maligno no Papado. A única forma de salvar o paciente era amputar o membro gangrenado. Bento tinha que morrer.

Sérgio não tinha fibra suficiente para fazer isso, de modo que coube ao vicedômino arcar com esse fardo. E o fez sem hesitar, sabendo que agia pelo bem da Santa Madre Igreja.

Estava tudo pronto.

— Tragam o prisioneiro — ordenou Arígio aos guardas.

Bento apareceu, escoltado. Com a roupa amarrotada, o rosto lívido e cansado após uma noite em claro na masmorra, ele percorria o pátio com os olhos ansiosamente, à procura.

— Onde está Sérgio? — perguntou. — Onde está o meu irmão?

— Sua Santidade não pode ser incomodado — disse Arígio.

Bento tentou lançar-se contra ele.

— O que pensa que está fazendo, Arígio? Você viu o meu irmão na noite passada! Ele estava bêbado, não sabia o que dizia. Deixe-me falar com ele e você verá: ele reverterá a sua sentença contra mim.

— Prossigam — ordenou Arígio aos guardas.

Os guardas arrastaram Bento para o centro do pátio e o forçaram a se ajoelhar. Depois amarraram os braços dele e puxaram-nos através do pedestal da estátua da loba, de modo que ambas as suas mãos ficassem na parte de cima.

O terror contorceu a face de Bento.

— Não! Parem! — gritou. Erguendo os olhos para a janela do Patriárquio, pôs-se a chamar: — Sérgio! Sérgio! Sér...!

A espada desceu, assobiando no ar. Bento berrou, enquanto suas mãos decepadas caíam no chão, espirrando sangue.

A multidão deu vivas. O carrasco pregou as mãos de Bento ao lado da loba. De acordo com o costume antigo, deveriam permanecer lá por um mês, como advertência aos que fossem tentados a cometer o pecado do roubo.

Enódio, o médico, avançou. Tirando os ferros do braseiro, pressionou-os firmemente contra os cotos sangrentos de Bento. O cheiro acre de carne queimada espalhou-se enjoativamente pela atmosfera. Bento gritou de novo e desmaiou. Enódio debruçou-se sobre ele para assisti-lo.

Arígio inclinou-se para frente, atento. A maior parte dos homens morria depois de uma mutilação daquelas, fosse imediatamente, devido ao choque e à dor, ou mais tarde, de infecção ou perda de sangue. Porém, alguns dos mais fortes conseguiam sobreviver. Podia-se vê-los nas ruas de Roma, suas grotescas mutilações revelando a natureza de seus crimes: lábios cortados, os que haviam mentido sob juramento; pés decepados, escravos que haviam fugido de seus amos; olhos arrancados, os que haviam cobiçado as esposas ou filhas de seus superiores.

A perigosa possibilidade de sobrevivência foi o motivo pelo qual Arígio havia pedido a Enódio, e não a João Ânglico, que assistisse o condenado, pois a habilidade deste poderia ser grande o suficiente para salvar Bento.

Enódio ficou em pé.

— O juízo de Deus foi executado — anunciou solenemente. — Bento está morto.

Cristo seja louvado, pensou Arígio. O Papado está salvo.

Joana estava na fila do lavatório, aguardando a sua vez para a lavagem ritual das mãos antes da missa. Seus olhos estavam injetados e pesados pela falta de sono: passara a noite revirando-se sem parar, a mente inquieta pensando em Gerold. Na noite anterior, sentimentos que imaginava enterrados muito tempo atrás tinham voltado à superfície, com uma intensidade que a surpreendia e assustava.

A volta de Gerold havia despertado outra vez os desejos perturbadores da sua juventude. *Como seria viver como mulher de novo?* perguntou-se. Estava acostumada a ser responsável por si própria, a ter controle total sobre o seu destino. Mas, por lei, uma esposa devia entregar a sua vida ao seu marido. Poderia confiar num homem a tal extremo — mesmo sendo Gerold?

Nunca se entregue a um homem. As palavras da mãe ressoavam como sinos de alarme em sua mente.

Precisava de tempo para distinguir o turbilhão de emoções no coração. Mas tempo era algo que ela não tinha.

Arígio apareceu ao seu lado.

— Venha — urgiu ele, tirando-a da fila. — Sua Santidade precisa de você.

— Ele está doente? — Preocupada, seguiu Arígio pelo corredor rumo ao dormitório papal. A comida pesada e o vinho da noite anterior haviam sido purgados do corpo de Sérgio, e a forte dose de cólquico que Joana lhe administrara deveria ter prevenido um novo ataque de gota.

— Vai ficar, se continuar como está.

— Por quê? Qual o problema?

— Bento morreu.

— Morreu!

— A sentença foi executada hoje cedo. Sua morte foi instantânea.

— *Benedicite!* — Joana apertou o passo. Podia imaginar o efeito que a notícia teria sobre o papa.

Mesmo assim ficou chocada ao vê-lo. Sérgio estava quase irreconhecível. Seu cabelo estava desganhado, os olhos vermelhos e inchados de tanto chorar, as bochechas arranhadas por suas

próprias unhas. Estava de joelhos ao lado da cama, balançando para frente e para trás, choramingando como uma criança perdida.

— Santidade! — falou Joana, e depois, ao seu ouvido: — Sérgio!

Ele continuou se balançando, cego e surdo pelo extremo do seu pesar. Estava claro que não havia como chegar a ele no estado em que se encontrava. Tirando um pouco de tintura de meimendo da sua bolsa, Joana mediu uma dose e levou-a aos lábios dele, que bebeu distraidamente.

Após alguns minutos, o balançar diminuiu e por fim parou. Ele olhou para Joana como se a visse pela primeira vez.

— Chore por mim, João! Minha alma está condenada por toda a eternidade!

— Bobagem — falou Joana com firmeza. — Vossa Santidade agiu totalmente de acordo com a lei.

Sérgio sacudiu a cabeça.

— “Não sejais como Caim, que era do Maligno e assassinou o seu irmão” — citou ele a Primeira Epístola de São João.

Joana replicou com o trecho seguinte do mesmo versículo:

— “E por que o matou? Porque suas obras eram más, e as de seu irmão eram justas.” Bento não era justo; ele traiu Vossa Santidade e traiu Roma.

— E agora está morto, por ordem minha! Ó Deus! — Ele bateu no peito e uivou de dor.

Ela precisava distraí-lo de sua aflição, ou ele acabaria tendo outro acesso. Agarrou-o firmemente pelos ombros e disse:

— Vossa Santidade deve fazer confissão auricular.

Esta forma do sacramento da penitência, na qual se fazia uma confissão privada e regular *ad auriculam*, “ao ouvido” do padre, estava bem difundida na Francônia. Roma, porém, aferrava-se aos costumes antigos, em que a confissão e a penitência eram feitas e dadas publicamente, e só uma vez na vida.

Sérgio agarrou-se à ideia:

— Sim, sim, vou me confessar.

— Vou mandar chamar um dos padres cardeais — disse ela. — Há algum da sua preferência?

— Quero me confessar com você.

— Comigo? — Como simples padre e estrangeiro, Joana era um candidato improvável a confessor do papa. — Tem certeza, Santidade?

— Não quero nenhum outro.

— Está bem. — Ela se voltou para Arígio. — Deixe-nos.

Arígio lançou-lhe um olhar agradecido ao se retirar do quarto.

— *Peccavi, impie egi, iniquitatem feci, miserere mei Domine...* — começou Sérgio a dizer as palavras rituais da confissão.

Joana ouviu com silenciosa solidariedade a torrente interminável de pesar, arrependimento e remorso. Com uma alma tão carregada e atormentada, não era de admirar que Sérgio procurasse paz e esquecimento na bebida.

A confissão teve o efeito que ela queria: aos poucos, a violenta paixão do desespero amainou, deixando Sérgio esgotado e exausto, porém não mais uma ameaça a si e aos demais.

Agora vinha a parte difícil, a penitência que tinha de preceder o perdão do pecado. Sérgio esperaria uma penitência severa, como mortificação pública nos degraus de São Pedro. Mas um ato desses apenas enfraqueceria Sérgio e o Papado aos olhos de Lotário, o que precisava ser evitado a todo custo. Porém, se a penitência imposta por Joana fosse leve demais, Sérgio a rejeitaria.

Ela teve uma ideia.

— A sua penitência — disse — será abster-se de vinho e da carne de animais quadrúpedes a partir deste dia até a hora da sua morte.

Jejuns eram uma forma comum de penitência, mas duravam alguns meses, no máximo um ano. Uma vida de abstinência era um castigo rigoroso — especialmente para Sérgio. E a penitência tinha o benefício adicional de proteger o papa contra os seus próprios piores instintos.

Sérgio baixou a cabeça, em sinal de aceitação.

— Reze comigo, João.

Ela se ajoelhou ao lado dele. Sob vários aspectos ele era como uma criança — fraco, impulsivo, carente, caprichoso. Mas ela sabia que ele era capaz de fazer o bem. E que, nesse momento, ele era tudo que se interpunha entre Anastácio e o Trono de São Pedro.

Finda a oração, ela se levantou. Sérgio agarrou-se a ela.

— Não me deixe — suplicou. — Não consigo ficar sozinho. Joana cobriu a mão dele com a sua.

— Não o deixarei — prometeu solenemente.

Ao entrar pelos portais caindo em pedaços do arruinado Templo de Vesta, Gerold constatou, desapontado, que Joana ainda não tinha chegado. *Não faz mal*, pensou, *ainda é cedo*. Sentou-se à espera, encostado a uma das elegantes colunas de granito.

Tal como a maior parte dos monumentos pagãos de Roma, o templo fora despojado de seus metais preciosos: as rosetas douradas que haviam outrora adornado os artesões da cúpula tinham desaparecido, bem como os baixo-relevos dourados que ornamentavam o frontão triangular do pronau. Os nichos alinhados nas paredes estavam vazios, pois suas estátuas de mármore haviam sido carregadas para os fornos de cal, a fim de serem transformadas em material de construção para as paredes de igrejas. Surpreendentemente, no entanto, a imagem da própria deusa sobrevivera, abrigada no seu santuário sob a cúpula. Uma de suas mãos estava quebrada, as linhas da sua roupa estavam deterioradas, erodidas pelo tempo e pelos elementos naturais, mas a estátua ainda conservava notável força e delicadeza, testemunhos do talento do seu escultor pagão.

Vesta, antiga deusa do lar e do fogo sagrado, representava tudo o que Joana era para ele: vida, amor, esperança renovada. Respirou fundo, bebendo a doçura úmida da manhã, sentindo-se melhor do que se sentira em muitos anos. Ele andara abatido ultimamente, cansado das voltas imutáveis e rançosas da vida. Havia se resignado a elas, dizendo a si mesmo que eram o resultado inevitável da sua idade, pois estava beirando os quarenta e três anos, a idade de um velho.

Agora sabia quão errado estivera. Longe de estar cansado da vida, estava ávido dela. Sentia-se jovem, vivo, dinâmico, como se tivesse bebido do cálice mítico de Cristo. O resto da sua vida estendia-se diante dele, cintilante de promessas. Desposaria Joana e iriam morar juntos em Benevento, em paz e com amor. Talvez até tivessem filhos; não era tarde demais. Do modo como se sentia naquele momento, tudo era possível.

Levantou-se quando ela chegou apressada através do portal, suas vestes sacerdotais esvoaçando atrás dela. Suas faces estavam rosadas pelo esforço da caminhada, o cabelo dourado-branco tosado encaracolando-se em volta do rosto, acentuando seus olhos fundos cinza-esverdeados, olhos que o atraíam como poços de luz num santuário escurecido. Como ela havia conseguido enganar alguém com aquele disfarce masculino? — ele se perguntou. Aos olhos dele, ela parecia muito feminina e totalmente desejável.

— Joana. — A palavra era parte nome, parte súplica.

Joana manteve uma distância cautelosa entre ambos. Sabia que, se Gerold a abraçasse uma só vez, sua resolução iria por água abaixo.

— Trouxe uma montaria para você — disse Gerold. — Se partirmos agora, estaremos em Benevento daqui a três dias.

Ela respirou fundo.

— Eu não vou com você.

— Não vai? — repetiu Gerold.

— Não posso deixar Sérgio.

Por um instante ele ficou atônito demais para dizer qualquer coisa. Depois, conseguiu perguntar:

— Por que não?

— Sérgio precisa de mim. Ele é... fraco.

— Ele é o papa de Roma, Joana, não uma criança que precisa de colo.

— Eu não lhe dou colo, dou-lhe cuidados médicos. Os médicos da *schola* não conhecem a doença que o aflige.

— Ele sobreviveu muito bem antes de você chegar a Roma.

Foi uma zombaria leve, mas doeu.

— Se eu partir agora, Sérgio beberá até morrer dentro de seis meses.

— Pois que beba! — respondeu Gerold asperamente. — O que tem isso a ver conosco?

Ela ficou chocada.

— Como você pode dizer uma coisa dessas?

— Pelas barbas de Deus, já não nos sacrificamos o suficiente? A primavera das nossas vidas já passou. Não desperdicemos o tempo

que nos resta!

Ela virou para o outro lado, a fim de que ele não visse o quanto isso a afetara.

Gerold segurou-lhe o pulso.

— Eu amo você, Joana. Venha comigo agora, enquanto ainda é tempo.

O toque da sua mão aqueceu a carne dela, inflamando-lhe o desejo. Ela teve o impulso traiçoeiro de abraçá-lo, de sentir os lábios dele nos seus. Constrangida por esses sentimentos vergonhosos e de fraqueza, ficou súbita e irracionalmente irritada com Gerold por ele os ter provocado.

— O que você esperava? — gritou ela. — Que eu fugiria com você no momento em que você acenasse? — Ela deixou a maré de raiva subir dentro dela, afogando as outras emoções mais perigosas. — Eu fiz uma vida aqui, uma vida boa. Tenho independência e respeito, e oportunidades que nunca tive como mulher. Por que eu deveria desistir de tudo isso? Para quê? Para passar o resto dos meus dias confinada a uns quatinhos apertados, cozinhando e bordando?

Gerold disse em voz baixa:

— Se eu quisesse apenas isso de uma esposa, teria me casado há muito tempo.

— Pois case-se, então! — Joana redarguiu acaloradamente. — Não serei eu a impedi-lo!

A perplexidade franzia o cenho de Gerold, que perguntou gentilmente:

— Joana, o que aconteceu? Qual o problema?

— Problema nenhum. Eu mudei, só isso. Não sou mais a menina ingênua e carente que você conheceu em Dorstadt. Agora sou dona de mim mesma. E não abrirei mão disso, nem por você, nem por homem algum!

— Eu pedi que você fizesse isso? — perguntou Gerold com sensatez.

Mas Joana não queria escutar a voz da razão. A proximidade de Gerold e a forte atração física que sentia por ele eram um tormento, uma serpente enrolada na sua vontade, estrangulando-a. Ela tentou se libertar do seu controle com selvageria.

— Você não consegue aceitar, não é? A ideia de que não estou disposta a desistir da minha vida por sua causa? Que eu sou uma mulher realmente imune ao seu charme masculino?

Ela quisera ferir, e conseguira.

Gerold encarou-a como se visse algo novo escrito no rosto dela.

— Pensei que você me amava — disse friamente. — Vejo que estava enganado. Perdoe-me, não voltarei a importuná-la. — Dirigiu-se para o portal, hesitou e virou-se. — Isso significa que nunca mais nos veremos. É isso o que você realmente quer?

Não! Joana quis gritar. *Não é o que eu quero! Não é o que eu quero de jeito nenhum!* Mas outra parte dela preveniu-a, fazendo que recuasse.

— É o que eu quero — falou. Sua voz soou curiosamente distante aos seus próprios ouvidos.

Mais uma palavra de amor e de ternura da parte dele teria quebrado todas as resistências dela, fazendo-a correr para os seus braços. Ao invés disso, ele girou abruptamente sobre os calcanhares e cruzou o portal. Ela o escutou descendo rapidamente os degraus do templo.

Em um instante ele partiria para sempre.

O coração de Joana encheu-se como uma taça cheia prestes a transbordar. Então a taça virou, entornando toda a sua emoção aprisionada.

Ela correu para a porta.

— Gerold! — gritou. — Espere!

O forte tropel dos cascos contra as pedras abafou o seu grito. Gerold cavalgava velozmente estrada afora. Num instante dobrou uma esquina e desapareceu.



O verão romano chegou violentamente. O sol golpeava sem clemência; ao meio-dia, as pedras arredondadas das ruas estavam quentes o suficiente para criar bolhas nos pés dos transeuntes. O fedor de lixo podre e estrume, intensificado pelo calor, elevava-se no ar sem ventos e pairava sobre a cidade como uma mortalha sufocante. Febres pestilenciais grassavam entre os pobres moradores dos cortiços úmidos e deteriorados que se alinhavam nas margens baixas do Tibre.

Temendo o contágio, Lotário e seu exército deixaram a cidade. Os romanos festejaram a partida deles, pois a manutenção de uma hoste tão grande estava esgotando os recursos da cidade.

Sérgio foi saudado como um herói. A adulação do povo ajudou-o a superar a dor pela morte de Bento. Reanimado pela saúde e energia recém-descobertas — em grande parte adquiridas graças à dieta espartana que Joana lhe impusera como penitência —, Sérgio era um novo homem. Fiel à sua promessa, começou a reconstruir o Orfanotrófio. As paredes, que caíam aos pedaços, foram reforçadas, e um teto novo foi colocado. Pedras de calçamento de fino mármore travertino foram tiradas do Templo de Minerva e usadas para revestir o piso do grande salão. Foi construída uma nova capela, dedicada a santo Estêvão.

Se antes Sérgio estava sempre doente ou cansado demais para celebrar missa, agora ministrava o santo sacramento todas as manhãs. Além disso, encontrava-se muitas vezes rezando na sua capela particular. Entregou-se à sua fé com o mesmo fervor com que outrora se entregara aos prazeres da mesa, pois não era homem de meias medidas.

Dois anos de invernos amenos e colheitas abundantes resultaram numa época de prosperidade geral. Até as legiões de pobres que coalhavam as ruas da cidade pareciam menos

miseráveis, pois os bolsos dos seus irmãos mais prósperos se abriram e as esmolas tornaram-se mais abundantes. Os romanos ofereciam preces de ação de graças nos altares de suas igrejas, satisfeitos com a sua cidade e o seu senhor papa.

Não suspeitavam — como poderiam? — da catástrofe que estava prestes a se abater sobre eles.

Joana estava com Sérgio num dos seus encontros regulares com os príncipes da cidade, quando o mensageiro irrompeu sobre eles.

— O que foi? — perguntou Sérgio gravemente.

— Santidade. — O mensageiro ajoelhou-se. — Trago uma mensagem da maior importância de Siena. Uma grande frota de navios sarracenos zarpou da África. Dirigem-se a Roma.

— A Roma? — ecoou um dos príncipes em voz baixa. — Deve haver algum engano.

— Não há engano — reiterou o mensageiro. — Os sarracenos estarão aqui dentro de quinze dias.

Houve um instante de silêncio, em que todos assimilaram essa notícia estarrecedora. Outro príncipe falou:

— Não seria melhor remover as relíquias sagradas para um lugar mais seguro? — Referia-se aos ossos do apóstolo Pedro, a relíquia mais sagrada de toda a Cristandade, custodiada na basílica com o nome dele, fora da proteção dos muros da cidade.

Romualdo, o maior dos príncipes ali reunidos, jogou a cabeça para trás e riu.

— Não pensarão que os infiéis ousariam atacar São Pedro!

— O que os impedirá? — perguntou Joana.

— Eles podem ser bárbaros, mas não são idiotas — respondeu Romualdo. — Sabem que a mão de Deus os fulminaria no instante em que pusessem os pés no túmulo sagrado!

— Eles têm a sua própria crença — lembrou Joana. — Não temem a mão do nosso Deus cristão.

O sorriso de Romualdo morreu.

— Que blasfêmia pagã é esta?

Joana manteve sua posição:

— A basílica é um alvo evidente para saque, no mínimo pelo tesouro que se encontra dentro dela. Por segurança, devemos trazer esses objetos sagrados e o sarcófago do santo para dentro dos muros da cidade.

Sérgio estava incerto.

— Já recebemos advertências como essa antes e nada aconteceu.

— De fato — escarneceu Romualdo —, se nos apavorarmos cada vez que um navio sarraceno aparecer, os ossos sagrados ficarão indo e voltando como uma lançadeira num tear!

Uma gargalhada geral de aprovação foi instantaneamente interrompida pelo olhar de desaprovação do pontífice. Sérgio falou:

— Deus defenderá os Seus. O Abençoado Apóstolo ficará onde está.

— Vamos pelo menos mandar chamar homens das povoações vizinhas — insistiu Joana — para defender a cidade.

— Estamos na época da poda — observou Sérgio. — As povoações precisam de todos os homens para trabalhar nas vinhas. Não vejo necessidade de pôr em risco a vindima, da qual tudo depende, quando não há perigo iminente.

— Mas, Santidade...

Sérgio interrompeu-a:

— Confie em Deus, João Ânglico. Não há escudo mais forte que a fé e a oração cristãs.

Joana baixou a cabeça em submissão, mas pensou: *Quando os sarracenos estiverem às portas, toda a oração do mundo não ajudará nem metade do que o faria uma única divisão de bons combatentes.*

Gerold e a sua companhia estavam acampados às portas da cidade de Benevento. Nas suas tendas os homens dormiam profundamente após uma longa noite de esbórnica, uma recompensa que Gerold lhes concedera por sua vitória fragorosa no dia anterior.

Nos últimos dois anos, Gerold havia comandado os exércitos do príncipe Siconulfo, lutando para assegurar-lhe o trono contra o ambicioso pretendente Radalgiso. Comandante hábil, que exigia muito dos seus homens enquanto eles aprendiam disciplina e

proficiência com armas, para depois confiar que teriam bom desempenho no campo de batalha, Gerold infligira derrota sobre derrota às forças de Radalgiso. A vitória do dia anterior fora tão retumbante, que provavelmente pusera fim à pretensão de Radalgiso ao trono de Benevento para sempre.

Embora sentinelas armadas estivessem posicionadas ao redor do acampamento, Gerold e seus homens dormiam com suas espadas e escudos ao lado, pois um inimigo podia ser perigoso mesmo depois de derrotado. O calor da vingança muitas vezes levava a ações temerárias e desesperadas. Gerold sabia de acampamentos tomados de surpresa cujos ocupantes haviam sido chacinados antes de terem tempo de acordar.

No momento, porém, tais pensamentos encontravam-se longe da mente de Gerold. Estava deitado de costas, os braços atrás da cabeça e as pernas abertas. Do seu lado, uma mulher coberta com o manto dele respirava pesadamente, com ritmo interrompido por ocasionais ressonos.

À luz da aurora, Gerold lamentou o breve arroubo de paixão que a trouxera para sua cama. Outros encontros transitórios como aquele haviam ocorrido no decorrer dos anos, cada um menos satisfatório e mais esquecível que o anterior. Gerold ainda acalentava no coração a lembrança de um amor que não podia esquecer.

Sacudiu a cabeça com impaciência. Era inútil remoer o passado. Joana não compartilhava os sentimentos dele, do contrário não o teria mandado embora.

A mulher rolou para o lado. Gerold tocou-a no ombro e ela acordou, abrindo uns lindos olhos castanhos que o fitaram sem profundidade ou significado.

— Já amanheceu — disse Gerold. Tirou algumas moedas da sua bolsa e entregou-as a ela. A moça as fez tilintar e sorriu, contente.

— Devo voltar hoje à noite, meu senhor?

— Não, não será necessário.

Ela pareceu desapontada.

— Eu não o agradei?

— Sim, claro que sim. Mas vamos levantar acampamento hoje.

Pouco depois, ele a viu através do campo, as sandálias dela pisando vagarosamente a relva seca. O céu nublado clareava, adquirindo um tom pálido e cinzento.

Logo seria dia.

Siconulfo e os seus principais *fideles* já estavam reunidos no grande salão quando Gerold entrou. Dispensando as cortesias usuais, Siconulfo anunciou abruptamente:

— Acabei de receber uma mensagem da Córsega. Setenta e três navios sarracenos zarparam da costa africana. Levam a bordo cerca de cinco mil homens e duzentos cavalos.

Seguiu-se um silêncio espantado. Uma frota tão grande era quase inimaginável.

Ebúris, um dos *fideles* de Siconulfo, assobiou.

— O que quer que pretendam, é mais que apenas outro ataque de pirataria à nossa costa.

— Dirigem-se para Roma — disse Siconulfo.

— Roma! Não pode ser! — falou outro dos *fideles*.

— Absurdo! — escarneceu um terceiro. — Eles não ousariam!

Gerold mal os ouvia. Seus pensamentos estavam muito à frente.

— O papa Sérgio vai precisar da nossa ajuda — falou, tenso.

Mas não era no papa que ele estava pensando. Num instante, a notícia da aproximação da frota sarracena apagara todo o ressentimento e mágoa dos últimos dois anos. Apenas uma coisa importava: proteger Joana.

— O que sugere, Gerold? — perguntou Siconulfo.

— Meu príncipe, deixe-me liderar nossas tropas em defesa de Roma.

Siconulfo franziu o cenho.

— Com certeza a Cidade Santa tem seus próprios defensores.

— Apenas a *família Sancti Petri*, um grupo pequeno e indisciplinado de milícias papais. Cairão como trigo de verão diante das lâminas sarracenas.

— E o Muro Aureliano? Os sarracenos não têm como transpô-lo.

— A muralha parece ser bem forte — admitiu Gerold. — Mas muitos dos seus portões são pouco reforçados. Não suportarão um

assalto persistente. E o túmulo de São Pedro está completamente desprotegido, pois fica fora das muralhas.

Siconulfo pensou no assunto. Estava relutante em comprometer suas tropas com uma causa que não era sua. Mas, como príncipe cristão, venerava a Cidade Santa e os seus lugares sagrados. A ideia de bárbaros infiéis profanando o túmulo do Apóstolo era aterradora. Além disso, ocorreu-lhe que talvez houvesse alguma vantagem em enviar homens para defender Roma. O papa poderia recompensá-lo com um dos ricos domínios papais que faziam fronteira com o território de Siconulfo.

Disse a Gerold:

— Pode levar três divisões. De quanto tempo você precisará para se colocar em marcha?

— As tropas estão aquecidas pela batalha e a postos. Podemos partir imediatamente. Se o clima continuar propício, estaremos em Roma dentro de dez dias.

— Vamos rezar para que seja suficiente. Que Deus o acompanhe, Gerold.

Em Roma prevalecia uma sinistra calma. Desde o aviso inicial vindo de Siena duas semanas antes, não se ouvira falar de novo da frota sarracena. Os romanos gradualmente relaxaram a sua vigilância, convencendo-se de que os relatos de um ataque inimigo tinham sido falsos.

A manhã de 23 de agosto irrompeu luminosa de promessas. A missa estacional foi celebrada na Catedral de Santa Maria dos Mártires, conhecida nos tempos pagãos como Panteão, uma das igrejas mais encantadoras de Roma. Foi um serviço particularmente belo, com o sol jorrando através da abertura circular na imensa cúpula da basílica, derramando uma incandescência dourada sobre toda a congregação. Voltando ao Patriárquio, o coro cantava alegremente *“Gloria in excelsis Deo”*

O canto morreu nos lábios deles assim que entraram na *piazza* ensolarada de Latrão e viram uma multidão de cidadãos rodeando um mensageiro exausto e enlameado.

— Os infiéis desembarcaram — anunciou o mensageiro, pesaroso. — A cidade do Porto foi tomada, seus habitantes

massacrados e suas igrejas profanadas.

— Cristo nos ajude! — gritou alguém.

— O que será de nós? — gemeu outro.

— Vão matar-nos a todos! — gritou um terceiro histericamente.

A multidão ameaçava irromper numa perigosa desordem.

— Silêncio! — a voz de Sérgio ergueu-se acima da comoção. — Parem com essa atitude indigna!

A voz de autoridade sobrepôs-se ao alarido, impondo obediência.

— Somos ovelhas para nos acovardarmos dessa forma? — continuou. — Somos bebês para nos julgarmos indefesos? — Fez uma pausa dramática. — Não! Somos romanos! E isto é Roma, protetorado de são Pedro, detentor das chaves do Reino dos Céus! “Tu és Pedro”, disse Cristo, “e sobre esta pedra edificarei a minha igreja.” O que vocês têm a temer? Permitirá Deus que o Seu altar sagrado seja profanado?

A multidão se agitou. Vozes esparsas ergueram-se em resposta:

— Sim! Ouçam o nosso senhor papa! Sérgio tem razão!

— Não temos os nossos guardas e nossa milícia? — Com um gesto amplo, Sérgio indicou os guardas papais, que ergueram suas lanças e as sacudiram enfaticamente. — O sangue de nossos ancestrais corre nas veias deles; eles estão armados com a força do Deus Onipotente! Quem prevalecerá contra eles?

A turba respondeu com vivas. O passado heroico de Roma ainda era motivo de orgulho; os triunfos militares de César, Pompeu e Augusto eram conhecidos de cada cidadão.

Joana olhou maravilhada para Sérgio. Seria aquela figura heróica o mesmo velho doente, acovardado e de maus bofes que ela havia encontrado dois anos antes?

— Que venham os infiéis! — gritou Sérgio. — Que agitem as armas deles contra esta fortaleza sagrada! Arrebentarão seus corações contra nossos muros protegidos por Deus!

Joana sentiu a onda de excitação que se elevava, arrebatadora, e se abatia sobre a turba numa torrente de emoção. Os pés dela eram muito plantados no chão para se deixar arrebatado tão facilmente. *O mundo não é como gostaríamos, pensava, não importa quão habilmente o conjuremos.*

A multidão estava dominada pelo entusiasmo, as cabeças erguidas e os rostos iluminados. Em volta de Joana, vozes exaltadas reverberavam em uníssono: “Sérgio! Sérgio! Sérgio! Sérgio!”

Por ordem de Sérgio, o povo jejuou e rezou por dois dias. Os altares de todas as igrejas resplandeciam, iluminados por uma profusão de velas votivas. Havia relatos de milagres por toda parte. A estátua de ouro de Nossa Senhora do Oratório de São Cosme, diziam, tinha mexido os olhos e cantado uma litania. O crucifixo acima do altar de Santo Adriano havia derramado lágrimas de sangue. Tais milagres eram interpretados como sinais de bênção e favor divinos. Dia e noite o som do hosana ecoava das igrejas e monastérios, pois o clero da cidade atendera à conclamação do senhor papa e se preparava para enfrentar o inimigo com a força invencível da fé cristã.

Pouco após o amanhecer de 26 de agosto, um grito partiu das muralhas: “Estão chegando! Estão chegando!”

Os gritos agudos do povo penetraram até as grossas paredes pétreas do Patriárquio.

— Preciso ir para os parapeitos — anunciou Sérgio. — Quando o povo me vir, saberá que nada tem a temer.

Arígio e os outros optimates protestaram, argumentando que era perigoso demais, porém Sérgio foi inflexível. Acabaram por levá-lo, relutantes, para a muralha, onde escolheram cuidadosamente um lugar onde as pedras eram mais altas, assegurando maior proteção.

Houve uma grande ovação quando Sérgio subiu os degraus. Depois, todos os olhares convergiram na direção oeste. Uma grande nuvem de poeira elevava-se no ar. Os sarracenos emergiram dela a galope rápido, suas vestes soltas esvoaçando como asas de gigantescas aves de rapina. Ressoou um terrível grito de guerra, um ulular comprido e agudo que se ergueu e pairou no ar, provocando um arrepio de horror nas espinhas de todos que ouviam.

— *Deo, juva nos* — disse um dos padres, tremendo.

Sérgio ergueu um crucifixo incrustado com pedras preciosas e gritou:

— Cristo é nosso Salvador e o nosso Escudo!

Os portões da cidade se abriram e a milícia papal saiu, marchando corajosamente ao encontro do inimigo.

— Morte aos infiéis! — gritaram, brandindo suas espadas e lanças.

Os exércitos antagonistas colidiram com um forte barulho de entrechoque de metal, mais intenso que o alarido de mil ferreiros. Em minutos, ficou evidente que a batalha era desesperadamente desigual; a cavalaria sarracena foi diretamente contra a vanguarda da infantaria romana, cortando e despedaçando com as suas cimitarras curvas.

A milícia da retaguarda não conseguia ver a chacina à frente. Ainda convencidos da vitória, avançaram adiante, empurrando as costas dos que estavam na frente. Fileira por fileira os homens eram enviados implacavelmente para as espadas sarracenas e caíam, seus corpos fazendo tropeçar fatalmente os que vinham atrás.

Foi um massacre. Alquebrada e aterrorizada, a milícia recuou em desesperada desordem.

— Fugam! — gritavam, espalhando-se pelo campo como grãos levados pelo vento. — Salve-se quem puder!

Os sarracenos não se deram ao trabalho de persegui-los, pois sua vitória lhes assegurara um prêmio muito maior: a desprotegida Basílica de São Pedro. Rodearam-na como um enxame negro. Não desmontaram, mas subiram as escadas com seus cavalos, cruzando as portas numa grande formação em V.

Detrás dos muros, os romanos aguardavam, a respiração suspensa. Passou um minuto. Depois outro. Nenhum trovão rolou no firmamento, nenhum mar de chamas se derramou do céu. Em vez disso, apenas o ruído inequívoco, vindo da basílica, de madeira e metal sendo despedaçados. Os sarracenos estavam saqueando o altar sagrado.

— Não pode ser — sussurrou Sérgio. — Meu Deus, não pode ser!

Um bando de sarracenos emergiu da basílica, agitando a cruz de ouro de Constantino. Dizia-se que homens haviam morrido apenas por terem se atrevido a tocá-la. No entanto, agora os sarracenos jogavam-na um para o outro, rindo enquanto a metiam entre as pernas, numa paródia obscena e animalesca.

Com um suspiro mudo, Sérgio largou o crucifixo e caiu de joelhos.

— Santidade! — Joana correu para ele.

Ele fez uma careta de dor, apertando o peito.

Um ataque do coração, pensou Joana, alarmada.

— Levem-no — ordenou ela. Arígio e um magote de guardas carregaram o papa fulminado para uma casa nas imediações, deitando-o num grosso colchão de palha.

A respiração de Sérgio estava pesadamente entrecortada. Joana preparou para ele uma infusão de pilritos e raiz de valeriana. Pareceu aliviá-lo, pois sua cor melhorou e sua respiração serenou.

— Eles estão às portas! — gritavam as pessoas lá fora. — Cristo nos ajude! Estão às portas!

Sérgio tentou se levantar da cama, mas Joana o fez voltar.

— Não deve se mexer.

O esforço custou-lhe caro; ele apertou os lábios com força.

— Fale por mim — pediu. — Volte os pensamentos deles para Deus... Ajude-os... Prepare-os... — Sua boca agitava-se, mas as palavras não saíam.

— Sim, Santidade, sim — concordou Joana, pois nada mais o acalmaria.

— Farei o que diz. Mas agora precisa descansar.

Ele assentiu e se deitou. Suas pálpebras tremeram e fecharam-se à medida que o remédio começava a surtir efeito. Nada mais havia a fazer, a não ser deixá-lo dormir e esperar que o medicamento agisse.

Joana deixou-o aos cuidados solícitos de Arígio e saiu para a rua.

Um ruído trovejante de algo se despedaçando ali perto fez com que ela estremecesse de pavor.

— O que está acontecendo? — perguntou a um grupo de guardas que passava.

— Os porcos idólatras estão tentando arrombar os portões! — respondeu um deles enquanto se afastavam. Homens arrancavam suas barbas violentamente, mulheres berravam e arranhavam as faces até sangrarem. Os monges da Abadia de São João estavam ajoelhados juntos num bloco sólido, os capuzes negros caídos de

suas cabeças, os braços erguidos para o céu. Vários deles haviam rasgado seus hábitos e começado a se açoitar com varas, numa tentativa frenética de aplacar a evidente ira de Deus. Assustadas com esse espetáculo alarmante, crianças choravam, suas vozes agudas sobressaindo em meio ao coro insano e desarmônico.

Ajude-os, pedira Sérgio. Prepare-os.

Mas como?

Joana subiu os degraus da muralha. Pegando o crucifixo que Sérgio deixara cair, ergueu-o para que todos o vissem. O sol refletiu-se nas suas gemas, criando um arco-íris de luz dourada.

— *Hosanna in excelsis* — ela começou a entoar em voz alta. As notas agudas e claras do cântico sagrado percorreram a multidão num tom forte, doce e seguro. As pessoas mais próximas da muralha levantaram rostos banhados em lágrimas para o som familiar. Padres e monges uniram suas vozes na canção, ajoelhando-se sobre as pedras arredondadas ao lado de pedreiros e costureiras. — *Christus qui venit nomine Domini...*

Houve mais um estrondo, seguido de barulho de madeira partida. Os portões mexeram-se para dentro. A luz se infiltrou pela estreita rachadura que fora produzida.

Meu Deus, Joana pensou. *E se conseguirem entrar?* Até aquele momento tal possibilidade parecera impensável.

Lembranças afluíram-lhe. Viu os nórdicos irrompendo pelas portas da catedral, brandindo seus machados. Ouviu os medonhos gritos dos moribundos... viu João deitado com a cabeça esmagada... e Gisla... Gisla...

Sua voz tremeu até se apagar. O povo olhou para cima, alarmado. *Continue*, disse a si mesma, *continue*. Mas a sua mente parecia congelada; ela não conseguia se lembrar das palavras.

“*Hosanna in excelsis.*” Uma profunda voz de barítono soou do lado dela. Era Leão, padre cardeal da Igreja dos Quatro Santos Coroados, que também havia subido à muralha. O som da voz dele libertou-a do seu medo e, juntos, prosseguiram com o cântico.

— Por Deus e por São Pedro! — Um forte brado ressoou, vindo do leste.

Os guardas nas muralhas pulavam e davam vivas, gritando:

— Deus seja louvado! Estamos salvos!

Joana olhou por cima da muralha. Um grande exército galopava em direção à cidade, seus esvoaçantes estandartes adornados com os emblemas de São Pedro e da Cruz.

Os sarracenos largaram os aríetes e correram para as suas montarias.

Ela aguçou o olhar contra o sol. Quando as tropas se aproximaram, soltou um grito súbito e agudo.

Liderando a vanguarda, cavalcando de lança erguida e pronta para ser arremessada, alto, feroz e heroico como os deuses antigos da sua mãe, vinha Gerold.

A batalha que se seguiu foi encarniçada e selvagem. O ataque dos beneventanos havia pegado os sarracenos desprevenidos; eles foram afastados das muralhas da cidade e forçados a retroceder através dos campos, em direção ao mar. Na costa, os infiéis embarcaram os seus tesouros roubados e zarparam. Na pressa de partir, deixaram para trás um grande número de seus companheiros. Durante semanas, Gerold e seus homens subiram e desceram a costa, à caça de bandos dispersos de saqueadores.

Roma estava salva. Os romanos estavam divididos entre alegria e desespero: alegria por sua libertação, desespero pela destruição de São Pedro. A basílica sagrada fora saqueada a ponto de ficar irreconhecível. A antiga cruz de ouro do túmulo do Apóstolo fora levada, bem como a mesa de prata com um relevo de Bizâncio, presente do imperador Karolo, o Grande. Os infiéis haviam arrancado entablamentos de prata das portas e revestimentos de ouro do piso. Havia até — que Deus os cegasse! — levado o próprio altar-mor. Incapazes de remover o sarcófago de bronze que continha o corpo do Príncipe dos Apóstolos, tinham-no arrombado, espalhando e profanando as cinzas sagradas.

Toda a Cristandade estava mergulhada no luto. As pegadas dos séculos haviam sido preservadas no interior das portas, outrora invioladas, desse que era o maior e mais antigo dos templos cristãos. Gerações incontáveis de peregrinos, incluindo os maiores príncipes do mundo, tinham-se prostrado humildemente sobre seus sagrados pavimentos. Dezenas de papas jaziam entre suas paredes. Não havia local que o Ocidente reverenciasse como mais

sagrado que este. No entanto, este santuário da Verdadeira Fé, que nem os godos, nem os vândalos, nem os gregos, nem os lombardos haviam ousado profanar, caíra diante de uma horda de bandidos da África.

Sérgio culpava-se pela catástrofe. Retirou-se para os seus aposentos, recebendo apenas Joana e seus conselheiros mais próximos. E voltou a beber, esvaziando cálice após cálice de vinho da Toscana até submergir num esquecimento misericordioso.

A bebida teve o efeito que já se previa: a gota voltou violentamente, e para aliviar a dor, ele bebia ainda mais. Dormia mal. Noite após noite acordava gritando, atormentado por pesadelos em que era visitado pelo espectro vingativo de Bento. Joana temia a pressão que isto estava acumulando sobre seu coração ainda enfraquecido.

— Lembre-se da penitência que Vossa Santidade concordou em fazer — ela recordou.

— Não importa mais — respondeu Sérgio, desalentado. — Não tenho esperança de ir para o céu. Deus me abandonou.

— Não deve se culpar pelo que aconteceu. Certas coisas estão além de toda capacidade mortal de remediar ou evitar.

Sérgio sacudiu a cabeça.

— A alma do meu irmão assassinado clama contra mim! Eu pequei e este é o meu castigo.

— Se não quer pensar em si, pense no povo! Agora, mais que nunca, eles buscam o consolo e a orientação de Vossa Santidade.

Ela disse isso para animá-lo, mas a verdade era outra. O povo se voltara contra Sérgio. Desde o aviso da aproximação dos sarracenos, diziam, o senhor papa tivera tempo de sobra para transportar o santo sarcófago para dentro das muralhas. A fé de Sérgio na intervenção divina, que na ocasião fora louvada por todo mundo, era agora condenada por todo mundo como demonstração de orgulho pecaminoso e de catastrófica imprevidência.

— *Mea culpa* — respondia Sérgio, chorando. — *Mea maxima culpa*.

Ela argumentou, censurou, bajulou, tudo em vão. A saúde do papa deteriorou-se rapidamente. Joana fez tudo que pôde por ele, mas foi inútil. Sérgio estava determinado a morrer.

Todavia, a morte demorou. Muito depois de submergir na inconsciência, Sérgio definhou lentamente, seu corpo relutante em deixar que se apagasse a última centelha de vida. Numa manhã escura e sem sol ele finalmente expirou, entregando o espírito tão silenciosamente que, de início, ninguém percebeu o falecimento.

Joana pranteou-o com sinceridade. Ele não fora um homem ou um papa tão bom quanto poderia ter sido. Mas ela conhecera melhor que ninguém os demônios que ele havia enfrentado, e sabia o quanto ele lutara para se libertar deles. Que tivesse perdido a luta no final não tornava o combate menos nobre.

Foi sepultado ao lado de seus predecessores na basílica avariada, com uma falta de cerimônia que beirou o escândalo. Os dias de luto requeridos mal foram observados, pois os romanos já olhavam impacientemente para o futuro... e para a eleição de um novo papa.

Anastácio abrigou-se dos ventos tempestuosos de janeiro no conforto acolhedor do palácio ancestral da sua família. Era a mais grandiosa residência em toda Roma, com exceção do Patriárquio, e Anastácio tinha justificado orgulho dela. O teto abobadado da sala de recepções tinha a altura de dois andares e era toda construída com puro mármore branco de Ravena. As paredes estavam pintadas com afrescos de cores vivas, representando cenas da vida dos antepassados da família. Um deles retratava um cônsul discursando perante o Senado; outro, um general sentado num cavalo de batalha negro, comandando tropas; outro, um cardeal recebendo o pálio das mãos do papa Adriano. Um painel da parede da frente havia sido deixado em branco, para que nele fosse pintado o evento de maior glória da família, por ela aguardado havia tanto tempo: a coroação de um dos seus filhos como papa.

Geralmente, essa sala era cenário de alvoroçada atividade; naquele dia, exceto pela presença do intendente da família, estaria deserta. Ignorando os cumprimentos efusivos do intendente — pois Anastácio nunca perdia tempo com subalternos —, foi diretamente ao quarto do seu pai. Arsênio normalmente estaria no grande salão àquela hora, entretido em tortuosas e gratificantes politicagens com os notáveis da cidade. Mas no mês anterior fora acometido por uma

debilitante febre, que havia drenado suas formidáveis energias, confinando-o em seu quarto.

— Meu filho. — Arsênio levantou-se do sofá quando Anastácio entrou. Parecia frágil e acinzentado. Anastácio sentiu uma onda curiosa e hilariante de força, sua própria juventude e energia realçadas pelo contraste com as forças em declínio do pai.

— Pai. — Anastácio foi até ele de braços abertos, e ambos se abraçaram calorosamente.

— Quais as novidades? — perguntou Arsênio.

— A eleição foi marcada para amanhã.

— Deus seja louvado! — exclamou Arsênio. Era apenas força de expressão. Embora detivesse o elevado título de bispo de Horta, Arsênio não fizera votos sacerdotais e não era um homem religioso. A sua nomeação ao episcopado fora um reconhecimento político do enorme poder que exercia na cidade. — Não vejo a hora de um filho meu se sentar no Trono de São Pedro.

— Esse resultado não é mais tão garantido quanto esperávamos, pai.

— Como assim? — perguntou Arsênio com brusquidão.

— O apoio de Lotário à minha candidatura pode não ser suficiente. Como ele não defendeu Roma contra os sarracenos, muitos se voltaram contra ele. O povo se pergunta por que deveria honrar um imperador que não nos protege. Há um sentimento crescente de que Roma precisa afirmar a sua independência com relação ao poder franco.

Arsênio refletiu sobre isso cuidadosamente. Depois, disse:

— Você precisa denunciar Lotário.

Anastácio ficou horrorizado. A mente do pai, sempre tão perspicaz e criteriosa, devia estar falhando.

— Se eu fizer isso — respondeu — perderei o apoio do partido imperial, do qual dependem as nossas esperanças.

— Não. Você vai explicar a eles que está agindo estritamente por necessidade política. Assegure-os de que, independente do que você for obrigado a dizer, você é um homem do imperador, e que vai provar isso após a sua eleição, concedendo-lhes valiosos benefícios e cargos.

— Lotário ficará furioso.

— A essa altura isso não terá importância. Procederemos diretamente à cerimônia de consagração após a eleição, sem aguardar pelo *jussio* imperial. Dadas as circunstâncias, ninguém protestará, pois obviamente Roma não pode ficar sem líder um dia mais que o necessário, sob a contínua ameaça dos sarracenos. Quando Lotário souber de alguma coisa, você já será senhor papa, bispo de Roma, e o imperador nada poderá fazer contra isso.

Anastácio abanou a cabeça com admiração. Seu pai assumira o controle da situação num instante. A velha raposa podia estar envelhecida, mas nada perdera de sua astúcia.

Arsênio estendeu uma comprida chave de ferro.

— Desça até a caixa-forte e retire o ouro de que precisar para comprar aliados. Maldição! — praguejou. — Não fosse por esta maldita febre, eu mesmo o faria.

Rija e fria na mão de Anastácio, a chave transmitia uma gratificante sensação de poder.

— Procure descansar, pai. Eu cuido disto.

Arsênio agarrou-o pela manga.

— Tenha cuidado, meu filho. O jogo que você está jogando é muito perigoso. Não esqueceu do que aconteceu ao seu tio Teodoro, esqueceu?

Esquecer! O assassinato do seu tio no Palácio de Latrão fora, para Anastácio, o rito de passagem da infância para a idade adulta. A expressão de Teodoro no momento em que os guardas papais lhe arrancavam os olhos assombraria Anastácio até o dia de sua morte.

— Terei cuidado, pai — disse Anastácio. — Deixe tudo comigo.

— É exatamente o que pretendo — retorquiu Arsênio.

Ad te, Domine, levavi animam meam... Joana rezava, ajoelhada na pedra fria da capela do Patriárquio. Porém, por mais que rezasse, não conseguia elevar-se à luz da graça; um forte vínculo mortal a mantinha enraizada aqui embaixo.

Amava Gerold. Não havia propósito em continuar tentando evitar ou negar essa verdade simples. Quando o vira cavalgando na direção da cidade à frente das tropas beneventanas, todo o seu ser havia se precipitado para ele com uma convicção poderosa.

Chegara aos trinta e três anos, mas não tinha ninguém com quem estivesse ligada intimamente. As realidades práticas do seu disfarce não haviam permitido que alguém se aproximasse muito. Vivia uma vida de engano, negando a verdade de quem ela era.

Seria por isso que Deus a privara de Sua graça? Queria Ele que ela abandonasse o seu disfarce e vivesse a vida de uma mulher, para a qual tinha nascido?

A morte de Sérgio a havia desonerado de qualquer obrigação de permanecer em Roma. O próximo papa seria Anastácio, e não haveria lugar para Joana na sua administração.

Ela tinha lutado contra seus sentimentos por Gerold por tempo demais. Que abençoado alívio seria simplesmente seguir os ditames do seu coração e não da sua cabeça.

O que aconteceria quando ela e Gerold se encontrassem de novo? Sorria intimamente, imaginando a alegria desse momento.

Tudo era possível agora. Tudo podia acontecer.

Ao meio-dia do dia marcado para a eleição, uma grande multidão havia se reunido no amplo espaço aberto a sudoeste do Latrão. De acordo com o costume antigo, oficialmente instituído pela Constituição de 824, todos os romanos, leigos e clero, participavam na eleição de um novo papa.

Joana precisou ficar na ponta dos pés para ver por cima do mar agitado de cabeças e braços. Onde estava Gerold? Segundo rumores, ele havia voltado da sua campanha de meses contra os sarracenos. Se fosse verdade, ele deveria estar ali. Um medo súbito a acometeu: e se ele tivesse voltado para Benevento sem vê-la de novo?

A multidão abriu alas respeitosamente quando Eustácio, o arcipreste, Desidério, o arquidiácono, e Pascoal, o primicério, entraram na praça do mercado: era o triunvirato de dignitários que, por tradição, governava a *sede vacante* da cidade, isto é, durante o interregno entre a morte de um papa e a eleição de outro.

Eustácio liderou o povo numa curta oração:

— Pai Celeste, guia-nos no que fizermos aqui hoje, para que ajamos com prudência e honra, para que o ódio não destrua a razão, e para que o amor não interfira com a verdade. Em nome da

santa e indivisível Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Pascoal foi o seguinte a falar:

— Tendo nosso senhor, o papa Sérgio, partido para Deus, cabe-nos eleger o seu sucessor. Qualquer romano aqui reunido pode falar e manifestar os sentimentos que Deus lhe inspirou, para que a vontade geral seja, destarte, cumprida.

— Senhor primicério — falou prontamente Tassilo, líder da facção imperial e um dos agentes de Lotário. — Há um nome que se impõe acima de todos os demais. Falo de Anastácio, bispo de Castellum, filho do ilustre Arsênio. Todas as qualidades da natureza desse homem o recomendam para o trono: seu nascimento nobre, sua extraordinária erudição, sua indiscutível piedade. Em Anastácio teremos um defensor não só da nossa fé cristã, como também dos nossos interesses privados.

— Dos *seus* interesses, você quer dizer! — escarneceu uma voz dentre a multidão.

— De modo algum — redarguiu Tassilo. — A generosidade e grandeza de coração de Anastácio farão dele um pai verdadeiro para todos vocês.

— Ele é homem do imperador! — o importuno gritou de novo. — Não queremos um instrumento dos francos para nosso senhor papa!

“Isso mesmo! Isso mesmo!”, ergueram-se várias vozes em vigorosa anuência.

Anastácio subiu à plataforma. Ele ergueu os braços dramaticamente, aquietando a multidão.

— Meus compatriotas romanos, vocês me julgam mal. O orgulho de meus nobres ancestrais romanos corre em minhas veias tanto quanto nas de vocês. Não me curvo diante de nenhum senhor franco!

“Muito bem! Muito bem!”, aclamaram seus partidários com entusiasmo.

— Onde estava Lotário quando o infiel se encontrava às nossas portas? — continuou Anastácio. — Por não ter vindo em nosso socorro, ele perdeu o direito de se intitular “Protetor das Terras de São Pedro”! Por sua posição, devo-lhe respeito, por sua fé cristã,

devo-lhe cortesia; mas minha lealdade pertence em primeiro lugar, e sempre, à Mãe Roma!

Ele tinha falado bem. Seus partidários o aclamaram de novo, e desta vez outros na multidão juntaram-se a eles. A maré da opinião virava na direção do bispo de Castellum.

— É mentira! — gritou Joana. Todos os rostos se voltaram para ela, estarecidos.

— Quem falou? — Pascoal perscrutou a multidão. — Que o acusador se apresente!

Joana hesitou. Falara sem pensar, irritada com a hipocrisia de Anastácio. Mas não havia como recuar. Corajosamente, subiu à plataforma.

— É João Ânglico! — exclamou alguém. Um murmúrio de reconhecimento percorreu a multidão; todos sabiam ou tinham ouvido sobre a bravura com que Joana se postara nas muralhas durante o ataque sarraceno.

Anastácio bloqueou o caminho dela.

— Você não tem direito de se dirigir a esta assembleia — falou. — Você não é cidadão romano.

— Deixe-o falar! — gritou alguém. Outros gritaram o mesmo, até que Anastácio foi forçado a deixá-la passar.

Pascoal disse:

— Faça sua acusação abertamente, João Ânglico.

Empertigando-se, Joana falou:

— O bispo Anastácio fez um pacto com o imperador. Eu o escutei prometendo guiar os romanos de volta ao controle franco.

“Falso padre! Mentiroso!” Os membros do partido imperial começaram a gritar, tentando abafar-lhe a voz.

Elevando sua voz à deles, ela descreveu como escutara Lotário solicitando a ajuda de Anastácio para obter do povo o juramento de lealdade, e como o bispo concordara, em troca do apoio do imperador.

— É uma acusação grave — disse Pascoal. — O que tem a dizer em sua defesa, Anastácio?

— Deus é testemunha de que o padre está mentindo! — respondeu o bispo. — Decerto meus compatriotas não acreditarão na palavra de um estrangeiro contra a de um romano!

— Você *foi* o primeiro a apoiar o juramento! — gritou um homem.

— E daí? — gritou outro. — Isso não prova nada!

Seguiu-se uma agitada altercação. O debate esquentou, com o humor da multidão mudando de um lado para outro, à medida que ocorriam intervenções para apoiar ou para condenar Anastácio.

— Senhor primicério! — Arígio, que se calara até então, acercou-se.

— Vicedômino — Pascoal saudou Arígio respeitosamente, embora algo surpreso. Dedicado e leal servo do trono papal que era, Arígio nunca se envolvera em política. — Tem algo a acrescentar a este debate?

— Tenho. — Arígio voltou-se para a multidão. — Cidadãos de Roma, não estamos livres de perigo. Quando a primavera chegar, os sarracenos podem tentar outro assalto à cidade. Precisamos estar unidos contra essa ameaça. Não pode haver divisão entre nós. Quem quer que escolhamos para nosso senhor papa, é preciso que seja alguém que reúna o consenso de todos.

Um murmúrio de assentimento percorreu a assembleia.

— Existe tal homem? — perguntou Pascoal.

— Existe — Arígio respondeu. — Um homem de visão e força, bem como de erudição e piedade: Leão, padre cardeal da Igreja dos Quatro Santos Coroados!

A sugestão foi acolhida com um silêncio profundo. Havia estado tão ocupados discutindo os méritos da candidatura de Anastácio, que nem tinham parado para considerar outro candidato.

— A linhagem de Leão é tão nobre como a de Anastácio — prosseguiu Arígio. — O seu pai é um respeitado membro do Senado. Ele tem desempenhado suas obrigações de padre cardeal com distinção. — Arígio guardou o argumento mais persuasivo para o final: — Algum de nós pode esquecer quão bravamente ele se conduziu sobre as muralhas, elevando nossos espíritos durante o ataque dos sarracenos? Ele é um leão de Deus, um novo são Lourenço, um homem que pode, que *vai* nos proteger dos infiéis!

As exigências do momento haviam despertado em Arígio uma eloquência que não lhe era característica. Inflamados pela profundidade da sua convicção, muitos na multidão irromperam em aclamações espontâneas.

Sentindo a oportunidade, os membros da facção papal puxaram o grito: — Leão! Leão! Queremos Leão para nosso senhor!

Os partidários de Anastácio tentaram uma contra-ofensiva em favor da candidatura dele, mas o sentimento da multidão havia mudado claramente. Quando ficou evidente para a facção imperial que não conseguiriam vencer, transferiram o seu apoio para Leão. Por unanimidade, ele foi proclamado senhor e papa Leão IV.

Carregado em triunfo sobre os ombros de seus compatriotas, Leão subiu à plataforma. Era baixo, mas bem constituído, e na flor da idade; suas fortes feições romanas eram destacadas por uma massa de cabelos castanhos ondulados e uma expressão que denotava inteligência e senso de humor. Solenemente, Pascoal prostrou-se diante dele e beijou-lhe os pés. Eustácio e Desidério imediatamente seguiram-lhe o exemplo.

Todos os olhos se voltaram, com expectativa, para Anastácio. Por uma fração de segundo ele hesitou. Então, forçou os joelhos a se dobrarem.

Estendendo-se ao comprido sobre o chão, beijou os pés do papa eleito.

— Levante-se, nobre Anastácio. — Leão estendeu-lhe a mão, ajudando-o a se levantar. — A partir de hoje, você será padre cardeal de São Marcelo.

Era um gesto generoso; São Marcelo era uma das maiores igrejas romanas. Leão acabara de presentear Anastácio com uma das mais prestigiosas sinecuras de Roma.

A multidão aplaudiu, manifestando sua aprovação.

Anastácio forçou os lábios num sorriso, enquanto o sabor amargo da derrota fazia-o sentir como se tivesse cinzas secas na boca.

• • •

“Magnus Dominus et laudibilis nimis.”

As notas do intróito flutuavam janela adentro no pequeno quarto onde Joana guardava seus medicamentos. Como São Pedro estava em ruínas, a cerimônia de consagração foi realizada na Basílica de Latrão.

Joana devia estar na igreja com o resto do clero, testemunhando a coroação jubilosa do novo papa. Mas havia muito que fazer ali, pendurar as ervas recém-colhidas para secar, encher de novo jarros e garrafas com os remédios apropriados, colocar as coisas em ordem. Quando terminou, preencheu as prateleiras com suas fileiras de poções, ervas e raízes, testemunho tangível de tudo que ela aprendera da arte curativa. Com um aperto no coração, percebeu que sentiria saudades daquela oficinazinha.

— Achei que encontraria você aqui. — A voz de Gerold ressoou atrás dela, fazendo o coração de Joana saltar de alegria. Ela se virou e os olhos de ambos se encontraram.

— *Tu* — Gerold falou baixinho, em latim.

— *Tu*.

Sorriram um para o outro, com o calor da intimidade restabelecida.

— Estranho — disse ele —, quase esqueci.

— Esqueceu?

— Cada vez que vejo você... eu a redescubro.

Ela foi até ele e os dois se abraçaram carinhosamente.

— As coisas que eu falei na última vez que estivemos juntos... — ela murmurou — eu não quis...

Gerold pôs um dedo sobre os lábios dela.

— Deixe-me falar primeiro. O que aconteceu foi culpa minha. Eu estava errado ao pedir para você partir; percebo isso agora. Eu não havia entendido o que você realizou aqui... e o que você se tornou. Você tinha razão, Joana: nada tenho a oferecer que se compare a isso.

Exceto amor, pensou Joana, sem dizê-lo. Ela disse apenas:

— Não quero perder você de novo.

— Nem vai — falou Gerold. — Não voltarei para Benevento. Leão pediu-me para ficar em Roma... como superista.

Superista! Era uma honraria extraordinária, a mais elevada posição militar em Roma, comandante-em-chefe da milícia papal.

— Há trabalho a ser feito aqui, trabalho importante. O tesouro que os sarracenos pilharam de São Pedro vai apenas encorajá-los a tentar de novo.

— Você acha que eles voltarão?

— Acho. — Para qualquer outra mulher Gerold teria dito alguma mentira tranquilizadora; mas Joana não era como qualquer outra mulher. — Leão precisará da nossa ajuda, Joana... sua e minha.

— Minha? Não vejo o que possa fazer.

Gerold falou devagar:

— Então ninguém lhe disse?

— Disse o quê?

— Que você será nomenclador.

— *O quê?*

Ela não podia ter ouvido direito. O nomenclador era um dos sete optimates, ou dignitários mais graduados de Roma, o ministro da caridade, protetor dos tutelados, das viúvas e dos órfãos.

— Mas... eu sou estrangeira!

— Isso não importa para Leão. Ele não é homem de se prender a tradições sem sentido.

A oportunidade de uma vida inteira estava sendo oferecida a ela. Mas aceitá-la significaria também o fim de qualquer esperança de uma vida com Gerold. Dividida entre desejos opostos, Joana não se atreveu a falar.

Interpretando mal o silêncio dela, Gerold disse:

— Não se preocupe, Joana. Não vou incomodá-la de novo com propostas de casamento. Sei agora que nunca poderemos estar juntos dessa forma. Mas será bom trabalharmos de novo, como costumávamos fazer outrora. Sempre fomos uma boa equipe, não fomos?

A mente de Joana rodopiava; tudo estava saindo tão diferente de como ela imaginara. Sua voz, quando ela gaguejou, saiu num sussurro:

— Fomos sim.

“*Sanctus, Sanctus, Sanctus.*” As palavras do hino sacro alcançaram os seus ouvidos através da janela aberta. A cerimônia de consagração fora concluída: o Cântico da Missa estava prestes a começar.

— Venha. — Gerold estendeu a mão. — Vamos juntos saudar nosso novo senhor papa.



O novo pontífice assumiu suas tarefas com um vigor juvenil que pegou todo mundo de surpresa. Quase da noite para o dia, o Patriárquio foi transformado de um palácio monástico empoeirado numa alvoreçada colmeia. Notários e secretários corriam pelos salões carregados de rolos de pergaminho contendo projetos, estatutos, cartulários e benefícios.

A prioridade era fortalecer as defesas da cidade. Por ordem de Leão, Gerold empreendeu um circuito pormenorizado pelas muralhas, anotando cuidadosamente todos os pontos fracos. Seguindo suas sugestões, foram traçados planos e iniciadas as obras de reparação dos muros e portões da cidade. Três dos portões e quinze das torres foram completamente reconstruídos. Duas novas torres foram erguidas em margens opostas do Tibre, onde o rio adentrava a cidade na Porta Portuense. Correntes de ferro reforçado foram estrategicamente ligadas entre as torres opostas, de modo que, uma vez estendidas através do rio, formassem uma barreira intransponível para embarcações. Pelo menos por ali os sarracenos não teriam como invadir a cidade.

Restava ainda o problema difícil de como proteger São Pedro. Para deliberar sobre a questão, Leão convocou uma reunião do alto clero e dos optimates, incluindo Gerold e Joana.

Diversas sugestões foram feitas: posicionar uma guarnição permanente da milícia ao redor da basílica, cercar seu pórtico aberto, fortificar as portas e janelas com barras de ferro.

Leão ouvia sem entusiasmo.

— Tais medidas servirão apenas para adiar uma entrada à força, não para impedi-la.

— Com todo respeito, Santidade — disse Anastácio —, o adiamento é a nossa melhor defesa. Se conseguirmos deter os bárbaros até as tropas do imperador chegarem...

— Se chegarem — interrompeu Gerold secamente.
— É preciso confiar em Deus, superista — censurou-o Anastácio.
— Em Lotário, o senhor quer dizer — falou Gerold. — Nele eu não confio.

— Perdoe-me, superista — disse Anastácio com polidez exagerada —, por apontar o que é óbvio, mas não há realmente outra coisa que possamos fazer no momento, uma vez que a basílica fica fora dos muros da cidade.

Joana disse:

— Podemos trazê-la para dentro.

As sobrancelhas escuras de Anastácio arquearam-se sardonicamente.

— O que você propõe, João? Transportar o edifício inteiro, pedra por pedra?

— Não — respondeu Joana. — Proponho estender as muralhas da cidade ao redor de São Pedro.

— Uma nova muralha! — O interesse de Leão se acendeu.

— Totalmente impraticável! — escarneceu Anastácio. — Uma obra de tamanha envergadura não é realizada desde os dias dos antigos.

— Então está mais do que na hora — disse Leão — de fazer outra.

— Não temos fundos! — protestou Grácio, o arcário, ou tesoureiro papal. — Levaremos o tesouro à bancarrota antes que metade da obra esteja pronta!

Leão refletiu sobre isso.

— Lançaremos novos impostos. Afinal, é justo que a nova muralha, que protegerá a todos, seja edificada com a ajuda de todos.

A mente de Gerold já seguia à frente:

— Poderíamos iniciar a construção aqui — apontou para um mapa da cidade —, perto do Castelo Sant'Ângelo; a muralha passaria ao longo de um lado do monte Vaticano — traçou uma linha imaginária com o dedo —, rodearia São Pedro e desceria em linha reta até o Tibre.

A linha em forma de ferradura que Gerold havia desenhado incluía não apenas São Pedro, os monastérios e *diaconae* que o

rodeavam, mas também todo o Burgo, onde estavam localizadas as populosas colônias dos saxões, frísios, francos e lombardos.

— É como uma cidade por si só! — exclamou Leão.

— *Civitas Leonina* — disse Joana —, a Cidade Leonina.

Contrariados, Anastácio e os outros observavam Leão, Gerold e Joana sorrindo em feliz conspiração.

Após semanas de consulta com os mestres-de-obras da cidade, o projeto da muralha foi concluído. Era um plano ambicioso. Feita de camadas de tufo e ladrilhos, a muralha teria doze metros de altura por seis de largura, e seria protegida por nada menos que quarenta e quatro torres, barreira capaz de resistir ao cerco mais aguerrido.

Em resposta ao apelo de Leão, operários afluíram à cidade, oriundos de todos os povoados e colônias do território papal. Amontoaram-se nos assentamentos quentes e superpovoados do Burgo, quase esgotando os recursos de Roma. Embora leais e cheios de disposição, eram trabalhadores sem treino nem disciplina, o que tornava difícil organizar os esforços deles. Todos os dias compareciam sem saber o que fazer, pois não havia suficientes construtores habilitados para supervisioná-los. Nos idos de maio, uma seção inteira da muralha desabou inesperadamente, matando diversos operários.

O clero, liderado pelos padres cardeais da cidade, rogou a Leão que abandonasse o projeto. O desabamento da muralha, argumentaram eles, era uma indicação clara do desfavor de Deus. A ideia toda era uma insensatez: uma estrutura tão alta nunca se manteria em pé, e mesmo que se mantivesse, jamais seria concluída a tempo de defender a cidade contra os sarracenos. Muito melhor era dirigir as energias do povo para a oração solene e para o jejum, a fim de desviar a ira de Deus.

— Vamos rezar como se tudo dependesse de Deus, e trabalhar como se tudo dependesse de nós — respondeu Leão com firmeza. Todos os dias, ele cavalgava pelos andaimes para conferir o progresso da construção e estimular os operários. Nada podia demovê-lo da sua determinação de ver a muralha concluída.

Joana admirava a oposição teimosa de Leão aos céticos. Completamente diferente de Sérgio em caráter e temperamento,

Leão era um verdadeiro líder espiritual, um homem de iniciativa, energia e enorme força de vontade. Mas a admiração dela não era partilhada por todos. A cidade estava dividida entre os que aprovavam a muralha e os que se opunham a ela. Logo ficou aparente que o futuro do governo de Leão IV dependeria muito da bem-sucedida conclusão da muralha.

Anastácio estava ciente da situação e da oportunidade que ela propiciava. A obsessão de Leão com o muro tornava-o perigosamente vulnerável. Se o projeto fracassasse, a desaprovação popular daí resultante poderia fornecer a Anastácio a oportunidade que ele esperava. Os seus aliados do partido imperial poderiam marchar contra o Latrão, remover o papa desacreditado e instalar o candidato deles no lugar.

Quando ele, Anastácio, fosse papa, protegeria a santa Basílica de São Pedro renovando e fortalecendo os laços de Roma com o império franco. Os exércitos de Lotário seriam uma defesa muito melhor contra os infiéis do que o muro impraticável de Leão.

Mas, Anastácio lembrou a si próprio, precisava agir com cautela. Era melhor não se opor abertamente a Leão, não enquanto as pessoas ainda esperassem para ver o resultado final da ousada empreitada do pontífice.

O mais sensato era apoiar Leão publicamente, enquanto fazia tudo para sabotar o projeto de construção. Para tanto, Anastácio já tinha conseguido providenciar o desabamento de uma seção da muralha. Não fora difícil: alguns de seus homens de maior confiança haviam, na calada da noite, minado as fundações por meio de escavações sub-reptícias. Mas o colapso da muralha acabou sendo apenas um contratempo. Era necessário fazer algo mais, um desastre suficientemente grande para pôr fim ao projeto ridículo de uma vez por todas.

Anastácio deu tratos à bola, procurando um modo de atacar. Mas nenhuma ideia lhe ocorria. Uma frustração crescente se apoderava dele. Se ao menos pudesse, com uma mão gigante, arrancar toda a estrutura do solo e lançá-la às chamas do inferno, com um só arremesso poderoso e irrefutável!

As chamas do inferno...

Anastácio empertigou-se, estimulado pela aparição súbita de uma ideia.

Joana acordou lentamente para um novo dia. Por um instante ficou confusa, olhando para uma configuração desconhecida das vigas de madeira no teto. Então se lembrou: aquele não era o dormitório, e sim seus aposentos particulares, um dos privilégios de sua posição elevada como nomenclador. Gerold também fora agraciado com aposentos privados no Patriárquio, mas não dormia neles havia várias semanas, preferindo ficar na Schola Francorum, no Burgo, para estar mais perto das obras de construção da muralha.

Joana o vira de longe, cavalcando no local da construção, incentivando os operários ou debruçando-se sobre uma mesa, discutindo as plantas com um dos mestres-de-obras. Não tinham oportunidade de trocar mais que um vislumbre; no entanto, cada vez que ela o via, seu coração dava um pulso, alvoroçado. *Verdadeiramente*, pensou ela, *este meu corpo de mulher é um traidor*.

Com esforço deliberado, ela fixou sua atenção no trabalho do dia e nos deveres que a aguardavam.

A luz da alvorada já entrava pela janela. Com surpresa, percebeu que devia ter dormido demais. Se não se apressasse, chegaria atrasada ao seu encontro com o diretor do Hospício de São Miguel.

Ao saltar da cama, teve consciência de que a luz que entrava no seu quarto não era da alvorada. Nem podia ser, pois a janela estava voltada para oeste.

Correu para a janela. Detrás da silhueta escura do monte Palatino, do outro lado da cidade, fitas de luz vermelha e alaranjada ondulavam para o céu sem lua.

Chamas. E vinham do Burgo.

Sem parar para calçar os sapatos, Joana correu descalça pelos vestíbulos: — Fogo! — gritava. — Fogo! Fogo!

Portas escancaravam-se, desaguando pessoas agitadas no saguão. Arígio veio na direção dela, esfregando os olhos para remover o sono.

— O que está acontecendo? — perguntou gravemente.

— O Burgo está pegando fogo!

— *Deo, juva nos!* — Arígio se persignou. — Preciso acordar Sua Santidade. — Correu para o dormitório papal.

Joana desceu as escadas correndo e saiu pela porta. Era mais difícil ver dali, pois os inúmeros oratórios, monastérios e casas do clero que rodeavam o Patriárquio obscureciam a vista, mas ela soube que o incêndio havia se alastrado, pois todo o céu noturno estava agora iluminado com um fulgor sinistro.

Outros estavam seguindo Joana fora do pórtico. Caíram de joelhos, chorando e invocando Deus e são Pedro. Depois apareceu Leão, de cabeça descoberta e trajando uma simples túnica.

— Chame a guarda — ordenou a um camarista. — Acorde os cavaleiros. Quero que preparem todos os cavalos e carroças disponíveis. — O garoto foi correndo cumprir as ordens.

Os cavalos foram trazidos, inquietos e irritáveis por terem sido tirados do conforto de seus estábulos no meio da noite. Leão montou o que vinha à frente, um baio.

Arígio ficou horrorizado.

— Vossa Santidade não pretende ir pessoalmente!

— Pretendo, sim — respondeu Leão, tomando as rédeas.

— Santidade, devo me opor! É perigoso demais! É bem mais apropriado que permaneça aqui e conduza uma missa de libertação!

— Posso rezar tão bem fora de uma igreja quanto dentro — respondeu o papa. — Afaste-se, Arígio.

O vicedômino obedeceu com relutância. Leão esporeou o baio e desceu a rua. Joana e diversos guardas montaram e seguiram-no de perto.

Arígio fez cara feia. Não era bom cavaleiro, mas seu lugar era ao lado do pontífice. Se Leão insistia naquela loucura, era dever do vicedômino acompanhá-lo. Montou desajeitadamente e partiu atrás deles.

Puseram-se a galope, suas tochas lançando reflexos fantásticos sobre as paredes das casas, suas sombras perseguindo-se umas às outras pelas ruas escuras como fantasmas enlouquecidos. À medida que se aproximavam do Burgo, o cheiro acre de fumaça invadia-lhes as narinas, e eles ouviram um enorme rugido, como se

produzido por mil feras selvagens. Virando uma esquina, viram o incêndio logo à frente.

Era uma cena infernal. O quarteirão inteiro estava em chamas, amortalhado sob um sólido lençol de fogo. Através de um tremeluzente nevoeiro rubro, os edifícios de madeira retorciam-se, presas das labaredas que os consumiam. Nitidamente silhuetados contra o fogo, vultos humanos cabriolavam como as almas torturadas dos condenados.

Os cavalos relincharam e recuaram, sacudindo as cabeças. Um padre veio correndo na direção deles através da fumaça baixa, o rosto sujo de suor e fuligem.

— Santidade! Graças a Deus que veio! — Pelo sotaque e modo de vestir, Joana reparou que era um franco.

— É tão mau como parece? — perguntou Leão sem delongas.

— É bem pior! — respondeu o padre. — O Hadrianium está destruído, bem como o Hospício de São Peregrino. As colônias estrangeiras também desapareceram: a Schola Saxonum queimou até as cinzas junto com sua igreja. As casas da Schola Francorum estão em chamas. Eu mesmo por pouco escapei com vida.

— Você viu Gerold? — perguntou Joana, aflita.

— O superista? — O padre sacudiu a cabeça. — Ele estava dormindo num dos andares de cima com os pedreiros. Duvido que algum deles tenha conseguido sair; a fumaça e o fogo se espalharam depressa demais.

— E os sobreviventes? — perguntou Leão. — Onde estão?

— A maioria se refugiou em São Pedro. Mas o fogo está por toda parte.

Se não for apagado, a própria basílica corre perigo!

Leão estendeu-lhe a mão:

— Venha conosco; estamos indo para lá agora. — O padre montou atrás dele sobre o baio, e todos se dirigiram para São Pedro.

Joana não os acompanhou. Tinha outra coisa em mente: encontrar Gerold.

A fileira de fogo erguia-se sólida e intransponível à sua frente. Não havia forma de atravessar. Joana rodeou-a até chegar a uma

sucessão de ruas escurecidas e arruinadas por onde o incêndio já passara, e enveredou por uma que levava até a Schola Francorum.

Focos individuais de incêndio ainda queimavam em cada lado, e a fumaça ficava mais espessa. O medo começou a oprimir-lhe a garganta, mas ela foi adiante. Seu cavalo assustou-se e lutou, sem querer prosseguir; ela gritou e chutou-o, e então ele foi em frente, arisco. Ela atravessou uma paisagem de horror: cepos murchos de árvores, esqueletos ociosos de casas, corpos enegrecidos e carbonizados daqueles apanhados ao tentar fugir. O coração de Joana se retorceu: com certeza nada vivo poderia ter sobrevivido àquele holocausto.

De repente, improvavelmente, as paredes de um edifício se ergueram diante dela: a Schola Francorum! A igreja e as construções vizinhas estavam reduzidas a cinzas, mas, por milagre, a residência principal ainda estava de pé.

O coração dela bateu com renovada esperança: talvez Gerold tivesse escapado! Ou talvez ainda estivesse lá dentro, ferido, precisando de ajuda.

O cavalo empacou, recusando-se a seguir em frente. Ela voltou a chutá-lo, mas desta vez ele empinou desafiadoramente, jogando-a no chão; depois partiu a galope.

Ela ficou deitada no chão, quase desmaiada. Ao seu lado jazia um cadáver humano, brilhante e negro como obsidiana derretida, as costas arqueadas numa agonia de morte. Nauseada, ela se levantou e correu na direção da *schola*. Precisava encontrar Gerold; nada mais importava.

Havia grandes cinzas incandescentes por toda parte, no chão, nas suas roupas, no seu cabelo, suspensas à sua volta numa nuvem pesada e sufocante. Brasas quentes queimavam-lhe os pés descalços; tarde demais ela se arrependeu por não ter calçado sapatos.

A porta da *schola* ficou visível. Mais alguns metros e estaria lá.

— Gerold! — gritou ela. — Onde você está?

Selvagem e incontrolável como o vento que o fustigava, o fogo mudou de direção, espalhando brasas ardentes sobre o telhado de ripas, já seco como mecha após a primeira passagem do incêndio.

As brasas fulguraram e se acenderam; momentos depois, o edifício inteiro estava em chamas.

Joana sentia seu cabelo agitado por uma violenta lufada de ar abrasador. O fogo tentava alcançá-la com suas línguas escaldantes.

— Gerold! — gritou ela de novo, empurrada para trás pelas flamas que avançavam.

Gerold ficara acordado até tarde da noite, estudando planos para a muralha. Quando finalmente apagou sua vela, estava tão exausto que caiu logo num sono profundo e sem sonhos.

Acordou com o cheiro da fumaça. *Alguma lâmpada deve ter se fundido*, pensou, e levantou-se para apagá-la. A primeira lufada de ar que aspirou ressecou-lhe os pulmões com uma dor que o fez cair de joelhos, sem fôlego. *Incêndio. Mas vindo de onde?* A fumaça grossa tornava impossível enxergar além de alguns palmos em qualquer direção.

Gritos aterrados de crianças ressoaram nas proximidades. Gerold arrastou-se na direção delas. Rostos apavorados emergiram na escuridão: duas crianças, um menino e uma menina, com não mais que quatro ou cinco anos. Correram e se agarraram a ele, chorando de partir o coração.

— Está tudo bem. — Ele fingiu uma confiança que não sentia. — Logo, logo vamos sair daqui. Vocês já brincaram de cavalinho?

As crianças assentiram, os olhos arregalados.

— Ótimo. — Ele colocou a menina nas suas costas, depois o menino. — Segurem firme. Vamos cavalgar para fora.

Ele avançou desajeitadamente com o peso das crianças sobre o costado. A fumaça havia ficado ainda mais espessa; as crianças ofegavam e engasgavam. Gerold tentava reprimir o medo que crescia dentro dele. Muitas vítimas de incêndio não morriam queimadas, e sim asfixiadas pela fumaça.

De repente, deu-se conta de que estava desorientado. Seus olhos procuraram na penumbra, mas não eram capazes de vislumbrar a porta através da fumaça cada vez mais grossa.

— Gerold! — chamou uma voz através da escuridão asfixiante.

Abaixando-se para absorver um ar melhor, cambaleou às cegas em direção ao som.

Diante dos muros de São Pedro, uma batalha acirrada estava sendo travada contra o fogo que progredia. Uma multidão havia se juntado para defender a ameaçada basílica: monges de hábitos negros do vizinho monastério de São João e seus correspondentes encapuzados do monastério grego de São Cirilo; diáconos, padres e coroinhas; prostitutas e mendigos; homens, mulheres e crianças de todas as *scholae* estrangeiras do Burgo — saxões, lombardos, ingleses, frísios e francos.

Sem qualquer coordenação central, os esforços daqueles grupos dispersos eram ineficazes. Faziam uma tentativa caótica de encontrar vasos e jarros para trazer água dos poços e cisternas das imediações. Um único poço ficava rodeado por uma multidão enquanto outro ficava deserto. Gritando numa variedade confusa de línguas, as pessoas se acotovelavam para encher seus recipientes; jarros colidiam e quebravam, derramando preciosa água no chão. Em meio ao tumulto, a roldana de um dos poços se partiu; o único modo de tirar água era entrar no poço e passar o balde cheio para cima, processo tão demorado que foi logo abandonado.

— Para o rio! Para o rio! — gritavam as pessoas, descendo até o Tibre. Com o medo e a confusão, alguns saíam correndo de mãos vazias, percebendo, apenas quando chegavam à margem, que não tinham com que transportar água. Outros traziam jarros enormes que, uma vez cheios, ficavam pesados demais para as forças deles; a meio caminho da colina, largavam-nos, chorando de pesar e frustração.

Em meio a este caos, Leão erguia-se diante das portas de São Pedro, sólido e inabalável como as pedras da própria grande basílica. As pessoas sentiam-se encorajadas pela presença dele. Enquanto o seu senhor papa estivesse lá, nem tudo estaria perdido; ainda restaria esperança. Assim, continuaram lutando contra as labaredas que avançavam inexoravelmente como uma maré, fazendo recuar a linha dos suados e tensos apagadores do fogo.

À direita da basílica, a biblioteca do Mosteiro de São Martinho estava em chamas; fragmentos de pergaminhos flutuavam pela janela e, carregados pelo vento, aterrissavam no telhado de São Pedro.

Arígio puxava a manga de Leão.

— Vossa Santidade precisa partir enquanto é tempo!

Ignorando-o, Leão continuou a rezar.

Vou chamar a guarda, pensou Arígio, desesperado. *Farei com que o levem à força*. Como vicedômino tinha autoridade para fazê-lo. Ele hesitava, torturado pela indecisão. Teria o direito de desafiar o Apostólico, mesmo para salvá-lo?

Ele percebeu o perigo chegando antes de qualquer outro. Um grande pedaço de toalha de seda de um altar atravessou as paredes em chamas do monastério, formando uma espiral de fogo. O vento o apanhou, transformando-o numa flecha incandescente apontada na direção de Leão.

Arígio lançou-se sobre Leão, tirando-o do caminho do tecido flamejante, que acertou o vicedômino em cheio no rosto, queimando-lhe os olhos, envolvendo-lhe a cabeça e o corpo num abraço de fogo. Num instante suas roupas e cabelos ardiam em chamas.

Cego e surdo pelas labaredas, desceu pulando os degraus da basílica, até que suas pernas cederam e ele caiu. Nos últimos terríveis momentos, enquanto o seu corpo queimava, mas o seu cérebro permanecia totalmente alerta, Arígio compreendeu: esse era o seu destino, esse era o momento do sacrifício supremo para o qual toda a sua vida tinha sido direcionada.

— Cristo Jesus! — gritou quando as dores indizíveis lhe trespassaram o coração.

A nuvem de fumaça ergueu-se um pouco, e Gerold pôde ver a porta aberta à frente. Além dela, a imagem da Joana tremeluzia no ar aquecido, seu cabelo dourado-branco parecendo uma aura brilhante à luz do fogo. Com um esforço final, Gerold soergueu a si mesmo e às crianças, e cambaleou para a porta.

Joana viu-o emergir do nevoeiro de fumo e correu para ele. Ajudou-o a pôr no chão as crianças, que soluçavam, e manteve-as perto do seu próprio corpo, enquanto seus olhos permaneciam fixos em Gerold, que ficou em pé, oscilando, incapaz de falar ou de se mexer.

— Graças a Deus — disse ela simplesmente.

Mas a mensagem nos seus olhos dizia muito mais.

Deixaram as crianças aos cuidados de um grupo de freiras e correram para a basílica, onde Gerold viu, logo de cara, que os que combatiam o fogo estavam mal situados, demasiado próximos das labaredas.

Ele assumiu o comando, ordenando que os homens se afastassem a uma distância segura e criassem um aceiro, arrancando arbustos, galhos e tudo que fosse inflamável, em seguida cavando sobre a grama e molhando a terra.

Vendo as fagulhas que choviam sobre a basílica, Joana pegou um balde de água de um monge que passava e galgou para cima do telhado. Outros a seguiram, dois, depois quatro, depois dez, formando uma corrente humana, passando baldes cheios de baixo para cima e devolvendo baldes vazios para serem cheios. Passando, derramando, passando, enchendo, passando, derramando, passando, enchendo — trabalharam arduamente lado a lado, os braços doloridos com o esforço, as roupas e rostos enegrecidos de fuligem, as bocas abertas arfando em meio ao ar sufocante.

No solo abaixo deles, o fogo crepitava bem perto, as chamas se alastrando através da relva, que enegrecia num segundo. Gerold e os homens trabalharam desesperadamente para aumentar a área do aceiro.

Nos degraus da basílica, Leão fez o sinal da cruz, o rosto súplice voltado para o céu:

— Ó Senhor Deus — rezou —, ouve-nos agora, que clamamos a Ti!

O fogo avançador atingiu o aceiro. As chamas se agigantaram, procurando transpor a faixa de terreno desbastado. Gerold e seus homens atacaram com mais baldes de água. As chamas hesitaram, recuaram sibilando com raiva, e começaram a se consumir.

A basílica estava salva.

Joana teve a grata e úmida sensação de lágrimas no rosto.

Os primeiros dias que se seguiram ao incêndio foram empregados em enterrar os mortos — aqueles cujos corpos puderam ser encontrados. O calor intenso havia reduzido muitas vítimas do fogo a ossos calcinados e cinzas.

Arício, como era apropriado à sua elevada posição, foi sepultado com solene cerimônia. Depois de uma missa fúnebre no Latrão, o seu corpo foi enterrado na cripta de uma pequena capela, junto aos túmulos dos papas Gregório e Sérgio.

Joana o pranteou. Ela e Arício nem sempre haviam se entendido, sobretudo no começo, mas com o tempo acabaram respeitando um ao outro. Ela sentia saudades de sua eficiência discreta, do seu conhecimento surpreendente de todos os detalhes do complicado funcionamento interno do Patriárquio, até mesmo do orgulho arredo com que ele cumpria os deveres do seu cargo. Era mais que apropriado que ele agora descansasse pela eternidade perto dos Apostólicos, a quem servira com tanta dedicação.

Depois de observados os dias requeridos de luto, começou o balanço noturno dos prejuízos causados pelo incêndio. O Muro Leonino, onde o fogo parecia ter começado, sofrera apenas danos leves, mas três quartos do Burgo haviam sido completamente destruídos. Os assentamentos estrangeiros e suas igrejas tinham sido reduzidos a pouco mais do que entulho calcinado.

Que a Basílica de São Pedro tivesse resistido àquele holocausto foi considerado nada menos que um milagre. Dizia-se que o papa Leão havia detido o incêndio, fazendo o sinal da cruz contra as labaredas ameaçadoras. Essa versão dos acontecimentos foi adotada com avidez pelo povo romano, que precisava desesperadamente assegurar-se de que Deus não se voltara contra ele.

Encontraram uma afirmação da sua fé no milagre de Leão, atestado fervorosamente por todos que haviam estado lá. Na verdade, o número de testemunhas do milagre aumentava dia após dia, até parecer que toda Roma estivera em São Pedro naquela manhã fatal.

Todas as críticas a Leão foram esquecidas. Ele era um herói, um profeta, um santo, a encarnação do espírito de São Pedro. O povo exaltava-o, pois um papa que realizara tamanho milagre certamente seria capaz de protegê-lo dos infiéis sarracenos.

No entanto, o regozijo não foi universal. Quando a notícia do milagre de Leão chegou à Igreja de São Marcelo, as portas foram imediatamente fechadas e barradas, todos os batismos adiados,

todos os compromissos abruptamente cancelados. Aos que perguntaram, foi-lhes dito que ninguém tinha permissão para falar com o padre cardeal Anastácio, pois ele se sentira subitamente indisposto.

Joana trabalhava dia e noite, distribuindo roupas, remédios e outros suprimentos aos asilos e casas da caridade da cidade. Os hospícios estavam cheios de vítimas do incêndio, e não havia médicos suficientes para atender a todos, por isso ela ajudava como podia. Alguns corpos queimados e enegrecidos não tinham cura; por esses ela pouco podia fazer além de administrar doses de papoula, mandrágora e meimendo para aliviar as suas agonias mortais. Outros tinham queimaduras graves que ameaçavam infeccionar; nesses ela aplicava cataplasmas de mel e aloés, medicamentos próprios para queimaduras. E outros, cujos corpos não haviam sido tocados pelo fogo, padeciam de problemas respiratórios por terem aspirado muita fumaça; esses definhavam em meio a tormentos, lutando pela vida a cada fôlego.

Acabrunhada pelo efeito cumulativo de tanta morte e horror, Joana foi de novo acometida por uma crise de fé. Como podia um Deus benevolente permitir que tais coisas ocorressem? Como podia afligir de forma tão terrível até crianças e bebês, inocentes de qualquer pecado?

Seu coração se perturbava na medida em que suas antigas dúvidas se abatiam sobre ela mais uma vez.

Certa manhã, ela estava reunida com Leão a fim de providenciar a abertura dos armazéns papais para as vítimas do incêndio, quando Val diperto, o novo vicedômino, entrou inesperadamente. Era um homem alto e ossudo, cuja pele clara e cabelo louro revelavam sua ascendência lombarda. Joana achou estranho ver esse desconhecido usando o uniforme de Arígio.

— Santidade — disse Val diperto com uma vênica —, dois cidadãos aí fora solicitam uma audiência imediata.

— Faça-os esperar — respondeu Leão. — Ouvirei a petição deles mais tarde.

— Perdão, Santo Padre — insistiu Valdiperto —, mas acho que Vossa Santidade deveria escutar o que eles têm a dizer.

Leão ergueu uma sobrancelha. Se fosse Arígio, ele teria aceitado sua palavra sem questionar, pois o discernimento do finado vicedômino fora conhecido e digno de confiança, mas Valdiperto era novo e inexperiente; ainda não familiarizado com as limitações da sua posição, poderia estar se excedendo.

O papa hesitou e então decidiu dar a Valdiperto o benefício da dúvida:

— Está bem. Que entrem.

Valdiperto curvou-se e saiu, retornando momentos depois com um padre e um garoto. Joana reconheceu o padre, moreno e magro, como um baluarte de fé, desses muitos que trabalhavam em honroso e empobrecido anonimato nas igrejas mais humildes de Roma. Já o garoto, pelo traje, parecia pertencer a uma das ordens menores — um leitor, ou talvez um acólito. Era um moço bem constituído, de quinze ou dezesseis anos, robusto e atraente, com grandes olhos alertas que normalmente irradiariam uma alegria jovial, embora no momento estivessem anuviados pela tristeza.

Os recém-chegados prostraram-se diante de Leão.

— Levantem-se — disse ele. — Digam-nos por que vieram.

O padre falou primeiro:

— Eu sou Paulo, Santidade, padre da casa de São Lourenço em Damasco, pela graça de Deus e sua. Este moço, Domingos, veio à capela hoje solicitando confissão auricular, serviço que prestei de bom grado. O que ele me contou é tão sério, que eu o trouxe aqui para que ele o repita a Vossa Santidade.

Leão franziu o cenho.

— O segredo desse tipo de confissão é inviolável.

— Santidade, o rapaz veio por vontade própria, pois se encontra em grande tribulação de mente e espírito.

— Isso é verdade? — o papa perguntou a Domingos. — Seja franco, pois não há vergonha alguma em se recusar a repetir o que é dito na confissão.

— Vou lhe contar, Santo Padre — o moço respondeu, trêmulo. — *Preciso* lhe contar, pelo bem de minha alma.

— Então conte, meu filho.

Os olhos de Domingos marejaram de lágrimas.

— Eu não sabia, Santo Padre! — prorrompeu ele. — Eu juro sobre as sagradas relíquias de todos os santos que eu não sabia o que ia acontecer, do contrário nunca o teria feito!

— Feito o que, meu filho? — perguntou Leão gentilmente.

— Ateado o incêndio! — O garoto foi sacudido por uma torrente de soluços.

Houve um silêncio apavorado, quebrado apenas pelo choro de Domingos.

— Você ateou o incêndio? — Leão perguntou em voz baixa.

— Ateei, que Deus me perdoe!

— Por que você faria uma coisa dessas?

O garoto engoliu suas lágrimas, esforçando-se para se controlar.

— Ele me disse que a construção da muralha era um grande mal, pois o dinheiro e o tempo desperdiçados nela seriam mais bem empregados restaurando igrejas e aliviando a miséria dos pobres.

— Ele? — falou Leão. — Alguém mandou você atear o incêndio?

O garoto assentiu com a cabeça.

— Quem?

— O meu senhor cardeal Anastácio. Santo Padre, ele devia ter a língua do diabo, pois falou de modo tão convincente, que tudo o que dizia parecia ser certo e bom.

Sobreveio outro longo silêncio. Então Leão disse com gravidade:

— Tome cuidado com o que diz, meu filho. Tem certeza de que foi o cardeal Anastácio que o mandou fazer isso?

— Tenho, Santo Padre. Era para ser só um incêndio pequeno — disse Domingos com a voz estrangulada —, apenas o bastante para queimar o andaime da muralha. Deus sabe que foi bem fácil: eu encharquei alguns trapos em óleo de lâmpada e os meti debaixo dum canto do andaime, e depois os acendi. No começo, o fogo se limitou ao andaime, exatamente como o senhor cardeal disse que ocorreria. Mas aí o vento soprou, e o fogo se alastrou, e... e... — Ele caiu de joelhos. — Ó Deus! — gritou, desesperado. — Tanto sangue inocente! Eu não o faria de novo, nem que mil cardeais me mandassem!

O garoto atirou-se aos pés de Leão:

— Ajude-me, Santo Padre, ajude-me! — Ergueu sua face atormentada. — Não posso viver sabendo o que fiz! Pronuncie a minha penitência; suportarei qualquer tipo de morte, não importa quão terrível, para que a minha alma fique limpa de novo!

Joana ficou imóvel, trespassada pelo horror e pela compaixão. À lista dos crimes de Anastácio certamente devia ser acrescentada a perversão do caráter daquele jovem. Sua alma simples e honesta nunca o teria levado a cometer tal crime, nem suportar a culpa dele na sua consciência.

Leão pôs a mão na cabeça do garoto.

— Já houve mortes demais, meu filho. Que benefício traria ao mundo acrescentar a sua às outras? Não, Domingos, a penitência que eu lhe imponho não é a morte, e sim a vida: uma vida de expiação e penitência. A partir deste dia, você está banido de Roma. Você partirá em peregrinação a Jerusalém, onde deverá rezar diante do Santo Sepulcro, pedindo o perdão divino.

O garoto ergueu os olhos atônitos.

— Só isso?

— O caminho para a expiação nunca é fácil, meu filho. Você verá que a jornada é bastante árdua.

Aquilo era a pura verdade, pensou Joana, lembrando-se de sua peregrinação da Francônia a Roma. Domingos teria de viver o resto de seus dias longe de sua terra natal, separado da família, dos amigos, de tudo que ele conhecera. No caminho para Jerusalém teria de enfrentar uma hoste de perigos, como montanhas íngremes, desfiladeiros traiçoeiros, estradas infestadas de ladrões e bandidos, fome, sede e mil outros perigos.

— Dedique a sua vida a servir desinteressadamente o seu próximo — continuou Leão. — Em todas as coisas, comporte-se de modo a fazer com que o peso das suas boas ações ultrapasse o desse grande mal.

Domingos arremessou-se ao chão e beijou a orla da veste de Leão. Depois, levantou-se, pálido e resoluto, o rosto transfigurado como se lavado por uma chuva celestial.

— Assumo esse compromisso com Vossa Santidade. Farei exatamente o que me manda. Juro-o pelo sagrado Corpo e Sangue de Cristo, nosso Salvador.

Leão abençoou-o.

— Vá em paz, meu filho.

Domingos e o padre saíram do aposento.

Leão falou com gravidade:

— O cardeal Anastácio vem de uma família poderosa; temos de fazer tudo em estrita concordância com a lei. Redigirei um mandado especificando as acusações contra ele. João, venha comigo, posso necessitar da sua ajuda. E, Valdiperto...

— Sim, Santidade?

Leão fez-lhe um gesto de aprovação.

— Você agiu bem.

— Agiu bem ao me trazer essa notícia, vicedômino — falou Arsênio. Ele estava num aposento particular do seu palácio com Valdiperto, que acabara de relatar os detalhes do encontro entre o papa e o garoto Domingos. — Permita-me expressar minha gratidão pelo seu auxílio.

Arsênio destrancou um pequeno baú de bronze que estava sobre a sua escrivaninha, retirou dele vinte soldos de ouro e entregou-os a Valdiperto, que rapidamente embolsou as moedas.

— Fico contente em ter sido útil, senhor bispo. — Com uma rápida mesura, Valdiperto virou-se e partiu.

Arsênio não se ofendeu com a partida apressada dele; era imperativo que o vicedômino estivesse de volta ao Patriárquio antes que sua ausência fosse notada.

Ele parabenizou a si próprio por sua providência ao identificar Valdiperto como um jovem com futuro brilhante muitos anos atrás, quando ele era apenas um camarista da casa papal. Havia custado caro comprar a lealdade dele por todos esses anos. Mas agora que Valdiperto era vicedômino, o investimento daria um retorno altamente lucrativo.

Arsênio tocou um sino, chamando seu criado.

— Vá à Igreja de São Marcelo e diga ao meu filho para vir aqui imediatamente.

• • •

Ao ouvir a novidade, Anastácio sentou-se pesadamente numa cadeira em frente a Arsênio. Amaldiçoou a si mesmo em silêncio, humilhado por seu pai saber o quanto ele tinha estragado tudo.

— Quem teria imaginado que o garoto abriria a boca? — disse ele na defensiva. — Para me trair, ele teve de se condenar.

— Foi um erro tê-lo deixado vivo — disse Arsênio de modo casual. — Você devia ter mandado cortar a garganta dele logo depois que a coisa foi feita. Bom, agora já passou. Precisamos olhar para o futuro.

— Futuro? — ecoou Anastácio, desolado. — Que futuro?

— Desespero é para os fracos, meu filho, não para gente como você e eu.

— Mas o que farei? Essa situação não tem conserto!

— Você precisa ir embora de Roma. Agora. Esta noite.

— Oh, meu Deus! — Anastácio meteu a cara nas mãos. O mundo inteiro estava desmoronando ao seu redor.

Arsênio disse severamente:

— Chega! Lembre-se de quem e do que você é.

Anastácio empertigou-se, tentando se controlar.

— Você irá para Aachen — disse Arsênio —, à corte do imperador.

Anastácio estava atônito, impedido de pensar claramente por causa do medo.

— Mas... Lotário sabe que eu o denunciei na eleição papal.

— Sim, e sabe também por que você foi compelido a fazê-lo. Ele é um homem que compreende as contingências políticas; como você acha que ele conseguiu usurpar o trono do seu pai e dos seus irmãos? É também um homem necessitado de dinheiro. — Arsênio tirou uma bolsa de couro da sua escrivaninha e entregou-a ao filho. — Se as plumas imperiais ainda estiverem eriçadas, esta bolsa deverá alisá-las.

Anastácio olhou entorpecido para a pesada bolsa de moedas. *Preciso mesmo deixar Roma?* A ideia de passar o resto dos seus dias numa tribo de francos bárbaros enchia-o de repulsa. *Talvez seja melhor morrer agora e acabar logo com isso.*

— Encare como uma oportunidade — seu pai dizia. — Uma chance de fazer amigos poderosos na corte imperial. Você precisará

deles quando for papa.

Quando eu for papa. As palavras permearam a cerrada neblina do desespero de Anastácio. Então ele não estava sendo mandado embora para sempre.

— Cuidarei dos seus interesses aqui, não se preocupe — disse Arsênio. — A maré da opinião não pode continuar a favor de Leão para sempre. Eventualmente subirá, depois baixará. Quando eu achar que a hora chegou, mandarei chamar você.

A náusea fria que havia agarrado Anastácio começou a amainar. Seu pai não perdera a esperança, portanto ele tampouco deveria.

— Providencie uma escolta — disse Arsênio. — Doze dos meus melhores homens. Venha, vou acompanhá-lo aos estábulos.

Os doze guardas estavam montados e prontos, armados com espadas, piques e clavas: não faltaria proteção a Anastácio nas estradas perigosas. Sua montaria estava ali perto, agitando a cabeça impacientemente, um animal forte e fogofo que Anastácio reconheceu como o garanhão preferido do seu pai.

— Restam ainda duas ou três horas de luz, o suficiente para você se distanciar bem — disse Arsênio. — Não virão à sua procura hoje, pois não têm como saber que você já sabe de tudo, e Leão com certeza tomará a precaução de redigir um mandado oficial para a sua prisão. Já será de manhã quando começarem a procurar, e irão primeiro a São Marcelo. Quando pensarem em vir aqui, você já estará bem longe.

Acometido de súbita preocupação, Anastácio disse:

— E o senhor, pai?

— Eles não têm motivo para suspeitar de mim. Se tentarem me interrogar acerca do seu paradeiro, descobrirão que agarraram um lobo pela cauda.

Pai e filho se abraçaram.

Isto está mesmo acontecendo? perguntou-se Anastácio. As coisas se sucediam com tanta rapidez, que o deixavam atordoado.

— Que Deus o acompanhe, meu filho — disse Arsênio.

— E ao senhor também, pai. — Anastácio montou e virou o cavalo depressa, para que o pai não visse o começo de lágrimas nos seus olhos. Assim que cruzou o portão, voltou-se para dar uma

última olhada. O sol começava a deitar-se no oeste, derramando sombras alongadas sobre as suaves encostas das colinas romanas, pintando com tons dourado-avermelhados as ruínas majestosas do Fórum e do Coliseu.

Roma. Tudo pelo que trabalhara, tudo que lhe importava, estava dentro de suas sagradas muralhas.

Seu último olhar foi para o rosto do pai — sofrido, mas resoluto, firme e confiável como a rocha de São Pedro.

— *Membrum putridum et insanibile, ferro excommunicationis a corpore Ecclesiae abscidamus...*

Na escuridão fria da Basílica de Latrão, Joana ouviu Leão pronunciar as palavras solenes e terríveis que desligariam Anastácio da Santa Madre Igreja para sempre. Reparou que Leão tinha escolhido a *excommunicatio minor*, a forma menor de excomunhão, na qual o condenado estava proibido de administrar ou receber os sacramentos (exceto os ritos finais, dos quais nenhuma alma podia ser privada), mas não de todo o contato com seus irmãos cristãos. *Verdadeiramente*, pensou Joana, *Leão tem um coração de ouro*.

Todo o clero de Roma e seus territórios estava reunido para testemunhar a cerimônia solene; até Arsênio compareceu, pois não poria em risco sua posição de bispo de Horta com uma fútil oposição pública. Claro que Leão suspeitava da cumplicidade de Arsênio na fuga do seu filho à justiça. Mas não havia provas para substanciar tal acusação e nenhum outro motivo de queixa contra ele, uma vez que não era crime ser pai de alguém.

Quando a vela que representava a alma imortal de Anastácio foi virada ao contrário e apagada na sujeira, Joana sentiu uma inesperada pontada de tristeza. *Que trágico desperdício*, pensou. Uma mente tão brilhante como a de Anastácio podia ter sido usada para fazer o bem, se o seu coração não tivesse sido distorcido pela ambição obsessiva.



A construção do Muro Leonino, como a estrutura era agora chamada por todos, continuou apressadamente. O incêndio ateado para destruí-lo causara-lhe pouco dano real; os andaimes de madeira usados pelos operários foram totalmente queimados, e um dos taludes a oeste havia ficado muito chamuscado, mas era tudo. Os problemas que haviam atrapalhado o projeto desde o começo não existiam mais. A obra prosseguiu sem contratempos durante o inverno e a primavera, pois o clima permanecia ameno, marcado por dias longos, ensolarados e frescos, sem um pinga de chuva. Um suprimento constante de matéria-prima de boa qualidade vinha das pedreiras, e operários de todas as partes dos domínios papais aderiam à obra, trabalhando lado a lado em produtiva harmonia.

Por volta de Pentecostes, a fileira mais elevada de pedras chegava à altura de um homem. Agora ninguém achava o projeto uma loucura; ninguém se queixava do tempo e do dinheiro gastos nele. Os romanos sentiam-se cada vez mais orgulhosos da obra, cuja enormidade fazia lembrar os antigos dias do Império, quando tais prodígios de construção não eram raros. Uma vez terminada, a muralha seria magnífica, monumental, uma torreante barreira que nem os sarracenos poderiam transpor ou romper.

Mas o tempo estava se esgotando. Nas calendas de julho, mensageiros chegaram à cidade com notícias aterradoras: uma frota sarracena estava reunida em Totarium, uma pequena ilha da costa leste da Sardenha, fazendo preparativos para outro ataque a Roma.

Ao contrário de Sérgio, que havia recorrido ao poder da oração para proteger a cidade, Leão optou pela ação: imediatamente mandou pedir à grande cidade marítima de Nápoles uma frota de navios armados para combater o inimigo em alto-mar.

A ideia era corajosa... e arriscada. Nominalmente, Nápoles continuava sendo vassala de Constantinopla, embora na realidade fosse independente havia anos. O duque de Nápoles ajudaria Roma na sua hora de necessidade? Ou utilizaria a oportunidade para unir forças com os sarracenos e atacar a Sé Romana em nome do Patriarcado do Oriente? O plano era perigoso; mas qual alternativa havia?

A cidade esperou durante dez dias em tensa expectativa. Quando, finalmente, a armada napolitana ancorou no porto de Óstia, na embocadura do Tibre, Leão dirigiu-se cautelosamente ao encontro deles, acompanhado por uma grande comitiva de milícia armada sob o comando de Gerold.

O receio dos romanos se desvaneceu quando Cesário, o comandante da frota, prostrou-se diante do papa e beijou-lhe os pés humildemente. Com um alívio que procurou não demonstrar, Leão abençoou Cesário, confiando solenemente os despojos sagrados dos apóstolos Pedro e Paulo à sua proteção.

Haviam sobrevivido ao primeiro rolar de dados da fortuna; os futuros de todos eles dependiam do próximo.

Na manhã seguinte, a frota sarracena apareceu. As velas latinas enfunadas estenderam-se ao longo do horizonte como garras abertas. Desoladamente, Joana contou-as: cinquenta, cinquenta e três, cinquenta e sete — e continuavam aparecendo — oitenta, oitenta e cinco, noventa — havia tantos navios assim no mundo? — cem, cento e dez, cento e vinte! *Deo, juva nos!* As naves napolitanas somavam apenas sessenta e uma; com as seis birremes romanas ainda em condições de uso, perfaziam um total de sessenta e sete. Estavam em desvantagem de quase dois para um.

Leão colocou-se na escadaria da Igreja de Santa Áurea, ali perto, e liderou os assustados moradores de Óstia em oração:

— Senhor, Tu que salvaste Pedro de se afogar ao caminhar sobre as ondas, Tu que resgataste Paulo das profundezas do mar, ouve-nos. Concede poder aos braços dos Teus servos, que lutam contra os inimigos da Tua Igreja; que por meio da vitória deles Teu santo nome seja glorificado entre todas as nações.

Ao ar livre, as vozes do povo reverberaram com um ressonante “Amém”.

Cesário gritou suas ordens do convés da nave capitânia. Os napolitanos arremessaram-se contra os remos, distendendo os músculos. Por um instante, as pesadas birremes ficaram imóveis na água. Então, com um enorme gemido de madeira rangendo, os navios começaram a se mexer. As fileiras duplas de remos erguiam-se e mergulhavam, erguiam-se e mergulhavam, reluzentes como gemas; o vento emprenhou as velas, e as grandes birremes avançaram, suas proas revestidas de ferro fendendo a água turquesa em duas colunas de espuma.

Os navios sarracenos se voltaram para ir ao encontro delas. Mas antes que as duas frotas inimigas se confrontassem, um trovão ensurdecedor anunciou a chegada de uma tempestade. O céu escureceu e nuvens negras rolavam rapidamente sobre o mar. Os pesados navios napolitanos conseguiram voltar para o porto seguro. Mas os navios sarracenos, construídos com tombadilhos baixos para obterem maior velocidade e poder de manobra em combate, eram demasiado frágeis para suportar o temporal. Eles balançavam sobre as ondas cada vez maiores, eram jogados para lá e para cá como cascas de nozes, seus aríetes de ferro atingindo os navios irmãos e despedaçando-os.

Vários dos navios dirigiram-se ao porto, mas no momento em que tocaram a terra, foram atacados. Insuflados pela ira violenta que sucede ao terror, os romanos massacraram as tripulações sem dó nem piedade, arrastando-os dos seus navios e enforcando-os em patíbulo construídos às pressas ao longo da costa. Ao testemunhar o destino dos seus camaradas, os outros navios sarracenos zarparam desesperadamente para o alto-mar, onde foram feitos em pedaços por ondas gigantescas e bravias.

No momento da vitória inesperada, Joana estava observando Leão. Ele estava em pé nos degraus da igreja, os braços erguidos, os olhos levantados para o céu em ação de graças. Parecia santo e beatífico, como se tocado pela presença divina.

Talvez ele possa fazer milagres, pensou ela. Os seus joelhos dobraram-se de boa vontade quando ela se curvou diante dele.

“Vitória! Vitória em Óstia!” As notícias foram apregoadas jubilosamente pelas ruas. Os romanos saíram de suas casas, os armazéns papais foram escancarados e o vinho jorrou livremente; por três dias a cidade se entregou a uma celebração arrebatada e ébria.

Quinhentos sarracenos foram conduzidos para a cidade em meio a multidões escarnecedoras e hostis. Muitos foram apedrejados ou feitos em pedaços ao longo do caminho. Os sobreviventes, cerca de trezentos, foram levados acorrentados para um acampamento na Planície Neroniana, onde foram confinados e forçados a trabalhar no Muro Leonino.

Com o acréscimo desta mão-de-obra suplementar, a muralha ergueu-se mais depressa. Ficou pronta em três anos: uma obra-prima de engenharia medieval, a construção mais extraordinária que a cidade vira em mais de quatrocentos anos. Todo o território do Vaticano foi cercado por uma estrutura de quase quatro metros de largura e doze de altura, defendida por quarenta e quatro torres maciças. Havia duas galerias separadas, uma sobre a outra; a inferior era suportada por uma série de arcadas abertas no interior. Três portões davam acesso: a *Postérula Sancti Angeli*, a *Postérula Saxonum*, assim chamada porque abria no bairro saxão, e a *Porta São Peregrino*, entrada principal pela qual gerações futuras de reis e príncipes passariam para venerar o santuário sagrado de São Pedro.

Por impressionante que a muralha fosse, era apenas o início dos planos ambiciosos de Leão para a cidade. Decidido a restaurar todos os lugares santos, Leão iniciou um grande plano de reconstrução. O vibrar das bigornas ressoava dia e noite pela cidade à medida que as obras ocorriam de uma igreja de Roma a outra. A basílica incendiada dos saxões foi restaurada, bem como a igreja frísia de São Miguel e a Igreja dos Quatro Santos Coroados, da qual Leão fora cardeal outrora.

Mais importante que tudo foi a restauração de São Pedro. O pórtico queimado e enegrecido foi totalmente reconstruído; as portas, espoliadas do seu metal precioso pelos sarracenos, foram revestidas com novos painéis de prata que irradiavam luz, sobre os quais foram entalhadas, com rara habilidade, miríades de histórias

sagradas. O grande tesouro levado pelos sarracenos foi substituído: o altar-mor foi recoberto com novas placas de prata e ouro, e decorado com um crucifixo de ouro maciço, incrustado de pérolas, esmeraldas e diamantes; por cima dele um cibório de prata pesando mais de quatrocentos e cinquenta quilos foi montado sobre quatro colunas do mais puro mármore travertino, ornamentado com lilases dourados. O altar era iluminado por lâmpadas suspensas em correntes de prata e guarnecidas com esferas de ouro, cuja luz bruxuleante refletia-se sobre um verdadeiro tesouro de cálices adornados com joias, atris lavrados em prata, ricas tapeçarias e cortinas de seda. A grande basílica cintilava com um esplendor que ofuscava até a sua antiga magnificência.

Observando as enormes somas retiradas do tesouro papal, Joana ficou perturbada. Era inegável que Leão criara um santuário de formidável beleza. Mas a maioria dos que viviam à sombra dessa refulgente magnificência passavam seus dias numa pobreza degradante e embrutecedora. Uma só das salvas de prata maciça de São Pedro, fundida e transformada em moedas, alimentaria e vestiria a população do Campo de Marte por um ano. Será que o culto a Deus realmente exigia tal sacrifício?

Só havia uma pessoa no mundo a quem Joana se atrevia a colocar tal questão. Quando a colocou, Gerold refletiu sobriamente antes de responder.

— Já ouvi argumentarem — disse por fim — que a beleza de um santuário sagrado provê o fiel com um tipo diferente de nutriente: alimento para a alma, não para o corpo.

— É difícil escutar a voz de Deus com o estômago roncando de fome.

Gerold meneou a cabeça afetuosamente.

— Você não mudou nada. Você se lembra de quando perguntou ao Odo como ele podia ter certeza de que a Ressurreição ocorreu se não havia testemunhas?

— Lembro. — Joana flexionou a mão com uma careta. — Lembro também da resposta que ele me deu.

— Quando vi a ferida que Odo fez em você — disse Gerold —, eu quis quebrar a cara dele, e teria quebrado, se não soubesse que

isso apenas tornaria as coisas mais difíceis para você.

Joana sorriu.

— Você sempre foi o meu protetor.

— E você — caçou ele — sempre teve a alma de uma herege.

Sempre haviam podido falar assim, livres das restrições do mundo. Fazia parte da intimidade especial que os havia ligado desde o começo.

Ele olhou para ela com um carinho familiar. Joana estava aguçadamente consciente dele; sentia-lhe a proximidade como um toque na sua pele nua. Mas a essa altura já se tornara hábil em esconder seus sentimentos.

Apontou para uma pilha de petições sobre a mesa entre eles.

— Preciso ir ouvir estes peticionários.

— Não é Leão que deveria fazer isso? — perguntou Gerold.

— Ele me pediu para cuidar do assunto.

Ultimamente Leão vinha delegando mais e mais das suas responsabilidades diárias a ela, a fim de poder se dedicar aos planos de reconstrução. Joana havia se tornado a embaixadora de Leão junto ao povo; ela era uma figura tão familiar, cumprindo seus deveres de caridade nas diferentes regiões da cidade, que acabou conhecida em todo lugar como “o pequeno papa” e saudada com parte do afeto reservado ao próprio Leão.

Quando ela estendeu a mão para a pilha de papéis, Gerold roçou a mão dele na sua. Ela retirou a mão bruscamente, como se tivesse queimado.

— Eu... eu... preciso ir — disse, constrangida.

Ficou imensamente aliviada, e um pouco desapontada, quando ele não a seguiu.

Insuflada pelo sucesso do Muro Leonino e pela renovação de São Pedro, a popularidade de Leão estava nas nuvens. *Restaurator Urbis*, era como o chamavam, Restaurador da Cidade. O povo o considerava um novo Adriano, um novo Aureliano. Aonde quer que fosse, multidões aclamavam-no. Louvores a ele ecoavam por toda Roma.

Por toda Roma menos no palácio do monte Palatino, onde Arsênio esperava com impaciência crescente o dia em que poderia

chamar Anastácio de volta para casa.

As coisas não tinham corrido conforme o esperado. Não havia forma de depor Leão, como Arsênio havia planejado originalmente, nem a mínima esperança de que o trono ficasse vago devido à morte natural do seu ocupante: saudável e vigoroso, Leão dava a impressão de que viveria para sempre.

Ultimamente, a família sofrera outro golpe. Uma semana antes, Eleutério, o segundo filho de Arsênio, havia morrido. Ele estava cavalcando pela Via Recta, quando um porco se meteu entre as patas do seu cavalo; o cavalo tropeçou e Eleutério caiu, sofrendo um corte na perna. No início ninguém ficou preocupado, pois a ferida era leve. Mas uma desgraça sempre atrai outra. O ferimento infeccionou. Arsênio mandou chamar Enódio, que sangrou Eleutério profusamente, sem resultado algum. Em dois dias seu filho morreu. Arsênio imediatamente ordenou que o proprietário do porco fosse encontrado e tivesse sua garganta cortada de orelha a orelha. Mas a vingança pouco o consolou, pois não pôde trazer Eleutério de volta.

Não que existisse muito amor entre pai e filho. Eleutério era exatamente o oposto do seu irmão; mole, preguiçoso e indisciplinado desde criança, rejeitara a oferta de Arsênio de uma educação eclesiástica, escolhendo em vez dela as gratificações mais imediatas de uma existência laica — mulheres, vinho, jogatinas e outras formas de devassidão.

Não, Arsênio pranteava Eleutério não pelo homem que ele fora ou viria a ser com o tempo, mas pelo que havia representado: outro ramo da árvore genealógica que talvez viesse a dar frutos promissores.

Durante séculos a família dele fora a principal família de Roma. Arsênio era capaz de remontar sua linhagem diretamente até o próprio César Augusto. Contudo, essa herança ilustre estava maculada pelo fracasso, pois nenhum de seus nobres filhos havia alcançado o prêmio máximo de Roma: o Trono de São Pedro. Quantos homens inferiores haviam ocupado aquela cátedra, pensou Arsênio amargamente, e com que trágicos resultados! Roma, que já fora a maravilha do mundo, estava afundada numa ruínosa e constrangedora decadência. Os bizantinos zombavam dela

abertamente, apontando para o esplendor da sua própria Constantinopla. Quem, senão um membro da família de Arsênio, herdeiros de César, poderia reconduzir a cidade à sua antiga grandeza?

Agora que Eleutério estava morto, Anastácio era o último da linhagem, a única chance que restava à família para redimir a sua honra e a de Roma.

E Anastácio fora banido para a Francônia.

Arsênio sentiu que o desespero começava a envolvê-lo. Afastou-o bruscamente de si, como um manto indesejado. A grandeza não esperava pela oportunidade: criava-a. Aqueles destinados a governar tinham de estar dispostos a pagar o preço do poder, por mais caro que fosse.

Foi durante a missa no dia da Festa de São João Batista que Joana notou, pela primeira vez, que algo estava errado com Leão. As mãos dele tremiam ao receber as oferendas, e ele balbuciou de modo incaracterístico durante o *Nobis quoque peccatoribus*.

Quando Joana o questionou mais tarde, ele fez pouco caso dos seus sintomas, atribuindo-os meramente ao calor e a uma indigestão.

No dia seguinte, ele não estava melhor, nem nos dias subsequentes. Sua cabeça doía constantemente, e ele se queixava de dores ardentes nas mãos e nos pés. A cada dia ficava um pouco mais fraco; a cada dia custava-lhe mais levantar-se da cama. Joana ficou alarmada. Tentou todos os remédios que conhecia para doenças consumptivas; nada ajudou. Leão continuou a definhar rumo à morte.

As vozes do coro se ergueram ruidosamente no *te-déum*, o cântico final da missa. Anastácio manteve o rosto sem expressão, esforçando-se para não caretear. Ele nunca se acostumara ao cântico franco, cujos tons ásperos, estrangeiros, soavam-lhe aos ouvidos como crocitar de gralhas. Ao lembrar-se das harmonias puras e suaves do cântico romano, Anastácio sentiu uma pontada de saudade de casa.

Não que o seu tempo em Aachen tivesse sido desperdiçado. Seguindo as instruções do pai, Anastácio se empenhara em conquistar o apoio do imperador. Começou por cortejar os amigos e íntimos de Lotário, e por agradar à esposa deste, Hermengarda. Encantava e elogiava assiduamente a nobreza franca, impressionando a todos com o seu conhecimento das Escrituras e, especialmente, do grego — um talento raro. Hermengarda e seus amigos intercederam junto ao imperador, e Anastácio foi readmitido à presença real. Qualquer dúvida ou ressentimento que Lotário pudesse ter nutrido contra ele estava esquecido; mais uma vez, Anastácio gozava da confiança e do apoio imperiais.

Fiz tudo que meu pai disse, e mais; quando chegará minha recompensa? Havia momentos, como agora, em que Anastácio temia ser deixado apodrecendo para sempre naquele fim de mundo bárbaro e frio.

Voltando aos seus aposentos após a missa, encontrou uma carta que chegara na sua ausência. Reconhecendo a letra do pai, pegou uma faca e ansiosamente rompeu o selo. Leu as primeiras linhas e soltou um grito de alegria.

Chegou a hora, seu pai havia escrito. Venha reivindicar o seu destino.

Leão estava deitado de lado, os joelhos dobrados, sofrendo de fortes dores no estômago. Joana preparou-lhe uma poção emoliente à base de clara de ovo batida com leite açucarado, à qual acrescentou um pouco de funcho como carminativo. Ela o observou beber.

— Estava bom — disse ele.

Ela esperou para ver se ele manteria a poção no estômago. Ele o fez, e dormiu mais descansado que nas últimas semanas. Quando acordou horas depois, sentia-se melhor.

Joana decidiu submetê-lo a uma dieta da poção, proibindo qualquer outra comida ou bebida.

Valdiperto protestou:

— Ele está muito fraco. Precisa de algo mais substancial para manter suas forças.

Joana ripostou firmemente:

— O tratamento o está ajudando. Nenhum alimento deve ser dado a ele, exceto a poção.

Vendo a determinação nos olhos dela, Valdiperto recuou:

— Como quiser, nomenclador.

Por uma semana, Leão continuou melhorando. Sua dor sumiu, sua cor voltou, ele até pareceu recuperar algo de sua antiga energia. Quando Joana lhe trouxe sua dose noturna de poção, Leão olhou para a beberagem leitosa com uma careta.

— Que tal um empadão de carne ao invés disso?

— Está recuperando o apetite, é bom sinal. Mas é melhor não nos precipitarmos. Vou dar uma olhada em Vossa Santidade pela manhã; se ainda estiver com fome, eu o deixarei tomar um pouco de caldo simples.

— Tirano — respondeu Leão.

Ela sorriu. Era bom vê-lo caçoar com ela de novo.

• • •

Na manhã seguinte, ela constatou que Leão sofrera uma recaída. Gemia na cama, com demasiada dor para lhe responder quando ela lhe falava.

Rapidamente Joana preparou outra dose da poção emoliente. Ao fazê-lo, seus olhos caíram sobre um prato com migalhas na mesa do lado da cama.

— O que é isto? — perguntou a Renato, camarista pessoal de Leão.

— É o empadão de carne que o senhor mandou para ele — respondeu o moço.

— Eu não mandei nada — disse Joana.

Renato pareceu confuso.

— Mas... o vicedômino disse que o senhor havia mandado o prato especialmente para o Santo Padre.

Joana olhou para Leão contorcendo-se de dor. Uma horrível suspeita lhe ocorreu.

— *Corra!* — disse a Renato. — Chame o superista e os guardas! Não deixe Valdiperto sair do palácio!

O rapaz hesitou um instante, depois saiu correndo do dormitório.

Com as mãos tremendo, Joana preparou um forte emético de mostarda e raiz de sabugueiro, metendo a mistura, com a ajuda de uma colher, pela boca contraída de Leão. Em alguns instantes o espasmo de limpeza apoderou-se dele: seu corpo contorceu-se de ânsia, mas ele só vomitou um pouco de bile verde.

Tarde demais. O veneno saiu do estômago. Joana viu, angustiada, que a peçonha já iniciara seu trabalho mortífero, enrijecendo os músculos dos maxilares e da garganta de Leão, estrangulando-o.

Tentou desesperadamente pensar em outra coisa que pudesse fazer.

Gerold ordenou uma busca por todos os cômodos do palácio. Valdiperto não foi encontrado em lugar nenhum. Ele foi imediatamente declarado criminoso e fugitivo, e uma caçada humana foi instaurada por toda a cidade e arredores. Foi em vão: Valdiperto havia desaparecido sem deixar rastro.

Quando estavam prestes a desistir da perseguição, encontraram-no. Ele estava boiando no Tibre, com a garganta cortada de orelha a orelha, o rosto imobilizado numa careta de surpresa.

O clero e os altos dignitários de Roma estavam reunidos no dormitório papal. Ficaram concentrados ao pé da cama, como se confortassem um ao outro com a proximidade.

As lâmpadas de óleo de papoula ardiam nos seus recipientes de prata. Ao raiar do dia, o decano dos camaristas veio apagá-las. Joana observou enquanto o velho afrouxava os cabos e baixava as argolas com excessivo cuidado, para não desperdiçar nada da preciosa substância. Aquele simples gesto doméstico parecia estranhamente deslocado na atmosfera carregada do quarto.

Joana não havia esperado que Leão sobrevivesse àquela noite. Havia muito que ele deixara de reagir à voz ou ao contato. Durante horas a sua respiração seguira o mesmo padrão inexorável, cada vez mais ruidosa e estertorante, até atingir uma intensificação progressiva e, abruptamente, cessar. Houve uma pausa, durante a

qual ninguém no quarto se mexeu; e então o ciclo aterrador recomeçou.

O movimento de uma veste chamou a atenção de Joana. Do outro lado do quarto, Eustácio, o arcebispo, chorava, tapando a boca com a manga para abafar o som.

Leão expirou longa e ruidosamente, depois ficou quieto. O silêncio se arrastou. Joana se aproximou da cama. A vida havia partido do rosto do papa. Ela fechou os olhos dele, depois se ajoelhou ao lado do leito de morte.

Eustácio soluçava, pesaroso. Os bispos e optimates ajoelharam-se em oração. Pascoal, o primicério, persignou-se, depois saiu para levar a notícia aos que aguardavam lá fora.

Leão IV, *Pontifex Maximus, Servus Servorum Dei*, primaz dos bispos da Igreja e senhor papa da Sé Apostólica de Roma, estava morto.

Fora do Patriárquio, a lamentação começou.

Leão foi sepultado em São Pedro, diante do altar de um oratório novo, dedicado a ele. Os enterros eram feitos com rapidez naquela época do ano, pois não importa quão santa tivesse sido a alma que o habitara, corpo nenhum resistia à corrupção por muitos dias em Roma no calor de julho.

Pouco após o funeral, o triunvirato regente anunciou que em três dias haveria uma nova eleição pontifical. Com Lotário ao norte, os sarracenos ao sul, e os lombardos e bizantinos no meio, a situação de Roma era precária demais para permitir que o Trono de São Pedro ficasse vago por mais tempo.

Cedo demais, Arsênio pensou com desgosto assim que ouviu a notícia. *A eleição será cedo demais. Anastácio não chegará a tempo.* Valdeperto, aquele tolo incompetente, havia estragado tudo. Ele recebera instruções expressas sobre como administrar o veneno gradualmente, em pequenas doses; assim, Leão teria durado mais um mês, aproximadamente, e sua morte não teria levantado suspeitas.

Mas Valdeperto tinha entrado em pânico e administrado uma dose grande demais, matando o papa rapidamente. Depois, ainda tivera o descaramento de vir procurar Arsênio, pedindo a sua proteção. *Bem, agora ele está fora do alcance da lei, embora não do jeito que pretendia*, pensou Arsênio.

Já havia mandado matar homens antes; fazia parte do preço a pagar pelo poder, e só os fracos se recusavam a pagá-lo. Mas nunca tivera de eliminar alguém que conhecesse tão bem como Valdeperto. Fora muito desagradável, mas inevitável. Se o vicedômino tivesse sido capturado e interrogado, teria confessado sob tortura tudo o que sabia. Arsênio fizera apenas o que fora preciso para proteger a si mesmo e à sua família. Destruiria qualquer um que ameaçasse a segurança da família, esmagaria tal pessoa como quem esmaga uma pulga com as unhas.

Apesar disso, a morte de Valdeperto deixara-o deprimido e inquieto. Tais atos de violência, conquanto necessários, custavam caro.

Com um esforço de vontade, Arsênio voltou o pensamento para questões mais urgentes. A ausência do seu filho complicava as coisas; sua eleição para o Papado seria agora mais difícil, mas não impossível. A primeira coisa a fazer era conseguir que Eustácio, o arcepreste, revogasse a sentença de excomunhão contra ele. Isso exigiria algumas manobras políticas.

Erguendo da sua escrivaninha uma campainha de prata incrustada de joias, Arsênio chamou seu secretário. Havia muito que fazer em pouquíssimo tempo.

Em sua oficina no Patriárquio, Joana estava sobre o seu banco esmagando flores de hissopo secas num almofariz, transformando-as num pó fino. Torcer e moer, torcer e moer: os movimentos familiares com a mão e o pulso funcionavam como um bálsamo sobre a ferida aberta no seu coração.

Leão estava morto. Parecia impossível. Ele fora tão vigoroso, tão cheio de vida, uma autêntica força da natureza. Se tivesse sobrevivido, teria feito muito para arrancar Roma do lamaçal de ignorância e miséria no qual estivera atolada durante séculos; ele tivera a fibra e a vontade para isso. Mas não o tempo.

A porta se abriu e Gerold entrou. Ela encontrou os olhos dele, sentindo a sua presença tão intensamente como se ele a tivesse acariciado.

— Acabei de receber a notícia — disse ele, bruscamente. — Anastácio partiu de Aachen.

— Você acha que ele está vindo para cá?

— Acho. Por que outra razão ele deixaria a corte imperial tão repentinamente? Está vindo reivindicar a coroa que lhe foi negada há seis anos.

— Mas ele não pode ser eleito, é um excomungado.

— Arsênio está tentando forçar o arcebispo a revogar a sentença de excomunhão.

— *Benedicite!* — As notícias eram péssimas. Após seus anos de exílio na corte imperial, Anastácio era mais que nunca um homem do imperador. Se eleito, o poder de Lotário se estenderia sobre Roma e todas as suas possessões.

Gerold disse:

— Ele não terá esquecido de como você falou contra ele na eleição de Leão. Será perigoso para você ficar em Roma com ele como papa. Ele não é homem de perdoar uma injúria.

Acumulada à dor ainda recente pela morte de Leão, a percepção daquela ameaça foi demais para ela. Os olhos de Joana ficaram marejados de lágrimas.

— Não chore, coração. — Os braços de Gerold estavam em volta dela, fortes, seguros e consoladores. Seus lábios afagaram-lhe as têmporas, a face, provocando um turbilhão de sensações. — Você já fez o suficiente, já sacrificou o suficiente. Venha comigo, e viveremos como deveríamos desde o princípio: juntos, como marido e mulher.

Ela teve um vislumbre estonteado da face dele perto da sua, e no instante seguinte estavam se beijando.

— Diga que sim — falou ele com intensidade. — Diga que sim.

Ela sentiu-se puxada para baixo da superfície de sua mente, arrastada por uma poderosa corrente de desejo.

— Sim — sussurrou, antes de se dar conta do que dizia. — Sim!

Falara sem pensar, respondendo impulsivamente à força da sua paixão. Mas mal as palavras haviam saído de sua boca, uma grande

calma a dominou. Tomara a decisão que parecia tão certa quanto inevitável.

Ele se inclinou para beijá-la de novo. Foi quando o sino dobrou, convocando todos para a refeição da tarde. No momento seguinte, vozerio e passos apressados ressoaram do outro lado da porta.

Murmurando palavras de amor, separaram-se rapidamente, prometendo encontrar-se de novo após a eleição papal.

No dia da eleição, Joana foi rezar na igreja inglesa que havia sido a sua quando chegara a Roma.

Reduzida a cinzas pelo grande incêndio, a igreja fora reconstruída com materiais espoliados de antigos templos e monumentos romanos. Ao ajoelhar-se diante do altar-mor, Joana viu que o pedestal de mármore que o sustentava exibia o inequívoco símbolo da Magna Mater, antiga deusa da terra, adorada por tribos pagãs numa época imemorial. Abaixo do desenho tosco havia uma inscrição em latim: “Neste mármore foi oferecido incenso à Deusa”. Obviamente, quando a grande laje de mármore fora levada para lá, ninguém entendera o símbolo nem a inscrição. Isso não era surpresa alguma, pois muitos clérigos romanos mal sabiam ler, portanto eram incapazes de decifrar a caligrafia antiga e muito menos de compreender-lhe o significado.

A incongruência do altar sagrado e sua base pagã pareceu a Joana um símbolo perfeito de si própria: sacerdote cristão, ela ainda sonhava com os deuses pagãos da sua mãe; homem aos olhos do mundo, era atormentada pelo seu coração secreto de mulher; em busca da fé, vivia dividida entre o desejo de conhecer Deus e o medo de que Ele não existisse. Mente e coração, fé e dúvida, vontade e desejo. Será que as contradições dolorosas da sua natureza algum dia se reconciliariam?

Amava Gerold; disso não tinha dúvida alguma. Mas poderia ser uma esposa para ele? Nunca vivera como mulher; poderia começar agora, tão tarde na vida?

— Ajuda-me, Senhor — rezou Joana, erguendo os olhos para o crucifixo de prata sobre o altar. — Mostra-me o caminho. Dize-me o que devo fazer. Bom Deus! Eleva-me para Tua luz resplandecente!

Suas palavras subiam ao céu, mas seu espírito permanecia na terra, acorrentado ao peso da incerteza.

Uma porta rangeu atrás dela. Ela se voltou do local onde estava, diante do altar, e viu uma cabeça metendo-se pela abertura e depois saindo rapidamente.

— Ele está aqui! — gritou uma voz. — Eu o encontrei!

O coração dela acelerou de medo. Teria Anastácio mandado prendê-la tão cedo? Ela se levantou.

As portas se abriram de par em par, e os sete *próceres* entraram, precedidos por acólitos carregando os estandartes do seu ofício. Eram acompanhados pelo clero cardinalício e, em seguida, pelos sete optimates da cidade. Apenas quando viu Gerold entre eles Joana teve certeza de que não seria presa.

Em lenta procissão, a delegação percorreu a nave e parou diante de Joana.

— João Ânglico. — Pascoal, o primicério, dirigiu-se a ela formalmente. — Por vontade de Deus e do povo romano, o senhor foi eleito senhor papa de Roma, bispo da Sé Romana.

Então se prostrou diante dela e beijou-lhe os pés.

Joana ficou olhando para ele, incrédula. Seria aquilo alguma brincadeira de mau gosto? Ou uma armadilha para fazê-la expressar deslealdade para com o novo papa?

Virou-se para Gerold. O rosto dele estava tenso e soturnamente sério quando ele caiu de joelhos diante dela.

O resultado da eleição apanhara todo mundo de surpresa. A facção imperial, liderada por Arsênio, apoiara Anastácio resolutamente. A facção papal contra-atacou, propondo Adriano, padre da Igreja de São Marcos. Ele não era o tipo de líder que inspirava confiança. Baixo e gordo, com o rosto desfigurado pela varíola, apresentou-se de ombros caídos, como se já curvado pelas responsabilidades colocadas em suas costas. Era um homem piedoso, um bom padre, mas poucos o teriam escolhido para líder espiritual do mundo.

Era evidente que Adriano concordava com a opinião geral, pois inesperadamente retirou sua candidatura, informando à assembleia

que, depois de muita oração e profunda reflexão, havia decidido declinar da grande honra que queriam conferir-lhe.

Esse anúncio causou certa comoção entre os membros do partido papal, que não tinham sido informados de antemão da decisão de Adriano. Ouve grandes manifestações de júbilo do partido imperial. Agora a vitória de Anastácio parecia certa.

Então se ergueu um clamor do fundo da assembleia, onde se reuniam os leigos da mais baixa posição. “João Ânglico!” gritavam. “João Ânglico!” Pascoal, o primicério, mandou guardas para silenciá-los, mas eles não queriam se calar. Conheciam seus direitos: a Constituição de 824 assegurava a todos os romanos, leigos e clero, da classe alta ou baixa, direito de voto numa eleição papal.

Arsênio resolveu contornar esse problema inesperado tentando comprar a lealdade do povo; seus agentes circularam rapidamente pela multidão, oferecendo subornos de vinho, mulheres e dinheiro. Mas nem mesmo estas fortes tentações deram resultado: o povo estava contra Anastácio, a quem o seu amado papa Leão havia excomungado. Em altos brados eles clamavam pelo “pequeno papa”, o amigo e ajudante de Leão, João Ânglico, e não queriam ninguém mais.

Mesmo assim, talvez não tivessem prevalecido, pois a aristocracia governante jamais teria se curvado à vontade de um bando de plebeus, com ou sem constituição. No entanto, o partido papal, vendo nessa insurreição popular uma chance imprevista de impedir que Anastácio subisse ao trono, juntou sua voz à do povo. E assim Joana foi eleita.

Anastácio e seu grupo estavam acampados perto de Perúgia, a cento e quarenta e quatro quilômetros de Roma, quando o mensageiro chegou com a notícia. Mal acabou de ler a mensagem, Anastácio soltou um grito de dor. Sem uma palavra aos seus companheiros perplexos, voltou para sua tenda, amarrando os lados da entrada para que ninguém viesse atrás dele.

Os homens da sua escolta ouviram um soluçar violento e desenfreado vindo de dentro da tenda. Após um instante, o soluço tornou-se uma espécie de uivo animalesco que se prolongou por toda a noite.

Trajada em seda escarlate com urdiduras de ouro e sentada sobre um palafrém branco também vestido e ajaezado com ouro, Joana dirigia-se cerimoniosamente à sua coroação. De todas as portas e janelas ao longo da Via Sacra, bandeiras e flâmulas tremulavam em tumultuado colorido; murta aromática espalhava-se pelo chão. Multidões dando vivas alinhavam-se dos dois lados da rua, empurrando-se para captar um vislumbre do novo senhor papa.

Imersa em seu próprio devaneio, Joana mal escutava o barulho da turba. Estava pensando em Mateus, no seu velho mestre Asclépio, no irmão Benjamim. Todos eles haviam acreditado nela, a haviam incentivado, mas nenhum poderia ter sequer imaginado um dia como aquele. Ela mesma mal podia crer.

Quando ela se disfarçara de homem pela primeira vez, quando fora aceita na irmandade de Fulda, Deus não havia erguido Sua mão contra ela. Mas será que Ele permitiria que uma mulher ascendesse ao sagrado Trono de São Pedro? A pergunta dava voltas em sua mente.

A guarda papal, comandada por Gerold, escoltava Joana. Ele mantinha o olhar atento sobre a aglomeração de gente; de vez em quando alguém furava o cordão de guardas, fazendo Gerold levar a mão à espada, pronto para defender Joana de qualquer ataque. Mas não precisou desembainhá-la nenhuma vez, pois cada vez que isso ocorria, o intruso desejava apenas beijar a orla das vestes de Joana e receber a sua bênção.

Nesse ritmo vagaroso e interrompido, a longa procissão seguiu o seu caminho pelas ruas na direção do Latrão. Já era meio-dia quando se detiveram diante da catedral papal. Assim que Joana desmontou, os cardeais, bispos e diáconos ocuparam os seus lugares atrás dela. Lentamente ela galgou os degraus e adentrou o interior penumbroso da grande basílica.

Repleta de rituais antigos e elaborados, a *ordo coronationis*, ou cerimônia de coroação, demorou várias horas. Dois bispos conduziram Joana à sacristia, onde ela foi paramentada solenemente com uma alva, uma dalmática e uma pênula antes de se aproximar do altar-mor para que fosse entoada a Litanias e o moroso ritual da consagração, ou unção. Durante a recitação do

vere dignum, Desidério, o arquidiácono, e dois dos diáconos regionais, seguraram o livro dos Evangelhos aberto sobre a cabeça dela. Em seguida veio a missa propriamente dita, bem mais longa que o normal devido ao acréscimo de numerosas orações e formulários adequados à importância da ocasião.

Joana manteve-se o tempo todo solene e aprumada, a despeito do peso das vestes litúrgicas, tão carregadas de ouro quanto as de um príncipe bizantino. Apesar da magnificência dos seus trajes, ela se sentia muito pequena e inadequada para a responsabilidade colossal que estava sendo depositada sobre ela. Ocorreu-lhe que os que haviam estado ali antes dela também deviam ter tremido e duvidado, mas acabaram de algum modo seguido em frente.

Porém, todos eles tinham sido homens.

Eustácio, o arcepreste, iniciou a invocação final:

— Senhor Todo-Poderoso, estende a mão direita da Tua bênção sobre Teu servo João Ânglico, e derrama sobre ele a dádiva da Tua misericórdia... *Será que Deus vai me abençoar agora?* perguntou-se Joana. *Ou Sua justa ira me fulminará no momento em que a coroa papal for colocada sobre a minha cabeça?*

O bispo de Óstia se aproximou, carregando a tiara sobre uma almofada de seda branca. Joana prendeu a respiração quando ele ergueu a coroa acima dela. Então o peso do círculo de ouro repousou sobre sua cabeça.

Nada aconteceu.

— Longa vida ao nosso ilustre senhor João Ânglico, nomeado por Deus nosso bispo primaz e papa universal! — gritou Eustácio.

O coro cantou as *laudes* enquanto Joana se virava para encarar a assembleia.

Ao surgir nos degraus da basílica, foi saudada por uma trovejante ovação. Milhares de pessoas haviam esperado em pé durante horas, sob o sol escaldante, para saudar seu papa recém-consagrado. Era o desejo deles que ela cingisse a coroa; agora, manifestavam esse desejo num coro gigantesco de aclamação jubilosa: “Papa João! Papa João! Papa João!”

Joana ergueu os braços abertos para eles, sentindo que seu espírito começava a se elevar. A epifania que no dia anterior ela se

empenhara inutilmente em alcançar, veio-lhe agora, plena, sem que ela procurasse. Deus havia permitido que acontecesse, portanto não podia ser contra a Sua vontade. Todas as dúvidas e ansiedades desapareceram, substituídas por uma certeza gloriosa e resplandecente: *Este é o meu destino, e esse é o meu povo.*

Estava santificada pelo amor que sentia por eles. Ela os serviria, em nome do Senhor, por todos os dias da sua vida.

E assim, no final, talvez Deus a perdoasse.

A curta distância, Gerold olhava para Joana maravilhado. Ela resplandecia, transfigurada por uma alegria indizível, o rosto encantadoramente iluminado. Só ele, que a conhecia tão bem, podia imaginar o sentimento dela de consagração interior, particular, muito mais importante que a cerimônia formal que a precedera. Ao observá-la recebendo a aclamação da multidão, o seu coração ficou partido ao meio por uma verdade insuportável: perdera para sempre a mulher que amava, porém a amava mais do que nunca.



O primeiro ato de Joana como papa foi dar uma volta a pé pela cidade. Acompanhada por um séquito de optimates e guardas, visitou cada uma das sete regiões eclesiásticas, saudando as pessoas e ouvindo as suas queixas e necessidades.

Perto do fim do trajeto, Desidério, o arquidiácono, direcionou-a para a Via Lata, longe do rio.

— E o Campo de Marte? — perguntou ela.

Os outros membros do séquito papal entreolharam-se, consternados. O Campo de Marte, a região pantanosa, abafada e baixa junto ao Tibre, era a mais pobre de Roma. Nos grandes dias da República Romana, fora dedicada à adoração do deus pagão Marte. Agora, suas ruas outrora orgulhosas eram frequentadas por cães esfomeados, mendigos andrajosos e ladrões.

— Não nos atrevemos a ir lá, Santidade — protestou Desidério. — O lugar é um foco de tifo e cólera.

Mas Joana já estava caminhando na direção do rio, escoltada por Gerold e os guardas. Desidério e os demais não tiveram escolha senão segui-los.

Fileiras de *insulae*, os alojamentos exíguos dos pobres, apinhavam-se ao longo de ruas imundas nas margens do rio, seu madeirame podre dobrando-se para dentro como o dorso curvado de um velho burro de carga. Algumas das *insulae* haviam desmoronado; os montes de madeira pútrida jaziam onde haviam caído, bloqueando as ruas estreitas. Acima se estendiam as arcadas em ruínas do Aqueduto Marciano, outrora uma das maravilhas da engenharia mundial. Agora, suas paredes destruídas pingavam água suja que formava poças negras estagnadas, verdadeiros mananciais de doenças.

Grupos de mendigos acotovavam-se em volta de caldeirões de comida malcheirosa, cozinhada sobre pequeninas fogueiras feitas

com lenha miúda e bosta seca. As ruas estavam cobertas por camadas de lama deixadas pelas repetidas inundações do Tibre. Lixo e excrementos entupiam as sarjetas; o fedor insuportável era intensificado pelo calor do verão, atraindo enxames de moscas, ratos e baratas.

— Pelas barbas de Deus! — murmurou Gerold soturnamente ao lado dela. — Isto é uma cloaca!

Joana conhecia a pobreza, mas nunca tinha visto nada igual àquela miséria revoltante e embrutecedora.

Duas criancinhas agachavam-se diante de um fogo. Suas túnicas estavam tão puídas, que Joana podia enxergar a brancura de suas peles por baixo; seus pés descalços estavam enrolados em trapos sórdidos. Podia-se ver que uma delas, um garotinho, estava com febre, pois tremia incontrolavelmente. Joana tirou sua pênuia de linho e cobriu-o gentilmente com ela. O menino esfregou a bochecha contra o tecido fino, mais macio que qualquer coisa que ele já sentira na vida.

Ela sentiu um puxão no seu manto. A criança menor, uma menininha igual a um querubim, interrogava-a com olhos muito redondos.

— Você é um anjo? — piou a vozinha.

Joana acariciou o queixo sujo da criança.

— Você que é um anjo, meu bem.

Dentro do caldeirão, um pedacinho de carne fibrosa e inidentificável começava a ficar marrom. Uma jovem de cabelo louro desbotado cambaleava, vinda do rio, arrastando um balde d'água. A mãe das crianças? perguntou-se Joana. Ela própria era pouco mais que uma criança, não devia ter mais de dezesseis anos.

Os olhos da moça se acenderam de esperança quando ela viu Joana e os outros prelados.

— Uma esmola, bons padres? — Estendeu a mão tismada. — Uma moedinha para os meus pequeninos?

Joana fez um sinal a Vítor, o sacelário, que pôs um denário de prata na palma estendida da garota. Com um sorriso de felicidade, a moça pousou o balde d'água para embolsar a moeda.

Restos de esgoto flutuavam dentro do balde.

Benedicite! pensou Joana. A imundície daquela água era, sem dúvida, o que deixara o menino doente. Mas com o aqueduto em ruínas, que escolha tinha a mãe dele? Ou usava a água poluída do Tibre, ou morriam de sede.

A essa altura, outros haviam começado a reparar em Joana e sua comitiva. Pessoas aglomeraram-se em volta, ansiosas por saudar seu novo senhor papa. Joana tentava tocar e abençoar tantas quantas podia, mas a multidão foi aumentando de tal forma, que ela mal conseguia se mexer. Gerold então deu ordens; os guardas afastaram a multidão, abrindo alas, e a comitiva papal se retirou de volta para a Via Lata, em direção à luz do sol e ao ar ventoso e saudável do monte Capitolino.

— Precisamos reconstruir o Aqueduto Marciano — disse Joana durante uma reunião com os optimates na manhã seguinte.

As sobancelhas de Pascoal, o primicério, ergueram-se de surpresa.

— A restauração de um edifício cristão seria um modo mais apropriado de inaugurar o papado de Vossa Santidade.

— Que necessidade têm os pobres de mais igrejas? — ela respondeu. — Roma tem igrejas de sobra. Mas um aqueduto pode salvar inúmeras vidas.

— O projeto é arriscado — disse Vítor, o sacelário. — Pode ser inexequível.

Ela não pôde negar isso. Reconstruir o aqueduto seria um empreendimento monumental, talvez impossível de realizar, dado o estado lastimável da engenharia da época. Os livros que haviam preservado a sabedoria acumulada dos antigos referente a estas obras de construção complicadas tinham sido perdidos ou destruídos séculos antes. Os pergaminhos onde esses preciosos projetos foram registrados haviam sido raspados, e sobre eles escritas homilias cristãs e histórias da vida de santos e de mártires.

— Temos que tentar — disse Joana com firmeza. — Não podemos permitir que pessoas continuem vivendo em condições tão miseráveis.

Os outros ficaram em silêncio, não porque concordassem, mas porque seria impolítico opor-se quando era tão evidente que o

Apostólico estava decidido.

Ao cabo de um instante, Pascoal perguntou:

— Quem Vossa Santidade tem em mente para supervisionar a construção?

— Gerold — respondeu Joana.

— O superista? — Pascoal estava surpreso.

— Quem mais? Ele dirigiu a construção do Muro Leonino. O qual muitos achavam inexecutável também.

Nas semanas que se seguiram à sua coroação, ela havia observado a infelicidade cada vez maior de Gerold. Era difícil para ambos estar juntos o tempo todo. Ela ao menos tinha seu trabalho, uma missão e um propósito bem claros; Gerold, por outro lado, sentia-se entediado e inquieto. Joana sabia disso sem que ele precisasse dizê-lo; nunca haviam precisado falar para saber o que o outro sentia.

Quando Gerold veio, ela apresentou sua ideia de reconstruir o Aqueduto Marciano.

Ele franziu o cenho, pensativo.

— Perto de Tívoli, o aqueduto corre por baixo da terra, num túnel através de uma série de colinas. Se aquela seção estiver deteriorada, não será fácil consertar.

Joana sorriu ao ver a mente dele já se ocupando da ideia, antecipando os problemas.

— Se alguém pode fazê-lo, é você.

— Tem certeza que é isso que você quer? — Os olhos de Gerold encontraram os dela com uma expressão inequívoca de saudade.

Ela quis corresponder, mas não ousou demonstrar seus sentimentos. Admitir a intimidade deles, mesmo sozinhos, seria abrir caminho ao desastre. Em tom casual, ela respondeu:

— Nada seria de maior benefício para o povo.

Ele desviou o olhar:

— Está certo, então. Veja bem, não prometo nada. Vou ver se é possível.

Se for, farei o que puder para que o aqueduto volte a funcionar.

— É tudo que peço.

Ela começava a perceber, de uma forma inteiramente nova, o que significava ser papa. Embora nominalmente uma posição de grande poder, era na verdade uma de grandes obrigações. Seu tempo era completamente consumido por uma onerosa sucessão de deveres litúrgicos. No Domingo de Ramos, benzeu e distribuiu ramos de palmeira diante de São Pedro. Na Quinta-feira Santa, lavou os pés dos pobres e serviu-lhes uma refeição com as próprias mãos. Na Festa de Santo Antônio, ficou diante da Catedral de Santa Maria Maior e aspergiu água benta sobre os bois, cavalos e mulas trazidos por seus donos para serem benzidos. No terceiro domingo do Advento, ela impôs as mãos sobre cada um dos candidatos apresentados para ser ordenados sacerdotes, diáconos ou bispos.

Havia também que celebrar missa todos os dias. Em certos dias, a missa era estacional, precedida por uma procissão pela cidade até a igreja titular onde o serviço teria lugar, com paradas no decorrer do percurso para ouvir peticionários; a procissão e a cerimônia duravam quase o dia inteiro. Havia mais de noventa missas estacionais, incluindo as Festas Marianas, as Quatro Têmporas, o Natal, o Domingo da Septuagésima e da Sexagésima, e quase todos os domingos e feriados da Quaresma.

Havia dias de festa em homenagem a São Pedro, São Paulo, São Lourenço, Santa Inês, São João, São Tomé, São Lucas, Santo André e Santo Antônio, bem como da Natividade, Anunciação e Assunção da Virgem Maria. Estas eram festas fixas ou imóveis, o que significa que caíam no mesmo dia todos os anos, como o Natal e a Epifania. A Oblação, a festa da Cadeira de São Pedro, a Circuncisão de Cristo, a Natividade de São João Batista, a Festa de São Miguel Arcanjo, de Todos os Santos e da Exaltação da Cruz eram também festas fixas. A Páscoa, dia mais santo do ano cristão, era uma festa móvel: sua localização no calendário seguia o cálculo da lua cheia eclesiástica, assim como seus feriados “satélites” da Terça-Feira Gorda, Quarta-Feira de Cinzas, Dia da Ascensão e Pentecostes.

Cada um destes feriados cristãos era observado com pelo menos quatro dias de celebrações: a vigília ou véspera da festa; o dia da festa; o dia seguinte; e a oitava, ou oitavo dia subsequente. Ao todo, havia mais de cento e setenta e cinco dias festivos cristãos, entregues a cerimônias elaboradas e vagarosas.

Tudo isto dava a Joana muito pouco tempo para governar de fato, ou para fazer o que realmente lhe importava: melhorar as condições de vida dos pobres e aperfeiçoar a educação do clero.

Em agosto, a árdua rotina litúrgica foi interrompida por um sínodo. Sessenta e sete prelados compareceram, incluindo todos os suburbicários ou bispos provinciais, bem como quatro bispos francos enviados pelo imperador Lotário.

Dois dos assuntos tratados no sínodo tinham especial interesse para Joana. O primeiro era a intinção, prática de dar a Comunhão mergulhando o pão eucarístico no vinho, em vez de compartilhá-los separadamente. Nos vinte anos desde que Joana introduzira a ideia em Fulda como forma de evitar a propagação de doenças, ela tinha se tornado tão popular que na Francônia era quase o costume da maioria. O clero romano, que naturalmente desconhecia a relação de Joana com a intinção, encarava a prática com desconfiança.

— É uma transgressão da lei divina — argumentou, indignado, o bispo de Castro. — O Livro Sagrado afirma claramente que Cristo deu aos Seus discípulos Seu corpo e sangue *separadamente*.

Houve sinais de concordância ao redor.

— O senhor bispo diz a verdade — falou Potos, bispo de Trevi. — A prática não tem precedente nos escritos dos Padres, portanto deve ser condenada.

— Devemos condenar uma ideia simplesmente por ser nova? — perguntou Joana.

— Em todas as coisas devemos deixar-nos guiar pela sabedoria dos antigos — respondeu Potos gravemente. — A única verdade da qual podemos estar seguros é a que foi outorgada no passado.

— Tudo que é velho já foi novo um dia — observou Joana. — O novo sempre precede o velho. Não é tolo escarnecer do que precede e estimar o que se segue?

O cenho de Potos franziu-se enquanto sua mente lutava com essa complexa dialética. Como quase todos os seus colegas, ele não tinha treino algum em argumentação e debate clássicos; só se sentia à vontade citando alguma autoridade.

Seguiu-se uma longa discussão. Claro que Joana poderia ter imposto a sua vontade por decreto, mas preferia a persuasão à

tiranía. No final, os bispos acabaram persuadidos pelos argumentos dela. A prática da intinção continuaria na Francônia, ao menos por enquanto.

A questão seguinte era de profundo interesse pessoal para Joana, pois envolvia o seu velho amigo Gottschalk, o monge oblato cuja liberdade ela ajudara a obter. Segundo o relatório dos bispos francos, ele estava novamente em sérios apuros. Joana ficou triste com a notícia, mas não muito surpresa: Gottschalk era um homem que cortejava a infelicidade tão ardentemente quanto um amante persegue a amada.

Agora ele estava sendo acusado do sério crime de heresia. Rabano Mauro, não mais abade de Fulda, pois fora promovido a arcebispo de Mainz, ouvira falar de algumas teorias radicais que Gottschalk andara pregando sobre a predestinação. Aproveitando a oportunidade para se vingar da sua antiga nêmesis, o arcebispo ordenara que Gottschalk fosse preso e espancado com selvageria.

Joana franziu a testa. A crueldade com que homens supostamente piedosos, como Rabano Mauro, tratavam os seus irmãos cristãos, nunca deixava de estarrecê-la. Os nórdicos pagãos despertavam menos fúria neles do que um cristão que se desviasse o mínimo que fosse das doutrinas estritas da Igreja. *Por que sempre reservamos nosso pior ódio aos nossos?* perguntou-se ela.

— Qual é a natureza específica dessa heresia? — perguntou a Wulfram, o líder dos bispos francos.

— Primeiro — disse Wulfram —, o monge Gottschalk afirma que Deus predestinou todos os homens, seja para a salvação ou para a perdição. Segundo, que Cristo não morreu na cruz por todos os homens, mas apenas pelos eleitos. E, por fim, que homens caídos não podem fazer bem algum fora da graça, nem tampouco possuem livre-arbítrio para nada a não ser o mal.

Soa mesmo como Gottschalk, pensou Joana. Pessimista nato, ele naturalmente se inclinaria a uma teoria que predestinava o homem à condenação. Mas não havia nada de herético, nem de novo, naquelas ideias. O próprio santo Agostinho dissera exatamente o mesmo nas suas grandes obras *De civitate Dei* e o *Enchiridion*.

Mas ninguém na sala parecia dar-se conta disso. Embora todos reverenciassem o nome de Agostinho, era evidente que nenhum se havia dado ao trabalho de ler as suas obras.

Nirgócio, bispo de Anagni, levantou-se para falar.

— Isso é uma apostasia perversa e pecaminosa — falou. — Porque é sabido que a vontade de Deus predestina os eleitos, mas não os condenados.

Esse raciocínio era capenga, já que a predestinação de um grupo inevitavelmente implicava a predestinação do outro. Mas Joana não salientou isso, pois também estava preocupada com a pregação de Gottschalk. Era perigoso levar as pessoas a acreditar que não podiam alcançar a salvação evitando o pecado e tentando agir de forma justa. Afinal, por que alguém se daria ao trabalho de fazer o bem, se a lista dos que iam para o céu já estava feita?

Ela disse:

— Concordo com Nirgócio. A graça de Deus não advém da predestinação, e sim do transbordante poder de Seu amor, que se derrama sobre todas as coisas existentes.

Os bispos acolheram isso calorosamente, pois estava de acordo com a opinião deles. Votaram unanimemente pela refutação das teorias de Gottschalk. Por instigação de Joana, no entanto, incluíram também uma condenação ao arcebispo Rabano pelo seu tratamento “brutal e anticristão” para com o monge extraviado.

Quarenta e dois cânones foram promulgados nesse sínodo, a maioria com relação à reforma da disciplina e educação eclesiásticas. No fim da semana, a assembleia entrou em recesso. Todos concordaram que correra muito bem, e que o papa João presidira com rara distinção. Os romanos estavam particularmente orgulhosos de serem representados por um líder espiritual de inteligência e erudição tão elevadas.

Entretanto, a boa vontade que Joana auferiu do sínodo não durou muito. No mês seguinte, toda a comunidade eclesiástica foi abalada nas suas fundações quando ela anunciou a sua intenção de instituir uma escola para mulheres. Até os membros do partido papal que haviam apoiado a candidatura de Joana ficaram chocados: que espécie de papa tinham elegido?

Jordanes, o secundicério, confrontou Joana publicamente sobre o assunto, durante a reunião semanal com os optimates.

— Vossa Santidade faz muito mal em tentar educar mulheres — disse ele.

— Por quê? — perguntou ela.

— Vossa Santidade não ignora que o tamanho do cérebro e do útero femininos são inversamente proporcionais; portanto, quanto mais uma mulher aprende, menos probabilidades tem de gerar filhos.

Antes estéril de corpo que de mente, pensou Joana, porém guardando o pensamento para si.

— Onde você leu isso?

— É de conhecimento comum.

— Tão comum que ninguém parece ter-se dado ao trabalho de registrá-lo por escrito.

— Não é preciso escrever o que é óbvio. Ninguém escreveu que a lã vem das ovelhas, porém todos sabem que vem.

Vieram sorrisos de todos os lados. Jordanes envaideceu-se com a esperteza do seu argumento.

Joana pensou um instante.

— Se o que você diz é verdade, como explicar a extraordinária fertilidade de mulheres letradas como Leta, que se correspondia com são Jerônimo e que, segundo ele mesmo informou, deu à luz quinze crianças saudáveis?

— Uma aberração! Uma rara exceção à regra.

— Se bem me lembro, Jordanes, a sua irmã Juliana sabe ler e escrever.

Jordanes foi pego desprevenido.

— Só um pouco, Santidade. Apenas o bastante para fazer a contabilidade doméstica.

— Mas segundo a sua teoria, só um pouco de instrução já produz efeito adverso sobre a fertilidade de uma mulher. Quantos filhos Juliana deu à luz?

Jordanes enrubesceu.

— Doze.

— *Outra* aberração?

Fez-se um silêncio longo e constrangido.

— É evidente — disse Jordanes com frieza — que Vossa Santidade está decidido sobre esse assunto. Sendo assim, não direi mais nada.

E não disse mesmo, ao menos não naquela reunião.

— Não foi sensato insultar Jordanes publicamente — observou Gerold mais tarde. — Você pode tê-lo jogado nos braços de Arsênio e dos imperialistas.

— Mas ele está errado, Gerold — disse Joana. — As mulheres são tão capazes de aprender quanto os homens. Não sou uma prova disso?

— Claro que é. Mas você precisa dar tempo às pessoas. O mundo não pode ser refeito em um dia.

— O mundo nunca será refeito se ninguém tentar refazê-lo. A mudança precisa começar em algum lugar.

— É verdade — concedeu Gerold. — Mas não agora, não aqui... não com você.

— Por que não?

Porque eu a amo, ele quis dizer, e temo por você.

Ao invés disso, falou:

— Porque você não pode se dar ao luxo de fazer inimigos. Já esqueceu quem e o que você é? Eu posso protegê-la de muitas coisas, Joana... mas não de você própria.

— Ora, vamos, não pode ser tão sério assim. O mundo vai acabar só porque algumas mulheres aprenderão a ler e a escrever?

— O seu velho mestre... Asclépio, não era? O que você me contou que ele disse a você uma vez?

— Algumas ideias são perigosas.

— Exatamente.

Fez-se um longo silêncio.

— Está bem — concedeu ela. — Falarei com Jordanes e farei o que puder para acalmar os melindres dele. E prometo ser mais diplomática no futuro. Mas a escola para mulheres é importante demais; não desistirei dela.

— Não achei que o faria — respondeu Gerold, sorrindo.

Em setembro, a escola para mulheres foi inaugurada formalmente. A Escola de Santa Catarina, foi o nome que Joana lhe deu, em saudosa memória do seu irmão Mateus, que lhe falara sobre a santa letrada. Cada vez que ela passava pelo pequeno edifício na Via Merulana e ouvia o som de vozes femininas recitando, sentia como se o seu coração fosse explodir de alegria.

Cumpriu sua promessa a Gerold: foi diplomática e cortês com Jordanes e os outros optimates. Conseguiu até ficar calada quando o padre cardeal Citronato pregou que, na ressurreição, as “imperfeições” das mulheres seriam consertadas, pois todos os seres humanos renasceriam homens! Chamando Citronato à sua presença, ela sugeriu amigavelmente que, se ele eliminasse aquela linha de pensamento dos seus sermões, obteria muito melhor efeito sobre suas paroquianas. Expressa em termos tão diplomáticos, a sugestão deu resultado: Citronato ficou lisonjeado pela atenção papal e não pregou a ideia de novo.

Pacientemente e sem se queixar, Joana suportava a rotina diária de missas, audiências, batismos e ordenações. Assim, os dias longos e frios de outono passaram sem mais incidentes.

Nos idos de novembro, o céu escureceu e começou a chover. Durante dez dias a chuva caiu torrencialmente, martelando os telhados de sarrafo das casas, fazendo seus moradores taparem os ouvidos por causa do barulho enlouquecedor. Os antigos esgotos da cidade logo transbordaram; pelas ruas a água concentrava-se em poças cada vez maiores, as quais se juntavam formando correntes velozes que tornavam as pedras de basalto um piso traiçoeiramente escorregadio.

E continuava a chover. As águas do Tibre subiram perigosamente, invadindo os aterros da cidade até o mar, inundando os campos dos arredores, destruindo as terras de cultivo e afogando o gado.

Dentro dos muros da cidade, a primeira região a ser inundada foi a zona baixa do Campo de Marte, com sua superpopulação de pobres. Alguns fugiram para lugares mais altos assim que a enchente começou, mas muitos ficaram para trás, sem se dar conta

das consequências do atraso e relutantes em abandonar seus lares e o pouco que possuíam.

Então foi tarde demais. As águas ultrapassaram a altura de um homem, impedindo qualquer tentativa de evasão. Centenas de pessoas ficaram presas dentro das raquíticas *insulae*; se as águas continuassem a subir, morreriam afogadas.

Em circunstâncias tais, o papa normalmente se retirava para a Catedral de Latrão e conduzia uma litania solene, prostrando-se diante do altar e rezando pela salvação da cidade. Para surpresa e consternação do clero, Joana não fez isso, preferindo chamar Gerold para discutir planos de resgate.

— O que podemos fazer? — perguntou ela. — Deve haver um meio de salvar aquela gente.

Ele respondeu:

— As ruas de acesso ao Campo de Marte estão completamente alagadas. Não se pode chegar lá a não ser de barco.

— E os barcos ancorados em Ripa Grande?

— São apenas esquifes leves de pesca, embarcações frágeis demais para águas tão revoltas.

— Vale a pena tentar — argumentou ela com aflição. — Não podemos ficar parados enquanto pessoas se afogam!

Gerold sentiu uma onda de ternura por ela. Nem Sérgio, nem mesmo Leão, teriam demonstrado tanta preocupação com a população deserdada do Campo de Marte. Joana era diferente: como não via distinção alguma entre ricos e pobres, não fazia distinção. Aos seus olhos, todos eram igualmente merecedores do seu cuidado e atenção.

— Vou convocar a milícia imediatamente — disse ele.

Marcharam para a doca em Ripa Grande, onde Joana usou a sua autoridade para confiscar todos os escaleres em condições de navegar. Gerold e seus homens ocuparam os barcos, e Joana pronunciou uma rápida bênção sobre eles, elevando a voz para se fazer ouvir em meio à chuva estrepitosa. Depois, estremeceu todo mundo ao subir com dificuldade para dentro do barco com Gerold.

— O que está fazendo? — perguntou ele, alarmado.

— O que você acha?

— Você não pretende vir conosco!

— Por que não?

Ele a encarou como se fosse doida.

— É perigoso demais!

— Vou aonde precisam de mim — ela respondeu, determinada.

Na doca, Eustácio, o arcipreste, franzia o cenho.

— Santo Padre, pense na dignidade da sua posição! Vossa Santidade é o senhor papa, bispo de Roma. Arriscaria a sua vida por um punhado de mendigos andrajosos?

— São filhos de Deus, Eustácio, tanto quanto você e eu.

— Mas quem nos guiará na litania? — perguntou ele, queixosamente.

— Você, Eustácio. E faça-o bem feito, pois precisaremos muito das suas orações. — Voltou-se impacientemente para Gerold. — Agora, superista, vai remar, ou quer que eu reme?

Reconhecendo o ar de determinação obstinada naqueles olhos cinzaesverdeados, Gerold apanhou os remos. Não havia tempo para discussão, pois as águas estavam subindo rapidamente. Ele puxou as hastes, remando com força, e o barco se afastou da doca.

Eustácio gritou-lhes qualquer coisa, mas as suas palavras perderam-se no vento e na chuva.

A flotilha improvisada seguiu na direção noroeste, rumo ao Campo de Marte. As águas da enchente subiam. O Tibre corria por esta parte mais baixa da cidade como se estivesse no seu próprio leito. Da Porta Septimania ao sopé do monte Capitolino, todas as igrejas e casas encontravam-se inundadas. A coluna de Marco Aurélio estava metade submersa; ondas batiam nas portas superiores do Panteão.

Aproximando-se do Campo de Marte, viram indícios do terrível estrago causado pela enchente. Escombros de madeira, restos das *insulae* que haviam desabado, eram levados pela correnteza, assim como cadáveres. Os aterrados moradores dos edifícios remanescentes haviam se refugiado nos andares superiores; debruçados nas janelas, estendiam os braços, clamando por socorro.

Os barcos se espalharam, um ou dois para cada edifício. As ondas impediam que ficassem estáveis. Algumas pessoas entravam em pânico e pulavam cedo demais, para fora das naves oscilantes

em círculos; outras aterrissavam muito na frente ou na beirada dos barcos, fazendo-os virar. Houve confusão dentro d'água quando os que não sabiam nadar tentavam desesperadamente se agarrar aos que sabiam, enquanto os remadores praguejavam e tentavam endireitar suas frágeis embarcações.

Eventualmente, todos os barcos conseguiram recuperar o equilíbrio e partir, seguindo em comboio rumo ao monte Capitolino, onde deixaram seus passageiros; de lá era fácil escalar rumo a um lugar seco e seguro. Em seguida, a flotilha voltou para resgatar mais pessoas.

Fizeram uma viagem atrás da outra, encharcados até os ossos, as roupas coladas no corpo, doloridos de esforço e fadiga. Finalmente, pareceu que haviam salvado todo mundo. Estavam regressando ao monte Capitolino, quando Joana escutou uma voz de criança gritando por socorro. Voltando-se, viu a silhueta de um menino numa das janelas. Talvez tivesse estado dormindo e acabasse de acordar, ou estivera assustado demais para vir à janela antes.

Joana e Gerold entreolharam-se. Sem uma palavra, ele virou o barco e remou de volta, parando abaixo da janela da qual o menino se debruçava, padejando com os remos para manter o barco estável.

Joana ficou em pé, estendendo os braços.

— Pule! — gritou. — Pule, eu pego você!

O menino ficou onde estava, olhando com terror para o barco agitado ali embaixo.

Ela fixou nele um olhar urgente para fazê-lo mexer-se.

— Pule agora! — ordenou ela.

Timidamente, o menino jogou uma perna para fora do peitoril da janela.

Ela se posicionou para apanhá-lo.

Nesse momento houve um rugido ensurdecedor. A antiga Postérula de Santa Ágata, a porta mais ao norte do Muro Aureliano, havia cedido sob a pressão da enchente. O Tibre irrompeu cidade adentro numa onda gigantesca de força arrasadora.

Joana viu o rosto do menino emoldurado pela janela, a boca dele formando um pequeno O de terror, enquanto o prédio inteiro

começava a desmoronar. No mesmo instante, ela sentiu o barco debaixo dela erguer-se e sacudir, à medida que era carregado, rodopiando desenfreadamente, pela correnteza impetuosa.

Ela gritou, agarrando-se desesperadamente às beiradas da frágil embarcação, que se movia a toda velocidade pela corredeira, ameaçando a cada instante emborcar. A água jorrava pelos lados; ela ergueu a cabeça para respirar e viu num relance Gerold agachado junto à proa.

Houve um espantoso solavanco quando o barco subitamente parou, arremessando-a para o lado.

Por alguns instantes ficou deitada, atordoada e incapaz de discernir. Quando, finalmente, conseguiu olhar à sua volta, viu paredes, uma mesa, cadeiras.

Estava dentro de uma casa. A estupenda força da corrente havia empurrado o barquinho direto através da janela superior de uma das *insulae*.

Ela viu Gerold deitado na parte da frente do barco, o rosto mergulhado em alguns palmos de água. Arrastou-se até ele.

Quando o virou, ele estava imóvel e inconsciente, sem respirar. Ela o arrastou do barco para o chão do aposento. Rolando-o de barriga para baixo, começou a pressionar as costas dele para expelir-lhe a água dos pulmões. Pressionar e soltar, pressionar e soltar. *Ele não pode morrer*, pensou ela. *Ele não deve morrer*. Deus não seria tão cruel. Mas então se lembrou do pobre menino pouco antes e pensou: *Deus é capaz de qualquer coisa*.

Pressionar e soltar. Pressionar e soltar.

A garganta de Gerold arquejou, soltando uma golfada de água.

Benedicite! Ele estava respirando de novo. Joana examinou-o cuidadosamente. Nada de ossos quebrados nem ferimentos abertos; mas havia um grande inchaço azulado-negro logo abaixo da raiz do cabelo, onde recebera uma feia pancada. Aquilo devia ser o que o deixara inconsciente.

Ele já devia ter recuperado a consciência a esta altura, pensou ela. Porém Gerold continuava imerso no seu sono inatural, sua pele lívida e úmida, a respiração fraca, a pulsação tênue e perigosamente acelerada. *O que há de errado?* pensou ela com ansiedade. *Que mais posso fazer?*

“O choque causado por uma lesão violenta pode matar um homem com um frio penetrante.” As palavras de Hipócrates, que haviam salvado a vida de Gottschalk, voltaram-lhe à memória.

Ela precisava aquecer Gerold, e rápido.

Rajadas de vento e chuva entravam pelo buraco que a passagem do barco havia aberto. Ela se levantou e começou a explorar a pequena morada. Detrás do quarto da frente havia outro menor, sem janela, portanto mais quente e seco. E — *Deo gratias!* — no meio do quarto havia um pequeno braseiro de metal com alguns pedaços de madeira amontoados nele. Numa prateleira ali perto encontrou uma pederneira e um pouco de palha. Num baú em um canto havia um cobertor de lã grossa, esfarrapado, mas felizmente ainda seco.

Voltando ao quarto da frente, ela agarrou Gerold por baixo dos ombros e o arrastou para o quarto de trás, deitando-o do lado do braseiro. Pegando a caixa de ferro com palha dentro, golpeou a pederneira contra o metal; suas mãos tremiam tanto que ela precisou tentar várias vezes até obter uma faísca. Por fim, conseguiu fazer o montículo de palha pegar fogo, colocando-o no braseiro, onde começou a lamber as toras acima. A madeira úmida chiou e estalou, relutante em inflamar-se. Finalmente, uma partícula de vermelho fulgurou numa das toras. Joana abanou a frágil chama, cuidando dela habilmente para que crescesse. Quando o fogo começou a pegar para valer, uma brisa soprou do outro quarto e extinguiu-o.

Ela olhou desesperada para as toras frias. Não havia mais palha, era impossível tentar acender o fogo outra vez. Gerold ainda jazia inconsciente, sua pele num agourento tom branco-azulado, os olhos afundados nas órbitas.

Só restava uma coisa a fazer. Rapidamente ela tirou as roupas molhadas dele, despindo-lhe o corpo tenso, esbelto e musculoso, marcado aqui e ali com desbotadas cicatrizes de batalhas. Depois, cobriu-o com o cobertor.

Ela se levantou e, tremendo no ar frígido, começou a remover suas próprias roupas encharcadas: primeiro a pênula e a dalmática, depois a roupa de baixo, a alva, o amicto e o cingulo. Quando ficou totalmente despida, meteu-se debaixo do cobertor e encostou-se inteira a Gerold.

Agarrou-se a ele, aquecendo o corpo dele com o seu, no esforço de transmitir-lhe sua força, sua vida.

Lute, Gerold, meu amor. Lute.

Fechou os olhos e concentrou-se em formar um vínculo entre eles. Nada mais importava. O quartinho, o fogo apagado, o barco, a tempestade lá fora, nada daquilo era real. Só eles dois existiam. Unidos viveriam, ou morreriam.

As pálpebras de Gerold tremeram. Sua mão estendeu-se por reflexo, como se quisesse afastar um véu invisível. No mesmo instante, Joana viu uma luz no fim do túnel e correu na direção dela, com ele. Os dois emergiram juntos, vindos de um lugar muito distante.

Ele acordou. Seus olhos de anil pousaram nela sem surpresa; ele sabia que ela estivera com ele.

— Minha pérola — murmurou.

Ficaram deitados em silêncio por um bom tempo, unidos numa comunicação sem palavras. Depois ele ergueu o braço para puxá-la mais para perto de si, e seus dedos roçaram as cicatrizes nas costas dela.

— Marcas de açoite? — perguntou ele, baixinho.

Ela corou.

— Sim.

— Quem fez isso com você?

Devagar e hesitantemente, ela contou como seu pai quase a matara por ela ter se recusado a destruir o livro de Asclépio.

Gerold não disse nada, mas os músculos do seu maxilar se retesaram. Ele se debruçou sobre ela e começou a beijar cada cicatriz.

Ao longo dos anos, Joana havia adestrado a si própria para conter suas emoções, para suportar a dor e não chorar. Agora, as lágrimas corriam-lhe livremente pelas faces.

Ele a abraçou carinhosamente, murmurando palavras de amor, até que as lágrimas pararam. Então os lábios dele estavam sobre os dela, movendo-se docemente com uma habilidade e uma ternura que a inundaram de calor. Ela o envolveu com seus braços e fechou os olhos, deixando que o vinho escuro e doce dos seus sentidos a

percorresse inteira, a vontade da mente cedendo, por fim, ao desejo do corpo.

Meu Deus! pensou ela. *Eu não sabia, eu não sabia!* Era contra aquilo que a sua mãe a havia advertido, e do qual ela tinha fugido a vida inteira? Aquilo era mais que uma entrega; era uma maravilhosa, gloriosa expansão de si mesma — uma oração não de palavras, mas de olhos, mãos, lábios e pele.

— Eu amo você! — gritou ela no momento de êxtase, e as palavras não foram profanação, e sim sacramento.

No Grande Salão do Patriárquio, Arsênio esperava por notícias junto com os optimates e os membros do alto clero de Roma. Ao ouvir o que o papa João tinha feito, Arsênio mal pôde acreditar. Mas também, que outra coisa se poderia esperar de um estrangeiro, e plebeu ainda por cima?

Radoíno, segundo no comando da milícia papal, adentrou o salão.

— Quais as novidades? — perguntou Pascoal, o primicério, impaciente.

— Conseguimos resgatar uma boa parte dos habitantes — relatou Radoíno. — Mas temo que Sua Santidade tenha se perdido.

— Perdido? — repetiu Pascoal com voz sussurrada. — O que quer dizer com isso?

— Ele estava num esquife com o superista. Pensamos que eles vinham atrás de nós, mas devem ter voltado para salvar outro sobrevivente. Foi logo antes que o portão de Santa Ágata desabasse e mandasse um muro de água colidir contra aquela área.

A notícia suscitou gritos dispersos de alarme e de consternação. Vários prelados persignaram-se.

— Existe alguma chance de terem sobrevivido? — perguntou Arsênio.

— Nenhuma — respondeu Radoíno. — A força da corrente arrastou tudo em seu caminho.

— Deus tenha misericórdia deles — disse Arsênio gravemente, usando todo o seu autocontrole para esconder sua alegria.

— Devo ordenar que toquem os sinos de luto? — perguntou Eustácio, o arcepreste.

— Não — respondeu Pascoal. — Não devemos nos precipitar. O papa João VIII é o Vigário de Cristo; ainda é possível que Deus tenha operado um milagre para salvá-lo.

— Por que não voltar e procurar por eles? — Arsênio sugeriu. Não lhe interessava o resgate, mas precisava ter certeza de que o Trono de São Pedro estava novamente vago.

Radoíno respondeu:

— O desabamento do portão do norte tornou aquela área intransponível. Nada podemos fazer além de aguardar que as águas da enchente baixem.

— Então, oremos — disse Pascoal. — *Deus misereatur nostri et benedicat nobis...*

Os outros se juntaram a ele, baixando as cabeças.

Arsênio recitou as palavras maquinalmente, sua mente concentrada em outros assuntos. Se, como agora parecia certo, o papa João havia morrido na enchente, então Anastácio tinha uma segunda chance de tentar obter o Papado. *Desta vez*, pensou Arsênio com determinação, *nada pode dar errado na eleição*. Desta vez ele usaria todo o seu poder para assegurar a vitória da candidatura do filho.

— ... *et metuant eum omnes fines terrae. Amen.*

— Amém — ecoou Arsênio. Mal podia esperar pelas notícias que o dia seguinte traria.

• • •

Ao acordar quase de manhã, Joana sorriu ao ver Gerold dormindo do seu lado. Repousou os olhos no seu rosto comprido, magro e altivo, tão repleto de beleza máscula agora quanto no dia em que o vira pela primeira vez, detrás de uma mesa de banquete, vinte e oito anos antes.

Será que eu já sabia, perguntou-se, *desde aquele primeiro momento? Será que eu sabia que o amava? Acho que sabia.*

Por fim acabara aceitando o que havia tentado negar por tanto tempo: Gerold era parte dela, *era* ela, de um modo insondável que ela não podia explicar ou negar. Eram almas gêmeas, ligadas

inextricavelmente e para sempre, duas metades de um todo perfeito que nunca mais seria completo sem ambas.

Ela não se permitiu pensar a fundo em todas as implicações dessa maravilhosa descoberta. Bastava-lhe viver o momento, a felicidade suprema de estar ali, agora, com ele. O futuro não existia.

Ele estava deitado de lado, sua cabeça perto da dela, os lábios levemente entreabertos, o cabelo comprido e vermelho despenteado sobre o rosto. Adormecido, parecia vulnerável e jovem, quase um menino. Movida por uma ternura inexprimível, Joana estendeu a mão e gentilmente afastou um cacho de cabelo da face dele.

Os olhos de Gerold se abriram, fixando-se nela com uma expressão tão intensa de amor e carência, que a deixou sem fôlego. Sem uma palavra, ele a puxou para si e ela foi até ele.

Cochilavam de novo, entrelaçados um no outro, quando Joana, sobressaltada, pensou ter escutado um ruído estranho. Ficou imóvel, aguçando os ouvidos. O silêncio era absoluto. Então percebeu que não fora o ruído que a despertara, e sim a quietude — a ausência do tamborilar forte e constante sobre o telhado.

A chuva tinha parado.

Ela se levantou e foi até a janela. O céu estava encoberto e cinzento, mas pela primeira vez em dez dias trechos de azul despontavam no horizonte, com raios de sol filtrando-se através das nuvens.

Graças a Deus, pensou ela. Agora a inundação terá fim.

Gerold aproximou-se por trás dela e rodeou-a com os braços. Ela se inclinou para trás, adorando senti-lo.

— Você acha que virão logo à nossa procura? — ela perguntou.

— Muito em breve, agora que a chuva parou.

— Ah, Gerold! — Ela enterrou a cabeça no ombro dele. — Nunca fui tão feliz, nem tão infeliz.

— Eu sei, coração.

— Nunca mais estaremos juntos de novo, não assim.

Ele acariciou-lhe o cabelo claro.

— Não precisamos regressar se não quisermos.

Ela olhou para ele com surpresa.

— O que você quer dizer?

— Ninguém sabe que estamos aqui. Se não fizermos sinal aos barcos de resgate quando eles vierem, eles irão embora. Em um ou dois dias, quando as águas descerem, partiremos da cidade à noite. Ninguém virá atrás de nós, pois pensarão que morremos na enchente. Estaremos livres para ficar juntos.

Ela não respondeu, mas virou-se para olhar pela janela de novo.

Ele esperou pela decisão dela, da qual dependiam sua vida e sua felicidade.

Após um momento, ela se virou para ele de novo. Olhando nas profundezas daqueles olhos cinza-esverdeados acabrunhados pela dor, ele percebeu que havia perdido.

Ela disse lentamente:

— Não posso fugir à grande responsabilidade que me foi confiada. O povo acredita em mim; não posso abandoná-los. Se o fizesse, eu me tornaria outra pessoa, uma pessoa diferente da que você ama.

Ele sabia que nunca mais teria tanto poder sobre ela quanto naquele momento. Se usasse esse poder, se a tomasse nos braços e a beijasse, talvez ela concordasse em fugir com ele. Mas seria injusto. Mesmo que ela cedesse, seria uma entrega que não duraria. Ele não tentaria persuadi-la a fazer algo de que ela pudesse se arrepender mais tarde. Era preciso que ela viesse com ele por livre vontade, ou não viesse.

— Eu entendo — disse ele. — E não vou pressioná-la. Mas quero que saiba uma coisa. Vou dizê-la uma vez só e não a repetirei nunca mais. Você é minha verdadeira esposa neste mundo, e eu o seu verdadeiro marido. Não importa o que aconteça, não importa o que o tempo e o destino nos façam, nada jamais poderá mudar isso.

Vestiram-se para estar prontos quando o socorro chegasse. Depois sentaram-se juntos, abraçados, a cabeça de Joana pousada sobre o ombro de Gerold. Estavam assim, enlevados com a proximidade um do outro, quando os barcos de resgate apareceram.

• • •

Enquanto eram levados de volta ao Patriárquio, Joana manteve a cabeça baixa, como se rezasse. Consciente dos olhares vigilantes

dos guardas, não se atrevia a olhar para Gerold, porque não tinha suficiente controle sobre os seus sentimentos.

Chegando ao cais, foram imediatamente rodeados por uma alegre multidão dando vivas. Houve tempo apenas para uma última troca de olhares antes que fossem carregados em triunfo para os seus respectivos aposentos.



P*apa populi*, era como a chamavam, o “papa do povo”. O tempo todo era repetida a história de como o senhor papa havia saído do seu palácio no dia da inundação, arriscando a sua vida para salvar a do seu povo. Onde quer que Joana fosse pela cidade, recebia uma acolhida festiva. Ao longo do seu caminho eram espalhadas perfumadas pétalas de acanto, e de cada janela as pessoas jogavam-lhe bênçãos. Ela extraía forças e consolo do amor delas, dedicando-se a elas com renovado fervor.

Os *optimates* e o alto clero, por outro lado, estavam escandalizados com o comportamento de Joana no dia da enchente. O Vigário de Deus saindo às pressas para resgatar gente num escaler: que absurdo, que constrangimento para a Igreja e para a dignidade do cargo papal! Encaravam-na com desafeto crescente, amplificado pelas diferenças profundas que tinham com ela: ela era estrangeira, eles eram romanos de nascimento; ela acreditava no poder da razão e da observação, eles acreditavam no poder de relíquias sacras e milagres; ela era avançada e progressista, eles eram conservadores, presos a costumes e tradição.

A maioria deles havia ingressado nas fileiras da burocracia clerical ainda na infância. Quando chegaram à idade adulta, estavam profundamente embebidos de tradição do Latrão, e totalmente avessos a mudanças. Nas suas cabeças, havia uma maneira certa e uma maneira errada de fazer as coisas — e a maneira certa era a que sempre fora feita antes.

Nada mais compreensível que ficassem desconcertados com o estilo de governo de Joana. Sempre que detectava um problema — a necessidade de um hospício, a injustiça de um funcionário corrupto, uma escassez no fornecimento de mantimentos — ela procurava corrigi-lo rapidamente. Frequentemente via-se impedida pela burocracia papal, o vasto e pesado sistema de governo que,

com o passar dos séculos, transformara-se numa complexidade labiríntica. Havia literalmente centenas de departamentos, cada um com a sua própria hierarquia e suas próprias atribuições ciosamente guardadas.

Impaciente para fazer as coisas acontecerem, Joana vivia procurando meios de contornar a monumental ineficácia do sistema. Quando Gerold ficou sem fundos para as obras do aqueduto, ela simplesmente retirou dinheiro do tesouro, passando por cima do procedimento costumeiro de fazer um requerimento formal através do gabinete do sacelário, ou tesoureiro papal.

Sempre atento às oportunidades, Arsênio fez o que pôde para tirar proveito da situação. Procurando Vítor, o sacelário, ele abordou o assunto com muita arte política.

— Temo que Sua Santidade não leve suficientemente em conta os nossos costumes romanos.

— É natural, visto que não foi criado neles — respondeu Vítor em tom descomprometido. Homem cauteloso, não mostraria suas cartas antes que Arsênio mostrasse as dele.

— Fiquei chocado ao saber que ele retirou fundos do tesouro sem passar pelo seu departamento.

— Foi um tanto... inadequado — reconheceu Vítor.

— Inadequado! — Arsênio exclamou. — Meu caro Vítor, no seu lugar eu não seria tão condescendente.

— Não?

— Se eu fosse você, colocaria as barbas de molho.

Vítor parou de fingir indiferença.

— Você sabe de alguma coisa? — perguntou ansiosamente. — Sua Santidade pretende me substituir?

— Quem sabe? — retrucou Arsênio. — Talvez ele pretenda acabar de vez com o cargo de sacelário. Assim, poderá retirar quantos fundos quiser do tesouro sem precisar dar explicações a ninguém.

— Ele não ousaria!

— Acha que não?

Vítor não respondeu. Como um exímio esgrimista, Arsênio fez uma pausa antes de desferir uma estocada.

— Começo a temer — disse — que a eleição de João tenha sido um erro. Um erro grave.

— A ideia me ocorreu — Vítor admitiu. — Algumas das ideias de Sua Santidade... a escola para mulheres, por exemplo... — Vítor sacudiu a cabeça. — Os desígnios de Deus são realmente misteriosos.

— Não foi Deus que colocou João no trono, Vítor; fomos nós. E nós podemos removê-lo.

Isso era demais.

— João VIII é o Vigário de Cristo — falou Vítor, profundamente chocado. — Reconheço que ele é... estranho. Mas usar de força contra ele? Não, não... certamente não é o caso para tanto.

— Bem, talvez você esteja certo.

Ardilosamente, Arsênio não tocou mais no assunto. Não era necessário prosseguir; ele havia plantado a semente, bastava esperar que germinasse.

Desde a separação deles no dia da enchente, Gerold não tinha visto Joana. O restante da obra do aqueduto não era dentro da cidade, mas em Tívoli, a uns trinta e dois quilômetros de distância. Gerold estava envolvido com cada aspecto da construção, desde a supervisão dos planos de reparação até a gerência das equipes de trabalho. Muitas vezes pegava no pesado, literalmente, ajudando a erguer pedras maciças e cobri-las com argamassa. Os homens se surpreendiam ao ver o senhor superista curvando-se para fazer trabalho braçal, mas Gerold apreciava, pois só no árduo labor físico encontrava alívio momentâneo para a dor que o consumia por dentro.

Teria sido melhor, pensou, bem melhor se nós nunca nos tivéssemos deitado juntos como homem e mulher. Talvez então ele pudesse prosseguir como antes. Mas agora...

Era como se tivesse estado cego todos os anos antes. Todas as estradas pelas quais viajara, todos os riscos que correra, tudo que já fizera ou fora, o haviam levado a uma pessoa: *Joana*.

Quando o aqueduto estivesse pronto, ela esperaria que ele reassumisse sua posição como líder da guarda papal. Estar perto

dela de novo todos os dias, vê-la e saber que ela estava, além de toda esperança, fora do alcance dele... seria insuportável.

Vou deixar Roma, pensou, assim que a obra do aqueduto estiver concluída. Voltarei para Benevento e retomarei o comando do exército de Siconulfo. Havia uma atraente simplicidade na vida de soldado, com seus inimigos bem definidos e objetivos claros.

Ele trabalhava com seus homens sem descanso. Em três meses a obra estaria finalizada.

O aqueduto restaurado foi formalmente dedicado na Festa da Anunciação. Encabeçado por Joana, todo o clero — acólitos, porteiros, leitores, exorcistas, padres, diáconos e bispos — rodeou os arcos de peperino maciço em procissão solene, aspergindo as pedras com água benta, enquanto cantavam litanias, salmos e hinos. A procissão parou e Joana abençoou a obra. Ergueu o olhar para onde estava Gerold, esperando em cima do arco da frente, esbelto, de pernas compridas, uma cabeça mais alto que todos à sua volta.

A um sinal dela, ele puxou uma alavanca, abrindo as comportas. Os vivas e aplausos do povo ressoaram enquanto as águas frias, puras e salutareis da nascente do Subiaco, que ficava a uns setenta e dois quilômetros dos muros da cidade, fluíram dentro do Campo de Marte pela primeira vez em mais de trezentos anos.

Modelado no estilo imperial, o trono papal era uma peça maciça, de espaldar elevado, ricamente cravejada de rubis, pérolas, safiras e outras pedras preciosas, tão desconfortável quanto impressionante. Joana estivera enfiada nele por mais de cinco horas, concedendo audiências a uma sucessão de peticionários. Agora, mexia-se incansavelmente, tentando amenizar o desconforto crescente nas suas costas.

Joviano, o intendente-mor, anunciou o peticionário seguinte:

— Magister militum Daniel.

Joana fez uma careta. Daniel era um homem difícil, ríspido e irascível — além de ser amigo íntimo do bispo Arsênio. Sua presença ali só podia significar problemas.

Daniel entrou espalhafatosamente, saudando com a cabeça vários dos notários e outros funcionários papais.

— Santidade. — Ele saudou Joana com uma mesura quase imperceptível e foi logo falando, com rude brusquidão: — É verdade que, nas ordenações de março, pretende instalar Nicéforo como bispo de Trevi?

— É.

— O homem é grego! — protestou Daniel.

— Que importa isso?

— Uma posição tão importante deve caber a um romano.

Joana suspirou. Era verdade que seus predecessores haviam feito uso do episcopado como instrumento político, distribuindo bispados entre as famílias nobres de Roma. Joana discordava dessa prática, pois ela resultara num grande número de *episcopi agraphici* — bispos iletrados, que vinham espalhando todo tipo de ignorância e superstição. Afinal, como podia um bispo interpretar corretamente a Palavra de Deus para o seu rebanho, se nem sabia ler?

— Uma posição tão importante — ela respondeu serenamente —, deve caber à pessoa mais qualificada. Nicéforo é um homem culto e piedoso. Dará um ótimo bispo.

— É natural que pense assim, sendo também um estrangeiro. — Daniel empregou deliberadamente o termo *barbarus* ao invés do mais neutro *peregrinus*.

Houve exclamações de espanto sufocadas, porém audíveis, na sala.

Joana fitou Daniel diretamente nos olhos.

— Isto nada tem a ver com Nicéforo — disse ela. — Você queria que o seu filho Pedro fosse bispo de Trevi.

— Ora, e por que não? — falou Daniel na defensiva. — Pedro é mais adequado para o cargo por seu nascimento nobre e por sua família.

— Mas não por sua capacidade — disse Joana abruptamente.

Daniel ficou boquiaberto de perplexidade.

— Como ousa... como ousa... o meu filho...

— O seu filho — cortou Joana — lê igualmente bem o lecionário virado para cima ou de ponta-cabeça, porque não sabe latim. Ele

memorizou as poucas passagens das Escrituras que conhece. Os fiéis merecem coisa melhor. E a terão em Nicéforo!

Daniel empertigou-se, rijamente ofendido.

— Guarde minhas palavras, Santidade: este assunto não acabou aqui!

E com isso, virou-se e saiu.

Joana pensou: *Ele irá diretamente a Arsênio, que vai sem dúvida achar um modo de causar mais problemas.* Sobre uma coisa Daniel estava certo: aquele assunto não havia acabado ali.

De repente ficou inexprimivelmente cansada. O ar na sala sem janelas pareceu oprimi-la; ela se sentiu nauseada e prestes a desmaiar. Agarrou o pálio, afastando-o do pescoço.

— O senhor superista — anunciou Joviano.

Gerold! Joana animou-se. Eles não se falavam desde o dia do resgate. Ela havia esperado que ele viesse, embora ao mesmo tempo receasse o encontro. Consciente dos olhares vigilantes dos demais, Joana manteve o rosto impassível.

Então Gerold entrou, e o coração traiçoeiro dela deu um salto ao vê-lo. A luz tremeluzente da lâmpada oscilou sobre suas feições, iluminando os ângulos elegantemente cinzelados da sua fronte e das maçãs do rosto. Ele devolveu o olhar dela, os olhos de ambos comunicando-se silenciosamente, e por um momento fugaz os dois ficaram a sós em meio à grande assistência.

Ele avançou e ajoelhou-se diante do trono.

— Levante-se, superista — disse ela. Era sua imaginação, ou a sua voz tremia? — Neste dia sua cabeça está coroada de glória. Toda Roma está em dívida consigo.

— Obrigado, Santidade.

— Hoje à noite celebraremos a sua grande realização com um banquete. Você se sentará à minha mesa no lugar de honra.

— Infelizmente não poderei comparecer. Parto hoje de Roma.

— Parte de Roma? — Ela foi pega de surpresa. — Como assim?

— Agora que a grande tarefa de que Vossa Santidade me incumbiu está concluída, renuncio ao meu cargo de superista. O príncipe Siconulfo pediu-me que voltasse a Benevento para reassumir o comando de seus exércitos, e eu aceitei.

Joana manteve a postura rígida, mas suas mãos crispavam-se sobre os braços do trono.

— Não pode fazer isso — respondeu ela bruscamente. — Não permitirei.

Os prelados reunidos ergueram as sobrancelhas. De fato, era incomum renunciar a um cargo tão prestigioso, mas Gerold era um franco livre e podia trabalhar para quem quisesse.

— Ajudando Siconulfo — respondeu Gerold com sensatez — continuarei também a servir os interesses de Roma, pois os territórios de Siconulfo constituem um forte baluarte cristão contra os lombardos e os sarracenos.

Joana enrijeceu a boca. Virando-se para os outros, ordenou:

— Deixem-nos.

Joviano e os demais trocaram olhares surpresos, depois saíram da sala num tumulto de mesuras respeitadas.

— Isso foi sensato? — Gerold perguntou depois que saíram. — Pode ter despertado as suspeitas deles.

— Eu precisava falar a sós com você — respondeu ela, aflita. — Partir de Roma? De onde você tirou uma ideia dessas? Pouco importa, não vou permitir. Siconulfo que arranje outro para comandar suas tropas, eu preciso de você aqui comigo.

— Ó minha pérola. — A voz dele era uma carícia. — Olhe para nós: mal podemos olhar um para o outro sem revelar o que sentimos. Um olhar incauto, uma palavra descuidada, e a sua vida estará em perigo! Não vê que eu *preciso* partir?

Joana sabia o que ele estava dizendo, sabia até que ele tinha razão, de certa forma. Mas não fazia diferença. A ideia da partida dele a enchia de desgosto. Gerold era a única pessoa que a conhecia de verdade, a única com quem ela podia contar totalmente.

Ela disse:

— Sem você ficarei completamente sozinha. Não creio que possa suportar.

— Você é mais forte do que imagina.

— Não — disse ela. Levantou-se do trono para ir até ele e cambaleou, acometida de uma forte vertigem.

Instantaneamente Gerold estava a seu lado. Tomou-lhe o braço, segurando-a.

— Você está doente!

— Não, não. Apenas... cansada.

— Você tem trabalhado demais. Precisa descansar. Venha, vou levá-la aos seus aposentos.

Ela o agarrou com força.

— Prometa que não partirá antes de conversarmos de novo.

— Claro que não partirei. — Seus olhos estavam repletos de preocupação. — Não partirei até você se sentir bem outra vez.

Joana jazia sobre sua cama, na quietude de seu quarto. *Estarei mesmo doente?* pensou. *Se estiver, preciso descobrir a causa e tratá-la depressa, antes que Enódio e os outros médicos da schola tomem conhecimento.*

Pôs-se a refletir sobre o problema, fazendo perguntas a si mesma como se fosse sua própria paciente.

Quando começaram os primeiros sintomas?

Agora que pensava nisso, já não se sentia bem havia algumas semanas.

Quais são os sintomas?

Fadiga. Falta de apetite. Uma sensação de inchaço. Náuseas ao levantar de manhã...

Um terror súbito apoderou-se dela.

Desesperadamente, tentou se lembrar quando ocorrera seu último sangramento mensal. Dois meses atrás, talvez três. Andara tão ocupada que nem prestara atenção.

Todos os sintomas confirmavam, mas havia um meio de ter certeza. Ela se inclinou e pegou o penico que estava no chão ao lado da cama.

Pouco depois, colocou-o de volta com mãos trêmulas.

A evidência era inequívoca. Estava grávida.

Anastácio tirou os seus coturnos de veludo e reclinou-se confortavelmente no divã. *Um dia bom*, pensou ele, contente consigo mesmo. *Sim, foi um dia muito bom.* Naquela manhã ele

havia brilhado na corte imperial, impressionando Lotário e todo o séquito dele com a sua sabedoria e cultura.

O imperador havia perguntado sua opinião sobre o *De corpore et sanguine Domini*, tratado que andava causando alvoroço entre os teólogos do país. Escrito por Pascásio Radberto, abade de Corbie, o tratado propunha a ousada teoria de que a Eucaristia continha o verdadeiro Corpo e o verdadeiro Sangue de Cristo Salvador — não a Sua carne simbolicamente, mas a sua carne verdadeira, histórica, “aquela que nasceu de Maria, sofreu na Cruz, e ergueu-se do túmulo”.

— O que acha, cardeal Anastácio? — Lotário havia-lhe perguntado. — A Hóstia sagrada é o Corpo de Cristo em mistério ou em verdade?

Anastácio tinha a resposta pronta:

— Em mistério, meu senhor. Pois pode ser demonstrado que Cristo possui dois corpos distintos: o primeiro nascido de Maria, o segundo representado simbolicamente na Eucaristia. “*Hoc est corpus meum*”, disse Jesus acerca do pão e do vinho na Santa Ceia. “Este é o meu corpo.” *Mas Ele ainda estava presente corporeamente com Seus discípulos ao dizer isso*. Portanto, é evidente que tais palavras tinham um sentido figurado.

O argumento era tão inteligente que, quando terminou de falar, todos o aplaudiram. O imperador louvou-o como “o novo Alcuíno”. Arrancando vários fios de sua barba, presenteou-os a Anastácio — um gesto de grande homenagem entre aquele povo bárbaro e estranho.

Anastácio sorriu, revivendo o prazer daquele momento. De um jarro sobre a mesa ao lado dele derramou vinho numa taça de prata, depois apanhou o rolo de pergaminho contendo a última carta de seu pai. Quebrou o selo de cera e desenrolou o fino velino branco. Seus olhos varreram as linhas, lendo-as com ávido interesse. Parou no relato do roubo dos corpos de são Marcelino e são Pedro do cemitério onde se encontravam.

Não que tirar corpos de santos de seus túmulos fosse incomum; santuários cristãos pelo mundo inteiro clamavam constantemente por essas relíquias sagradas a fim de atrair turbas de fiéis com promessas de milagres. Durante séculos os pragmáticos romanos

havam feito uma fortuna graças a essa obsessão estrangeira por relíquias, comercializando-as regularmente. Os incontáveis peregrinos que enxameavam a Cidade Santa estavam dispostos a desembolsar somas substanciais por um dedo de são Damião, uma clavícula de santo Antão ou uma pestana de santa Sabina.

Mas os corpos de são Marcelino e são Pedro não tinham sido vendidos; tinham sido roubados, retirados ignominiosamente dos seus túmulos à noite e contrabandeados para fora da cidade. *Furta sacra*, “roubo de coisas sagradas”, assim eram chamados tais crimes. Tinha que ser impedidos, porque espoliavam a cidade dos seus maiores tesouros.

“Depois deste roubo desonroso”, escrevia o seu pai, “pedimos ao papa João que duplicasse o número de guardas nos pátios das igrejas e cemitérios. Mas ele recusou. Diz que os homens são mais bem empregados a serviço dos vivos que dos mortos.”

Anastácio sabia que João pusera um grande contingente da milícia papal para trabalhar construindo escolas, hospícios e abrigos. Ele dedicava seu tempo e sua atenção — e a maior parte das finanças papais — a projetos seculares como aqueles, enquanto as igrejas da cidade eram negligenciadas. A própria igreja do seu pai não havia recebido sequer uma lâmpada de ouro ou um candelabro de prata desde que João VIII assumira o cargo. E, no entanto, as inúmeras catedrais, oratórios, batistérios e capelas constituíam a glória de Roma. Se não fossem constantemente embelezadas e melhoradas, Roma não poderia ter esperança de competir com o esplendor da sua rival oriental, Constantinopla, que agora tinha o descaramento de chamar a si própria de Nova Roma.

Se — não, Anastácio corrigiu a si mesmo — *quando* ele fosse papa, as coisas seriam diferentes. Ele conduziria Roma de volta aos seus dias de grandeza. Sob o seu patronato solícito, as igrejas romanas voltariam a fulgar com riquezas fabulosas, ainda mais resplandescentes que os mais soberbos palácios de Bizâncio. Essa, bem o sabia, era a grande obra para cuja realização Deus o pusera na terra.

Voltou a ler a carta do pai, mas com interesse reduzido, pois a última parte se ocupava apenas com assuntos de menor importância: a lista de nomes dos que seriam ordenados nas

cerimônias da próxima Páscoa tinha finalmente sido publicada; o seu primo Cosme havia se casado de novo, desta vez com uma diaconisa viúva; um certo Daniel, *magister militum*, estava profundamente ultrajado porque seu filho fora preterido para um bispado em favor de um grego.

Anastácio aprumou-se. Um grego para bispo! Seu pai parecia considerar esse gesto apenas mais um exemplo da deplorável falta de *romanità* do papa João. Seria possível que lhe tivessem passado completamente despercebidas as possibilidades que a situação oferecia?

Esta, pensou Anastácio com entusiasmo crescente, *é a chance pela qual tenho esperado*. Finalmente, a sorte pusera-lhe a oportunidade nas mãos.

Levantou-se rapidamente e foi à sua escrivaninha. Tomando uma pena, começou a escrever: “Querido pai. Não perca tempo ao receber esta carta, mas envie o *magister militum* Daniel a mim imediatamente”.

Joana andava de um lado para o outro no dormitório papal. *Como pode ser tão cega?* Simplesmente não lhe ocorrera que ela podia engravidar. Afinal, tinha mais de quarenta e um anos de idade, bem mais do que a idade normal para conceber.

Mas mamãe era ainda mais velha quando engravidou pela última vez.

E morreu no parto.

Nunca se entregue a um homem.

Medo, frio e irracionalidade agarraram o coração de Joana. Ela lutou para se acalmar. Afinal, o que havia acontecido à sua mãe talvez não acontecesse consigo. Era forte e saudável; tinha boas chances de sobreviver a um parto. Mas mesmo que sobrevivesse, o que aconteceria depois? Na colmeia vigiada que era o Patriárquio, não haveria forma de manter o seu parto em segredo, nem de ocultar a criança quando ela chegasse. A sua condição feminina seria com certeza descoberta.

Que tipo de morte seria considerada punição suficiente para tamanho crime? Certamente seria terrível. Talvez lhe arrancassem os olhos com ferros em brasa e a esfolassem. Ou talvez a

desmembrassem vagarosamente e depois a queimassem viva. Algum desses fins hediondos seria inevitável quando a criança chegasse.

Se chegasse...

Pôs ambas as mãos no abdome; não havia qualquer sinal de movimento do bebê que crescia dentro dela. O fio de vida ainda era muito tênue; não custaria muito parti-lo.

Dirigiu-se ao baú aferrolhado onde guardava seus medicamentos. Tinha mandado trazê-los do seu herbário pouco após sua consagração; era mais fácil manipulá-los ali, onde estavam a salvo contra furto. Manuseou diversos frascos e garrafas até encontrar o que procurava. Habilmente misturou uma medida de ergotina numa taça de vinho forte. Em pequenas doses, era um medicamento benéfico; em doses maiores, podia provocar aborto, embora nem sempre funcionasse e nem fosse isento de sério risco de vida para a mulher que o ingerisse.

Que outra escolha tinha ela? Se não interrompesse aquela gravidez, enfrentaria uma morte bem mais atroz.

Levou a taça aos lábios.

À sua revelia, as palavras de Hipócrates vieram-lhe à mente: *A arte medicinal é sagrada. Um médico deve usar o seu saber para ajudar os doentes, de acordo com a sua habilidade e julgamento, mas nunca para fazer mal.*

Resolutamente Joana afastou o pensamento. Toda a sua vida o seu corpo de mulher tinha sido fonte de desgosto e de dor, um impedimento para tudo que queria fazer e ser. Ela não deixaria agora que ele roubasse a sua vida.

Virou a taça e bebeu.

Nunca para fazer mal. Nunca para fazer mal. Nunca para fazer mal.

As palavras queimavam-na por dentro, chamuscando-lhe o coração. Com um soluço, atirou a taça vazia no chão. Ela rolou, suas últimas gotas traçando sobre o assoalho uma vaga forma escarlate.

Deitou-se em sua cama e esperou que a ergotina fizesse efeito. O tempo passou, mas ela não sentia nada. *Não está funcionando,*

pensou. Estava assustada e ao mesmo tempo profundamente aliviada. Ao sentar-se, teve um acesso de tremor. Seu corpo inteiro foi sacudido por espasmos incontrolláveis. Seu coração batia com muita força, e sua pulsação era irregular.

Sentiu dor. A intensidade chegou a surpreendê-la, era como uma faca em brasa nas suas entranhas. Rolou a cabeça de um lado para o outro, mordendo o lábio para não gritar, pois não queria se arriscar a chamar a atenção dos camaristas.

As horas seguintes passaram-se numa espécie de névoa, com Joana oscilando entre a consciência e a inconsciência. A certa altura provavelmente tivera alucinações: parecia-lhe que sua mãe sentava-se ao seu lado, chamava-a de “codorninha” e cantava para ela na Língua Antiga, como costumava fazer, pondo as mãos frias sobre a sua testa febril.

Acordou antes do amanhecer, fraca e trêmula. Por um bom tempo permaneceu deitada, imóvel. Em seguida, começou lentamente a examinar a si própria. Seu pulso estava regular, seu batimento cardíaco firme, a cor de sua pele saudável. Sem hemorragias, nem sinais de qualquer dano duradouro.

Havia sobrevivido à provação.

Mas a criança dentro dela também.

Só havia uma pessoa a quem ela podia recorrer agora. Quando contou a Gerold sobre o estado em que se encontrava, ele inicialmente reagiu com chocada descrença.

— Meu Deus!... É possível?

— Obviamente — disse Joana, seca.

Ele ficou parado um instante, o olhar fixo e pensativo.

— É por isso que você tem andado doente?

— É. — Ela não mencionou o abortífero; nem mesmo Gerold compreenderia tal coisa.

Ele a abraçou com força, acomodando a cabeça dela ao seu ombro. Por um bom tempo permaneceram imóveis, compartilhando silenciosamente o que estava em seus corações.

Ele disse baixinho:

— Você se lembra do que eu lhe disse no dia da inundação?

— Dissemos muitas coisas um ao outro naquele dia — respondeu ela, mas sentiu a pulsação acelerar, pois sabia a que ele se referia.

— Eu disse que você era a minha verdadeira esposa neste mundo, e eu o seu verdadeiro marido. — Pôs-lhe a mão sob o queixo, erguendo os olhos dela para os seus. — Eu a compreendo melhor do que você pensa, Joana. Sei como o seu coração está dividido. Mas agora o destino decidiu por nós. Iremos embora daqui e ficaremos juntos, como deveria ter sido desde o começo.

Ela sabia que ele tinha razão. Não havia mais nada a fazer. Todos os caminhos à sua frente se reduziam, agora, a um só. Sentia-se triste e ansiosa, mas ao mesmo tempo estranhamente entusiasmada.

— Podemos partir amanhã — disse Gerold. — Despeça os seus camaristas à noite. Quando todos estiverem adormecidos, não será difícil para você sair pela porta lateral. Estarei esperando lá, e levarei algumas roupas de mulher para você se trocar assim que estivermos fora das muralhas da cidade.

— Amanhã! — Ela aceitara a ideia de partir, mas não percebera que seria tão depressa. — Mas... eles virão à nossa procura.

— Quando vierem, estaremos longe. E eles estarão à procura de dois homens, não de um simples peregrino e da sua mulher.

Era um plano audacioso, mas podia dar certo. Mesmo assim, ela resistiu:

— Não posso partir agora. Ainda há tantas coisas que quero realizar, tanta coisa que precisa ser feita!

— Eu sei, coração — disse ele ternamente. — Mas não há outra opção, você sabe disso.

— Espere até depois da Páscoa — propôs ela. — Então irei com você.

— A Páscoa! Mas falta quase um mês até lá! E se alguém perceber o seu estado antes disso?

— Só estou no quarto mês. Por baixo destas minhas vestes enormes poderei ocultar a gravidez por mais um mês.

Gerold sacudiu a cabeça enfaticamente.

— Não posso deixá-la correr esse risco. Você precisa ir embora daqui imediatamente, enquanto ainda é tempo!

— Não — respondeu ela com igual convicção. — Não deixarei o meu povo sem o seu papa no dia mais santo do ano!

Está assustada e perturbada, pensou Gerold, *por isso não está pensando com clareza*. Ele faria a vontade dela por enquanto, já que não tinha muita escolha, mas discretamente tomaria as providências para uma partida rápida. Se algum perigo surgisse, ele a levaria embora sem pestanejar... mesmo que à força.

Na *nox magna*, a Grande Noite da celebração da Páscoa, milhares de pessoas estavam apinhadas dentro e ao redor da Catedral de Latrão para acompanhar a celebração da vigília pascal, do batismo e da missa. A longa liturgia começava na noite de sábado e continuava até as primeiras horas da manhã de Páscoa.

Fora da santa catedral, Joana acendeu o círio pascal, depois o entregou a Desidério, o arquiidiacono, que o carregou cerimoniosamente para dentro da igreja às escuras. Joana e o resto do clero seguiram-no, cantando o *lumen Christi*, hino à luz de Cristo. Três vezes a procissão se deteve a caminho da nave lateral, enquanto Desidério acendia as velas dos fiéis no círio pascal. Quando Joana chegou ao altar, a grande nave flamejava com mil luzes pequenas, suas chamas bruxuleantes refletindo-se de modo deslumbrante no mármore polido das paredes e das colunas, em dramática representação da Luz trazida ao mundo por Cristo.

— *Exultet jam angelica turba caelorum. Exultent divina mysteria!*

Jubilosamente, Desidério entoou o *Exultet*. O canto venerando, com a sua antiga melodia tão bela e impressionante, ressoou nos ouvidos de Joana com uma pungência especial.

Nunca mais estarei diante deste altar, nem ouvirei essas doces melodias, ela refletiu. A ideia provocou-lhe uma forte sensação de perda. Ali, em meio a esta inspiradora celebração de redenção e esperança, foi quando ela chegou mais perto de vivenciar uma autêntica fé em Deus. “*O vere beata nox, quae expoliavit Aegyptios, ditavit Hebraeos! Nox, in qua terrenis caelestia junguntur...*”

Saindo da catedral após a missa, Joana viu um homem de roupas rasgadas e enlameadas esperando nos degraus. Tomando-o por um mendigo, fez sinal a Vítor, o sacelário, para que lhe desse esmola. O homem recusou as moedas oferecidas.

— Não sou pedinte, Santidade, sou um mensageiro, trago notícias urgentes.

— Quais são?

— O imperador Lotário e seu exército estão marchando através de Paterno. Na velocidade que viajam, estarão em Roma daqui a dois dias.

Um murmúrio alarmado ergueu-se dos prelados nas proximidades.

— O padre cardeal Anastácio cavalga com ele — acrescentou o mensageiro.

Anastácio! A presença dele no séquito imperial era um péssimo sinal.

— Por que você o chama de padre cardeal? — perguntou Joana em tom de censura. — Anastácio já não tem direito a esse título, pois foi excomungado.

— Peço perdão, Santidade, mas foi como ouvi o imperador se dirigir a ele.

Esta era a pior notícia de todas. O descaso do imperador pela sentença de excomunhão de Leão era um desafio direto e inequívoco à autoridade papal. Em tal estado de espírito, Lotário era capaz de qualquer coisa.

Naquela noite, ao discutirem o ocorrido, Gerold voltou a pressioná-la para que cumprisse a sua promessa.

— Esperei até a Páscoa, como você queria. Você precisa partir agora, antes que Lotário chegue.

Joana sacudiu a cabeça.

— Se o trono papal estiver vago quando Lotário chegar, ele usará o seu poder para fazer com que Anastácio seja eleito papa.

Gerold não gostava mais do que ela da ideia de Anastácio como papa, mas a segurança dela era sua preocupação maior. Disse:

— Haverá sempre um motivo para nos impedir de partir, Joana. Não podemos adiar para sempre.

— Não vou trair a confiança do povo abandonando-os nas mãos *dele* — teimou ela.

Gerold teve um impulso quase irresistível de simplesmente agarrá-la e arrastá-la à força para longe daquela teia de perigos que

se estreitava ao redor dela. Como se lesse os pensamentos dele, Joana falou de novo bem rápido:

— É uma questão de poucos dias. — Seu tom era conciliador. — Qualquer que seja o propósito da vinda de Lotário, não é provável que ele fique por muito tempo. Assim que ele for embora, eu partirei com você.

Ele considerou isso por um instante.

— E você não dará nenhum outro motivo para não partir?

— Nenhum outro motivo — prometeu Joana.

No dia seguinte, Joana esperava na escadaria de São Pedro, enquanto Gerold saía para saudar Lotário. Sentinelas enfileiravam-se ao longo de todo o Muro Leonino.

Pouco depois, o grito veio do muro: “O imperador chegou!” Joana mandou abrir o portão de São Peregrino.

Lotário entrou primeiro, a cavalo. Anastácio montava ao seu lado, ostentando descaradamente o pálio de cardeal. Altivez e orgulho eram irradiados por sua face de intelectual patricio.

Joana agiu como se ignorasse a sua presença. Esperou nos degraus que o imperador desmontasse e viesse até ela.

— Seja bem-vindo, Majestade, à Cidade Santa de Roma. — Estendeu-lhe a mão direita, na qual tinha o anel papal.

Lotário não se ajoelhou, mas inclinou-se para beijar o símbolo da sua autoridade espiritual.

Até aqui, tudo bem, pensou Joana.

A primeira fileira dos homens de Lotário abriu-se em duas, e ela viu Gerold. Ele tinha o rosto retesado de cólera e os pulsos fortemente amarrados com uma corda.

— O que significa isto? — perguntou Joana. — Por que o superista está manietado?

Lotário respondeu:

— Foi preso sob acusação de traição.

— Traição? O superista é meu fiel servidor. Não há ninguém em quem eu confie mais.

Anastácio falou pela primeira vez:

— A traição não é contra Vossa Santidade, e sim contra o imperador. Gerold é acusado de conspirar para devolver Roma ao

controle dos gregos.

— Absurdo! Quem fez essa acusação tão infundada?

Daniel saiu de trás de Anastácio e fixou Joana com um olhar de triunfo maligno.

— Eu — disse ele.

Mais tarde, na privacidade do seu quarto, Joana concentrou-se no problema, tentando pensar numa forma de reagir. Percebeu que se tratava de um complô diabolicamente bem pensado. Como sumo pontífice, ela não podia ser julgada. Mas Gerold podia, e se fosse sentenciado culpado, ela também estaria implicada. O plano fora obviamente arquitetado por Anastácio.

Pois bem, ele vai se dar mal. Ela ergueu o queixo, destemidamente. Que Anastácio fizesse o que lhe aprouvesse; não venceria. Ela ainda era papa, com poder e recursos próprios.



O Grande Salão era um acréscimo relativamente novo ao Patriárquio, porém já rico em relevância histórica. A pintura daquelas paredes havia acabado de secar quando o avô de Lotário, Karolo Magno, e o papa Leão III, juntamente com seus sequazes, haviam se encontrado ali para lavrar o acordo épico que elevaria Karolo de rei dos francos a imperador do Sacro Império Romano, e mudaria o mundo para sempre.

Os cinquenta e cinco anos passados desde então nada tinham feito para desbotar o esplendor da sala. Suas três grandes absides eram revestidas de mármore branco e adornadas com magníficas colunas de pórfiro decoradas com entalhes de maravilhosa complexidade. Acima do revestimento de mármore, as paredes estavam cobertas de belíssimos murais coloridos representando a vida do apóstolo Pedro. Mas mesmo essas maravilhas eram ofuscadas pelo grande mosaico sobre o arco da abside central. Nele são Pedro era retratado magnificamente entronizado, sua cabeça rodeada por uma auréola redonda de santo. À sua direita ajoelhava-se o papa Leão, e à sua esquerda, o imperador Karolo, cada um com a cabeça rodeada por uma auréola quadrada, símbolo dos vivos, pois viviam na época da construção do salão.

Na parte dianteira do salão, Joana e Lotário estavam aboletados em dois grandes tronos incrustados de joias. Estavam presentes como *sedentes pariter*, o que significa que ocupavam lugares de igual cerimônia, os tronos dispostos lado a lado e na mesma altura, de modo a não conferir importância maior a nenhum dos dois. Os arcebispos, cardeais e abades de Roma sentavam-se de frente para eles em cadeiras bizantinas de espaldar alto, estofadas de macio veludo verde. Os outros sacerdotes, optimates e o resto dos chefes dos francos e dos romanos estavam atrás, em pé, lotando o grande salão.

Quando todos estavam em seus lugares, Gerold foi trazido pelos homens de Lotário, as mãos ainda atadas diante dele. Joana apertou os lábios ao ver hematomas escuros no rosto e no pescoço dele; obviamente fora espancado.

Lotário dirigiu-se a Daniel:

— Aproxime-se, *magister militum*, e faça a sua acusação para que todos possam ouvir.

Daniel disse:

— Eu escutei o superista dizer ao papa João que Roma deveria fazer uma aliança com os gregos a fim de livrar a cidade da dominação franca.

— Mentiroso! — rosnou Gerold, sendo imediatamente recompensado com uma forte bofetada de um dos guardas.

— Afaste-se! — Joana falou com rispidez ao guarda; a Gerold, perguntou:

— O senhor nega essa acusação, superista?

— Nego. É uma mentira suja e perversa.

Joana suspirou. Precisava dar o mergulho agora, ou nunca. Erguendo a voz para que todos ouvissem, declarou:

— Eu confirmo o testemunho do superista.

Elevou-se um murmúrio scandalizado do meio dos prelados. Ao dizer aquilo, o papa deixava de ser juiz e se tornava réu, colocando-se efetivamente sob julgamento junto com Gerold.

Pascoal, o primicério, interpôs sobriamente:

— Não cabe a Vossa Santidade apoiar ou negar a acusação. Lembre-se das palavras do grande Karolo: *Judicare non audemos*. Vossa Santidade não está sob julgamento aqui, nem pode ser julgado por tribunal algum sobre a terra.

— Sei disso, Pascoal. Mas estou preparado para responder a essas acusações por minha livre vontade, a fim de libertar as mentes dos homens de qualquer suspeita injusta.

Ela fez sinal a Florentino, o vestiário. Fazendo o que haviam ensaiado, ele de imediato se aproximou carregando um grande livro, magnificamente encadernado: o livro dos Evangelhos, contendo as palavras dos santos apóstolos João, Lucas, Marcos, e Mateus. Joana tomou-o nas mãos reverentemente e, numa voz ressonante, proferiu:

— Sobre estes Santos Evangelhos, nos quais a Palavra de Deus é revelada, juro perante Deus e são Pedro que tal conversa nunca ocorreu. Se eu não estiver falando a verdade, que Deus me fulmine aqui mesmo.

O gesto dramático parecia ter surtido efeito. Durante o silêncio atemorizado que sobreveio, ninguém se moveu nem falou.

Então Anastácio deu um passo à frente, posicionando-se ao lado de Daniel.

— Eu me ofereço como *sacramentale* por este homem — declarou corajosamente.

O coração de Joana apertou-se. Anastácio havia contra-atacado perfeitamente. Ele invocara a lei de *conjuratio*, segundo a qual a culpa ou a inocência era provada pelo lado da disputa que conseguisse reunir o número maior de *sacramentales*, ou garantes para apoiar seu juramento.

Rapidamente Arsênio levantou-se e juntou-se ao filho. Um por um, outros vagarosamente se aproximaram para ficar do lado deles. Jordanes, o secundicério, que havia se oposto a Joana no assunto da escola para mulheres, estava entre eles. Assim como Vítor, o sacelário.

Com pesar, Joana lembrou-se das repetidas vezes em que Gerold a aconselhara a ir mais devagar e a ser mais diplomática com seus adversários. Na sua ansiedade por fazer as coisas acontecerem, ela não prestara atenção suficiente ao conselho dele.

Agora estava pagando por isso.

— Servirei como *sacramentale* para o superista — soou uma voz no fundo da assembleia.

Joana e os demais se voltaram para ver Radoíno, segundo em comando da guarda papal, abrindo caminho entre a multidão e colocando-se ostensivamente ao lado de Gerold. Sua atitude encorajou outros: Joviano, o intendente-mor, avançou, seguido pelos padres cardeais José e Teodoro, e por seis dos bispos suburbicários, bem como por dúzias de membros do baixo clero, os quais, sendo mais próximos ao povo, podiam apreciar melhor o que Joana havia feito por eles. O restante da assembleia ficou onde estava, preferindo não se comprometer.

Quando todos os que queriam se manifestar o fizeram, foi feita a contagem: cinquenta e três homens do lado de Gerold, setenta e quatro com Daniel.

Lotário pigarreou:

— O julgamento de Deus fez-se manifesto aqui. Aproxime-se, superista, para receber sua sentença.

Os guardas foram apanhar Gerold, mas ele se desvencilhou.

— A acusação é falsa, não importa quantos tenham cometido perjúrio ao apoiá-la. Eu reclamo o direito de ordálio.

Joana ficou ofegante. Ali, no sul do Império, o ordálio era pelo fogo, não pela água. O acusado precisava caminhar descalço sobre uma fila de seis metros de relhas em brasa. Se conseguisse chegar ao fim, era considerado inocente. Mas poucos sobreviviam ao ordálio.

Através do salão, os olhos de Gerold brilharam numa mensagem urgente para Joana: *Não tente me impedir.*

Ele pretendia se sacrificar por ela. Se conseguisse passar sobre as brasas, sua inocência, e a dela, seriam provadas. Mas ele provavelmente morreria.

Tal como Hrotrud, pensou Joana. A lembrança da morte medonha da parteira do seu vilarejo acendeu um clarão súbito de inspiração. Disse:

— Antes de prosseguirmos, há algumas perguntas que eu gostaria de fazer ao *magister militum*.

— Perguntas? — Lotário franziu o cenho.

— Isso é altamente irregular — protestou Anastácio. — Se o superista deseja se submeter ao ordálio, é direito dele. Ou será que Sua Santidade duvida da eficácia da justiça divina?

Joana respondeu serenamente:

— De modo algum. Nem tampouco menosprezo a eficácia da razão dada por Deus. Que mal pode haver em umas poucas perguntas?

Incapaz de dar uma resposta razoável, Anastácio deu de ombros e calou-se. Mas seu rosto registrou sua vexação.

A frente de Joana sulcou-se enquanto ela se concentrava em recordar as seis questões evidenciais de Cícero.

Quis.

— Quem — ela perguntou a Daniel — além de você, testemunhou essa suposta conversa?

— Ninguém — respondeu ele. — Mas o testemunho desses *sacramentales* garante a minha palavra.

Joana procedeu à pergunta seguinte.

Quomodo.

— Como veio a entre ouvir uma conversa tão privada?

Daniel hesitou apenas um momento antes de responder:

— Eu estava passando pelo salão a caminho do meu dormitório. Vendo a porta aberta, fui fechá-la. Foi quando escutei o superista falando.

Ubi.

— Onde se encontrava o superista na ocasião?

— Diante do trono.

— Mais ou menos onde se encontra agora?

— Sim.

Quando.

— Quando isso aconteceu?

Daniel puxou nervosamente o colarinho da sua túnica. As perguntas vinham tão rápido que ele não tinha tempo de inventar as respostas.

— Hããã... na Festa de Santa Ágata.

Quid.

— O que exatamente você escutou?

— Já o disse ao tribunal.

— Essas foram as palavras exatas do superista, ou uma versão aproximada da conversa?

Daniel sorriu afetadamente. Pensaria o papa que ele era estúpido a ponto de cair numa armadilha tão óbvia? Com firmeza respondeu:

— relatei as palavras do superista exatamente como ele as proferiu.

Joana inclinou-se para frente no trono.

— Deixe-me ver se o entendi corretamente, Daniel. De acordo com o seu testemunho, na Festa de Santa Ágata você estava do lado de fora do salão e escutou cada palavra de uma conversa na qual o superista me disse que Roma deveria fazer uma aliança com os gregos.

— Correto.

Joana voltou-se para Gerold.

— Onde você estava na Festa de Santa Ágata, superista? — ela perguntou.

Gerold respondeu:

— Eu estava em Tívoli, concluindo a obra do Aqueduto Marciano.

— Alguém pode dar testemunho disso?

— Dezenas de homens trabalharam ao meu lado o dia inteiro. Todos eles podem testemunhar o meu paradeiro naquele dia.

— Como explica isso, *magister militum*? — Joana perguntou a Daniel. — Pode um homem estar em dois lugares ao mesmo tempo?

Daniel estava agora visivelmente pálido —

Hãã... hãã... — balbuciava, em busca de uma resposta.

— Não poderá ter-se enganado quanto à data, *magister militum*? — sugeriu Anastácio. — Após tantos meses, um detalhe tão insignificante pode muito bem ser difícil de recordar.

Daniel aproveitou a chance oferecida:

— Sim, sim. Pensando bem, foi antes disso... na Festa de Santo Ambrósio, não de Santa Ágata. Eu me enganei.

— Onde há um engano, pode haver outros — observou Joana. — Voltemos ao seu testemunho. Você disse ter ouvido cada palavra dita enquanto estava atrás da porta?

— Sim — respondeu Daniel devagar, agora desconfiado.

— Você tem ouvidos aguçados, *magister militum*. Por favor, demonstre essa extraordinária acuidade para nós repetindo esse feito.

— O quê? — Daniel estava completamente perdido.

— Vá para trás da porta, como estava antes. O superista dirá algumas palavras. Depois volte e diga-nos o que ele falou.

— Que despautério é esse? — objetou Anastácio acaloradamente.

Lotário olhou para Joana com desaprovação.

— Santidade, o recurso a truques de menestrel menoscaba a gravidade deste processo.

— Majestade — respondeu Joana —, o que tenho em mente não é um truque, e sim um teste. Se Daniel estiver dizendo a verdade,

ele deverá ser capaz de escutar o superista tão bem agora quanto anteriormente.

— Meu senhor, eu protesto! — disse Anastácio. — Isso é totalmente contrário à jurisprudência habitual.

Lotário considerou a questão. Anastácio tinha razão: o recurso a provas para fundamentar ou refutar uma acusação era uma ideia estranha e nova.

Por outro lado, o imperador não tinha razão para crer que Daniel estivesse mentindo. Sem dúvida ele passaria no teste incomum proposto pelo papa, o que daria maior credibilidade ao seu testemunho. Demasiadas coisas dependiam do resultado daquele julgamento para que sua imparcialidade fosse mais tarde posta em dúvida.

Lotário acenou imperiosamente:

— Que se proceda ao teste.

Com relutância, Daniel cruzou toda a extensão do grande salão e colocou-se do outro lado da porta.

Joana pôs o dedo nos lábios, sinalizando a Gerold que não falasse.

— *Ratio in lege summa justitia est* — disse ela em voz alta e clara. — “A razão é a mais alta justiça na lei.” — Acenou com a cabeça para o guarda à porta: — Traga Daniel de volta.

— Pois bem — perguntou Joana quando ele surgiu diante dela outra vez. — O que você escutou?

Daniel arriscou a resposta mais provável:

— O superista repetiu seu protesto de inocência.

Os que haviam testemunhado a seu favor exclamaram em chocada consternação. Anastácio virou a cara, desapontado. O cenho perpetuamente carregado de Lotário ficou mais franzido ainda. Joana disse:

— Não foi isso que foi dito. E não foi o superista que falou, fui eu.

Encurralado, Daniel teve uma explosão de cólera:

— Que diferença faz se eu ouvi mesmo a conversa ou não? As suas ações já demonstraram suas verdadeiras simpatias! Não ordenou Vossa Santidade o grego Nicéforo bispo?

— Ah! — disse Joana. — Isso nos leva à última pergunta: *Cur*. Por que você relatou uma conversa falsa ao imperador? Você não

foi motivado pela verdade, Daniel, mas pela inveja, porque o seu filho foi preterido para a posição que Nicéforo recebeu!

“Vergonha!”, gritou uma voz da multidão, sendo rapidamente imitada por outras. “Traidor!” “Mentiroso!” “Trapaceiro!” Os próprios *sacramentales* de Daniel juntaram-se à torrente de injúrias, agora ansiosos por se dissociar dele.

Joana ergueu a mão, silenciando a assembleia. Todos aguardaram cheios de expectativa que ela proferisse a sentença contra o *magister militum*. Para um crime tão sério, a punição seria decerto bem grande: primeiro a língua que pronunciara uma mentira tão traiçoeira seria cortada, depois Daniel provavelmente seria arrastado e esquartejado.

Mas Joana não se sentia inclinada a ordenar uma punição tão atroz. Ela conseguira o que queria: inocentar Gerold. Não havia necessidade de tirar a vida de Daniel, que era um homenzinho desagradável, despeitado e cobiçoso, mas não pior nem mais perverso do que outros que ela conhecera. Além disso, Joana tinha certeza de que, naquele caso, ele não passara de um instrumento nas mãos de Anastácio.

— *Magister militum* Daniel — disse ela gravemente. — A partir deste instante você está privado do seu título, com todas as suas terras e privilégios. Você deixará Roma hoje e permanecerá banido para sempre da Cidade Santa e dos seus lugares sagrados.

A multidão ficou muda diante dessa espantosa demonstração de *caritas*. Eustácio, o arcepreste, aproveitou o momento:

— Louvado seja Deus e são Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, por cujo intermédio a verdade se manifestou! E viva o nosso senhor e supremo pontífice, papa João!

— Viva! Viva! — gritaram os outros, e o som ecoou pelas paredes do aposento, sacudindo as lâmpadas nos seus recipientes de prata.

— O que você esperava?

Arsênio andava pelo seu quarto agitado diante do filho, que estava sentado num dos divãs.

— O papa João pode ser ingênuo, mas não é burro! Você o subestimou.

— É verdade — reconheceu Anastácio. — Mas não importa. Estou de volta a Roma, com total apoio do imperador e suas tropas.

Arsênio parou de andar.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou abruptamente.

— Quero dizer, pai, que agora estou em posição de tomar o que não pudemos obter por meio de eleição.

Arsênio esbugalhou os olhos.

— Tomar o trono pela força das armas? *Agora?*

— Por que não?

— Você esteve ausente por muito tempo, meu filho. Não sabe como andam as coisas por aqui. É verdade que João fez inimigos, mas há muitos que o apoiam.

— O que o senhor sugere, então?

— Tenha paciência. Volte para a Francônia, ajuste as velas do seu navio e espere.

— Esperar o quê?

— Que os ventos da fortuna mudem.

— Quando isso acontecerá? Já esperei tempo demais para reivindicar o que é meu por direito!

— É perigoso precipitar-se. Lembre-se do que aconteceu a João, o Diácono.

João, o Diácono fora o candidato adversário na eleição que elevara Sérgio ao trono papal. Após a eleição, o desapontado João havia marchado contra o Patriárquio com um magote de criados armados e ocupado o trono à força. Mas os príncipes da cidade uniram-se contra ele, e em algumas horas o Patriárquio foi retomado e o usurpador deposto. No dia seguinte Sérgio foi cerimonialmente ordenado papa Sérgio II, e a cabeça de João ficou fincada numa estaca num pátio de Latrão.

— Isso não acontecerá comigo, pai — falou Anastácio confiante.

— Pensei nisso com muito cuidado. Deus sabe que tive tempo para pensar, enalhado todos estes anos naquela estrumeira de bárbaros.

Arsênio sentiu a ferroadada da reprimenda não-verbal do filho.

— O que você propõe exatamente?

— Quarta-feira é a Festa da Rogação; a missa estacional é em São Pedro. O papa conduzirá a procissão até a basílica.

Esperaremos até que ele esteja bem longe, e então tomaremos o Patriárquio de assalto. Tudo estará terminado antes que João sequer perceba o que está acontecendo.

— Lotário não mandará suas tropas atacarem o Patriárquio. Ele sabe que uma atitude dessas uniria toda Roma contra ele, inclusive os do seu próprio partido.

— Não precisaremos dos soldados de Lotário para tomar o Patriárquio; nossos próprios guardas darão conta disso. Assim que eu estiver claramente de posse do trono, Lotário virá dar-me seu apoio, disso tenho certeza.

— Talvez — refletiu Arsênio. — Mas tomar o palácio papal não será fácil. O superista é um combatente formidável, e ele possui a lealdade da guarda papal.

— A principal preocupação do superista é a segurança pessoal do papa. Com Lotário e seu exército na cidade, Gerold estará guardando a procissão, juntamente com seus melhores homens.

— Mas, e depois? Você sabe que Gerold virá atrás de você com todo o poder de que dispõe!

Anastácio sorriu.

— Não se preocupe com Gerold, pai. Tenho um plano para dar cabo dele.

Arsênio sacudiu a cabeça.

— É arriscado demais. Se você falhar, será a ruína da nossa família, o fim de tudo pelo que trabalhamos durante todos esses anos.

Ele está com medo, pensou Anastácio. Essa constatação causou-lhe discreta satisfação. A vida toda ele dependera da ajuda e dos conselhos do pai, e ao mesmo tempo se ressentira disso. Pela primeira vez, ele estava sendo mais forte. *Talvez*, refletiu Anastácio, olhando o pai com um misto de amor e pena, *talvez tenha sido esse mesmo medo, essa falha na vontade no momento crucial de provação, que o impediu de atingir a grandeza.*

Seu pai olhava para ele de um modo estranho. No fundo daqueles olhos familiares e bem-amados, agora desbotados pelos anos, Anastácio leu preocupação, mas também algo que nunca vira antes: respeito.

Ele pôs a mão no ombro do pai.

— Confie em mim, pai. Farei com que tenha orgulho de mim, eu prometo.

O Dia Santo da Rogação era uma festa fixa, invariavelmente celebrada a 25 de abril. Como tantas outras festas fixas — a Festa da Oblação, a Festa da Cadeira de São Pedro, as semanas das Quatro Têmporas, o Natal — suas origens remontavam aos tempos pagãos. Na Roma Antiga, 25 de abril era a data das rubigálias, festividade em honra de Rubigo, deus da geada, que nesta estação poderia causar grande estrago nos frutos em crescimento da terra se não fosse aplacado com dádivas e oferendas.

As rubigálias eram festas alegres, nas quais ocorria uma animada procissão através da cidade rumo aos trigais, onde animais eram reverentemente sacrificados, seguida por corridas, jogos e outros divertimentos nos campos. Ao invés de tentar suprimir essa tradição imemorial, o que apenas afastaria aqueles que se pretendia ganhar para a Verdadeira Fé, os primeiros papas sabiamente optaram por manter o festival, mas conferindo-lhe um caráter mais cristão. A procissão do Dia Santo da Rogação ainda se dirigia aos trigais, mas parava primeiro na Basílica de São Pedro, onde uma missa solene era celebrada e na qual se implorava a Deus, através da intercessão dos santos, a bênção Dele sobre as colheitas.

O clima cooperou com a ocasião. O céu estava azul como tecido recém-tinto, sem qualquer vestígio de nuvem; o sol derramava uma luz dourada sobre as árvores e as casas, e o seu calor era amenizado pelo frescor bem-vindo de uma brisa do norte.

Joana cavalgava no meio da procissão, atrás dos acólitos e defensores, que seguiam a pé, e dos sete diáconos regionais, que iam a cavalo. Atrás dela cavalgavam os optimates e outros dignitários do Palácio Apostólico. À medida que a comprida fila com suas insígnias e estandartes coloridos percorria o pátio do Latrão, passando pela estátua de bronze da *mater romanorum*, ela se moveu desconfortavelmente sobre seu palafrém branco; a sela devia estar mal colocada, pois suas costas já doíam com umas pontadas que iam e vinham a intervalos.

Gerold ia para trás e para frente com seus guardas ao longo das laterais da procissão. Agora ele se achegou a ela, alto e belo de tirar

o fôlego em seu uniforme.

— Você está bem? — perguntou com ansiedade. — Parece pálida.

Ela sorriu para Gerold, tirando energia da proximidade dele.

— Estou ótima.

A longa procissão enveredou pela Via Sacra, e Joana foi imediatamente saudada por uma tempestade de aclamações. Consciente da ameaça que a presença de Lotário e seu exército representavam, o povo havia comparecido em massa para demonstrar seu amor e apoio ao seu senhor papa. Multidões apinharam a estrada em concentrações de mais de seis metros de largura em cada lado, dando vivas e pedindo bênçãos, e os guardas eram obrigados a empurrá-las de volta para que a procissão pudesse atravessar. Se Lotário queria alguma prova da popularidade de Joana, ali a tinha.

Entoando cânticos e espalhando incenso, os acólitos desciam a antiga rua, percorrida por papas desde tempos imemoráveis. A marcha estava ainda mais lenta que o normal, pois havia muitos peticionários parados ao longo do itinerário e, como era o costume, a procissão parava frequentemente para que Joana pudesse ouvi-los. Em uma das paradas, uma velha de cabelo grisalho e face cicatrizada jogou-se ao chão diante de Joana.

— Perdoe-me, Santo Padre — suplicou a mulher —, perdoe-me pelo mal que lhe fiz!

— Levante-se, mãezinha, e fique em paz — disse-lhe Joana. — A senhora não me fez mal algum que eu saiba.

— Terei mudado tanto que não me reconhece?

Algo na face devastada, erguida de modo suplicante para ela, despertou uma lembrança adormecida.

— Marózia! — exclamou Joana. A famosa cortesã havia envelhecido trinta anos desde que Joana a vira pela última vez. — Meu Deus, o que aconteceu com você?

Pesarosamente, Marózia ergueu a mão para o seu rosto cicatrizado.

— Marcas de faca. Presente de despedida de um amante ciumento.

— *Deus misereatur!*

Marózia falou amargamente:

— “Não submeta a sua sorte aos favores dos homens”, Vossa Santidade me disse uma vez. Pois tinha razão. O amor dos homens acabou causando a minha ruína. É o meu castigo, o castigo de Deus pela peça maligna que preguei em Vossa Santidade. Perdoe-me, Santo Padre, ou estarei condenada para sempre!

Joana fez o sinal da cruz sobre ela.

— Eu a perdoo de boa vontade, de todo o meu coração.

Marózia agarrou a mão de Joana e beijou-a. As pessoas que estavam próximas aprovaram ruidosamente.

A procissão seguiu em frente. Enquanto passavam pela Igreja de São Clemente, Joana escutou uma súbita comoção à esquerda. Um grupo de canalhas atrás da multidão zombava e atirava pedras no cortejo. Uma delas atingiu o cavalo dela no pescoço e este empinou impetuosamente, fazendo Joana bater contra a sela. Uma dor aguda a trespassou. Atordoada e sem fôlego, ela se agarrou às rédeas douradas, enquanto os diáconos acorriam para ampará-la.

Gerold entreviu o grupo de arruaceiros antes dos demais. Virou seu cavalo e cavalgou na direção deles antes mesmo que a primeira saraivada de pedras saísse das suas mãos.

Vendo que ele se aproximava, os desordeiros saíram correndo. Gerold esporeou o cavalo e partiu atrás deles. Diante dos degraus de São Clemente, os homens de repente se viraram, sacaram armas escondidas nas pregas das roupas e arremeteram contra ele.

Gerold desembainhou sua espada, fazendo sinal freneticamente para que os guardas o seguissem. Mas não houve sinal em resposta, nem som de cascos atrás dele. Estava sozinho quando os homens o rodearam como um enxame ameaçador. Gerold brandiu sua espada com econômica habilidade, fazendo cada golpe valer; feriu quatro de seus atacantes, levando uma única facada na coxa antes que o arrastassem de seu cavalo. Ele se deixou cair, fingindo insensibilidade, mas segurando firmemente o punho da espada.

Mal chegou ao chão, ergueu-se de um salto, a espada em riste. Com um grito de surpresa, o atacante mais próximo investiu contra ele de espada desembainhada; Gerold moveu-se para o lado, driblando-o, e quando o homem cambaleou, Gerold desfechou-lhe

uma espadada no braço. O homem caiu, seu braço quase decepado espirrando sangue. Vários outros vinham na direção dele, mas agora Gerold ouviu os gritos da sua guarda aproximando-se por trás. Mais um instante e o socorro chegaria. Mantendo a espada na frente dele, o superista recuou, com um olhar atento sobre os que o emboscavam.

O punhal atingiu-o por trás, introduzindo-se entre suas costelas furtiva e silenciosamente, como um ladrão num santuário. Antes que ele tivesse consciência do que havia acontecido, seus joelhos vergaram-se e ele dobrou-se suavemente sobre o chão, admirado por não sentir dor alguma, apenas o sangue morno escorrendo pelas suas costas.

Acima dele escutou novos sons de gritos e entrecostar de metal. Os guardas haviam chegado e repeliam os atacantes. *Preciso juntar-me a eles*, pensou Gerold, e tentou alcançar sua espada caída ao lado dele, mas não conseguiu sequer mexer a mão.

Recuperando o fôlego, Joana ergueu o olhar e viu Gerold partir em perseguição aos atiradores de pedras. Viu também que os outros guardas tentaram segui-lo, mas foram detidos por um grupo de homens entre a multidão naquele lado da rua; o grupo cerrou fileiras, bloqueando-lhes o caminho como se obedecesse a um sinal invisível.

É uma cilada! percebeu Joana. Freneticamente ela gritou em advertência, mas suas palavras foram abafadas pelo barulho da multidão confusa. Ela esporeou seu cavalo para ir até Gerold, mas os diáconos seguravam firmemente as rédeas.

— Deixem-me ir, deixem-me! — ela gritou, mas eles continuavam a detê-la, não confiando no cavalo.

Impotente, Joana viu os bandidos cercarem Gerold, viu as mãos deles estendidas para agarrá-lo, puxando-lhe o cinto, a túnica, os braços, arrastando-o de seu cavalo. Vislumbrou um último lampejo de cabelo ruivo quando ele sumiu sob o redemoinho da multidão.

Ela apeou-se do cavalo e correu, abrindo caminho aos empurrões entre o grupo de acólitos inquietos e assustados. Quando conseguiu chegar do outro lado da rua, a multidão já se

afastava, abrindo alas para os guardas, que vinham na direção dela carregando o corpo inerte de Gerold.

Depuseram-no sobre o chão, e ela se ajoelhou do lado dele. Sangue escorria de um canto da boca dele num filete espumoso. Rapidamente ela removeu o longo retângulo do pálio ao redor do seu pescoço, fez um chumaço com ele e comprimiu-o contra o ferimento nas costas de Gerold, tentando estancar o sangramento. Foi inútil: em poucos instantes o grosso tecido estava todo encharcado.

Os olhos deles fundiram-se num olhar profundamente íntimo, de amor e doloroso entendimento. O medo oprimiu Joana, um medo como ela nunca sentira na vida.

— Não! — gritou, agarrando-o em seus braços, como se a mera proximidade física pudesse protelar o inevitável. — Não morra, Gerold! Não me deixe sozinha aqui!

A mão dele tateou o ar. Ela a tomou na sua, e os lábios dele formaram um sorriso.

— Minha pérola — disse ele, a voz muito débil, como se falasse de muito longe.

— Aguarde, Gerold, aguarde firme — dizia ela, tensa. — Vamos levá-lo de volta para o Patriárquio; vamos...

Ela soube que ele havia partido mesmo antes de ouvi-lo dar o último suspiro, e sentiu o corpo dele pesar nos seus braços. Joana se debruçou sobre ele, acariciando o seu cabelo, o seu rosto. Ele estava inerte e sereno, os lábios entreabertos, os olhos cegos fixos no firmamento.

Era impossível que ele tivesse partido. Mesmo agora seu espírito poderia estar se afastando dela numa sucessão de imagens num espelho. Ela poderia vê-lo de novo se tentasse. Ela ergueu a cabeça e olhou ao seu redor. Se ele estivesse por perto, haveria um sinal. Onde quer que estivesse, ele a avisaria.

Ela nada viu, nada presenciou. Nos seus braços jazia um cadáver com o rosto dele.

— Ele foi ao encontro de Deus — falou Desidério, o arqui-diácono.

Joana não se mexeu. Enquanto ela o tivesse nos braços, ele não partiria completamente, parte dele ainda estaria com ela.

Desidério tomou-lhe o braço.

— Vamos carregá-lo para a igreja.

Atordoada, ela ouviu e entendeu. Ele não podia ficar deitado no meio da rua, à mercê de olhares curiosos. Ela precisava que ele fosse honrado com os ritos e distinções apropriados; era tudo que lhe restava fazer por ele agora.

Ela o depôs gentilmente para não machucá-lo, depois fechou seus olhos fixos e cruzou-lhe os braços sobre o peito, para que os guardas pudessem carregá-lo com dignidade.

Ao se reerguer, foi acometida por uma dor tão violenta que a fez dobrar-se, e ela caiu por terra, arquejando. Seu corpo começou a se contorcer em tremendos espasmos que não podia controlar. Sentiu uma enorme pressão, como se um peso tivesse sido largado sobre ela; a pressão transferiu-se para baixo até ela sentir que a partiria em duas.

A criança. Está chegando.

— Gerold! — O chamado convulsivo tornou-se um grito terrível de dor.

Gerold não podia ajudá-la agora. Ela estava sozinha.

— *Deus misereatur!* — exclamou Desidério. — O Santo Padre está possuído pelo demônio!

As pessoas gritavam e choravam, num paroxismo de terror.

Auriano, o exorcista-mor, veio correndo. Espargindo Joana com água benta, recitou solenemente:

— *Exorcizo te, immundissime spiritus, omnis incursio adversarii, omne phantasma...*

Todos os olhos estavam fixos em Joana, na expectativa de que o espírito maligno saísse dela pela boca ou pelo ouvido.

Ela gritou enquanto, com uma última e excruciante dor, a pressão dentro dela subitamente cedia, jorrando para fora numa grande efusão vermelha.

A voz de Auriano interrompeu-se abruptamente, seguida de um longo silêncio horrorizado.

Por baixo da orla das volumosas vestes brancas de Joana, agora tintas com o seu sangue, despontou o corpinho azul de um bebê prematuro.

Desidério foi o primeiro a reagir:

— Um milagre! — gritou, caindo de joelhos.

— Bruxaria! — gritou outrem. Todos se persignaram.

O povo empurrava-se para ver o que acontecera, acotovelando-se e pisoteando-se na ânsia de enxergar melhor.

— Afastem-se! — gritavam os diáconos brandindo seus crucifixos como se fossem porretes, a fim de conter a turba desgovernada. Lutas irromperam ao longo da comprida linha da procissão. Os guardas avançaram, rudemente berrando ordens.

Joana ouvia tudo isso como se à distância. Prostrada na rua sobre uma poça do seu próprio sangue, foi subitamente inundada por uma sensação transcendental de paz. A rua, as pessoas, os estandartes coloridos da procissão, fulguravam em sua mente com um brilho estranho, como fios numa enorme tapeçaria cujo modelo ela só agora discernisse.

Seu espírito expandiu-se dentro dela, preenchendo o vazio interno. Estava banhada numa luz profusa. Fé e dúvida, vontade e desejo, coração e cabeça — finalmente ela viu e compreendeu que tudo era um, e esse Um era Deus.

A luz ficou mais intensa. Sorrindo, ela foi em sua direção, enquanto os sons e cores do mundo turvavam-se até a invisibilidade, como a lua à chegada da aurora.



EPÍLOGO

Quarenta e dois anos depois

Anastácio estava sentado à sua escrivaninha no *scriptorium* do Latrão, redigindo uma carta. Suas mãos, enrijecidas e artríticas pela idade, doíam a cada traço da pena. Apesar da dor, ele continuou escrevendo. A carta era muito urgente e precisava ser despachada de imediato.

“À Sua Majestade Imperial, o Venerabilíssimo Imperador Arnulfo”, ele garatujou.

Lotário estava morto havia muito tempo, tendo falecido poucos meses após partir de Roma. Seu trono fora ocupado primeiro por seu filho Luís II, e depois da morte deste, pelo sobrinho de Lotário, Carlos, o Gordo, ambos governantes fracos e medíocres. Com a morte de Carlos, o Gordo, em 888, a linhagem carolíngia iniciada pelo grande Karolo — ou Carlos Magno, como ele era agora universalmente conhecido — chegara ao fim. Arnulfo, duque de Caríntia, havia conseguido sobrepujar uma hoste de pretendentes ao trono imperial. De modo geral, Anastácio aprovou a mudança na sucessão. Arnulfo era mais esperto que Lotário, e também mais forte. Anastácio estava contando com isso, pois algo precisava ser feito com relação ao papa Estêvão VI.

No mês anterior, para escândalo e horror de toda Roma, Estêvão havia ordenado que o corpo de seu predecessor, o papa Formoso, fosse exumado de sua sepultura e trazido ao Patriárquio. Acomodando o cadáver numa cadeira, Estêvão presidiu a um arremedo de julgamento, amontoou calúnias sobre ele e terminou amputando-lhe os três dedos da mão direita, aqueles usados para

ministrar a bênção papal, como punição pelos crimes “confessos” de Formoso.

“Apelo a Vossa Majestade”, Anastácio escreveu, “para que venha a Roma e ponha um fim nos excessos do papa, que são o escândalo de toda a Cristandade.”

Uma súbita câimbra na mão de Anastácio sacudiu a pena, espalhando gotículas de tinta sobre o pergaminho limpo. Praguejando, Anastácio secou a tinta derramada com mata-borrão, depois descansou a pena e esticou os dedos, esfregando-os para aliviar a dor.

Quão estranho, ele refletiu com ironia amarga, que um homem como Estêvão consiga ser elevado ao Papado, enquanto eu, tão perfeitamente adequado para o ofício em virtude de todas as qualificações de nascimento e erudição, não o tenha conseguido.

Ele havia chegado perto, muito perto de conquistar o prêmio tão cobiçado. Depois da escandalosa revelação e morte da mulher papa, Anastácio havia ocupado o Patriárquio, reivindicando a coroa papal para si, com a bênção do imperador Lotário.

Quanta coisa não teria realizado se tivesse permanecido no trono! Mas não era para ser. Um pequeno mas influente grupo de clérigos havia se oposto a ele de modo inflexível. Por diversos meses, a questão da sucessão papal foi acaloradamente debatida, com um lado prevalecendo primeiro, depois outro. No final, convencido de que uma facção substancial de romanos nunca aceitaria Anastácio como papa, Lotário optou pelo menor dos males e retirou o seu apoio. Anastácio foi deposto e mandado com ignomínia para o monastério do Trastevere.

Todos pensaram que eu estava acabado, Anastácio pensou, mas eles me subestimaram.

Com paciência, habilidade e diplomacia, ele lutou para voltar, e eventualmente ganhou a confiança do papa Nicolau. Nicolau o elevou ao cargo de bibliotecário papal, uma posição de poder e privilégio que ele exerceu por mais de trinta anos.

Tendo chegado à extraordinária idade de oitenta e sete anos, Anastácio era agora reverenciado, respeitado e universalmente louvado por sua grande erudição. Estudiosos e clérigos do mundo inteiro vinham a Roma para conhecê-lo e admirar sua obra-prima, o

Liber pontificalis, crônica oficial dos papas. Ainda no mês anterior um arcebispo franco de nome Arnaldo havia pedido permissão para fazer uma cópia do manuscrito para a sua catedral, e Anastácio graciosamente a concedeu.

O *Liber pontificalis* era o lance de Anastácio para a imortalidade, seu legado para o mundo. Era também sua vingança final contra sua detestada rival, a mulher cuja eleição naquele dia funesto de 853 o privara da glória para a qual ele estava destinado. Anastácio havia obliterado a papisa Joana do registro oficial dos papas; o *Liber pontificalis* nem sequer mencionava o nome dela.

Não era o que ele havia desejado mais intensamente, mas era alguma coisa. A fama de Anastácio, o Bibliotecário, e da sua grande obra, reverberaria pelos séculos vindouros, ao passo que a da papisa Joana seria perdida e apagada, consignada para sempre ao esquecimento.

A câimbra na mão havia passado. Apanhando a pena, Anastácio recomeçou a escrever.

No *scriptorium* do Palácio Episcopal de Paris, o arcebispo Arnaldo trabalhava sobre a última página da sua cópia do *Liber pontificalis*. A luz do sol jorrava por uma estreita janela, iluminando um trecho de poeira flutuante. Arnaldo fez o floreado final na página, leu-a, e pousou a pena, cansado.

Fora um trabalho longo e difícil, copiar o manuscrito inteiro do *Livro dos Papas*. Os escribas palacianos haviam ficado surpresos quando o arcebispo resolvera desempenhar a tarefa pessoalmente, em vez de confiá-la a um deles, mas Arnaldo tinha seus motivos para fazer isso. Ele não havia simplesmente duplicado o famoso manuscrito; ele o havia corrigido. Entre as crônicas das vidas do papa Leão e do papa Bento, havia agora um apontamento sobre a papisa Joana, devolvendo ao seu pontificado o seu lugar de direito na História.

Ele tinha feito isso movido por um sentimento de lealdade tanto quanto por um desejo de que a verdade fosse contada. Assim como Joana, o arcebispo não era o que parecia. Pois Arnaldo, nascida Arnalda, era na verdade a filha do administrador franco Arn e de sua esposa Bona, com quem Joana havia morado após fugir de Fulda.

Arnalda era então apenas uma garotinha, mas nunca havia esquecido Joana — os olhos gentis e inteligentes que a observavam com tanta atenção; o entusiasmo das lições diárias que faziam juntas; a alegria compartilhada do sucesso quando Arnalda começara a ler e escrever.

Ela devia muito a Joana, pois esta havia resgatado a família de Arnalda da miséria e do desespero, arrancando-a do abismo negro da ignorância para colocá-la no caminho iluminado do conhecimento, assim tornando possível que Arnalda atingisse a elevada posição em que agora se encontrava. Inspirada pelo exemplo de Joana, Arnalda também havia optado, à aproximação da idade adulta, por se disfarçar de homem a fim de realizar as suas ambições.

Quantas de nós existirão? perguntou-se Arnalda, não pela primeira vez. Quantas outras mulheres haviam ousado dar o grande salto, abandonando suas identidades femininas, abrindo mão de vidas repletas de crianças e família, a fim de obter acesso àquilo que, de outra forma, seria proibido para elas? Quem poderia saber? Talvez Arnalda, sem se dar conta, já tivesse cruzado, na catedral ou no claustro, com outra dessas “crianças trocadas”, irmãs compartilhando o mesmo disfarce.

A ideia a fez sorrir. Enfiando a mão por dentro de seus trajes arquiiepiscopais, ela agarrou o medalhão de madeira de santa Catarina que pendia do seu pescoço. Ela o havia usado sempre, desde o dia em que o recebera de Joana, havia mais de cinquenta anos.

No dia seguinte, ela faria encadernar o manuscrito em excelente couro com gravações em ouro, e o colocaria nos arquivos da biblioteca da catedral. Em algum lugar, pelo menos, permaneceria um registro de Joana, a papisa, que mesmo tendo sido mulher, foi um bom e fiel Vigário de Cristo.

Algun dia, sua história seria encontrada e contada de novo.

A dívida está paga, pensou Arnalda. Requiesce in pace, Johanna Papissa.



NOTA DA AUTORA

A Papisa Joana Existiu?

Partout où vous voyez une légende, vous pouvez être sûr, en allant au fond des choses, que vous trouverez une histoire.

“Onde quer que vejais uma lenda, podeis ter certeza, se a investigardes a fundo, que encontrareis uma história.”

Vallet de Viriville

A papisa Joana é um dos personagens mais fascinantes e extraordinários da história ocidental... e um dos menos conhecidos. A maioria das pessoas nunca ouviu falar dela, e os que ouviram a consideram uma lenda.

Contudo, por centenas de anos, até meados do século XVII, o papado de Joana era universalmente conhecido e aceito como verdadeiro. No século XVII, a Igreja Católica, sob crescente ataque do protestantismo incipiente, deu início a um esforço orquestrado para destruir os embaraçosos registros históricos sobre Joana. Centenas de manuscritos e livros foram confiscados pelo Vaticano. O desaparecimento quase absoluto de Joana na consciência moderna atesta a eficácia de tais medidas.

Hoje a Igreja Católica oferece dois argumentos fundamentais contra o papado de Joana: a ausência de qualquer alusão a ela em documentos da sua época, e a falta de um período de tempo suficiente para que o reinado dela pudesse ter ocorrido entre o de seu predecessor, são Leão IV, e o do seu sucessor, Bento III.

Esses argumentos não são, entretanto, conclusivos. Não é de surpreender que Joana não apareça em registros de sua época,

considerando o tempo e a energia empregados pela Igreja, segundo ela própria admitiu, no sentido de se livrar deles. O fato de ela ter vivido no século IX, o mais trevoso da Idade das Trevas, teria facilitado a tarefa de obliterar o seu reinado. O século IX foi uma época de analfabetismo generalizado, notável pela extraordinária escassez de registros. Hoje em dia, pesquisas sobre o período precisam fiar-se em documentos esparsos, incompletos, contraditórios e pouco confiáveis. Não dispomos de atas de tribunais, levantamentos topográficos, registros de contabilidade agrícola, nem diários pessoais. Exceto por uma história questionável, o *Liber pontificalis* (que os estudiosos consideram um documento propagandístico), não existe nenhum registro contínuo dos papas do século IX — quem eles eram, quando reinaram, o que fizeram. Exceto pelo *Liber pontificalis*, praticamente não existe menção alguma ao sucessor de Joana, o papa Bento III, e *ele* não foi alvo de uma campanha de acobertamento.

Ainda existe uma cópia antiga do *Liber pontificalis* com um registro do papado de Joana. O apontamento é uma óbvia interpolação posterior, inserida de mau jeito no corpo principal do texto. No entanto, isso não torna o registro necessariamente falso; um analista subsequente, convencido pelo testemunho de cronistas politicamente menos suspeitos, pode ter se sentido moralmente obrigado a corrigir o registro oficial. Blondel, o historiador protestante que examinou o texto em 1647, concluiu que o apontamento sobre Joana fora escrito no século XIV. Ele baseou sua opinião em variações de estilo e caligrafia — uma avaliação subjetiva, quando muito. Questões importantes sobre esse documento permanecem. Quando foi escrito o trecho em discussão? E por quem? Um novo exame desse texto utilizando recursos modernos de datação — coisa que nunca se tentou fazer — talvez fornecesse respostas interessantes.

A ausência de Joana dos registros eclesiásticos contemporâneos já era de se esperar. Os clérigos romanos da época, estarecidos pela enorme impostura que lhes havia sido infligida, teriam ido a extremos para sepultar quaisquer registros escritos sobre o episódio embaraçoso. Na verdade, teriam achado que era seu dever fazê-lo. Hincmar, contemporâneo de Joana, frequentemente suprimia

informação prejudicial à Igreja em suas cartas e crônicas. Nem mesmo o grande teólogo Alcuíno ficou isento de falsear a verdade: numa de suas cartas ele admite ter destruído um relato sobre o adultério e a simonia do papa Leão III.

Os contemporâneos de Joana são, portanto, altamente suspeitos. Isso é particularmente verdadeiro em se tratando dos prelados romanos, que tinham fortes razões pessoais para suprimir a verdade. Nas raras ocasiões em que um papado era declarado inválido — como o de Joana teria sido, uma vez descoberta sua identidade feminina — todas as nomeações feitas pelo papa deposto tornavam-se nulas. Todos os cardeais, bispos, diáconos e sacerdotes ordenados por aquele papa eram despojados de seus títulos e posições. Não surpreende, portanto, que os registros mantidos ou copiados por esses mesmos homens não fizessem referência alguma a Joana.

Basta olharmos para os exemplos recentes da Nicarágua e de El Salvador para percebermos como um esforço governamental determinado e bem coordenado pode fazer com que provas embaraçosas “desapareçam”. Somente após o distanciamento propiciado pelo tempo é que a verdade, mantida viva pela inapagável memória popular, gradualmente começa a emergir. De fato, não há escassez de documentação sobre o papado de Joana em séculos posteriores. Frederick Spanheim, o letrado historiador alemão que realizou um estudo minucioso sobre o assunto, cita não menos de *quinhentos* manuscritos antigos contendo relatos do papado de Joana, incluindo os de autores aclamados, como Petrarca e Boccaccio.

Hoje, a posição da Igreja a respeito de Joana é que ela foi uma invenção dos reformadores protestantes, ansiosos por expor a corrupção papista. Porém, a história de Joana apareceu pela primeira vez centenas de anos antes de Martinho Lutero nascer. Os cronistas da papisa eram, em sua maioria, católicos, frequentemente ocupando cargos elevados na hierarquia eclesiástica. A história de Joana foi aceita como verdadeira até nas histórias oficiais dedicadas a papas. A estátua dela ladeava as dos outros pontífices na Catedral de Siena até 1601, quando, por ordem do papa Clemente VIII, ela subitamente se metamorfoseou num

busto do papa Zacarias. Em 1276, após ter ordenado uma investigação minuciosa nos registros papais, o papa João XX mudou seu nome pontifício para João XXI, reconhecendo oficialmente o reinado de Joana como papa João VIII. A história de Joana foi incluída no guia oficial eclesiástico para Roma usado pelos peregrinos por mais de trezentos anos.

Outra impressionante evidência histórica pode ser encontrada no bem documentado julgamento de João Hus, em 1413, por heresia. Hus foi condenado por pregar a doutrina herética de que o papa é falível. Em sua defesa, Hus citou, durante o julgamento, vários exemplos de papas que haviam pecado e cometido crimes contra a Igreja. Seus juízes, todos clérigos, responderam detalhadamente às acusações dele, negando-as e classificando-as como blasfêmias. Apenas uma das afirmações de Hus não foi refutada: “Muitos vezes caíram os papas no pecado e no erro, quando, por exemplo, Joana foi eleita papa, sendo uma mulher”. Nenhum dos vinte e oito cardeais, quatro patriarcas, trinta arcebispos, duzentos e seis bispos, e quatrocentos e quatro teólogos presentes, acusou Hus de mentira ou blasfêmia por essa asserção.

Quanto ao segundo argumento da Igreja contra Joana, de que não houve entre os papados de são Leão IV e Bento III tempo suficiente para que ela tivesse reinado, esse também é questionável. O *Liber pontificalis* é notoriamente impreciso com relação às datas de ascensões e óbitos papais; sabe-se que muitas são pura invenção. Dada a forte motivação de algum cronista dessa época de ocultar o papado de Joana, não seria surpreendente se a data da morte de Leão tivesse sido alterada de 853 para 855 — cobrindo o alegado reinado de dois anos da papisa — para fazer parecer que o papa Leão foi imediatamente sucedido pelo papa Bento III^{17*}.

A História fornece muitos outros exemplos de semelhantes falsificações deliberadas de registros. Os bourbonistas dataram o reinado de Luís XVIII a partir do dia da morte de seu irmão, e simplesmente omitiram o reinado de Napoleão. Eles não puderam, no entanto, erradicar Napoleão dos registros históricos porque o reinado dele foi fartamente documentado em inúmeras crônicas, diários, cartas e outros documentos. No século IX, por outro lado, a

tarefa de obliterar Joana dos registros históricos teria sido incomparavelmente mais fácil.

Há também provas circunstanciais difíceis de explicar se nunca existiu uma papisa. Um exemplo é o chamado exame da cadeira, parte da cerimônia medieval de consagração papal durante quase seiscentos anos. Cada papa recém-eleito depois de Joana sentava-se na *sella stercoraria* (literalmente “assento do esterco”), esburacada no meio como uma privada, onde seus órgãos genitais eram examinados para se provar a sua masculinidade. Em seguida o examinador (normalmente um diácono) solenemente informava o povo reunido de que “*Mas nobis nominus est*”, “Nosso nomeado é um homem”. Só então eram entregues ao papa as Chaves de São Pedro. Esta cerimônia durou até o século XVI. Até mesmo Alexandre VI foi obrigado a se submeter à prova, embora à época de sua eleição sua esposa já lhe tivesse dado quatro filhos, que ele reconhecia com orgulho!

A Igreja Católica não nega a existência dessa cadeira furada, pois ela se encontra em Roma até hoje. Ninguém tampouco nega que ela foi usada por séculos na cerimônia de consagração papal. Mas muitos alegam que a cadeira era usada apenas por causa de sua aparência bela e imponente; o fato de ter um buraco no meio, dizem eles, é totalmente irrelevante. O nome *sella stercoraria* seria supostamente derivado das palavras dirigidas ao papa enquanto ele está sentado na cadeira: “*Suscitans de pulvere egenem, et de stercore erigens pauperem ut sedeat cum principibus...*”, “[Deus] ergue os necessitados do pó e os pobres do esterco para sentar-se com príncipes...”

Esse argumento parece duvidoso. É óbvio que a cadeira alguma vez serviu como privada, ou possivelmente como uma cadeira obstetrícia (ver imagem da página 491). Será provável que um objeto com associações tão grosseiras fosse usado como trono papal sem uma boa razão? E se o exame da cadeira é pura ficção, como se explicam as inúmeras pilhérias e cantigas em alusão a ele, tão conhecidas do populacho romano durante séculos? É verdade que eram épocas de ignorância e superstição, mas a Roma medieval era uma comunidade pequena: o povo vivia a poucos metros do palácio papal; muitos de seus pais, irmãos, filhos e

primos eram prelados que participavam das consagrações papais e que teriam sabido a verdade sobre a *sella stercoraria*. Existe até um testemunho ocular do exame da cadeira. Em 1404, o galês Adam de Usk viajou a Roma e lá permaneceu por dois anos, registrando suas observações em sua crônica. Sua descrição detalhada da coroação do papa Inocêncio VII inclui o exame da cadeira.

Outra prova circunstancial interessante é a “rua evitada”. O Patriárquio, residência papal e catedral episcopal (hoje São João de Latrão), está localizado em Roma do lado oposto à Basílica de São Pedro, portanto, as procissões papais frequentemente faziam o percurso de um local para o outro. Uma rápida consulta a qualquer mapa de Roma mostrará que a Via Sacra (hoje a Via S. Giovanni) é de longe o caminho mais curto e mais direto entre essas duas localidades — e, de fato, foi usado durante séculos (daí o nome de Via Sacra). Essa é a rua em que Joana teria supostamente dado à luz o seu filho natimorto. Pouco depois, as procissões papais deliberadamente começaram a se desviar da Via Sacra, “por abominação àquele acontecimento”.

A Igreja assevera que o desvio era feito simplesmente porque a rua era estreita demais para as procissões passarem, até o século XVI, quando foi alargada pelo papa Sisto V. Mas está claro que essa explicação não é verdadeira. Em 1486, João Buckardt, bispo de Horta e mestre-de-cerimônias papal sob cinco papas — posição que lhe permitia conhecer intimamente a corte papal — descreveu em seu diário o que aconteceu quando uma procissão papal quebrou o costume e percorreu a Via Sacra:

Tanto na ida quanto na volta, [o papa] passou pelo Coliseu e por aquela rua reta onde [...] João Ânglico deu à luz uma criança [...] Por essa razão [...] os papas, em suas cavalgadas, nunca passam por essa rua; o papa foi destarte censurado pelo arcebispo de Florença, pelo bispo de Massano, e por Hugo de Bencii, o subdiácono apostólico [...]

Cem anos antes que a rua fosse alargada, essa procissão papal percorreu a Via Sacra sem dificuldade alguma. O relato de

Burckardt também deixa claro que o papado de Joana era reconhecido à época pelos mais altos dignitários da corte papal.

Dada a obscuridade e confusão da época, é impossível determinar com absoluta certeza se Joana existiu ou não. O que realmente aconteceu em 855 talvez nunca seja totalmente conhecido. Foi por isso que optei por escrever um romance e não um estudo histórico. Embora baseado nos fatos sobre a vida de Joana como foram relatados, o livro é uma obra de ficção. Pouco se sabe sobre o início da vida de Joana, exceto que ela nasceu em Ingelheim de um pai inglês e que foi monge no monastério de Fulda. Tive, necessariamente, que preencher algumas lacunas na sua história.

Entretanto, os principais acontecimentos da vida adulta de Joana, conforme descritos em *Papisa Joana*, são todos exatos. A Batalha de Fontenoy ocorreu, tal como descrita aqui, em 25 de junho de 841. Os sarracenos realmente saquearam São Pedro no ano 847 e foram mais tarde derrotados em 849; houve um incêndio no Burgo em 848 e uma enchente do Tibre em 854. A intinção ganhou popularidade como método regular de comunhão na Francônia durante o século IX. Anastácio foi de fato excomungado pelo papa Leão IV; mais tarde, após ser restaurado como bibliotecário papal pelo papa Nicolau, foi-lhe atribuída a autoria das vidas contemporâneas no *Liber pontificalis*. Os assassinatos de Teodoro e Leão no palácio papal realmente ocorreram, assim como o julgamento que opôs o *magister militum* Daniel ao superista papal. A gula e a gota do papa Sérgio II constam nos registros históricos, e também a sua reconstrução do Orfanotrófio. Anastácio, Arsênio, Gottschalk, Rabano Mauro, Lotário, Bento, e, naturalmente, os papas Gregório, Sérgio e Leão, são todos personagens históricos reais. Os detalhes da ambientação do século IX foram meticulosamente pesquisados: as informações sobre vestuário, comida e tratamento médico são precisas.

Fiz alguns ajustes para poder contar uma boa história. Eu precisava de um ataque viquingue a Dorstadt no ano 828, embora ele só tenha de fato ocorrido em 834. Da mesma forma, fiz o imperador Lotário descer a Roma duas vezes para punir o papa, embora na verdade ele tenha enviado seu filho Luís, rei da Itália,

para fazer o serviço da primeira vez. Os corpos de são Marcelino e são Pedro foram roubados de suas sepulturas em 827, não em 855; o antipapa João, predecessor de Sérgio, não foi executado após sua deposição, mas apenas aprisionado e depois banido. Anastácio morreu em 878, não em 897. Esses erros propositais são, espero, exceções; de um modo geral, tentei ser historicamente exata.

Algumas coisas descritas em *Papisa Joana* podem parecer chocantes do nosso ponto de vista, mas não o eram para as pessoas daqueles tempos. O colapso do Império Romano e a consequente derrocada da lei e da ordem levaram a uma era de barbarismo e violência sem precedentes. Como um cronista contemporâneo lamentou, foi “uma era de espada, uma era de vento, uma era de lobo”. A população da Europa foi quase reduzida à metade por uma desastrosa série de fomes, pragas, guerras civis e invasões bárbaras. A expectativa média de vida era muito curta: menos de um quarto da população chegava aos cinquenta anos. Não havia mais cidades de verdade; os povoados maiores tinham não mais que dois ou três mil habitantes. As estradas romanas haviam ficado arruinadas, e as pontes de que dependiam desapareceram.

A ordem sócioeconômica que hoje chamamos de feudalismo ainda não tinha começado. A Europa ainda era um único país; a Alemanha não existia como nação autônoma, nem a França, nem a Espanha, nem a Itália. As línguas românicas ou neolatinas ainda não tinham se desenvolvido a partir de sua língua-mãe, o latim; não existiam os idiomas francês, espanhol nem italiano, apenas uma variedade de formas de latim degenerado e uma horda de dialetos locais. O século IX marcou, em suma, a transição da sociedade de uma forma de civilização, morta havia muito, para outra que ainda não tinha nascido, com toda a efervescência e agitação que isso implicava. A vida nesses tempos conturbados era particularmente difícil para as mulheres. Era uma época misógina, forjada pelas diatribes do apóstolo Paulo e de Padres Apostólicos como Tertuliano contra o sexo feminino:

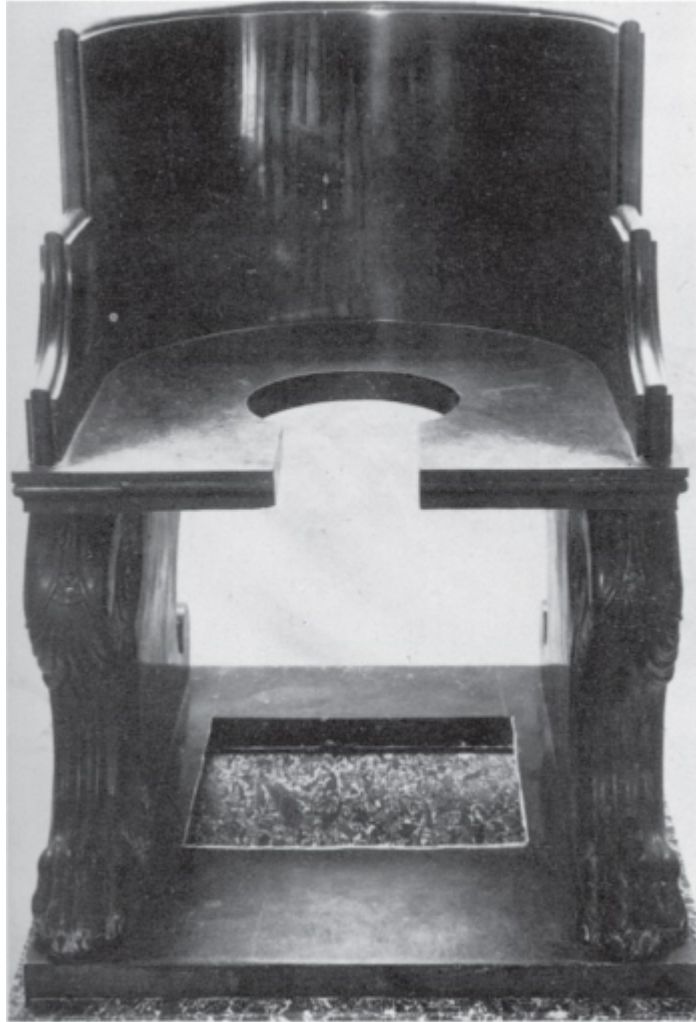
E vocês não sabem que são Eva? [...] Vocês são o portão do diabo, o traidor da árvore, a primeira desertora da Lei Divina;

vocês são aquela que instigou aquele a quem o diabo não ousou abordar [...] por causa da morte que vocês merecem, até o Filho de Deus teve de morrer.

Acreditava-se que o sangue menstrual azedava o vinho, arruinava as colheitas, tirava o fio das lâminas, enferrujava os metais, e infectava as mordidas dos cães com um veneno incurável. Com poucas exceções, as mulheres eram tratadas como menores de idade vitalícios, sem quaisquer direitos legais ou de propriedade. A lei permitia que seus maridos batessem nelas; o estupro era encarado como uma forma menor de roubo. A educação das mulheres era desencorajada, pois uma mulher letrada era considerada não apenas uma aberração, mas também um perigo.

Não é de surpreender, pois, que uma mulher optasse disfarçar-se de homem para escapar de tal existência. Além de Joana, outras mulheres foram bem-sucedidas nessa impostura. No século III, Eugênia, filha do prefeito de Alexandria, ingressou num monastério disfarçada de homem, e chegou a alcançar a posição de abade. O disfarce só acabou sendo descoberto porque ela foi obrigada a revelar seu sexo como último recurso para refutar a acusação de ter deflorado uma virgem. No século XII, santa Hildegunda, sob o nome de José, tornou-se monge na Abadia de Schönaue e viveu entre os irmãos sem ser descoberta até a sua morte, muitos anos depois¹⁸.

A esperança acesa por tais mulheres foi apenas uma luz bruxuleante na escuridão profunda, mas nunca se apagou completamente. Oportunidades estiveram à disposição para mulheres fortes o bastante para sonhar. *Papisa Joana* é a história de uma dessas sonhadoras.





CRONOLOGIA DE EVENTOS IMPORTANTES PARA O ROMANCE

814 Carlos Magno morre em 28 de janeiro. Joana nasce no mesmo dia. Luís, o Pio é coroado imperador.

823 Em Roma, Teodoro, o primicério, e Leão, o nomenclador, são assassinados no palácio papal. O papa Pascoal I defende os assassinos e condena as vítimas, declarando que suas mortes foram atos de justiça.

824 A *Constitutio Romana* dá ao imperador franco o direito de aprovar papas recém-nomeados.

828 Viquingues saqueiam Dorstadt.

829 Gottschalk é liberado de seus votos monásticos no Sínodo de Mainz.

833 Lotário, filho de Luís, o Pio, lidera seus irmãos em uma rebelião contra seu pai. Traído e derrotado no Campo das Mentiras, Luís é deposto.

834 Uma contra-rebelião recoloca Luís no trono. Luís perdoa os filhos, devolvendo-lhes suas terras e honrarias.

840 Luís, o Pio morre. Lotário sucede-o no trono.

841 Os irmãos de Lotário, Carlos e Ludovico, rebelam-se contra ele. Os exércitos reais enfrentam-se em Fontenoy a 25 de junho, causando uma matança tão sangrenta que deixa o Império sem defesa contra os viquingues.

844 O papa Gregório IV morre. Sérgio II é eleito papa. Os exércitos francos avançam sobre Roma para impor a *Constitutio Romana*. Viquingues saqueiam Paris.

846 Sarracenos atacam Roma e pilham a Catedral de São Pedro.

847 O papa Sérgio II morre. Leão IV é eleito papa. Inicia-se a construção do Muro Leonino.

848 Incêndio no Burgo. Gottschalk propõe a teoria herética da dupla predestinação.

849 Os sarracenos são derrotados no mar na Batalha de Óstia.

852 O Muro Leonino é terminado e consagrado em 27 de junho.

853 Leão IV morre. Joana é eleita papisa.

854 Sínodo de Roma. Enchente do Tibre.

855 Joana morre. Anastácio apodera-se do trono papal, mas é expulso após dois meses. Bento III torna-se papa.

GERAÇÃO



EDITORIAL

Powered by



1. Mês do calendário carolíngio que equivale a janeiro (N. do T.).

2. Espécie de casa rústica construída dentro de um fosso, comum no norte da Europa entre os séculos V e VII (N. do T.).

3. Stavelot, na atual Bélgica (N. do T.).

4. Dezembro (N. do T.).

5. Agosto (N. do T.).

6. Outubro (N. do T.).

7. Abril (N. do T.).

8. Fevereiro (N. do T.).

9. Antiga unidade de medida de comprimento, equivalente a cinco palmos, ou 1,10m (N. do T.).

10. Maio (N. do T.).

11. Chefe do guarda-roupa e do tesouro pontifícios (N. do T.).

12. Julho (N. do T.).

13. Novembro (N. do T.).

14. Tipo de barrete branco adotado pelos papas no século IV (N. do T.).

15. Atual Saint-Wandrille, na França (N. do T.).

16. Espécie de armadura carolíngia feita de malha metálica que protegia todo o corpo (N. do T.).

17. Duas das provas materiais mais fortes contra o papado de Joana pressupõem que Leão IV morreu em 855: (1) Uma moeda com o nome do papa Bento de um lado e do imperador Lotário de outro. Como Lotário morreu a 28 de setembro de 855, e a moeda mostra Bento e Lotário vivos juntos, Bento não poderia obviamente ter subido ao trono depois de 855. (2) Um decreto escrito em 7 de outubro de 855 pelo papa Bento confirmando os privilégios do monastério de Corbie, outra vez indicando que ele estava nessa época em posseção do trono. Mas essas provas perdem qualquer validade se Leão morreu em 853 (ou mesmo 854), pois nesse caso teria havido tempo para o reinado de Joana antes de Bento assumir o trono em 855.

18. Há outros exemplos mais modernos de mulheres que foram bem-sucedidas em se fazer passar por homens, como Mary Reade, que viveu como pirata no início do século XVIII; Hannah Snell, soldado e marinheiro na marinha britânica; uma mulher do século XIX de nome desconhecido que, sob o pseudônimo de James Barry, ascendeu ao cargo de inspetor-geral dos hospitais britânicos; Loreta Janeta Velasquez, que lutou do lado dos confederados na Batalha de Bull Run sob o nome de Harry Buford. Recentemente, Teresinha Gomes de Lisboa fez-se passar por homem durante dezoito anos; soldado altamente condecorado, ela alcançou a patente de general no exército português e foi descoberta apenas em 1994, ao ser presa por acusações de fraude financeira e forçada pela polícia a se submeter a um exame médico.



Este livro usa a fonte tipográfica Bembo.



O Piloto de Hitler

Sweeting, C.G.

9788581301457

440 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro que faltava sobre as duas guerras mundiais e o inferno do nazismo. C. G. Sweeting resgata nas páginas deste O piloto de Hitler o testemunho privilegiado de um homem fiel ao ditador alemão mesmo depois dos dez anos de sofrimento em masmorras e campos de prisioneiros da União Soviética. Hans Baur era a sombra de Hitler no ar. Amava o Führer e os aviões. Tudo sobre os horrores da guerra está aqui.

[Compre agora e leia](#)



Holocausto Brasileiro

Arbex, Daniela

9788581301563

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Durante décadas, milhares de pacientes foram internados à força, sem diagnóstico de doença mental, num enorme hospício na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. Ali foram torturados, violentados e mortos sem que ninguém se importasse com seu destino. Eram apenas epiléticos, alcoólatras, homossexuais, prostitutas, meninas grávidas pelos patrões, mulheres confinadas pelos maridos, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento. Ninguém ouvia seus gritos. Jornalistas famosos, nos anos 60 e 70, fizeram reportagens denunciando os maus tratos. Nenhum deles — como faz agora Daniela Arbex — conseguiu contar a história completa. O que se praticou no Hospício de Barbacena foi um genocídio, com 60 mil mortes. Um holocausto praticado pelo Estado, com a conivência de médicos, funcionários e da população.

[Compre agora e leia](#)

SUN
TZU 知

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS ORIGINAIS



A Arte da guerra

Tzu, Sun

9788581301389

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

O maior tratado de guerra de todos os tempos em sua versão completa em português. A Arte da Guerra é sem dúvida a Bíblia da estratégia, sendo hoje utilizada amplamente no mundo dos negócios, conquistando pessoas e mercados. Não nos surpreende vê-la citada em filmes como Wall Street (Oliver Stone, 1990) e constantemente aplicada para solucionar os mais recentes conflitos do nosso dia-a-dia. Conheça um dos maiores ícones da estratégia dos últimos 2500 anos. Sunzi disse: "A guerra se baseia no engano, se faz pelo ganho e se adapta pela divisão e combinação." "Tal como a água procura as profundezas e evita os cumes, um exército ataca o vazio e evita o cheio. A água se move de acordo com a terra; um exército se movimenta de acordo com o inimigo." "Quando o general é fraco, sem autoridade junto aos soldados, suas regras são confusas e sua moral é baixa, o exército é confuso."

[Compre agora e leia](#)



Zé Dirceu

Dirceu, Zé

9788581304113

528 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitos escreveram sobre José Dirceu, com mais erros do que acertos. Com tempo, na prisão, ele mesmo escreveu a fascinante história de sua vida. Os bastidores inéditos de sua militância estudantil nos anos 1960, o exílio e o treinamento para ser guerrilheiro em Cuba, a cirurgia plástica que mudou seu rosto, a vida clandestina no Brasil nos anos 1970, a volta à legalidade com a anistia, em 1979, e sua ascensão no Partido dos Trabalhadores, onde se tornou presidente e maior responsável pela eleição de Lula à presidência da República. Pela primeira vez ele revela segredos dos bastidores da luta política dentro do PT e do próprio governo, onde foi chefe da Casa Civil e provável sucessor de Lula, até ser abatido pelas denúncias do chamado "Mensalão". No primeiro volume de suas "Memórias" – outro virá, com novas revelações – ele expõe o que jamais foi dito sobre sua vida e sobre os principais líderes da política brasileira nos últimos 50 anos. Um livro imprescindível para se entender como foi a luta contra a ditadura militar, a redemocratização, a derrubada do presidente Fernando Collor, a oposição aos governos de Fernando Henrique Cardoso, a eleição de Lula e Dilma e o atual momento político do país.

[Compre agora e leia](#)

Lon L. Fuller

O CASO DOS
EXPLORADORES
DE CAVERNAS

TRADUÇÃO E NOTAS DE **Claudio Blanc**

APRESENTAÇÃO E COMENTÁRIOS DE
Célio Egídio



O caso dos exploradores de cavernas

Fuller, Lon L.

9788581303963

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

"O caso dos exploradores de cavernas" é uma introdução à argumentação jurídica que traz o debate sobre a preservação da vida e da forma como podemos criar "normas" sociais e, também, apresenta contornos para a análise do debate jurídico, do papel dos juízes e das leis na sociedade. Afinal a obra tem como ponto central a execução do justo e da equidade, que é a aplicação do direito ao caso concreto. E nesse diapasão que caminham todos os julgamentos e expressões dos juízes envolvidos no caso. A obra foi publicada em 1949 pelo professor de Harvard Law School e jurista, Lon L. Fuller e, ainda hoje, é fundamental ao estudo da Ciência do Direito, pois aborda grandes temas da filosofia do direito, além disso, revela a variedade de fatores que envolvem a aplicação da norma legal em casos concretos. Se tornando indispensável aos estudantes de direito e, ao mesmo tempo, uma ferramenta capaz de ampliar o olhar dos advogados mais experientes. Esta edição conta com a tradução e notas do notório Claudio Blanc, tradutor, editor e autor de diversos trabalhos nas áreas de História, Filosofia e Literatura, além da apresentação e notas do professor Célio Egídio, Doutor em Filosofia do Direito e do Estado pela PUC/SP. Além de

professor há mais de 24 anos, também é coordenador de cursos de graduação e pós-graduação em Direito.

[Compre agora e leia](#)